

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

JOANA D'ARC MARTINS PUPO

REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO, RAÇA E CLASSE NA LITERATURA DE
MULHERES NEGRAS NA ÁFRICA DO SUL PÓS-APARTHEID

CURITIBA

2017

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

JOANA D'ARC MARTINS PUPO

REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO, RAÇA E CLASSE NA LITERATURA DE
MULHERES NEGRAS NA ÁFRICA DO SUL PÓS-APARTHEID

Tese apresentada como requisito parcial à
obtenção do grau de Doutora em
Sociologia, no Curso de Pós-Graduação em
Sociologia, Setor de Ciências Humanas, da
Universidade Federal do Paraná.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Meryl Adelman

CURITIBA

2017

Catálogo na publicação
Mariluci Zanela – CRB 9/1233
Biblioteca de Ciências Humanas e Educação - UFPR

Pupo, Joana D’Arc Martins

Representações de gênero, raça e classe na literatura de
mulheres negras na África do Sul pós-apartheid / Joana D’Arc Martins
Pupo – Curitiba, 2017.

345 f.; 29 cm.

Orientadora: Meryl Adelman

Tese (Doutorado em Sociologia) – Setor de Ciências Humanas
da Universidade Federal do Paraná.

1. Negras - Literatura. 2. Apartheid – Relações raciais. 3. África
do Sul - Condições sociais. 4. Mulheres e literatura – Negras. I.
Título.

CDD 305.8968



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
Setor CIÊNCIAS HUMANAS
Programa de Pós-Graduação SOCIOLOGIA

TERMO DE APROVAÇÃO

Os membros da Banca Examinadora designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação em SOCIOLOGIA da Universidade Federal do Paraná foram convocados para realizar a arguição da tese de Doutorado de **JOANA D ARC MARTINS PUPO** intitulada: **Representações de Gênero, Raça e Classe na Literatura de Mulheres Negras na África do Sul Pós-apartheid.**, após terem inquirido a aluna e realizado a avaliação do trabalho, são de parecer pela sua aprovação.

Curitiba, 07 de Abril de 2017.

MERYL ADELMAN

Presidente da Banca Examinadora (UFPR)

APARECIDA DE JESUS FERREIRA

Avaliador Externo (UEPG)

ANA PAULA VOSNE MARTINS

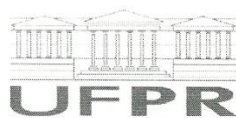
Avaliador Externo (UFPR)

ANNA BEATRIZ DE PAULA

Avaliador Externo (UFPR)

AMÉLIA SIEGEL CORRÊA

Avaliador Externo (UFPR)



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
Setor CIÊNCIAS HUMANAS
Programa de Pós-Graduação SOCIOLOGIA

ATA Nº10

**ATA DE SESSÃO PÚBLICA DE DEFESA DE DOUTORADO PARA A OBTENÇÃO DO
GRAU DE DOUTOR EM SOCIOLOGIA**

No dia sete de Abril de dois mil e dezessete às 14:00 horas, na sala 914, Rua General Carneiro 460 9 andar, foram instalados os trabalhos de arguição da doutoranda **JOANA D ARC MARTINS PUPO** para a Defesa Pública de sua tese intitulada **Representações de Gênero, Raça e Classe na Literatura de Mulheres Negras na África do Sul Pós-apartheid..** A Banca Examinadora, designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação em SOCIOLOGIA da Universidade Federal do Paraná, foi constituída pelos seguintes Membros: MERYL ADELMAN (UFPR), APARECIDA DE JESUS FERREIRA (UEPG), ANA PAULA VOSNE MARTINS (UFPR), ANNA BEATRIZ DE PAULA (UFPR), AMÉLIA SIEGEL CORRÊA (UFPR). Dando início à sessão, a presidência passou a palavra a discente, para que a mesma expusesse seu trabalho aos presentes. Em seguida, a presidência passou a palavra a cada um dos Examinadores, para suas respectivas arguições. A aluna respondeu a cada um dos arguidores. A presidência retomou a palavra para suas considerações finais e, depois, solicitou que os presentes e a doutoranda deixassem a sala. A Banca Examinadora, então, reuniu-se sigilosamente e, após a discussão de suas avaliações, decidiu-se pela aprovação* da aluna. A doutoranda foi convidada a ingressar novamente na sala, bem como os demais assistentes, após o que a presidência fez a leitura do Parecer da Banca Examinadora. Nada mais havendo a tratar a presidência deu por encerrada a sessão, da qual eu, MERYL ADELMAN, lavrei a presente ata, que vai assinada por mim e pelos membros da Comissão Examinadora.

Curitiba, 07 de Abril de 2017.

MERYL ADELMAN

Presidente da Banca Examinadora (UFPR)

APARECIDA DE JESUS FERREIRA

Avaliador Externo (UEPG)

ANA PAULA VOSNE MARTINS

Avaliador Externo (UFPR)

ANNA BEATRIZ DE PAULA

Avaliador Externo (UFPR)

AMÉLIA SIEGEL CORRÊA

Avaliador Externo (UFPR)

* A banca destaca a qualidade da pesquisa realizada e recomenda futuras publicações

Este estudo de tese é dedicado, primeiramente, a meus pais, Messias e José, que me incentivaram desde menina aos estudos e a ter uma profissão e não pouparam esforços para que isso se realizasse. Durante todo o tempo deste doutoramento, eles estiveram sempre prontos a ajudar nas logísticas cotidianas familiares para que eu pudesse cumprir com sucesso as tarefas envolvidas neste percurso.

Em segundo lugar, dedico este trabalho ao meu companheiro, José Roberto, e a meu filho, Francisco, pela compreensão e apoio em todos os momentos em que tive que estar ausente, sem os quais eu não teria podido prosseguir.

Finalmente, dedico esta tese a todas as mulheres *negras* que ousaram lutar e jamais desistiram de se fazerem ouvir pelos quatro cantos do mundo e que nos ensinam o que significa resistência, solidariedade, e esperança na existência de um mundo mais justo e igualitário.

Agradecimentos

A realização desta tese só se tornou possível com o apoio e o incentivo de inúmeras pessoas às quais dirijo meus mais sinceros agradecimentos. Entre elas, estão minha família, minhas amigas, professores e colegas do PGSOCIO, colegas da UEPG e outras tantas pessoas que certamente não terei como nomear cada uma e suas contribuições, grandes ou pequenas, para que eu pudesse cumprir esta tarefa.

Primeiramente, eu gostaria de expressar meu agradecimento a minha orientadora Prof^a Dr^a Meryl Adelman que serviu desde o início como fonte de inspiração para que o feminismo que sempre existiu em mim pudesse aflorar com mais intensidade e propriedade, levando-me a práticas mais concretas de autoafirmação, à certeza da importância da inserção das teorias feministas e de gênero nos mais diferentes espaços institucionais e sociais, culminando em mim em um desejo constante de multiplicação dos ideais feministas. Agradeço pela orientação e pela confiança sempre demonstrada em minha capacidade e meu trabalho. Finalmente, agradeço a Prof^a. Miriam por ter me aberto as portas do PGSOCIO, oferecendo-me não só a oportunidade inestimável de aprendizado no convívio com professores e colegas, muitos dos quais tenho agora comigo em laços de verdadeira amizade, mas levando-me a muitas outras experiências que se desdobraram de tal acontecimento.

Estendo meus agradecimentos às Prof^{as} Dr^{as} Amélia Siegel Correa, Ana Paula Vosne e Anna Beatriz de Paula pela dedicação à leitura, sugestões e contribuições na banca de qualificação deste trabalho e a quem agradeço, uma vez mais, por terem aceitado o convite para comporem também a banca de defesa desta tese. Aqui incluo meu agradecimento especial à Prof^a Dr^a Aparecida de Jesus Ferreira, a qual tenho a honra de ter como colega no Departamento de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Ponta Grossa, por também ter aceitado este convite.

Não poderia deixar de agradecer ainda a Prof^a Dr^a Marlene Tamanini pelos seus ensinamentos não só nas disciplinas de *Gênero e Cultura* e *Epistemologia e Teoria Social*, mas pela sua presença constante na condução dos nossos *Seminários Metodológicos*, durante todo o curso, proporcionando-nos um espaço coletivo de trocas de saberes e solidariedade que foram fundamentais para meu amadurecimento sociológico. Agradeço os professores do PGSOCIO de quem tive o prazer de ser aluna e que sempre me estimularam através do reconhecimento de meus esforços: Prof. Dr.

Marcio Sergio B.S. de Oliveira, Prof. Dr. José Miguel Rasia, Prof^a. Dr^a Simone Meucci, Prof. Dr. Paulo Renato Guérios.

Agradeço o apoio constante e a amizade durante o curso, particularmente, de Marcela Brecailo e a Andressa Ignácio da Silva, a esta última em especial, pela leitura de parte deste trabalho e por suas sugestões.

Agradeço ainda ao meu companheiro, José Roberto, pela leitura e revisão atenta deste texto de tese.

Não seria justo esquecer de agradecer a Prof^a Dr^a Regina Przybycien por ter apontado o Núcleo de Estudos de Gênero e o PGSOCIO como caminhos para a continuidade de meus estudos de gênero, sugestões determinantes para a realização deste doutorado.

Merecem menção honrosa nestes agradecimentos *as carregadoras de livros*, amigas que me fizeram a gentileza incalculável de transportarem e/ou enviarem muito da bibliografia que sustentou não só esta pesquisa, mas os estudos feministas que precederam minha entrada no PGSOCIO. São elas: Kátia Regina Pupo, minha irmã querida; as amigas: Lúcia Maria Nunes Dougherty, Neusa Crachineski Gomyde, Renata Crachineski Diniz, a quem talvez eu tenha dado o maior trabalho; e ainda Isabel Vollet Marson e Marina Legroski, amigas e colegas de departamento. A todas agradeço do fundo do meu coração.

Agradeço também as amigas *não* carregadoras de livros, mas que estiveram sempre ao meu lado e não me esqueceram, mesmo durante os largos momentos de isolamento que este trabalho me exigiu: Anaik Lemarchand, Márcia Pinheiro de Mello, Jane de Oliveira, Clóris Porto Torquato, Kátia Klassen, Assionara Souza, Ana Paula Peixoto, Ana Maria Pacheco, Elaine Lovato Alexandrino, entre várias outras.

Agradeço às mulheres que cuidaram de minha saúde física, mental e espiritual para que eu tivesse condições de concluir este trabalho: minha mãe, Messias Martins Pupo; minha médica querida, Ceres Beatriz Laus; e ainda Dóris Cowal e Iyagunã Dalzira.

Agradeço às escritoras sul-africanas Sindiwe Magona, Ivette Christiansë e Futhi Ntshingila, por me aceitarem como amiga virtual e/ou pessoal e compartilharem cotidianamente comigo um pouco de suas experiências e relações sociais.

Agradeço fundamentalmente a Maxine Case e a Zukiswa Wanner pela colaboração em todos os momentos durante esta pesquisa, pelas conversas via redes

sociais e pela disponibilidade que sempre tiveram para conversar comigo sobre sua literatura e sobre suas próprias vidas.

À Maxine Case, agradeço imensamente pela amizade demonstrada, pela acolhida calorosa na Cidade do Cabo, em julho de 2016, por todas as gentilezas que lá me fez e, acima de tudo, por ter me oferecido a oportunidade de conhecer e de desfrutar momentos inesquecíveis junto à escritora Dianne Case, sua mãe, e hoje, uma amiga inestimável.

Minha total gratidão à Dianne Case pela atenção dedicada não só a mim, mas à minha família e à minha amiga Sônia Hoffmann, e por nos ter conduzido amorosamente ao Cabo da Boa Esperança, recheando nosso passeio com suas narrativas e memórias que guardaremos para sempre conosco. Agradeço à Dianne Case ainda por me ter inserido entre seus pares e ter me presenteado com suas obras, raras histórias de infância e juventude do tempo do apartheid, que agora veem habitar as possibilidades de nov@s leitor@s e/ou estudios@s no Brasil.

Finalmente, agradeço a todas as mulheres negras, sul-africanas ou não, que têm, nos últimos anos, preenchido minha vida com suas narrativas, suas lutas e seus sonhos.

Muito obrigada a tod@s aqui mencionad@s e àquel@s que por ventura eu tenha falhado em nomear.

“Imputing race or sex to the creative act has long been a means by which the literary establishment cheapens and discredits the achievements of non-mainstream women writers. She who ‘happens to be’ a (non-white) Third World member, a woman, and a writer is bound to go through the ordeal of exposing her work to the abuse of praises and criticisms that either ignore, dispense with, or overemphasize her racial and sexual attributes. Yet the time has passed when she can confidently identify herself with a profession or artistic vocation without questioning or relating it to her color-woman condition.”

Trinh T. Minh-Ha em *Woman, Native, Other* (1989, p.6)

“Black is a million colours and I am one.”

Phillipa de Villiers em *Original Skin* (2010, pos.497).

“South Africa, after all, is for the brave.”

Maxine Case, em *All We Have Left Unsaid* (2006, p.140)

RESUMO

Esta tese examina representações literárias, predominantemente, das identidades femininas e das relações de gênero nos romances *All We Have Left Unsaid* e *The Madams*, de autoria, respectivamente, de Maxine Case e Zukiswa Wanner, mulheres negras sul-africanas que foram publicadas pela primeira vez após o fim do regime do apartheid. Estas obras oferecem representações de identidades de gênero complexas, variadas e nuançadas para entendermos e explorarmos os modos cambiantes em que as relações de gênero, atravessadas e imbricadas permanentemente com as dimensões de raça e classe, vêm se estruturando na jovem democracia que caracteriza a sociedade sul-africana. Através da literatura escrita por mulheres negras sul-africanas, este estudo visa demonstrar os modos pelos quais estas mulheres estão (re)significando as identidades de gênero e buscando desconstruir as relações desiguais de poder que caracterizam as práticas sociais desde os tempos coloniais na região. A literatura sempre foi um instrumento de luta para as mulheres em vários contextos geográficos, socioculturais e políticos. E isto não foi diferente no campo literário sul-africano. Este tese argumenta que a literatura produzida pelas autoras negras aqui estudadas continua a tradição de longa existência na história da literatura de mulheres negras sul-africanas de utilização da literatura como uma das ferramentas de luta para emancipação das mulheres, principalmente das mulheres negras. Busquei perceber o que as obras tinham de semelhanças em relação a temas e representações, muito mais do que em relação à forma, entretanto, sem deixar de reconhecer as diferenças que existem entre estes projetos literários pessoais das autoras. Não parto da sociedade sul-africana para compreender ou ler a literatura produzida pelas mulheres negras contemporâneas e, sim, ao contrário, da literatura escrita por elas para procurar entender que identidades e relações de poder, de gênero e raciais estão sendo representadas em suas obras.

Palavras-chave: África do Sul; literatura; mulheres negras; pós-apartheid; representações de gênero.

ABSTRACT

This thesis examines literary representations, predominantly, of feminine identities and gender relations in the novels *All We Have Left Unsaid* and *The Madams*, respectively written by Maxine Case and Zukiswa Wanner, black South African women writers, who were first published after the end of the apartheid regime. These works offer representations of complex, varied and nuanced gender identities for us to understand and to explore the changing ways in which gender relations, permanently intertwined with the dimensions of race and class, have been structuring themselves in the young democracy that characterizes the South Africa society. Through the literature written by black South African women, this study aims to demonstrate the ways in which these women are (re) signifying gender identities and seeking to deconstruct the unequal power relations that characterize social practices since colonial times in the region. Literature has always been an instrument of struggle for women in various geographic, sociocultural and political contexts. And this was no different in the South African literary field. This thesis argues that the literature produced by the black authors studied here continues the long-standing tradition in the history of black South African women's literature of using literature as one of the weapons of struggle for the emancipation of women, especially of black women. I sought to understand what these two works had in terms of similarities in relation to themes and representations, much more than in relation to form, however, while recognizing the differences that exist between these literary personal projects of the authors. I do not depart from South African society to understand or read the literature produced by contemporary black women, but rather from the literature written by them to try to understand which identities and power, gender and racial relations are being represented in their works.

Key words: South Africa; literature; black women writers; post-apartheid; gender representations.

RESUMEN

Esta tesis analiza las representaciones literarias predominantemente de las identidades de las mujeres y las relaciones de género en las novelas *All We Have Left Unsaid* y *The Madams*, cuyas autoras, respectivamente, Maxine Case y Zukiswa Wanner, son mujeres negras sudafricanas que fueron publicadas por primera vez después del fin del régimen del *apartheid*. Estas obras ofrecen representaciones de las identidades de género, complejas, variadas y de diversos matices que nos permiten entender y explorar las formas cambiantes en las que las relaciones de género, además de las dimensiones de raza y clase, que han sido estructuradas de en la joven democracia de África del Sur. A través de la literatura de mujeres negras sudafricanas, este estudio tiene como objetivo demostrar las formas en que estas mujeres se (re) significan las identidades de género y que tratan de deconstruir las relaciones desiguales de poder que caracterizan las prácticas sociales desde la época colonial en la región. La literatura siempre ha sido un instrumento de lucha para las mujeres en diversos contextos geográficos, socioculturales y políticos. Y no fue diferente en el campo de la literatura sudafricana. Esta tesis sostiene que la literatura producida por las autoras negras estudiadas aquí continúa la tradición de larga existencia en la historia de la literatura negra femenina sudafricana de utilizar la literatura como una de las herramientas para luchar por la emancipación de las mujeres, especialmente de las mujeres negras. Se ha buscado en este trabajo alcanzar las similitudes entre los temas y representaciones presentes en las obras, más que las semejanzas que existen en la forma. Aun así, no nos olvidamos de reconocer las diferencias presentes en cada uno de los proyectos literarios personales de las autoras. No hemos partido del conocimiento de la sociedad sudafricana, tampoco de la lectura de obras producidas por las mujeres negras contemporáneas y, sí, por el contrario, partimos de la lectura de Case y Wanner para tratar de entender que identidades y relaciones de poder, género y raza están representados en sus obras.

Palabras clave: África del Sur; literatura; mujeres negras; post-apartheid; representaciones de género.

SUMÁRIO

	INTRODUÇÃO.....	12
1	SOCIOLOGIA, FEMINISMO E LITERATURA.....	46
1.1	SOCIOLOGIA E LITERATURA.....	46
1.1.1	A Relação Histórica entre Sociologia e Literatura.....	46
1.1.2	A Sociologia da Literatura – É e não é disso que se trata.....	47
1.1.3	A natureza dos textos literários e seu valor sociológico.....	53
1.1.4	Literatura como Teoria Social.....	60
1.2	A SOCIOLOGIA E OS ESTUDOS FEMINISTAS E DE GÊNERO.....	63
1.2.1	Modernidade, Sociologia e Gênero.....	63
1.3	A LITERATURA E OS ESTUDOS FEMINISTAS E DE GÊNERO.....	67
1.4	O FEMINISMO, OS ESTUDOS CULTURAIS E A LITERATURA.....	70
1.5	FEMINISMO E PÓS-COLONIALISMO - EPISTEMOLOGIAS DA ALTERIDADE.....	75
2	DEBATES TEÓRICOS SOBRE IDENTIDADE, RAÇA E GÊNERO NA ÁFRICA DO SUL.....	80
2.1	ÁFRICA DO SUL – QUE PAÍS É ESSE?.....	81
2.2	DESIGUALDADES SOCIAIS - QUESTÕES DE CLASSE, RAÇA E GÊNERO.....	83
2.3	COMPOSIÇÃO DEMOGRÁFICA E A AUTOPERCEPÇÃO DAS IDENTIDADES SOCIAIS DOS SUL-AFRICANOS.....	87
2.4	A INVENÇÃO DA ÁFRICA DOS SUL E O IRRESOLUTO DA IDENTIDADE SUL-AFRICANA.....	90
2.4.1	Sobre a Hegemonia do Discurso do não racismo na África do Sul Contemporânea.....	103
2.5	OS ESTUDOS FEMINISTAS E DE GÊNERO NA ÁFRICA DO SUL.....	107
2.5.1	Desafios Africanos ao Feminismo.....	109
2.5.2	O Embate do Discurso Norte-Sul para o Feminismo Sul-africano.....	114
2.5.3	A Resistência no Feminismo sul-africano aos Enfoques Raciais.....	120
3	CENAS LITERÁRIAS SUL-AFRICANAS E A ESCRITA EM LÍNGUA INGLESA DAS MULHERES NEGRAS.....	124
3.1	A RELAÇÃO ENTRE A LITERATURA SUL-AFRICANA E A POLÍTICA.....	124
3.1.1	A História da Literatura Sul-africana e as Questões Raciais.....	127
3.1.2	A Literatura e a Política Sul-africanas no Pós-apartheid.....	130
3.1.3	A Escrita ‘Política’ das Mulheres Negras e do Terceiro Mundo.....	133
3.2	MEMÓRIA, HISTÓRIA E IDENTIDADE.....	136
3.2.1	Memória e Identidade na África do Sul – Literatura e	

	Empoderamento.....	139
3.3	A ESCRITA LITERÁRIA DAS MULHERES NEGRAS – DE <i>HOME GIRLS</i> A <i>WORLD GIRLS</i>	143
3.3.1	De metáforas e alegorias para escrita e escritoras nos estudos feministas.....	147
3.3.2	As “ <i>home girls</i> ” afro-americanas – “ <i>There is nothing more important to me than home</i> ”.....	148
3.3.3	As <i>homes</i> migratórias das mulheres negras - “ <i>I am a turtle, wherever I go I carry ‘home’ on my back</i> ”.....	152
3.3.4	<i>Home</i> – Pertencimento e identidade feminina negra na literatura pós-apartheid.....	156
4	<i>ALL WE HAVE LEFT UNSAID</i> – MEMÓRIA, APARTHEID E IDENTIDADES RACIAIS E DE GÊNERO.....	163
4.1	A Autora de <i>All We Have Left Unsaid</i> - Maxine Case	164
4.2	<i>ALL WE HAVE LEFT UNSAID</i> – A LITERATURA E O DEVER DE MEMÓRIA NA ÁFRICA DO SUL.....	166
4.3	<i>ALL WE HAVE LEFT UNSAID</i> – AMOR FILIAL E A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE FEMININA.....	170
4.4	A PROBLEMATIZAÇÃO DAS IDENTIDADES RACIAIS EM <i>ALL WE HAVE LEFT UNSAID</i>	174
4.5	LAR E IDENTIDADE - DE DESALOJAMENTOS ATUAIS E PASSADOS – A MASCULINIDADE PATERNA.....	177
4.6	SUSCETIBILIDADES, INCONSTÂNCIAS E RESISTÊNCIA – A FEMINILIDADE DE MAY.....	189
4.6.1	A Mãe May aos olhos da Criança Danika.....	192
4.6.2	A mulher por trás da mãe vista pelos olhos de Danika adulta.....	199
4.7	AS REPRESENTAÇÕES DE FEMINILIDADE DA FILHA – DANIKA	208
4.7.1	Danika fala de si – Por que deveríamos confiar nela?.....	212
4.8	<i>ALL WE HAVE LEFT UNSAID</i> – ESCRITA E TRANSFORMAÇÃO.....	219
5	<i>THE MADAMS</i> – IDENTIDADES RACIAIS E DE GÊNERO NA NOVA CLASSE MÉDIA NEGRA SUL-AFRICANA.....	222
5.1	A Autora de <i>The Madams</i> - Zukiswa Wanner	222
5.2	<i>THE MADAMS</i> - O PRIMEIRO ROMANCE <i>CHICK LIT</i> NEGRO SUL- AFRICANO.....	227
5.3	<i>MAIDS AND MADAMS</i> - UMA QUESTÃO DE <i>CLASSE</i>	232
5.4	<i>MAIDS AND MADAMS</i> - UMA QUESTÃO DE CLASSE E RAÇA.....	235
5.5	DIFERENTES RELAÇÕES ENTRE <i>MAIDS AND MADAMS</i>	240
5.6	<i>THE MADAMS</i> – SER OU NÃO SER AFRICANA, EIS A QUESTÃO.....	254
5.7	<i>THE MADAMS</i> – UMA QUESTÃO DE CLASSE, RAÇA E GÊNERO.....	263
5.7.1	De mulheres e casamentos classe média no pós-apartheid.....	264
5.7.2	A Independência Financeira Feminina.....	266
5.7.3	A Violência Doméstica.....	268
5.8	Masculinidades – De virilidades e infidelidades.....	270

5.8.1	A Traição de Vuyo	272
5.8.2	Mandla – Entre o <i>African Macho</i> e o <i>Renaissance Man</i>.....	275
5.8.2.1	A Traição de Mandla.....	277
5.9	A importância da maternidade na África do Sul pós-apartheid.....	281
5.10	<i>THE MADAMS</i> – FEMINILIDADES E MASCULINIDADES SUL-AFRICANAS MODERNAS.....	290
6	CONSIDERAÇÕES FINAIS	292
	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	299
	ANEXO ÚNICO - A LITERATURA EM LÍNGUA INGLESA DE AUTORIA FEMININA NEGRA DA ÁFRICA DO SUL.....	315

INTRODUÇÃO

Olhando em retrospectiva, considero que minha caminhada para chegar até o Programa de Pós-graduação em Sociologia (PGSOCIO) da UFPR foi sendo construída lentamente e envolveu voltas, interrupções, paradas, desvios como, imagino, a maioria das caminhadas de pessoas que, como eu, migraram, atravessaram as fronteiras da formação acadêmica, das especialidades em busca de novas reflexões acerca das indagações que por algum motivo, nem sempre objetivamente explicável, carregamos.

Formada em Letras Português-Inglês pela Universidade Federal do Paraná há quase três décadas, tendo concluído o mestrado em Língua Inglesa pela mesma instituição, lá atrás, em 1996, interrompi meus estudos acadêmicos institucionais por alguns anos para dar espaço a outro importante projeto pessoal: a maternidade. Como sempre tive claro que a primeira infância é um período determinante para a formação humana, resolvi me dedicar somente ao trabalho como professora e à criação do Francisco por algum tempo. Quando ele estava com três anos, fiz uma primeira tentativa de ingresso em um programa de doutoramento em 2003 no setor de educação, na linha *Educação e Trabalho*, com um projeto que visava compreender a visão dos professores de língua inglesa acerca de suas práticas de ensino com o intuito de perceber se, de alguma forma, os professores compartilhariam de minha visão de que o ensino da língua inglesa no Brasil deveria se dar através de uma pedagogia crítica que não reforçasse estereótipos e nem acontecesse de modo imperialista e colonialista e se estes professores teriam a formação teórico-crítica necessária para tal prática. Passei na prova escrita que, de trinta e seis candidatos, aprovou seis, mas não tive sucesso na entrevista. Segundo a banca, não haveria entre os professores alguém que pudesse orientar tal projeto. Adiei, então, por mais alguns anos uma nova tentativa. Segui trabalhando como professora no ensino superior e, só em 2008, voltei a me aproximar das salas de aula da universidade, como aluna especial em disciplinas da pós-graduação em Letras, de onde eu tomaria, posteriormente, o rumo para a sociologia.

Entretanto, talvez certo veio sociológico já tivesse se manifestado em mim durante o mestrado, quando me interessei pela pesquisa de campo que me levava de volta para uma sociedade ‘real’ depois de ter passado a maior parte de minha formação na graduação mais próxima a teorias linguísticas, algumas bastante abstratas, e também mais próxima a personagens literárias do que a pessoas de carne e osso. Pesquisei as crenças que os alunos calouros de Letras traziam sobre leitura em língua estrangeira, algo que tinha direta relação

com meus interesses como professora e que acabou por transformar definitivamente minha prática pedagógica de ensino de leitura. Para isso, realizei entrevistas, elaborei questionários, tabulei respostas e, a partir de dados estatísticos, cheguei a algumas breves, mas, que considero importantes conclusões, como era esperado. Porém pouco pude discutir formações discursivas, questões subjetivas e/ou políticas relacionadas a tais resultados. Cumpri os protocolos acadêmicos, fiz o melhor que pude dentro dos paradigmas de ‘cientificidade’ que estavam a minha disposição e dentro das expectativas que as instâncias institucionais tinham em relação a mim naquele momento. Duas leitoras, à parte a banca que a avaliou minha dissertação, sei que tive. Uma professora da UEM que me solicitou uma cópia, um ou dois anos depois, porque fazia uma pesquisa de doutorado que dialogava com o assunto. E, quando imaginei que o trabalho talvez estivesse, então, condenado a embolorar nas prateleiras da biblioteca central, eis que, recentemente, outra professora universitária¹, desta vez, de longe, pediu permissão para utilizar meus questionários em suas pesquisas no Iraque. Se foram críticas que foram feitas ao trabalho ou não, não importa. Foi um trabalho que serviu minimamente a duas interlocuções. Fiquei feliz. Faço este relato porque acredito que revelem um pouco mais sobre aquilo que vim buscar na sociologia, tendo escolhido a literatura como informante: um diálogo mais de perto entre conhecimento acadêmico e o mundo social real.

Dois motivos iniciais parecem ter me trazido para as paragens das ciências sociais. O primeiro motivo está relacionado ao fato de que eu já era incomodada pelas práticas dos estudos literários – tal qual desenvolvidos na minha época de graduanda, quando nunca ouvi qualquer referência aos estudos culturais, a Foucault, muito menos às teorias e à crítica literária feministas. Nas análises das obras, dava-se maior importância aos aspectos estéticos em detrimento daquele ‘algo’, difícil de nomear, que havia lá e que, em minha opinião, talvez tivesse sido o que havia determinado o impulso dos autores para escrevê-las e, que independentemente de poderem ser diversos, certamente seria mais do que simplesmente pelo virtuosismo estético que poderiam exhibir.

Desde quando me lembro de ter tomado gosto pela literatura através da leitura de poesia, romances e peças teatrais, recordo que meu interesse pelas obras era mais por aquilo que elas me diziam sobre a vida, sobre as pessoas, sobre suas relações no mundo e como, através das narrativas, eu parecia me aproximar mais do sentido dado tanto às minhas vivências pessoais, mesmo àquelas ainda não inteiramente compreendidas por mim. Podia também, através das representações, conhecer a experiências de outros, alguns mais familiares

¹ Bahija Jassim Al hilfy é professora da Universidade de Basrah em Baçora, Iraque.

em seus problemas, dilemas e vivências, outros certamente, muito diferentes porque vindos de outras épocas, lugares longínquos, culturas diversas, imaginadas ou não, porém todos convergindo sentidos que poderiam constituir a diversidade das vidas humanas. Entretanto, na maior parte das vezes, no ambiente acadêmico, acabei por silenciar a esperança de ver a literatura e seu ensino como mais do que um conhecimento de ‘distinção’, conforme diria Bourdieu (2008). Com certeza, não fora atrás das *Belles-Lettres* que eu optara por estudar línguas e literatura.

O segundo motivo de minha aproximação com a sociologia está diretamente relacionado ao primeiro e diz respeito à tendência das *Letras*² de não quererem saber da dimensão que é política e que é inerente à arte em geral e, portanto, inerente tanto à produção das obras literárias como àquilo que se faz ou não com elas, no ato de sua recepção ou ensino. Parece-me que muito da formação que é oferecida aos futuros professores de línguas e literaturas carece ainda do reconhecimento, em primeiro lugar, de que, parodiando o mote do movimento feminista da segunda onda, *o literário é político*. E isso para mim é algo inconteste. Hoje é na crítica cultural feminista de Rita Felski que busco um de meus suportes teóricos. Esta autora me foi apresentada na primeiríssima conversa que tive com a professora Miriam Adelman, surpreendentemente já há alguns anos, em uma tarde cinzenta, em um café da cidade, quando expressei meu desejo de estudar literatura por um viés mais sociológico, ideia que, para minha felicidade, não soara despropositada para minha autorizada interlocutora.

Esse encontro aconteceu por sugestão da professora Regina Przybycien, do Programa de Pós-graduação em Letras da UFPR, ministrante da disciplina *Literatura e Modernidade*, que eu frequentava como aluna especial. Após ter lido e avaliado meu trabalho final, cuja proposta fora que escolhêssemos uma personagem feminina da literatura brasileira para pensarmos sua construção a partir dos estudos culturais e de gênero³ e para o qual produzi uma reflexão⁴ acerca das quatro personagens femininas que estruturam o popularíssimo romance *Gabriela, Cravo e Canela* de Jorge Amado, Przybycien considerou que se tratava de um trabalho com forte viés sociológico. Foi, então, que pensei que, talvez, fosse na Sociologia que eu pudesse encontrar a interlocução desejada há tempos. A partir daí, tornei-me aluna

² Já há algum tempo, acho este nome do curso totalmente inadequado, para não dizer completamente ultrapassado.

³ Ali não se tratou ainda, para mim, de focalizar especificamente a autorias de mulheres, estudos que hoje privilegio.

⁴ Este trabalho está publicado, sob o título *A construção da subjetividade feminina brasileira em Gabriela, cravo e canela na passagem do séc. XIX para o séc. XX*, na Revista UniLetras, vol.31, no2, 2009. Disponível em: <http://www.revistas2.uepg.br/index.php/uniletras/article/view/1895/1426>.

especial na sociologia, quando conheci mais profundamente as teorias feministas, algo das teorias sociológicas contemporâneas, os estudos pós-coloniais e soube que havia encontrado na linha de pesquisa *Cultura e Sociabilidades*, mais precisamente no eixo temático *Gênero, Corpo, Sexualidade e Saúde*, o lugar de reflexão para o qual convergiam muitas das minhas indagações e aspirações.

Assim, minha aproximação com a sociologia foi acontecendo decorrente também de meus posicionamentos políticos e ideológicos. Me importa o outro. Me importa o que acontece no mundo real. E a literatura, por mais que seja produto da imaginação de alguém, não surge do nada e por nada. Não nasce sem estar inserida em um contexto de produção bastante específico, e a partir do desejo de alguém que quer dizer alguma coisa aos outros. E, além disso, como Adelman (2015) e Miskolci (2015) destacaram recentemente, em seus artigos na revista CULT, a literatura também pode nos ajudar a compreender melhor as complexidades da vida social. Miskolci afirma que as obras literárias podem oferecer uma perspectiva vivida de fatos “que a história e as ciências sociais tenderam a reduzir ao objetivo, apagando seu conteúdo subjetivo”, possibilitando a desestabilização de “narrativas monolíticas e certas” próprias das “ambições de coerência e racionalidade férreas que ainda tendem a reger as pesquisas.” (MISKOLCI, 2015, p.31). Adelman, em *Metáforas de Vida e de Escrita*, ao problematizar as interpretações equivocadas do discurso binário das identidades de gênero, demonstra o quanto o estudo da literatura produzida por mulheres pode elucidar as dimensões sociais da experiência das mulheres, suas histórias e condições de vida. (ADELMAN, 2015).

Entrei, oficialmente, para o PGSOCIO em 2013 e do projeto com o qual ingressei, *Diálogos possíveis e impossíveis entre as Teorias Sociais Contemporâneas e a Crítica Literária Feminista*, restam ainda posicionamentos, reflexões e referências teóricas importantes da crítica literária feminista e dos estudos culturais, principalmente. Entretanto, a pesquisa teórica mais abstrata com a crítica literária inicialmente proposta deu lugar a este trabalho que toma diretamente obras literárias de mulheres negras sul-africanas mais jovens que foram produzidas no período pós-apartheid. Mas, se o caminho até o ingresso oficial no doutorado foi longo e demorado, uma vez neste ponto, a superação das dificuldades seguiu sendo cotidiana na realização deste trabalho. Uma delas tem a ver com o fato mesmo de eu ter vindo dos estudos da linguagem e das literaturas e se lá meu olhar fora considerado um tanto ‘sociológico’, aqui este olhar poderá ser considerado um tanto ‘literário’ para fazer jus à análise sociológica à qual se propõe. Porém, quero crer que este meu ‘entrelugar’ possa ter servido mais como enriquecimento do que como obstáculo na minha tentativa de

compreensão das relações sociais, constituídas nas dimensões raciais e de gênero na sociedade sul-africana contemporânea, que estão representadas na escrita de autoras negras, mulheres que vejo também como sujeitos *migratórios*, consoante com a perspectiva de Davies a qual compreende que as mulheres negras “não podem ser localizadas e emolduradas em termos de um lugar específico, mas existem em uma miríade de lugares e tempos, constantemente iludindo os termos da discussão” (DAVIES, 1994, p. 26).

Não para tentar sair desta encruzilhada, que seria inútil, senão que para assumi-la como ponto de partida, contei com o apoio da crítica dos estudos culturais, dos estudos pós-coloniais e das teorias feministas, com destaque para as contribuições do Feminismo Negro, procurando dialogar continuamente, com os estudos feministas e de gênero sul-africanos.

Também a delimitação do objeto de pesquisa mostrou-se, em determinado momento, uma dificuldade, dado que meu interesse pela autoria feminina negra sul-africana se mostrara, desde o início, muito mais amplo do que caberia nesta tarefa para doutoramento. Assim, a partir de uma ideia inicial de comparar as representações literárias em obras de autoras negras sul-africanas que já tinham uma carreira consolidada como escritoras durante o período do apartheid com as representações nas obras de autoras negras sul-africanas mais jovens que começaram a escrever somente no período pós-apartheid, resolvi restringir o foco desta pesquisa a apenas duas autoras do segundo grupo, seguindo o critério de seleção que parte da nacionalidade, da autoidentificação das autoras como negras, do critério geracional, e, ainda, tomando somente suas obras de estreia como objeto de análise, imaginando, ingenuamente talvez, que as primeiras obras dessas autoras teriam mais chance de estarem menos ‘contaminadas’ pelas demandas do mercado editorial e assim trariam questões mais profundamente relacionadas a suas preocupações pessoais mais subjetivas.

Por que e como estudar literaturas escritas por mulheres

Os modos pelos quais as mulheres negras sul-africanas estiveram excluídas do cânone, ou mesmo invisíveis ao campo literário _ certamente não gozando ainda hoje das mesmas condições de produção e publicação de que as dos homens_ apresentam, obviamente, diferenças e semelhanças com outros processos de *inserção*, *invisibilização* e *exclusão* da produção de mulheres em outros contextos históricos e geográficos. Todavia, as dificuldades e obstáculos encontrados por centenas de mulheres escritoras têm sido amplamente discutidos e debatidos na maioria dos estudos sobre gênero e produção literária, no ocidente, há, pelo menos, mais de quatro décadas.

Este trabalho, entretanto, segue a sugestão de Mary Eagleton em *Women and Literary Production* (EAGLETON, 2001, p.68), e assume como uma de suas responsabilidades não se ater ao que inibiu ou limitou a produção escrita das mulheres negras sul-africanas, mas volta sua atenção para pensar como essas mulheres entraram no campo da escrita literária. Pensar sócio-historicamente o que torna esta escrita possível e original é uma tentativa de afastar a armadilha de crer na excepcionalidade ou genialidade da parte dessas autoras. Para isso, procurei conhecer a história do desenvolvimento da literatura escrita das mulheres negras sul-africanas, desde os tempos coloniais até a contemporaneidade, mas cuja descrição ficará restrita a uma breve apresentação deste percurso no capítulo 4 com o objetivo de situar as autoras aqui estudadas.

Antes de detalhar ainda como se deu a escolha das autoras aqui estudadas, faço questão de esclarecer que, em consonância com as posturas político-ideológicas feministas das quais compartilho, este estudo parte de um posicionamento acadêmico também marcado pelo desejo de buscar vozes literárias femininas que não são visíveis até o momento nos programas de ensino da literatura em língua inglesa nos cursos de Letras que formam futuros professores de inglês e suas literaturas nas universidades brasileiras. Tenho consciência, no entanto, de que, como nos ensina Griselda Pollock (1999), a questão da visibilização e da inserção das mulheres no cânone é só **uma** das tarefas dos estudos feministas, uma vez que pode deixar intactos os discursos hegemônicos da tradição e os critérios sobre os quais a história da arte, e acrescento eu, da literatura, se estabeleceu. No entanto, Pollock reconhece, de fato, que "Evidence of women's uninterrupted involvement in the fine arts is still **the fundamental step in exposing the canon's selectivity and gender bias.**"⁵ (POLLOCK, 1999, p.23. Negritos meus).

Reconheço como minha, a preocupação de Griselda Pollock em como tornar o trabalho cultural das mulheres uma presença efetiva no discurso cultural que mude tanto a ordem do discurso como a hierarquia de gênero em um único e mesmo movimento desconstrutivo (POLLOCK, 1999, p.24) para que não criemos somente espaços de discussão que continuem apartados dos discursos e das instituições *mainstream*, mantendo isolados os sujeitos envolvidos nas práticas culturais que estudamos. Conforme Pollock nos adverte:

we need a more complex analysis if we are not to end up in a position where insiders _ representatives of Western masculine European canons _ gird themselves

⁵ Tradução: "a evidência do envolvimento ininterrupto das mulheres nas artes é ainda **um passo fundamental na exposição da seletividade do cânone e em sua tendenciosidade de gênero.**" (POLLOCK, 1999, p.23. Negrito meus).

to defend truth and beauty and its traditions against what Harold Bloom dismisses as the School of Resentment, while former outsiders remain outsiders, 'the voices of the Other', by developing 'other' subdisciplinary formations _ African American or Black Studies, Latino Studies, Women's Studies, Lesbian and Gay Studies, Cultural Studies and so forth. There can be no doubt how necessary and creative such commitment of scholarship, resources and acknowledgement is to areas hitherto ignored and understudied. But this cannot avoid the danger, so evident in fundamentally, and often overtly, racist and sexist class societies, that these initiatives may unwittingly reproduce the very segregation _ ghettoisation _ which excluded groups aim to challenge by demanding intellectual and educational equal rights for their own excluded minority.⁶ (POLLOCK, 1999, p.6-7).

Entretanto, sabendo o quanto o cânone literário é naturalizado e que seu ensino é aceito praticamente de modo unânime nas nossas instituições de ensino de literatura, reforço que o caminho mais óbvio para esta desconstrução passa necessariamente pelo conhecimento da existência dessas 'outras' escritoras e, acima de tudo, pelo contato direto com suas obras, sendo somente a partir das práticas críticas de leitura que daí poderão ocorrer que qualquer questionamento e/ou revisão do cânone poderão ser introduzidos.

Não se trata aqui de considerar que a escrita das mulheres ofereça o 'verdadeiro' acesso à experiência das mulheres em comparação com aquela escrita por homens. Não é minha intenção atribuir a estes textos "uma essência de verdade ou falsidade enraizada em um gênero autoral" (FELSKI, 1995, p.33-34), mesmo porque a literatura jamais será um reflexo direto da realidade. Mas pretendo assumir, com a perspectiva da crítica feminista, o compromisso de dar pelo menos o mesmo peso às visões das mulheres e prestar uma atenção mais cuidadosa às características específicas de sua produção artística bem como divulgá-la. Pois, como lembra Marcelle Marini (1991) em *O lugar das mulheres na produção cultural*, se, "passado o tempo dos mitos", "a literatura é o lugar privilegiado onde se operam, indissociavelmente, a subjectivação e a socialização", e se o texto literário, através do "jogo entre realidade, imaginário e linguagem permite desentranhar os modelos sócio-individuais de identidade e, em particular, os da identidade de sexo e da diferença sexual", então é muito preocupante que se permita a existência do que Marini denomina uma "literatura monossexual", "neutralizada", "asseptizada", que através de um discurso crítico monológico

⁶ Tradução: "precisamos de uma análise mais complexa se não quisermos acabar em uma situação em que os representantes dos cânones europeus masculinos ocidentais se apresentem para defender a verdade e a beleza e suas tradições contra o que Harold Bloom descarta como a Escola dos ressentidos, enquanto os antigos forasteiros permanecem estranhos, "as vozes do Outro", desenvolvendo "outras" formações subdisciplinares - Estudos Afro-americanos ou Negros, Estudos Latinos, Estudos de Mulheres, Estudos de Lésbicas e Gays, Estudos Culturais e assim por diante. Não pode haver dúvidas de quão necessário e criativo tal compromisso de erudição, recursos e reconhecimento é para áreas até então ignoradas e estudadas. Mas isso não pode evitar o perigo, tão evidente em sociedades de classes fundamentalmente, e muitas vezes abertamente, racistas e sexistas, que essas iniciativas podem reproduzir inadvertidamente a própria segregação - a guetoização - que os grupos excluídos buscam desafiar exigindo direitos iguais e intelectuais para a própria minoria excluída." (POLLOCK, 1999, p.6-7).

e dogmático impõe “seus próprios estereótipos, contra as próprias contradições e interrogações dos textos masculinos de referência.” (MARINI, 1991, p. 371). Todos saem perdendo, segundo Marini, com a ausência da experiência identificadora através das relações imaginárias e linguísticas dos textos de mulheres, ou seja, todos perdem com a privação “de qualquer herança simbólica no feminino.” (MARINI, 1991, p. 371).

Assim, longe de querer ocupar uma posição de neutralidade como pesquisadora, assumo minha vontade interessada em tentar estabelecer relações entre os romances escritos por Maxine Case e Zukiswa Wanner e as lutas feministas sul-africanas, principalmente, aquelas avançadas pelas mulheres negras para uma construção mais igualitária daquela sociedade. Desta perspectiva, é preciso reconhecer a natureza seletiva de minha interpretação não só como inevitável, mas intencional.

As ideias de Pollock inspiram também meu entendimento acerca das possibilidades de representação da literatura e sua relação com as experiências das mulheres na realidade social. Reconhecendo a impropriedade de se buscar uma unificação da experiência feminina sob o risco de o termo ‘mulher’ denotar uma identidade essencial e homogênea que ignora a singularidade das circunstâncias em que se constituem sujeitos distintos, Pollock defende uma revisão feminista baseada fundamentalmente na **construção social da diferença de gênero**. Isto nos leva diretamente a questão de pensarmos as ‘mulheres’ especificamente diferenciadas como artistas e/ou escritoras _ tema que discuto mais adiante nesta introdução para pensarmos a questão da ‘mulher escritora’. Aqui cabe, porém, destacar a sugestão de Pollock de que ao lermos as obras das mulheres o que devemos fazer é, antes de tudo, buscarmos os signos desta construção *social*.

Pollock argumenta que, ao utilizarmos a expressão ‘mulheres artistas’, estamos já assumindo aí uma *diferença* e, ao fazê-lo, presume-se, então, que saberíamos dizer de que se trata esta diferença. Desse modo, acrescenta Pollock, a arte poderia ser vista como um veículo expressivo do significado do que seria ‘uma mulher’. A estudiosa reconhece que as práticas estéticas tanto podem ser uma força transgressiva e renovadora, mesmo que às vezes capturada pelo sistema e reificada, quanto podem ser uma força revolucionária em suas transformações poéticas, com capacidade para modificar os significados, desfazer as fixidades e provocar transformações.

Pollock, então, nos orienta a não buscar nas obras de artistas que denominamos mulheres, signos de uma feminilidade conhecida com a qual nos identificaríamos, mas os discursos históricos do falocentrismo que criam a diferença sexual. Em suas palavras,

In the work by artists we name women, we should not read for signs of a known femininity _ womanhood, women like us... _ **but for signs of femininity's structurally conditioned and dissonant struggle with phallocentrism, a struggle with the already existing, historically specific definitions and changing dispositions of the terms Man and Woman within sexual difference.** We can read for *inscriptions of the feminine* _ which do not come from a fixed origin, this female painter, that woman artist, but from those *working* within **the predictment of femininity in phallocentric cultures in their diverse formations and varying systems of representation.**⁷ (POLLOCK, 1999, p.33. Negritos meus).

No que diz respeito ainda à questão do potencial das representações literárias, é preciso ter em mente que a literatura é, como outras práticas culturais e artísticas, um sistema significante que não só produz significados, mas cria “posições de onde estes significados serão consumidos” (POLLOCK, 2003, p.8). Minha compreensão do conceito de representação é definido também a partir dos debates marxistas sobre a ideologia, juntamente com Pollock (2003), Stuart Hall (2006) e Raymond Williams (1977), sendo a ideologia compreendida como um ordenamento sistemático de uma hierarquia de significados e uma localização de posições para a assimilação desses significados. Referindo-se, portanto, nas palavras de Pollock,

to material practices embodied in concrete social institutions by which the social systems, their conflicts and contradictions are negotiated in terms of the struggles within social formations between the dominant and the dominated, the exploiting and the exploited.⁸ (POLLOCK, 2003, p.8).

Os meios pelos quais os sujeitos dão sentido ao processo social no qual todos estão presos e onde, de fato, são produzidos estão nas práticas culturais ideológicas. Mas, como lembra Pollock, estas são espaços de conflitos e luta uma vez que “the character of the knowledges produced are ideological, partial, conditioned by social place and power.”⁹ (POLLOCK, 2003, p.8). Assim, para compreendermos os significados e os efeitos sociais de práticas artísticas específicas, precisamos, primeiramente, localizar tais práticas como parte das lutas sociais entre classes, raças, gêneros articulando-as com os locais de representação. E,

⁷ Tradução: “No trabalho de artistas que chamamos de mulheres não devemos ler em busca de sinais de uma feminilidade conhecida – feminilidade, mulheres como nós ... - **mas por sinais da luta estruturalmente condicionada e dissonante da feminilidade com o falocentrismo, uma luta com as já existentes historicamente definições específicas e disposições mutáveis dos termos *Homem* e *Mulher* dentro da diferença sexual. Podemos ler em busca de *inscrições do feminino* - que não vêm de uma origem fixa, essa pintora, aquela mulher artista, mas daquelas que *trabalham* dentro do predicamento da feminilidade nas culturas falocêntricas em suas diversas formações e sistemas variados de representação.** ” (POLLOCK, 1999, p.33. Negritos meus.)

⁸ Tradução: “a práticas materiais incorporadas em instituições sociais concretas pelas quais os sistemas sociais, seus conflitos e contradições são negociados em termos de lutas dentro de formações sociais entre dominantes e dominados, exploradores e explorados. ” (POLLOCK, 2003, p.8).

⁹ Tradução: “o caráter dos conhecimentos produzidos é ideológico, parcial, condicionado pelo lugar social e pelo poder. ” (POLLOCK, 2003, p.8).

em segundo lugar, que analisemos o que cada prática específica está fazendo, quais significados ela está produzindo, como e para quem (POLLOCK, 1988/2003, p.8).

É dessa perspectiva que procurei desenvolver esta pesquisa e o que, de certo modo, determinou a estruturação desta tese, cujo percurso, quero acreditar, sirva para iluminar a leitura de minhas análises das representações das relações sociais nos romances *All We Have Left Unsaid* e *The Madams*, do mesmo modo, como acredito, iluminou a minha compreensão destas mesmas representações.

A seguir, procuro, então, esclarecer a localização da prática literária das mulheres negras sul-africanas a partir da conceitualização dos termos-chaves que constituem o sintagma ‘literatura de mulheres negras sul-africanas’, o que implica discutir a questão da posição que elas ocupam como mulheres, como negras, como escritoras, como sul-africanas. Acredito que esta tese se configura justamente em uma tentativa de analisar quais os significados que estão sendo produzidos pelos romances selecionados de Maxine Case e Zukiswa Wanner, representantes dessas mulheres, no que diz respeito particularmente às identidades e relações sociais de gênero e, pensar *como, com que finalidade e para quem* estas autoras estão escrevendo literatura.

Pensando mais especificamente sobre literatura e a autoria de mulheres negras

Se este estudo coloca em evidência a *literatura de mulheres negras sul-africanas* é importante tentar esclarecer o que entendo pelas categorias-chaves aí envolvidas, isto é, o que é para mim literatura e de que modo a compreensão do termo se altera na medida em que eu o adjetivo pela expressão ‘de mulher (es)’.

Tanto o conceito ‘literatura’ quanto o termo ‘mulher (es)’ trazem em si uma longa história de problematizações dada sua complexidade conceitual, mas ambos têm sido há tempos amplamente discutidos dentro das mais variadas tendências das teorias literárias e feministas. Não é possível e nem minha ideia retomar aqui todas estas contribuições que foram valiosas na construção do campo da crítica literária feminista. Há um volume imenso de trabalhos, publicados nos últimos 30 ou 40 anos, disponível para maior aprofundamento neste campo. Procuro, porém, explicitar a seguir meu entendimento de tais conceitos situando brevemente algumas de minhas inspirações teóricas.

Nascido na convergência dos estudos feministas com os estudos culturais e pós-coloniais, como já mencionado anteriormente, neste estudo não há qualquer espaço para uma compreensão de literatura como um *objeto* a ser analisado a partir da separação de seus

componentes, isolado do contexto sócio-histórico onde foi produzido, e que negligencie as condições de sua produção, como se costumava fazer nos idos do estruturalismo. Antes compreendo a *literatura* como uma *prática social* e, portanto, como um sistema de representações, procurando seguir as orientações de Raymond Williams, que me ilumina e embasa as ideias tanto de Rita Felski (2003), Griselda Pollock (2003), Stuart Hall (2006), Antoine Compagnon (2001) entre outros autores com os quais dialogo. Conforme bem nos lembrou primeiramente Pollock (1988/2003, p.6-7), Williams nos aconselha a descobrirmos, primeiro, a natureza de uma prática para, então, suas condições.

Quando nos vemos analisando uma obra particular, ou um grupo de obras, com frequência percebendo a [sic] da comunidade essencial de que faz parte e sua individualidade irreduzível, **devemos primeiro nos voltar para a realidade da sua prática e para as condições da prática tal como foi realizada.** A partir daí, creio que faremos perguntas essencialmente diferentes. (WILLIAMS, 2011, p. 66-67. Negritos meus).

Ao percorrer a história da África do Sul e o desenvolvimento da literatura em língua inglesa das mulheres negras sul-africanas, quero acreditar que o que fiz foi me voltar para a realidade dessas mulheres ao longo da história para perceber as condições de produção de sua prática de escrita antes de olhar para aquilo que Williams chama de ‘individualidade irreduzível’ das obras aqui analisadas. Tratou-se de um esforço de relacionar as práticas nos níveis coletivo e individual, pensando as escritoras negras pós-apartheid dentro do cenário maior de produção cultural das mulheres negras sul-africanas, pois Williams nos instrui que “O reconhecimento da relação entre o modo coletivo e o projeto individual [...] é um reconhecimento de práticas relacionadas. ” Isto é, “os projetos irreduzivelmente individuais que são as obras específicas podem, na experiência e na análise, mostrar semelhanças dentro e entre os gêneros. ” (WILLIAMS, 2011, p.66). Conforme Williams explica,

ao descobrirmos a natureza de uma prática particular, bem como a natureza da relação entre um projeto individual e um modo coletivo, descobrimos que estamos analisando, **como duas formas de um mesmo processo**, tanto a **sua composição ativa** quanto **as condições dessa composição**, e em ambas as direções essa é uma relação ativa complexa e em transformação. Isso significa, obviamente, que não temos um processo internamente construído do tipo que é indicado pelo caráter fixo de um objeto. **Nós temos os princípios das relações das práticas dentro de uma organização vista como intencional, e temos as hipóteses disponíveis do dominante, do residual e do emergente**^[10]. Mas o que estamos ativamente

¹⁰ Em termos gerais, Williams utiliza as expressões *dominante*, *residual* e *emergente* para falar que a produção cultural de um determinado momento, mesmo comportando ideias que são *dominantes*, é também constituída por traços, ideias, valores do que já foi, ou seja, *residuais* e ainda de perspectivas *emergentes*, ou seja, de ideias e valores que ainda não se consolidaram, mas que já circulam em determinados meios. Tomo tais princípios como referência na análise das representações literárias que aqui realizo, ainda que não utilize esta terminologia.

buscando é a prática efetiva que foi alienada em um objeto e as verdadeiras condições dessa prática _ seja como convenção literária, seja como relações sociais - que foram alienadas em seus componentes ou em meros panos de fundo. (WILLIAMS, 2011, p. 66-67. Negritos meus).

Se toda literatura encarna, como diz Williams, tanto significados *residuais* como *emergentes*, meu trabalho aqui foi, também, pensar quais representações de identidades e relações sociais de gênero são trazidas pelos romances analisados, focalizando uma atenção maior àquilo que é o emergente, isto é, os discursos que as escritoras apresentam como alternativa aos discursos dominantes sobre gênero, classe, raça e sexualidade. Acredito que esta tarefa pode ser embasada teórica e metodologicamente pelo conceito de *estrutura de sentimento* de Raymond Williams, conceito criado especialmente para articular uma resposta a mudanças determinadas na organização social, ou seja, para tratar da relação entre experiência social, consciência individual e determinação (CEVASCO, 2001). Nas palavras de Williams,

structures of feeling can be defined as **social experiences in solution**, as distinct from other social semantic formations which have been precipitated and are more evidently and more immediately available. Not all art, by any means, relates to a contemporary structure of feeling. The effective formations of most actual art relate to already manifest social formations, dominant or residual, and it is primarily **to emergent formations** (though often in the form of modification or disturbance in older forms) **that the structure of feeling, as solution, relates.**¹¹ (WILLIAMS, 1977, p.133. Negritos meus).

Ainda importante, como lembra Cevasco ao discutir as ideias de Williams,

O artista pode até perceber como única a experiência para a qual encontra uma forma, mas a história da cultura demonstra que **se trata de uma resposta social a mudanças objetivas**. [...] Enquanto estão lidando com as novas formas e convenções, os artistas e pensadores podem muito bem achar que se trata de uma resposta individual e única, mas trata-se de fato de uma forma comum de ver, já que é comunicável e inteligível para outros membros da mesma comunidade (CEVASCO, 2001, p.153. Negritos meus).

Assim, na medida em que “as artes e a literatura, além de formalizarem novas estruturas de sentimento, também têm parte ativa nesses processos de incorporação

¹¹ Tradução: “As estruturas de sentimento podem ser definidas como **experiências sociais em solução**, distintas de outras formações semânticas sociais que foram precipitadas e existem de forma mais evidente e imediata. Nem toda arte, porém, se relaciona com uma estrutura contemporânea de sentimentos. As formações efetivas da maior parte da arte presente se relacionam com formações sociais já manifestas, dominantes ou residuais, sendo principalmente com as formações emergentes (embora com frequência na forma de modificações ou perturbações nas velhas formas) que a estrutura de sentimento, como solução, se relaciona.” (Williams, 1977, p.133. Negritos meus).

(CEVASCO, 2001, p.158), busco verificar como a literatura das escritoras negras sul-africanas pós-apartheid tem um papel fundamental na expressão de *estruturas de sentimento* que trazem para o foco representações de novas identidades e subjetividades de gênero, em suas intersecções com as dimensões de classe e raça, na sociedade sul-africana contemporânea. O sentimento de pertencimento ou não, o que se compreende por ser mulher negra no período pós-apartheid, entre outros temas relacionados às questões de gênero, podem ser compreendidos como estruturas de sentimento.

Assumo, desse modo, uma abordagem feminista de literatura que não se isenta de relacionar as análises dos textos literários a questões mais amplas de mudança social e cultural. E para isso é, inegavelmente, importante situarmos a literatura em relação a uma teorização dos processos sociais, conforme Felski nos orienta. Trata-se de um interesse, ao ler a obra dessas mulheres, a partir de uma avaliação crítica de seus conteúdos ‘ideológicos’, das demandas pessoais e culturais a que procuram responder, e, mais ainda, das possibilidades de (re)significação dos discursos e representações de identidades de gênero e das relações de poder aí inscritas. Mas, em hipótese alguma, se trata de negar a ‘literariedade’ das obras literárias e as pensarmos como um reflexo direto ou uma reprodução autêntica da vida das mulheres sul-africanas. O fato é que a singularidade da literatura repousa nas maneiras bastante complexas em que os significados são criados através de seus recursos formais. Não deixamos nunca de nos basearmos no reconhecimento de que os textos ficcionais “são moldados por estruturas estéticas relativamente autônomas”, como nos diz Felski (1989, p.28), que intermediam “a relação do texto com a ideologia”. Mas se não tomamos a literatura como um espelho da realidade, também não podemos cair no exagero de pensarmos os textos literários como artefatos **puramente** autorreferenciais.

A questão da funcionalidade e dos significados sociais da literatura nos remete diretamente às ideias sobre a subjetividade e, portanto, é preciso ainda esclarecer como compreendo a categoria mulher/mulheres para depois introduzir uma brevíssima discussão sobre a questão da autoria e, mais especificamente, a autoria de mulheres.

Às vezes, parece que temos que pedir licença para tomarmos a categoria ‘mulher’ como objeto de estudo, justificar sua escolha, no mínimo, esclarecer sua conotação. Durante a primeira onda, o feminismo não tinha dúvidas que se fundamentava sobre a categoria ‘mulher’ e que ‘*ser mulher*’ era ser diferente de ‘*ser homem*’, e que o que era preciso era que não houvesse a dominação e a opressão de um ‘*sexo*’ pelo outro e, portanto, que a luta era para que ambos os ‘*sexos*’ fossem igualmente valorados e tivessem os mesmos direitos por serem ambos *humanos*. Mais do que não se importar com o apagamento das diferenças,

tratava-se da busca pela ‘*igualdade*’. Era preciso reconhecer a *humanidade* das mulheres. Não estava em questão ‘*o que seria uma mulher*’; não estava em questão ‘*qual mulher seria aquela*’.

Já a segunda onda do feminismo veio bem mais caudalosa, trazendo outras questões imprescindivelmente históricas, urgentes e complexificadoras. Não era mais possível fechar os olhos para *as diferenças*. As diferenças eram sexuais, sociais, de classe, étnico-raciais, nacionais. Foi a luta de outros sujeitos que também precisavam ter seus direitos civis reconhecidos. Eram mulheres lutando ainda por acesso às universidades e a outros redutos masculinos, mas eram também as mulheres negras exigindo representatividade em um movimento dominado por mulheres brancas e de classe média. Eram as mulheres lésbicas, marcando ainda mais as diferenças internas, invisibilizadas dentro da categoria global de ‘mulher’, implícita e impositivamente, heterossexual.

Hoje, além da desconstrução das identidades de gênero pelas teorias *queer*, que Judith Butler (1990/2003) veio estimular, já não há um só feminismo, mas múltiplos, com diferentes enfoques: Feminismo *Negro*, *do Terceiro Mundo*, *da Terceira Onda*, *Pós-colonial*, *Transnacional*. Todos importantes e complementares entre si porque politicamente comprometidos com as ‘diferenças’. É assim que, ao limitar minha atenção ao grupo de mulheres negras sul-africanas, parto do reconhecimento de uma *diferença* e defendo a importância ainda deste conceito para pensarmos questões de identidade em contextos específicos na contemporaneidade. Entretanto, o conceito de diferença que utilizo está em consonância tanto com a ideia de Pollock de construção *social*, como com a ideia de Rita Felski de *diferença* como *dissensão* (no sentido de divergência, discrepância). Foram as teorias pós-coloniais que puderam oferecer uma alternativa para que o feminismo tivesse podido escapar do impasse da diferença sexual, que se debatia entre o risco da essencialização da categoria ‘mulher’, por um lado, e o vazio da dessubstancialização pós-estruturalista do sujeito, dessubstancialização que podia ameaçar o teor político do movimento (FELSKI, 2000, p.124). Embora exista também o risco de homogeneização da visão pós-colonialista, pela possibilidade de apagamento das peculiaridades de cada localidade e nação, defendo, com Felski, uma visão mais abrangente do pós-colonial. Uma visão que amplia a diferença, que passa a ser não só de gênero, mas racial, étnica e cultural, chamando ainda mais atenção para a diferença (s) e não menos. Segundo Felski, o pós-colonial possibilita um olhar para as questões de diferença tanto “em termos culturais e linguísticos” como “em termos materiais e institucionais.” (FELSKI, 2000, p.127).

O que mais me interessa é a crítica desconstrutiva de identidade das análises pós-coloniais de desigualdade proporcionada por uma noção de *diferença* como *relação* e não como essência. São noções que reconhecem também as diferenças dentro de um mesmo indivíduo, fraturando e complexificando noções totalizantes de identidade. Afinal, ‘mulher’ é uma categoria altamente complexa e construída por meio de discursos.

Avtar Brah, feminista negra norte-americana, lembra que o fato de ‘mulher’ não ser uma categoria unitária, não significa que a própria categoria careça de sentido. Suas especificidades nascem de uma rede de relações de gênero historicamente constituídas que originam diversas ‘feminilidades’, que, por sua vez, revelam “trajetórias, circunstâncias materiais e experiências culturais históricas particulares.” Para ela, diferença, nesta perspectiva, “é uma diferença de condições sociais”, uma vez que “nosso gênero é constituído e representado de maneira diferente segundo nossa localização dentro de relações **globais** de poder.” (BRAH, 2006, p. 341. Negrito meu). E no caso deste estudo, essa constatação é fundamental. Quem mais fortemente conheceu e conhece *na pele* as diferentes dimensões de opressão e suas consequências para as percepções de si e a construção de suas identidades, devido suas posicionalidades nas hierarquias sociais, do que as mulheres negras?

Agora, em relação à questão da autoria, primeiramente, esclareço que utilizo os termos *autora*, *escritora* ou a expressão *mulheres que escrevem* como intercambiáveis, sem qualquer intenção de diminuir a importância acerca dos debates que pleitam suas distinções. No entanto, me interessa, no que concerne a autoria, demonstrar a importância que tem para a luta feminista o estudo da literatura escrita por mulheres.

É bem sabido que, ao final da década de 60, Barthes (2004) matou o autor e Foucault (1984) complicou um pouco mais as coisas ao considerá-lo senão uma função discursiva, visando questionar a ideia de um sujeito como origem e fundamento dos sentidos. Na visão de Foucault, preocupado, não com a autoria literária em si mesma, mas com a autoria de modo mais amplo, o autor era um mero princípio de agrupamento do discurso. E aí as feministas se dividiram. Algumas ficaram do lado dos pós-estruturalistas e seguiram o funeral. Outras, entretanto, não aceitaram a morte, justamente quando precisavam tirar as mulheres escritoras da invisibilidade e resgatar uma tradição literária feminina para desfazer uma injustiça que era histórica. Fizeram ressuscitar o morto, defendendo que poderiam até enterrar “o” autor, mas “as” autoras deveriam permanecer bem vivas para se fazerem ouvir e dizer o que ainda não tinham tido a oportunidade de falar!

Na visão de Barthes, o autor é uma personagem moderna, nada mais do que o burguês a quem o positivismo e a ideologia capitalista concederam maior importância como

‘pessoa’ física real. Mas se a explicação da obra se dá pela perspectiva de quem a criou, Barthes conclui que a obra não passaria senão de uma *confissão*. Mas o autor é muito mais complexo do que isso. Junto com Mallarmé, Barthes coloca a linguagem no lugar do autor, reservando a este somente o lugar daquele que escreve. O autor deixa de ser uma pessoa em ‘carne e osso’ e passa a ser uma função. O que importa, então, é o texto. O escritor moderno “nasce ao mesmo tempo em que o seu texto”, porque não existe outro tempo que o tempo da enunciação: “todo o texto é escrito eternamente aqui e agora”. O autor é um ser de papel, simplesmente porque a escritura não tem origem. O texto é constituído como “um tecido de citações”. O autor morre diante da intertextualidade. O sentido, então, não está mais dado previamente ou originalmente. É o leitor que dará ao texto sua unidade e sentido. O autor não se confunde com a escrita. Ele gera o texto e a partir daí o texto não é mais o seu texto.

No entanto, como a Felski e a muitos outros estudiosos, Barthes não me convence de que o *self* não seja nada além do que uma ilusão burguesa, instável e efêmera moldada pela trama infinita das palavras. (FELSKI, 2003, p.59-60). Entendo que o texto se origina antes em uma perspectiva corporificada ancorada no espaço e tempo; um ponto nodal no qual infinitas influências convergem para criar uma combinação única de traços. (FELSKI, 2003, p.60) a que chamamos sujeito.

Isso nos coloca também na discussão sobre a intenção e o significado do texto, sobre a relação entre o autor e obra. Ao resgatar o debate entre intencionalistas e antiintencionalistas no capítulo sobre ‘O Autor’, em *O Demônio da Teoria* (2001), Compagnon confirma que “o ponto mais controvertido dos estudos literários é o lugar que cabe ao autor”. Tal debate diz respeito à responsabilidade do autor pelo sentido e pela significação do texto. Após uma detalhada descrição acerca das duas posições, Compagnon esclarece que o que está em jogo é se é “imprescindível procurar no texto o que o autor quis dizer” ou se “nunca se encontra no texto outra coisa que não aquilo que lá está, independentemente das intenções do autor”. (COMPAGNON, 2001, p.79). O teórico assume uma posição intermediária, admitindo que se possa “procurar no texto aquilo que ele diz com referência ao seu próprio contexto de origem”, linguístico, histórico, cultural. Mas que isso não exclui a possibilidade de se “procurar no texto também aquilo que ele diz com referência ao contexto contemporâneo do leitor” (COMPAGNON, 2001, p.79).

A solução para Compagnon é reconhecermos que a única intenção importante é aquela de se fazer literatura: “a arte é intencional”. O que não deve acontecer é a substituição do texto pela intenção. A verdade é que, segundo Compagnon, intencionalistas e antiintencionalistas “preferem fundamentar-se em traços textuais ligados diretamente ao

sentido, mais do que a fatos biográficos ligados indiretamente ao sentido pela intermediação do autor”. Entretanto, nem um nem outro deixa de reconhecer a existência de outras informações “comuns ao texto e ao contexto” entre “o testemunho sobre a intenção” e “a evidência do texto”, tais como a língua, a conotação das palavras para o autor e seu meio, como relevantes na compreensão dos sentidos possíveis. Donde se conclui que “na maioria dos casos, não existe outra evidência para reconstruir-se a intenção do autor, a não ser a própria obra” (COMPAGNON, 2001, p.81).

Como ficam essas questões quando quem escreve são as mulheres?

Em primeiro lugar, para nós, feministas, importa, sim, quem escreve. Da morte barthiana do autor, podemos considerar que esta nos interessa na medida em que serve, como diz Compagnon, para nos alertar sobre os exageros “da contextualização histórica e biográfica”. Como se tudo o que a obra “diz” ou “possa dizer” esteja dado a priori somente por conta de quem a escreveu. No caso dos estudos feministas, um exemplo é nos desfazermos definitivamente da ideia ingênua que quer tomar a obra, porque ‘nascida de mulher’, como necessariamente feminista.

Cabe aqui um breve comentário acerca da distinção entre a *escrita de mulheres*, da *écriture feminine* e de uma *escrita feminista*, debate que a crítica feminista tem feito já há algumas décadas e sobre o qual muito já se publicou. Nesta tese, não pretendo em nenhum momento trabalhar a partir de qualquer noção de uma *écriture feminine*¹², conceito complexo, originado a partir da crítica feminista de viés psicanalítico, mas de pouca serventia, acredito, em um trabalho que se propõe a “compreender a inter-relação entre textos, arte, cultura, formações culturais e mudança social” (CEVASCO, 2001, p.158) e que, portanto, está antes em consonância com o materialismo cultural.

¹² Hélène Cixous cunhou o termo *écriture feminine* no texto *The Laugh of the Medusa* (1976), em um esforço para subverter a oposição binária de gênero das quais as identidades de gênero patriarcais dependem, para designar certo estilo “feminino” de escrita que buscava recapturar os prazeres do *Imaginário*, que minimizaria a racionalidade da Ordem *Simbólica*, a qual os homens estariam irremediavelmente presos. Para Cixous, as mulheres, porque vivem dentro de sociedades falocêntricas, sempre ocupando uma posição de alteridade, estariam mais livres para criar, estando mais próximas ao *Real* (Lacan). Cixous fez uma distinção entre o sexo biológico do autor e o “sexo” da escrita, mas nunca definiu exatamente em que a *écriture féminine* consistia exatamente, argumentando que isso a limitaria e aprisionaria dentro da lógica falocêntrica. Nas palavras de Deborah Madsen, “Feminine writing then embraces the ‘feminine’ side of the binary divide and seeks to unsettle the entire binary system by upsetting the established hierarchy it express.” (MADSEN, 2000, p.97). O problema maior com tal perspectiva e que já foi a fundo levantado pela crítica feminista é em relação à questão da essencialização que o conceito de ‘feminilidade’ implica como algo pré-existente.

Parti, primeiramente, da escolha de *obras escritas por mulheres negras da África do Sul*, sem qualquer ideia de se encontraria nessas obras uma escrita feminista ou não — o que só pude constatar após analisá-las. Eu já estava prevenida por Felski (2003) sobre os riscos de vermos o gênero do autor como primordial para o significado da obra, como se todos os detalhes da mesma pudessem ser explicados a partir dessa única dimensão. Assim, entendo que o gênero é **um** dos aspectos a ser considerado, mas não o único.

Mas, quando se trata de pensarmos as mulheres nas práticas da cultura escrita, acredito também que devemos também voltar para Foucault, para sabermos por que a questão da autoria se torna fundamental. Como resume Gregolin (2004), “a função-autor caracteriza o modo de existência, de circulação e de funcionamento dos discursos no interior de uma sociedade, e, por esse motivo, **se constitui em um dispositivo de controle dos sentidos que regula a ordem do discurso.**” (GREGOLIN, 2004, p.103-104. Negrito meu.). Então, está claro que se trata também de uma decisão política. Se a relação entre práticas sociais e práticas culturais é dialética, em um movimento contínuo de influência mútua, então, fica mais claro a importância de se pensar especificamente a participação das mulheres como produtoras culturais no estabelecimento, consolidação e/ou contestação dos discursos sociais e culturais hegemônicos.

A discussão de Felski sobre autoria é elucidadora para compreendermos isso. Ela deixa claro que ‘autor’ não é um termo neutro, nem uma ideia auto-evidente e que o importante teria sido as feministas, antes de terem se dividido, terem percebido que “nem todos os autores carregam o mesmo peso”. Ela lembra que para algumas feministas estava claro que a ideia que Barthes procurou desconstruir do autor como um Deus todo poderoso, proprietário não só da obra, mas de sua verdade misteriosa, nunca poderia identificar uma mulher-autora. Porque as mulheres têm, há séculos, lutado para poder ter acesso à cultura e às práticas da escrita. E isso não as endeusa, muito pelo contrário, demonstra a posição subalterna em que quiseram sempre colocá-las.

Por outro lado, a autoria de mulheres não ficou imune às tentações de se buscar o significado da obra através da figura da autora. Ler autobiograficamente constituiu-se em uma tendência histórica e cultural em geral, segundo Felski. Mas, apesar dessa autora reconhecer esta abordagem como mais persuasiva do que aquela em que o ‘eu’ não passaria de uma “ilusão instável e efêmera” moldada pela linguagem (FELSKI, 2003, p.59-60), aquela que entende que “o poder da linguagem cria a realidade”, e de Felski ainda aceitar que associar a obra ao autor seja **um** modo de se pensar como os textos funcionam, ela adverte a crítica feminista contra o perigo de buscar nos textos literários as “evidências da experiência

feminina”. Já, aprendemos com Scott, sobre a questão da “evidência da experiência, seja [ela] concebida através de uma metáfora de visibilidade ou de qualquer outra maneira que considere o significado como transparente. Essa compreensão reproduz, ao invés de contestar, sistemas ideológicos estabelecidos”. O que precisamos, segundo Scott, é

to attend to the historical processes that, through discourse, position subjects and produce their experiences. It is not individuals who have experience, but subjects who are constituted through experience. Experience in this definition then becomes not the origin of our explanation, not the authoritative (because seen or felt) evidence that grounds what is known, but rather that which we seek to explain, that about which knowledge is produced. To think about experience in this way is to historicize it as well as to historicize identities it produces.¹³ (SCOTT, 1992, p.25-26).

Também para Stuart Hall, “a experiência é o produto dos nossos códigos de inteligibilidade, de nossos esquemas de interpretação. Consequentemente, não há experiência fora das categorias de representação ou da ideologia.” (HALL, 2006, p.171).

A partir de toda a discussão acima, defendo, junto a estes autores, uma terceira via para a leitura dos textos de mulheres. Uma via que “não afirma ingenuamente o autor como um gênio originador, criando objetos estéticos fora da história, mas não diminui a importância da diferença e da agência nas respostas das mulheres escritoras a formações históricas.” (FELSKI, 2003, p.91). Trata-se de encontrar os pontos em que as informações do texto, do contexto, o testemunho sobre a intenção e as evidências do texto — tais como a língua, a conotação das palavras para o autor e seu meio, etc —, tornam-se relevantes na compreensão dos sentidos possíveis.

Mas o que é ‘ser negra’? O que é ser negra e sul-africana?

Não poderia pensar a categoria ‘negra’ a partir senão da ideia de uma categoria construída contextual e relacionalmente a partir de experiências e práticas sociais fundadas em discursos situados historicamente. Portanto, no complexo contexto da África do Sul, dadas, principalmente, as especificidades do seu colonialismo e da nefasta existência do regime do apartheid, é também pensá-la da perspectiva das *interseccionalidades*.

¹³ Tradução: “dar conta dos processos históricos que, através do discurso, posicionam sujeitos e produzem suas experiências. Não são os indivíduos que têm experiência, mas os sujeitos é que são constituídos através da experiência. A experiência, de acordo com essa definição, torna-se, não a origem de nossa explicação, não a evidência autorizada (porque vista ou sentida) que fundamenta o conhecimento, mas sim aquilo que buscamos explicar, aquilo sobre o qual se produz conhecimento. Pensar sobre experiência deste modo é historicizá-la bem como historicizar as identidades que ela produz.” (SCOTT, 1992, p.25-26).

O *Feminismo Negro*, através das obras de autoras como Audre Lorde, bell hooks, Patricia Hill Collins, Carole Boyce Davies — só para citar algumas poucas norte-americanas —, contribuiu muitíssimo para nossa compreensão de que raça, classe e gênero são sistemas interligados de opressão que fazem parte de uma matriz mais abrangente de dominação (COLLINS, 2000). Essa visão é fundamental para a teoria feminista na medida em que nos permite levar em consideração as diferenças entre as mulheres rejeitando a possibilidade de universalizar suas experiências, ao mesmo tempo em que possibilita orientações para aplicações práticas na construção de políticas de emancipação. A interseccionalidade permite estender o foco das análises de uma mera descrição de semelhanças e diferenças para darmos mais atenção a como estes sistemas de opressão funcionam e se interconectam em contextos específicos.

Gostaria de ressaltar duas questões em relação ao assunto. Em primeiro lugar, é que pensarmos a questão de gênero e da opressão e segregação femininas a partir da mulher negra, como nos lembra Davies em *Black Women Writing and Identity* (1994), faz com que todos os aspectos se destaquem. Para ela, se colocarmos as questões de gênero “em escala”, “a sua mais radical possibilidade, sua ilustração mais esclarecedora” será a experiência das mulheres negras. (DAVIES, p.21). Também, Hill Collins, apesar de reconhecer que não há **uma** única experiência, **um** único ponto de vista de mulheres negras, afirma que não se pode negar que a mulher negra se situa, singularmente, no ponto focal onde, nas palavras dela, dois sistemas “excepcionalmente poderosos e prevalentes de opressão se unem: os sistemas de raça e gênero.” No caso deste estudo, não se trata de privilegiar a experiência de um único grupo social, mas de tomá-lo como objeto de estudo como possibilidade para a percepção também de outros espaços onde estes sistemas de opressão podem estar em operação.

A outra questão diz respeito à importância de percebermos que há uma dificuldade muito maior de articulação da dimensão de gênero em sociedades altamente racistas como, por exemplo, os EUA e a África do Sul, mais claramente em determinados períodos históricos, porque “quando as políticas de raça são tão profundas, tão abertas e avassaladoras acabam por subsumir todos os outros discursos (DAVIES, 1994, p.22). Tanto as feministas negras dos Estados Unidos quanto as da África do Sul conheceram as ambiguidades e as tensões geradas em sua participação no movimento, caracteristicamente masculino, da *Consciência Negra*.

Na África do Sul, a política oficial de segregação resultou na definição, classificação e separação de sua população pela cor de pele, ignorando, na maioria das vezes, quaisquer outras características linguísticas, culturais, religiosas, de classe ou de nacionalidade e impedindo o reconhecimento de identidades nuançadas e/ou complexificadas dentro dos grupos identificados.

Em geral, o apartheid utilizou quatro categorias raciais para a classificação de sua população: *asiática, negra, mestiça*¹⁴, e *branca*. Nada mais essencializante do que isto. E foram e são ainda altamente perversas suas consequências na construção das identidades individuais e coletivas. E isso está sempre presente na literatura sul-africana, em maior ou menor grau, com protagonismo ou como pano de fundo.

Tal como a categoria de gênero, raça e/ou etnia precisam ser pensadas como *diferença* (*différance*). Considerando a ideia de que qualquer variável de identidade somente se constitui no discurso e não fora dele — dado que o sujeito jamais precede a linguagem que o constitui — *raça* deve, portanto, ser compreendida *sob rasura*¹⁵, como o é para Stuart Hall (2002, p.66). Como nos lembra Hall, raça e etnia são categorias discursivas, construções políticas e sociais, isentas de qualquer cunho biológico/‘científico’, mas que sustentam as duas lógicas do racismo. O racismo enquanto prática discursiva procura naturalizar as diferenças que são sociais e culturais para legitimar as práticas de exclusão racial, do mesmo modo que acontece com o sexismo, como o teórico cultural nos ensina. Daí a categoria ‘raça’ ser “*um marcador aparentemente inerradicável de diferença social*” (BRAH, 2006, p.331). E é desta perspectiva que raça é por mim compreendida.

Ser sul-africana é ser africana, ser africâner, ser mestiça, ser branca, indiana, malaia, chinesa, ou de outra origem asiática. Ser tudo isso e muito mais, porque cada indivíduo será ainda atravessado por outras dimensões identificatórias, pertencendo a dada classe social, identificando-se com determinado gênero e/ou com diferentes modos de viver a sexualidade etc, constituindo-se, portanto, múltiplas possibilidades de lugares e posicionalidades que não deverão ser nem essencializados, nem homogeneizados.

Sobre a escolha das autoras e dos romances

Hoje, que já conheço um bom número de escritoras em língua inglesa negras, sul-africanas, é estranho pensar que minha escolha das obras a serem analisadas nesta tese aconteceu somente após uma longa pesquisa na web para conhecê-las. O campo literário da África Sul é hoje bastante rico e diverso, refletindo a diversidade também da população formada ao longo de sua história, mas, como era de se esperar, se construiu consolidando a autoria majoritariamente branca e masculina. Entretanto, ao longo da pesquisa bibliográfica

¹⁴ Oficialmente, a mestiço designava qualquer pessoa de 'sangue misto', descendentes de contatos entre brancos-negros, negros-asiáticos, brancos-asiáticos, e de mestiços com negros.

¹⁵ Estar ‘*sob rasura*’ é compreender que o termo está sendo usado por falta de outro que melhor representasse o conceito que se quer denominar.

que realizei nos últimos três anos, descobri que as mulheres negras começaram a escrever no sul da África assim que tiveram contato com a escrita e tiveram a oportunidade de serem alfabetizadas. Entretanto, as condições extremamente restritivas e desiguais nas quais sempre produziram e o fato de que ainda não gozam das mesmas benesses que privilegiam os homens e a população branca, de um modo geral, faz com que ainda sejam minoria no mercado editorial e, portanto, menos conhecidas e de mais difícil acesso, principalmente, deste lado do Atlântico.

Sem nenhuma indicação de nome, no início, não foi muito fácil encontrar as escritoras negras sul-africanas cujas obras são o objeto desta tese. O acaso cibernético da pesquisa me deu, inicialmente, a honra de conhecer as obras de autoras já renomadas, premiadas, conhecidas internacionalmente com uma obra literária bastante consolidada como Sindiwe Magona (de quem li, pelo menos, quatro obras) e Zoë Wicomb (de quem li pelo menos, dois romances). Conheci ainda a autora sul-africana, Ivette Christiansë, radicada nos Estados Unidos, de quem li um pouco de sua poesia e seu único romance publicado – *Unconfessed*, uma das poucas narrativas sul-africanas contemporâneas que se situa na época da escravidão. Tive o prazer também de conhecer um pouco da obra de autoras negras sul-africanas mais ‘tradicionais’, que estiveram escrevendo durante o apartheid, como Bessie Head, e Laurretta Ngcobo, Miriam Tlali, entre outras.

Todavia, meu foco deveria ser sobre autoras contemporâneas, jovens, de preferência nascidas após o fim do apartheid, porque me interessava, primeiramente, conhecer que representações de mulheres negras estas autoras ofereciam e que histórias contavam acerca do que é ser mulher negra na chamada *nova* África do Sul. Depois de muito tempo de pesquisa, como não havia encontrado escritoras publicadas *nascidas* após o fim do apartheid, considerei que o fato das carreiras como escritoras das duas autoras selecionadas terem iniciado somente depois do fim do regime de segregação racial tornava suas obras material suficientemente adequado para me oferecer o campo desta pesquisa.

A fortuna juntamente com meu ‘faro’ para boa literatura me levou aos dois títulos escolhidos, ajudada, é claro, pela leitura das contracapas e os prêmios que eram ali referidos, no caso de duas das obras. Se havia prêmio, era porque tinha havido, de alguma forma, reconhecimento do valor da obra pela própria sociedade sul-africana. Ou seja, são obras que falam da sociedade sul-africana para a sociedade sul-africana. Assim, cheguei a *All We Have Left Unsaid* e *The Madams*.

No caso da escolha da obra de Maxine Case, foi tanto o título como os prêmios recebidos¹⁶, o que me chamou imediatamente a atenção. Sendo um título uma chave interpretativa, como dizia Umberto Eco, *All We Have Left Unsaid*, ou seja, *tudo o que deixamos sem dizer*, me fisionomizou com a promessa de revelar ‘segredos’ ainda não contados sobre a história sul-africana. Pareceu-me haver ali uma versão da história importante a ser conhecida e que talvez pudesse me dizer algo sobre como estas novas autoras viam o passado do apartheid e as consequências deste passado para a construção das identidades femininas negras na sociedade sul-africana atual. Apesar de, em algum momento, a obra ter me decepcionado, ao contrário, emocionou-me desde a primeira leitura (e continua a fazê-lo a cada nova leitura), ao ter que procurar ali indícios do que ela poderia dizer sobre a sociedade sul-africana contemporânea, confesso que, de início, fiquei receosa de minha escolha, uma vez que se trata de um romance bastante intimista e que se restringe às memórias que uma filha tem, a partir da vida de sua mãe. Mas ao me familiarizar mais e mais com os detalhes da narrativa, através de olhar para os significados não só da relação mãe-filha, mas também das demais relações entre outras personagens ali presentes, fui obtendo pistas sobre alguns importantes aspectos das relações sociais que configuram a sociedade sul-africana contemporânea e de que modo a memória do apartheid interfere ainda na construção das identidades sociais e culturais de gênero.

A importância de temas para a construção das identidades sociais femininas, como pertencimento, relações mães-filhas, relações entre mulheres de uma mesma família e/ou comunidade, assim como o da maternidade/maternagem, sempre foi caro às feministas de um modo geral, e particularmente, às feministas e escritoras negras por motivos que procuro esclarecer ao longo deste trabalho. E foi a partir desses recortes que iniciei minha reflexão sobre as obras compreendendo que não só estas representações têm um papel importante, mesmo que de diferentes formas, para pensarmos tanto quais significados de feminilidade negra são oferecidos como alternativas de identificação pelas representações literárias dessas obras, quanto nos ajudam a entender como estas autoras compreendem o papel de sua literatura no contexto da sociedade sul-africana que hoje se pretende mais democrática e mais justa.

Na escolha do segundo e último romance, *The Madams* de Zukiswa Wanner, minha decisão não foi imediata e, por dois motivos, que reconheço como bastante elitistas e

¹⁶ *All We Have Left Unsaid* recebeu o prêmio *Commonwealth Writers' Prize for Best First Book, Africa Region* e foi co-vencedor do *Herman Charles Bosman Prize* em 2007.

resultados de minha (de)formação em Letras: primeiro, porque o gênero *chick lit*¹⁷, no qual a história é contada, nunca fora de minha preferência, talvez por ter sido sempre considerado um gênero literário ‘menor’ no meu ambiente de formação e, em segundo lugar, porque não havia recebido prêmios que tivessem podido me indicar o reconhecimento pela sociedade sul-africana de seu valor. No entanto, assim que iniciei a leitura, notei que se tratava de uma obra que retratava com humor e leveza conflitos, preocupações e a vida de mulheres negras pertencentes a um grupo social na África do Sul pós-apartheid do qual quase não tinha conhecimento: os “*Black Diamonds*”, ou seja, a nova classe média negra sul-africana. A imagem da população negra sul-africana que mais comumente nos chega é ainda a dos moradores das *townships*, pobres, que foram sempre duramente segregados, oprimidos e explorados, desde a colonização até o apartheid.

Descobri, então, que com *The Madams*, seu romance de estreia, Zukiswa Wanner revelou-se a primeira escritora negra sul-africana a escrever uma obra do gênero ‘*chick lit*’, além de ter colocado, pela primeira vez, no centro de uma trama uma inversão dos papéis raciais na sociedade sul-africana pós-apartheid. Wanner criou a primeira patroa negra com uma empregada branca na África do Sul. Em *The Madams*, a situação da contratação de uma empregada branca por uma mulher negra classe média, bem-sucedida, acontece deliberadamente a partir de uma escolha, que Thandi, a protagonista, ironiza chamando de ‘*experimento social*’, ao ter em mente a reação de Lauren, sua amiga branca. É esta a provocação anunciada no subtítulo da obra “*a wildly provocative novel*”. Todavia, a obra não só coloca em xeque as questões raciais na África do Sul pós-apartheid, mas também questões de classe, de gênero, afora outras críticas bem-humoradas a aspectos das culturas sul-africanas e africana.

Com estas escolhas feitas, acabei por me encontrar frente a um campo de pesquisa plural, multifacetado e, portanto, bastante complexo, uma vez que cada romance é um mundo. São duas obras que têm muito em comum no que tange as representações das identidades e relações sociais de gênero, aspectos estudados nesta pesquisa, ao mesmo tempo em que têm preocupações e focos específicos. Todavia, nem as diferenças de interesse e as ênfases variadas de seus enredos, nem os modos e estilos diversos em que as narrativas são construídas funcionam como elementos desagregadores. Acredito ser possível ver essas obras como uma pequena amostra de um conjunto literário mais amplo e diversificado que se

¹⁷ Não encontrei em português uma tradução satisfatória para o termo. No Brasil, muitas vezes, encontramos a expressão ‘literatura de mulherzinha’ para designar este gênero literário popular, o qual, na minha opinião, não corresponde à complexidade da definição deste tipo de literatura, pelo contrário, impõe-lhe uma conotação muito restritiva e pejorativa por este motivo utilizarei no decorrer deste texto, o termo em inglês *chick lit*.

configura através da escrita das mulheres negras sul-africanas. Não é minha intenção unificá-las sob um rótulo rígido qualquer que as identifique como pertencendo a um movimento literário ou ‘político’ único que teria a intenção de representar a sociedade sul-africana monoliticamente, longe disso. Ler cada uma destas obras foi como colocar o olho no buraco da fechadura de um mundo particular e privado, mas que ao mesmo tempo me revelou o contexto social, político e cultural mais amplo em que os acontecimentos das narrativas se dão e que podem revelar um pouco sobre os modos como os indivíduos ali se constituem.

Ao mesmo tempo, minha hipótese é que estas obras podem ser reunidas sob a égide de uma literatura que não deixa de ser feminista uma vez que parecem compartilhar o compromisso político do feminismo que, mesmo reconhecendo que a arte não tem ‘poder’ suficiente para transformar o mundo social, pode, mesmo assim, interferir nos níveis imaginativo e cognitivo criando referências simbólicas alternativas para identificações e novas maneiras de se conhecer e pensar a sociedade. Portanto, a literatura dessas autoras segue a tradição das escritoras negras sul-africanas de utilizar a literatura como arma na luta contra as opressões de raça, classe e gênero.

São narrativas contadas em tom e estilos diferentes, mas que compartilham uma série de semelhanças no que diz respeito a preocupações temáticas e ao papel social da literatura. As duas trazem histórias cujas protagonistas são mulheres negras que vivem momentos de transformação em suas vidas. São narrativas em primeira pessoa que permitem a mulher negra falar por si mesma, contar sua versão da história. É seu cotidiano e suas angústias, suas realizações e alegrias que interessa contar. Outro aspecto comum aos dois romances é o destaque para as relações *entre* as mulheres. Nenhuma das obras aqui analisadas segue o modelo da literatura tradicional masculina em que as personagens femininas são sempre caracterizadas, representadas e definidas em relação aos homens como filhas, esposas, avós de personagens protagonistas que são homens. (DAVIES, 1990, apud SPENCER, 2004, p.6) Aqui elas são, marcadamente, filhas, mães, avós, amigas, mas definidas e caracterizadas dentro de uma rede de relações femininas e em uma linhagem ancestral materna. São as falas, as ações das mulheres que fazem a história andar. Os personagens masculinos estão presentes e têm uma importância relacional, mas são secundários, funcionando, muitas vezes, apenas como um contraponto às personagens femininas. Estão distantes, fora das tramas principais. Excepcionalmente, aqui não falam, são falados pelas mulheres. Além do mais, são histórias que trazem representações críticas da masculinidade hegemônica na África do Sul. Os homens não são os heróis, não são os mais aventureiros, nem os guerreiros destemidos, nem os militantes contra o apartheid. São somente homens, vulneráveis e tão assujeitados quanto as

mulheres aos discursos e instituições sociais. Eles são vistos por elas em suas complexidades e compreendidos no contexto de suas experiências sociais e culturais e dos limites que também lhes são impostos. Entretanto, elas não escondem quem eles são ou como agem. Não poupam seus egos e suas imagens diante da sociedade. Elas, simplesmente, perseguem seus objetivos sem se rivalizarem com eles, mas também sem se inibirem diante das reiteradas tentativas de opressão por parte deles. Todavia não é sem conflitos ou contradições que as mulheres deixam de ser cúmplices dos homens em sua própria dominação. Mas os laços mais estreitos e destacados são indiscutivelmente feitos entre as próprias mulheres.

As histórias contadas por estas obras centram-se, portanto, nas redes formadas por mulheres, seja através do vínculo entre mulheres da mesma família, tendo as relações mães-filhas lugar de destaque, como em *All We Have Left Unsaid*, seja através das relações de amizade entre as amigas vizinhas em *The Madams*. É majoritariamente dentro da casa (*home*) que estas relações são representadas nas obras e por isso estão diretamente ligadas ao lar como uma metáfora de *pertencimento*. O lar sempre se configurou em um lugar importante para a construção das identidades femininas negras e de suas experiências. O lar também será o lugar onde as transformações podem e devem acontecer. A partir dessa perspectiva, outros aspectos tradicionalmente vistos como elementos fundamentais na constituição da feminilidade das mulheres negras africanas, se impuseram: as relações conjugais e/ou amorosas, o casamento, a violência doméstica, o corpo feminino negro, a maternidade, e, finalmente, a agência feminina negra.

Porque as histórias contadas nas obras enfocam, acima de tudo, as relações entre as mulheres e a importância dessas relações para construção das identidades das gerações mais jovens, tenho como segunda hipótese que a literatura produzida por estas escritoras sul-africanas emergentes realiza uma espécie de ‘maternagem’, na medida em que se oferece como um *espaço de acolhimento* e no qual se encontram alternativas para novas identificações para as mulheres negras na África do Sul pós-apartheid. O texto literário se abre para acolher, confortar, mas ao mesmo tempo para criticar, questionar, fazendo pensar suas leitoras, nomeando aquilo que precisa ser nomeado, trazendo as palavras que precisam ser ditas, as histórias que precisam ser contadas, mesmo que isso envolva denunciar a cumplicidade das mulheres nas situações de dominação e opressão de que se queixam.

Dos objetivos e da estrutura desta tese

Até chegar à sua configuração atual, este estudo passou, desde seu início, por uma série de mudanças e abrangeu um volume muito maior de leituras, estudos e indagações do que aqui se pode inferir. Entre todos os caminhos investidos anteriormente, gostaria de destacar a realização de uma análise comparativa entre a sociedade sul-africana e a brasileira, para a qual pesquisei não só a história da África do Sul e do Brasil naquilo que os países tiveram de semelhanças e diferenças no que poderia dizer respeito, principalmente, às origens (remotas ou mais recentes) das desigualdades sociais que costuma caracterizar as duas sociedades. Depois de ter procurado conhecer um pouco sobre as relações políticas e econômicas entre África do Sul e Brasil ao longo dos anos, foquei minha atenção sobre as desigualdades sociais de classe, raça e gênero, procurando conhecer alguma coisa sobre os processos de hierarquização colonial de raça e gênero e lugar da mulher negra nestas duas sociedades. Dessa empreitada, acabei por incluir aqui somente uma breve descrição sobre o processo de transição do apartheid para a democracia na África do Sul, uma síntese sobre sua composição demográfica multirracial, étnica e cultural, alguns dados sobre as desigualdades sociais que caracterizam a sociedade sul-africana e, finalmente, alguns dados sobre a auto-percepção das identidades sociais pelos sul-africanos. Isto porque o foco foi apresentar debates sobre a construção de uma identidade nacional sul-africana.

Chamo a atenção para esta experiência para deixar registrada a sugestão de que este estudo pode servir também para que pensemos não só a autoria das mulheres negras brasileiras e as representações que suas obras literárias colocam em movimento, mas também quais instituições sociais e políticas e/ou mecanismos simbólicos na sociedade brasileira têm funcionado seja para empoderar as mulheres negras ou perpetuá-las em uma cidadania em segundo plano.

A seguir, aceitei a sugestão que fora primeiramente feita pela Prof^a. Miriam Adelman que seria a de que eu fizesse uma tentativa de encontrar uma metáfora para autoria dessas mulheres, aos moldes do que a crítica cultural feminista já havia feito em relação a outros conjuntos de obras, esforço cujo valor é reiterado por Rita Felski em *Literature After Feminism* (2003). Tal tarefa me parecera, inicialmente, pouco realizável dada à singularidade das obras que eu havia elegido. Empenhei-me por alguns meses em busca tanto de tropos e metáforas em comum bem como de subsídios teóricos que me pudessem apontar caminhos bem sul-africanos para encontrá-los. No decorrer deste trabalho, descobri alguns estudos sul-africanos (JEREMIAH, 2006; AKUJOBI, 2011; SPENCER, 2014) que fazem referências a

uma associação entre a literatura e a maternidade/maternagem na sociedade africana, de um modo geral. Em relação a esta interpretação, apesar de me parecer que ela se aproxima, de certa forma, de minha visão da *função social* da literatura das autoras estudadas, não pretendi em nenhum momento que ela se impusesse como único e predominante viés através do qual os romances pudessem ser lidos, apesar de considerar que estes estudos fazem uma leitura legítima e bem fundamentada.

Também, quero crer que, mais por respeito pelas obras do que por cautela, preferi partir de uma reflexão acerca da metáfora das *home girls*, construída pela crítica para compreender a autoria das escritoras afro-americanas, para pensar que tipo de *girls* apareciam nestas obras e que tipo de *girls* poderiam ser as autoras sul-africanas. Acabei chegando a uma ideia ou metáfora de que tanto estas autoras quanto as representações literárias que trazem em seus romances apontam para identidades de mulheres negras mais fluídas, ‘migratórias’ (DAVIES, 1994) e que chamei, de *world girls*¹⁸.

As *world girls* sul-africanas são sujeitos de fronteiras ou nascidos na *sutura* entre dois mundos, entre Oriente e Ocidente (DE KOCK, 2001). A casa, o lar, a comunidade, tão tradicionalmente importante nas sociedades africanas ou afro-americanas, não parecem mais ser o único espaço em que as mulheres negras podem se encontrar, podem relaxar, e serem elas mesmas ou ainda o lugar em que têm que lutar por respeito e independência. Elas estão no mundo e é nas instabilidades do mundo que elas agora precisam se achar. Se também não há mais o lar idílico, não tem mais ninguém (uma figura materna) orientando, aconselhando: não vá, cuidado, não ultrapasse, faça assim ou aja assado. Então, surgem representações de mulheres com uma espécie de obrigação de não se intimidarem, não ficarem esperando qualquer coisa de outrem, precisam não ter medo e ir à luta e se inventarem sujeitos. Porque a família não é mais idealizada. Porque as mães, mesmo as africanas, não são mais as mesmas que costumavam aparecer na literatura mais canônica (leia-se, de autoria masculina). Nem sempre são mães que estão ali presentes, dando apoio, ou as conhecidas ‘fortes’ mães

¹⁸ Inicialmente, havia pensado em *global girls*. Havia tomado de empréstimo a expressão *global girls* de um projeto internacional cujo objetivo é o empoderamento de meninas e mulheres do mundo todo através de iniciativas de alfabetização e educação, baseado no 3º objetivo de desenvolvimento da ONU para o Milênio que visa promover a igualdade de gênero, o projeto visa encorajar lideranças femininas que possam ser transmitidas geracionalmente. Para maiores informações, ver: <http://www.globalgirlsproject.org/>. Mas dada as diferentes conotações que o termo global possui, resolvi aceitar a sugestão da Profa. Miriam Adelman e adotar a expressão *world girls* para identificar estas autoras, uma vez que o termo *world* alcança a ideia de que se trata de mulheres que vivem experiências, não só locais, mais globais, estando em permanente contato com ideias de diferentes lugares, e ainda mulheres que, de fato, se deslocam geograficamente entre *Norte* e *Sul* com facilidade e constância.

africanas. As mães deixam de ser estereótipos e são múltiplas, complexificadas e também fincadas nas condições sócio-históricas, econômicas e políticas.

Surge, então, a questão de onde as mulheres negras buscarão parâmetros para a construção de identidades femininas mais empoderadas. E é aí que entra a *função social* da literatura das mulheres negras. É preciso lembrar que a literatura escrita por mulheres e, frequentemente, para mulheres, inúmeras vezes, ao longo da história, em diferentes contextos e de autorias variadas, se propôs ao papel de ‘formar’, de ‘informar’ as mulheres sobre sua condição nas sociedades patriarcais e apresentar novos modos de pensar suas posicionalidades. A literatura de Maxine Case e de Zukiswa Wanner também move-se nesta direção, representando as experiências cotidianas de mulheres e, quando falamos em ‘mulheres’ no plural, é porque é uma infinidade de mulheres negras que podem estar aí representadas. Mas fazem mais do que isso. É uma literatura que se oferece não só como espaço de voz, onde as mulheres podem representar as experiências particulares que desejam contar ou inventar para si, mas que se apresenta também como espaço discursivo através do qual as mulheres negras sul-africanas podem oferecer umas às outras representações alternativas para subverterem os discursos hegemônicos que continuam a querer normativizar seus comportamentos, controlar seus corpos e moldar suas identidades sociais.

Faço questão ainda, neste ponto, de esclarecer que não compreendo as obras escritas por essas autoras como sendo simplesmente documentos sociológicos, como o fez muito da recepção crítica das obras literárias de autoria de mulheres negras. Há tempos, nos alertou bell hooks (1990) o quanto de racismo há “quando a negritude é somente associada com a experiência em nível concreto” (HOOKS, 1990, p.625), concebida como não tendo nenhuma conexão com o pensamento abstrato e/ou a produção de teoria crítica. É preciso, segundo ela, que se interrogue constantemente “a ideia de que não há uma conexão significativa entre a experiência negra e o pensamento crítico sobre estética ou cultura”. (HOOKS, 1990, p.625).

As escritoras negras sul-africanas, desde que começaram a escrever e serem publicadas, vêm provando o quanto suas obras são formalmente inovadoras, criativas e variadas e, em muitos casos, audaciosamente pós-modernas. Todavia, apesar de este não ter sido um foco de atenção neste trabalho, foi por todas estas razões que escolhi os romances *All We Have Left Unsaid* de Maxine Case e *The Madams* Zukiswa Wanner. Trata-se de dois romances que dão uma amostra da diversidade de gêneros literários que vêm sendo produzidos pelas escritoras negras do país. O primeiro é um romance em forma de memória cujo tom da narrativa oscila entre melancólico, realista e emotivo, e o outro, um romance popular, político, irônico e engraçado.

Mas tais títulos foram escolhidos, fundamentalmente, porque são obras literárias representativas de um importante momento histórico, social e político da África do Sul. Ao mesmo tempo em que refletem importantes aspectos da sociedade sul-africana contemporânea no que tange, principalmente, às experiências das mulheres negras, com destaque para as desigualdades persistentes no que diz respeito às relações de poder, às condições sociais e econômicas, buscam reverter a precariedade de sua representatividade simbólica. São obras literárias, sem dúvida, merecedoras de serem incluídas nos currículos de ensino de literatura pós-colonial de língua inglesa.

Assim, coloquei-me como objetivo geral, nesta pesquisa, estudar a literatura das mulheres negras sul-africanas para contribuir para o desenvolvimento, dentro das narrativas sociológicas, com noções de sujeito/agência que incluem experiências de mulheres *não brancas* e, ao mesmo tempo, trazer outras literaturas pós-coloniais, de escritoras negras para o conhecimento e o ensino da literatura de língua inglesa no Brasil. Estou, entretanto, utilizando as obras de uma forma sociológica, para falar de mulheres negras sul-africanas que têm um posicionamento próprio que tem a ver com a questão dos novos sujeitos na pós-colonialidade. As mulheres negras também têm tido a história de seu protagonismo ignorada e sua posição como sujeitos subalternos vai ao encontro da própria questão pós-colonial na sociologia.

Minha leitura destas obras aponta na direção de que as mulheres negras sul-africanas não devem esquecer o passado porque as questões raciais não estão nem de longe resolvidas na África do Sul. Mas são elas que vão dizer como querem negociar essa memória em relação às experiências do tempo presente, sempre com vistas a um futuro que as receba em pé de igualdade com os homens e, portanto, em cujo processo de construção elas sejam sujeitos ativos. Desse modo, fazem da lembrança do passado um espaço de construção de novas possibilidades de fala e de identidades sociais mais empoderadas para as mulheres. Portanto, argumento que estas obras diferem das obras escritas pelas escritoras negras que lhes antecederam não só porque, em suas obras, as questões de gênero são tão presentes quanto as questões raciais — porque assim já havia sido com parte da literatura de escritoras como Bessi Head, Miriam Tlali, entre outras — mas porque ao denunciarem a opressão de gênero, oferecem representações de mulheres em busca de autoafirmação, não se submetendo aos ditames sociais e, sim, escolhendo seus próprios caminhos. Não sem angústia, não sem contradições e ambiguidades, mas assumindo todas as consequências que a luta para serem sujeitos de suas histórias implica e cobra.

Entre as inúmeras perguntas que poderiam ser feitas para esta pesquisa, busquei responder as seguintes: quem são as escritoras negras sul-africanas emergentes no pós-

apartheid? Que histórias essas autoras contam sobre o que é ser mulher e ser negra na África do Sul contemporânea? Que experiências de vida estão representadas nas obras no que concerne às relações de poder que envolvem as dimensões de gênero, de classe e raça? O que há de continuidades e descontinuidades nos temas e representações de construção das identidades sociais e culturais das mulheres negras presentes nos romances estudados? Quais os discursos que circulam nas obras de Maxine Case e Zukiswa Wanner acerca da feminilidade e/ou da masculinidade negras na sociedade sul-africana contemporânea? E, finalmente, qual a função social da literatura para essas autoras que podemos depreender através das narrativas?

Abordagem/Metodologia de leituras das obras

Falarmos em metodologia para abordar obras literárias sempre causa certo desconforto, como afirma Durão em *Reflexões sobre a metodologia de pesquisa nos estudos literários* (2015). Mesmo tendo sido esta tese construída a partir do campo da sociologia, a questão de como abordar *metodologicamente* os textos literários para o estudo sociológico a que me dispus não deixou de gerar em mim inseguranças e alguma angústia desde o princípio. No meu caso, em primeiro lugar, por causa da relação ‘emocional’ que sempre tive com a literatura, mas, principalmente, porque desde o momento em que optei por ter como objeto de estudo os romances de escritoras negras sul-africanas pós-apartheid, tive a certeza de que não gostaria de *falar por elas*, mas antes deixá-las falar através de suas obras e que a mim restasse apenas um lugar de *‘tradutora cultural’* de suas ideias, criando espaços onde tais autoras pudessem ser (re)conhecidas e ouvidas¹⁹. Em segundo lugar, porque, dada a natureza do texto literário com seu potencial interpretativo quase que ilimitado, como observa Durão, “Não há uma receita ou fórmula, nada dado de antemão que assegure um ato interpretativo eficaz.” (DURÃO, 2015, p.382).

Ao abordar estas obras a partir de uma situação de pesquisa, de modo inevitável, parti de algumas hipóteses de leitura que foram obviamente influenciadas pelos meus objetivos, mas também por meu conhecimento prévio da literatura de mulheres e da crítica feminista. Entretanto, procurei, tanto quanto possível, manter uma abertura em relação a

¹⁹ Tarefa que, bem ou mal, acredito que pude realizar ao chegar à redação final desta tese, mas que não considero acabada com a conclusão deste doutoramento, uma vez que, como professora universitária, além de trabalhar na divulgação de suas obras através de comunicações em eventos acadêmicos e culturais, da publicação de artigos, pretendo firmemente incluir os estudos de suas obras nos programas de disciplinas a que terei acesso como professora em cursos de graduação e pós-graduação.

minhas proposições, tendo em mente que qualquer hipótese de pesquisa pode vir a ser modificada durante o desenvolvimento da mesma, bem como outras podem ser acrescentadas no decorrer do percurso.

Mas, confesso, que outra razão pela qual me esforcei para que as hipóteses não ocupassem demasiadamente meus pensamentos, pelo menos, durante as primeiras leituras das obras, foi meu próprio envolvimento com a literatura e aquilo que sempre me levou a ela. Ou seja, o desejo sempre de saber o que essas obras poderiam me falar de relevante em relação as minhas experiências presentes. Assim, primeiramente, quis ler os romances de modo despretencioso e descompromissado — até onde, é claro, isso fosse possível nestas circunstâncias. Ao primeiro contato com as narrativas, não quis abrir mão de tudo o que a experiência estética poderia me proporcionar no que diz respeito ao encantamento, aos elementos surpresas, àquilo que ela poderia me ensinar sobre a sociedade sul-africana que eu não teria podido supor e, àquilo que, inevitavelmente, esta literatura poderia me ensinar a mais sobre mim mesma. Isso não quer dizer que em muitos momentos não me tenha flagrado procurando ver nas obras determinadas representações que certamente satisfariam minhas previsões.

Só, então, após idas e vindas, leituras e releituras dos romances, acredito que tenha apurado o meu olhar para os diversos aspectos mais diretamente ligados às representações da construção das identidades culturais e relações sociais de gênero, que inicialmente, me propus a olhar dentro das obras. Delimitei, então, sempre buscando seguir os caminhos apontados pelos próprios textos, algumas categorias que poderiam guiar minha análise e responder minhas perguntas de pesquisa. Desse modo, acredito ter chegado a avaliações das obras que se assemelham sem, no entanto, ter forçado sobre elas uma homogeneização em termos de seus significados e/ou imposto a elas convergências artificiais. Entretanto, em relação aos procedimentos de leitura procurei seguir os mesmos passos e critérios de análise. Também procurei ser justa no que concerne às especificidades de um e de outro romance, de uma e de outra autora, buscando constantemente um equilíbrio na minha avaliação dos significados sociais das obras sem esquecer, porém, o valor e poder estéticos de cada uma.

Tanto na leitura de *All We Have Left Unsaid* quanto de *The Madams* surgiram os temas: a feminilidade, a masculinidade, a relação entre as mulheres, a relação entre homens e mulheres, a relação entre os homens, o casamento, a maternidade, a violência doméstica, o trabalho profissional feminino, a independência financeira, a capacidade de agência das mulheres e sua auto-reflexão e consciência, os quais priorizei na análise. Estes temas, como era de se esperar, sempre apareceram atravessados pelas singularidades da sociedade sul-

africana, principalmente, no que tange às diferenças raciais e de classe. Após determinar tais recortes, procedi leituras mais detalhadas dos romances procurando passagens em que se encontravam as caracterizações mais explícitas desses aspectos e as trouxe para o corpo desta tese na forma de citações. Todavia, sabendo que há sempre um trabalho de interpretação a ser feito para se chegar a um significado, que o significado não está imediata e diretamente explícito no texto, mas é construído na interação com aquele que lê, procurei constantemente entrelaçar os excertos e citações com argumentos que muitas vezes são exteriores às obras, mas que procuram demonstrar a validade de minha leitura. Ainda, reconhecendo que é da natureza do fenômeno linguístico o fato de que o detalhe seja capaz de alterar o todo, ao mesmo tempo, em que ganha seu significado também somente a partir dele, só me resta a esperança de ter podido demonstrar tais relações semânticas, sabendo que minhas leitoras não tiveram ainda a oportunidade de conhecer o todo dessas obras.

Organização da Tese

Esta tese está organizada da seguinte forma: esta introdução, seguida do capítulo 1 - *Sociologia, Feminismo e Literatura*, onde me proponho a delinear as relações entre os três campos teórico-epistemológicos que dialogam nesta pesquisa. O capítulo 2 - *Debates Teóricos sobre Identidade, Raça e Gênero na África do Sul*, que surgiu de minha preocupação em conhecer alguns dos debates contemporâneos sobre *identidade, raça e gênero* no contexto sul-africano para ler as obras de Maxine Case e Zukiswa Wanner. O capítulo 3 – *Cenas Literárias Sul-Africanas e a Escrita em Língua Inglesa das Mulheres Negras*, onde introduzo três recortes teóricos que me parecem bastante fundamentais para pensarmos a literatura de autoria feminina negra sul-africana: a relação entre literatura e política, a relação entre literatura, a história, e a memória do apartheid e, finalmente, relação entre *pertencimento* e as representações de identidade das mulheres negras sul-africanas através da metáfora ‘home’. O capítulo 4 - *Representações em All We Have Left Unsaid* no qual apresento minha análise das representações das relações sociais de gênero na obra de Maxine Case. O capítulo 5 - *The Madams*, no qual apresento minha análise das representações das relações sociais de gênero na obra de Zukiswa Wanner. Fechando o texto da tese, apresento minhas considerações finais. Entretanto, incluo o anexo, *A Literatura em Língua Inglesa de Autoria Feminina Negra da África do Sul*, no qual procurei descrever brevemente a história da literatura das mulheres negras na África do Sul, o que oferece ao público leitor desta tese a oportunidade de situar as

autoras objeto desta pesquisa e suas obras no contexto mais amplo da literatura dessas mulheres.

P.S: A maior parte da bibliografia que utilizei neste estudo, dada a escolha do objeto da pesquisa bem como os temas a ele relacionados, foi originalmente publicada em língua inglesa. Quero deixar claro que isso não significa de minha parte qualquer demérito em relação a estudos realizados no Brasil e/ou a publicações em português, simplesmente, a produção sobre a literatura de mulheres negras sul-africanas, por enquanto, inexistente no país, até onde consegui tomar conhecimento.

CAPÍTULO 1 – SOCIOLOGIA, FEMINISMO E LITERATURA

“Everywhere I go I find a poet has been there before me. “

Sigmund Freud

Introdução

Já se vão boas décadas desde que as fronteiras entre as disciplinas foram questionadas pelas perspectivas teórico-críticas como o feminismo, o pós-estruturalismo e o pós-modernismo. A territorialidade da sociologia dominante e muitos de seus pressupostos clássicos também não deixaram de ser desafiados por tais correntes de pensamento. Ao se oporem a matematização e tecnificação do mundo, estas perspectivas entenderam como arbitrários os limites disciplinares tradicionais e acabaram por borrar e tornar fluídos tais divisões, assumindo um compromisso com a interdisciplinaridade. Convencida de que somente um viés interdisciplinar, constituído pelo imbricamento da sociologia com as teorias feministas e com os estudos de gênero, pode dar conta da análise das obras literárias que são objeto desta pesquisa para observarmos as representações das relações sociais no complexo mundo social contemporâneo da África do Sul, inicio esta tese buscando esclarecer neste primeiro capítulo as relações que se estabelecem entre os três campos de conhecimento que se entrelaçam neste estudo: sociologia, feminismo e literatura.

Este capítulo é subdividido em três discussões principais. Uma que discute a relação entre sociologia e literatura; uma segunda que discute a sociologia e os estudos feministas e de gênero e uma última que discute a literatura e os estudos feministas e de gênero.

1.1 SOCIOLOGIA E LITERATURA

1.1.1 A Relação Histórica entre Sociologia e Literatura

A relação entre sociologia e literatura é uma relação já estabelecida há muito tempo do mesmo modo que a relação da literatura com outras ciências humanas como a filosofia, a história, a psicologia ou a antropologia. Mais antiga enquanto campo disciplinar, a literatura tem servido às ciências humanas de modo amplo e diverso ao longo da história do conhecimento, seja fornecendo imagens que servem para ilustrar teorias, seja para ajudar na

teorização de vários fenômenos sociais e culturais pesquisados nos diferentes campos. É fácil encontrarmos referências a obras literárias em inúmeros pensadores das mais diversas áreas e dos mais diversos períodos. Para citar apenas dois exemplos emblemáticos, lembro, primeiramente, a conhecida afirmação de Sigmund Freud de que foram os poetas e os filósofos que descobriram o inconsciente antes dele, que seu trabalho fora só desenvolver um método através do qual o inconsciente poderia ser estudado, e, em segundo lugar, lembro o quanto me chamou a atenção as várias referências literárias que Frantz Fanon faz em *Pele Negra, Máscaras Brancas* (1952) para ilustrar suas visões acerca das consequências do racismo e do colonialismo para as relações de dominação na modernidade.

Meu interesse em descrever alguns modos de como a sociologia e a literatura se relacionaram e se relacionam parte não só de uma preocupação em justificar a escolha da literatura como objeto de um estudo sociológico, mas também da tentativa de esclarecer como se conjugam os três campos teóricos que embasam minha leitura dos romances estudados. Para isso, trato, inicialmente, nesta seção de discutir o valor da literatura como fonte de estudos sociológicos, resgatando brevemente um pouco da história e dos modos da associação entre sociologia e literatura. A seguir passo a descrever a forma em que as teorias feministas, os estudos de gênero e, também o pós-colonialismo interpelaram tanto a sociologia como os estudos literários, para exigirem a inclusão de um olhar para as categorias de classe, raça e gênero para a compreensão das relações sociais e de poder do mundo social, perspectivas sem as quais muitas análises e estudos acabam por se constituir em visões parciais e limitadas sobre as interações sociais em qualquer sociedade.

O que este estudo defende, portanto, como fundamento teórico para suas análises é uma *teoria social feminista abrangente* que leva em consideração não só o gênero como categoria fundamental para a análise das representações literárias, mas também as *interseccionalidades* das categorias de raça, classe, nacionalidade, entre outras, por isso o Capítulo 2 traz alguns debates sobre teorias raciais e de gênero que vêm sendo feitos no contexto da África do Sul e que dialogam com os feminismos negro e com aquele chamado do Terceiro Mundo, bem como com as teorias pós-colonialistas.

1.1.2 A Sociologia da Literatura – É ou não é disso que se trata?

Apesar de a utilização de textos literários não ser nenhuma novidade em pesquisas sociológicas no Brasil, há muito pouco ou quase nada de historicização e/ou sistematização

sobre a relação entre os dois campos disponível em publicações em português em nosso país. Geralmente, quando se fala na associação entre sociologia e literatura no Brasil, o mais comum é que nossos interlocutores pensem na perspectiva da sociologia da literatura, principalmente aquela desenvolvida pelo sociólogo francês Pierre Bourdieu, uma vez que foi sua obra que ganhou muitas traduções no mercado editorial brasileira já há muitos anos. O caso de Bourdieu ilustra um dos modos através dos quais é comum a sociologia e literatura se relacionarem.

A literatura ocupou um espaço bastante significativo no desenvolvimento da teoria social de Bourdieu. Foi tema de suas reflexões, desde meados da década de 60, e a reunião de suas ideias sobre o assunto se concretizou com a publicação de *As Regras da Arte* (1996) em 1992. Apesar de muito estudado no Brasil, poucos sabem que o próprio conceito-chave de ‘*campo*’ foi desenvolvido por Bourdieu através de seus estudos literários. Conforme nos conta Speller (SPELLER, 2013, p.17), o conceito de ‘*campo*’ foi determinado em suas propriedades iniciais e orientado a suas aplicações futuras através dos estudos que o sociólogo desenvolveu tendo a literatura como objeto.

As contribuições teóricas e metodológicas que Pierre Bourdieu fez aos estudos são de inegável valor. Entre suas contribuições, sempre me interessou a resposta que sua obra deu aos estudiosos e críticos literários que sempre desejaram ver a literatura apartada do mundo social real como se a literatura não fosse uma prática discursiva cultural como qualquer outra que constitui a realidade cotidiana e mundana. Neste ponto, interessa-me destacar a confluência que o pensamento de Bourdieu sobre a literatura e sua função social vem a ter com a crítica literária feminista que, desde seus estudos iniciais, sempre defendeu uma função para literatura que é social e é política.

Porém, como sabemos, tanto a crítica literária feminista como a sociologia foram acusadas pelos ‘homens’ de letras (porque oficialmente eram ‘eles’ que antigamente detinham a autoridade para fazer, opinar sobre, julgar e explicar a literatura) de desvirtuar os estudos literários, não levando em consideração os aspectos artísticos das obras e de ver nas obras somente questões políticas²⁰. Entre os sociólogos, foi Bourdieu quem ousou questionar mais explicitamente o que estava por trás de atitudes como esta:

Por que se faz tanta questão de conferir à obra de arte – e ao conhecimento que ela reclama – essa condição de exceção, senão para atingir um descrédito prévio as tentativas (necessariamente laboriosas e imperfeitas) daqueles que pretendem

²⁰ Voltarei a esta questão mais adiante neste capítulo ao tratar mais especificamente da relação entre feminismo e literatura.

submeter esses produtos da ação humana ao tratamento ordinário da ciência ordinária, e para afirmar a transcendência (espiritual) daqueles que sabem reconhecer-lhe a transcendência? (BOURDIEU, 1996, p.12)

A questão tem a ver com o fato, enfatizado por Bourdieu (2008), de que o papel social da arte está intimamente ligado ao jogo da distinção, isto é, a arte é um dos modos pelos quais as classes sociais e as facções de classe exibem a superioridade de seu gosto.²¹ Na introdução de *‘As Regras da Arte’*, Bourdieu desafiou o posicionamento de acadêmicos dos estudos literários que, segundo ele, queriam proibir “à sociologia todo contato **profanador** com a obra de arte”, conferindo à literatura o que Bourdieu chamou de uma “condição de exceção” (BOURDIEU, 1996, p.12. **Negrito meu**). Ao discutir a resistência dos críticos literários com relação a análises das múltiplas determinações sociais e históricas que fazem os escritores e escritoras e suas obras serem o que são, Bourdieu denunciou a defesa de uma condição *‘inefável’* e *‘transcendente’* inerente à literatura, condição que o sociólogo procurou sempre contestar.

O trabalho de Bourdieu sobre a literatura desenvolveu-se, particularmente, a partir de seu interesse em historicizar a construção da lógica dos valores sociais e, por conseguinte, da formação dos cânones literários. O valor de seus esforços reside não só na influência que teve para a inspiração de inúmeras pesquisas nesta linha, mas, mais importante ainda, como exemplificamos com a sua elaboração do conceito de *campo*, por ter oferecido os recursos conceituais para seu desenvolvimento, e recursos que foram essenciais para a construção de toda sua teoria social posterior.

Seus estudos do campo literário em conjunção com seus conceitos de capital simbólico e capital econômico foram, desse modo, contribuições inestimáveis para a demonstração dos modos através dos quais as distinções culturais são construídas para naturalizarem e reforçarem as hierarquias sociais. Por isso também seu grande interesse no papel da educação como instituição social que contribui para manutenção e perpetuação das estruturas de dominação na sociedade.

Talvez se possa encontrar na intenção de Bourdieu em desmascarar as relações de poder dentro das formações institucionalizadas do campo literário um paralelo com a luta travada pela crítica literária feminista em denunciar também as relações de poder e as condições desiguais a que as mulheres escritoras sempre estiveram submetidas, neste último

²¹ Este é um dos motivos que também determinaram minha escolha pela autoria de mulheres negras. Afinal, às artes das mulheres negras nunca coube lugar de destaque e seus talentos artísticos sempre foram mais invisibilizados. Só mais recentemente, a produção literária de mulheres negras começa a ganhar destaque, mas ainda muito timidamente e em meios acadêmicos e culturais ainda muito restritos.

caso, é claro, relações de poder nascidas, principalmente, dos padrões patriarcais que organizam a sociedade.

Todavia, apesar da perspectiva na qual se desenvolve meu trabalho não negar, de modo algum, a ideia bourdieusiana de que uma análise da obra literária que considere “*as condições sociais da produção e da recepção da obra de arte, longe de a reduzir ou de a destruir, intensifica a experiência literária*” (BOURDIEU, 1996, p.14), o que proponho nesta pesquisa não se configura como uma sociologia da literatura das escritoras negras sul-africanas emergentes. Portanto, não tomo os referentes teóricos e metodológicos de Bourdieu como pressupostos para minha reflexão, uma vez que não tenho como objetivo aquilo que para o sociólogo francês constitui o âmago de uma sociologia da literatura, ou seja, um estudo que abrangeria, no mínimo, três dimensões fundamentais: uma análise do campo literário no 'campo de poder'; um mapeamento das posições dos indivíduos, grupos, e instituições no campo literário e a descrição da gênese do *habitus* dos agentes.

Comparada ao trabalho sociológico da literatura que Bourdieu desenvolveu sobre *A Educação Sentimental* de Gustave Flaubert em *As Regras da Arte*, é fácil notar que esta tese é bem menos ambiciosa. Antes, o que procuro fazer é dar conta dos diferentes níveis de mediação entre o domínio literário e o social, inspirada principalmente na ideia de que é preciso ler os textos literários a partir de uma teoria social feminista para que se possa relacioná-los a movimentos ideológicos de mudança e transformação social. Mais adiante neste capítulo, detalho melhor a perspectiva da autora Rita Felski que embasa parte da discussão que faço sobre a relação entre feminismo e literatura.

Se, de um lado, os sociólogos se autorizam e se outorgam o direito a ter a literatura como objeto de análise a sua própria revelia, a ponto de terem desenvolvido o subcampo específico da sociologia da literatura para estudá-la, de outro os críticos literários sempre lutaram pela manutenção de certa exclusividade no trato com a obra literária enquanto tal, conforme Bourdieu demonstrou e como comprova o esforço de Antônio Cândido em *Literatura e Sociedade* (2000), na qual o crítico procura delimitar o que seria pertinente a uma análise literária e o que seria pertinente a uma análise sociológica da literatura, ao afirmar que:

[...] é preciso estabelecer uma distinção de disciplinas, lembrando que o tratamento *externo* dos fatores *externos* pode ser legítimo quando se trata de sociologia da literatura, pois **esta** não propõe a questão do valor da obra, e pode interessar-se, justamente, por tudo que é condicionamento. (CÂNDIDO, 2000, p.6)

Cândido argumenta ainda a inadequação da sociologia para a leitura das obras literárias ao afirmar que se trata de “uma disciplina [a sociologia] de cunho científico, sem a orientação estética necessariamente assumida pela crítica. ” (op.cit, p.6). Segundo ele, a sociologia não passaria de uma disciplina auxiliar que poderia apenas esclarecer alguns aspectos do fenômeno literário. Entretanto, é o mesmo autor que vai reconhecer mais adiante que traços sociais podem funcionar como fatores “*da própria construção artística*”, sugerindo que “Neste caso, saímos dos aspectos periféricos da sociologia, ou da história sociologicamente orientada, para chegar a uma interpretação estética que assimilou a dimensão social como fator de arte. ” (CÂNDIDO, 2000, p.8). Da breve menção a esta situação, podemos vislumbrar um pouco da complexidade da natureza interdependente da relação entre sociologia e literatura, seja esta relação tratada em dentro dos parâmetros de um campo disciplinar ou do outro.

No entanto, se há alguma confluência no diálogo entre literatura e sociologia é o reconhecimento de que *a literatura é uma prática e um produto social*, e que, portanto, mesmo diferindo em suas teorias, objetivos e métodos, críticos literários e sociólogos hoje concordam que não há como ignorar as dimensões sociológicas para uma compreensão mais adequada das obras literárias. Mas, enquanto críticos literários concentram sua atenção sobre *a criação*, mesmo se olham para a autoria ou para a recepção dos textos literários, os sociólogos da literatura costumam estar mais preocupados com as obras no que concerne a sua produção, distribuição, consumo e possibilidades de existência dentro das instituições sociais que as tornam possível enquanto produtos culturais. As organizações, as normas legais, estratégias de difusão, meios de reconhecimento, hábitos de leitura de grupos sociais particulares ou a relação entre autores individualmente e as circunstâncias socioculturais em que produzem, são todas investigações que são compreendidas como pertencentes ao campo da sociologia da literatura.

Todavia, apesar da relevância da variedade de pontos de vista sob os quais as narrativas literárias têm sido estudadas como fenômenos sociais, há tempos a sociologia da literatura não goza de prestígio entre os pesquisadores e teóricos dos estudos literários, segundo o professor de estudos literários da Universidade da Pensilvânia e editor do *New Literary History*, James F. English. Porém, em *Everywhere and Nowhere: The Sociology of Literature After “the Sociology of Literature”*, English nos afirma que os estudos sociológicos e os literários nunca estiveram tão imbricados e produtores no que concernem a

attempts to connect the core mission of sociology with that of literary studies, articulating in new, more thorough, or more provocative ways the social logic of literary texts and practices and/or the literary forms of literary texts and social practices.²² (ENGLISH, 2010, p. v-vi).

English reconhece também que a “‘sociology of literature’ has always named a polyglot and rather incoherent set of enterprises²³”, que se espalha por tantos domínios e subdomínios separados da pesquisa acadêmica, com uma infinidade de “own distinct agendas of theory and method, that it scarcely even rates the designation of a ‘field’.²⁴ ” (ENGLISH, 2010, p. v).

A pergunta que English se faz no artigo que abre a edição da *New Literary History* especialmente dedicada às ‘Novas Sociologias da Literatura’, acima referido, é a cerca de como podemos compreender o “rapid decline, especially when the evidence suggests that interest in theorizing relationships of literary forms to social forces has grown rather than diminished since the early 1980s.²⁵” (ENGLISH, 2010, p.vii).

Conforme este crítico, o que podemos estar interpretando como um declínio de interesse pela sociologia da literatura pode somente estar camuflando o fato de que a crescente legitimidade institucional deste meio de estudo de literatura pode ela própria sugerir parte da explicação de seu “eclipse terminológico”, ou seja, English avalia que “perhaps it was the triumph^[26] of that approach, the triumph of critical theory and the paradigm of ‘critique’, which permitted the term itself to wither away.²⁷” (ENGLISH, 2010, p.vii).

Para English, o que há é

less need to specify a distinct school or approach called the ‘sociology of literature’ because so many scholars were now, in this very basic sense of the term, sociologists of literature. Wherever they might be located on the map of named and recognized subfields – postcolonial studies, queer theory, new historicism – their shared disciplinary mission was to coordinate the literary with the social: to provide

²² Tradução: “tentativas de conectar a missão essencial da sociologia com aquela dos estudos literários, articulando em novos, mais completos e mais provocativos modos a lógica social dos textos literários e novas práticas de história literária e/ou as formas literárias de textos e práticas sociais.” (ENGLISH, 2010, p. v-vi).

²³ Tradução: “sociologia da literatura sempre denominou um conjunto poliglota e bastante incoerente de empreendimentos.” (ENGLISH, 2010, p. v).

²⁴ Tradução: “agendas próprias e distintas de teorias e metodologias, que raramente recebe a designação de ‘campo’.” (ENGLISH, 2010, p. v).

²⁵ Tradução: “o rápido declínio, especialmente quando a evidência sugere que o interesse em se teorizar sobre as relações das formas literárias com as forças sociais cresceu em vez de diminuir no início dos anos 80.” (ENGLISH, 2010, p.vii).

²⁶ O próprio autor sugere, em seu texto, que há um exagero talvez no seu emprego da palavra ‘triumfo’ para descrever a situação em que se encontram tais correntes de pensamento. E acredito que devemos concordar com ele neste ponto.

²⁷ Tradução: “talvez tenha sido justamente o triunfo desta abordagem, o triunfo da teoria crítica e do paradigma da ‘crítica’, o que permitiu que o termo desaparecesse”. (ENGLISH, 2010, p.vii).

an account of literary texts and practices by references to the social forces of their production, the social meanings of their formal particulars, and the social effects of their circulation and reception.²⁸ (ENGLISH, 2010, p. viii).

Dentro da visão de English, de uma sociologia da literatura que se ramifica e torna-se plural e é abrangente o suficiente para incluir aí os “estudos pós-coloniais, a teoria *queer*, o novo historicismo”, faltando ter incluído aí também as teorias feministas, fica difícil afirmar que esta tese não pertença, então, também ao campo de estudos de uma sociologia da literatura, mesmo estando limitada à análise do texto literário em busca das representações da construção das identidades culturais de classe, raça e gênero através das ações e interações sociais representadas nas narrativas.

1.1.3 A natureza dos textos literários e seu valor sociológico

Narrar é uma atividade fundante para os seres humanos. São as narrativas, de um modo geral, que constroem nossos modelos de pensamento, sendo, portanto, fundamentais para o desenvolvimento de nossas capacidades cognitivas. As histórias que ouvimos desde a mais tenra idade serviram para construir nosso pensamento acerca do mundo e das coisas. Conforme nos lembra Mariano Longo em *Fiction and Social Reality - Literature and Narrative as Sociological Resources* (2015), as narrativas são componentes relevantes dos modelos de pensamento que as pessoas adotam para abordar a realidade, os conceitos que usam para categorizar os fatos e eventos sociais, a tipificação sobre a qual constroem sua explicação do social. (LONGO, 2015, p.1)

Isto por si só justificaria, para este autor, o uso das narrativas como uma fonte documental para a sociologia. Este sociólogo italiano não só defende a utilização da literatura para os estudos sociológicos como procura demonstrar as inúmeras semelhanças entre as narrativas cotidianas, das quais a sociologia, frequentemente, lança mão, e as narrativas literárias.

Os cientistas sociais utilizam rotineiramente, sem qualquer questionamento ou oposição, as narrativas cotidianas para a coleta de dados para suas pesquisas na tentativa de

²⁸ Tradução: “uma necessidade menor de especificar uma escola ou abordagem distinta chamada 'sociologia da literatura' porque muitos acadêmicos literários são hoje, neste sentido básico mesmo do termo, sociólogos da literatura. Onde quer que eles possam estar localizados no mapa de subcampos nomeados e reconhecidos _ os estudos pós-coloniais, a teoria *queer*, o novo historicismo _ sua missão disciplinar compartilhada era coordenar o literário com o social: oferecer uma descrição das práticas e textos literários com referência às forças sociais de sua produção, os significados sociais de seus particulares formais, e os efeitos sociais de sua circulação e recepção.” (ENGLISH, 2010, p. viii).

obterem informações sobre aspectos e detalhes da realidade social estudada que de outro modo não conseguiriam obter ou as obteriam com muita dificuldade. Para isso, desenvolveram várias técnicas e ferramentas metodológicas, que hoje são suficientemente conhecidas e amplamente empregadas, e que vão desde as entrevistas estruturadas e não estruturadas, passando pelo registro de relatos e histórias de vida, e culminam nas observações etnográficas, estas que, por sua vez, fazem um caminho inverso em sua relação com a literatura. Em vez de partir das narrativas para a observação das relações sociais, a etnografia parte da observação *in loco* para construção posterior de textos narrativos sociológicos ou antropológicos que, muitas vezes, compartilham da linguagem e estilos próprios do que entendemos como próprios dos gêneros literários. Porém, se as narrativas cotidianas são profundamente valorizadas e utilizadas pela sociologia e pelas ciências sociais, o uso das narrativas literárias como fonte da investigação social é algo mais complexo e não consensual.

Tendo como objetivo, não uma sociologia da literatura, mas descrever sistematicamente as características específicas das narrativas ficcionais comparando-as às narrativas não ficcionais e explorando o potencial das primeiras como ferramentas para uma compreensão sociológica da realidade, a obra de Longo, *Fiction and Social Reality* nos ajuda a perceber a complexidade e a situação até paradoxal em que nos encontramos ao utilizarmos fontes literárias e, portanto, ficcionais, para compreendermos aspectos não ficcionais do mundo social.

O sociólogo evidencia, entretanto, uma primeira conexão da literatura com a sociologia ao lembrar que um texto narrativo consiste da descrição de ações e que a ação está entre os elementos constitutivos da sociedade. Ele afirma que uma vez que as ações acontecem dentro de ambientes físicos e sociais, as narrativas são capazes de mostrar o jogo entre as intenções individuais e o ambiente no qual as ações acontecem (LONGO, 2015, p.11). É a qualidade cognitiva das narrativas de se constituírem como textos híbridos, empregando outros modos de discursos, mais especificamente a descrição, o que as torna, para Longo, mais relevantes sociologicamente. As narrações não só contam o que aconteceu, mas também contam sempre algo a cerca das características dos atores nela envolvidos e sobre o ambiente social em que se desenvolve a ação. Uma narrativa, afirma Longo, independentemente de seu caráter ficcional, “describes characters, their actions and their

supposed motives, as well as contextual elements (fate, natural events, social opposition) which may prevent individuals from achieving their foreseen ends.²⁹” (LONGO, 2015, p.12).

Na opinião de Longo, é esta capacidade das narrativas de descrever a ação contextualmente que é responsável pela relevância das descrições do ator social para a pesquisa sociológica. Longo toma o trabalho do linguista e analista de discurso holandês, Teun A. Van Dijk (1975/1976), como referência para descrever a natureza da ação que está em jogo nas obras literárias e que pode servir aos interesses dos estudos sociológicos. Em sua perspectiva, este linguista enfatiza a forte interconexão entre ação, tempo e narrativa através de uma definição "geral e filosoficamente orientada" de ação, de um ponto vista conceitual.

Action is to be distinguished from simple doings or involuntary bodily movements, in so far as it is characterized by intentions (motivating our doings) and purposes (broader tasks within which our actions are embedded)³⁰. (VAN DIJK, 1975, p.279-280, apud LONGO, 2105, p.14).

Ou seja, a ação é aquilo que o ator pratica intencionalmente com vistas a atingir um estado de coisas tendo finalidades específicas, conforme Van Dijk (1975, apud LONGO, 2015, p.13).

Um ponto importante que Longo destaca é o fato de que tanto as teorias da ação filosóficas quanto as teorias sociológicas da ação introduzem a dimensão subjetiva da intencionalidade e finalidade, demonstrando a complexidade das ações humanas e distinguindo-as de mero comportamento.

An intentional act entails not only a change in state (from stage X to stage y), it also implicates a series of internal states (wishes, wants, fears, etc) which became relevant as soon as one moves from the actual level of empirical facts to the linguistic level of action description.³¹ (LONGO, 2015, p.14)

As narrativas são, portanto, descrições de ações que levam em consideração as intenções, os desejos, os estados emocionais, e toda uma gama de motivos que podem ser

²⁹ Tradução: “descreve personagens, suas ações e seus supostos motivos, bem como, os elementos contextuais onde a trama se desenvolve (o destino, os eventos naturais, as forças sociais opostas) que podem prevenir que os indivíduos atinjam seus objetivos.” (LONGO, 2015, p.12)

³⁰ Tradução: “A ação se distingue de simples afazeres ou movimentos corporais involuntários na medida em que é caracterizada por intenções (motivando nossos fazeres) e finalidades (tarefas mais amplas dentro das quais nossas ações estão inseridas).” (VAN DIJK, 1975, p.279-280, apud LONGO, 2105, p.14).

³¹ Tradução: “Um ato intencional implica não só uma mudança de estado (de um estágio X para um Y), ele implica também uma série de estados internos (desejos, querer, medos, etc) que se tornam relevantes logo que alguém se move de um nível real de fatos empíricos para o nível linguístico da descrição da ação.” (LONGO, 2015, p.14)

evocados para explicar a dimensão subjetiva de que é feita, segundo Van Dijk (1975, pp.282-283, apud LONGO, p.14).

A relevância sociológica do discurso narrativo reside justamente na referência ao elemento subjetivo a que este modo de discurso nos dá acesso. Na medida em que as narrativas descrevem não só as ações, mas também os motivos individuais e subjetivos que subjazem a elas, “each narration is an attempt (naïve or sophisticated, depending on the author or the context) to understand action **from the perspective of the actor**.³²” (LONGO, 2015, p.14. Negritos meus.) Fato que interessa substancialmente ao feminismo, por exemplo.

Portanto, as razões pelas quais tanto as histórias cotidianas como as ficcionais devem interessar os estudos sociológicos consistem no fato de que, primeiramente, permitem acesso privilegiado à subjetividade do ator social, nos deixando conhecer suas ideias, valores e seus modos subjetivos de representar a realidade em que se inserem. Em segundo lugar, auxiliam os sociólogos a definirem as dimensões sociais da narrativa, que são determinadas culturalmente; e finalmente, conforme as próprias palavras de Longo, “they contribute to a better knowledge of how a social actor strategically adapts a story to produce a socially adequate presentation of his self and actions.³³” (LONGO, 2015, p.2).

À parte estimularem a sociabilidade por si só, Longo resume a três as funções principais das narrativas e histórias que contamos. Primeiro, ao localizarem eventos dentro de uma sequência logicamente coerente, *servem como ferramentas úteis para disseminar informações*. Longo não cansa de nos lembrar do fato de que muito do que conhecemos do mundo provém das narrativas que ouvimos. Em segundo lugar, as histórias, cotidianas ou ficcionais, funcionam como *reforço de valores, fornecendo às pessoas modelos de comportamento para serem copiados ou evitados* e, finalmente, *fornecem ainda meios para que os atores sociais justifiquem suas ações, negociem o significado de suas interações, com vistas a prever suas atividades e objetivos futuros*.

Dessa maneira, ao mesmo tempo em que ordenam e interconectam eventos, as narrativas oferecem esquemas para a qualificação das ações bem como um discurso através do qual os atores podem legitimar suas ações, seja em consonância ou não com os valores sociais e culturais estabelecidos.

³² Tradução: “cada narração é uma tentativa (ingênua ou sofisticada, dependendo do autor e do contexto) de compreender a ação da **perspectiva do ator**. ” (LONGO, 2015, p.14. Negrito meu.).

³³ Tradução: “elas contribuem para um melhor conhecimento de como um ator social adapta estrategicamente uma história para produzir uma apresentação socialmente adequada de seu eu e suas ações. ” (LONGO, 2015, p.2).

Como bem lembra Longo, considerar a literatura *fonte de dados* para os estudos sociológicos e não como *campo de investigação*, que sempre foi o enfoque da sociologia da literatura mais tradicional, nos obriga a encarar a relação entre sociologia e literatura de outra perspectiva, que também não deixa de ser bastante complexa. Para os defensores da utilização da literatura como fonte para os estudos sociológicos, as narrativas literárias podem fornecer *insights* sobre as profundas interconexões entre eventos, motivações psicológicas e ações, de modos, como já mencionei, que outras fontes de dados sociológicas não conseguiriam. É uma visão da literatura como sendo majoritariamente capaz de descrever e compreender a realidade, desde as mais discretas características psicológicas das personagens, as características de uma época ou o meio social específico em que elas estão inseridas, podendo ainda antecipar tendências, transformações e mudanças sociais. (LONGO, 2015, p.4).

Já aqueles que resistem a aceitar a literatura como fonte para a sociologia argumentam, primeiramente, que às narrativas literárias falta o caráter básico necessário que as validaria para tal, uma vez que não são capazes de fazer referência a algo fora delas mesma, ou seja, ao mundo social externo. Faltar-lhes-ia o caráter de verdade. (LONGO, 2015, p. 5). No entanto, este tipo de raciocínio revela certa ingenuidade na medida em que pressupõe que as narrativas não ficcionais ou cotidianas, por exemplo, sejam capazes de reproduzir fielmente a realidade, atitude, muitas vezes, comum entre pesquisadores que tendem a confiar acritica e demasiadamente na veracidade das narrativas cotidianas ou que esquecem que a linguagem também constrói ‘realidades’.

As palavras de Longo não deixam dúvida sobre a necessidade de não nos deixarmos enganar por abordagens metodológicas simplistas e simplificadoras quando se trata de utilizar obras literárias como fontes sociológicas.

At a deeper inspection, the emphasis on narratives as a privileged access to the personal **authentic** representation of reality of the self seems methodologically misplaced (Atkinson, 1997). When adopting story telling as a privileged way to understand reality, a social scientist may take a naïve attitude, overrating the capacity of narration to accede the **true** essence of the actor's personal experience, his actions and the motives justifying it. A more sophisticated approach assumes that **narratives are not faithful mirrors of reality**, but instruments by which reality is represented and rationalized (Atkinson, 1997; Atkinson & Delamont, 2006): by narrating, an actor makes his personal experiences plausible for himself and other fellow people, giving it a social meaning.³⁴ (LONGO, 2015, p.5. Negritos meus.)

³⁴ Tradução: “Em uma inspeção mais profunda, a ênfase nas narrativas como acesso privilegiado a representação pessoal **autêntica** da realidade ou do eu parece metodologicamente mal colocada (Atkinson, 1997). Quando adota a história como modo privilegiado de compreensão da realidade, um cientista social pode ter uma atitude ingênua, supervalorizando a capacidade da narração de aceder à essência **verdadeira** da experiência pessoal do ator, a suas ações e motivos que se justificam. Uma abordagem mais sofisticada assume que **as narrativas não são espelhos fiéis da realidade**, mas ferramentas pelas quais a realidade é representada e racionalizada

Esta passagem nos remete também ao fato de que o que caracteriza as narrativas não é seu caráter de verossimilhança, mas de artificialidade. Assim, é preciso não esquecer que as narrativas feitas por atores sociais reais são também sempre seletivas no sentido que os sujeitos sempre escolhem o quê e como contar, o que destacar e o que não. Portanto, não devemos nos guiar pela crença inocente de que as narrativas devam ser construções *fiéis e verdadeiras* da realidade, ilusão positivista que nos foi longamente inculcada, mas, ao invés disso, devemos reconhecer que as narrativas, sejam elas ficcionais ou não ficcionais, são sempre construções artificiais da realidade, cujo potencial cognitivo, nas palavras de Longo, repousa em sua capacidade para *construir* verossimilhança.

Mais do que ser uma maneira de relatar fatos, as narrativas são modos de cognição e construção da realidade e, portanto, é só deixando de dar tanta importância à questão da *veracidade* que as narrativas literárias passam a mostrar seu valor para a sociologia. Ao nos auxiliarem a dar ordem aos eventos, ao estabelecer relações temporais, causais ou inter-relações entre diferentes aspectos de nossas experiências, organizando-os, de modo geral, em enredos coerentes, as narrativas, cotidianas ou literárias, nos ajudam a dar sentido à realidade, e a compreender, muitas vezes, o caos de nossas experiências.

Podemos concluir, então, que mesmo não se tratando de descrições identificáveis com referência ao mundo social real, as narrativas literárias são documentos culturais suficientemente ricos para que sejam deixados de lado como fontes de informação para os estudos sociológicos. É isso que o sociólogo brasileiro Richard Miskolci também reconhece em seu artigo *Uma Outra Compreensão da Realidade*, publicado no dossiê *Literatura e Experiência*, da Revista Cult (203, ano 18), em julho de 2015.

Segundo Miskolci, “acompanhar a história de uma personagem é também uma forma de conhecer sua sociedade. ” (MISKOLCI, 2015, p.28). Para o sociólogo, as obras literárias podem nos ajudar a entender melhor “as feridas e as fissuras da vida social”. Miskolci lembra que as pesquisas e tratados teóricos das ciências sociais inclinam-se para uma “redução do social ao empírico objetivável” enquanto os textos literários se orientam a partir da “subjetividade para entender o mundo pela sensibilidade. ” (MISKOLCI, 2015, p.28). Destacando que a literatura trabalha com a história através da memória e da experiência, Miskolci afirma que não se trata de julgar se uma forma de conhecer é melhor do que a outra, mas de “reconhecer a particularidade de cada uma” delas.

(Atkinson, 1997): ao narrar, o ator torna suas experiências pessoais plausíveis para ele mesmo e para seus pares, atribuindo a elas um significado social. ” (LONGO, 2015, p.5. Negritos meus.)

Miskolci sugere ainda que, apesar de toda literatura permitir a compreensão da vida social, existem obras que se prestam melhor às finalidades dos estudos sociológicos, mas que a escolha de quais obras melhor expandem “a compreensão sobre um tema ou problemática coletiva” é um “desafio que tende a ser encarado de forma situada por cada pesquisador/a”. Para ele,

A relevância e até mesmo a centralidade da literatura para as pesquisas histórico-sociológicas depende do fenômeno estudado e **tende a ser maior nos casos das diferenças sociais como as de gênero, sexualidade e raça/etnia**, pois essas tenderam a ser menos registradas nos arquivos hegemônicos e tampouco são reconhecidas nas análises sociais e históricas – ao menos até recentemente – hegemônicas. (MISKOLCI, 20115, p.32. Negritos meus.)

Entretanto, para o sociólogo, não basta somente resgatarmos as experiências sociais dos grupos subalternizados para que um estudo sociológico que tenha como fonte a literatura seja válido. Inspirado na ideia de Joan W. Scott de que “não são os sujeitos que têm experiências, mas sim as experiências que formam os sujeitos” (SCOTT, apud MISKOLCI, 2015, p.32), Miskolci adverte que somente a visibilização dessas experiências não passaria de um exercício tautológico e defende que haja, então, uma reconstituição das experiências que formaram os sujeitos objetos do estudo através do levantamento das condições coletivas, históricas e culturais que os subalternizaram.

Finalmente, destaco ainda a preocupação de Miskolci em nos alertar que:

Toda literatura permite compreender a vida social, mas há obras e vertentes literárias com essa ambição e interesse e outras que exigem explorar sociológica e historicamente **as pistas** que trazem sobre aspectos de nossa sociedade. (MISKOLCI, 2015, p.31. Negrito meu.)

Se a sociologia não foi ingênua a ponto de desprezar as narrativas literárias, como atesta a rica história desta relação, resta-nos ainda lembrar que para considerarmos as narrativas literárias sociologicamente válidas, é preciso que nos distancieemos de uma concepção de sociologia que tenha como objetivo apenas o conhecimento quantitativo dos fenômenos sociais. A literatura, de fato, só nos poderá fornecer insights relevantes sobre o mundo social se concebemos a sociologia como um instrumento para dar sentido à ação e à interação humanas e aos modos pelos quais as limitações sociais condicionam nossos objetivos, sentimentos e motivações. (LONGO, 2015, p.123).

1.1.4 Literatura como Teoria Social

Entre os usos da literatura pelos estudos sociológicos, há uma perspectiva que vai além de reconhecer as narrativas literárias como fontes sociologicamente desejáveis para se comprovar ou negar teorias já formuladas, conforme discute Longo (2015). Alguns sociólogos, como Kuzmics (2001) ou McHoul (1988) acreditam que a boa ficção é também uma teoria social por si só, porque é capaz de oferecer através de um ponto de vista privilegiado uma representação teórica do mundo social. Kuzmics, por exemplo, acredita que as escritoras e escritores são dotados de uma teoria social implícita quando descrevem aspectos da sociedade. Quando se refere às obras literárias para representar a realidade de um ponto de vista teórico, o sociólogo depende para isso da ou do romancista como um tipo de “coautor”. Para ele, a interpretação teórica a que o cientista social chega “é o resultado de esforços combinados de ambos o romancista e o sociólogo.” (Kuzmics, apud LONGO, 2015, p.123)

Isto significa que um sociólogo pode recorrer a uma narrativa literária como uma teoria social. Longo conclui que esta abordagem exige que se negue a distinção entre *atos* e *ficção*, ao mesmo tempo em que questiona a ideia de que os fatos concernem à sociologia enquanto a imaginação concerne à ficção. Segundo McHoul, citado por Longo (2015, p.123), esta separação foi “historically determined and has legitimized the sociological use of literary works as sources of data, to analysed from the objective standpoint of the sociology of literature.”³⁵(LONGO, 2015, p.123. Negrito meu). O que, neste caso, implicaria que “fictional meanings are, as it were, the premise for a sociological reinterpretation, which assumes the conceptual tools of the discipline to explain literary works as social facts.”³⁶ (LONGO, 2015, p.123).

A proposta de McHoul, porém, se apresenta como alternativa a esta na medida em que não se baseia na oposição tradicional entre *objetividade* x *imaginação* ou sociologia x literatura. O que ele faz é conceber a ficção como um modo de entender aspectos do mundo

³⁵ Tradução: “historicamente determinada e legitimada pelo uso sociológico das obras literárias como fontes de dados, para serem analisados pelo ponto de vista **objetivo** da sociologia da literatura.” (LONGO, 2015, p.123. Negrito meu).

³⁶ Tradução: “os significados ficcionais são, como eram, a premissa para uma reinterpretação sociológica, que assume as ferramentas conceituais da disciplina para explicar as obras literárias como fatos sociais.” (LONGO, 2015, p.123).

que contém “a latent theoretical understanding of society and social phenomena.”³⁷” (McHOUL, apud LONGO, p.123).

Longo, por sua vez, considera válida a proposta de McHoul de tratar a literatura como uma forma de conhecimento sociológico por si mesma em vez de como “The mere embellishment of sociological texts.”³⁸”, ressaltando que há aí, então, uma visão da (o) romancista (o) não como uma teórica social intuitiva, se não como uma socióloga por direito. Entretanto, ao discutir *como* a sociologia, enquanto uma forma de discurso, pode se apropriar da ficção e converter seus significados em conhecimento sociológico, o sociólogo afirma que será preciso, primeiramente, converter a linguagem das narrativas literárias na linguagem das ciências sociais. (LONGO, 2015, p.142). Isto significa para ele *negar* a multiplicidade e a complexidade de sentidos que é característica dos textos literários.

When adopting literature as a source, sociologists must negate the complexity of meaning in the selected literary texts, choose an interpretive strategy and make it plausible by translating the narrative into the terminology and logic of the discipline. Once assumed as sociological material, a literary narrative has, as it were, to be subordinated to sociological interpretation, **the direct consequence of this operation being the reduction of the multi-layered character of a literary text to the more limited scope of univocal sociological discourse.**³⁹ (CRAIB, 1974, p.326, citado por LONGO, 2015, p.142. Negritos meus.)

Desse modo, para Longo, sempre que a sociologia utilizar a literatura como material de pesquisa, um processo *seletivo* e *reduutivo* estará em andamento. (LONGO, 2015, p.145). Concordo parcialmente com Longo neste aspecto, uma vez que não acredito que outros tipos de análise de literatura não reduzam também, de um modo ou de outro, o potencial significativo das obras.

No caso da sociologia, para Longo, este processo seletivo é caracterizado por uma duplicidade e consiste em se pensar quais obras deverão ser selecionadas para exemplificar ou conceitos sociológicos específicos ou aspectos específicos da realidade social, e quais passagens, personagens ou eventos presentes nas narrativas literárias serão destacados como relevantes para a discussão dos tópicos estudados. Não se trata, porém, de uma seleção

³⁷ Tradução: “uma compreensão teórica latente da sociedade e dos fenômenos sociais.” (McHOUL, apud LONGO, 2015, p.123).

³⁸ Tradução: “o mero embelezador dos textos sociológicos.” (McHOUL, apud LONGO, 2015, p.123).

³⁹ Tradução: “Quando se adota a literatura como uma fonte, os sociólogos precisam negar a complexidade dos significados nos textos literários selecionados, escolher uma estratégia interpretativa e torná-la plausível, traduzindo a narrativa na terminologia e na lógica da disciplina. Uma vez que se assume a literatura como material sociológico, uma narrativa literária tem que ser subordinada à interpretação sociológica, **a consequência direta desta operação sendo a redução do caráter polissêmico do texto literário em direção a um escopo mais limitado do discurso sociológico unívoco.**” (CRAIB, citado por LONGO, 2015, p.142. Negritos meus).

arbitrária. Na opinião de Longo, tal seleção deve estar relacionada a características específicas das fontes literárias. Conforme ele explica:

This selective and interpretative process is necessarily parasitic: a sociologist selects, from the infinite number of possible interpretations, one which is compatible with his cognitive tasks as well as with sociological concepts and categories. A new sociological meaning is given to the text which, by reducing the complexity of the literary narrative, converts artistic relevances into sociological ones. The literary material is, for the most part, treated as a collateral support for the sociological reasoning.⁴⁰ (LONGO, 2015, p.145).

Nos estudos sociológicos que tomam a literatura como material de análise, a ficcionalidade das obras literárias não é importante, mas sim a sua capacidade de, em situações onde a observação direta não é possível, retratar aspectos do mundo social, porque suas representações são compatíveis com os significados compartilhados pelos atores sociais em sua vida e mundo cotidianos.

Finalmente, ao concluir que a literatura e a sociologia não são dois mundos separados e desconectados, mas “two complementary forms of reality-understanding” e, simultaneamente, “two distinct artificialities”, “two highly, technical ways of representing reality⁴¹” (LONGO, 2015, p.147), o pensamento do sociólogo aproxima-se às ideias de Rita Felski sobre a relação entre a literatura e o mundo social que são discutidas no item **1.3.1**.

Sem querer esgotar aqui a discussão sobre as relações entre a sociologia e a literatura, encerro esta seção lembrando mais uma vez que narrar é também reproduzir a realidade social, reforçar valores e padrões de comportamento ou contestá-los. Longo nos ajuda a ver ainda que as narrativas literárias não somente criam mundos ficcionais únicos a partir de categorias já socialmente disponíveis, mas também criam categorias próprias que, por sua vez, tornam-se, então, disponíveis para uso social indeterminado. Além disso, as narrativas literárias têm o potencial para “detect the relevance of themes and questions which are not yet on the social agenda.⁴²” (LONGO, 2015, p.6)⁴³. Capacidade que me interessa, particularmente, ao eleger como objeto de estudo a escrita de mulheres sul-africanas, *negras*,

⁴⁰ Tradução: “Este processo seletivo e interpretativo é necessariamente parasita: um sociólogo seleciona, de um número infinito de interpretações possíveis, uma que é compatível com suas tarefas cognitivas tanto quanto com as categorias e os conceitos sociológicos. Um novo significado sociológico é atribuído ao texto que, ao reduzir a complexidade da narrativa literária, converte as relevâncias artísticas em sociológicas. O material literário é, na sua maior parte, tratado como um suporte colateral para a argumentação sociológica.” (LONGO, 2015, p.145).

⁴¹ Tradução: “duas formas complementares de compreensão da realidade” ; “duas artificialidades distintas, dois modos altamente técnicos de representar a realidade” (LONGO, 2015, p.147)

⁴² Tradução: “detectar a relevância de temas e questões que ainda não fazem parte da agenda social.” (LONGO, 2015, p.6).

⁴³ Esta ideia de Mariano Longo pode ser melhor compreendida a partir do conceito de estrutura de sentimento de Raymond Williams que apresentei na introdução desta tese.

uma vez que suas obras trazem justamente questões que preocupam as mulheres na contemporaneidade e representações alternativas de identidades sociais em que se possam espelhar para um futuro mais emancipador.

Em seguida, passo, então, a discutir a relação entre sociologia e feminismo.

1.2 A SOCIOLOGIA E OS ESTUDOS FEMINISTAS E DE GÊNERO

A transcendência dos limites entre as disciplinas sempre foi característica do feminismo. Isto claramente se explica se consideramos suas preocupações e finalidades político-ideológicas. O feminismo tinha mesmo que se intrometer onde não era chamado não só para denunciar a parcialidade dos paradigmas ocidentais que fundamentaram a construção do conhecimento científico e acadêmico, mas também para tentar transformar os campos teóricos e institucionais que foram construídos com base em modelos excludentes de pensamento. Os paradigmas dominantes de uma ciência abstrata e desincorporada, a ideia de objetividade científica, as dicotomias cultura x natureza, razão x emoção entre outras, a ideia da diferença ‘natural’ entre homens e mulheres dada pela biologia, a concepção do sujeito cartesiano/racional, são alguns exemplos de paradigmas que as teorias feministas ajudaram a colocar abaixo. As teóricas feministas questionaram as bases epistemológicas que configuraram o campo das Ciências Sociais e a sociologia também não foi poupada.

1.2.1 Modernidade, Sociologia e Gênero

A sociologia sempre teve na modernidade um de seus conceitos basilares, porque nasceu dela e para falar dela, como já observei. Mas a disciplina viu-se obrigada a mudanças e teve (e não teve, simultaneamente) seu campo teórico e metodológico influenciado pelas novas formas de pensar das teorias feministas e também das teorias pós-coloniais que, entre outras exigências, forçaram a visualização e o reconhecimento dos novos sujeitos _ mulheres, pessoas negras, gays e lésbicas, e as pessoas do chamado Terceiro Mundo_ que se colocaram em evidência, principalmente, a partir dos movimentos sociais que caracterizaram o final dos anos 60.

O trabalho da socióloga Miriam Adelman, *A Voz e a Escuta – Encontros e Desencontros entre a Teoria Feminista e a Sociologia Contemporânea* é um dos raros estudos no Brasil que procura mostrar como isso se deu. Entre os aspectos discutidos por Adelman,

destaca-se a imposição de uma reavaliação da *sociologia como narrativa da modernidade*⁴⁴. Adelman inspira-se na revisão do conceito de modernidade proposto pela crítica literária feminista Rita Felski que, em sua obra *The Gender of Modernity* (1995), questiona as teorias existentes da história cultural e literária, revelando o quanto as questões de gênero foram por elas excluídas. Felski procura demonstrar que o feminismo que sempre criticou o conceito do moderno, tem sido também profundamente influenciado por ele, e ainda como as lutas pela emancipação das mulheres estão entrelaçadas de modos complexos aos processos de modernização.

Women's lives have been radically transformed by such quintessentially modern phenomena as industrialization, urbanization, the advent of the nuclear family new forms of time-space regulation, and the development of mass media. In this sense there can be no separate sphere of women's history outside the prevailing structures and logics of modernity. At the same time, women have experienced these changes in gender-specific ways that have been further fractured, not only by the oft-cited hierarchies of class, race and sexuality but by their various and overlapping identities and practices as consumers, mothers, workers, artists, lovers, activists, readers, and so on.⁴⁵ (FELSKI, 1995, p.21)

Felski defende que a modernidade não pode ser reduzida a um significado único e à lógica histórica. Ela prefere uma abordagem de multiperspectivas das políticas culturais da modernidade. Sua escolha, explica ela, decorre de considerações antes pragmáticas do que filosóficas, porque, em suas palavras

Abstracts philosophical theories of the modern are of little use to a feminist analysis, insofar as they tend to subsume women within a single unilinear logic of history or else to position them outside of modern discourses and institutions in a zone of ahistorical, asymbolic otherness. They are thus unable to illuminate women's complex and changing relationships to the diverse political, philosophical, and cultural legacies of modernity, a question, it need hardly be pointed out, that retains a continuing and urgent relevance in our time.⁴⁶ (FELSKI, 1995, p.8)

⁴⁴ A revisão do conceito de modernidade Rita Felski encontra-se tanto em *The Gender of Modernity* (1995) quanto em *Doing Time – Feminist theory and postmodern culture* (2000).

⁴⁵ Tradução: “as vidas das mulheres foram radicalmente transformadas por tais fenômenos quintessencialmente modernos como a industrialização, a urbanização, o advento da família nuclear, as novas formas de regulação tempo-espço, e o desenvolvimento dos meios de comunicação de massa. Desta perspectiva, não pode haver esferas separadas da história das mulheres fora das estruturas dominantes e da lógica da modernidade. Ao mesmo tempo, as mulheres experienciaram estas mudanças de modos especificamente genericados que foram posteriormente fraturados, não somente por hierarquias muito citadas de classe, raça, e sexualidade, mas por suas identidades sobrepostas e práticas variadas, como consumidoras, mães, trabalhadoras, artistas, amantes, ativistas, leitoras, entre outras. (FELSKI, 1995, p.21).

⁴⁶ Tradução: “Teorias filosóficas abstratas do moderno são de pouca *serventia* para uma análise feminista, na medida em que elas ou resumem as mulheres a uma lógica única e unilinear da história ou ainda as posicionam fora dos discursos e instituições modernas em uma zona de alteridade ahistórica e assimbólica. Elas são assim incapazes de iluminar as relações complexas e dinâmicas das mulheres com os diversos legados culturais, filosóficos e políticos da modernidade, uma questão que, não deveria ser necessário apontar, retém uma relevância contínua e urgente em nossa época. (FELSKI, 1995, p.8).

Adelman reitera a necessidade de *uma releitura da própria modernidade* e, conseqüentemente, *do pensamento binário* que a caracterizou a partir do reconhecimento da categoria de gênero. Para Adelman,

o surgimento do conceito de gênero marca exatamente um novo momento na teorização do social ... é um momento radical, uma *ruptura epistemológica* na medida que representa um momento a partir do qual *tudo muda* e nada pode ter exatamente o mesmo sentido de antes. (ADELMAN, 2009, p.182).

Entretanto, apesar de tal importância, podemos concluir do trabalho de Adelman que a sociologia fez/faz *ouvidos moucos* em relação ao mais essencial de ser revisto nos fundamentos da disciplina. A socióloga corrobora a ideia de Thorne e Stacey que afirmam que a incorporação do conceito de gênero pela sociologia se fez através de “mecanismos de contenção” (THORNE & STACEY, 1985, apud ADELMAN, 2009, p.133), ao alocar, por exemplo, as discussões que envolvem a dimensão de gênero para espaços específicos e restritos ou adotando a categoria somente como uma variável descritiva a mais, sem que tenha havido qualquer tentativa de reformulação dos próprios pressupostos teóricos da disciplina. Advertência também feita por Griselda Pollock que mencionei na introdução desta tese.

Conforme também destacado por Adelman, o questionamento sobre a natureza do conceito de poder foi outra relevante contribuição trazida pela teoria feminista que, baseada nas teorias foucaultianas do poder, denunciou e demonstrou que as relações de gênero são atravessadas por relações de poder que, por sua vez, permeiam todas as práticas sociais sejam elas próprias da esfera pública ou da esfera privada. Adelman esclarece como e onde a visão feminista do poder impacta as teorias sociais, ao afirmar que a categoria de gênero

tem também uma participação fundamental na revisão metodológica e filosófica fundamental do próprio conceito de poder ao insistir, entre outras coisas, nas conexões entre o micro e o macro e público e privado, assim como ao demonstrar que o poder se produz por meio da constituição das subjetividades humanas (e de sujeitos ‘marcados como homens e mulheres’; Flax, 2001) e que quaisquer tentativas de fincar o poder numa única instância ‘determinante’ _ como é o papel comumente atribuído às relações econômicas _ é profundamente reducionista. (ADELMAN, p.196)

O trabalho de Adelman traz ainda uma importante análise do potencial transformador e enriquecedor da perspectiva da teoria pós-colonial para as teorias sociais. O pós-colonialismo é sem dúvida uma das vertentes da teoria social contemporânea que coloca em xeque fundamentalmente as relações de poder e, conforme Adelman, por permitir uma revisão

da história das sociedades modernas, conferindo “um novo status epistemológico à categoria de ‘relações raciais’”. Seguindo Stuart Hall, a autora reafirma que as categorias de *raça*, *classe* e *gênero* “se imbricam nos diversos aspectos da produção da sociedade moderna.” E conclui que a incorporação desses conceitos possibilita a reinserção ou reconhecimento da “contribuição histórica dos grupos excluídos ou marginalizados pelos discursos convencionais e ainda, de certa forma, hegemônicos.” (ADELMAN, 2009, p.204), que é o caso aqui quando pensamos o campo literário sul-africano e a produção literária das mulheres negras na sociedade sul-africana contemporânea.

Após ter me sido apresentado por Adelman, o olhar oferecido por Felski em *The Gender of Modernity* (1995) passou a exercer forte influência teórica em minhas reflexões sobre os fenômenos sociais e, por conseguinte, na leitura dos romances que aqui apresento. A originalidade do trabalho de Felski não está somente em afirmar que as meta-teorias sociais e culturais haviam ‘esquecido’ a generificação dos processos históricos, ignorando os “encontros distintamente femininos com as várias facetas do moderno”, conforme Felski. (FELSKI, 1995, 21). Sua singularidade reside na demonstração de como muitas representações dominantes da feminilidade moderna foram moldadas pelo olhar e preocupações da fantasia masculina e não devem ingenuamente ser lidas como representações ‘verdadeiras’ da experiência das mulheres.

Entretanto, ao reler o moderno através das lentes da teoria feminista, ela não argumenta a favor do que chama de “um contradomínio de feminilidade autêntica” que estaria em algum lugar, fora de tais representações e das lógicas institucionais e textuais do moderno, esperando para ser resgatado. Ao contrário, Felski mostra que esta nostalgia por uma feminilidade ‘essencial’ é ela própria resultado dos esquemas dualísticos modernos que colocam a mulher como “o Outro inefável além dos limites de uma ordem simbólica e social masculina.” (FELSKI, 1995, p.21).

O que Felski revela são “alguns dos diferentes modos em que as mulheres se inspiraram, contestaram, ou reformularam as representações de gênero e a modernidade, compreendendo sua própria posição dentro da sociedade e da história.” (FELSKI, 1995, p.21). Felski afirma que a experiência das mulheres é constituída através de múltiplos fatores e acontecimentos construídos através das “tecnologias de gênero” (LAURETIS, 1987, apud FELSKI, 1995, p.21) de culturas e períodos particulares e que “tal entendimento da história como um decreto situa a feminilidade em suas múltiplas, diversas, mas determinadas articulações, que são elas mesmas entrecruzadas por outras lógicas e hierarquias culturais de poder.”

A relevância da categoria analítica do moderno para as teorias feministas tem, para Felski, dois motivos principais. Primeiramente, a ideia do moderno serve para chamar nossa atenção para os processos de longa duração de mudança social, para as interconexões multidimensionais e ainda frequentemente sistemáticas entre uma variedade de estruturas econômicas, políticas e culturais. Serve ainda para avaliar o impacto diferenciador, desigual e frequentemente contraditório que tais processos exercem sobre grupos sociais específicos. Investigação que é tarefa central para a teoria feminista, segundo Felski. Em segundo lugar, o fato do moderno saturar os discursos, as imagens, e as narrativas do final do século XIX e início do século XX, época, nas palavras de Felski, “profundamente moldada pela lógica da periodização” e ainda “pela tentativa de situar a vida e a experiência individuais em relação a padrões históricos mais amplos e a narrativas abrangentes de inovação e declínio” revela que

‘Modernity’ thus refers not simply to a substantive range of sociohistorical phenomena _ capitalism, bureaucracy, technological development, and so on _ but above all to particular (though often contradictory) experiences of temporality and historical consciousness.⁴⁷. (FELSKI, 1995, p.9).

O que torna a abordagem de Rita Felski útil para o presente estudo é seu interesse explicitamente feminista de estabelecer conexões entre os discursos e as ideias por um lado e os sistemas de poder por outro e o fato de sua metodologia abordar a questão do gênero e da modernidade através de um conjunto de textos que abarcando, primordialmente, obras literárias, inclui outros gêneros textuais que articulam também, ainda que de modos diferentes, olhares e reações a problemáticas dos fenômenos sociais que estão entrelaçados fundamentalmente com as representações do feminino, entre os quais a teoria sociológica.

A seguir passo a discutir mais profundamente alguns aspectos importantes da relação entre a literatura e os estudos feministas e de gênero, procurando destacar o fato de que tanto a crítica literária feminista como muito da literatura escrita por mulheres reconheceram os imbricamentos das dimensões sociais e políticas das obras literárias.

1.3 A LITERATURA E OS ESTUDOS FEMINISTAS E DE GÊNERO

No início de *Literature after Feminism*, Rita Felski (2003) define literatura da seguinte forma:

⁴⁷ Tradução: “‘modernidade’ assim se refere não simplesmente a um conjunto substancial de fenômenos sociais _ capitalismo, burocracia, desenvolvimento tecnológico, entre outros _ mas acima de tudo a experiências específicas (apesar de frequentemente contraditórias) de temporalidade e de consciência histórica.” (FELSKI, 1995, p.9).

Literature is one of the cultural languages through which we make sense of the world; it helps to create our sense of reality rather than simply reflecting it. At the same time, it also draws on, echoes, modifies, and bounces off our other frameworks of sense-making. **No text is an island.**⁴⁸ (FELSKI, 2003, p.13. Negritos meus).

Mais de uma década antes, em *Beyond Feminist Aesthetics: feminist literature and social change* (FELSKI, 1989), esta mesma autora afirmava:

Literature does not merely constitute a self-referential and metalinguistic system, as some literary theorists appear to believe, but is also a medium which can profoundly influence individual and cultural self-understanding in the sphere of everyday life, charting the changing preoccupation of social groups through symbolic fictions by means of which they make sense of experience.⁴⁹ (FELSKI, 1989, p.7)

De acordo com Felski (2003, p.14), pelo menos, parte importante da crítica literária tradicional reconheceu o entrelaçamento entre a escrita literária e o mundo social, afora apenas pelo curto intervalo em que a Nova Crítica e o Formalismo prevaleceram. (FELSKI, 2003, p.163).

Em sua obra, Rita Felski (1989, 2000, 2003) defende que o feminismo também transformou não só os modos de compreendermos a literatura, mas a própria visão do *que é literatura*, desafiando o que se entende por ‘boa’ literatura, questionando, por exemplo, os critérios de estabelecimento do cânone literário. O feminismo sendo um movimento essencialmente político oferece uma ampla revisão conceitual, metodológica e prática para leitura de obras literárias sejam elas de autoria feminina ou masculina. Entrelaçando teoria e uma extensa série de exemplos literários, a autora demonstra, mais especificamente em ‘*Literature After Feminism*’ (2003), como é possível prestar atenção ao político sem negligenciar a dimensão estética e formal das obras. Sua busca, como a de muitas outras críticas literárias feministas, é por meios de criar e avaliar a arte reconhecendo simultaneamente ambas as dimensões.

A categoria de gênero insere uma dimensão essencial na produção artística, que envolve o autor e seu público, as imagens e uma ampla gama de representações do corpo, da

⁴⁸ Tradução: “A literatura é uma das linguagens culturais através da qual nós compreendemos o mundo; ela auxilia a criação de nosso sentido da realidade em vez de simplesmente refleti-la. Simultaneamente, explora, modifica, e faz surgir outros quadros referenciais de compreensão de sentidos. **Nenhum texto é uma ilha.**” (FELSKI, 2003, p.13. Negritos meus.)

⁴⁹ Tradução: “A literatura não só constitui um sistema meramente metalinguístico e auto-referencial, como alguns teóricos parecem acreditar, mas é também um meio que pode influenciar profundamente a auto-compreensão individual e cultural na esfera do cotidiano, mapeando as preocupações cambiantes dos grupos sociais através de ficções simbólicas pelas quais eles compreendem a experiência.” (FELSKI, 1989, p.7).

sexualidade, das experiências e locações específicas de gênero, como estes foram sendo historicamente determinados, rompendo as fronteiras dos domínios disciplinares e experimentais. Pois, o gênero é, ao mesmo tempo, social, cultural, e uma categoria histórica, com suas dimensões antropológica, psicológica e política. O texto, ao incorporar o gênero, incorpora necessariamente as localizações sociais, históricas e materiais, os paradigmas culturais, tanto quanto as normas e configurações éticas e políticas. (FELSKI, 1989).

Não há, por conseguinte, como não concordarmos com Felski quando afirma que, minimamente “toda literatura é sobre gênero”, uma vez que “lida com pessoas que são ou homens ou mulheres”. Mesmo reconhecendo que pode haver exceções em obras *avant-garde*, Rita Felski argumenta que “uma grande quantidade de literatura é ‘sobre’ gênero em um modo muito mais deliberado e em um sentido muito autoconsciente”. (FELSKI, 2003, p.11). Mas, parece importante trazer para esta discussão, como esclarecimento, outra advertência de Felski em relação ao antigo debate sobre a argumentação de uma estética feminista ou *écriture féminine*. A autora nos previne que:

To simply read literary texts in terms of their fidelity to a pre-given notion of female experience or feminist ideology is in effect to deny any specificity to literary language and meaning, rendering literature redundant by reducing it to a purely documentary function as a more or less accurate reproduction of an already existing and unproblematically conceived political reality.⁵⁰ (FELSKI, 1989, p.8).

Por conseguinte, no que diz respeito às relações entre gênero e linguagem, é necessário constantemente reconhecermos que esta relação

is determined not by the repressive nature of language as such, by the structures of power, exemplified in institutional frameworks which serve to legitimate and to privilege certain forms of discourse traditionally reserved for men (public speaking, academic writing, literature). The nature and degree of exclusion within existing discourse practices is thus not invariable, resulting from abstract psychosexual antagonisms, but contingent, revealing significant differences according to cultural and historical context.⁵¹ (FELSKI, 1989, p. 62).

⁵⁰ Tradução: “simplesmente ler os textos literários em termos de sua fidelidade a uma noção pré-concebida da experiência feminina ou da ideologia feminina é na realidade negar qualquer especificidade da linguagem e dos significados literários, tornando a literatura redundante ao reduzi-la à função puramente documental como uma reprodução mais ou menos precisa de uma realidade política já pré-existente e não problemática.” (FELSKI, 1989, p.8).

⁵¹ Tradução: “é determinada não pela natureza repressiva da linguagem como tal, mas pelas estruturas de poder, exemplificadas nas estruturas institucionais que servem para legitimar e privilegiar certas formas de discursos tradicionalmente reservados aos homens (o discurso público, o texto acadêmico, a literatura). A natureza e o grau de exclusão feminina dentro das práticas discursivas são assim não invariáveis, resultado de antagonismos, mas, contingentes, revelando diferenças significativas de acordo com o contexto histórico e cultural.” (FELSKI, 1989, p. 62).

Felski alerta que tentar separar a literatura do mundo social é uma tarefa sisífica uma vez que podemos dizer que a literatura é ‘o avesso e o direito’ simultaneamente. Parodiando Felski, não se trata de um “**ou** isto **ou** aquilo”, mas de um “isso e aquilo”. Esclarece a teórica que, apesar de a literatura ter “uma de suas faces voltada para a história das convenções, dos símbolos, das regras de gêneros textuais e estilos de linguagem” que a criam _ sendo, neste sentido, a arte “relativamente autônoma” e, por esta razão, nunca podendo ser equiparada à realidade simplesmente _, “ainda assim, a literatura está saturada de significados sociais” (FELSKI, 2003, p.12).

Mesmo não havendo uma correlação direta entre a ficção e o mundo social, as narrativas podem ser profundamente reveladoras no que diz respeito ao ‘imaginário social’, ou, como explica Felski, “dos quadros de referência simbólica da representação através dos quais os significados culturais são produzidos e disseminados. ” (FELSKI, 1989, p.126). Desse modo, é preciso reconhecer que antes de tudo a literatura é uma das linguagens culturais através da qual nós percebemos o mundo e não uma mera representação do mesmo.

Ainda se compreendemos que a obra literária utiliza os mesmos mecanismos referenciais da linguagem não ficcional para a construção de mundos ficcionais, entendemos que a literatura fala do mundo social, tornando-a um *locus* privilegiado para as políticas emancipatórias feministas, que é o que move nosso interesse nesta perspectiva de estudos.

1.4 O FEMINISMO, OS ESTUDOS CULTURAIS E A LITERATURA

Os campos dos estudos literários, do feminismo e dos estudos culturais se entrelaçam claramente neste estudo. O feminismo e os estudos culturais se influenciaram e se modificaram mutuamente de modos variados e trouxeram enormes contribuições para diversas outras áreas de estudo como os estudos literários e a própria sociologia. Nesta seção, me interessa particularmente lembrar que as intervenções do feminismo foram cruciais para mudanças paradigmáticas tanto para os estudos literários quanto para os estudos culturais. Do mesmo modo que os estudos culturais revolucionaram os estudos literários, o feminismo revolucionou também os estudos culturais.

Os estudos culturais, juntamente com o feminismo, foram que iniciaram as maiores revoluções nos estudos sobre a relação entre sociedade e cultura, arte e política, e conhecimento e poder. Alicerçados sobre um conceito mais abrangente de cultura que enfatiza as práticas sociais e desloca o sentido delimitado pela ideia de nação, substituindo-o pela

cultura de grupos sociais, os estudos culturais centralizam seus objetivos sobre a compreensão de “como a cultura de um grupo, e inicialmente das classes populares, funciona como contestação da ordem social ou, contrariamente, como modo de adesão às relações de poder” (MATTELART & NEVEU, 2004, p.13-14), marcando, assim, explicitamente a dimensão política de suas preocupações. O feminismo revoluciona com suas convicções acerca da necessidade de se incluir o gênero como categoria de análise para se pensar os mais diversos aspectos da constituição das sociedades, bem como, das consequências de sermos “formados e produzidos como sujeitos generificados” (HALL, 2005, p.45).

Porque trato neste estudo especificamente da literatura escrita por mulheres **negras** sul-africanas, o aspecto político da visão de cultura trazida pelos dos estudos culturais que me interessa diz respeito ao fato de que, conforme explica Maria Elisa Cevasco,

Trata-se de uma visão de cultura inseparável de uma visão social radical e que exige uma ética de responsabilidade comum, participação democrática de todos em todos os níveis da vida social e **acesso igualitário às formas e meios de criação cultural**. (CEVASCO, 2003, p.139. Negritos meus).

Os estudos culturais revolucionaram o conceito de ‘cultura’, partindo da ideia de Raymond Williams, um de seus maiores representantes, de que não se pode separar a cultura das demais atividades humanas. Dessa perspectiva, sem desprezar as obras de arte legitimadas na alta Cultura, Williams defenderá a cultura ordinária, o comum, aquilo que pertence a todos e é produzido por todos. Esta visão desconstrói a tradicional distinção modernista entre cultura erudita e cultura popular na medida em que considera que todos os fenômenos e produtos criados por uma comunidade têm a capacidade de significar e resignificar os processos sociais que permeiam tal comunidade. Do mesmo modo que a arte, a cultura “é agora redefinida como apenas **uma** forma especial de processo social geral” (HALL, 2003, p.127. Negrito meu).

Os estudos culturais abarcam os estudos literários, mas redirecionando o foco de atenção do objeto literário para as condições da prática literária, revendo, então, seus modos de análise. Influenciados pelo materialismo cultural, os estudos culturais não consideram os produtos culturais como ‘objetos’ e, sim, como ‘práticas sociais’, reconhecendo neles o potencial de produção e reprodução de valores, o que fará com que “ao fazer análise literária, os procedimentos dos estudos da cultura vão indagar as condições de possibilidades históricas e sociais de considerar este tipo de composição como literatura, e vão observar as condições de uma prática.” (CEVASCO, 2003, p.149).

Em relação aos estudos literários, os estudos culturais vêm colocar duas questões que aqui me interessam, particularmente: a problematização do cânone literário, há tempos também discutida pela crítica feminista, e a questão dos modos de análise da literatura. É sabido que os textos literários que eram privilegiados pelo cânone eram, em sua grande maioria, escritos por homens brancos e expressavam os interesses e valores de sua classe e grupo social, frequentemente desprezando e/ou excluindo a escrita das chamadas minorias como a das mulheres, dos negros, dos gays, entre outros grupos marginalizados, que tanto os estudos culturais como o feminismo vêm com força impor. Os próprios critérios e estratégias de análise literária não favoreciam a inclusão de textos que tratavam de outros sujeitos, outros valores e interesses sob outras formas que não aqueles já reconhecidos pelo campo. A partir do momento em que o cânone literário é colocado em xeque, a visibilidade para a escrita dos, até então, excluídos se torna possível. E isso deve, na minha opinião, continuar a interessar as estudiosas feministas nas mais diversas áreas do conhecimento.

Mas, se os estudos literários costumavam extrair os textos a serem analisados de seu contexto sócio-histórico e escolhiam se concentrar apenas em sua forma e no funcionamento interno dos textos, os estudos culturais inserem métodos de análise que obrigam a inserção das obras na história para procurar compreender de que maneira os textos expressam os valores e as preocupações da ordem social de onde se originam.

Outro ponto importante trazido pelos estudos culturais diz respeito a sua preocupação em relação aos efeitos da cultura sobre os sujeitos, ou seja, é o reconhecimento de que os produtos e práticas culturais são responsáveis por moldar os modos como os indivíduos compreendem o mundo social e/ou formam o ‘senso comum’. Desta perspectiva, a cultura é também responsável por produzir tanto a ‘hegemonia’ como os sujeitos assujeitados aos discursos hegemônicos, demonstrando como é na intersecção de múltiplas ideologias/discursos, potencialmente contraditórios, que o sujeito surge, o que torna a estabilidade de sua subjetividade extremamente precária.

Entretanto, a hegemonia só existe também em um campo bastante instável uma vez que as forças sociais e históricas são sempre cambiantes, o que a obriga a transformar constantemente suas práticas para manter seu controle, produzindo novas formas de cultura que a sustentem. Seu controle, portanto, nunca é absoluto, mas pode ser questionado, subvertido e/ou destruído por produtos e práticas culturais contra-hegemônicas. Mas não só a produção cultural pode ser hegemônica ou contra-hegemônica ou, ainda, ser constituída por aspectos dos dois tipos, mas a própria recepção dos produtos culturais (como por exemplo, os romances aqui analisados), por serem sempre de natureza intertextual e, portanto,

polissêmicos, podem ser lidos por diferentes públicos de diferentes pontos de vista, dependendo dos interesses e/ou posicionalidades de onde tal recepção é realizada. É isso também que me autoriza a possibilidade de ler as obras de Case e Wanner como feministas, por exemplo.

Os estudos culturais passaram por diversas transformações desde sua academização quando da fundação do *Centre for Contemporary Cultural Studies* (CCCS), na Universidade de Birmingham, em 1964. Como nos lembra Stuart Hall, a primeira abordagem dos estudos culturais foi ‘culturalista’ e destacava a agência de indivíduos que operam dentro de contextos culturais particulares. Em *Estudos Culturais – Dois Paradigmas* (2006), Hall explica que o paradigma dominante desta vertente

se opõe ao papel residual e de mero reflexo atribuído ao ‘cultural’. Em suas várias formas, **ele conceitua cultura** como algo que se entrelaça a todas as práticas sociais; e essas práticas, por sua vez, como uma forma comum de atividade humana: como práxis sensual humana, como **a atividade através da qual homens e mulheres fazem a história**. (HALL, 2006, p.133).

O paradigma *culturalista* se opõe, assim, ao modelo do marxismo clássico do esquema “base-superestrutura de formulação da relação entre as forças ideais e materiais, especialmente onde a base é definida como determinação pelo ‘econômico’, em um sentido simples” (HALL, 2006, p. 133), que pouco espaço deixaria à capacidade de agência.

Nos anos setenta, aí já sob a influência das teorias francesas, os estudos culturais tornam-se mais ‘estruturalistas’, enfatizando como macro e micro-estruturas de uma sociedade, incluindo suas ideologias e discursos, restringem a autonomia individual. No entanto, até os anos 80, os estudos culturais se preocupavam principalmente com a cultura da classe trabalhadora branca, raramente interrogando o racismo ou o sexismo daquela cultura ou levantando questões que envolviam raça e/ou gênero.

Como claramente explicita Hall, apesar do compromisso dos estudos culturais com análises de como o poder é exercido e com os desempoderados, os estudiosos da Escola de Birmingham não foram visivelmente acolhedores às mulheres em geral e às críticas feministas. (HALL, 2006, p.197). O próprio teórico, por ocasião da entrada das feministas e suas questões no *Centre for Contemporary Cultural Studies* se confessou surpreendido ao ver como as relações de poder eram generificadas:

Abriamos a porta aos estudos feministas, como bons homens transformados. E mesmo assim, quando o feminismo arrombou a janela, todas as resistências, por mais insuspeitas que fossem, vieram à tona – o poder patriarcal plenamente

instalado, que acreditara ter-se desautorizado a si próprio. Aqui não há líderes, dizíamos naqueles tempos; estamos todos, estudantes e corpo docente, unidos na aprendizagem da prática dos estudos culturais. Todo mundo é livre para decidir o que bem entender etc. E, todavia, quando se chegava à questão da leitura curricular... Foi precisamente aí que descobri a natureza sexuada do poder. (HALL, 2006, p.197).

Mesmo assim, como descreve o teórico jamaicano, o feminismo “chegou como um ladrão à noite, invadiu; interrompeu, fez um barulho inconveniente, aproveitou o momento, cagou na mesa dos estudos culturais. ” (HALL, 2006, p.196). Mas porque trouxe contribuições inegáveis, ele acabou não sendo mais expulso.

É no texto *Estudos Culturais e seu Legado Teórico* que Stuart Hall descreve o importante papel que o feminismo exerceu dentro dos estudos culturais, reconhecendo que “a intervenção do feminismo foi específica e decisiva para os estudos culturais (bem como para muitos outros projetos teóricos). Introduziu uma ruptura. Reorganizou o campo de maneiras muito concretas. ” (HALL, 2006, p.196). Entre as ‘perturbações’ feitas pela crítica feminista, Hall destaca o caráter “completamente revolucionário em termos teóricos e práticos” do lema feminista “o pessoal é político” que trouxe consequências inclusive para “a mudança do objeto de estudo nos estudos culturais”. (HALL, 2006, p.196).

Também a reconceitualização feminista do poder como operando tanto na esfera privada quanto na esfera pública significou que os estudos culturais tiveram que repensar sua compreensão de como a hegemonia era assegurada e exercida. Foi a introdução das questões de gênero e sexualidade para a compreensão do próprio poder o ponto de intervenção do feminismo que mais trouxe desdobramentos para revisões dentro do campo dos estudos culturais. O feminismo empurrou os estudos culturais para a “área perigosa do subjetivo e do sujeito”, conforme Stuart Hall:

Ele [o feminismo] enfatizou, como uma questão política e social, o tema da forma como somos formados e produzidos como sujeitos generificados. Isto é, ele politizou a subjetividade, a identidade e o processo de identificação (como homens/mulheres, mães/pais, filhos/filhas). (HALL, 2005, p.45).

Finalmente, os esforços dos estudos culturais para abordar essas questões também obrigaram os estudiosos a repensar a relação entre a sociedade e a psique e a confrontar a questão de como os estudos culturais poderiam melhor se apropriar das percepções da psicanálise. Este último incômodo imposto aos estudos culturais pelo feminismo é visto da seguinte forma por Stuart Hall:

a reabertura da ‘fronteira fechada’ entre a teoria social e a teoria do inconsciente _ a psicanálise. É difícil descrever a importância da abertura desse novo continente nos estudos culturais, definida pelo relacionamento _ ou antes aquilo que Jacqueline Rose chamou de ‘relações instáveis’ _ entre o feminismo, a psicanálise e os estudos culturais. (HALL, 2006, p. 196).

Desse modo, podemos dizer que, graças às intervenções feministas, os estudos culturais nos anos 1990 foram fortemente influenciados pelas questões relacionadas à construção das identidades e subjetividades.

1.5 FEMINISMO E PÓS-COLONIALISMO - EPISTEMOLOGIAS DA ALTERIDADE

O pós-colonialismo será um dos ‘pós’ que mais dialogará com as teorias feministas, principalmente com aquelas de cunho perspectivista, como as identificadas como *Feminismo Negro* e o assim chamado *Feminismo do Terceiro Mundo*, feminismos não brancos que questionaram a unicidade do sujeito do feminismo que se construiu sobre a exclusão da existente diversidade de outras experiências de mulheres. São vários os pontos comuns entre o pós-colonialismo e o feminismo, incluindo aí temas estudados, suas naturezas multidisciplinares e preocupações em comum, como, por exemplo, o fato de ambos terem como um de seus pilares de análise um olhar aguçado para os contextos históricos e as localizações geopolíticas em que se situam os sujeitos e/ou objetos de seus estudos.

Como já se tornou praxe nas correntes de pensamento, o pós-colonial também não se restringe a uma única perspectiva teórica, sendo, um termo que é ainda capaz de gerar polêmicas. Entretanto, suas variadas orientações compartilham uma característica comum, neste caso: “o esforço de esboçar, pelo método da desconstrução dos essencialismos, uma referência epistemológica crítica às concepções dominantes de modernidade. ” (COSTA, 2006, p.83). Assim, resumida por Sergio Costa, a finalidade dos estudos pós-coloniais não deixa de coincidir com a agenda dos estudos feministas.

O mesmo podemos concluir ao lermos o trecho inicial, popularmente citado, de *O Pós-colonial e o Pós-moderno – A Questão da Agência* (2007) de Homi Bhabha.

A crítica pós-colonial testemunha as forças desiguais da representação cultural envolvidas na competição pela autoridade social e política dentro da ordem do mundo moderno. As perspectivas pós-coloniais emergem do testemunho colonial dos países do Terceiro Mundo e dos discursos das 'minorias' dentro das divisões geopolíticas de Leste e Oeste, do Norte e do Sul. Elas intervêm naqueles discursos ideológicos da modernidade que tentam dar uma 'normalidade' hegemônica ao

desenvolvimento irregular e às histórias diferenciadas de nações, raças, comunidades e povos. Elas formulam suas revisões críticas em torno de questões de diferença cultural, autoridade social e discriminação política a fim de revelar os momentos antagônicos e ambivalentes no interior das 'racionalizações' da modernidade. (BHABHA, 2007, p.239).

Trata-se de uma visão de *pós-colonial* que não está atrelada necessariamente a uma noção de posterioridade em relação a histórias de dominação política e econômica entre nações, mesmo porque como é sabido as localidades podem ser pós-coloniais de diferentes maneiras.

Stuart Hall afirma, em *Quando foi o Pós-colonial? Pensando no Limite*, que a visão do pós-colonial como uma forma de periodização conserva certa *ambiguidade* na medida em que identifica o momento posterior à descolonização como momento crítico para um deslocamento nas relações globais, mas também se oferece como “outra narrativa alternativa, destacando conjunturas-chave àquelas incrustadas na narrativa clássica da modernidade.” (HALL, 2006, p.106). No pós-colonialismo de Hall, a colonização é “um amplo evento de ruptura histórico-mundial” que se refere à colonização como “algo mais do que o domínio direto de certas regiões do mundo pelas potências imperiais.” (HALL, 2006, p.106). É também uma renarração da “‘estória’ da modernidade capitalista de seu centramento europeu para suas ‘periferias’ dispersas em todo o globo”, é “uma reformulação retrospectiva da modernidade no interior de uma estrutura de ‘globalização’, em todas as suas formas de ruptura e em todos os seus momentos”, o que implicaria uma interrupção crítica na narrativa historiográfica que teria reservado à “dimensão global uma presença subordinada em uma história que poderia ser contada a partir do interior de seus parâmetros europeus.” (HALL, 2006, p.106).

Desse modo, podemos concluir com Adelman (2009), que

A teoria pós-colonial é, ao lado da teoria feminista, um campo de estudos que lança **um novo olhar sobre as sociedades modernas**. Ela trabalha, de forma parecida com a teoria feminista, a partir de **uma ‘epistemologia da alteridade’: o resgate das experiências invisibilizadas, silenciadas ou construídas como um Outro da modernidade ocidental**. As novas categorias que sugere e a forma pela qual propõe uma revisão das categorias clássicas [...] cruzam constantemente com as da teoria feminista e dos estudos de gênero, **permitindo** a mais plena realização da tarefa citada acima, ou seja, **da construção de uma teoria feminista capaz de lançar luz sobre as experiências históricas divergentes e diversas**. (ADELMAN, 2009, p.198-199. Negritos meus.)

Adelman também nos explica que

se a invisibilização da contribuição feminina à modernidade pode ser considerada uma armadilha do poder e de seus discursos, também as relações de dominação colonial produzem um discurso da *alteridade absoluta* dos ‘não brancos’ ou ‘não ocidentais’ que perde de vista o processo relacional, a constituição recíproca dos grupos que interagem. (ADELMAN, 2009, p.202)

Dentro ainda do que Adelman nos oferece para reflexão acerca dos ganhos que podemos ter ao associarmos os campos da teoria feminista e com a pós-colonial, acredito que seja importante destacar a possibilidade de desconstrução do pensamento binário através do questionamento da própria categoria do Outro. Conforme ela sugere, “como a alteridade absoluta foi produzida a partir da ótica dos que dominam, nosso uso da categoria do Outro precisa ser *desconstrutivo*”. Em vez de se “conservar a Mulher como ‘alteridade absoluta’ ” ou conservar os não ocidentais como “o ‘Outro exótico’ ”, como, infelizmente, ainda acontece muito, Adelman propõe que procuremos destacar

as experiências diferentes mas plurais dos ‘novos sujeitos’ (novos, é claro, em termos de reconhecimento recente pelo mainstream, que é diferente de sua longa participação histórica) e o caráter relacional e não oposicional do conceito de alteridade. (ADELMAN, 2009, p.202)

Todos os pontos destacados acima demonstram que as perspectivas pós-coloniais servem aos estudos feministas porque, como afirma Rita Felski (2000, p.127), ampliam a questão da ‘diferença’, oferecendo uma alternativa para que o feminismo possa escapar do impasse entre o risco da universalização e essencialização da categoria ‘mulher’, por um lado, e o vazio da dessubstancialização pós-estruturalista do sujeito, dessubstancialização que poderia ameaçar não só o teor político do movimento, mas a possibilidade do desenvolvimento de políticas públicas concretas para a transformação social.

Conforme denunciaram várias teóricas pós-coloniais (ANG, 1995; MOHANTY, 1984, apud FELSKI, 2000, p.125-126, BRAH, 1996), o feminismo branco se apropriou da ‘diferença’ de modo imperialista e “‘dealt with’ by absorbing it into the already existing feminist community without challenging the naturalised legitimacy and status of that community *as a community*.⁵²” (ANG, 1995, apud FELSKI, 2000, p.126). Assim, na medida em que “as visões de uma experiência feminina comum tornaram-se insustentável para o feminismo”, a mudança para uma política de diversidade só pode se apresentar como solução se encarar as desigualdades entre as mulheres em relação ao acesso ao poder, ao

⁵² Tradução: “lida com a ‘diferença’ absorvendo-a em uma comunidade feminista já existente sem desafiar a legitimidade naturalizada e o status daquela comunidade *como comunidade*”. (ANG, 1995, apud FELSKI, 2000, p.126).

conhecimento, e aos recursos materiais, desigualdades que foram resultantes de um desenvolvimento histórico global dos últimos 500 anos de hegemonia branca, ocidental, e colonialista que forçou a expansão da modernidade do capitalismo europeu por todo o mundo, submetendo os ‘outros’ povos a sua lógica econômica, política e ideológica e seus modos de operação. (FELSKI, 2000, p.126).

É de uma visão mais abrangente do pós-colonial, como a que Felski descreve, que alia uma análise pós-colonial de desigualdade a uma crítica desconstrutiva de identidade, que os estudos feministas e de gênero podem se beneficiar porque esta é uma perspectiva que

refuses to separate gender from other social determinants, including the distinct if overlapping axes of race and class, and frequently looks at questions of difference in material and institutional as well as linguistic and cultural terms.⁵³ (FELSKI, 2000, p.127).

Duas observações em relação à pertinência do enfoque feminista pós-colonial para os estudos da/na e sobre África do Sul merecem ainda ser mencionadas. A primeira é que, como lembra Felski, a visão pós-colonial revela

an ongoing tension between the particular and the general, between the ‘thick description’ of cultural practices that remains faithful to how particular individuals see themselves, and the ‘big picture’ of transnational structures of inequality that requires a more distanced perspective.⁵⁴ (FELSKI, 2000, p.126-127).

A segunda observação diz respeito ao fato de que o poder da diferença é qualificado (FELSKI, 2000, p.131). Trata-se, portanto, de mostrar o porquê de uma diferença específica ser relevante ou não em um contexto mais amplo. Parece-me que é justamente isto que as feministas sul-africanas estão dizendo quando não admitem a separação e/ou hierarquização das categorias constitutivas de identidade de raça, classe e gênero, e que foram e são, frequente e facilmente, convertidas em categorias de opressão na sociedade sul-africana de ontem e de hoje.

O pensamento de Felski harmoniza-se com a ideia de Chandra Talpade Mohanty de que o desafio da raça reside em uma reconceitualização radical de nossas categorias de análise de modo que as diferenças possam ser historicamente especificadas e compreendidas como

⁵³ Tradução: “recusa a separação do gênero de outros determinantes sociais, incluindo os eixos distintos e sobrepostos de raça e classe, e frequentemente olha para as questões de diferença em termos materiais e institucionais bem como em termos culturais e linguísticos.” (FELSKI, 2000, p.127).

⁵⁴ Tradução: “uma tensão contínua entre o particular e o geral, entre a ‘descrição densa’ das práticas culturais que permanecem fiéis a como os indivíduos particulares se veem, e a ‘grande figura’ das estruturas transnacionais de desigualdade que requerem uma perspectiva mais distanciada.” (FELSKI, 2000, p.126-127).

parte de processos e sistemas políticos mais amplos. (MOHANTY, 1990). A questão não é só de reconhecimento da diferença. O tipo de diferença reconhecida e com a qual nos engajamos tem uma significância fundamental para a descolonização das práticas sociais, culturais e políticas.

Finalmente, não posso deixar de incluir aqui mais um aspecto das teorias pós-coloniais que Felski destaca: o fato de que muitas teóricas pós-coloniais afirmaram que “nativist visions of racial or cultural difference do not make much sense in na era of pervasive migration, media globalization, and transnational informtaion flow⁵⁵” (FELSKI, 2000, p. 127). Isto porque, como explica a teórica,

The insurgent voices of the colonized are shaped by the experience of colonization; the colonizer's culture is irrevocably altered by the contact with the native. As a result, a view of distinct, singular, and homogenous groupings gives way to a model of *métissage*, of borrowing and lending across porous cultural boundaries.⁵⁶ (FELSKI, 200, p. 127)

As ideias de hibridismo, creolização, e mestiçagem parecem, sem idealizações, segundo ela mesma declara, “como a alternativa mais viável da *doxa* da diferença”. Para ela, esta ‘impureza’ cultural é “o pano de fundo de todas as lutas contemporâneas — incluindo as lutas por autodeterminação e autonomia cultural — em um contexto global de troca cultural voluntária e involuntária. ” (FELSKI, 2000, p.129).

É a lógica do *tanto isso quanto aquilo* do hibridismo e da mestiçagem pós-coloniais que, quero acreditar, sustenta meu olhar para as autoras sul-africanas e suas obras. Porque é preciso procurar reconhecer as diferenças dentro de um mesmo indivíduo, sem medo de fazer explodir as noções holísticas de identidade, e sem medo de encarar suas complexidades, mas simultaneamente tentar enxergar as conexões e afiliações entre esses sujeitos. Assim, ao mesmo tempo em que leio as obras de Maxine Case e Zukiswa Wanner em busca de suas semelhanças que as possam caracterizar como ‘literatura de mulheres negras pós-apartheid’ — porque não reconhecer as semelhanças pode ser tão prejudicial quanto não reconhecer as diferenças — procuro não deixar de reconhecer a singularidade de suas identidades culturais, subjetividades, bem como de seus projetos literários.

⁵⁵ Tradução: “visões nativistas da diferença racial ou cultural não fazem muito sentido em uma era de migração penetrante, de globalização da mídia e de fluxo de informação transnacional”. (FELSKI, 2000, p. 127).

⁵⁶ Tradução: “As vozes insurgentes do colonizado são moldadas pela experiência da colonização; a cultura do colonizador é irrevogavelmente alterada pelo contato com o nativo. Como resultado, uma visão de agrupamentos distintos, singulares e homogêneos dá lugar a um modelo de *mestiçagem*, de toma lá da cá através de fronteiras culturais porosas. ” (FELSKI, 200, p. 127)

CAPÍTULO 2 – DEBATES TEÓRICOS SOBRE IDENTIDADE, RAÇA E GÊNERO NA ÁFRICA DO SUL

Este capítulo tem como objetivo apresentar e discutir alguns dos debates contemporâneos sobre *identidade*, *raça* e *gênero* no contexto sul-africano que busquei para realizar a leitura dos romances de Maxine Case e Zukiswa Wanner. Uma de minhas preocupações principais a este respeito foi me aproximar ao máximo de debates que vêm sendo feitos contemporaneamente na África do Sul bem como às reflexões que as estudiosas feministas, negras e brancas, estão fazendo acerca das teorias feministas e de gênero. Tal esforço se baseia não só em um desejo pessoal de que este estudo não se constitua na imposição de teorias ocidentais que impeçam uma compreensão mais alinhada aos interesses da sociedade sul-africana e das próprias escritoras como mulheres negras sul-africanas, mas também na certeza de que são os próprios objetos e perguntas de pesquisa que devem indicar os recursos teóricos e metodológicos mais adequados para sua análise. Entretanto, o que trago é uma descrição seletiva e, nem de longe, exaustiva dessas teorias e articulações.

Acreditando que para compreendermos como se desenvolvem as perspectivas teóricas feministas que envolvem gênero, raça e classe na África do Sul seja necessário, pelo menos, algum conhecimento sobre a sociedade sul-africana e sobre a formação do país, organizei este capítulo em três partes principais. Início com uma apresentação do país a partir de alguns dados de sua história recente, da sua configuração populacional e de como a população vem percebendo, por exemplo, questões referentes a suas identidades na atualidade. Incluo também uma discussão um pouco mais aprofundada sobre as dificuldades irresolutas sobre a questão da formação de uma identidade ‘sul-africana’ enquanto potencial para a construção da nova África do Sul como *nação*. Diretamente relacionado à compreensão deste último tema está a necessidade de se pensar a singularidade da configuração dos processos de desenvolvimento da modernidade no contexto sul-africano e a história da experiência colonial e pós-colonial do país. Assuntos que procurarei desenvolver de forma resumida para passar para os aspectos e debates particulares dos estudos feministas e de gênero na África do Sul.

2.1 ÁFRICA DO SUL - QUE PAÍS É ESSE?

Quando iniciei a redação do projeto que originou esta tese faltavam dois meses para o que seria quinta eleição desde o fim do regime segregacionista do *Apartheid*, primeira para a geração que nasceu livre (*born-free generation*), e que aconteceu pela primeira vez sem Nelson Mandela, cujo falecimento em dezembro de 2013 causara grande comoção por todo o planeta. Mas, para além da consternação e da tristeza, na África do Sul, houve uma grande celebração pela sua vida e pelas vitórias alcançadas pelos sul-africanos depois de uma extensa história de lutas pela conquista de um país onde os direitos por igualdade, liberdade de expressão, de associação política, direitos à propriedade, moradia, acesso à informação, a serviços de saúde, educação e à justiça, fossem garantidos a toda sua população independentemente de raça, etnia, classe, gênero, credo ou tendência política. Da expansão colonial, das guerras travadas entre os povos nativos⁵⁷ e os europeus invasores⁵⁸ em suas lutas pelo domínio dos territórios, de suas riquezas, principalmente, de seu ouro e seus diamantes, da era segregacionista, iniciada por volta de 1910, culminando no estabelecimento oficial do regime do *apartheid* em 1948, é geralmente o que se sabe no Brasil sobre esta nação.

O termo *apartheid* significa ‘separação’ em *africaaner*⁵⁹, e foi também adotado para designar a política oficial de segregação que vigorou na África do Sul de 1948 a 1994, através da qual o racismo foi, de modo inédito, mas não exclusivo, considerado legal e passou a legitimar um sistema totalitário que influenciava diretamente *todos* os aspectos da vida das pessoas, tanto na esfera pública quanto privada, principalmente e de maneira avassaladora, a vida da população não branca do país. A África do Sul foi o primeiro país do mundo a definir direitos constitucionais com bases exclusivamente nas diferenças étnico-raciais. Esta experiência particularíssima da história do país ainda hoje influencia de maneira irrefutável a percepção que os sul-africanos têm de si e dos outros em relação não só às suas identidades culturais, mas nos níveis mais profundos de suas subjetividades.

Hoje, a África do Sul se orgulha de ter uma das constituições mais progressistas e igualitárias do mundo, resultante de negociações inclusivas baseadas na consciência das injustiças de um passado extremamente antidemocrático, escrita após as primeiras eleições

⁵⁷ Principais grupos étnicos: Zulus, Xhosas, Basothos (Sotho do Sul), Bapedis (Sotho do Norte), Vendas, Tswanas, Tsongas, Ndebeles e Swazis, todos falantes de línguas bantu.

⁵⁸ Imigrantes coloniais: neerlandeses, portugueses, alemães, huguenotes franceses e britânicos.

⁵⁹ Língua surgida do contato dos colonos holandeses, ingleses, entre outros povos europeus, e os povos africanos que habitavam a região do Cabo da Boa Esperança e que atualmente ocupa a 3ª posição como língua nativa na África do Sul, sendo o inglês a 5ª, acompanhadas de mais 9 línguas nativas: Ndebele, SeSotho, SeSotho sa Leboa, Suazi, Xitsonga, Setswana, Venda, Xhosa, Zulu.

realizadas depois do fim do apartheid em 1994. Após dez anos do fim do regime de segregação racial, já se podia constatar uma série de avanços⁶⁰ conforme reconhecidos pelo escritor e crítico, Njabulo S. Ndebele, no ensaio *Arriving home? South Africa beyond Transition and Reconciliation* (2010). Ndebele, entretanto, alertava que, para que uma grande parcela da população sul-africana realmente se sentisse “em casa”, seria necessário que o novo estado democrático atendesse uma variedade de necessidades básicas que haviam sido propositadamente ignoradas por décadas de discriminação institucionalizada pelo governo branco do apartheid.

Quando, em 1994, aproximadamente vinte milhões de pessoas elegeram Nelson Mandela, o primeiro presidente negro do país, a população, sobretudo, a população não branca do país — subjugada e excluída por mais de três séculos de colonização, somada a mais de quatro décadas de segregação racial sob o *apartheid* — havia colocado no resultado daquela eleição enormes expectativas de transformação social. No texto *Mass Struggle, Negotiations, and the 1994 Elections*, parte do *The South Africa Reader – History, Culture, Politics* (2014), Alex Callinicos nos oferece uma boa ideia sobre tais ‘expectativas’:

[...] the black people who voted for the ANC in April 1994 did so in the belief that the political transformation represented by black majority rule would rapidly usher in a social and economic transformation as well. Having won the vote, they expected from an ANC-dominated government jobs, houses, and schools as well..⁶¹ (CALLINICOS, 2014. Em: CRAIS & McCLENDON, 2014, p.482).

Sem a menor sombra de dúvida, a sociedade sul-africana modificou-se radicalmente no que diz respeito a seu projeto de nação e, conseqüentemente, às suas estruturas sociais, econômicas e políticas vinte anos após a primeira eleição democrática. O país, atualmente, goza de estabilidade política, desempenha um papel político importante tanto regionalmente

⁶⁰ Ndebele comenta que "Within a short space of time, millions more Sotuh Africans had access to water, electricity, and telephones; more of their children attended school and university; citizens travelled more easily across the land transacting all kinds of business; they enjoyed a free and robust press; and they had more than a million houses built for them. These achievements opened many opportunities for newly enfranchised citizens, extended the range of personal options in their daily lives and, according to many surveys, left many to feel optimistic about the future." "(NDEBELE, 2010, s/p.). Tradução: “dentro de um curto espaço de tempo, milhões mais de sul-africanos tiveram acesso à água, eletricidade e telefones; mais crianças e jovens tiveram acesso a escolas e universidades; os cidadãos viajaram mais facilmente cruzando o país fazendo todo tipo de negócios; gozaram de uma imprensa consistente e livre; e tiveram mais de um milhão de casas construídas para eles. Estas realizações abriram muitas oportunidades para cidadãos recentemente emancipados, uma variedade de opções em suas vidas cotidianas lhes foi oferecida e, de acordo com muitas pesquisas, ficaram muito otimistas quanto ao futuro.” (NDEBELE, 2010, s/p. Tradução minha).

⁶¹ Tradução: “as pessoas negras que votaram no ANC em abril de 1994 o fizeram na confiança de que a transformação política representada pelo governo de maioria negra se transformaria rapidamente em uma transformação social e econômica também. Tendo ganho o voto, eles esperavam do governo do ANC empregos, casas, e escolas também” (CALLINICOS, 2014. Em: CRAIS & McCLENDON, 2014, p.482).

quanto no cenário internacional, é o maior produtor de energia do continente abaixo do Deserto do Saara, suas políticas de reparação e pacificação servem como modelo para outros contextos internacionais de justiça de transição, por exemplo, com as *Comissões da Verdade e Reconciliação*, criadas para fazer a transição pacífica do apartheid para a democracia. Apesar da África do Sul estar vivendo atualmente uma crise energética e também estar sofrendo com a falta de confiança dos investidores, que tem impedido o crescimento do país conforme era esperado, o país continua a se destacar no continente como a segunda economia⁶², ficando somente atrás da Nigéria. Entretanto, se compararmos os dados atuais com aqueles por volta de 1990, durante ainda o período em que vigorava o regime do apartheid, notamos que, apesar das melhoras, as desigualdades históricas ainda persistem.

2.2 DESIGUALDADES SOCIAIS - QUESTÕES DE CLASSE, RAÇA E GÊNERO

A África do Sul tem demonstrado ser ainda uma sociedade em que a elevada desigualdade social prossegue marcada fortemente pelos componentes racial⁶³ e de gênero, legados tanto de sua colonização como do regime do apartheid e das práticas herdadas de um patriarcado imperialista branco e capitalista⁶⁴ histórico. A escolha do modelo econômico neoliberal, a ser seguido após o fim do apartheid, não parece ter facilitado a concretização do projeto político da *Rainbow Nation* (Nação Arco-íris) prometida pelo advento da democracia como se pode perceber na persistência das desigualdades.

Apesar das políticas para empoderamento econômico e social da população negra sul-africana, tais como o BEE ou o B-BBEE⁶⁵, instituídas pelos governos pós-apartheid e o ‘surgimento’ de uma nova classe média negra no país, as disparidades nas condições materiais de vida existentes entre a população branca e a população não branca sul-africana são ainda enormes. São vários os indícios que revelam que os sul-africanos negros continuam ocupando a base da pirâmide social, tendo as mulheres negras condições sociais ainda mais precárias.

⁶² Segundo dados do Banco Mundial, o PIB da África do Sul foi de 349.8 bilhões de dólares em 2014. Fonte: <http://www.worldbank.org/en/publication/global-economic-prospects/regional-outlooks/Global-Economic-Prospects-June-2015-Sub-Saharan-Africa-analysis>.

⁶³ Não que isto não aconteça também em outros países, mesmo aqueles em que não houve qualquer política de segregação racial oficial como no Brasil, por exemplo.

⁶⁴ Utilizo a expressão ‘patriarcado imperialista branco e capitalista’ inspirada em bell hooks para descrever o entrelaçamento desses sistemas político-sociais de dominação masculina. Ver: HOOKS, bell. *Understanding Patriarchy*. Em: <http://imagineborders.org/pdf/zines/UnderstandingPatriarchy.pdf>.

⁶⁵ Inicialmente chamado de BEE (Black Economic Empowerment) trata-se de um programa de compensação às desigualdades e injustiças raciais produzidas pelo apartheid instituído a partir de 2003 pelo governo da África do Sul que, mais tarde, foi reelaborado como Broad-Based Black Economic Empowerment (B-BBEE), em 2007, para abranger uma população mais ampla de beneficiários. (De: <http://www.southafrica.info/business/trends/empowerment/bee>).

Em 2011, quando houve o último censo do país, o índice de pobreza das mulheres negras ficava em torno de 58,6% contra o de 54,9% dos homens negros⁶⁶. Enquanto, no geral, algumas desigualdades e o grau de pobreza estão declinando no país, os níveis de desigualdade oriundas das dimensões de *raça* e *gênero* permanecem ainda muito altos.

Vários outros índices demonstram o quanto África do Sul é ainda um país profundamente desigual em termos sociais no que envolve questões de *raça* e *gênero*. No que diz respeito, por exemplo, ao acesso aos serviços de saúde, as mulheres negras sul-africanas não se encontram somente em uma situação muito mais difícil que a dos homens negros, mas também em relação a qualquer outro grupo social de mulheres do país. Em 2002, somente 7,6% das mulheres negras acima de 18 anos tinham acesso a serviços de saúde contra 8,8% dos homens negros⁶⁷. Se tomamos os extremos da escala de classificação racial instituída pelo *apartheid* e comparamos diretamente os índices do acesso a serviços de saúde entre uma mulher negra e uma mulher branca, em 2002 na sociedade sul-africana, chegamos a uma diferença inimaginável de 61,2%. As condições de vida da mulher negra sul-africana e as da mulher mestiça também sempre foram diferentes e isto está diretamente relacionada à posição peculiar que os mestiços⁶⁸ ocuparam na sociedade sul-africana desde, principalmente, o *apartheid*.

Apesar de ser na educação onde encontramos os maiores avanços no combate às desigualdades sociais na África do Sul desde o fim do regime segregacionista, ainda aqui, persistem grandes disparidades de tomamos as categorias de *raça* e *gênero* como referências. Considerando a distribuição de mulheres e homens por grupos populacionais pelo *mais alto grau de educação*, como era de se esperar, a população branca é desde sempre quem teve maior acesso à escolarização e aos níveis mais altos de escolarização enquanto a população negra sempre ocupou o lado oposto de uma escala, na qual mestiços, indianos, e outros grupos não brancos mantiveram-se em posições intermediárias. Mas o que é importante destacar é que com o advento da democracia, foram as mulheres em geral, provenientes de qualquer um dos grupos sociais, que apresentam um maior aumento no nível de escolaridade, mas, infelizmente, sem que as desigualdades de classe e *raça* tenham diminuído significativamente.

⁶⁶ Conforme o relatório *Gender Statistics in South Africa de 2011*, publicado em 2013. 2011 foi o ano em que houve o último censo sul-africano. A previsão é de que o próximo censo será realizado na África do Sul somente em 2021. Em: <http://www.statssa.gov.za/publications/Report-03-10-05/Report-03-10-052011.pdf>.

⁶⁷ No mesmo período, entre os mestiços, eram 18,0% das mulheres e 18,5% dos homens que tinham acesso a este mesmo serviço. Há uma elevação de, pelo menos, 10% neste índice quando se trata da população indiana sul-africana, sendo que 28,7% das mulheres tinham acesso à saúde contra 30,7% dos homens. Já entre a população branca a diferença torna-se ainda maior: 68,8% das mulheres e 68,7% dos homens podiam contar com serviços de saúde.

⁶⁸ O termo utilizado na África do Sul é 'coloured'.

Os seguintes dados dão uma ideia da situação. Em 1996, dois anos após o fim do apartheid, a porcentagem de mulheres negras *sem nenhuma escolaridade* era de 30,6% contra 25,1 % dos homens negros. Entre o grupo mestiço, 11,4 % mulheres não possuíam nenhuma escolaridade contra o mesmo número de homens mestiços. Entre os indianos e asiáticos, as mulheres perfaziam 10,7% contra 3,5% dos homens. Já entre os brancos, além das taxas baixarem substancialmente em relação a dos demais grupos populacionais, a diferença entre mulheres e homens sem nenhuma escolaridade era apenas de 1%, sendo 1,2% e 1,1, respectivamente. No mesmo ano, a porcentagem das populações com *mais de 12 anos de escolaridade* cai para 3,8% para as mulheres negras e 4,0% para os homens negros contra 4,5% para as mulheres mestiças e 5,6% entre os homens mestiços. Entre os indianos, encontramos, em 1996, somente 8,4% das mulheres com mais de 12 anos de escolaridade contra 14,1% dos homens; e entre os brancos também persiste uma desigualdade na formação escolar entre mulheres e homens, sendo que 23% das mulheres contra 32,5% dos homens brancos têm tal grau de formação. Já em 2011, 17 anos após o fim do regime, o número de mulheres negras *sem qualquer escolarização* cai para 14,8% contra 10,8% dos homens negros; enquanto as mulheres mestiças passam a ser 5,3% continuando muito próxima esta porcentagem da dos homens mestiços sem nenhuma escolaridade. Entre os indianos, a diferença de escolarização de mulheres e homens permanece mais desigual, com 4,5% das mulheres contra 2,3 dos homens; e entre os brancos, a diferença desses dois grupos continua mínima, com 0,8% das mulheres contra 07% dos homens⁶⁹.

Outra dimensão extremamente significativa e fundamental para a redução das desigualdades sociais, principalmente, para que haja transformações reais em direção à igualdade de gênero que apresentou um avanço considerável na África do Sul pós-apartheid foi a participação das mulheres nas esferas do Poder Público. Na África do Sul hoje as mulheres ocupam 41,1 % dos assentos no Parlamento. De um total de 396 assentos, as sul-africanas ocupam 166⁷⁰ deles⁷¹. A maior presença das mulheres na política na África do Sul pode ser explicada através da sempre presente, e decisiva, participação delas na luta de resistência contra a opressão racial, principalmente, a participação das mulheres negras. De acordo com a professora de Estudos Políticos da Universidade de Witwatersrand, Sheila Meintjes, a presença das mulheres nas esferas de decisão política demonstra o quanto o *status*

⁶⁹ Ver: *Gender Statistics*, Tabela 6, p.56. Em: <http://www.statssa.gov.za/publications/Report-03-10-05/Report-03-10-052011.pdf>.

⁷⁰ É importante notar que os números não incluem as 36 delegadas rotativas especiais.

⁷¹ No Brasil, lamentavelmente, a participação das mulheres nas esferas do poder político é ainda incipiente. O número não chega a 10%, 9,6% mais precisamente. Dos 513 assentos na Câmara dos Deputados, somente 51 são ocupados por mulheres. No Senado Federal, dos 81 assentos, as brasileiras ocupam 13, apenas 16%.

de que gozam hoje na sociedade sul-africana é significativamente maior do que tinham durante o regime do apartheid, quando menos de 3% dos representantes eram mulheres. (MEINTJES, 2005, p.231). Segundo ela, o sistema eleitoral de representação proporcional juntamente com as cotas do partido do Congresso Nacional Africano (ANC) e o compromisso do partido do governo com a igualdade de gênero estão entre as principais razões desta mudança tão significativa. Todavia, este aumento na representatividade das mulheres nas esferas do poder não se traduziu necessariamente em empoderamento, real e quantitativo, principalmente das mulheres negras, nas práticas sociais cotidianas.

Resguardadas as devidas proporções e especificidades históricas, a África do Sul serve também como um bom elemento de comparação com o Brasil. No último Relatório do Desenvolvimento do Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento – PNUD (2014), a África do Sul, apesar das inúmeras políticas e ações no combate à pobreza e às desigualdades sociais promulgadas depois do fim do apartheid, continua a ser classificada como um país de desenvolvimento humano *médio*, tendo subido, desde a última avaliação, somente uma posição no ranking de 185 países e ocupando hoje a posição de 118. O Brasil, apesar de ser considerado um país de desenvolvimento humano *elevado*, também avançou apenas uma posição no mesmo ranking, subindo da octogésima (80) posição para a septuagésima nona (79). O que demonstra o ritmo lento em que as transformações sociais têm acontecido. Os números que justificam tais classificações dizem respeito ao índice de desenvolvimento humano (IDH), calculado primordialmente em relação a três componentes básicos: a longevidade, a educação e o rendimento médio per capita. Segundos dados de 2014, a África do Sul apresenta um IDH de 0,654 com uma média de longevidade de somente 56,9 anos, uma média de anos de escolaridade de 9,9 e uma média de rendimento nacional bruto per capita de \$11,788. Os números também demonstram que o Brasil hoje é um país em que as condições de vida da população estão melhores do que aquelas da África do Sul, com um IDH em 0,742, a longevidade média da população girando em torno de 74 anos e o rendimento médio per capita de praticamente \$ 2,500 a mais do que a dos sul-africanos (\$14,275). Todavia, no que concerne à educação, apesar dos dois países destinarem investimentos muito próximos para a área, — o Brasil destina atualmente 5,8% do PIB e a África do Sul, 6,0% — a África do Sul se destaca com uma média relativamente alta de anos de escolaridade na casa dos 9,9, enquanto no Brasil esta média permanece em 7,2 anos.

Entretanto, apesar dos avanços significativos em termos constitucionais, sabe-se que muito há ainda para ser alcançado em termos práticos e que impacte, de fato, no cotidiano e na vida das mulheres sul-africanas, principalmente, no que diz respeito às mulheres negras.

As contradições sociais e políticas que ainda hoje se encontram na África do Sul torna-a um contexto sócio-histórico interessante para revelar mais contundentemente, mas não de modo menos complexo, muito pelo contrário, os embates e as influências recíprocas entre as estruturas sociais mais amplas, sejam elas institucionais, políticas ou econômicas, e a produção cultural e artística de um país.

2.3 COMPOSIÇÃO DEMOGRÁFICA E A AUTOPERCEPÇÃO DAS IDENTIDADES SOCIAIS DOS SUL-AFRICANOS

A África do Sul como o Brasil é um país multirracial, multiétnico e multicultural. Com 51,8 milhões de habitantes, de acordo com o censo de 2011, a população sul-africana se autodeclarou como sendo 79,2% de Africanos Negros; 8,9% de Brancos; 8,9% de mestiços; 2,5 % de Asiáticos e 0,5% de outros. A população sul-africana se subdivide ainda em diversas etnias⁷² como atestam as 11 línguas tornadas oficiais pela Constituição de 1997. Entre elas, o Zulu é a língua bantu mais popular, falada por 22,7% da população, seguida do Xhosa, com 16%. Em terceiro lugar, aparece o africâner⁷³ com 13,5 %, o inglês ocupando somente o quinto lugar com 9,1% de falantes, após ainda o Sepedi falado por 9,6% dos sul-africanos.⁷⁴ A religiosidade é ainda outro componente importante na construção das identidades nacionais e impõe mais uma dimensão de diversidade na África do Sul. A maior parte das religiões que hoje existem na África do Sul foi trazida pelos colonizadores europeus que, apesar de terem encontrado no território um povo (San) bastante religioso, conseguiram praticamente dizimar a religião tradicional africana que atualmente não passa de 0,3% de praticantes contra 79,8% de cristãos (católicos, presbiterianos, protestantes, metodistas, etc). Também o hinduísmo e o islamismo, entre outras, chegaram ao país através dos escravos vindos, principalmente, da Índia, Madagascar, Indonésia para trabalhar nas plantações. Apesar da diversidade religiosa existente no país, a África do Sul, como atestam os números, não deixa de ser um país ainda profundamente cristão, fenômeno bastante semelhante ao que ocorre no Brasil.

⁷² No Brasil, nos referimos a etnias, mais comumente, no que diz respeito a povos indígenas locais.

⁷³ Língua criolizada, originada do holandês antigo e falada como língua materna por 60% dos brancos e 90% dos mestiços sul-africanos.

⁷⁴ As demais línguas oficiais são Tswana (8%), Southern Sotho (7,6%), Tsonga (4,5%), Swazi ou SiSwati (2,5%), Venda (2,4%) e, Ndebele (2,1%). Fonte: Portal de dados Indexmundi. Disponível em: http://www.indexmundi.com/south_africa/demographics_profile.html. Acessado em: 21/09/2015.

Desse modo, fatores como raça, etnia, língua e religião, entre outros, têm se mostrado extremamente importantes na percepção e autopercepção da formação das identidades culturais sul-africanas, como veremos a seguir.

A democracia sul-africana parece ainda muito jovem para ser capaz de eliminar os efeitos nefastos de mais de três séculos de uma história marcada pelas políticas de dominação e segregação raciais impostas pelos governos coloniais imperialistas e implacavelmente acirradas pelo regime do apartheid. A população da nova África do Sul continua presa aos paradigmas de identificação social e política que herdaram deste passado como revelou a pesquisa de 2013⁷⁵, realizada pelo Instituto para Justiça e Reconciliação. Realizada com o objetivo de saber até que ponto as populações dos diferentes grupos populacionais que constituem a sociedade sul-africana estão reconciliados após quase 20 anos do fim do apartheid, a pesquisa mostrou que 50% dos sul-africanos concordavam com a utilização pelo governo das categorias raciais para medir o impacto de seus programas para as comunidades previamente em desvantagem.

No capítulo *Relações Raciais e o Confronto Histórico*, estão as informações sobre a partir de quais dimensões os sul-africanos mais se auto-identificam. Na busca por avaliar os laços, relações e preferências identitárias dos grupos sociais, os sul-africanos foram solicitados a indicar os tipos de grupos sociais com os quais eles mais se associavam. Isto foi feito para assegurar se estas identidades de grupo eram inclusivas ou exclusivas. As dimensões identitárias incluídas na pesquisa eram: língua, etnicidade, raça, classe econômica, vizinhança, religião e primeiro sul-africano. Foram comparados dados dos anos de 2007 até 2013.

As três maiores escolhas em 2013 foram a *língua* (23,2%), a *raça* (13,4%) e a *vizinhança compartilhada* (comunidade) (12%), com a *etnicidade* seguindo em um 4º lugar, mas bem próxima do 3º lugar com 11,1%. A raça havia sido a opção mais selecionada em 2012 com 18,4% e caiu para o segundo lugar com 5% de decréscimo, enquanto a língua saltou 6,2% para a primeira posição. A comunidade também aumentou em 3,1%, passando a etnicidade, para o terceiro lugar.

Os pesquisadores chamam a atenção para o fato de que todas as respostas, com exceção daquelas referentes a '*vizinhança compartilhada*', são explicitamente **identidades exclusivas**. Para eles, isto é uma preocupação, posto que a porcentagem de sul-africanos

⁷⁵ Apesar desta pesquisa não ter incluído quaisquer referências às identificações de gênero, os dados presentes neste relatório puderam me ajudar a compreender um pouco mais sobre a complexidade das questões de identidade na África do Sul hoje. Fonte: SA Reconciliation Barometer Survey: 2013, p.32. Disponível em: <http://reconciliationbarometer.org/wp-content/uploads/2013/12/IJR-Barometer-Report-2013-22Nov1635.pdf>.

associados a uma identidade mais inclusiva caiu pela metade, de 14,2% em 2009 para 7,1% em 2013. Segundo as conclusões da pesquisa, a maioria dos sul-africanos prefere ainda se associar às “categorias definidas historicamente que são mais difíceis de transcender”. Outro aspecto que o relatório destaca é o fato de, apesar de a classe econômica aparecer como a maior causa da divisão na África do Sul hoje, tal dimensão apenas aparece em 5º lugar como categoria de identificação. Com base nestes dados, a pesquisa conclui que “apesar da desigualdade social dividir os sul-africanos no nível material, as desigualdades⁷⁶ [sic] linguísticas e raciais dividem os sul-africanos no nível simbólico de construção de identidade e de exclusão.” (SA Reconciliation Barometer Survey: 2013, p.33).

Enquanto pesquisas como esta seguem sendo importantes em termos de observações empíricas objetiváveis para as ciências sociais, as dimensões subjetivas fundamentais para se pensar o mundo social ficam totalmente excluídas de tais abordagens, principalmente quando se trata de procurarmos compreender as questões sobre identidades culturais. Basta notarmos que a pesquisa comentada não inclui, por exemplo, quaisquer categorias relacionadas às identidades de gênero, e nem tão pouco permite percebermos nuances, sobreposições e contradições que constituem aspectos subjetivos complexos na produção dessas identidades e na construção das relações sociais, e que exigem para sua compreensão outro tipo de sensibilidade.

Ainda, para uma compreensão mais profunda da complexidade das percepções acerca das identidades sociais, culturais de raça e gênero na e da sociedade sul-africana contemporânea é preciso muito mais do que acolher as informações objetivas provenientes das respostas da população sul-africana, principalmente, se consideramos que a grande maioria das pessoas leigas, isto é, não estudiosas das questões sobre identidade, não tem consciência nem da natureza discursiva nem das práticas sociais que constroem tais identidades.

É necessário, portanto, buscarmos subsídios teóricos que procurem explicar a construção das autopercepções identitárias que foram se moldando através tanto das condições materiais oferecidas aos diferentes sul-africanos quanto das dimensões imaginárias e simbólicas que lhes foram oferecidas ao longo da história do país e que ainda hoje influenciam os modos de organização e funcionamento dessa sociedade.

⁷⁶ É curioso notar como a pesquisa trata ou denomina tais dimensões como ‘desigualdades’ e não como ‘diferenças’ ou ‘diversidade’.

2.4 A INVENÇÃO DA ÁFRICA DO SUL E O IRRESOLUTO DA IDENTIDADE SUL-AFRICANA

“O ‘nacionalismo’ é a patologia da história do desenvolvimento moderno, tão inevitável quanto a ‘neurose’ no indivíduo, e que guarda muito de sua ambiguidade de essência, da tendência interna de cair na loucura, enraizada nos dilemas do desamparo imposto à maior parte do mundo (o equivalente do infantilismo para as sociedades), sendo em larga medida incurável. ”

(Tom Nairn, citado por ANDERSON, 2008, p.31)

Há, pelo menos, mais de três décadas, sabemos que as ‘nações’ são, em vários sentidos, “comunidades políticas imaginadas”. Foi a obra seminal de Benedict Anderson *Comunidades Imaginadas* de 1983 que nos chamou a atenção para o fato de que não há nada de natural na “*nation-ness*” ou “condição nacional” (ANDERSON, 2008, p.30). Anderson demonstrou como tanto a *nação* quanto o *nacionalismo* são construções culturais específicas e como surgiram tais conceitos. Segundo Anderson, a criação da ideia de nação surgiu na Europa no final do séc. XVIII a partir também dos ideais de liberdade, fraternidade e igualdade da Revolução Francesa, quando a ideia de um Estado soberano vem substituir o poder ‘divino’ dos reis.

Mas, para Anderson, não só as nações são imaginadas, mas “qualquer comunidade maior que a aldeia primordial do contato face a face (e talvez mesmo ela) é imaginada.” (ANDERSON, 2008, p.33). Entretanto, o que parece mais importante é o fato de as comunidades se diferenciarem pelos modos em que são imaginadas. O que faz com que exista o sentimento de comunhão entre seus membros que, como Anderson destaca, “jamais se conhecerão, encontrarão, ou se quer vão ouvir falar de seus companheiros” (ANDERSON, 2008, p.32), dependerá sempre de um sistema de símbolos e representações.

A narrativa da nação é destacada por Stuart Hall como uma das principais estratégias para a fundação de uma cultura nacional. Hall afirma que a narrativa de nação é, primeiramente, “contada e recontada nas histórias e nas literaturas nacionais, na mídia e na cultura popular”, dando para seus membros “significado e importância à nossa monótona existência, conectando nossas vidas cotidianas com um destino nacional que preexiste a nós e continua existindo após nossa morte.” (HALL, 2005, p.52). O teórico aponta também “a ênfase nas origens, na continuidade, na tradição e na intemporalidade” (idem), elementos que conferem uma ideia de imutabilidade e estabilidade às identidades nacionais. E há ainda os discursos dos mitos fundacionais que visam localizar as origens da nação, do povo e de seu

caráter nacional em um passado distante e mítico, que muitas vezes, servem, segundo Hall, como contranarrativas aos discursos colonizadores.

Assim, conforme resume Hall, uma “cultura nacional é um *discurso* — um modo de construir sentidos que influencia e organiza tanto nossas ações quanto a concepção que temos de nós mesmos” (HALL, 2005, p.50).

Conforme nos lembra Stuart Hall,

as culturas nacionais, ao produzir [sic] sentidos sobre a ‘nação’, sentidos com os quais podemos nos *identificar*, **constroem identidades**. Esses sentidos estão contidos nas histórias que são contadas sobre a nação, memórias que conectam seu presente com seu passado e imagens que dela são construídas. (HALL, 2005, p.51. Negritos meus).

Nesta perspectiva, interessa-me refletir nesta seção acerca dos modos como a África do Sul tem sido imaginada como nação moderna, quais estratégias representacionais têm sido ativadas para a produção de um senso comum sobre uma identidade nacional sul-africana e as singularidades desses processos oriundas de seu contexto socio-histórico e político. Meu objetivo em levantar tais questões está relacionado às implicações de tais fenômenos para a construção das identidades das mulheres negras sul-africanas, as especificidades da existência de sentimentos de *pertencimento* e *não pertencimento* dessas mulheres na sociedade sul-africana contemporânea através das representações literárias que nos oferecem os romances aqui estudados.

Na tentativa de melhor situar a discussão sobre a complexidade da questão de uma identidade sul-africana, elegi as reflexões de Leon de Kock⁷⁷, cujo conhecimento sobre o tema tem sido bem reconhecidos no país. Trago sua reflexão sobre a identidade sul-africana no imaginário global porque seu trabalho remonta aos tempos coloniais para explicar a complexidade da formação de uma identidade sul-africana e, ainda, porque o estudioso faz este esforço com vistas a explicar a complexidade da formação de uma literatura nacional na África do Sul. Entendo que esta discussão expõe aspectos fundamentais para pensarmos em que contexto tanto os estudos feministas e de gênero como a literatura sul-africanos se desenvolveram e atualmente se situam.

⁷⁷ Leon de Kock é escritor, tradutor e professor chefe da Escola de Literatura e Estudos da Linguagem da Universidade de Witwatersrand. Autor e co-autor de inúmeros artigos e livros sobre literatura, formação de identidade pós-colonial, historiografia literária e políticas culturais e ainda ficção e poesia.

A introdução de Leon de Kock para *South Africa in the Global Imaginary*⁷⁸ (2001) nos ajuda a compreender os impasses da construção de uma identidade sul-africana *nacional*. Ao explorar as peculiaridades do desenvolvimento de uma identidade *literária* sul-africana em face da surpreendente diversidade linguística, histórica e cultural que caracteriza o país, Leon de Kock aborda a herança do colonialismo e do apartheid para mostrar que não há uma identidade fundamental a que qualquer sul-africano possa se agarrar ou que seja comum a todos, ou mesmo, à maioria dos sul-africanos. Apesar de sempre ter existido um tropo de emparelhamento binário que dividia o mundo social em *brancos x negros*, *civilizados x selvagens*, *colonizadores x colonizados* ou, ainda, em *o lar x o exílio*, e que sempre obscureceu a riqueza e a complexidade da tradição literária sul-africana, as identidades sul-africanas sempre estiveram atravessando-se umas às outras de múltiplos modos e em múltiplos contextos. É a complexa localidade geográfica e histórica do país e suas relações internas com o mundo exterior que é preciso compreender para que se possa vislumbrar o irresoluto da questão identitária sul-africana contemporânea, de acordo com de Kock. (2001, p.271).

Isto porque a África do Sul, como muitos outros países africanos, surgiu “historicamente dentro da amarração [forçada] do local e do imperial, uma conjunção fisicamente e epistemicamente violenta que mudou irrevogavelmente o curso da história do território.” (DE KOCK, 2001, p.272). As várias tentativas de “síntese provisória desta conjunção”, ou seja, as várias tentativas de construção da “nação” sul-africana tiveram sempre uma predisposição a comprometer todas as identidades, umas mais do que as outras, conforme explica de Kock:

To be 'South African' has meant no longer fully to be something else, whether that 'something else' was Xhosa, English, Zulu, Dutch, Tswana, or any of the other language and cultural formations making up the country's brimming residual fund of identities.⁷⁹ (DE KOCK, 2001, p.272)

Sem uma língua ou cultura comum, o estabelecimento de uma identidade ‘sul-africana’ ficou bastante difícil de ser alcançado. De Kock sugere que a heterogeneidade linguística e cultural que se formou no país “tendeu a derrotar os vários modelos estatais de

⁷⁸ Edição especial da Revista *Poetics Today*, Volume 22, Número 2, 2001, pp. 263-298, obra que procura discutir a formação do campo literário sul-africano.

⁷⁹ Tradução: “Ser ‘sul-africano’ significou não ser mais totalmente uma outra coisa, fosse esta ‘outra coisa’ Xhosa, Inglês, Zulu, Holandês, Tswana ou qualquer outra de formações culturais ou linguísticas tornando-se um fundo residual transbordante de identidades” (DE KOCK, 2001, p.272).

organização social tentados até agora” ou, conforme ele próprio reformula, “estes modelos derrotaram o reconhecimento da diferença” (DE KOCK, 2001, p.272).

De Kock lembra como influências diretas na construção das identidades sul-africanas tanto as imposições do exterior somadas a vários discursos globais formadores de identidade sobre o território e seu povo quanto “as formas de automodelagem⁸⁰, de dentro”, fosse na imagem de um mundo maior “ ‘lá fora’ ou em desafio a ele”. Assim, desde a chegada dos primeiros colonizadores na região, a identidade sul-africana sempre teve sua construção fortemente influenciada por uma relação de alteridade com o mundo ocidental, como argumenta o autor:

In Southern Africa, since the advent of colonization more than three centuries ago, identity has all too often been mediated by the sense of that bigger, more powerful domain, as evidenced by Olive Schreiner's (1926) yearning evocation, from her desk in the colonial eastern Cape, of a 'great world beyond'. Modern South Africans, too, have been inclined to signify this other, more promising place, metonymically and with no less yearning, as 'overseas'.⁸¹ (DE KOCK, 2001, p.271-272. Negrito meu)

Para de Kock, esta dialética do *aqui* e *lá* vem assombrando os sul-africanos há tanto tempo que hoje se pode falar da África do Sul como um país que “não está *aqui* nem *lá*”, mas está em “um lugar de 'bastardização glorioso’⁸² (Breytenbach 1998:41)”, sendo um país de “identidades totalmente intersticiais”. (DE KOCK, 2001, p.272). A verdadeira amplidão da diversidade populacional, cultural e linguística, da região somente foi realmente reconhecida, conforme de Kock, com o início da democracia. Todavia, apesar do reconhecimento da

⁸⁰ No original, encontramos o uso do termo ‘*self-fashioning*’ que podemos relacionar ao conceito desenvolvido por Stephen Greenblatt em seu estudo *Renaissance Self-Fashioning* (1980) e que costuma ser utilizado para descrever o processo de construção da identidade da pessoa pública de acordo com um conjunto de padrões socialmente aceitáveis. O conceito desenvolvido no *new historicism* ajudou no reconhecimento de que não existe uma identidade pré-social e enfatizou a relação entre sujeitos e poder, demonstrando que o ‘eu’ (self) é um produto do poder. Ver: Colebrook, Claire. *New Literary Histories – New historicism and Contemporary Criticism*. Manchester University Press, 1997, p.199).

⁸¹ Tradução: “Na região sul da África, desde o advento da colonização há mais de três séculos, a identidade foi, muitas vezes, mediada pela sensação daquele domínio maior e mais poderoso, como evidenciado pela evocação ansiada de Olive Schreiner (1926). Os sul-africanos modernos, também, estiveram inclinados a significar este outro lugar, mais promissor, metonimicamente e com não menos anseio, como 'além-mar' [exterior]” (DE KOCK, 2001, p.271-272. Negrito meu).

⁸² O poeta e escritor africâner Breyten Breytenbach defende a ideia de que o africâner, ao contrário do que pregava o regime do apartheid que afirmava a pureza desta identidade ariana cristã, era um sujeito ‘bastardo’ (híbrido) em suas origens. “We [Afrikaners],” he said, “are a bastard people with a bastard language. Our nature is one of bastardy. It is good and beautiful thus.... [But] like all bastards —uncertain of their identity—we began to adhere to the concept of *purity*. That is apartheid. *Apartheid is the law of the bastard*”, conforme citado por J. M. Coetzee na resenha da obra de Breytenbach *Dog Heart* para o New York Times (1999). Coetzee destaca que hoje, mais de meio século após a ascensão do Partido Nacional ao poder, “a vanguarda intelectual do setor falante de africâner, afastando-se do termo ‘africâner’ que carrega o peso histórico da exclusividade racial, afirma que eles representam um grupo embrionário ainda sem nome, não excludente, religiosamente diverso, culturalmente sincrético, geneticamente híbrido (‘povo’ é ainda um termo muito carregado) definido (frouxamente) pelo apego à uma língua — africâner — de origem mista (holandesa, khoi, malaia), mas enraizado no continente africano.” (COETZEE, 1999, s/p).

heterogeneidade que constitui a África do Sul nos discursos oficiais e instrumentos constitucionais, parece que o binômio *igualdade x diferença*, nascido simultaneamente com as primeiras experiências de contato entre os colonizadores e as populações nativas, segue não resolvido em relação à construção de uma identidade sul-africana.

Na busca por iluminar as especificidades do embate sul-africano sobre a questão, de Kock emprestará o termo 'sutura'⁸³ de Noël Mostert (1992). Mostert, conforme de Kock, afirma que "if there is a hemispheric seam to the world, between Occident and Orient, the it must lie along the eastern seaboard of Africa."⁸⁴ (MOSTERT, 1992, apud De KOCK, p.275). Para este historiador, a África do Sul é um lugar único porque em nenhum outro se pode encontrar "such a confluence of human venture and its many frontiers, across time, upon the oceans and between the continents."⁸⁵ (MOSTERT, 1992, apud De KOCK, p.275). De Kock destaca a ideia de Mostert de que "it was the Cape of Good Hope specifically that symbolized for many centuries the two great formative frontiers of the modern world."⁸⁶ (MOSTERT, 1992, apud de Kock, 2001, p.275). Mas, enquanto Mostert se dedica a rearticular o tropo da *fronteira* como um esteio de mapeamento historiográfico, de Kock abandona o tema da fronteira "to avoid the predictability of the frontier theme but also to make problematic its seeming stability"⁸⁷ (DE KOCK, 2001, p.276), segundo ele próprio, e, em vez disso, prefere explorar a *metáfora da 'sutura'*.

É porque o termo 'sutura' significa a junção através de uma costura de duas bordas, sejam elas de tecido ou outro material, na qual a marca de um sulco ou rebordo fica claramente visível, que a metáfora da sutura serve para descrever a dimensão representacional do contato transfronteiriço existente no território. A '*sutura*' é, portanto, o lugar de uma junção que também carrega a *marca* desta sutura. Para os objetivos de de Kock de descrever a crise de representação de que sofre a identidade sul-africana, é preciso reconhecer que se trata de um processo completamente paradoxal na medida em que "on the one hand the effort of suturing the incommensurate is an attempt to close the gap that defines it as incommensurate,

⁸³ Tradução: *seam*. Ver: DE KOCK, Leon. *South Africa in the Global Imaginary*, 2001, p.275.

⁸⁴ Tradução: "se há uma sutura entre os hemisférios do mundo, entre Ocidente e Oriente, então, ela repousa ao largo na costa leste da África" (MOSTERT, 1992, apud De KOCK, p.275).

⁸⁵ Tradução: "tal confluência de aventura humana e suas muitas fronteiras, ao longo do tempo, sobre os oceanos e entre continentes" (MOSTERT, 1992, apud De KOCK, p.275).

⁸⁶ Tradução: "foi o Cabo da Boa Esperança especificamente que simbolizou por muitos séculos as duas grandes fronteiras formativas do mundo moderno" (MOSTERT, 1992, apud de Kock, 2001, p.275).

⁸⁷ Tradução: "para evitar sua previsibilidade e também sua problemática estabilidade" (DE KOCK, 2001, p.276).

and on the other this process unavoidably bears the mark of its own crisis, the seam.⁸⁸ (DE KOCK, 2001, p.276).

De Kock mostra como este processo paradoxal vem desde a colônia quando os missionários, como portadores que sinalizavam a nova ordem para os supostamente ignorantes nativos, eram pegos em contradição porque ao mesmo tempo em que falavam incessantemente em “removing difference (in the guise of non-Christian cultural practice)⁸⁹”, faziam parte das instituições coloniais, que, na verdade, “ ‘engraved ever more deeply onto the social and physical landscape’ the very difference they sought to remove.⁹⁰” (DE KOCK, 2001, p.277).

Entretanto, de Kock não deixa de problematizar o paradoxo que ele considera a própria poética da sutura, e baseando-se na ideia de que o processo de achatamento da diferença aconteceu, mas, diretamente, sustentado pelo que Comaroff & Comaroff (1991,1997) chamam de ‘gramática das distinções’. Para Comaroff & Comaroff, (1997, apud DE KOCK, 2001, p. 278), apesar das sociedades coloniais terem sido bastante complexas, elas costumam ser percebidas e representadas em termos dualísticos e oposicionais que “solidified the singularity of, and distance between ruler and ruled, white and black, modernity and tradition.⁹¹” (COMAROFF & COMAROFF, 1997, p.25, apud DE KOCK, 2001, p.278, sendo a objetificação desta ordem de diferenças, para estes autores, “intrinsic to the gesture of colonization itself”⁹² (COMAROFF, p.25, apud DE KOCK, p.278) e sendo que, como de Kock deixa claro: na prática, as identidades já estavam se tornando híbridas e fluídas. (DE KOCK, 2001, p.278). Fenômeno que foi combatido pelo “*establishment*”⁹³ de uma ordem fundacional da representação” que necessitava de tais binarismos para impor novas formas de subjetividade para a população colonizada.

⁸⁸ Tradução: “por um lado, o esforço de sutura do incomensurável é uma tentativa de fechar o abismo que o define como incomensurável, e por outro lado, este processo inevitavelmente carrega a marca de sua própria crise, a sutura.” (DE KOCK, 2001, p.276).

⁸⁹ Tradução: “na 'remoção' da diferença (sob o disfarce de uma prática cultural não cristã”. (DE KOCK, 2001, p.277).

⁹⁰ Tradução: “reforçavam ... ainda mais profundamente no mundo social e físico, a própria diferença que buscavam remover.” (DE KOCK, 2001, p.277).

⁹¹ Tradução: “solidificaram a singularidade de, e a distância entre o governante e o governado, o branco e o negro, a modernidade e a tradição.” (COMAROFF & COMAROFF, 1997, p.25, apud DE KOCK, 2001, p.278).

⁹² Tradução: “intrínseca ao próprio gesto da colonização.” (COMAROFF, p.25, apud DE KOCK, p.278)

⁹³ Optei por não traduzir o termo da língua inglesa por considerar que nenhum termo da língua portuguesa corresponde a significação necessária que carrega a ideia de *ordem ideológica, econômica, política e legal que constitui uma sociedade*. O termo em inglês tem sido utilizado na forma original por muitos acadêmicos brasileiros.

Todavia, conforme de Kock, a inscrição maniqueísta ou, em suas palavras, “the overwhelming iteration of an order of terms⁹⁴” (DE KOCK, 2001, p.278), que reinventava as pessoas como ou isto ou aquilo sofreu resistência, foi “resisted, negotiated, used, and transformed by African subjects and in many cases subverted from within.⁹⁵” (DE KOCK, 2001, p.278). E mais do que isso, lembra-nos o autor: “the colonizers themselves were afflicted by the necessary partiality of their representations and by the unacknowledged but haunting sense of not being quite the universal subjects they thought they were.⁹⁶” (DE KOCK, 1996a, pp. 155-159; 1997, p.224, apud DE KOCK, 2001, p.278).

A resistência discursiva dos povos colonizados do território, no final do séc. XIX, somente poderia mesmo ter sido 'de dentro', conforme explica de Kock:

only within the seam could such subjects find a speaking position in colonial society. In other words, to become the so-called universal subject of God and Empire, it was necessary first to declare apparent allegiance to a binary scheme and to acknowledge that universal destiny (in Victorian parlance, 'manifest destiny') inhered in a partiality toward Empire's conception of 'civilization,' despite the looming paradox that such partiality was anything but universal⁹⁷. (DE KOCK, 2001, p.278).

Ou seja, os sujeitos colonizados só poderiam acessar um lugar possível de fala “dentro da ordem ortodoxa colonial”, de onde precisavam obter “o ganho material, de *status*, e a influência política”, se eles se apropriassem do “discurso 'civilizado' e de dentro da conformidade física do vestuário vitoriano”. Esta posição de fala, de acordo com de Kock, estava, naturalmente, “cramped into the either-or limitations of the seam as a site of self-recognition⁹⁸” (DE KOCK, 2001, p.279).

De Kock utiliza o famoso intelectual, jornalista e escritor Sol T. Plaatje (1876-1932) como exemplo de uma identidade situada na sutura. Para o autor, Plaatje, que fora educado

⁹⁴ Tradução: “a avassaladora reiteração de uma ordem de termos”. (DE KOCK, 2001, p.278)

⁹⁵ Tradução: “negociada, usada e transformada pelos sujeitos africanos e, muitas vezes, subvertida de dentro.” (DE KOCK, 2001, p.278).

⁹⁶ Tradução: “os próprios colonizadores foram afligidos pela parcialidade necessária de suas representações e pelo não reconhecido, mas assombroso, sentimento de não serem suficientemente os sujeitos universais que eles pensavam que eram.” (DE KOCK, 1996a, pp. 155-159; 1997, p.224, apud DE KOCK, 2001, p.278).

⁹⁷ Tradução: “somente dentro da sutura poderiam tais sujeitos encontrar uma posição de fala na sociedade colonial. Em outras palavras, para tornarem-se os chamados sujeitos de Deus e do Império, era necessário primeiro declararem um aparente alinhamento ao esquema binário e reconhecerem o destino 'universal' (na linguagem vitoriana, 'o destino manifesto') herdado em uma parcialidade em direção à concepção do Império de 'civilização', apesar do paradoxo iminente que tal parcialidade era qualquer coisa menos universal. (DE KOCK, 2001, p.278).

⁹⁸ Tradução: “presa dentro das limitações do ou isso ou aquilo da sutura como um local de auto-reconhecimento.” (DE KOCK, 2001, p.279).

pelos missionários, e que pode, ao mesmo tempo, ser considerado um proto-nacionalista⁹⁹, é “um exemplo de como uma primeira pessoa do singular [eu] começa a buscar caminhos para escorregar através ou para dentro da sutura juntando-a com a primeira pessoa do plural [Nós]” (DE KOCK, 2001, p.280). Para o autor, Plaatje, quando apelava à virtude universal e parecia ignorar a diferença do sujeito africano, na verdade, estava buscando uma garantia de que ele e seus irmãos não seriam diferenciados negativamente. Como explica de Kock, “seu próprio ato alegando unidade carrega com ele o conhecimento da duplicidade, uma duplicidade que é a qualidade definidora da sutura representacional em que Plaatje é capturado.” (DE KOCK, 2001, p.280).

Segundo ainda de Kock, para vários acadêmicos sul-africanos, sujeitos como Plaatje demonstraram “uma consciência implícita da natureza improvisada da identidade enquanto constituída na representação intercultural”, codificando

complex modalities of subjectivity, in which multiple strands of allegiance to different orders of discourse are evident, despite the fact that in speech, dress, schooling, and general demeanor they appeared to be elitist genteel people of bourgeois-colonial persuasion.¹⁰⁰ (ODENDAAL, 1984, p.17-18; MARKS, 1986, p.100, apud DE KOCK, 2001, p.281)

De Kock conclui que mesmo aquelas pessoas que eram explicitamente diferentes do ideal vitoriano cortês e que foram, de certa forma, obrigadas a assumir “a um alto custo [...] as vestimentas engomadas de tal protótipo em nome de uma suposta identidade 'universal' ” não se permitiriam ficar presas a estruturas sociais de “diferença *fixada*” (DE KOCK, 2001, p. 281). Na visão de de Kock, as pessoas africanas que se encontraram em posição semelhante a de Plaatje perceberam que “a promessa de um império universal de Deus estava sendo degenerada por uma concepção etnocêntrica e discriminatória de diferença” (DE KOCK,

⁹⁹ Solomon Tshekisho Plaatje foi um dos fundadores do *Congresso Nativo Nacional Africano* (*South African Native National Congress* – SANNC), que posteriormente se tornou o ANC, Congresso Nacional Africano. Foi ainda o primeiro negro a escrever um romance em inglês. *Mudhi* foi escrito em 1919, mas somente publicado em 1930. Plaatje é considerado uma das figuras mais importantes da história da África do Sul. Após ter aproveitado ao máximo a educação formal que recebeu dos missionários até os 17 anos, Plaatje foi um importante intérprete durante a Guerra Anglo Boer e depois da guerra editou uma sucessão de três jornais “nativos”. Conforme conta Shillington, “através de seus editoriais, ele foi fundamental para afastar as pessoas de desunião tribal e trazer um sentido de unidade africana e de uma consciência nacional.” Foi por causa de sua reputação como uma figura nacional dedicada e articulada que Plaatje se tornou secretário-geral fundador do Congresso Nacional Africano formado em 1912. (SHILLINGTON, sem data, s/p). Ver: SHILLINGTON, Kevin. Disponível em: <http://www.historytoday.com/kevin-shillington/sol-plaatje-south-african-nationalist-1876-1932#sthash.kbcOhNGd.dpuf>.

¹⁰⁰ Tradução: complexas modalidades de subjetividade, nas quais múltiplas dimensões de alinhamentos em ordens diferentes de discurso são evidentes, apesar do fato de que na fala, na vestimenta, na escolaridade e no comportamento em geral elas pareciam pessoas elitistas da persuasão burguês-colonial. (ODENDAAL, 1984, p.17-18; MARKS, 1986, p.100, apud DE KOCK, 2001, p.281).

2001, p.281). E em sua reação de defesa contra “uma diferença etnocêntrica hipotética”, ao afirmarem para si mesmas uma identidade 'universal', de acordo com de Kock, “elas estavam também implicitamente confirmando a variabilidade, a adaptabilidade, e a flexibilidade da identidade”. (DE KOCK, 2001, p.281).

Destes processos singulares de construção identitária é que nascerá, na perspectiva de de Kock, a tradição da *unidade* e do *não racialismo*¹⁰¹ que caracterizará o futuro Congresso Nacional Africano (ANC). De Kock explica que tal tradição confirma “o desejo por tratamento igual na economia industrial, modernizante do séc. XX, na qual os sul-africanos indígenas não poderiam se dar ao luxo de serem sentimentais em relação a uma versão romantizada de África pré-colonial”. Para de Kock, a tradição carregou consigo “a tensão representacional que ocorre quando a união e a igualdade são professadas no lugar da desunião e da diferença. ” (DE KOCK, 2001, p.281). De Kock explica que

Nonracialism necessarily carried with it that crisis of inscription following colonization, in which difference was seemingly suppressed, first by missionaries (in the interests of universal moral destiny), the by African nationalists (in the interests of a nonracial future). But it carried with it, too, the shadow of doubleness, an unsettling sense of us and them and here and there, a grammar of distinctions lodged in its stitches of a great world out *there*, a place of science, invention, and discovery, against a locality *here*, a little place where claims of superstition, backwardness, and cultural aridity continued.¹⁰²(DE KOCK, 2001, p.281-282).

O discurso deste provincialismo foi internalizado também como distinções entre níveis de civilização dentro do país, segundo de Kock, e persiste até hoje em diferentes formas tanto em relação ao mundo 'lá fora' e em termos de estratificação social interna. Assim, o pensamento *não racialista* sul-africano, para de Kock, é definido e enraizado em “uma consciência de seu oposto”. (DE KOCK, 2001, p.282).

De Kock acredita que é na *poética da sutura* que se pode começar a procurar, mais adequadamente, a continuidade entre as negociações pré-apartheid de identidade e as tentativas de 'acomodação' de identidades na era do apartheid. Apesar de “uma aparente

¹⁰¹ O conceito do *não racialismo* e seu papel nos movimentos de luta contra o apartheid e na nova África do Sul será apresentado a seguir neste capítulo.

¹⁰² Tradução: “o *não racialismo* carregou com ele necessariamente aquela *crise de inscrição* que seguiu a colonização, na qual a diferença foi aparentemente suprimida, primeiro pelos missionários (nos interesses do destino moral universal), e depois pelos nacionalistas africanos (nos interesses de um futuro não racial). Mas carregou com ele, também, a sombra da duplicidade, uma sensação perturbadora de nós e eles e de aqui e lá, uma gramática de distinções implantada em seus pontos de sutura de um grande mundo *lá fora*, um lugar de ciência, invenção, e descoberta, contra uma localidade *aqui*, um pequeno lugar onde afirmações de superstição, retrocesso, e aridez cultural continuava.” (DE KOCK, 2001, p.281-282).

reversão das ordens dos termos de um período para o outro”, de Kock defende que há aí uma continuidade, argumentando que

While the missionary-influenced version of a collective South African identity may have been founded on a suppression of difference in favor of the universal empire of God and Britain and while the more racist sector of colonial society sought, instead, to keep the natives in their place, the apartheid state officially *reinvented* difference in the name of equality¹⁰³. (DE KOCK, 2001, p.282).

Obviamente, de Kock enfatiza o caráter espúrio da "igualdade" profetizada pelo apartheid e menciona os enormes esforços que o regime segregacionista teve que fazer para justificar publicamente tal representação da realidade. De Kock explica que é irônico pensarmos na atualidade que, teoricamente, o estado do apartheid teria aplicado o que seria hoje chamado de “uma política multirracial de restauração da diferença para um conjunto de 'nações'”. Os ideólogos do apartheid argumentariam, conforme de Kock, que estas nações teriam sido ‘falsamente’ homogeneizadas durante o período colonial sob o discurso da universalização divina de um destino único e, em uma completa deturpação do que são as políticas da diferença contemporâneas, o Partido Nacional da supremacia branca criou, nas palavras de de Kock, “uma ordem de 'nações plurais' com 'destinos paralelos' e, em 'paralelo', políticas sociais semiautônomas.” (DE KOCK, 2001, p.282). As implicações da distribuição nefasta desigual de direitos e acesso aos recursos materiais vitais entre as diferentes populações e as atrocidades que se seguiram na implementação de tal modelo político e social, na prática, são hoje bem conhecidas e com consequências de difícil solução a curto prazo na atual configuração da sociedade sul-africana.

Todavia, o que de Kock destaca como herança do apartheid mais imediata é a continuidade da *crise representacional* da qual a própria existência da África do Sul enquanto nação unificada sempre dependeu. O que houve, conforme de Kock, foi que o apartheid em nenhum momento procurou restituir ao território a “sua primordial aleatoriedade e não unidade”, em vez disso, o que fez foi “mudar o modelo da sutura”, recosturando “a concepção de organicidade em termos da 'diferença' em vez da 'igualdade' (DE KOCK, 2001, p.283). Enquanto a era colonial “quasi-liberal” passada afirmara uma unicidade ilegítima com a permanência de uma ordem de valores diferenciadora, o que o Partido Nacional fez foi

¹⁰³ Tradução: “enquanto uma versão influenciada pelos missionários de uma identidade *coletiva* sul-africana pode ter sido fundada na supressão da diferença em favor do império universal de Deus e da Grã-Bretanha e enquanto o setor mais racista da sociedade colonial procurou, em vez disso, manter os nativos em seus devidos lugares, o estado de apartheid oficialmente *reinventou* a diferença em nome da igualdade.” (DE KOCK, 2001, p.282).

afirmar “uma fraudulenta pluralidade cujos funcionamentos internos, no entanto, comprimiram as pessoas juntas em um estado unitário singularmente repressivo (DE KOCK, 2001, p.283).

De Kock afirma que, no entanto, sempre houve no movimento de resistência ao apartheid uma profunda consciência da duplicidade da representação que levou a uma forte desconfiança da ideia de diferença formalizada, antecipando, segundo ele, as críticas teóricas do signo posteriores. Para o Congresso Nacional Africano (ANC), o *não racialismo* tornou-se uma política-chave, permanecendo a filosofia essencial do governo desde a 'revolução negociada' do país e o início do período democrático, e apesar de ter sido colocada sob forte tensão pelas demandas das ações afirmativas, que necessariamente mobilizam a raça como uma categoria.

During the years of resistance to apartheid, an alternative, revolutionary South Africa was represented _ for we are here still firmly enclosed in the seam, in the crisis of self-representation _ as **a place of non-difference, a place of equality for all, despite race, class, or gender**, and a place where difference is vigorously disavowed in favor of the one, seamlessly open society¹⁰⁴. (DE KOCK, 2001, p.283. Negritos meus.)

A África do Sul parece se oferecer, de acordo com de Kock, como “um dos mais agudos exemplos da crise do signo na formação das identidades coloniais e pós-coloniais na esteira do imperialismo” na medida em que nasce como nação somente a partir de “modalidades tumultuosamente em confronto, a modernidade de uma cultura ocidental em expansão globalmente entrelaçada com uma heterogeneidade irreconciliável de culturas e epistemologias” (DE KOCK, 2001, p.283), tendo sido necessário um conjunto de rupturas assombrosamente violentas para que pudesse vir a existir. No entanto, para o autor, concomitantemente a violência material e física, houve também uma virulenta violência simbólica da representação. Conforme de Kock explica.

On a primary level the country has witnessed enormous volumes of crassly ethnocentric cross-cultural representation of the kind common to colonial occupations and racist mentalities.. [...] On a secondary level a more subtle and unavoidable doubleness has inhabited every representational act ever made in the efforts to stitch difference into sameness (as in the missionary-colonial example) or

¹⁰⁴ Tradução: “Durante os anos de resistência ao apartheid, uma África do Sul alternativa, revolucionária foi representada _ porque nós estamos aqui firmemente fechados na sutura, na crise da autorrepresentação _ como **um lugar da não diferença, um lugar da igualdade para todos, independente de raça, classe, ou gênero**, e um lugar onde a diferença é vigorosamente repudiada em favor de uma sociedade perfeitamente aberta.” (DE KOCK, 2001, p.283. Negritos meus.)

to pretend that sameness — equality — actually inheres in formalized difference (as in apartheid ideology).¹⁰⁵ (DE KOCK, 2001, p.284).

O postulado de de Kock, portanto, conforme ele próprio destaca, é

that a crisis of representation has been endemic to the geographical and cultural conjunction that has become South Africa and that 'it', the country conceived as a third-person singular entity, is a seam that can be undone only at the cost of its existence. Its very nature, its secret life, inheres in the paradoxes of the seam.¹⁰⁶ (DE KOCK, 2001, p.284)

De Kock conclui, então, que tanto a duplicidade quanto a crise representacional têm sido endêmicos na África do Sul, e não só na literatura, que é o tema primeiro do seu texto, mas na maioria dos atos cotidianos da formação da identidade. (DE KOCK, 2001, p.284). Para de Kock, isto resultou em uma crise de 'nomear', seja na necessidade de nomear o outro, aquele que é como eu; ou nomear alguém relacionalmente por oposição; mas também, pode ser para nomear as pessoas para tirá-las de uma ordem de diferença, em nome, por exemplo, “de um destino providencial e universal, somente para impor uma nova gramática da 'diferenciação'”, como de Kock sugere que acontecia na época da colônia; ou, ainda, para as próprias pessoas se autoneomarem como uma entidade única de diferença rígida e fixa, como no caso da construção da identidade africâner. Ou, finalmente, nomear as pessoas, como fez o apartheid, para encerrá-las em categorias hipotéticas fraudulentas de diferença na aparência de igualdade. (DE KOCK, 2001, p.284). Mas, que se reverteu, na luta contra o apartheid, segundo de Kock, em um desejo esmagador por uma identidade política unitária e pela supressão da diferença, ou seja, pela ideologia do *não racismo*. Desejo que irá se explicitar na Constituição sul-africana formulada a partir da instalação da democracia no país e que determina que todos deverão ser iguais legalmente e constitucionalmente independentemente de raça, classe ou gênero. (DE KOCK, 2001, p.284). Entretanto, passados vinte anos da celebração da promulgação de constituição sul-africana, muito se tem questionado sobre o valor e implementação dessas políticas na prática social cotidiana do país.

¹⁰⁵ Tradução: “Em um nível primário, o país testemunhou volumes enormes de representações interculturais grosseiramente etnocêntricas do tipo comum às ocupações coloniais e às mentalidades racistas. [...]. Em um segundo nível, uma duplicidade mais sutil e inevitável habitou cada ato representacional já realizado no esforço de costurar a diferença em igualdade (como no exemplo missionário colonial) ou para fingir que a igualdade - equanimidade - na realidade, herda na diferença formalizada (como na ideologia do apartheid).” (DE KOCK, 2001, p.284).

¹⁰⁶ Tradução: “que uma crise de representação foi originária à conjunção cultural e geográfica que se tornou a África do Sul e que 'ela' [a África do Sul], o país concebido como uma entidade em terceira pessoa do singular, é uma sutura que pode ser desfeita somente ao custo de sua existência. Sua própria natureza, sua vida secreta, inerente nos paradoxos da sutura.” (DE KOCK, 2001, p.284)

Quanto ao *irresoluto* de uma identidade sul-africana *nacional* no que diz respeito às mulheres negras, *sujeitos migratórios* por excelência, e que sempre experimentaram a exclusão do exercício do poder político, me parece que a crise representacional, de que fala Leon de Kock, pouco pode afetá-las.

Já aprendemos com Elleke Boehmer (1991/2005) e com Anne McClintock (1995/2010) que, nos discursos nacionalistas, as mulheres sempre foram utilizadas como símbolos ou metáforas da nação, mas não tendo qualquer papel participativo efetivo na construção desse ‘imaginário’. O nacionalismo pode até vestir faces femininas, como salienta Boehmer, mas o que ele carrega centralmente é a identidade masculina (BOEHMER, 2005, Pos.2174). Nas palavras de McClintock,

Apesar de vários investimentos ideológicos nacionalistas sobre a unidade popular, historicamente as nações chegaram a uma institucionalização singular da *diferença* de gênero. **Nenhuma nação no mundo dá a homens e mulheres o mesmo acesso aos direitos e recursos do Estado-nação.** (McCLINTOCK, 2010, p.518. Negritos meus).

Portanto, o nacionalismo não se endereçou a todos os indivíduos igualmente. Fez distinções e discriminações de gênero, de classe, de raça, étnicas, entre outras. Fosse como ideologia ou movimento político, o nacionalismo sempre dependeu de uma forte construção de gênero.

Como muito bem lembrado por Boehmer,

Some women might therefore continue rightly to feel, along with Virginia Woolf in her famous anti-patriarchal pacifist manifesto *Three Guineas* (1938), **'in fact, as a woman, I have no country. As a woman, I want no country.** Because men have drawn up, defined and directed national boundaries and national affairs, as Woolf suggests, women cannot legitimately lay claim either to a national territory or to their own national mythology, history or theory of power.¹⁰⁷ (BOEHMER, 2005, p.2158. Negritos meus).

Desse modo, não me parece que a *nação* sul-africana, também construída sob o discurso do nacionalismo *masculino*, pudesse oferecer às mulheres negras qualquer respaldo

¹⁰⁷ Tradução: "Algumas mulheres, com todo direito, podem, portanto, se sentir, juntamente com Virginia Woolf em seu famoso manifesto pacifista anti-patriarcal *Three Guineas* (1938), 'in fact, as a woman, I have no country. As a woman I want no country'. Porque os homens elaboraram, definiram e dirigiram as fronteiras nacionais e os assuntos nacionais, como sugere Virginia Woolf, as mulheres não podem legitimamente reivindicar seja um território nacional ou a sua própria mitologia, história ou teoria do poder nacional. O colo da Nação Mãe pode não ser tão macio e espaçoso para as mulheres como é para os homens." (BOEHMER, 2005, Pos. 2158).

melhor de *pertencimento* ou ainda alternativas que viabilizassem processos de identificação que as satisfizessem enquanto sujeitos da história.

2.4.1 Sobre a Hegemonia do Discurso do não racismo na África do Sul Contemporânea

A obra *The Colour of Our Future – Does race matter in post-apartheid South Africa?* (2015), editada por Xolela Mangcu, nos ajuda a pensar o presente racial na sociedade sul-africana contemporânea e a validade da ideologia *não racista* para a contemporaneidade.

Na introdução da obra, é David Scott¹⁰⁸ quem reconhece que hoje é senso comum se pensar a história da construção da África do Sul democrática e/ou pós-apartheid, como “uma narrativa da luta heroica para vencer o passado racista entrincheirado e vicioso e fundar uma república constitucional com base na recusa de identificações raciais e de exclusões.” (SCOTT, 2015, p.xi). Segundo Scott, esta narrativa hegemônica surgiu como forma de rejeição à autoidentificação racial e étnica que foi vista como cúmplice das práticas classificatórias e administrativas exercidas pelo estado do apartheid. Desse modo, os discursos de raça e consciência étnica tornaram-se moralmente suspeitos e politicamente retrógrados, conforme explica. Para ele, o princípio do ‘*não racismo*’ transformou-se em “norma de oposição” e até mesmo em “ortodoxia politicamente correta”. (SCOTT, 2015, p.xi). David Scott, concorde com Mangcu, questiona a validade das políticas não racistas para a conjuntura da África do Sul pós-apartheid,

as the novelty of procedural democracy recedes and the pleasures and conceits of white privilege (not to mention the economic structures that sustain it) recognizably prevail in barely diminished form, it is no longer as clear as it once seemingly was that the great doctrine of ‘non-racism’ is self-evidently the best way to engage and combat the scourge of individual and institutional racism.¹⁰⁹ (SCOTT, 2015, p.xi).

Para Scott, é preciso pensar sobre “as estruturas discursivas e institucionais através das quais os poderes da hierarquia e do privilégio raciais e étnicos promovem, reinventam e

¹⁰⁸ Professor de Antropologia e Diretor de Estudos de Pós-graduação na Universidade de Columbia, EUA. David Scott é autor de *Refashioning Futures* (1999) e *Conscripts of Modernity* (2004), onde procura reconceitualizar o pensamento sobre a relação entre a história do passado colonial e o presente pós-colonial, conforme sua biografia conta no site: <http://anthropology.columbia.edu/people/profile/373>.

¹⁰⁹ Tradução: “na medida em que a novidade da democracia recua e os prazeres e vaidades do privilégio branco (para não mencionar as estruturas econômicas que os sustentam) reconhecidamente prevalecem mal diminuídos em forma, já não é tão claro como aparentemente antes foi que a grande doutrina do ‘não racismo’ seja auto-evidentemente a melhor maneira de se comprometer e combater o flagelo do racismo individual e institucional.” (SCOTT, 2015, p.xi).

reforçam a si mesmos”, sobre “através de quais práticas e tecnologias pelas quais certos tipos de experiências étnicas e raciais são silenciadas, deslocadas ou desautorizadas e outras tacitamente garantidas e normalizadas” e, finalmente, sobre “como alguém até mesmo fala – isto é, nomeia – raça e etnicidade em um mundo supostamente pós-racializado” (SCOTT, 2015, p.xii). Para Scott, a menos que os sul-africanos sejam

able to deconstruct-reconstruct the conceptual-political story of race and ethnicity (a project that entails denormalising the progressive narrative in which the virtues of ‘non-race’ carry out a constitutive and authoritative function), we are not likely to come to terms with the uncanny persistence of race and ethnicity in the various registers and dimensions of contemporary South African experience.¹¹⁰ (SCOTT, 2015, p.xii)

Parece óbvio que a importância da discussão sobre a existência ou não das ‘raças’ está colocada em função da necessidade de combate ao racismo que tem papel essencial na perpetuação das desigualdades sociais. Para Mangcu, a ideia de senso comum de que o racismo é proveniente simplesmente da falta de conhecimento (científico ou não), ou seja, que ele seja apenas em razão de um preconceito, exclui o reconhecimento da natureza política do racismo. (MANGCU, 2015, pp.2-3). A história demonstra, segundo Mangcu, que a racialização da população negra está relacionada ao poder geopolítico dos povos negros, ou à falta dele (MANGCU, 2015, p.2).

Após afirmar, no prefácio de *The Colour of Our Future*, que “nenhum conceito moldou o mundo moderno tão completamente como ‘raça’” (MANGCU, 2015, p. xiii) e lembrar que o racismo colonial da África do Sul foi “fundado sob as pretensões pseudo-aristocráticas” dos colonizadores europeus que “exportaram suas classes mais baixas para as colônias recém-fundadas, onde eles seriam os senhores de seus próprios reinos” (MANGCU, 2015, p.xiii). Xolela Mangcu reconhece a “ferocidade” singular do racismo colonial sul-africano como tendo sido fruto do risco que representava a proximidade entre colonizador e colonizados. Esta situação fez com que os britânicos desenvolvessem um sistema de segregação racial que tornasse a convivência entre eles tolerável e que foi imposto com a mais agressiva crueldade, segundo Mangcu. O sociólogo, entretanto, não se esquece de notar que “os africanos não foram nem um pouco mais gentis quando eles finalmente substituíram a segregação pela a ideologia do apartheid.” (MANGCU, 2015, p.xiv).

¹¹⁰ Tradução: “capazes de desconstruir-reconstruir a história político-conceitual de raça e etnicidade (um projeto que implica em desnormalizar a narrativa progressista na qual as virtudes da ‘não racialidade’ carregam uma função constitutiva e de autoridade), eles não chegaram a termos com a persistência assombrosa de raça e etnicidade nos vários registros e dimensões da experiência contemporânea sul-africana.” (SCOTT, 2015, p.xii).

Mangcu mostra que uma grande parcela do movimento pela libertação do regime não estava totalmente convencida de que o melhor caminho para o combate ao governo racial seria a ideia de que, através de uma “lógica simétrica” de pensamento, o racismo do apartheid deveria ser substituído pela ideologia do não racismo, mesmo que, de acordo com Mangcu, esta venha sendo “amplamente compreendida como tendo sido o consenso normativo da luta contra o apartheid.” (MANGCU, 2015, p.xvi). Consenso que Mangcu garante que não houve, apontando Steve Biko como sendo um dos maiores opositores à solução pelo não racismo.

Mais do que defender uma posição em favor ou contra a ideologia do não racismo na África do Sul atual, a preocupação, não só de Mangcu, mas da maioria dos intelectuais que contribuem para a coletânea mencionada, é em relação à possibilidade de os conceitos que veem sendo utilizados no combate contra a opressão não estarem ajudando, mas sim impedindo os processos de transformação racial na África do Sul contemporânea. Há, da parte desses pensadores, uma desconfiança de que “o conceito do não racismo assumiu um significado diferente na África do Sul pós-apartheid, sendo mais usado agora para defender do que combater a desigualdade racial”, conforme Mangcu. (MANGCU, 2015, p.xix).

O sociólogo Xolela Mangcu contrapõe o movimento da Consciência Negra contra a história do não racismo na África do Sul para “refutar a noção de ou pretensão do não racismo como um consenso normativo na comunidade política negra” (MANGCU, 2015, p.9). Ele assim o faz para introduzir um novo entendimento sobre o futuro racial sul-africano a partir, principalmente, da ideia de Albert Luthuli¹¹¹ de uma “sociedade multirracial em uma democracia não racial” (MANGCU, 2015, p.9).

Mangcu explica que aceita a ideia de uma sociedade multirracial de Luthuli¹¹² por se tratar de um “reconhecimento pragmático das identidades racializadas que nem toda racionalidade científica, liberalismo de esquerda ou Marxismo pode minimizar” (MANGCU, 2015, p.10), mas que, todavia, prefere substituir “democracia antirracista” por “democracia não racial”. Sua proposta para a África do Sul contemporânea é que não se continue a opor o *racismo racista do apartheid* a uma *individualidade não racial* porque não é necessário,

¹¹¹ Inkosi Albert John Luthuli ou Mvumbi (Zulu) (1898-1967) - professor, político e importante ativista contra o apartheid. Foi eleito presidente do ANC em 1952 e em 1960 foi o primeiro africano a ganhar o prêmio Nobel da Paz por sua luta não-violenta contra o apartheid.

¹¹² Em entrevista para revista *Drum*, em 01 de junho de 1958, Albert Luthuli afirma: “o movimento multirracial é a única esperança para a África do Sul. A África do Sul só pode rejeitar a ideia de uma sociedade democrática multirracial sob seu próprio risco. O racismo leva necessariamente ao conflito. No ANC, nós nos opomos ao domínio negro, como nos opomos ao domínio branco, e acredito que nosso objetivo de uma sociedade democrática multirracial pode ser alcançado na África do Sul.” (LUTHULI, 1958). Disponível em: <http://www.anc.org.za/content/interview-drum-albert-luthuli>.

de seu ponto de vista, que se aceite “a lógica simétrica do ideal kantiano do indivíduo desincorporado como alternativa para a identidade de grupo.” (MANGCU, 2015, p.12). Na opinião de Mangcu, uma vez que o multirracismo político reconhece explicitamente a experiência e identidade racial de grupo, ele poderia ser muito mais útil do que a postura antagônica do não racismo com a identidade racial de grupo. Ao mesmo tempo Mangcu propõe que a sociedade sul-africana se mova em direção a um pensamento para *além da raça*.

Para Mangcu, para que a África do Sul se mova em direção a um estado além das raças, é preciso reconhecer, em suas palavras, que “além do fato de identidades de grupo reside à promessa de uma filosofia pública que vai além do que está na constituição - e sua ênfase nos direitos _ e fala diretamente aos corações e mentes dos sul-africanos.” (MANGCU, 2015, p.15). Inspirado na ideia do filósofo Michael Sandel de que toda democracia constitucional requer fundamentos cívicos e valores transcendentais que possam sustentar um autogoverno, Mangcu argumenta que “Na África do Sul o não racismo não consegue assegurar a justiça social que promete porque se tornou uma ideologia não racial de desigualdade _ não obstante seus defensores da esquerda-liberal.” (MANGCU, 2015, p.16).

O sociólogo conclui que não basta que “uma nação se defina a partir de conceitos negativos como o não racismo ou mesmo o antirracismo”. Para ele, o desafio contemporâneo da África do Sul é encontrar “um conjunto mais positivo de valores públicos seculares que continuamente se baseiem na riqueza de nossas [suas] identidades para a construção de uma *joint culture*”. (MANGCU, 2015, p.15). Acredito que a literatura de autoria das mulheres negras sul-africanas traz valores como a solidariedade e a ética do cuidado com o outro que podem fazer parte deste conjunto.

Se, para Mangcu, uma possível solução se faz a partir da construção de valores morais e éticos, para de Kock, que também reconhece que a África do Sul jamais terá uma identidade una, parte da solução estaria em que o valor da diferença fosse reconhecido “a guisa da *différence*, como um diferencial representacional oferecendo a libertação das fixações de identidade aprisionantes” (DE KOCK, 2001, p.289).

De acordo com de Kock, os sul-africanos estão

still fully in the seam, still restaging our identities in a place of converging difference __ a place where neither oneness nor difference can be maintained without reference to the knowledge of its double, its constitutively cross-hitched character.¹¹³ (DE KOCK, 2001, p.287)

¹¹³Tradução: “ainda totalmente na sutura, ainda reencenando nossas identidades em um lugar de diferença convergente - um lugar onde nem a igualdade nem a diferença podem ser mantidas sem referência ao conhecimento de sua característica de duplo, de constitutivamente entrelaçada.” (DE KOCK, 2001, p.287).

Ambos os autores concordam que as políticas e as práticas sociais que derivaram do *não racialismo* não só têm deixado de favorecer a almejada transformação da África do Sul como tem impedido que se trate adequadamente os problemas sociais oriundos a partir das injustiças do passado. É preciso que se reconheçam as implicações econômicas, sociais e políticas dos discursos derivados do conceito de raça, ainda que estejam camuflados, escondidos, disfarçados sob a crença de que a África do Sul, após 1994, tornou-se a *rainbow nation*.

O discurso hegemônico do não racialismo também não tem trazido vantagens para as mulheres negras sul-africanas e procurarei mostrar como os romances analisados nesta tese, em consonância com o pensamento feminista negro sul-africano, revelam a necessidade profunda da África do Sul se assumir ainda como uma sociedade ainda racialmente estratificada e como as desigualdades de gênero no país são inescapavelmente marcadas pelas questões raciais.

Toda esta reflexão acerca dos embates de formação de uma identidade sul-africana e também de como as questões raciais têm sido compreendidas tanto historicamente quanto nos debates atuais na África do Sul são importantes para compreendermos como irão se configurar os estudos feministas e de gênero sul-africanos bem como para pensarmos a ‘cena’¹¹⁴ literária sul-africana no qual se situam as obras de Maxine Case e Zukiswa Wanner e, finalmente, para iluminar a discussão sobre os temas e as representações das identidades culturais e sociais de gênero encontradas nas obras literárias pós-apartheid.

2.5 OS ESTUDOS FEMINISTAS E DE GÊNERO NA ÁFRICA DO SUL

Desde, pelo menos, o início dos anos 90, muitas feministas acadêmicas sul-africanas de diversas áreas defendem uma perspectiva de análise dos fenômenos sociais e produtos culturais que não deixa de levar em consideração os estudos e teorias desenvolvidas pelos feminismos ocidentais, mas defendem uma seletividade e uma apropriação de conceitos e

¹¹⁴ De toda a discussão sobre a as dificuldades de se constituir uma identidade nacional sul-africana e consequentemente, uma literatura nacional sul-africana, como veremos na discussão de Nadine Gordimer no tópico a seguir, concluí que também não parece muito adequado se falar em um ‘campo’ literário sul-africano dada a diversidade cultural das produções literárias escritas nas diferentes línguas existentes no país. Por isso preferi utilizar a palavra ‘cena’ literária no título do capítulo 3.

teorias estratégica que considere, primeiramente, as especificidades históricas, culturais e políticas locais.¹¹⁵

M. J. Daymond, professora da University of Kwazulu-Natal e editora da antologia *Women Writing Africa: The Southern Region* (2003), é uma das feministas sul-africanas que declara a inadequação da apropriação de conceitos e perspectivas ocidentais para os estudos feministas sul-africanos sem uma revisão crítica. Ela questiona, por exemplo, a pertinência de conceitos do feminismo branco, como o de ‘sororidade’, como referência para o feminismo sul-africano. De acordo com Daymond, “na África do Sul, dada a história específica do apartheid, a reivindicação de sororidade é positivamente perigosa ao ignorar como a raça determina os graus de poder que têm sido conferidos às mulheres. ” (DAYMOND, 1996, pos.275). Sem deixar de reconhecer que a estratégia de se estabelecer uma finalidade delimitada específica pode unir mais eficazmente as mulheres na luta pela solução de uma série de problemas que as mulheres enfrentam, a professora argumenta a favor da necessidade das mulheres sul-africanas encontrarem um ponto comum “dentro do reconhecimento da ‘diferença’” para que se estabeleça o que ela chama de “comunidade de finalidade”. Mas admite que aquilo que “na atualidade tem substituído ‘sororidade’ é necessariamente complexo”. (DAYMOND, 1996, pos. 275).

A questão da importação de teorias ocidentais e eurocêntricas para se pensar as realidades sociais, culturais e políticas africanas, principalmente no que concerne o entrelaçamento das categorias de raça e gênero e seus efeitos para a compreensão das experiências e, acrescento aqui, da produção artística e cultural das mulheres negras sul-africanas, tem sido um tema muito presente nas reflexões de inúmeras feministas sul-africanas (LEWIS, 1996, 2004; DAYMOND, 1996, WICOMB, 1996; ERAMUS, 2001, entre inúmeras outras). O que se percebe, no geral, não é nem de longe uma recusa em dialogar com tais conhecimentos, muito pelo contrário, estas feministas não só conhecem bem as teorias em voga, como as adaptam, modificam e as ampliam criticamente. Entretanto, é possível afirmar que predomina nessas modificações a certeza de que, no contexto particular da sociedade sul-africana, qualquer tentativa ou prática de hierarquização na utilização das categorias descritivas de opressão, que envolvem, principalmente, gênero, raça, e classe, para as análises e estudos das relações sociais e de suas representações culturais e literárias, resultaria em visões parciais e limitadas de tais fenômenos.

¹¹⁵ Neste ponto, não deixam de certa forma de estar em consonância com algumas versões norte-americanas do feminismo negro, tal como com a *teoria do visitante* de Davies¹¹⁵ (1994), por exemplo.

Dada à complexidade e singularidade da formação do estado nação sul-africano e o legado profundo deixado pelas bases segregacionistas históricas da construção das identidades culturais e sociais na África do Sul, a questão do imbricamento das categorias de raça, gênero e classe, somadas ainda a outras dimensões que compõem as identidades tais como etnia, nacionalidade, religião, geração, entre outras, faz com que tal debate seja uma preocupação constante e determinante nos estudos feministas e de gênero atuais.

Conforme nos ensina Barbara Bowen¹¹⁶ (1996), no momento da transição do apartheid para a democracia, as feministas sul-africanas reconheciam que a questão mais urgente do feminismo sul-africano era “como pensar sobre raça e gênero simultaneamente, como desenvolver práticas e teorias que reconhecessem as múltiplas formas de opressão sem borrar suas distinções históricas”. (BOWEN, 1996, pos. 118). Segundo Bowen, os estudos feministas do começo da década de 90 revelaram “a história de cumplicidade entre a ideologia do apartheid e o patriarcalismo do Calvinismo do séc.XIX, traçando uma sobreposição entre a institucionalização do 'apartness' (separação) racial e a epistemologia masculinista. ” (BOWEN, 1996, pos. 118). O próprio regime do apartheid começava, então, a ser mais organizado e metodicamente denunciado como “uma instituição generificada e generificante. (Pos.134).

Ao mesmo tempo em que a África do Sul não pode se isolar do restante do continente para pensar a problemática das imbricações entre raça e gênero ou das políticas globais contemporâneas, como diz Bowen, sua história singular, na medida em que as mulheres vão se fazendo ouvir na arena pública, “posiciona o país para emergir como um centro de pensamento feminista pós-colonial. ” (BOWEN, 1996, pos.149).

2.5.1 Desafios Africanos ao Feminismo

Há na África do Sul, como houve nos Estados Unidos, uma época em que se contrapunham mais claramente dois feminismos: um feminismo branco e de classe média, hegemônico, e um feminismo negro ou não branco que procurava revelar o caráter normativo, discriminatório e excludente dos estudos feministas que tendiam à universalização da categoria mulher, à imposição de pautas de reivindicações feministas limitadas a interesses de

¹¹⁶ Professora do Queens College da City University of New York e prefaciadora da primeira antologia de ensaios feministas sobre literatura e teoria literária da África do Sul publicada nos EUA, *South African Feminisms - Writing, Theory, and Criticism 1990-1994 (Gender and Genre in Literature)*, 1996.

um grupo social restrito de mulheres, excluindo as diferenças e diversidade de experiências entre as mulheres.

O recente artigo *Why Black women in South Africa don't fully embrace the feminist discourse* da professora Nompumelelo Motlafi do Departamento de Ciências Políticas da University of South Africa (2015) mostra como os distintos entendimentos sobre quais lutas são importantes para as mulheres negras sul-africanas dentro do feminismo podem prejudicar o envolvimento das mesmas com o movimento na África do Sul contemporânea. Motlafi procura explicar a posição vacilante das mulheres negras sul-africanas em relação ao feminismo. Para Motlafi, as mulheres negras e outras mulheres marginalizadas do continente africano e da diáspora têm sido militantes ativas desde os anos 60. Mas enfrentam o dilema de estarem divididas entre confrontarem as dificuldades que enfrentam porque são mulheres e aquelas que enfrentam por serem membros de comunidades negras. Questão que não é nada nova para elas.

As mulheres negras sul-africanas viveram em condições terríveis de privação e sempre envolvidas nas lutas para a emancipação de seu grupo social e pela libertação dele do governo colonial branco. Seus primeiros protestos foram tanto para assegurar o direito de ganharem a vida nas áreas urbanas¹¹⁷ como uma luta para proteger a integridade da família negra e o fortalecimento de suas comunidades como um todo.

Para Nompumelelo Motlafi, na África do Sul democrática, as negociações das mulheres negras pelos direitos humanos, cuja retórica nacionalista africana fora “baseada seletivamente e ampliada a partir do mesmo cânone europeu dos direitos humanos”, seguem divididas entre as necessidades pessoais de cada uma e as necessidades mais amplas da

¹¹⁷ A luta da resistência das mulheres negras contra as leis injustas e discriminatórias que cerceavam seus direitos de ir e vir remonta a 1913 quando em uma pequena cidade no Estado Livre de Orange as mulheres marcharam até a Corte da Magistratura e queimaram os passes que eram obrigadas a carregar. Vitoriosas nesta batalha, as mulheres permaneceram isentas da obrigação do porte e apresentação dos passes até o início da década de 50. Durante este período, entretanto, as mulheres sofreram com os efeitos das leis do passe para os homens de suas famílias, bem como devido a uma série de esforços do governo para desencorajá-las de se estabelecerem nas cidades e também com sua exclusão e a de suas famílias dos campos de trabalho de migrantes das empresas de mineração. Após a eleição apartheid de 1948, quando o governo promulgou uma série de leis para implementar o sistema de apartheid, o *Group Areas Act* (1950) e a lei do Passe, *Pass Laws Act* (1952) passaram regulamentar a residência e o movimento dos negros sul-africanos. Em 1950, o governo propôs, então, mudanças na lei das áreas urbanas. O *Urban Areas Act* (1923) foi projetado especificamente para impedir as mulheres negras de residirem em cidades e vilas. Em termos práticos, isto significou a exigência novamente de passes para mulheres, que iniciaram, então, protestos locais contra estas decisões. Esta determinação ajudou a fortalecer o movimento de resistência das mulheres negras. Em meados dos anos 50, na medida em que o governo do apartheid tornava-se mais determinado a restringir a entrada das mulheres em áreas urbanas, a Federação das Mulheres Sul-africanas (FSAW) decidiu organizar manifestações por todo país contra a decisão do governo de exigir que as mulheres carregassem passes novamente, que contaram com a participação de mais de 50,000 em 45 protestos. Os protestos culminaram na grande e histórica marcha de 09 de agosto de 1956 em Pretória. Ver: <http://www.sahistory.org.za/archive/women-play-leading-role>.

família ou da comunidade. Isto provém de uma forte conscientização de que a população negra, de um modo geral, homens e mulheres, continua a ter que lutar contra a herança colonial das privações socioeconômicas a eles imputadas pelo longo poder dos brancos.

Outro aspecto importante da sociedade sul-africana negra que revela a posição instável das mulheres negras em relação ao feminismo, levantado por Motlafi, diz respeito à existência persistente de um sentimento coletivo de traição quando se percebe que uma mulher desabona publicamente um líder negro masculino. A censura a este tipo de comportamento é ainda maior se esta exposição pública é testemunhada por observadores de fora da "comunidade", conta ela. Motlafi chama a atenção para o fato de que “a figura do líder ‘homem negro forte’ continua a ser a vanguarda da libertação. ” (MOTLAFI, 2015, s/p.). Questão também antiga dentro das lutas em que as mulheres estiveram envolvidas, inclusive dentro do movimento da Consciência Negra.

Na África do Sul, especificamente, diante da urgência para se resolver as questões da opressão racista instituída, estrutural e oficialmente pelo Apartheid, muitas militantes negras devotaram sua luta política à solidariedade à causa negra, minimizando a opressão patriarcal que sofriam da parte de seus pares. Identificando-se primeiramente como negras, e não como mulheres, elas ocuparam dentro do movimento uma posição marcada por *ambiguidades e contradições*.

Apesar de o movimento de Consciência Negra ter sido um movimento que lutava contra a opressão, ignorou completamente a opressão de gênero. Dentro do movimento, as mulheres, em sua maioria, continuaram sendo vistas cultural e politicamente como secundárias e marginais. Segundo Pumla Dineo Gcola¹¹⁸ (2013), havia mulheres transgressoras que desafiavam as premissas do movimento, mas foram uma minoria e suas demandas e esforços foram tratados como excepcionalidades em vez de terem servido como questionamento das bases masculinistas sobre as quais o movimento se construía. (GQOLA, 2013, p.19). Isso, ressalta Gcola, independentemente de o fato do movimento ter se fundado sobre a agência cultural feminina e terem sido as mulheres que mantiveram os laços de comunidade que o movimento almejava para unir todos ‘os negros’, a quem o Apartheid havia classificado e separado. Independentemente também de a ‘maternidade’ e a filosofia do *ubuntu*¹¹⁹, que é

¹¹⁸ Feminista sul-africana e professora do departamento de literatura africana da Universidade de Witwatersrand.

¹¹⁹ *Ubuntu* é a filosofia que o Bispo Desmond Tutu, Nelson Mandela e Thabo Mbeki compartilharam e sob a qual projetaram o projeto de reconciliação na África do Sul pós-apartheid. *Ubuntu* se origina de uma cosmovisão africana em que repousam as dimensões sociológicas da vida em comunidade. Segundo Faustin Ntamushobora, de um modo geral, ubuntu significa ‘humanidade’ e está relacionado ao umuntu, que é a categoria do ser humano inteligente. Desmond Tutu definiu ubuntu como a pessoa que é suficientemente autoconfiante e sabe que pertence a um todo que é maior que ela própria e por isso torna-se acolhedora, calorosa

convencionalmente vista como sendo do campo de atuação feminino, terem sido apropriadas como ícones do movimento.

Entretanto, o que talvez seja mais elucidador para pensarmos o papel que o movimento reservava às mulheres seja compreendermos que, como nos explica esta feminista, que “no centro do pensamento da Consciência Negra estava a ênfase na emasculação dos homens negros [pela opressão subjugante da masculinidade branca] e sua necessidade de recobrar uma identidade masculina [negra] positiva.” (GQOLA, p.18). Lauretta Ngcobo¹²⁰, autora sul-africana, resume claramente a situação: “nós mulheres temos que suportar a opressão de nossos homens oprimidos”.¹²¹ (DAYMOND, 1999, p.250).

Ainda, outro ponto bastante polêmico para o feminismo sul-africano negro é a questão, descrita por Motlafi, de que para as mulheres negras “exigir a igualdade de dignidade e justiça não necessariamente implica um desejo de acabar com a liderança masculina em casa, na comunidade e país.” (MOTLAFI, 2015, s/p)¹²².

A importância atribuída pelas mulheres negras sul-africanas à comunidade fica, finalmente, evidenciada na afirmação da professora de que não se pode esperar que as campanhas destinadas a eliminar a violência baseada no gênero sejam bem-sucedidas “se a mensagem pelos direitos das mulheres superarem a mensagem da colaboração da comunidade”. Motlafi é bastante cética em relação à eficácia das campanhas destinadas a eliminar a violência de gênero nas quais a mensagem de direitos das mulheres supera a mensagem de colaboração da comunidade. Para ela, os estudos e a cobertura midiática deste tipo de violência precisam ir além de somente focar principalmente os homens negros como os agressores. (MOTLAFI, 2015, s/p.)

Um último aspecto revelador da relação das mulheres negras sul-africanas com o feminismo, na visão de Motlafi, é a questão da vulnerabilidade das alianças entre mulheres brancas e negras. A razão disso, segundo ela, provém da persistência da dominância das mulheres brancas no discurso sobre os direitos humanos e, conseqüentemente, a potencial colocação das mulheres negras contra culturas africanas.

e generosa e não se sente ameaçada diante da capacidade do outro. Ubuntu é a qualidade da humanidade que torna uma pessoa capaz de se diferenciar de outros seres (ntu). Essa qualidade de humanidade, essencial para os indivíduos, só é percebida relacionalmente. (NTAMUSHOBORA, 2012, p.2-3). Disponível em: <<http://www.daystar.ac.ke/downloads/working-papers/Working%20Paper%20007.pdf>>.

¹²⁰ Feminista negra da década de 50, uma das mais destacadas manifestantes na marcha contra a lei do passe de 1956. Fugiu para exílio com a família em 1963 para não ser presa pelo regime do Apartheid. Autora de *Cross of Gold* (1981), *And They didn't die* (1990).

¹²¹ Tradução: “we women have to endure the oppression of our oppressed men.” (DAYMOND, 1999, p.250).

¹²² Talvez aqui resida uma das maiores dificuldades que as feministas brancas, ocidentais e de classe média tenham de compreender o que *não* querem as mulheres negras. E aqui, não posso deixar de assumir também certo desconforto diante da questão.

O artigo *As Políticas do Feminismo na África do Sul*¹²³ da professora Desiree Lewis¹²⁴, publicado em meados dos anos 90, nos ajuda a compreender o embate que as feministas não brancas tiveram com as feministas brancas no início dos anos 90 no contexto sul-africano. Tal embate parece não ter diferido muito daquele que as feministas negras norte-americanas tiveram com as feministas norte-americanas brancas durante a segunda onda do feminismo nos Estados Unidos. Para discutir as políticas do feminismo sul-africano, Lewis toma como referência a primeira *Conferência Sul-africana sobre Mulheres e Gênero*, realizada em 1991 na Universidade de Natal, que reuniu desde feministas europeias e norte-americanas até as africanas que haviam retornado à África do Sul após anos de exílio no exterior. Para ela, não só os temas apresentados, mas como foram encaminhados, por quem e, mais ainda, as reações contra aquilo que não se alinhava com as perspectivas do feminismo hegemônico branco demonstraram claramente que o conhecimento feminista sul-africano, apesar da recente visibilidade que começava a ganhar na academia na ocasião, era ainda profundamente insensível à interação de raça, classe e gênero e necessitava com urgência “to accomodate detailed analysis of discursive constructions of social identity, an analysis which feminists have developed elsewhere.”¹²⁵ (LEWIS, 1996, pos. 2670).

Segundo Lewis, durante a conferência ficou evidente a necessidade das feministas brancas de defenderem seus termos interpretativos, fechando-se para as ideias e interpretações oferecidas pelas estudiosas feministas negras. Na avaliação de Lewis, tal situação decorria do fato de que, na África do Sul,

patterns of racial domination have determined patterns of interpretive authority in South African scholarship and research. The trajectory of South African historiography reveals a fundamental unity regarding the mastery of those who represent and the silence of the represented. This relation is a racial one.¹²⁶ (LEWIS, 1996, Pos. 2817-2831).

Tratava-se de certa continuidade das relações de poder ditadas, fundamentalmente, pelas relações raciais tradicionalmente históricas no país. Nas palavras de Lewis, “The right to interpret black experience in South Africa has been a white right. Blacks may have emotions

¹²³ Este artigo está publicado na antologia *South African Feminisms- Writing, Theory and Criticism 1990-1994 - Gender and Genre in Literature* (1996).

¹²⁴ Professora do Departamento de Estudos de Gênero e das Mulheres da University of the Western Cape.

¹²⁵ Tradução: “acomodar análises detalhadas das construções discursivas da identidade social, uma análise, segundo ela, já desenvolvida em outros lugares”. (LEWIS, 1996, pos. 2670).

¹²⁶ Tradução: “os padrões de dominação raciais determinaram padrões de autoridade interpretativa no conhecimento acadêmico e na pesquisa sul-africana. A trajetória da historiografia sul-africana revela uma unidade fundamental no que concerne o controle daqueles que representam e o silêncio daqueles que são representados. Esta é uma relação racial.” (LEWIS, 1996, Pos.2817-2831).

and display their experience, but cannot be credit with self-knowledge or interpretive control.¹²⁷ (LEWIS, 1996, pos. 2831).

Parece evidente que o avanço do feminismo junto às mulheres negras na África do Sul depende crucialmente de sua capacidade de livrar-se de qualquer dogmatismo ocidental herdado do feminismo do *mainstream* bem como de sua capacidade de criar amplos espaços de diálogo com os sujeitos que pretende conquistar, o que implica o estabelecimento de uma relação mais próxima entre a produção do conhecimento teórico e acadêmico e o ativismo militante que está sempre mais diretamente interessado nas transformações sociais das relações de gênero.

Todavia se este pode ser ainda um desafio para as feministas sul-africanas, não é certamente, nem o único, nem talvez o mais difícil de ser superado.

2.5.2 O Embate do Discurso Norte-Sul para o Feminismo Sul-africano

Os estudos feministas na África do Sul enfrentam também o desafio de desconstruírem discursos desempoderantes para as mulheres que estão extremamente arraigados na cultura e parte deles está diretamente relacionado ao discurso da polarização *West/Rest*, há tempos já denunciado pelos estudos pós-coloniais. As reflexões de de Kock apresentadas anteriormente ajudam a compor o contexto histórico e político em que tal discurso se funda.

De acordo com Becky L. Jacobs¹²⁸,

Beyond the praxial dialogue, this feminist north-south debate introduces geography and economic development as well as race and class as important intersections impacting black women's experience of discrimination. According to southern-oriented feminists, American feminists — even Americans identified as black diaspora feminists — may ' understand sexism in their class societies but fail to understand it in the more complex situation of the Third World, where class and sex oppression are joined by colonial and racial oppression. Southern feminists rebuke northern feminists for not addressing the impact of colonialism on the lives of women in the south.¹²⁹ (JACOBS, 2013, p.22-23)

¹²⁷ Tradução: “o direito de interpretar a experiência negra na África do Sul foi um direito branco. Os negros podem ter emoções e mostrar sua experiência, mas não podem ser creditados com o autoconhecimento e ou com o controle interpretativo.” (LEWIS, 1996, pos. 2831).

¹²⁸ Professora Associada de Direito da University of Tennessee College of Law.

¹²⁹ Tradução: “Para além do diálogo da *praxis*, o debate feminista norte-sul introduz o desenvolvimento econômico e geográfico tanto quanto a raça e a classe como importantes intersecções impactando as experiências de discriminação das mulheres negras. De acordo com as feministas do sul, as feministas norte-americanas - mesmo aquelas identificadas como feministas da diáspora negra, _ podem 'compreender o sexismo em suas sociedades de classe, mas falham em compreendê-lo na situação mais complexa do Terceiro Mundo, onde as opressões de classe e sexo estão combinadas com as opressões de raça e colonial. As feministas do sul criticam

Para esta feminista, o contexto das experiências passadas, presentes e futuras das mulheres africanas forçou as teorias feministas a dialogarem sobre valores de padrões locais e globais no discurso dos direitos humanos. O feminismo ocidental construído pelas feministas da diáspora negra foi um constituinte dominante no colóquio norte-sul, tendo chamado a atenção para, entre outros aspectos, a importância de se olhar para as diferenças econômicas existentes entre as mulheres, minimizando assim a distância entre teoria e prática. Mas mesmo reconhecendo a dimensão da opressão material das mulheres não ocidentais, o feminismo negro ocidental não dá conta de introduzir uma discussão a cerca das fortes influências do colonialismo sobre essas mulheres. Segundo ela, “it is not without reason that many noted writers and gender scholars on the African subcontinent reject feminist formulations denominated as ‘western’¹³⁰”. (JACOBS, 2013, p.22). Para algumas mulheres africanas, é uma questão do "Ocidente e o Resto de nós".

Já, para a socióloga sul-africana Desiree Lewis, apesar de haver inúmeros trabalhos feministas radicais e inovadores na África do Sul, as tradições conservadoras, principalmente aquelas derivadas das perspectivas antropológicas, continuam a prejudicar o desenvolvimento de tais pesquisas na medida em que, muitas vezes, se baseiam em uma visão fetichizada da cultura ‘africana’, vista, segundo ela, como “autocontida, coerente e una.” (LEWIS, 2004, p.3). Para ela, é preciso um olhar crítico severo para a dominação dessas perspectivas para que agendas mais progressistas pós-coloniais possam informar novas pesquisas. São referências à cultura que se infiltram nos debates e discussões de vários modos para codificar e entrincheirar o binarismo África x Ocidente. (LEWIS, 2004, p.3). Conforme explica Lewis,

Here the fixation with an imagined 'africanity' in relation to women and gender in many ways reproduces the dominant discursive construction of Africa, constantly described in terms of everything that the west is not. This in not to deny the importance of ongoing attention to Africa's unique situation in global politics or culture, or to reject the relevance of metaphorically using terms like 'the west' or 'western' to decode power relations. What is disturbing, however, is the fixing of these categories as absolute entities, with meanings about Africa being formulaically measured in the basis of their being antithetical to projections about the west.¹³¹ (LEWIS, 2004, p.2-3).

as feministas do norte por não considerarem o impacto do colonialismo sobre a vida das mulheres do sul.” (JACOBS, 2013, p.22-23)

¹³⁰Tradução: “não é sem razão que muitas autoras e acadêmicas no subcontinente africano rejeitam as formulações feministas denominadas ‘ocidentais’”. (JACOBS, 2013, p.22).

¹³¹Tradução: “Aqui a fixação com uma 'africanidade' imaginada em relação às mulheres e ao gênero reproduz de várias maneiras a construção discursiva dominante da África, constantemente descrita em termos de tudo aquilo que o Ocidente não é. Isto não é para negar a importância da atenção presente à situação única da África nas

É em um esforço para contestar a dominação do pensamento ocidental sobre a África, fortemente influenciado pelo imaginário colonial em termos de sua diferença antitética do ocidente, que Lewis entende a fixação ainda presente no pensamento intelectual e nas políticas recentes que acabam por reproduzir os modos ocidentais de representação e projeção deturpados. (LEWIS, 2004, p.3).

A coerção exercida pelos discursos naturalizados de ‘cultura’, que não reconhecem sua natureza socialmente construída do mesmo modo que ignoram que categorias como identidade e subjetividade também são construídas discursiva e socialmente, tem consequências danosas para os projetos de emancipação e igualdade de gêneros. Para a socióloga, as “fictions of authenticity, custom, and ‘the past’ bolster patriarchal goals and desires, while perpetuating the servitude of women, and demonising both men and women who choose to reject heterosexist norms.”¹³² (LEWIS, 2003, p.1).

De acordo com Lewis, a história compartilhada de representação inadequada e marginalização cultural vivida pelos sul-africanos (e africanos, de modo geral) criou obrigatoriamente um sentimento de fidelidade entre a população e por isso tais ficções carregam uma enorme força emocional ainda hoje, dificultando a desconstrução de tais discursos. Por isso, a inscrição de gênero nos processos culturais africanos e a identificação social requerem, segundo ela, “uma reflexão continuada — tanto em termos dos sujeitos que foram há muito proscritos quanto em termos da profundidade da visão crítica dos africanos.” (LEWIS, 2003, p.1). Lewis reitera que,

Despite the fact that perceptions of sexuality, sexual behaviour and sexual relationships embed a range of hierarchical relations - between men and women, between those who police individuals' rights and those who insist on them - the impact of sexuality in configuring a host of naturalised cultural practices, social identities and deep-seated cultural discourses, has gone largely unacknowledged.¹³³ (LEWIS, 2003, p.1)

políticas globais ou cultura, ou para rejeitar a relevância do uso metafórico de termos como 'ocidente' ou 'ocidental' para decodificar as relações de poder. O que é perturbador, entretanto, é a fixação dessas categorias como entidades absolutas, com significados sobre a África sendo formulaicamente medidos sobre a base de serem antitéticos a projeções sobre o ocidente.” (LEWIS, 2003, p.3)

¹³² Tradução: “ficções de autenticidade, de costumes, e do ‘passado’ asseguram desejos e objetivos patriarcais, enquanto perpetuam a servilidade das mulheres, e demonizam ambos os homens e as mulheres que escolhem rejeitar as normas heterossexuais.” (LEWIS, 2003, p.1).

¹³³ Tradução: “apesar do fato de que as percepções sobre sexualidade, comportamento sexual e relações sexuais incluem uma gama de relações hierárquicas _ entre homens e mulheres, aqueles que policiam os direitos humanos e aqueles que insistem neles _ o impacto da sexualidade na configuração de práticas culturais naturalizadas, identidades sociais e discursos culturais profundamente enraizados, tem sido amplamente desconhecidos.” (LEWIS, 2004, p.1).

É preciso lembrar que este imaginário social africano, utilizado estrategicamente nas lutas anti-coloniais, não só na África do Sul, foi fundado centralmente sobre mitos de auto-definição e valores masculinos fazendo com que as mulheres servissem apenas como contraponto para a construção da imagem da “masculinidade africana assertiva”. Assim as mulheres não só foram apropriadas, como símbolos e não consideradas sujeitos, apesar de toda a participação que tiveram na luta contra os regimes de opressão, mas, conforme Lewis afirma, continuam a ser.

Permeating definitions of nation, culture and identity in the present day, this legacy of patriarchal cultural nationalism has valorised masculine needs and yearnings, relegating women to the status of symbols and cyphers, handmaidens and caregivers, the recipients and projections of visions, rather than their crafters.¹³⁴ (LEWIS, 2003, p.2).

Um dos discursos mais claros dessa apropriação diz respeito a tropo da mulher africana como mãe. A maternidade na África, como em muitos outros lugares, tem informado fortemente a identidade social das mulheres. A mitificação e romantização da mãe africana foi propagada extensamente através da literatura africana em seus diferentes gêneros, principalmente por aquela que teve os movimentos nacionalistas patriarcais como pano de fundo. As mães foram reverenciadas de diferentes formas, tais como deusas, procriadoras, criadoras nutrizes, frequentemente caracterizadas pela ideia da disposição para o auto-sacrifício pelo bem dos filhos, da família ou da comunidade. Símbolo do estado-nação para os movimentos nacionalistas, a Mãe-África transformou-se na ideia da nação-como-mãe e o amor da mãe e o amor da nação foram representados como um só (AKUJOBI, 2011, p.2)

O simbolismo da Mãe-Terra explorada e escravizada esteve no centro das lutas nacionalistas anti-coloniais na África nas décadas de 50 e início dos anos 60 até as independências. Elleke Boehmer nos lembra que a pressão das lutas pela liberação nacional nas colônias reforçou muitas formas de exclusão, entre elas, “a feminilização dos homens colonizados sob o império produziu, como um tipo de reflexo defensivo, uma masculinidade agressiva nos homens que lideraram a oposição ao colonialismo. ” (BOEHMER, 2005, p.216). Ao mesmo tempo em que estes movimentos encorajavam seus membros a se afirmarem como sujeitos de sua própria história, capazes de se auto-modelarem e de estarem

¹³⁴ Tradução: “Permeando definições de nação, cultura e identidade nos dias de hoje, este legado de nacionalismo cultural patriarcal tem valorizado as necessidades e os anseios masculinos, relegando as mulheres ao status de símbolos e *cyphers*, servas e cuidadoras, recipientes e as projeções de visões, em vez de suas artesãs.” (LEWIS, 2004, p.2).

no controle, não faziam o mesmo em relação às mulheres, mesmo que elas estivessem participando das lutas.

Elas foram descritas desde a literatura da época da independência através do olhar autoral masculino que, conforme descreve Boehmer, “é claro que, enquanto os homens são invocados como os cidadãos definitivos da nova nação, as mulheres são representadas como ícones de valores nacionais, ou guardiãs idealizadas da tradição.” (BOEHMER, 2005, p.216).

Segundo Lewis, as representações idealizadas da mulher/mãe africana tal qual celebradas em grande parte da poesia e prosa nacionalista sul-africana acabam por se repetir na África do Sul em muitos dos discursos contemporâneos, tanto na esfera pública quanto na esfera doméstica. (LEWIS, 2003). Estes sistemas de valores permeiam insidiosamente o pensamento e tecido da sociedade sul-africana.

Patriarchal scripts of identity and culture are entrenched in the icons that give shape to our hopes, in the literary traditions that inspire us, and in the very words that we use. They are engrained in our behavioural codes, our institutional cultures, the ostensibly natural conventions by which we live, work and find pleasure. Construed as being part of a sacrosanct or "natural" order, they often assume unquestioned allegiance as the reasonable and necessary response to the status quo.¹³⁵ (LEWIS, 2003, p.2)

O grande problema resultante desta situação, apontado por Lewis, reside em um autoritarismo e sua institucionalização da hierarquia e obediência que colocam em prática “um quadro de referência moral em que tudo o que é diferente e controverso é percebido como corrupto, perturbador e traiçoeiro.” (LEWIS, 2003, p.3) e “a prescrição da responsabilidade para com a ‘liderança’, a ‘cultura’, a ‘comunidade’ ou a ‘nação’”, tão valorizados desta perspectiva, tem efeitos fortemente conservadores.

Enquanto Desiree Lewis considera que a lealdade de grupo e a solidariedade podem ter sido fundamentais para aquilo que ela chama de *estratégia do essencialismo* e para as práticas libertadoras de resistência anti-colonial, a socióloga simultaneamente considera que “suas ortodoxias ferozes suprimem muitas liberdades individuais e criativas”, podendo inclusive levar a um estado de perda da capacidade de percepção das necessidades e desejos

¹³⁵Tradução: “Os scripts patriarcais de identidade e cultura estão entrincheirados nos ícones que dão forma a nossas esperanças, nas tradições literárias que nos inspiram, e nas próprias palavras que usamos. Eles são enraizados em nossos códigos de comportamento, em nossas culturas institucionais, nas convenções ostensivamente naturais pelas quais vivemos, trabalhamos e encontramos prazer. Interpretados como sendo parte de uma ordem sacrossanta ou "natural", eles muitas vezes assumem a lealdade inquestionável como uma resposta razoável e necessária ao *status quo*.” (LEWIS, 2003, p.2).

da sociedade sul-africana atual, transformando-a em “uma cultura atordoada de silêncio e conformidade.” (LEWIS, 2003, p.3).

Também, o que me interessa destacar das reflexões trazidas por Lewis é o fato de ela considerar a necessidade de novos discursos e práticas que possam servir como espaços de representações alternativas de identidades, “direitos, liberdades e desejos”. E a literatura surge para ela como um desses espaços, sugerindo que a pesquisa feminista tem muito a ganhar ao olhar para as produções culturais.

The relevance of this realm of cultural production to feminist research, therefore, is that it can open up "humanistic concerns", "holistic paradigms" and "expansive methodologies", rather than underscore "technocratic approaches to development, dedicated to the service of national and international policy-makers and bureaucracies of the development industry" (Mama, 1997: 76)¹³⁶. (LEWIS, 2003, p.3).

Lewis observa que, na África do Sul atual, a pesquisa e os trabalhos ativistas sobre mulheres e gênero têm sido bem financiados, ressaltando o quanto eles têm também se tornado uma indústria no trabalho de desenvolvimento. Entretanto, tais estudos concebem ainda “as discussões sobre a prática cultural e produção como periférica à governança, economia e alocação de recursos. ” (LEWIS, 2003, p.3). Tal atitude, conforme a socióloga, demonstra o quanto se desconhece sobre “a matriz sob a qual a política e as relações econômicas ocorrem”, reduzindo “a transformação a questões estruturais bidimensionais econômicas, tecnológicas” e invalidando “as repercussões políticas da ideologia, da consciência e da prática cultural. ” (LEWIS, 2003, p.3).

Estas reflexões de Desiree Lewis me ajudaram a compreender parte fundamental das dificuldades para uma transformação efetiva da sociedade sul-africana no que diz respeito à igualdade nas relações de gênero e empoderamento das mulheres negras. Para que isso aconteça será mister o reconhecimento de que

Explorations of culture help to stimulate comprehensive explorations of social experiences, and also encourage critical attention to the roots and complexities of social institutions, political processes and economic trajectories.¹³⁷ (LEWIS, 2003, p.3)

¹³⁶Tradução: “A relevância deste domínio da produção cultural para pesquisa feminista, portanto, é que ela pode se abrir para ‘preocupações humanistas’, ‘paradigmas holísticos’ e ‘metodologias amplas’, em vez de sublinhar ‘abordagens tecnocráticas para o desenvolvimento, dedicadas ao serviço dos formuladores de políticas nacionais e internacionais e burocracias da indústria de desenvolvimento’ (Mama, 1997:76)¹³⁶.” (LEWIS, 2003, p.3).

¹³⁷Tradução: “as explorações da cultura ajudam a estimular explorações detalhadas de experiências sociais, e também a incentivar a atenção crítica às raízes e às complexidades das instituições sociais, dos processos políticos e das trajetórias econômicas.” (LEWIS, 2003, p.3)

Diante de tais conclusões, a certeza de que as obras literárias das mulheres negras se configuram como espaços para modelos de representação alternativos de identidade social e das relações de gênero me faz acreditar que este estudo possa servir como uma contribuição para este debate.

2.5.3 A resistência no feminismo sul-africano aos enfoques raciais

Ao discutir as políticas do feminismo sul-africano de 1996, Lewis dialoga constantemente com as teorias feministas ocidentais, destacando a importância da introdução da perspectiva das *interseccionalidades* das categorias de gênero, raça, classe ou afiliações regionais para o avanço nos estudos sobre as questões de identidades e subjetividades. (LEWIS, 1996, pos. 2684). Lembrando que “o sujeito social generificado não é nunca simplesmente 'uma mulher' ou 'um homem', mas sempre 'uma mulher negra', 'um homem branco', 'uma mulher de classe média do Primeiro Mundo’” (Lewis, 1996, pos.2684), Lewis reforça a ideia de que “o feminismo do *mainstream* da época (aquele que dominava as publicações, a academia, o lobbying internacional, e o ativismo) obscurecia os fundamentos raciais e de classe de suas concepções de gênero e de feminismo.” Ela explica que:

Since these paradigms emerged mainly in the first-world and middle-class contexts, they tended to dictate standards to Othered (black, third-world and working class) women, presenting context-bound perspectives under the guise of universalistic notions of sisterhood.¹³⁸ (LEWIS, 1996, pos. 2699).

A tendência de se ver o gênero como o constituinte *primeiro* e *único* da identidade faz com que as demais diferenças, entre elas a diferença racial, e as relações de poder subsumam-se sob um conceito universalizante e é isso que as feministas negras sul-africanas não querem.

Entretanto, Desiree Lewis observa que na África do Sul, onde só em meados da década de 90, a teoria feminista começava a se tornar academicamente e politicamente visível, o debate sobre os fundamentos raciais de certos discursos feministas sofreram frequentemente forte resistência. (LEWIS, 1996, pos. 2699). Para Lewis, a principal razão para a ampla relutância acadêmica e, muitas vezes, política de interpretar as lutas políticas em termos

¹³⁸Tradução: “Uma vez que estes paradigmas emergiram principalmente em contextos do Primeiro Mundo e de classe média, eles tendiam a ditar os padrões para as Outras mulheres¹³⁸ (as negras, as de Terceiro Mundo, as trabalhadoras), apresentando perspectivas contextualizadas sob o disfarce de noções universalistas de *sororidade*.” (LEWIS, 1996, pos. 2699).

raciais provém do forte impacto das organizações políticas não raciais, tais como o Congresso Nacional Africano (ANC) e a Frente Democrática Unida (UDF) dos anos 80, juntamente com a predominância das teorias marxistas nos anos 70 e 80, que acabaram por minimizar e/ou desacreditar as formas raciais de políticas opositivas. (LEWIS, 1996, pos.2699). Mesmo com a existência de organizações como o movimento da Consciência Negra, a predominância de filosofias e organizações não raciais fez com que a consciência racial fosse vista como “politicamente suspeita e retrógrada”. (LEWIS, 1996, pos.2699). Todos estes discursos afetaram, de uma forma ou de outra, os debates feministas locais que acabaram por enfraquecer, na opinião de Lewis, o avanço da teoria feminista, prejudicando-lhe a compreensão das experiências de grupos marginalizados.

Lewis ainda destaca a questão de que as feministas brancas sul-africanas também¹³⁹ objetificaram as mulheres negras em seus estudos e pesquisas, especialmente as mulheres negras trabalhadoras. Em suas palavras, “na África do Sul, o conhecimento/o poder dialético tem uma forma racial” A explicação dada por Lewis é que “o reconhecimento das interpretações próprias das mulheres negras levaria as feministas brancas a perderem a dominação na esfera acadêmica onde seu poder é pequeno e ameaçado” na África do Sul. (LEWIS, 1996, pos.2757).

Isso explicaria parcialmente a resistência de algumas feministas brancas para reconhecer o discurso como um *locus* de relações de poder ou, como afirma a estudiosa, para considerar a extensão na qual o “auto-proclamado domínio interpretativo” das feministas brancas alimenta as relações mais amplamente opressivas da sociedade racista, classista e patriarcal sul-africana. (LEWIS, 1996, pos.2757). Para ela,

White middle-class feminism needs to acknowledge its complicity in relations of power and control, need to subject its own structurally determined position to scrutiny and needs to liberate itself from normative illusions and complexes of superiority. Until this is done there can be no such thing as 'southern African feminism.'¹⁴⁰(LEWIS, 1996, pos. 2758).

A hierarquização das categorias de estudo que dá maior importância à identidade de gênero do que qualquer outra categoria de identidade costuma ser justificada pelas feministas brancas, segundo a professora, através do argumento de que “todas as mulheres, a despeito de

¹³⁹ O uso do ‘também’ aqui é porque esta é mais uma situação que se assemelha à relação vivida entre as feministas brancas norte-americanas e as feministas não brancas.

¹⁴⁰ Tradução: “O feminismo branco de classe média tem de reconhecer sua cumplicidade nas relações de poder e controle, tem de sujeitar a sua própria posição estruturalmente determinada ao exame e precisa se libertar das ilusões normativas e dos complexos de superioridade. Até que isso seja feito, não pode haver tal coisa como um ‘feminismo africano do sul’.” (LEWIS, 1996, pos. 2758).

sua nacionalidade, classe ou raça têm experiências comuns de opressão e que é simplesmente a expressão desta experiência que varia.” (LEWIS, 1996, pos. 2757). No entanto, para Lewis, a própria linguagem do feminismo dominante revela a supressão da diferença e o privilégio que a experiência de um grupo social ganha. Conforme ela esclarece:

'woman' in 'white woman' becomes normative and 'woman' in 'black woman' deviant; 'woman' in 'middle-class woman' becomes standard and needs no qualification, while 'working-class' has to qualify 'woman'. 'White middle-class woman' provides the basis for a defining gender identity, establishing feminist goals, developing political strategies and isolating 'common experiences'. 'White middle-class woman' simply becomes 'woman'.¹⁴¹ (LEWIS, 1996, pos.2774).

No contexto da sociedade sul-africana, a impropriedade e os prejuízos culturais e sociais a que podem levar um raciocínio deste tipo ficam ainda mais evidentes, posto que “a variabilidade histórica e social da construção da identidade é central para a avaliação das inadequações das definições prescritivas de gênero.” (LEWIS, 1996, pos. 2774). Considerando estereótipos sobre 'feminilidade', Lewis lembra que estes variam amplamente. Parâmetros como “submissão e a fraqueza física” podem ser convencionalmente traços admirados em mulheres protegidas pelos privilégios de raça e classe, mas “não são prescrições patriarcais para muitas trabalhadoras e mulheres negras”, pois dessas mulheres espera-se que sejam ‘ganhadoras de pão’, ativistas políticas ou esteio emocional e psicológico também dos egos masculinos negros prejudicados pelo colonialismo branco. (pos.2772). Portanto, das mulheres negras, no geral, e aqui no caso, das sul-africanas, o discurso hegemônico da feminilidade não se espera que elas sejam “belas, recatadas e do lar”.

Lewis reforça a importância das autobiografias de escritoras como Ellen Kuzwayo¹⁴² (1985) e Sindiwe Magona¹⁴³ (1990) ao representarem importantes testemunhos do

¹⁴¹Tradução: “‘woman’ em ‘white woman’ torna-se normativo e ‘woman’ em ‘black woman’ desviante; ‘woman’ em ‘middle-class woman’ torna-se padrão e não precisa de qualificação, enquanto ‘trabalhadora’ qualifica ‘woman’. ‘white middle-class woman’ oferece a base para a definição da identidade de gênero, estabelecendo objetivos feministas, desenvolvendo estratégias políticas e isolando ‘experiências comuns’. ‘white middle-class woman’ simplesmente torna-se ‘woman’.” (LEWIS, 1996, pos.2774).

¹⁴² Nnoseng Ellen Kuzwayo (1914-2006) foi ativista política na luta contra o apartheid e incansável defensora dos direitos das mulheres. Foi também professora, assistente social, liderança comunitária e escritora. Foi presidente da Liga Jovem do Congresso Nacional Africano durante os anos 60. Em 1985, Kuzwayo publicou sua autobiografia, *Call Me a Woman*. Em 1994, como membro do ANC, tornou-se membro do primeiro parlamento multirracial da África do Sul. Em 1999, aposentou-se como membro do parlamento, tendo recebido de Nelson Mandela a Ordem de Serviço Meritório. (Ver: <http://www.theguardian.com/news/2006/apr/24/guardianobituaries.gender>).

¹⁴³ Sindiwe Magona (1943-) nasceu em Gungululu, região do Cabo Oriental (antigo Transkei), na África do Sul em 1943. Foi professora, funcionária pública. É romancista, dramaturga e ativista feminista. É conhecida internacionalmente e sua obra é fortemente informada por sua experiência pessoal, a experiência de alguém que viveu na pobreza, resistiu à subjugação, trabalhou como empregada doméstica. Formou-se no ensino médio e na graduação por correspondência, mas foi agraciada com uma bolsa de estudos para realizar o Mestrado em

empoderamento das mulheres negras, da frequência e da naturalidade de suas experiências em domínios públicos masculinos da economia e da política. Tal evidência sugere que apesar das mulheres poderem permanecer presas às armadilhas das ideologias de gênero opressivas, suas famílias e comunidades contam com elas e frequentemente lhes prescrevem uma adoção dos papéis 'masculinos'. (LEWIS, 1996, pos. 2787).

Ao deixar clara a impossibilidade de se extrair um padrão universal para definir seja feminilidade ou masculinidade, ou qualquer outra identidade de gênero, Lewis também reforça a importância de sempre levarmos em consideração as interseccionalidades de raça, classe e gênero, entre outras condições e posicionalidades para pensarmos os sujeitos. Ela alerta que a construção do eu envolve vários aspectos que moldam as subjetividades e que sempre que se privilegia um modelo se marginaliza outros, como as feministas negras e pós-coloniais sempre denunciaram.

Sem nenhuma pretensão de ter esgotado os debates contemporâneos sobre *identidade, raça e gênero* no contexto sul-africano, este capítulo teve entre seus objetivos apresentar uma breve descrição da formação da sociedade da África do Sul, focalizando principalmente as desigualdades sociais e seus imbricamentos com as categorias de raça e gênero que caracterizam o país. A seguir, introduzi a discussão de Leon de Kock sobre a questão controversa da formação de uma identidade 'sul-africana' enquanto potencial para a construção da África do Sul como uma *nação* mais igualitária para poder situar alguns aspectos do desenvolvimento dos estudos feministas e de gênero na África do Sul. Tudo isso com vistas a pensar as representações da construção das identidades das mulheres negras bem como seu lugar de pertencimento no contexto desta sociedade.

A seguir passo a descrever algumas discussões que marcam o desenvolvimento da história da literatura sul-africana que considere importantes para a análise dos romances. É especificamente no Capítulo 3 onde introduzo o tema do *pertencimento* e sua relação tanto com a construção das identidades das mulheres negras sul-africanas como com a função de sua literatura. E ainda para poder situar a literatura escrita por Maxine Case e Zukiswa Wanner, ao final da tese, incluo um anexo onde conto um pouco sobre a história da literatura das mulheres negras sul-africanas.

CAPÍTULO 3 – CENAS LITERÁRIAS SUL-AFRICANAS EM LÍNGUA INGLESA E A ESCRITA DAS MULHERES NEGRAS

Este capítulo tem como objetivo refletir sobre alguns aspectos fundamentais do ‘campo’¹⁴⁴ literário sul-africano e também da literatura produzida pelas mulheres negras. São três os temas que desenvolvo inicialmente neste capítulo. O primeiro deles diz respeito à relação entre *a literatura e a política* que caracterizou, de uma forma ou de outra, inapelavelmente todo o cenário literário sul-africano desde suas origens, afetando de modos particulares a literatura feminina de autoria negra. O segundo tema diz respeito à questão da relação entre *a literatura, a história, a memória do apartheid* e como estes aspectos figuram e influenciam as histórias que são contadas na escrita das mulheres negras bem como as representações das identidades de gênero aí presentes. O terceiro tema é o debate sobre a singularidade da escrita das mulheres negras, a partir principalmente da relação entre pertencimento e a construção de suas identidades, questão tratada aqui especificamente a partir da metáfora ‘*home*’. Trago para esta discussão fundamentalmente o conceito de *sujeitos migratórios* da teoria do feminismo negro de Carol Boyce Davies, a crítica cultural feminista de Rita Felski relacionada à metáfora das *home girls*, utilizada para a leitura da literatura das mulheres afro americanas e, finalmente, a discussão sobre o tropo *home* no contexto literário da sociedade sul-africana, através do pensamento de Meg Samuelson. Na última parte deste capítulo trago um pouco sobre a história da literatura das mulheres negras sul-africanas para ao seu final situar e introduzir Maxine Case e Zukiswa Wanner no campo literário da África do Sul.

3.1 A RELAÇÃO ENTRE A LITERATURA SUL-AFRICANA E A POLÍTICA

A literatura produzida na África do Sul pode ser reconhecida como um caso em que, em diversos momentos históricos, a associação da política com a literatura se coloca de modo explícito. A inauguração da relação da política com a literatura sul-africana é entendida por Nadine Gordimer¹⁴⁵ como remontando à época da Companhia Holandesa das Índias Orientais, quando os missionários europeus, católicos ou protestantes, trouxeram para a região a palavra

¹⁴⁴ Dada à diversidade cultural da África do Sul, é muito difícil se falar em um ‘campo’ literário sul-africano no singular, como muito da crítica literária sul-africana já discutiu.

¹⁴⁵ Escritora sul-africana forte ativista no movimento anti-apartheid e ganhadora do Prêmio *Nobel* de Literatura em 1991, do *Booker Prize* em 1974, e recentemente a *Legião de Honra* da França, além de outros prêmios. Autora de mais de 30 livros, a maioria tendo como pano de fundo a situação social na África do Sul.

escrita (GORDIMER, 1976/2012, p.267). Assim, as primeiras publicações escritas na África surgem como uma extensão das atividades missionárias e, segundo Gordimer, no momento em que “uma cultura dominou outra e foi por ela dominada.” (2012, p.269). Esta escritora afirma, em seu ensaio *A Literatura de Língua Inglesa e a Política na África do Sul* que “Quando o primeiro poema laudatório tribal foi redigido sobre o papel, deu-se um ato político e tanto!” (GORDIMER, 2012, p.269). Neste texto de meados da década de 70, a escritora é conclusiva sobre o fato de que “tudo o que é e tem sido escrito pelos sul-africanos acaba sendo influenciado, no nível mais profundo e menos controlável da consciência, pela **política racial**.” (GORDIMER, 1976/2012, p.270. Negrito meu).

Para outro importante escritor e intelectual sul-africano, Njabulo Ndebele¹⁴⁶ (NDEBELE, 2012, s/p), a questão sobre a relação entre a política e a literatura é eterna. Desafiado, na *Edinburgh World Writer's Conference*¹⁴⁷, realizada em 2012, pela questão de *se a literatura deveria ser política*, Ndebele defende que em vez de buscarmos respostas definitivas para o problema, seria mais produtivo refletirmos a cerca de por que a mesma pergunta deve ressurgir com insistência em determinados momentos da história. Na África do Sul, segundo ele, esta questão se colocou com mais urgência a partir de 1976, por ocasião do Levante dos Jovens de Soweto¹⁴⁸ contra o governo, reaparecendo durante o estado de emergência nos anos 80, na medida em a repressão do *apartheid* tornava-se mais e mais extrema. Proporcionalmente, também cresciam “os protestos em massa, as prisões e assassinatos; a pobreza em massa de muitos; a extrema riqueza de poucos; o enorme poder do estado em defesa de uma pequena população de brancos, contra uma enorme reserva de mão de obra impotente de pessoas negras.” (NDEBELE, 2012, s/p). Conforme Ndebele, tratava-se de um drama de conflito claramente moral em uma situação em que “o governo representava o mal, oprimia os cidadãos negros, com números crescentes de brancos sul-africanos simpatizantes que representavam o bem.” (NDEBELE, 2012, s/p).

As questões raciais sempre foram tão determinantes na cultura artística sul-africana que a queda do regime *apartheid* suscitou grandes debates sobre se existiria uma arte sul-africana ou se ela ainda estaria por acontecer. A literatura também teve seu papel profundamente questionado. Os escritores estiveram tão diretamente comprometidos com as questões políticas

¹⁴⁶ Professor Njabulo Simakahle Ndebele (1948 -) é acadêmico, escritor literário ex-vice-reitor da Universidade da Cidade do Cabo. Autor de várias obras ficcionais e não ficcionais.

¹⁴⁷ Ver: <http://www.edinburghworldwritersconference.org/should-literature-be-political/ndebele-in-south-africa-keynote-on-should-literature-be-political/>

¹⁴⁸ Ndebele refere-se ao *Levante de Soweto*, de 16 de junho de 1976, quando centenas de jovens estudantes foram brutalmente assassinados pelo regime repressor do *apartheid* durante uma marcha pacífica na qual protestavam contra a imposição da língua africâner como meio de instrução escolar para os negros, que defendiam o ensino em inglês.

antes do início da democracia na África do Sul que foram interpelados sobre o que teriam para escrever uma vez que o *apartheid* deixara de existir. A escritora Nadine Gordimer foi categórica em sua resposta. Segundo ela, no artigo *O Status do Escritor no Mundo Atual*, de 1997, “A vida não parou porque o *apartheid* está morto” (GORDIMER, 2012, p.87). Conforme Gordimer, os temas políticos sombrios (a opressão, a segregação racial, o exílio, a censura) que haviam sido centrais para aquela literatura podem surgir na escrita contemporânea mais como uma *mise-en-scène*. Mais ainda, para Gordimer “Há tanta coisa a escrever sobre o que antes era posto de lado pela mente criativa **comprometida**; e há tanto a escrever sobre o que nunca aconteceu, porque antes não podia existir.” (GORDIMER, 2012, p.87. **Negrito meu**). Entre essas coisas, com certeza, estão as histórias a serem contadas pela perspectiva das escritoras negras.

Também, Njabulo Ndebele conclui que atualmente não podemos reconhecer na literatura sul-africana uma ‘literatura política’ “no sentido de uma literatura que dramatiza o ativismo político”. O mais provável é que se encontre uma “literatura que ‘politiza’ através de um ato de consciência” (NDEBELE, 2012, s/p). De acordo com o acadêmico, a literatura *não* política sul-africana de hoje também “pode ser intensamente política não tanto em seus posicionamentos, mas no valor expressivo que ganha ao explodir as simplificações.” (NDEBELE, 2012, s/p). O escritor entende a literatura sul-africana contemporânea como uma literatura cuja política reflexiva parece estar em sua própria textura, “uma literatura que politiza na medida em que despolitiza” (NDEBELE, 2012, s/p). Coincidentemente, Ndebele toma como exemplo obras de Kopano Matlwa e Zukiswa Wanner, esta última selecionada para esta pesquisa.

Quanto ao por que da pergunta *A literatura deveria ser política?* ainda fazer sentido hoje, Ndebele explica que a nova ordem social exige não só reflexão, mas ações políticas imediatas. Mesmo no atual período que pode ser considerado de pós-transição na história da África de Sul, e também em um contexto planetário mais amplo persistem, conforme Ndebele, “atos ocultos, porém sutis de violência contínua em larga escala”, tais como as desigualdades econômicas e sociais, a degradação do meio ambiente, a corrupção e a degradação da moralidade de lideranças políticas “fracas e incultas”, cujos impactos serão devastadores no futuro. Ndebele explica:

To counter such contemporary tendencies, we need writing that explodes willed invisibility so that we can see with an awareness that recognises the dangerous

present and at the same time enables us to project our minds and imaginations far ahead to prevent the tragedy of long term consequences.¹⁴⁹ (NDEBELE, 2012, s/p)

Ndebele reconhece, portanto, que a literatura continua a ter na África do Sul um papel importante nas transformações sociais que ainda precisam ocorrer para que a sociedade sul-africana seja mais igualitária e, ao mencionar duas escritoras **negras** não deixa de estar reconhecendo o cunho político e transformador da escrita dessas mulheres. Apesar do crítico literário não ter incluído em seu comentário o nome de Maxine Case, não tenho dúvida de que sua obra¹⁵⁰ é mais um exemplo desta perspectiva literária.

3.1.1 A história da literatura sul-africana e as questões raciais

Como não podia deixar de ser, a história da literatura da África do Sul espelha de um modo bastante fundamental os enormes desequilíbrios históricos do país e, de acordo com o professor Njabulo, as respostas a alguns problemas literários do país serão encontradas no modo como a luta mais ampla pela liberação for, finalmente, resolvida (NDEBELE, 1994, s/p). Também, conforme o estudioso em *Defining South African Literature for a New Nation* (1994), a literatura da África do Sul tem sido historicamente branca. Não que não tenha havido vários escritores negros de diferentes etnias africanas na história desta literatura. Mas os escritores negros estiveram por muito pouco tempo incluídos no cânone, tendo sido excluídos da história na maior parte do tempo, quando não do próprio cenário literário por que foram, compulsória ou voluntariamente, para o exílio em diferentes países.

O artigo, de Nadine Gordimer, *A Literatura de Língua Inglesa e a Política na África do Sul* (1976/2012) se oferece como uma fonte excelente de conhecimento de vários escritores, brancos, africanos, negros que estiveram escrevendo desde a época colonial e é seminal para compreendermos a forte influência das questões raciais na literatura sul-africana. O que se depreende de tal texto é que a variedade social e cultural dos autores se colocava como um importante elemento na formação da literatura sul-africana e de seu cânone. Tratava-se de

¹⁴⁹Tradução: “Para contrapor-nos a tais tendências contemporâneas, nós precisamos de uma escrita que exploda a invisibilidade motivada de modo que nós possamos ver com uma consciência que reconhece o presente perigoso e simultaneamente nos possibilite projetar nossas mentes e imaginações a frente para prevenir a tragédia de consequências duradouras.” (NDEBELE, 2012, s/p).

¹⁵⁰ Aqui me refiro especificamente a *All We Have Left Unsaid*, mas devo incluir também seu segundo livro *Papwa, Golf's Lost Legend*, publicado em 2015, que conta a história de Sewsunker ‘Papwa’ Sewgomlu, o primeiro campeão de golfe de descendência indiana na África do Sul. Papwa tornou-se um símbolo do movimento de boicote no esporte depois de ter sido discriminado e impedido pelo apartheid de participar dos torneios abertos e campeonatos.

diferentes atores escrevendo de lugares sociais, especificamente e rigidamente, determinados, em um contexto político, ora caracterizado pelo colonialismo hegemônico, ora menos visivelmente; vivendo e escrevendo sob diferentes configurações do poder, majoritariamente nas mãos dos brancos, mas, mesmo nos períodos de transição, e pós-transição para a liberdade e democracia, em uma sociedade manifestadamente, hierarquizada através de critérios étnico-raciais e de classe.

Na África do Sul, conforme enfatizado por Gordimer, a questão de quem é a história que está sendo contada ou quem conta quais histórias sempre refletiu as claras preocupações com as políticas de identidade que acompanharam as grandes mudanças desde os movimentos de libertação do início da década de 1990 e a transição para a democracia constitucional da atualidade. Durante a época do apartheid, na qual o texto foi escrito, Gordimer reconhecia a existência de uma *alienação* nos escritores sul-africanos, não no sentido marxista do termo, mas resultante da própria constituição daquela sociedade. Isto porque, segundo ela, era “no nível mais amplo da formação de nossa própria sociedade, e não em qualquer nível profissional específico, que o poder externo da sociedade entra no coração e no cérebro do artista e determina a natureza e o estado da arte.” (GORDIMER, 1979/2012, p.345).

Ao comentar que a tentativa de qualquer escritor sul-africano, “sejam negros ou brancos, escrevendo em inglês, africâner, sesuto, zulu, o que quiser”, de “apresentar na África do Sul uma totalidade da experiência humana dentro de seu próprio país” seria “subvertida” antes que ele escrevesse “uma só palavra” (GORDIMER, 1976/2012, p.294), Gordimer deixa claro que a experiência era inapelavelmente marcada pelas questões de raça e classe.

Como homem branco, sua sorte pode mudar; a única coisa que ele não pode experimentar é a negritude, com tudo o que isso implica na África do Sul. Como homem negro, a única coisa que não pode experimentar é a branquitude, com tudo o que isso implica na África do Sul. Cada um está totalmente fora do potencial de experiências do outro. Não há mobilidade social *cruzando* a linha da cor. (GORDIMER, GORDIMER, 1976/2012, p.294)

No que diz respeito à identificação de classe com a cor, Nadine Gordimer afirmava que romper “as barreiras de classe” era, então, “transgredir a lei”. Conforme suas palavras, “a barreira indivisível de classe-cor é muito, muito mais eficaz, do ponto de vista de limitar o conhecimento íntimo que o escritor possui de sua sociedade, do que qualquer barreira de classe jamais foi.” (GORDIMER, 1976/2012, p.295). Podemos imaginar, então, a dificuldade que as escritoras negras enfrentam na África do Sul para fazer transgredir a barreira da classe-cor e gênero.

No último parágrafo do artigo, Gordimer assevera que o dilema da literatura produzida na África do Sul durante o regime *apartheid*, cuja lei impedia “efetivamente qualquer identificação real do escritor com sua sociedade como um todo”, obrigava os escritores a se identificarem apenas com aqueles de sua própria raça e/ou etnia, o que criou um abismo entre a literatura produzida pelos brancos e aquela produzida pelos escritores negros naquela época. Depois de reafirmar a definição de identidade cultural, “como ‘nada mais nem menos que o meio termo entre o eu e o outro, entre nosso respeito por nós mesmos e nossa relação com nossos semelhantes, homens e mulheres’”, Gordimer, finalmente, declara que “a identidade cultural é o fundamento sobre o qual a exploração do eu no escritor imaginativo cria uma literatura nacional.” (GORDIMER, 1976/2012, p.296). Mas, Gordimer, como se sabe, apesar de ter sido uma ferrenha combatente na luta contra o *apartheid*, não teve como preocupação pensar estas questões a partir de uma perspectiva de feminista ou de gênero.

A ideia de que a literatura sul-africana, apesar da diversidade cultural do país, é majoritariamente branca não é só corroborada por Dorothy Driver¹⁵¹ em *Transformation through art: writing, representation, and subjectivity in recent South African fiction* (1996)¹⁵², mas é complementada na medida em que Driver destaca que o campo literário sul-africano não foi somente dominado pela autoria branca, mas basicamente pela autoria **masculina** branca. Driver afirma que não só “dada à história da exploração racista e capitalista na África do Sul, a escrita foi consideravelmente mais produzida por escritores brancos do que por negros”, mas que “mesmo quando os escritores negros que escreviam em inglês floresceram nos anos 50 e 60”, houvera somente duas mulheres negras entre eles, Noni Jabavu e Bessie Head. É importante mencionar que ambas escreveram fora da África do Sul. De dentro da África do Sul, a única mulher negra sul-africana que conseguiu publicar ficção em inglês foi Miriam Tlali e só em meados dos anos 70. Seu romance *Muriel at the Metropolitan*, pronto em 1969, só foi publicado em 1975, depois de ter sido rejeitado por inúmeras editoras e, ainda assim, com várias alterações para não correr o risco de ser censurado, o que não impediu que fosse banido quase que imediatamente após sua publicação. A censura tão imediata da obra comprova, mais do que tudo, seu cunho político.

¹⁵¹ Professora adjunta da Universidade de Adelaide e professora emérita na Universidade de Cape Town, Dorothy Driver é conhecida internacionalmente, tendo ocupado postos de pesquisadora nas universidades de Stanford (2002-2006), Flinders University (2002) e na Universidade de Chicago (1996-2000). Suas pesquisas giram em torno da autoria de mulheres e das construções representações de gênero e raça tanto durante o período *apartheid* como no pós-*apartheid*.

¹⁵² DRIVER, Dorothy. *Transformation through art: writing, representation, and subjectivity in recent South African fiction*. Em: *World Literature Today*. Vol. 70, No. 1, South African Literature in Transition, Inverno, 1996, pp. 45-52.

É notório que até o momento da transição para a democracia, portanto, a relação entre literatura e política na África do Sul esteve, histórica e justificadamente, voltada para as questões *raciais*, como a maioria das discussões em outras esferas sociais e culturais da sociedade sul-africana. Desse modo, parece indiscutível que seria extremamente redutor pensar a literatura escrita pelas mulheres negras sul-africanas sem que se colocasse em destaque a questão da relação entre literatura e política, e sem que se acrescentasse o olhar das interseccionalidades das categorias de raça, classe, gênero e sexualidade, entre outras, em qualquer análise das representações literárias das identidades culturais na sociedade contemporânea sul-africana.

3.1.2. A literatura e a política sul-africanas no pós-apartheid

De acordo com Derek Attridge e Rosemary Jolly ¹⁵³ na introdução de *Writing South Africa – Literature, apartheid and democracy, 1970-1995* (1998), a história cultural da África do Sul na transição do apartheid para a democracia é “um exemplo extremamente rico das relações intrínsecas entre estética, ética e política. Na tentativa de examinar um conjunto complexo de questões relacionadas à produção literária sul-africana e suas especificidades ocorridas em um período que vai desde o início da década de setenta (70), quando começa a se evidenciar uma crise do apartheid, acompanhada de uma segunda onda de forte resistência ¹⁵⁴, até o *Interregnum* ¹⁵⁵, que configura a primeira fase do período de transição, entre 1990 a 1994, Jolly e Attridge pretendem demonstrar que os sul-africanos, durante este período, experimentaram e continuavam a experimentar uma crescente

liberty to identify and to reject not only the determinisms of apartheid, but also the determinisms of those systems which, in addition to racism, were implicated in and

¹⁵³ Derek Attridge é professor do Departamento de Inglês e Literaturas Relacionadas da Universidade de York, na Inglaterra. Nasceu na África do Sul onde permaneceu até graduar-se na Universidade de Natal. Rosemary Jolly é professora do Departamento de Literatura Comparada da Pennsylvania State University desde 2013. Nasceu na África do Sul em 1963 e em 1981 emigrou para o Canadá por causa do apartheid. Tem trabalhos publicados sobre literatura e cultura sul-africana, teoria pós-colonial e direitos humanos.

¹⁵⁴ A força de tal resistência foi claramente demonstrada pelo *Levante de Soweto*, rebelião, desencadeada pelos protestos de estudantes contra a imposição do *Africâner* como a língua de transmissão da educação nas escolas das *townships* que foi brutalmente massacrada pela polícia em 16 de junho de 1976, com mais de 500 mortos.

¹⁵⁵ Compreende-se como *Interregnum* o período que vai de 11 de fevereiro de 1990, quando Nelson Mandela foi solto, até sua eleição em 10 de maio de 1994. Foi um período em que aconteceram os eventos políticos mais significativos e conhecidos, que culminaram na grande mudança de um governo controlado pela minoria racial branca para um governo de maioria multirracial. Estes foram anos de intensificação do terror, com episódios de violência aleatória, violências inclusive entre grupos de origem negra. Houve, neste período, um aumento de 214% no número de mortes. O período pré-*Interregnum* registrava cerca de 92 mortes por mês, saltando para 288 durante o *Interregnum*, e voltando a cair para 81 mortes por mês após o mesmo, conforme dados em: <https://thecivilisingmission.com/2010/03/20/interregnum/>.

supported by the ideological machinery of apartheid: patriarchy, sexism, homophobia, class and language bias, ethnic nationalism, and so on.¹⁵⁶ (ATTRIDGE & JOLLY, 1998, p.2).

É um momento em que a África do Sul, segundo ATTRIDGE & JOLLY, se encontra em um processo de reconciliar-se com o passado ao mesmo tempo em que visa construir um novo futuro. Para os autores, as *Comissões de Verdade e Reconciliação*¹⁵⁷ sintetizam bem tal atitude, sem, entretanto, terem deixado de ser compreendidas como uma solução problemática. De qualquer forma, nas palavras de Attridge e Jolly, “a Comissão enfatiza a necessidade de narrativizar o passado de tal modo que o futuro possa ser — diferentemente do passado — suportável.” (ATTRIDGE & JOLLY, 1998, p.3). Para estes estudiosos, a Comissão da Verdade e da Reconciliação tem a dupla responsabilidade de *exposição* e *aceitação* e esta responsabilidade dupla é central também para os debates sobre a avaliação das literaturas produzidas no país durante o fim do apartheid.

The need to tell the under-side of apartheid history, and to outline its implications for the present and the future, is matched by a desire in many **instances to find a form of narration capable of acknowledging difference without fearing it and without fetishizing it.**¹⁵⁸ (ATTRIDGE & JOLLY, 1998, p.3. Negritos meu.)

Outro estudioso que entende o quanto a literatura pós-apartheid esteve empenhada em construir novas formas de representação da identidade e da diferença é Johan Geertsema. Em *Passages into the World: South African Literature after Apartheid* (2007), Geertsema lembra que a literatura não é uma reflexão mimética de uma dada realidade e nem somente “um engajamento imaginativo com aquela realidade que necessariamente elide a contradição e pode assim ser compreendida como uma mistificação completamente ideológica do real”, mas é antes de tudo “uma mediação do social” e assim possui “um compromisso imaginativo com a sociedade que ajuda moldá-la.” (GEERTSEMA, 2007, p.7). E ao ser concebida como “uma resolução

¹⁵⁶Tradução: “uma crescente liberdade para identificarem-se com ou rejeitarem não somente os determinismos do apartheid, mas também os determinismos daqueles sistemas que, acrescentados ao racismo, estavam implicados em e davam apoio a maquinaria ideológica do apartheid; o patriarcado, o sexismo, a homofobia, os preconceitos de classe e língua, o nacionalismo étnico e assim por diante.” (ATTRIDGE & JOLLY, 1998, p.2).

¹⁵⁷ As Comissões da Verdade e da Reconciliação (Truth and Reconciliation Commission – TRC) foram comissões instituídas, depois do fim do apartheid, em 26 de julho de 1995 pelo parlamento sul-africano, para investigar a natureza e as causas das violações dos direitos humanos cometidas entre 1960 e 1994 e para dar a oportunidade tanto para as vítimas quanto para os perpetradores de falarem publicamente, fosse com o intuito de demonstrar que tais abusos haviam sido politicamente motivados, fosse para solicitar anistia em relação aos crimes, ou para pedir reparação pelas violações e abusos sofridos.

¹⁵⁸Tradução: “A necessidade de contar a história não contada do apartheid e delinear suas implicações para o presente e para o futuro, é acompanhada por um desejo, em muitos casos, para **encontrar uma forma de narração capaz de reconhecer a diferença sem temê-la e sem fetichizá-la.**” (ATTRIDGE & JOLLY, 1998, p.3. Negritos meu.)

imaginária das contradições reais¹⁵⁹, a narrativa ficcional é vista por ele como “a negociação imaginária da identidade” e, portanto, como “um modo de negociação da diferença” (GEERTSEMA, 2007, p.8). Para Geertsema, a literatura contemporânea da África do Sul pode ser vista desta perspectiva, “uma vez que ela captura o processo ativo da formação da identidade implícito em toda escrita narrativa, incluindo textos marcados explicitamente como ficção”. A literatura sul-africana pós-apartheid, segundo ele, negocia com a diferença na medida em que ela é “um meio de construção do eu e, portanto, necessariamente um modo de se relacionar com outro”, o que no caso da África do Sul, destaca ele, trata-se de “outros explicitamente racializados”.

De acordo com Geertsema,

'raça' deve ser uma preocupação central em qualquer literatura contemporânea da África do Sul, mais particularmente desde que o sistema do Apartheid fetichizou 'raça' e assim pode ser compreendida como um processo - frequentemente explícito e de modos muito autoconscientes, como Deborah Posel demonstrou - de racialização ou construção de 'raça' e das identidades raciais. (GEERTSEMA, 2007, p.8).

Outro aspecto¹⁶⁰ apontado por Geertsema do modo como a literatura sul-africana contemporânea está atrelada à negociação da identidade e, conseqüentemente, à da diferença, tem a ver com a relação da literatura sul-africana com o passado. Um passado marcado desde o início da colonização pela dominação branca e pela opressão racial, intensificada durante mais de quatro décadas pelas políticas do apartheid. Conforme ele explica,

A literatura é um modo de lidar com a história, de se entender com a alteridade inacessível do tempo que passou e, portanto, é o passado, neste caso um passado particularmente brutal. É uma mediação textual do passado, uma passagem em direção ao futuro através do passado, que Jameson (novamente) nos lembra que é inacessível para nós exceto em forma textual e precisa, portanto, ser distinguido da historiografia, que é a forma que este processo textual mediador toma. Como um meio necessariamente textual de se engajar com o passado, a literatura é a forma (historiográfica) do *Vergangenheitsbewältigung*¹⁶¹ (GEERTSEMA, 2007, p.8).

Não estando somente preocupada com o passado, não olhando somente para trás, mas olhando também para frente, é uma literatura que, na opinião de Geertsema, enquanto se reconcilia com o passado, “molda nossa compreensão do presente e assim trabalha para moldar o

¹⁵⁹ Como declara o próprio Geertsema, esta ideia vem originalmente de Fredric Jameson.

¹⁶⁰ Aspecto importante a ser considerado na análise das obras das autoras negras sul-africanas aqui estudadas, particularmente em relação ao romance *All We Have Left Unsaid* de Maxine Case.

¹⁶¹ *Vergangenheitsbewältigung* é uma palavra composta alemã que descreve o processo de lidar com o passado (*Vergangenheit* = passado; *Bewältigung* = reconciliar-se, sobrepujar), talvez melhor traduzida para o português como “reconciliação com o passado”. Conforme Wikipedia. Em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Vergangenheitsbew%C3%A4ltigung>.

real e oferecer um espaço para a crítica, para 'falar a verdade ao poder'^[162]” (GEERTSEMA, 2007, p.8-9).

A literatura escrita por mulheres negras, em geral, e também na África do Sul, se inscreve dentro desta perspectiva de uma literatura também política desde suas primeiras manifestações através das histórias de vida e narrativas autobiográficas, tendo sido esta escrita memorialística central para afirmação das identidades das mulheres negras em sua luta contra o sexismo, o racismo e o classismo nas mais diversas sociedades, e continuando a sê-lo, entretanto, também nos diversos outros gêneros literários aos quais se dedicaram as mulheres escritoras.

3.1.3 A escrita ‘política’ das mulheres negras e do Terceiro Mundo

Em *Literature After Feminism* (2003), Felski utiliza as narrativas ficcionais das mulheres negras para desenvolver sua defesa de que literatura e política podem e andam muito bem juntas. Felski nos lembra que a escrita das mulheres negras sempre foi vista pela crítica literária hegemônica como sendo uma literatura que só pudesse interessar às próprias mulheres negras. Para a crítica tradicional, estas obras se limitariam a representar somente o mundo social particularizado das mulheres negras, como se não fosse possível para uma obra de autoria de uma mulher negra, como bem avalia Felski, atravessar “the barriers of race and sex” e que “could resonate with general significance and importance.”¹⁶³ (FELSKI, 2003, p.19).

De acordo com Felski, a questão repousa em parte na convicção de que “literature and politics are irredeemably opposed and that writers and critics interested in social issues therefore cannot do justice to the demands of art.”¹⁶⁴ (FELSKI, 2003, p.19). Esta afirmação de Felski sugere, portanto, que as obras escritas por mulheres negras e aquelas de autoria de outras mulheres não brancas e não ocidentais, frequentemente carregam certo teor político, estando sempre, de uma forma ou de outra, interessadas nas questões do mundo social ‘real’.

Para a autora, a escrita das mulheres negras e das mulheres do chamado Terceiro Mundo ajudam, por exemplo, a colocar em xeque, de modo mais contundente, a natureza do

¹⁶²Aqui Johan Geertsema se refere à afirmação de Edward Said, em *Representações do Intelectual – As Conferências Reith de 1993*, de que o intelectual é um “exilado e marginal, como amador e autor de uma linguagem que tenta falar a verdade ao poder.” (SAID, 2005, p.15).

¹⁶³Tradução: “as barreiras de raça e sexo”; “pudesse ressoar com significância e importância gerais.” (FELSKI, 2003, p.19).

¹⁶⁴Tradução: “a literatura e a política são irremediavelmente opostas e que escritores e críticos interessados em questões sociais, portanto não são capazes de fazer justiça às demandas da arte.” (FELSKI, 2003, p.19).

cânone literário. Uma perspectiva feminista sobre o fenômeno literário obriga que se revise o pensamento não só sobre a autoria, mas sobre a recepção, a questão da construção dos enredos e a questão do valor estético. Mas, para Felski, não é só o feminismo que irá influenciar nosso modo de ver a literatura, mas a própria literatura responde ao feminismo, influenciando-o também¹⁶⁵. (FELSKI, 2003, p.21).

São, portanto, os estudos da escrita literária das mulheres não brancas ou de Terceiro Mundo¹⁶⁶, segundo Felski, que melhor explicitam a questão da relação entre literatura e política. (2003, p.156). A explicação de Felski para tal argumento se baseia no fato de que as escritoras de sociedades não ocidentais vivem em contextos em que a pobreza e a devastação material exigem ainda lutas populares por melhores condições de subsistência econômica, educação básica, direitos das mulheres, que não é possível deixar de perceber a literatura também como um meio de luta política. Conforme Felski, no continente africano muitas vezes se levantaram em defesa de uma literatura de compromisso social, uma literatura de resistência. São literaturas que desafiavam as crenças literárias ocidentais sobre o papel da arte. Que desprezavam a ideia da *arte pela arte* e entendiam o valor da arte como inteiramente voltado para sua utilidade social (FELSKI, 2003, p.157).

Nesta perspectiva, explica Felski, “the energies of literature are deemed to be collective rather than individual, polemical and didactic rather than allusive and indirect¹⁶⁷” (FELSKI, 2003, p.156). A literatura aqui se oferece como uma intervenção no mundo social, lembra Felski através do recado de Mariama Bâ¹⁶⁸ de que as mulheres precisam usar a literatura como uma arma contra sua opressão. (FELSKI, 2003, p.156). Todavia, isto não significa que a escrita das mulheres negras deva se reduzir a uma função meramente política, em um sentido restrito de denúncia, testemunho ou resistência.

A literatura pós-colonial de autoria de mulheres produzida em várias partes do mundo não ocidental tem se revelado muito mais complexa do que simplesmente um instrumento de luta para as correções das desigualdades sociais e econômicas impostas pelo colonialismo, pelo

¹⁶⁵ Esta é uma ideia que se conjuga com a ideia de Desiree Lewis da necessidade de um olhar interdisciplinar para o desenvolvimento de um feminismo sul-africano mais produtivo. Ver discussão em: LEWIS, Desiree. *African Gender Research and Postcoloniality - Legacies and Challenges* (2004). Disponível em: www.codesria.org/IMG/pdf/LEWIS.pdf?801/. Acessado em: 18/09/2016.

¹⁶⁶ O termo ‘Terceiro Mundo’ é bastante controverso, mas frequentemente utilizado, não sem ser, muitas vezes, problematizado, por diversas autoras, tais como Barbara Harlow, Trinh Min-ha, entre outras.

¹⁶⁷ Tradução: “as energias da literatura são consideradas coletivas e não individuais, polêmicas e didáticas, em vez de alusivas e indiretas” (FELSKI, 2003, p.156).

¹⁶⁸ Mariama Bâ (1929-1981) – Escritora e feminista senegalesa. Nascida em Dakar, criada como mulçumana criada de modo tradicional pelos avós, teve que lutar para ter acesso à educação em uma sociedade em que às meninas tal direito era negado. Seu primeiro romance *So Long a Letter* ganhou o primeiro prêmio Noma em 1980. Ver: <http://www.thepatrioticvanguard.com/profile-senegalese-writer-mariama-ba>.

capitalismo, ou pelas práticas tradicionalmente centradas no masculino que moldaram o campo literário em geral. O que precisa ficar claro é que, do ponto de vista dos estudos feministas e de gênero, a compreensão do termo ‘política’ se expande para incluir aí questões de identidade de classe, raça, gênero, sexualidade, trazendo para o foco experiências que podem ser pessoais, mas são, ao mesmo tempo, coletivas. A literatura configurou-se para as mulheres, de um modo geral, em um espaço alternativo para a construção de identidades fora dos discursos hegemônicos de feminilidade.

Elleke Boehmer, ao discutir o desenvolvimento da literatura pós-colonial de mulheres em *Colonial & Postcolonial Literature* (2009), também afirma que a literatura foi um meio através do qual as mulheres buscaram a autodefinição. Para esta estudiosa sul-africana, “como no caso de gerações anteriores dos homens nacionalistas, para uma mulher contar sua própria história era gerar uma imagem de um eu autônomo.” (BOEHMER, 2009, p.217). Boehmer cita como exemplo de narrativas de autoconstrução femininas dos anos 80 as autobiografias escritas pelas mulheres negras sul-africanas, tais como *Call me a Woman* (1985) de Ellen Kuzwayo, *Strikes Have Followed Me All My Life* (1989) de Emma Mashinini, ou *A Bed Called Home* (1993) de Mamphela Ramphele. Segundo Boehmer, ao mesmo tempo em que suas obras procuravam resistir a opressão e as múltiplas discriminações impostas pelo apartheid, “they tried to stake out a place for themselves in the always still male-dominated liberation movements¹⁶⁹” (BOEHMER, 2009, p.217).

Conforme Boehmer,

The autobiographical form allowed them to mould and voice an identity grounded in these diverse experiences of endurance and overcoming, of both typicality and singularity. The life-story was also seen as a way of forging political solidarity, reaching out to black women caught in similar situations.¹⁷⁰ (BOEHMER, 2009, p.217).

A importância das autobiografias para os objetivos políticos do feminismo já foi há algum tempo reconhecida. Entre alguns aspectos importantes deste gênero literário, está o fato de que a individualidade (*selfhood*) da mulher e, talvez de forma mais acentuada a da mulher negra,

¹⁶⁹Tradução: “elas tentavam demarcar um lugar para si próprias nos movimentos de liberação ainda sempre dominados pelos homens.” (BOEHMER, 2009, p.217).

¹⁷⁰Tradução: “A forma autobiográfica permitiu a elas [as escritoras negras] moldarem e darem voz a uma identidade fundamentada nessas diversas experiências de resistência e superação, tanto de tipicidade e singularidade. A história de vida também foi vista como uma maneira de forjar a solidariedade política, alcançando as mulheres negras vivendo em situações semelhantes.” (BOEHMER, 2009, p.217).

demonstra um traço *relacional*¹⁷¹ muito forte. Ou seja, enquanto as autobiografias masculinas sempre foram marcadas por um ‘eu’ individual isolado, solitário, as autobiografias e memórias escritas por mulheres são construídas através de narrativas cujo foco oscila constantemente de suas vidas pessoais para a vida dos outros a sua volta. Várias estudiosas defendem, então, a ideia de que a autobiografia escrita por mulheres negras traz um viés que é sempre da ordem do coletivo, da comunidade, algo sempre da representatividade de um grupo social. É como se a escrita literária autobiográfica de mulheres negras estivesse sempre atravessada por certo ativismo político. Como aponta Stephen Butterfield, citado por Susan Friedman em *Women’s Autobiographical Selves: Theory and Practice* (1988):

The ‘self’ of black autobiography... is not an individual with a private career, but a soldier in a long, historic march toward Canaan. The self is conceived as a member of an oppressed social group, with ties and responsibilities to the other members. It is a conscious political identity, drawing sustenance from the past experience of the group... The autobiographical form is one of the ways that black Americans have asserted their right to live and grow. It is a bid for freedom, a beak of hope cracking the shell of slavery and exploitation.¹⁷² (BUTTLERFIELD, apud FRIEDMAN, 1998, p.78).

Apesar das obras objeto desta pesquisa não serem autobiografias ou biografias de mulheres negras, serem romances, e trazerem narrativas em que se destacam as histórias ‘pessoais’ de suas protagonistas, é possível identificarmos que elas não se afastam completamente de tais perspectivas.

3.2 Memória, história e identidade

Se a literatura contemporânea da África do Sul tem se caracterizado fortemente por preocupações da ordem da construção de novas identidades culturais e se estas identidades só

¹⁷¹ É importante destacar que este traço relacional presente nas autobiografias de mulheres negras tem mais a ver com as condições culturais, sociais e econômicas em que crescem e se desenvolvem estas mulheres, do que qualquer ideia de uma tendência intuitiva baseada nas diferenças de gênero. A ideia de que o eu (self) se origina, nas mulheres, de um sentimento ‘relacional’ dada a identificação com a ‘mãe’, a cuidadora, enquanto a aquisição de uma identidade de gênero masculina acontece através de um distanciamento da mãe, criando um sentido de si objetificante para os homens, vem da teórica psicanalítica feminista Nancy Chodorow. Conforme explica Felski, “esta diferenciação psicológica é por sua vez responsável pela diferença entre um saber ‘masculino’ baseado na abstração e na objetificação e um saber ‘feminino’ que repousa sobre a empatia e as relações com os outros.” (FELSKI, 2000, p.197). Chodorow foi posteriormente criticada por Jane Flax por apresentar “explicações monocausais de gênero.” (FELSKI, 2000, p.197).

¹⁷² Tradução: “O ‘eu’ da autobiografia negra ... não é um indivíduo com uma carreira privada, mas um soldado em uma longa marcha histórica em direção a Canaã. O eu é concebido como um membro de um grupo social oprimido, com amarras e responsabilidades para com os outros membros. É uma identidade política consciente, retirando sustentação de uma experiência passada do grupo... a forma autobiográfica é um dos modos que as negras norteamericanas têm afirmado seu direito de viver e crescer.” (BUTTLERFIELD, apud FRIEDMAN, 1998, p.78).

podem ser reconstruídas a partir de uma contraposição a identidades passadas, finalmente, não há como elidirmos uma breve discussão sobre a relação entre memória e identidade.

O sociólogo francês Michael Pollak enfatizou, em seus estudos sobre a questão da identidade social em situações limites, a importância da memória para a constituição da identidade. Conforme Pollak,

a memória é um elemento constituinte do sentimento de identidade, tanto individual como coletiva, na medida em que ela é também um fator extremamente importante do sentimento de continuidade e de coerência de uma pessoa ou de um grupo em sua reconstrução de si. (POLLAK, 1992, p.204)

Pollak também está em consonância com a ideia de que a ligação fenomenológica entre memória e sentimento de identidade deriva do fato de a memória ser construída tanto social como individualmente. Da natureza construída das memórias, desdobra-se que elas, como as identidades, não são fixas, nem essenciais, podendo ser negociadas ou modificadas. E, portanto, possibilitarem a revisão da própria identidade individual. Desse modo, o passado é também passível de ser mudado. Pollak, ainda, destaca que a identidade é “um fenômeno que se produz em referência aos outros, em referências aos critérios de aceitabilidade, de admissibilidade, de credibilidade, e que se faz por meio de negociação direta com outros.” (POLLAK, 1992, p.204).

No entanto, as histórias ‘oficiais’ não costumam levar em consideração as memórias para se inscreverem como ‘verdades’, sendo, portanto, a memória nacional ou histórica um campo de disputas. Entretanto, apesar das memórias serem várias – a histórica, a coletiva ou de grupo social, a individual (HALBWACHS, 1990) – de uma forma ou de outra, são os sujeitos que lembram. Conforme Halbwachs, as lembranças, no entanto, permanecem coletivas mesmo que não sejam reconhecidas como tais. Não são um ato individual, ao contrário, estão sempre ligadas à ideia de pertencimento e coesão social. No momento de lembrar, adota-se um ponto de vista de um dado grupo social. Para lembrar é preciso se colocar dentro de uma comunidade afetiva.

Jonathan Crewe, no artigo *Recalling Adamastor: Literature as Cultural memory in 'White' South Africa* (CREWE, 1999), também destaca implicações revolucionárias das teorias de Maurice Halbwachs sobre a memória. Em *Memória Coletiva*, publicado postumamente em 1950, o sociólogo francês postula a memória como um fenômeno social e coletivo, e não individual. É este o ponto de partida, segundo Crewe, que possibilita a compreensão de que as memórias são construídas e não algo natural ou constituídas unicamente por uma dimensão neuropsicológica. Crewe reconhece, primeiramente, o valor da compreensão de que a memória

coletiva “made individual memory a function of social memory, not an isolated repository of personal experience¹⁷³” porque, a memória que é capaz de ser “formed, retained, or articulated by an individual are always a function of socially constituted forms, narratives, and relations¹⁷⁴” (CREWE, 1999, p.75). E, ao mesmo tempo, a memória social está sempre aberta a revisões pela memória individual no processo coletivo contínuo de memorização. Assim, a memória também fica sempre sujeita à manipulação social ativa e à revisão. Um terceiro aspecto importante, apontado por ele, é o fato de que cada ato de rememoração resulta em um ato de esquecimento. Assim, a memória social está sempre reciprocamente ligada ao *esquecimento* social. Finalmente, me interessa destacar a ideia de que

the constitutive relation between the memory of individuals and their sense of personal identity is always socially mediated. The subject of memory is thus definitively a social subject. Consequently, **the alienation or exclusion of any individual from social memory will be tantamount to both social extinction and deprivation of identity.**¹⁷⁵ (CREWE, 1999, p.75. Negritos meus.)

Este é um ponto bastante importante quando consideramos o potencial de memória que há na literatura das mulheres negras sul-africanas e a insistente invisibilidade de sua autoria ao longo de muitas décadas. A memória da discriminação e da opressão do passado colonialista patriarcal e da experiência do apartheid não está presente só nas autobiografias, memórias e histórias de vida das autoras negras sul-africanas que escreveram antes e durante o apartheid, mas vem também entretecida na poesia, no drama e nas narrativas ficcionais das escritoras negras contemporâneas de um modo nem sempre explícito, mas não por isso menos relevante para a construção das identidades de gênero representadas nas obras.

No corpus de análise que elegemos para este estudo, encontro em *All We Have Left Unsaid* (2006) a intenção mais visível da associação direta entre memória e identidade. Em *The Madams*, a memória da segregação racial não aparece como estratégia de narração, mas está enraizada e naturalizada nas práticas e relações sociais, e está incorporada às identidades culturais das personagens que a autora problematiza.

¹⁷³Tradução: “torna a memória individual uma função da memória social, não um repositório isolado da experiência pessoal”(CREWE, 1999, p.75).

¹⁷⁴Tradução: “formada, retida ou articulada por um indivíduo é sempre uma função das formas, narrativas e relações constituídas socialmente.” (CREWE, 1999, p.75).

¹⁷⁵Tradução: “a relação constitutiva entre a memória dos indivíduos e seu senso de identidade pessoal é sempre socialmente mediado. O sujeito da memória é assim definitivamente um sujeito social. Consequentemente, **a alienação ou exclusão de qualquer indivíduo da memória social será equivalente tanto à extinção social e à privação da identidade.**” (CREWE, 1999, p.75. Negritos meus.)

3.2.1 Memória e Identidade na África do Sul – Literatura e Empoderamento

A relação entre memória e literatura é, ainda, hoje, na África do Sul uma questão crucial e polêmica. Segundo Brink, “the possibility of discovering historicity within postmodernism (and vice versa, of course)” é o que pode iluminar alternativamente “the nature of the writer’s engagement with the silences of apartheid.”¹⁷⁶ (BRINK, 1998, p.19). A literatura sul-africana passou, durante o apartheid, pela fase de testemunhos mais ou menos realistas com o objetivo, segundo Brink, de estimular “a sense of solidarity among the oppressed while also conscientizing those not immediately involved or implicated in the struggle.”¹⁷⁷ (BRINK, 1998, p.21). Esta perspectiva não encontrou oposição entre os críticos. Entretanto, houve certa resistência crítica em relação ao que podemos chamar de estetização daquilo que é considerado horrível demais para se tornar arte. A arte sobre episódios como o Holocausto ou o Apartheid, de acordo com esta concepção, corre o risco de banalizar o sofrimento e a dor vividos pelos sujeitos e retirar assim aquilo que é a essência mesmo do que torna o evento horrível. Na visão de Brink, porém, esta crítica é baseada em uma concepção equivocada de literatura porque é informada pelo perigoso binarismo entre ‘fato’ e ‘ficção’. (BRINK, 1998, p.21). Brink afirma que

we know by now that ‘facts’ themselves are suspect, and approachable only in a textualized form. ‘History’ is not a series of events but a *narrated* (and manipulated) series of events; and at any moment in the series a mixture of orientations towards representation and invention is evident.¹⁷⁸ (BRINK, 1998, p.21).

Para Brink, é exatamente o inverso que pode ocorrer. Brink questiona se, ao contrário, a arte não seria capaz de

heighten the perception of that experience and intensify its texture ? Or, at the very least, to transform the experience __ even if the very ‘nature’ of the experience appears to lie in the fact that it *eludes* or *defies* understanding __ into something that can be grasped by the imagination in order to guard against its repetition?¹⁷⁹ (BRINK, 1998, p. 20).

¹⁷⁶Tradução: “a possibilidade de se reconhecer a historicidade dentro do pós-modernismo (e vice e versa)”[é o que pode iluminar alternativamente] “a natureza do engajamento do escritor com os silêncios do apartheid.” (BRINK, 1998, p.19).

¹⁷⁷Tradução: “o sentimento de solidariedade entre os oprimidos enquanto também conscientizava aqueles que não estavam imediatamente envolvidos ou implicados na luta.” (BRINK, 1998, p.21).

¹⁷⁸Tradução: “hoje sabemos que os ‘fatos’ eles mesmos são suspeitos, e abordados somente em uma forma textualizada. A história não é uma série de eventos, mas uma série de eventos narrada (e manipulada); e, a qualquer momento nas séries, uma mistura de orientação em direção à representação e à invenção é evidente.”(BRINK, 1998, p.21).

¹⁷⁹Tradução: “aumentar a percepção daquela experiência e intensificar sua textura. Ou, pelo menos, é capaz de transformar a experiência _ mesmo se a própria ‘natureza’ da experiência parecer repousar no fato de que ela *escapa*

Conforme Brink nos lembra, durante o apartheid, a literatura sul-africana debateu-se sob a imposição de diferentes tipos de silêncios. Devido à repressão, à censura e à transformação de inúmeros temas em tabus¹⁸⁰ pela ideologia e práticas da política de segregação racial, as obras literárias sofreram profundos e diferentes processos de silenciamento. A luta de resistência contra o apartheid também gerou outros tipos de silêncio. As traições, os excessos cometidos em nome da luta, as torturas e os assassinatos em campos de treinamento cometidos pelos militantes (BRINK, 1998, p.15) também foram calados. E não nos esqueçamos que as mulheres também não vinham sendo ouvidas tanto assim.

A necessidade de transformar a literatura em mais uma arma contra o apartheid, acabou forjando-lhe também uma função quase que exclusivamente utilitarista que afastava para longe das narrativas, por exemplo, o drama pessoal comum e cotidiano e abria espaço somente para as questões políticas mais urgentes. Aí, o pessoal não era visto como político. Várias foram as consequências da abordagem da literatura de *resistência*, entre elas, Brink destaca a instalação de um pensamento binário nas representações, reduzindo “the world to predictable patterns of us and them, Black and White, good and bad, male and female.”¹⁸¹ (BRINK, 1998, p.16).

Naquele momento em que os escritores sentiam necessidade de relatar os acontecimentos atrozes provocados pela política opressiva e repressiva, acontecimentos que de nenhum outro modo poderiam ser descritos ou veiculados, a literatura foi incumbida de tal tarefa, sendo concebida, então, a partir de uma abordagem ‘histórica’¹⁸² (BRINK, 1998, p.17) e baseada na crença de sua capacidade literária de representação da ‘realidade’. De acordo com André Brink, o pensamento binário trouxe ainda a crença de que o ‘histórico’ e o ‘textual’ eram mutuamente exclusivos. (BRINK, 1998, p.17).

No debate pós-moderno entre *historicidade* e *textualidade*, Brink se posiciona ao lado de Hutcheon na compreensão de que o pós-modernismo reconhece “the existence and power of systems of representation which **do not reflect society so much as grant meaning and value**

ou *desafia* a compreensão _ em algo que possa ser apreendido pela imaginação de modo a se proteger contra sua repetição.” (BRINK, 1998, p. 20).

¹⁸⁰ André Brink destaca as distorções em relação, por exemplo, ao direito à terra, geradas a partir também do apagamento da história de ocupação da terra; os abusos cometidos em nome do Cristianismo; a extensão da miscigenação entre africanos e suas escravas e empregadas; a escravização dos povos indígenas; a marginalização das mulheres, brancas e negras; o envolvimento dos ‘mestiços’ nos processos colonizadores.

¹⁸¹ Tradução: “o mundo a modelos previsíveis de nós e eles, negros e brancos, bom e ruim, homem e mulher” (BRINK, 1998, p.16).

¹⁸² André Brink não deixa de comentar que “dentro da própria historiografia, os últimos anos testemunharam uma crescente consciência de história não como representação do fato, mas como texto.” (BRINK, 1998, p.17).

within a particular society’¹⁸³” (HUTCHEON, 1989, p.8, apud BRINK, 1998, p.18. Negritos meus). Brink não descarta a possibilidade de a escrita literária poder associar um *engajamento histórico poderoso* com a *experimentação, o relativismo, e a textualidade*.

Dentro do contexto cultural e sociopolítico cambiante sul-africano há, hoje, diferentes expectativas para a literatura, afirma Brink. Mas apesar dos leitores e escritores já terem se saciado do que quer que tenha passado por ‘fato’, Brink concorda que o melhor não é silenciar sobre o apartheid ou esquecê-lo sob o risco de perigosas consequências, mas ter com ele um “engajamento imaginativo”. “O silêncio seria intolerável”, conclui ele. (BRINK, 1998, p.24).

Assim floresceu, na África do Sul, nos últimos vinte e cinco anos como resultado do fim do apartheid, a chamada *trauma literature*. De acordo com Mengel, Borgaza e Orantes (2010, editores da coletânea *Trauma, Memory and Narrative in South Africa - Interviews*, um modo de se chegar a termo com um passado traumático, pessoal ou nacional, é transformar a memória traumática em memória narrativa através de contar uma história. (MENGEL et alii, 2010, p.vii). O trauma, conforme Luckhurst (apud MENGEL et alii, 2010, p.viii), cria um desafio para as capacidades do conhecimento narrativo. O choque de seu impacto é de natureza anti-narrativa. Mas, inúmeras autoras e autores sul-africanos resolveram enfrentar o desafio de narrar o trauma, conforme lembram Mengel, Borzaga e Orantes (2010, p.viii).

Todavia, as opiniões sobre o papel da literatura no cenário sul-africano pós-traumático variam em relação às possibilidades que oferece para mudanças sociais concretas. Para Zoë Wicomb¹⁸⁴, “o potencial da literatura repousa, na verdade, na investigação de como a memória opera”, mas há também o risco de se lembrar equivocadamente, segundo ela. Wicomb também destaca as limitações dos conceitos de trauma e reconciliação sob os quais o trabalho das *Comissões da Verdade e da Reconciliação (TRC -Truth and Reconciliation Commission)* foi realizado. A escritora problematiza o fato das ‘vítimas’ do trauma terem basicamente se restringido às pessoas negras. Ou ao fato de que o ícone do perpetrador da violência ter se construído majoritariamente sobre o africâner, funcionando como o bode expiatório para outros sul-africanos liberais. Outra crítica importante que Wicomb faz é em relação ao silêncio sobre a violência institucional do apartheid “that shaped whole communities in a variety of ways, and that for the purposes of public memorializing remained an unmanageable subject.”¹⁸⁵

¹⁸³Tradução: “a existência e o poder dos sistemas de representação os quais **não refletem a sociedade tanto quanto conferem significado e valor dentro de uma sociedade particular**.” (HUTCHEON, 1989, p.8, apud BRINK, 1998, p.18. Negritos meus).

¹⁸⁴No Capítulo 4 apresento maiores informações sobre esta escritora. Ver pág. 184.

¹⁸⁵Tradução: “que moldou comunidades inteiras de modos variados, e que para as finalidades da memorialização pública permaneceu um assunto intratável.” (WICOMB, apud MENGEL, 2010, p.20).

(WICOMB, apud MENGEL, 2010, p.20). É a limitação e a estereotipia tanto dos traumas quanto dos sujeitos que os sofreram e os impingiram que Wicomb questiona.

Por outro lado, Sindiwe Magona destaca o importante papel que as autobiografias e biografias de autoria das mulheres negras vêm desempenhando na reconstrução da história e no modo como estas formas interferem em nossa visão do passado. Para ela, “biographies give face, flesh, blood and heart and soul to whatever period of history you are studying.”¹⁸⁶ (MAGONA, apud MENGEL et alii, 2010, p.ix). Em relação às Comissões da Verdade e da Reconciliação (TRC), Magona valoriza o incentivo que deram para que as pessoas escrevessem suas histórias. Magona destaca, ainda, as possibilidades apresentadas pelas autobiografias para o “examination and the healing of psychic wounds”¹⁸⁷ (MAGONA, apud MENGEL et alii, 2010, p.ix). Narrar seria uma forma, segundo ela, “taking an ache and bringing it under the light, holding it to the light, and seeing it for what it is. In a way, it’s a form of letting go.”¹⁸⁸ (MAGONA, apud MENGEL et alii, 2010, p.ix).

Já, a escritora feminista sul-africana Helen Moffett, perguntada se a literatura seria capaz de se funcionar como um contra-discurso para o contexto de trauma, de transtorno de estresse pós-traumático, que ainda assola a África do Sul devido ao altíssimo nível de violência, principalmente sexual, reflete: “What can literature do? Literature can do everything, and literature can do nothing.”¹⁸⁹ (MOFFETT, apud MENGEL et alii, 2010, p.245). Ela argumenta que a África do Sul sempre teve uma tradição de literatura política, mas que

the problem with the overtly political literature is that it’s often very bad for the plain and simple reason that it’s a polemic, an readers, listeners, and audiences don’t like being lectured to. But, nonetheless, we have a history of political literature.¹⁹⁰ (MOFFETT, apud MENGEL et alii, 2010, p.245)

Moffett, entretanto, conclui que tudo dependerá da qualidade da literatura, que “beautiful writing, even if it is overtly political, can be incredibly powerful.”¹⁹¹ E acrescenta, ainda, que “if you are a feminist, you say that the personal is political and the political is

¹⁸⁶Tradução: “as biografias dão rosto, carne, sangue e coração e alma para qualquer período da história que você esteja estudando.” (MAGONA, apud MENGEL et alii, 2010, p.ix).

¹⁸⁷Tradução: “exame e a cura das feridas psíquicas.” (MAGONA, apud MENGEL et alii, 2010, p.ix)

¹⁸⁸Tradução: “de tomar uma dor e trazê-la sob à luz, mantê-la sob à luz, e vê-la pelo que ela é. De um modo, é uma forma de deixá-la ir.” (MAGONA, apud MENGEL et alii, 2010, p.ix).

¹⁸⁹Tradução: “O que a literatura pode fazer? A literatura pode fazer tudo, e a literatura não pode fazer nada.” (MOFFETT, apud MENGEL et alii, 2010, p.245).

¹⁹⁰Tradução: “o problema da literatura abertamente política é que é frequentemente muito ruim pela simples e pura razão que é uma polêmica, e leitores, ouvintes, e público não querem ficar ouvindo discursos. Mas, no entanto, nós temos uma história de literatura política.” (MOFFETT, apud MENGEL et alii, 2010, p.245).

¹⁹¹Tradução: “A escrita bonita, mesmo que seja abertamente política, pode ser incrivelmente poderosa.” (MOFFETT, apud MENGEL et alii, 2010, p.245).

personal. Personal histories do convey political messages...¹⁹²” (MOFFETT, apud MENGEL et alii, 2010, p.245).

Acredito que os romances de Case e Wanner analisados se constroem não muito distante do quadro referencial que esbocei até aqui neste e nos capítulos anteriores. Primeiramente, trazem uma preocupação com a construção de novos referenciais de identidade que alcançam a profundidade e complexidade características da sociedade sul-africana contemporânea, levando em conta não somente a dimensão racial, que sempre esteve presente na literatura negra sul-africana em língua inglesa, mas colocando, intrínseca e conjuntamente, em foco as dimensões de classe e gênero em representações que não se hierarquizam ou, sob qualquer hipótese, se separam. Assim sendo, as obras colocam-se em um diálogo que é político por excelência, porque tratam de lugares sociais e relações de poder. Falam do que é ser mulher, do que é ser negra, do que é ser uma mulher negra e pobre ou uma mulher negra e classe média na África do Sul de hoje.

São narrativas que abrigam conflitos e preocupações da experiência cotidiana e familiar de mulheres negras que, de uma forma ou de outra, mantêm viva a memória do apartheid, seja na rememoração direta do passado ou somente no reconhecimento das desigualdades sociais do presente, herança da cumplicidade histórica entre os sistemas discriminatórios do colonialismo e seu patriarcado, do racismo, do sexismo e/ou do classismo. Porém, são obras que representam mulheres negras que não hesitam em assumir um protagonismo reflexivo na construção das próprias identidades, lançando-se, mesmo que para um futuro incerto, com a determinação desta decisão.

A seguir, descrevo os subsídios teóricos dos estudos culturais feministas que colaboraram para minha leitura das obras neste estudo.

3.3 A escrita literária das mulheres negras - de *home girls* a *world girls*¹⁹³

Nesta seção, tenho como objetivo, antes de mais nada, apresentar reflexões já realizadas pela crítica cultural feminista a cerca da autoria literária de mulheres negras que me parecem importantes para pensarmos também a literatura pós-apartheid de Maxine Case e Zukiswa Wanner. As ideias aqui discutidas têm sua origem nas teorias desenvolvidas pelo feminismo negro norte-americano, principalmente, representado pelo pensamento de Carole Boyce Davies,

¹⁹² Tradução: “Se você feminista, você diz que o pessoal é político e que o político é pessoal. As histórias pessoais transmitem mensagens políticas...” (MOFFETT, apud MENGEL et alii, 2010, p.245).

¹⁹³ Ver nota de rodapé 18 na Introdução p.39.

pela crítica cultural de Rita Felski e, finalmente, na crítica sul-africana de Meg Samuelson. Estas teóricas ajudaram a guiar meu olhar para as comunalidades entre as obras *All We Have Left Unsaid* e *The Madams*, tomando o fato de serem escritas por mulheres **negras e sul-africanas** no período **pós-apartheid**.

A ideia de olhar para possíveis metáforas, alegorias, visões de mundo, e sensibilidades relacionadas às representações literárias de como as mulheres negras aparecem se percebendo na sociedade sul-africana contemporânea, de seus modos de construir suas identidades sociais e das possibilidades de agência que lhes são oferecidas ficcionalmente para suas identificações foi inspirada fundamentalmente nestas teóricas que me ofereceram subsídios para examinar também os modos como essas obras veiculam a função social da escrita de suas autoras na ‘nova’ África do Sul.

Todavia, apesar de reunirmos neste estudo essas duas escritoras como um grupo social em função de compartilharem o fato de que são escritoras, são mulheres, são negras e são sul-africanas, não é possível considerar sua produção literária homogênea. As obras literárias são sempre redes complexas de imagens, histórias, mitos, crenças e intenções que excedem as fronteiras de identidade e lugar social, como nos lembra Felski. Seguindo Newton & Rosenfelt (apud FELSKI, 2003, p.90), não tenho a intenção de dotá-las de uma tradição literária feminina negra em separado, bem como, exigir delas confluências, concordâncias e cumplicidades apenas. Em qualquer contexto social e cultural, há diferentes escritas de mulheres e suas produções literárias estiveram continuamente sujeitas a influências, empréstimos e interconexões e em frequente diálogo com a escrita masculina. No caso dessas autoras sul-africanas, sabemos que sua formação acadêmica e literária passou não só pelo sistema educacional sul-africano, onde estudaram a literatura do cânone ocidental, predominantemente inglês e masculino, mas ainda que, em algum momento de suas vidas, estas autoras tiveram passagens, pelos chamados países do centro, fosse na Europa ou nos Estados Unidos. Portanto, é preciso pensar sobre a autoria dessas mulheres em relação a uma matriz dinâmica em vez de a uma rigidez binária que separa a escrita em masculina e feminina, como sugere Friedman (apud FELSKI, 2003, p.91).

Não podemos esquecer também que essas escritoras foram sendo forjadas por inúmeras forças culturais, sociais e políticas que excedem, muitas vezes, sua própria compreensão e isso se reflete também na sua criação artística e literária. Por isso, constituintes interacionais, relacionais e situacionais de identidade tanto para homens como para mulheres devem ser lidos, simultaneamente, em conjunto e individualmente.

Minha tentativa de buscar uma metáfora de autoria para as escritoras negras sul-africanas emergentes decorre de certa tradição dos estudos literários feministas, discutida em profundidade

por Rita Felski em *Literature After Feminism* (2003). Este seu trabalho me convenceu da importância de procurar olhar as obras como um conjunto coerente que possa estar refletindo alguns dos sentidos sociais que as autoras dão às suas obras. Ao defender a validade desta abordagem para leitura da literatura escrita por mulheres, Felski afirma como uma de suas finalidades a chance de oferecer visibilidade para esta escrita, uma vez que torna possível colocar este “corpo de escrita no mapa” (FELSKI, 2003, p.88). E, ainda, centrar a busca por estas imagens na autoria das mulheres seria uma forma também de contradizer a tradição de se associar a autoria à masculinidade, oferecendo alternativas de identificação mais empoderadoras para a criatividade e imaginação femininas.

No que se refere à associação de tais metáforas às representações das relações de gênero presentes nas obras, não se trata de procurar equivaler estruturas e representações literárias a estruturas políticas e sociais. Entretanto, o fato de não polarizarmos ou fazermos uma simples fusão entre as esferas política e estética, não indica uma negação do entrelaçamento entre política e literatura.

Conforme Felski já nos alertara em *Beyond Feminist Aesthetics: Feminist Literature and Social Change* (1989),

a feminist textual theory cannot simply move from the text to the world; it must be able to account for the levels of *mediation* between the literary and social domains, in particular the diverse and often contradictory ideological and cultural forces which shape processes of literary production and reception. In other words, a feminist literary theory is dependent upon a feminist social theory, which can relate texts to changing ideological structures as they affect women as social subjects.¹⁹⁴ (FELSKI, 1989, p.8)

Isto implica a abordagem das diversas relações históricas e culturais entre política e literatura e a consideração também da possibilidade de que “literary forms may take on quite different social and political meanings in relation to changing cultural perspectives and struggles over meaning and interpretation¹⁹⁵” (FELSKI, 1989, p.8).

Em razão disso tudo é que procurei tomar aquilo que Rita Felski considera uma terceira via. Uma via que não afirma ingenuamente a autora como ‘gênia’ que cria objetos estéticos fora da história, mas que também “does not diminish the importance of difference and agency in the

¹⁹⁴Tradução: uma teoria textual feminista não pode simplesmente ir do texto para o mundo; precisa ser capaz de explicar os níveis de *mediação* entre os domínios literários e sociais, em particular as forças diversas e muitas vezes contraditórias ideológicas e culturais que os processos de produção e recepção literária formam. Em outras palavras, a teoria literária feminista é dependente de uma teoria social feminista, que pode relacionar os textos à evolução das estruturas ideológicas como elas afetam as mulheres como sujeitos sociais. (FELSKI, 1989, p.8)

¹⁹⁵Tradução: “as formas literárias podem assumir significados sociais e políticos completamente diferentes em relação à evolução das perspectivas culturais e lutas pelos significados e interpretação” (FELSKI, 1989, p.8).

responses of women writers to historical formations.¹⁹⁶” (FELSKI, 2003, p.91). As duas narrativas aqui estudadas dão uma boa ideia da natureza das formas de concretização desses processos.

Destaco ainda minha tentativa de abordar as obras de modo mais pluralista, pragmático e fragmentado, ainda seguindo Felski, por não querer impor uma visão limitada e restritiva sobre o que uma mulher escritora negra sul-africana precisa ser, para tanto procurei estar atenta tanto aos aspectos históricos e literários quanto às idiossincrasias, peculiaridades e ambiguidades de cada uma das autoras.

É preciso lembrar, uma vez mais, que as metáforas utilizadas para a identificação das mulheres escritoras não se separam das próprias representações femininas negras presentes em suas obras, pois, se é verdade que um dia Flaubert afirmou em sua defesa “*Madame Bovary c’est moi*”, ousou lembrar sua enunciação para pensar os entrecruzamentos inevitáveis nas identificações entre criador e criatura, autoria e obra.

Ao afirmar que as metáforas são descrições para serem lidas como ficções especulativas ou mitos, Felski não deixa de enfatizar que tais alegorias não nos dizem nada sobre os motivos, sobre os desejos reais das autoras, porque “when books talk, their utterances are often sibylline and enigmatic¹⁹⁷. Their surfaces may reflect back the reader’s images rather than opening a window onto the self behind the text.” (FELSKI, 2003, p.64). É, portanto, sem a ilusão de achar que encontrei a presença estável das autoras por trás dos textos que me poderia garantir “suas políticas do mundo real” que reconheço que, ao buscar nas obras imagens que possam simbolizar o que é ser uma escritora negra sul-africana pós-apartheid, o que encontro aí não deixará de ser uma projeção de minha leitura feminista desses mesmos textos.

Desse modo, é com esta ressalva que inicio a apresentação das teorias sobre a autoria das mulheres negras, antecipando que cabe dentro da minha leitura dos romances de Case e Wanner a ideia inicial de que a construção da identidade da mulher negra sul-africana contemporânea passa fundamentalmente por sentimentos ou não de pertencimento seja à família, à comunidade, até mesmo à nação. Tal ideia relaciona-se diretamente à metáfora da *home*¹⁹⁸ (casa/lar) como procurarei demonstrar e se coaduna com a crítica feminista sul-africana de Meg Samuelson, por exemplo.

¹⁹⁶Tradução: “não diminui a importância da diferença e da agência nas respostas das mulheres escritoras a formações históricas.” (FELSKI, 2003, p.91).

¹⁹⁷Tradução: “quando os livros falam, suas afirmações são com frequência sibilinas e enigmáticas. Suas superfícies podem refletir a imagem do leitor em vez de abrir a janela para o eu por trás do texto.” (FELSKI, 2003, p.64).

¹⁹⁸ Optei por manter o uso do termo *home* em inglês por entender que se trata de um conceito mais abrangente do que se eu tivesse escolhido ‘casa’ ou ‘lar’, porque tanto um termo quanto o outro em português são mais restritos.

A metáfora das *home girls* amplamente utilizada pela crítica feminista negra estadunidense para descrever as autoras negras afro-americanas e suas produções literárias serviu, inicialmente, como contraponto para esta primeira reflexão. Apesar de reconhecer que os contextos históricos, sociais, culturais e políticos apresentam diferenças e especificidades, acredito ser impossível negarmos as semelhanças nas experiências das mulheres negras nas duas sociedades em questão¹⁹⁹, mas fazendo questão de ressaltar que minha atenção será para os significados particularizados do contexto da sociedade e da literatura sul-africanos.

3. 3.1 De metáforas e alegorias para escrita e escritoras nos estudos feministas

Rita Felski, em *Literature After Feminism* (2003), faz uma discussão a cerca da autoria de mulheres identificando três alegorias que foram amplamente utilizadas pela crítica feminista norte americana na tentativa de interpretação de diferentes textos de autoria feminina, a saber: *a louca do sótão*, *a mascarada* e as *home girls*.

Home girls, a terceira alegoria da autoria de mulheres descrita por Felski, surgiu da completa falta de identificação das mulheres negras escritoras com as metáforas da ‘louca no sótão’ ou com a da mulher ‘mascarada’, por se tratarem de imagens singularmente originárias em um contexto patriarcal racial branco e de classe média. Felski lembra que o termo ‘girl’ pode ser um termo ofensivo, mas usado entre amigas, ele fala de acolhimento, familiaridade e expressa um sentimento de se estar à vontade umas com as outras. A expressão ‘home girls’ expressa, conforme a estudiosa, “a sense of directness and immediacy, invoking a circle of readers familiar with its use²⁰⁰” (FELSKI, 2003, p.80), possibilitando que se fale do “everyday, concrete, and familiar: women as sisters, mothers, friends, lovers, neighbors.²⁰¹” (FELSKI, 2003, p.80).

Felski também chama a atenção para o fato de que a metáfora da ‘home’ não esteve somente presente nas obras literárias de autoria de mulheres negras, mas também se constituiu em um conceito bastante prolífico na própria crítica feminista negra, demonstrando assim a estreita relação entre as escritoras e as críticas feministas negras. Felski cita os trabalhos de Alice Walker e Tony Morrison, respectivamente, ‘*In Search of Our Mothers*’ (1983) e ‘*Rootedness*:

¹⁹⁹ Para um maior aprofundamento na comparação entre a sociedade sul-africana e a estadunidense, ver: MAX, Anthony W. *Making Race and Nation – A Comparison of South Africa, the United States, and Brazil*. Cambridge University Press, 2006. 9a edição.

²⁰⁰ Tradução: “um sentido de direcionalidade e imediatez, invocando um círculo de leitoras familiarizadas com seu uso” (FELSKI, 2003, p.80).

²⁰¹ Tradução: “do cotidiano, do concreto, e familiar: mulheres como irmãs, mães, amigas, amantes, vizinhas” (FELSKI, 2003, p.80).

The Ancestor as Foundation (1984), e eu acrescentaria ainda o artigo de bell hooks, *Homeplace (A site of Resistance)* (1990), com o intuito de demonstrar o quanto o trabalho crítico das mulheres negras não se separa de sua escrita criativa. (FELSKI, 2003, p.81). Desse modo, podemos concluir que as autoras e críticas literárias feministas negras rompem com a dicotomia clássica entre teoria e arte.

A seguir, passo a descrever em mais detalhes os sentidos que a alegoria ‘home girls’ ganha no contexto estadunidense, uma vez que este será o ponto de partida para apresentar minhas reflexões sobre os modos como esta metáfora pode figurar no caso da autoria e da literatura de Case e Wanner.

3.3.2 As “home girls” afro-americanas – “*There is nothing more important to me than home*”²⁰².

O termo *home girls* foi cunhado inicialmente pela feminista socialista negra e lésbica Barbara Smith que se dedicou a pensar as relações entre as mulheres nas comunidades negras nos Estados Unidos. *Home girls* se refere habitualmente às garotas da comunidade, da vizinhança, da quadra e da família e, como bem esclarece Felski, trata-se de um tropo universal para as mulheres negras nos EUA. As *home girls* são nomeadas no plural porque invocam a visão de mulheres à vontade umas com as outras, explica esta crítica.

A epígrafe acima é a afirmação com que Barbara Smith inicia a introdução da antologia *Home Girls: Black Feminist Anthology*²⁰³ (1983/2000) que reuniu escritos pioneiros do Feminismo Negro no início dos anos oitenta nos Estados Unidos. Smith reconhece a insistência com que o tema ‘home’ aparece nos trabalhos que foram aí compilados e a importância dos muitos significados de ‘casa/lar’ e ‘família’ para as mulheres negras e/ou feministas. Ela observa que, ao contrário das feministas brancas que questionavam, e, algumas vezes, rejeitavam a família patriarcal branca, as mulheres negras queriam manter suas conexões consanguíneas, mas não sem lutarem contra os rígidos e degradantes papéis sexuais (SMITH, 2000, p.liii). Para ela, não é de se surpreender que, para aquelas pessoas que sempre foram rejeitadas, na esfera pública, como ‘estranhas’, ‘forasteiras’ ou como o ‘outro’, ‘o lar’ tenha sempre tido um grande significado, esclarece. Nas palavras de Smith, a casa é o lugar onde acima de tudo as mulheres

²⁰² SMITH, 2000, p.xxi.

²⁰³ *Home Girls* é uma coletânea de escritos do Feminismo Negro e do Feminismo Lésbico Negro, editada por Barbara Smith, publicada em 1983 pela Kitchen Table: Women of Color Press e re-deditada em 2000 pela Rutgers University Press.

negras podem ser elas mesmas. (SMITH, 2000, p.liii). Barbara Smith conta como foi dentro de casa que ela aprendeu a ser feminista.

I learned about Black feminism from the women in my family — not just from their strengths, but from their failings, from witnessing daily how they were humiliated and crushed because they had made the 'mistake' of being born Black and female in a white mans country. I inherited fear and shame from them as well as hope. These conflicting feelings about being a Black woman still do battle inside of me. It is this conflict, my constantly '... seeing and touching/Both sides of things' that makes my commitment real.²⁰⁴ (SMITH, 1983/2000, p.xxiv).

Portanto, a alegoria das “*home girls*” está intimamente ligada também à possibilidade de as escritoras feministas negras serem quem são. Mas isto **não** implica que suas escritas construam representações homólogas das identidades e subjetividades femininas negras e que apresentem trajetórias de busca de si que convirjam sempre para um mesmo fim.

De qualquer forma, a metáfora das “*home girls*” cristalizou na literatura norte-americana, uma visão diferente de autoria. A casa e suas ramificações como tradição, comunidade, presença maternal, lugar de consolo, apoio e inspiração. “Home is not a desolate patriarchal prison, nor the sign of an oppressive identity that must be endlessly unraveled through movement and masquerade.”²⁰⁵ (FELSKI, 2003, p.80), presentes na literatura de autoria feminina branca. Na escrita de mulheres negras, o lar está, então, conforme Felski, aberto para resignificações, pressionadas por visões mais produtivas do poder e da criatividade femininos.

O espaço de desolação, desespero e solidão da casa, e da arte, dá lugar a um espaço de convivência harmoniosa entre mulheres que compartilham saberes e experiências, “where black women get together for welcome communion and respite from exhausting labor. It is a refuge and sanctuary rather than a prison.”²⁰⁶ (FELSKI, 2003, p.81). Ali as mulheres falam, conversam e se ouve a voz maternal. Felski afirma que o poder da voz da mãe é um modelo frequentemente invocado pelas mulheres negras. A casa implica, assim, diretamente a presença da figura materna, seja ela a mãe, a avó, uma tia, ou outra mulher disposta a falar o que é necessário ser

²⁰⁴ Tradução: “Eu aprendi sobre o feminismo negro com as mulheres da minha família — não só a partir de suas forças, mas a partir de seus fracassos, ao testemunhar diariamente como elas eram humilhadas e massacradas por terem cometido 'o erro' de terem nascido mulheres e negras em um país dos homens brancos. Estes sentimentos conflitantes sobre ser uma mulher negra ainda lutam dentro de mim. É este conflito, meu constante “... ver e tocar/ Ambos os lados das coisas” que torna meu compromisso real.” (SMITH, 2000, p.xxiv).

²⁰⁵ Tradução: “A casa deixa de ser a prisão patriarcal da louca do sótão e também liberta “o signo da identidade opressiva que precisa continuamente ser desvelada através do movimento e da mascarada.” (FELSKI, 2003, p.80).

²⁰⁶ Tradução: “onde as mulheres negras se reúnem para dar as boas vindas à comunhão e ao descanso do trabalho exaustivo. É um refúgio e um santuário em vez de uma prisão.” (FELSKI, 2003, p.81).

dito. Uma voz de mulher ouvida com respeito. Este é, portanto, um modelo que serve para a autoria das mulheres negras, como explica Felski:

In this allegory of authorship, then, women speak to other women in an intergenerational chain of cultural transmission. The mother is the source of language; she puts the words into one's mouth. The word does not come from the father, bearing the mark of patriarchal law. Rather, language is the mother tongue; it springs from the mouths of women. Hence to be 'at home' is to be securely housed in language rather than alienated from it. It is to be conscious of a rich and sustaining oral tradition, of the power of language wielded with skill and dexterity by women.²⁰⁷ (FELSKI, 2003, p.82)

Na alegoria das *home girls* afro-americanas, como aponta Felski, a autora negra está sempre presente em seu discurso, “firmly anchored within a language, a culture, and a powerful maternal history²⁰⁸” (FELSKI, 2003, p.84). Todavia, apesar dos temas da herança, da comunidade, do enraizamento, da linhagem matriarcal, da tradição sempre terem estado presentes nas discussões sobre a escrita de mulheres negras, sobretudo nos durante os anos 80, Rita Felski enfatiza que o tratamento dado a tais temas na literatura das mulheres negras não são possíveis de serem deduzidos diretamente, em vez disso, podem vir carregados de tensão e ambiguidades.

Se, de acordo com Carole Boyce Davies (apud SPENCER, 2014, p.6-7), a tradição literária africana, especialmente em textos de autoria masculina, tende a definir e caracterizar as mulheres somente em relação aos homens como suas esposas, filhas, mães entre outras, a metáfora das *home girls* abre alternativas para o reconhecimento da importância das relações entre as próprias mulheres para a construção de novas formas de identificação feminina negra. O movimento feminista negro parece ter percebido antes e de modo mais enfático a necessidade de representações culturais que demonstrassem o valor das relações femininas harmônicas e solidárias e a importância da convivência em redes de mulheres para a sobrevivência de cada uma e da comunidade.

É importante, ainda, observar que a alegoria das *home girls* é ainda, conforme lembra Felski, uma resposta à acusação de que as mulheres negras que lutam contra o sexismo são traidoras de suas próprias comunidades (FELSKI, 2003, p.79), sendo este um dos aspectos que

²⁰⁷ Tradução: “Nesta alegoria de autoria, então, as mulheres falam para outras mulheres em uma cadeia intergeracional de transmissão cultural. A mãe é a fonte da linguagem; ela coloca as palavras na boca dos outros. A palavra não vem do pai, carregando a marca da lei patriarcal. Em vez disso, a linguagem é a língua materna; flui da boca das mulheres. Assim estar em casa, é estar amparada seguramente na linguagem em vez de estar aí alienada. É estar consciente da rica tradição oral, do poder da linguagem apropriada com destreza e habilidade pelas mulheres.” (FELSKI, 2003, p.82)

²⁰⁸ Tradução: “firmemente ancorada dentro de uma linguagem, de uma cultura, e de uma história materna poderosa.” (FELSKI, 2003, p.84).

vem, mais diretamente, ao encontro da escrita emergente das mulheres negras sul-africanas, em cujas obras os egos masculinos não são poupados em suas representações da masculinidade sul-africana negra. Não havendo mais a necessidade de calar a opressão sofrida pelas mulheres negras na relação com os homens negros em nome da luta maior pela libertação e o fim do apartheid, é possível falar da opressão, da violência doméstica simbólica e física que ainda caracteriza as relações conjugais. Na África do Sul de hoje, a luta contra as desigualdades sociais, apesar de ainda passar na prática pelas questões raciais, é fortemente marcada pelas questões de classe e, ainda mais urgentemente, de gênero.

A imagem do 'lar' para as mulheres negras sul-africanas, e na literatura aqui analisada, sem dúvida, se constitui em um signo sempre em mutação, irresoluto e polissêmico. bell hooks nos ajuda a compreender a dimensão que a questão ganha no caso da sociedade sul-africana. Ela nos lembra que um dos meios mais efetivos da subjugação branca dos povos negros tem sido globalmente a construção perpétua de estruturas sociais e econômicas que privam muitas pessoas dos meios que tornam possível a construção de um lar. (HOOKS, 1999, p.387). Especificamente, em relação à África do Sul, a teórica feminista nos lembra que

It is no accident that the South African apartheid regime systematically attacks and destroys black efforts to construct homeplace, however tenuous, that small private reality where black women and men can renew their spirits and recover themselves. It is no accident that this homeplace, as fragile and as transitional as it may be, a makeshift shed, a small bit of earth where one rests, is always subject to violation and destruction. For when people no longer have the space to construct homeplace, we cannot build a meaningful community of resistance.²⁰⁹ (HOOKS, 1999, p.387-388)

O valor político da resistência das mulheres negras no lar fica muito mais evidente quando levamos em conta tais fatos. Por isso também o significado de '*home*', conforme afirmou hooks, muda com a experiência da descolonização, da radicalização. Algumas vezes, *home* é em nenhum lugar. Algumas vezes, as pessoas experimentam somente 'estranhamento' e alienação. Então a 'casa' não é mais somente um lugar. São, para hooks, localizações. *Home* é aquele lugar que possibilita e promove perspectivas variadas e sempre cambiantes, um lugar onde alguém descobre novos modos de ver a realidade, as fronteiras da diferença. Conforme completa hooks, *home* é o lugar também onde se confronta e se aceita "'dispersal, fragmentation as part of the

²⁰⁹ Tradução: "não é por acaso que o regime do apartheid sul-africano atacou e destruiu sistematicamente os esforços para se construir um lugar de lar, mesmo que tênue, aquela realidade privada pequena onde mulheres e homens podem renovar seus espíritos e se recobrem. Não é por acaso que este lar, tão frágil e tão transitivo quanto possa ser, um galpão improvisado, um pequeno chão de terra onde alguém descansa, é sempre submetido à violação e à destruição. Porque quando um povo não tem mais um lugar onde construir um lar, não podemos construir aí uma comunidade significativa de resistência." (HOOKS, 1999, p.387-388).

construction of a new world order that reveals more fully where we are, who we can become, an order that does not demand forgetting.²¹⁰” (HOOKS, apud DAVIES, 1994, p.36).

Veremos mais adiante que a crítica literária e cultural sul-africana (De KOK, 1996; NDEBELE, 1996; SAMUELSON, 2008) também se voltou, mesmo que de modo diferente, para o tropo do ‘lar’ para falar da relação entre a literatura, nação e a construção das identidades culturais das mulheres.

Portanto, é também dentro desta perspectiva que compreendo a literatura escrita por as autoras negras sul-africanas aqui estudadas através, inicialmente, da metáfora ‘home’, ou seja, como um espaço possível de pertencimento, na medida em que seus romances representam as experiências sociais das mulheres negras, suas preocupações e seus desejos. Digo ‘inicialmente’ porque é a partir dela que busco desenlear as representações dos demais aspectos que discuto. Entretanto, reconheço que como qualquer outra metáfora utilizada para identificar a autoria de mulheres negras, esta também pode ser contestada, modificada e desafiada.

3.3.3 As *homes* migratórias das mulheres negras – “*I am a turtle, wherever I go I carry ‘home’ on my back*”²¹¹

Davies afirma que a construção de ‘home’ como um espaço problemático questiona a própria noção das identidades estáveis e contínuas. (DAVIES, 1994, p.48). Outra reflexão importante a ser feita é a necessidade de confrontarmos a questão do ‘lar’, da ‘casa’, ou seja, do pertencimento das mulheres negras a uma dada comunidade, a uma família e sua relação com a natureza das identidades femininas negras como sujeitos em permanente deslocamento. ‘migratórios’ por excelência, conforme teorização de Carole Boyce Davies (1994). Onde estaria ou em que consistiria a *home* de um sujeito migratório?

Carole Boyce Davies em *Black Women, Writing, and Identity* (1994) postula, inspirada na noção de ‘fronteira’ de Gloria Anzaldúa (1987), a identidade das mulheres negras como sujeitos ‘migratórios’ por excelência. Para Davies, a dominação masculina, branca e racista, causou nas mulheres negras uma sensação permanente de ‘desabrigo’, de ‘desacolhimento’, a sensação de estar sempre ‘fora de casa’. Este sentimento de ‘não-pertencimento’ das mulheres negras nasce da falta de reconhecimento e da alienação a elas imposta em diferentes espaços de dominação e, conforme resume o professor Johannes A. Smit, deriva, principalmente, de

²¹⁰ Tradução: “a dispersão, a fragmentação como parte da construção de uma nova ordem mundial que revela mais completamente onde nós estamos, quem nós podemos nos tornar, uma ordem que não demanda esquecimento.” (HOOKS, apud DAVIES, 1994, p.36).

²¹¹ ANZALDÚA, 1987, p.21.

'the compulsory domesticity and the enforcement of specific gendered relations' in the male-dominated home space (e.g. in the family/house/village) (p.65); experiences of (physical and psychic) abuse and injury (homelessness) in one's home (and we may add, workplace); male(d) theoretical constructs of heritage, 'self, ... community, nation' (p.49); deportations from imperial countries (pp.96f); the migrant's fallacy of idealising and romanticising home (Grewal et al. 1980); practices which relegate women to the (same) status of slaves (pp.75f). 'Home' as space of harmony is here – see especially Black women's autobiography – deconstructed in experience.²¹² (SMIT, 1996, p.196).

A 'subjetividade migratória' das mulheres negras foi a grande contribuição teórica que *Black Women, Writing, and Identity* trouxe para a crítica feminista negra uma vez que tal conceito integra de um modo muito mais forte a noção da agência do sujeito. Este sujeito negro não é só constituído, mas nesta constituição se mostra como possuidor de múltiplas identidades que muitas vezes podem ser contraditórias entre si. O sujeito aqui é tanto a mulher negra como sua escrita polissêmica. O movimento migratório das mulheres negras se refere às muitas localidades da escrita das mulheres negras, mas principalmente a sua recusa em serem subjugadas. Desse modo, a subjetividade feminina negra pode ser concebida, de acordo com Davies, em termos de 'slipperiness'²¹³, de 'elsewherenes', não em termos de dominação, subordinação ou 'subalternização' (DAVIES, 1994, p.26) como costuma ser tratada.

O conceito de sujeitos migratórios sugere que a escrita e as mulheres negras não podem ser localizadas e limitadas em termos de um lugar específico, mas “existem em uma miríade de lugares e tempos, constantemente iludindo os termos da discussão”. Davies explica que a mulher negra não é formulada como um 'sujeito nômade', apesar de compartilhar uma afinidade, mas como “a migratory subject moving to specific places and for definite reasons. In the same way as diaspora assumes expansiveness and elsewhereness, migrations of the Black female subject pursue the path of movement outside the terms of dominant discourses.”²¹⁴ (DAVIES, 1994, p.26).

Davies explica que seu pensamento se constrói a partir do que ela denomina, por influência de Zora Nearle Hurston, a “teoria do visitante”. Ela explica que, em *How It Feels to*

²¹² Tradução: “a 'domesticidade compulsória e a imposição de relações de gênero específicas' no espaço doméstico dominado pelos homens (por exemplo, na família, na casa, na vila) (p.65); experiências de abuso (físico e psíquico) e prejuízo, dano (desabrigo) em sua própria casa (e podemos acrescentar, no local de trabalho); construtos teóricos masculinos de herança, 'self, ... comunidade, nação' (p.49); deportações de países imperiais (pp. 96f); a falácia do migrante do lar idealizado e romantizado; as práticas as quais relegam as mulheres ao status de escravas. O 'lar' como espaço de harmonia é aqui - ver especialmente as autobiografias de mulheres negras - desconstruído na experiência.” (SMIT, p.196).

²¹³ Tradução: 'ser lisa/escorregadia', 'de estar em outro lugar'.

²¹⁴ Tradução: “um sujeito migratório movendo-se para lugares específicos e por razões definidas. Do mesmo modo que a diáspora assume expansividade e 'outro lugar', as migrações do sujeito feminino negro buscam o caminho do movimento fora dos termos dos discursos dominantes.” (DAVIES, 1994, p.26)

*Be Colored Me*²¹⁵, Hurston identifica um modelo das relações com 'estrangeiros' comum, nas diversas culturas africanas e afro-americanas, que estabelece a prática cortês em que o anfitrião ou a anfitriã acompanha os visitantes por "uma parte do caminho", cuja distância será determinada conforme o grau de intimidade e importância da relação social que existe entre um e outro (DAVIES, 1994, p.33). Segundo Smit, a 'teoria do visitante' para Davies “articulates the way in which Black women have used and negotiated other established theories” para mapearem “their experiences, identities and critique.”²¹⁶ (SMIT, 2010, p.197). É a própria Davies quem explica o porque as mulheres negras, inclusive ela, precisarem utilizar as teorias ecleticamente.

In using this formulation, then, I want to engage all these theories as visitors. This comes from the recognition that going all the way home with many of these theoretical positions — feminism, post-modernism, nationalism, Afrocentrism, Marxism, etc — means taking a route cluttered with skeletons, enslavements, new dominations, unresolved tensions and contradictions. Following many of the theories/theorists 'all the way home' inevitably places me in the 'homes of the people where I, as a Black woman, will have to function either as maid or exotic, silenced courtesan, but definitely not as a theoretical equal. Going all the way home with them means being installed in a distant place from my communities.’²¹⁷ (DAVIES, 1994, p.34)

É pelas razões acima, conforme Smit, que Davies teoriza a experiência das mulheres negras e suas identidades a partir da *migração*, posto que este fenômeno governa a experiência dessas mulheres, segundo a teórica. Smit resume a explicação de Davies da seguinte forma:

'Migrancy' (or 'diaspora') is preferred above Deleuze's (1977; cf. also Grossberg, 1988 and Radway 1988) nomadism, Hall's (1985) 'arbitrary' and 'articulation', Said's (1991) 'travelling' and Bhabha's (1990; 1994) 'hybridity' theories, because these are still implicated by male (d) sites of 'speech, language and authority', serve as male and/or racial (white) prerogatives (e.g. 'travel'), operate through hierarchical interpellations or because they do not treat agency in its senses of opposition and action (pp. 43f,46;cf. Wolff 1993). 'Migrancy', however, does not only account for the fact that '[m]igration and exile are fundamental to human experience' to various degrees (pp.4, 198). Arising from the 'transnational dimension to black identity', spun by the 'slave trade' which had 'little regard for national boundaries' (p. 13, Hanchard 1990, 99), Boyce Davies's choice (following Hanchard) in theorising 'migrancy' signifies a 'symbolic revolt against the

²¹⁵ Texto de 1928. Disponível em: <http://www.ycps.org/wp-content/uploads/2016/06/How-it-Feels-to-be-Colored-Me-by-Zora-Neale-Hurston.pdf>

²¹⁶ Tradução: “articula o modo no qual as mulheres negras usaram e negociaram outras teorias estabelecidas” para “mapearem suas experiências, identidades e crítica.” (SMIT, 2010, p.197).

²¹⁷ Tradução: “Ao usar esta formulação, então, eu quero me engajar com todas as teorias como visitante. Isto vem do reconhecimento de que ir por todo caminho com muitas dessas posições teóricas — feminismo, pós-modernismo, nacionalismo, afrocentrismo, o Marxismo, etc — significa tomar a rota cheia de esqueletos, escravizações, novas dominações, tensões e contradições não resolvidas. Seguir muitas dessas teorias/teóricos 'por todo caminho' inevitavelmente me colocaria na 'casa' das pessoas, onde eu, como uma mulher negra, terei que funcionar ou como empregada ou como uma cortesã exótica e silenciada, mas definitivamente instalada em um lugar distante das minhas comunidades.” (DAVIES, 1994, p.34).

nation-state', and for that matter, any homogeneity or homologicity.²¹⁸ (SMIT, 2010, p.198).

É o conceito de 'fronteiras' de Anzaldúa que permitirá, conforme considera Davies, “a sense of myriad possibilities and conflicted spaces that are expressed in the text.”²¹⁹, diferentemente dos discursos a partir da marginalidade que acabariam por delinear “a static center-periphery arrangement with some dialectic movement”²²⁰ (DAVIES, 1994, p.49).

Davies entende as fronteiras de Anzaldúa como estando fisicamente presentes onde quer que “two or more cultures edge each other, where people of different races, sexualities, classes, genders occupy same territory.”²²¹ (DAVIES, 1994, p.49). Assim, Davies acredita que se pode pensar as fronteiras como “places where multiple identities collide and/or renegotiate space”²²² (DAVIES, 1994, p.49), ressaltando que não se trata meramente da ideia da condição pós-moderna “in that sense of 'living on borders and margins, keeping intact one's shifting and multiple identities' and integrity.”²²³ (DAVIES, 1994, p.49) porque para Anzaldúa, as fronteiras são desenhadas para definir “os lugares que são seguros e inseguros, para distinguir ‘nós’ de ‘eles’”. Entretanto, não são limites naturais, mas “locais de constante transição”.

Davies lembra ainda que também Donna Haraway em “*Saberes Localizados*” sugere que

boundaries are drawn by mapping practices; 'objects' do not pre-exist as such. Objects are boundary projects. But boundaries shift from within; boundaries are very tricky. What boundaries provisionally contain remains generative, productive of meanings and bodies. Sitting (sighting) boundaries is a risky practice.²²⁴ (HARAWAY, apud DAVIES, 1994, p.49)

²¹⁸ Tradução: “‘Migração’ (ou ‘diáspora’) é preferível ao ‘nomadismo’ de Deleuze, à ‘articulação’ e ‘arbitrário’ de Hall, ao ‘travelling’ de Said e as teorias de ‘hibridismo’ de Bhabha, porque estas estão ainda implicadas por *loci* masculinos de ‘fala, linguagem, e autoridade’, servem como prerrogativas masculinas e/ou raciais (brancas) (e.g. travel), operam através de interpelações hierárquicas ou porque não tratam a agência em seus sentidos de oposição e ação. ‘Migração’, entretanto, não só explica o fato de que ‘a migração e o exílio são fundamentais para a experiência humana’ em vários graus. Originando-se na ‘dimensão transacional da identidade negra’, influenciada pelo comércio de escravos que teve pouca consideração por limites nacionais, a escolha de Boyce Davies em teorizar a ‘migração’ significa uma ‘revolta simbólica contra o estado-nação’, e por isso, contra qualquer homogeneidade ou homologicidade.” (SMIT, 2010, p.198).

²¹⁹ Tradução: “uma miríade de possibilidades e espaços em conflito que são expressados no texto” (DAVIES, 1994, p.49).

²²⁰ Tradução: um arranjo estático centro-periferia com algum movimento dialético”. (DAVIES, 1994, p.49).

²²¹ Tradução: “haja duas ou mais culturas que se limitam uma com a outra, onde pessoas de diferentes raças, sexualidades, classes e gêneros ocupam o mesmo território.” (DAVIES, 1994, p.49).

²²² Tradução: “lugares onde identidades múltiplas colidem e/ou renegociam espaços.” (DAVIES, 1994, p.49).

²²³ Tradução: “no sentido de viver nas fronteiras e nas margens, mantendo intactas as identidades cambiantes e múltiplas e a integridade.” (DAVIES, 1994, p.49)

²²⁴ Tradução: “as fronteiras são desenhadas por práticas de mapeamento; ‘objetos’ não pré-existem como tais. Os objetos são projetos de fronteira. Mas as fronteiras mudam de dentro; as fronteiras são muito enganosas. O que as fronteiras provisoriamente contêm permanece gerativo, produtivo de significados e corpos. A definição de limites é uma prática arriscada. Assentar (atentar para) fronteiras é uma prática muito arriscada.” (HARAWAY, apud DAVIES, 1994, p.49)

Isto significa, epistemologicamente, conforme explica o professor Smit utilizando-se das próprias expressões de Davies, que em circunstâncias de fronteira, o conhecimento é sempre ‘situado’ e que ambos os conceitos (a fronteira e o conhecimento situado) articulam “the multiple discursive and political positions that subjects occupy or resist in a variety of given situations” e “the ‘myriad possibilities and conflicted spaces that are expressed in... text[s]’²²⁵” (SMIT, 2010, p.198).

Assim, é fundamental situarmos esta discussão no contexto histórico, político e cultural sul-africano, que é o que busco fazer a seguir.

3.3.4 *Home* – Pertencimento e identidade feminina negra na literatura pós-apartheid

“[...] what is a home? Surely it is not merely a house. Is it a place associated with long memories? Somewhere to dig up roots? If so, is it still possible for me at 47, and those of my generation, to sink in roots to dig up later? When is “later”? What experiences will add up to “later”? Perhaps home for us can only be some concept of belonging to some historic process; some sense of historic justice assuming, on the day of liberation, the physical space of a country.”²²⁶

(Njabulo Ndebele, 1996)

Em 1996, após retornar depois de quase 20 anos de exílio, o escritor e crítico Njabulo Ndebele, afirmava no artigo *Home for Intimacy* (1996)²²⁷ que uma das mais importantes histórias sul-africanas ainda a ser contadas era ‘a perda dos lares’. Em suas palavras, “A morte da intimidade na história da sensibilidade” dos sul-africanos. (NDEBELE, 1996, s/p). Ndebele expressa, neste texto, sua preocupação com a (re) construção tanto das milhares de casas que foram destruídas devido às políticas de remoção forçada da população negra²²⁸ quanto do sentimento de pertencimento de todos os sul-africanos não brancos que, conforme afirma, foram submetidos a um exílio também dentro do próprio país durante o apartheid. Para Ndebele, não se tratava, à época, somente da reconstrução de casas e comunidades, mas de se (re) construir

²²⁵ Tradução: “as múltiplas posições políticas e discursivas que os sujeitos ocupam ou a que resistem em uma variedade de situações dadas” e “a miríade de possibilidades e espaços de conflito que são expressados em textos. (SMIT, 2010, p.198).

²²⁶ Tradução: “[...] o que é um lar? Certamente não é unicamente uma casa. É um lugar associado a memórias antigas? Algum lugar de onde podemos desenterrar nossas raízes? [...] Talvez lar para nós possa ser somente algum conceito de pertencimento a um processo histórico; algum sentido de justiça histórica supondo, no dia da liberação, o espaço físico de um país.”(NDEBELE, Njabulo. *Home for Intimacy*. Mail & Guardian, 26 de abril de 1996. Disponível em: <http://mg.co.za/article/1996-04-26-a-home-for-intimacy>.

²²⁷ Ver: *A Home for Intimacy*, publicado no Mail & Guardian em 26 de abril de 1996. Disponível em: <http://mg.co.za/article/1996-04-26-a-home-for-intimacy>.

²²⁸ Através da Lei de Áreas de Agrupamento (1950).

novos significados políticos e valores morais na África do Sul recém-democrática. Para o crítico, seria somente assim que os sul-africanos poderiam encontrar novamente um ‘lar’, a única forma que teriam capaz de “sustentar sua nacionalidade” (NDEBELE, 1996, s/p).

I dream that my children can build homes of the kind that eluded me; homes that can never be demolished by the state in order to make memories impossible; homes that can sustain public life because they infuse into it the values of honour, integrity, compassion, intelligence, and creativity. Public intimacies do need private intimacies. This is the discovery of personal and social meaning through the pains and the joys of belonging, participating, trusting, and just feeling at home.²²⁹ (NDEBELE, 1996, s/p).

Ndebele reconhece, neste texto, que ao terem deposto as armas (os AK-47) e terem negociado uma saída através do diálogo para o conflito, os sul-africanos optaram por algo que não seria simples: “na escolha entre a negociação e a violência revolucionária, optamos por sentimentos e pelo intelecto. Comprometemos-nos com colocar questões e pesquisar soluções. Optamos por **complexidade, ambiguidade, e nuance**” (NDEBELE, 1996, s/p. Negritos meus).

Mais de uma década depois, Meg Samuelson²³⁰ toma a preocupação de Ndebele, e mais a imagem “standing in the doorway”²³¹, utilizada, na mesma época, pela escritora sul-africana Ingrid de Kok para descrever o momento de transição, para pensar os significados da literatura sul-africana após a transição para a democracia, pensar o que poderia significar ultrapassar o limiar da transição, nas palavras de Samuelson, “to walk through that door and inhabit the house of a new national culture”²³² (SAMUELSON, 2008, p.130). São muitas as referências à imagem da casa como podemos constatar.

Em sua reflexão, Samuelson utiliza *home* tanto como uma figuração quanto como o espaço físico. Ela reconhece, como Ndebele, o valor e a força da metáfora do ‘lar’ no pensamento sobre a nação como importante para se pensar as práticas e as ideologias de casa, “in

²²⁹ Tradução: “Sonho que meus filhos possam construir casas do tipo que me escaparam; casas que nunca possam ser demolidas pelo Estado, com o intuito de tornar as memórias impossíveis; casas que possam sustentar a vida pública, porque elas infundem dentro de si os valores de honra, de integridade, compaixão, inteligência e criatividade. Intimidades públicas precisam de intimidades privadas. Esta é a descoberta do significado pessoal e social com as dores e as alegrias de pertencimento, participação, confiança, e de simplesmente se sentir em casa.” (NDEBELE, 1996, s/p)

²³⁰ Professora Associada da University of Cape Town. Autora de *Remembering the Nation, Dismembering Women? Stories of the South African Transition*. Pietermaritzburg: University of KwaZulu-Natal Press, 2007. Suas pesquisas incluem estudos culturais e literários africanos e sul-africanos, debates sobre as teorias feministas, de gênero e pós-coloniais. Ver: <http://www.english.uct.ac.za/associate-professor-meg-samuelson#sthash.IC7VOcY0.dpuf>

²³¹ Tradução: “em frente à porta”. Ver: Samuelson, Meg. *Walking through the door and inhabiting the house: South African Literary Culture and Criticism after the Transition*. Em: *Journal English Studies in Africa*. Volume 51, Número 1, 2008, pp. 130-137.

²³² Tradução: “entrar por aquela porta e habitar a casa de uma nova cultura nacional”. (SAMUELSON, 2008, p.130).

order to return to 'home' as figuration of the profound complexities housed in home-spaces.²³³” (SAMUELSON, 2008, p.130).

O tropo ‘home’, como Samuelson nos lembra, traz à tona questões relacionadas a pertencimento e exclusão, à intimidade e violência, destruição e restituição. Na África do Sul, para além das textualidades, Samuelson afirma que

the question of who gets to inhabit the house remains an incredibly vexed one continually testing the bounds of what nation has become as debates around access to housing are articulated in and **through the racial categories and divisions of the past**, while forced removals and segregation remain notable features of the South African landscapes.²³⁴ (SAMUELSON, 2008, p.130. Negritos meus).

A estudiosa reconhece também que o conceito de ‘home’ inevitavelmente evoca a divisão das esferas pública e privada, “the gendered social order it underpins and the ways in which women are cast as symbolic embodiments of home and all it signifies.”²³⁵ (SAMUELSON, 2008, p.131). Em sua obra *Remembering the Nation, Disremembering Women? Stories of the South African Transition*, Samuelson defende que os corpos femininos foram o terreno de disputa sobre o qual “os novos lares (nacionais)” foram construídos. Para ela, conforme a própria resume,

The making of the national home, [...], articulates itself through the domestication of women, and the abjection of their speaking selves. This symbolic violence _ or 'dismemberment', [...] _ is matched often by physical brutality or the coercive power wielded by 'big men'.²³⁶ (SAMUELSON, 2008, p.131).

Para Samuelson, o ‘lar’ das mulheres sul-africanas tem sido frequentemente um lugar de violência. Ela lembra que a metade das mulheres assassinadas na África do Sul são vítimas dos próprios companheiros e que a maioria das mulheres estupradas o é por homens que são seus conhecidos. (SAMUELSON, 2008, p.131). Samuelson chama a atenção para o fato de que “o terror da casa repousa em sua própria separação do mundo, fazendo dela um espaço no qual as

²³³ Tradução: “a fim de se voltar para ‘casa’ como a figuração das complexidades profundas existentes nas casas como espaços.” (SAMUELSON, 2008, p.130).

²³⁴ Tradução: “a questão de quem consegue habitar a casa permanece uma questão incredivelmente controversa continuamente a testar os limites do que a nação se tornou na medida em que os debates a cerca do acesso à moradia são articulados dentro e **através das categorias e divisões raciais** do passado, enquanto remoções forçadas e segregação permanecem características da paisagem da África do Sul.” (SAMUELSON, 2008, p.130. Negritos meus).

²³⁵ Tradução: “com sua ordem social generificada e os modos pelos quais as mulheres são representadas como incorporações simbólicas do ‘lar’ e tudo que ele significa.” (SAMUELSON, 2008, p.131).

²³⁶ Tradução: “A construção do lar nacional [...] se articula através da domesticação das mulheres, e a abjeção de seus eus falantes. Esta violência simbólica _ ou ‘desmembramento’, [...] é frequentemente combinada com a brutalidade física ou o poder coercitivo exercido pelos ‘grandes homens’.” (SAMUELSON, 2008, p.131).

mulheres são abusadas ‘muito secretamente’” (SAMUELSON, 2008, p.131). Veremos como, de diferentes modos, as mulheres sofrem violência e abuso dentro dos lares retratados nos dois romances aqui analisados. Em *All We Have Left Unsaid* de Maxine Case, há violência física e moral contra May, a mãe, e uma forte opressão simbólica sobre as filhas, Danika e Lili. E em *The Madams* de Zukiswa Wanner, violência doméstica e infidelidades são também diferentes formas de desrespeito da parte dos homens em relação às mulheres.

Samuelson afirma que durante o período de transição para a democracia a literatura sul-africana parece ter se voltado também para a ideologia do perdão e da reconciliação. Para ela, as memórias literárias produzidas, então, acabaram por ceder lugar à divisão entre público e privado seguindo as práticas das *Comissões da Verdade e da Reconciliação*. Entretanto, Samuelson critica o fato das estruturas rituais que promoveram a reconciliação na África do Sul após o fim do apartheid terem dependido e reproduzido a divisão sexual das esferas pública e privada. (SAMUELSON, 2008, p.131).

Foi pensando a questão do que poderia ser chamada de literatura pós-transição que Samuelson aponta para um avanço no reconhecimento do entrelaçamento entre a esfera pública e privada e dos espaços de estranhamento que daí decorrem, “without foreclosing women's rage against the structures in which they have found themselves entrapped.”²³⁷ (SAMUELSON, 2008, p.132).

Enquanto os textos literários de durante e depois da transição sugeriam dificuldades para as mulheres transcenderem os limites da casa, Samuelson admite, na época em que ela escreve seu artigo, o surgimento de novas vozes literárias que estão construindo representações alternativas de lares “from which women can foray out into the public sphere”²³⁸. (SAMUELSON, 2008, p.132). As vozes a que a teórica se refere são as vozes de uma geração de jovens autoras negras, entre as quais ela cita Kopano Matlwa²³⁹ e Zukiswa Wanner²⁴⁰. Todavia, os novos lares sul-africanos representados pelas escritoras negras emergentes não estão isentos de serem “haunted by structures of anxiety or outright violence”²⁴¹ (SAMUELSON, 2008, p.132).

²³⁷ Tradução: “sem excluir a raiva das mulheres contra as estruturas em que se encontravam aprisionadas”. (SAMUELSON, 2008, p.132).

²³⁸ Tradução: “de onde as mulheres podem escapar para a esfera pública”. (SAMUELSON, 2008, p.132).

²³⁹ Autora de *Coconut* (2007), romance que inicialmente, esteve entre as obras estudadas para esta tese. Kopano Matlwa publicou ainda *Spilt Milk* (2010) e recentemente *Period Pain* (2016).

²⁴⁰ O artigo de Meg Samuelson foi publicado em 2008. *The Madams*, em 2006.

²⁴¹ Tradução: “assombrados por estruturas de ansiedade ou violência ilimitada”, como lembra Samuelson. (SAMUELSON, 2008, p.132).

Da vasta exemplificação literária apresentada por Samuelson, podemos depreender a importância de não se compreender o lar como um espaço isolado das demais instituições sociais. Samuelson menciona o romance híbrido²⁴² de Ndebele *The Cry of Winnie Mandela* (2003) para lembrar que o ‘lar’, que sempre fora considerado “um ‘santuário’ da identidade nacional guardado e incorporado pelas mulheres” é apresentado pelo escritor “como tendo sempre sido infundido pelo poder racializado e generificado.” (SAMUELSON, 2008, p.133). Desse modo, para ela, “Longe de ser um local fora do mundo, o ‘lar’ é em vez disso estruturado a partir de enredamentos, cumplicidades e contaminações”. (SAMUELSON, 2008, P.133).

Assim, diferentemente, do lar como acolhimento das *home girls* afro-americanas, o lar na literatura das mulheres negras sul-africanas é muito mais **ambíguo** e **variado**, claramente sujeito às estruturas sociais, políticas e econômicas externas, marcadamente sexistas e racistas. Isso pôde ser constatado nos dois romances estudados. *All We Have Left Unsaid* mostra, por exemplo, as consequências do apartheid para a vida da família de Danika enquanto, em *The Madams*, se percebe o papel determinante das condições sociais e econômicas nas experiências de construção das identidades sociais e culturais de suas protagonistas também.

Especificamente em relação à *The Madams*, Samuelson afirma que Zukiswa Wanner proporciona uma leitura do lar como “o mais próximo dos estranhos”,

exploring new terrains of connection and disavowal between women and women, and women and men, within domestic structures both surprisingly persistent and newly configured, and in which new relationships are risked.²⁴³ (SAMUELSON, 2008, p.134).

Para a estudiosa, muitas das narrativas, pessoais e íntimas, emergentes falam dos modos nos quais, longe do lar significar uma “zona de conforto”, “being at home may in fact entail the greatest risks²⁴⁴” (SAMUELSON, 2008, p.135). Acredito ser importante deixar que as palavras de Samuelson encerrem esta seção do capítulo por traduzirem com precisão muito do que podemos encontrar nos romances pesquisados cujas discussões se encontram nos capítulos 4 e 5 desta tese.

Such conceptions of national, literary and critical homes acknowledge that the structures — physical, literary and critical — providing comfort and security, and protecting a sense of ownership and belonging, are fragile, even fictitious; they are explicitly aware of their provisional, precarious and sometimes downright dangerous status; they enable

²⁴² ‘Híbrido’ porque se trata de uma obra que combina personagens reais e ficção.

²⁴³ Tradução: “explorando novos terrenos de conexão e negação entre mulheres e mulheres, e mulheres e homens, dentro de estruturas domésticas tanto surpreendentemente persistentes como recém configuradas, e nas quais arriscam-se novas relações.” (SAMUELSON, 2008, p.134).

²⁴⁴ Tradução: “sentir-se em casa pode de fato impor os maiores riscos”. (SAMUELSON, 2008, p.135).

past specters to circulate, without allowing them to become too settled. They insist that no single or standardised structure can be entered into the act of crossing the transnational threshold; rather, that the multiple habitations of (trans)national cultures in South Africa, far from returning to the 'homelands' policy of the past, might enable the kinds of circuits of movement within intimate relations that Ndebele dramatises at the close of *The Cry of Winnie Mandela*. Alongside Mpe, they promise to issue a 'welcome' to those who stand outside, while to those entrapped inside they may present various lines of flight.²⁴⁵ (SAMUELSON, 2008, p.135).

Dada, portanto, a importância da metáfora *home* tanto para escritoras negras afro-americanas, como vimos com Rita Felski, quanto para a sociedade e literatura sul-africanas no período pós-apartheid, como vimos com Samuelson, tomo-a também, como ponto de partida na análise das categorias que são aqui analisadas. Entretanto, neste estudo, reservo para a metáfora do 'lar' duas funções simbólicas importantes, uma relacionada às representações das mulheres negras, protagonistas dos romances, e a outra em relação à função social da literatura de Maxine Case e Zukiswa Wanner.

Primeiramente, argumento que o lugar de *pertencimento*, ou seja, 'o lar', o 'estar em casa' (*to be at home*) para as protagonistas dos romances analisados precisa ser construído pelas personagens, elas mesmas, dentro de si próprias a partir de suas condições, experiências e escolhas. Se aceitarmos a proposição de Davies da condição das mulheres negras como sujeitos migratórios (DAVIES, 1994), e ainda a ideia de Leon de Kock de que a identidade nacional sul-africana está irremediavelmente presa na "*poética da sutura*", em uma crise permanente de representatividade (DE KOCK, 2001), estas mulheres não parecem ter outra alternativa senão aprender a acolherem-se a si próprias _ aos moldes da sugestão feita por Audre Lorde em *Sister Outsider* (1984/2007), no qual a escritora aconselha as mulheres negras a aprenderem a se amar, mesmo que isso signifique um enorme esforço contra toda a inculcação de sua desvalorização pela cultura racista e sexista.

Desta minha perspectiva, uma vez mais, as mulheres incorporariam o lar dentro de si, mas não mais para construir uma família, defender uma comunidade ou construir uma nação, se não que para construírem a si próprias de modos mais emancipadores e empoderados, o que não implicaria viverem isoladas ou não criarem os vínculos afetivos convencionais, mas sim que não

²⁴⁵ Tradução: "Tais concepções de lares nacionais, literários e críticos reconhecem que as estruturas _ físicas, literárias e críticas _ oferecendo conforto e segurança, e protegendo um sentimento de propriedade e pertencimento, são frágeis, e até mesmo fictícias; elas são explicitamente conscientes de seus *status* provisório, precário e algumas vezes francamente perigoso; elas permitem que os fantasmas do passado circulem, sem permitir-lhes tornarem-se muito permanentes. Elas insistem que nenhuma estrutura única ou estandardizada possa ser celebrada no ato de cruzar a soleira; em vez disso, que as múltiplas habitações das culturas (trans)nacionais na África do Sul, longe de retornarem para as políticas das 'terras natais' do passado, possam permitir os tipos de circuito de movimento dentro das relações íntimas que Ndebele dramatiza ao final de *The Cry of Winnie Mandela*. Ao lado do Mpe, elas prometem enunciar 'boas vindas' para aqueles que estão fora, enquanto que para aqueles que estão presos dentro, eles podem apresentar várias linhas de fuga." (SAMUELSON, 2008, p.135)

estariam mais dispostas a colocarem à frente de seus próprios desejos e realizações aqueles dos demais.

E em segundo lugar, defendo a ideia de que a metáfora do 'lar' serve para identificar a função social da literatura de Case e Wanner como espaço de pertencimento onde se pode encontrar novas possibilidades para a construção das identidades de gênero.

CAPÍTULO 4 – ALL WE HAVE LEFT UNSAID – MEMÓRIA, APARTHEID E IDENTIDADES RACIAIS E DE GÊNERO

Este capítulo tem como objetivo analisar as representações das identidades, principalmente, de gênero em *All We Have Left Unsaid*, procurando respeitar, as especificidades do projeto literário de Maxine Case. Inicialmente, apresento a trajetória de Maxine Case como escritora e um pouco de sua obra antes de discutir a forma memorialística sobre a qual o romance *All We Have Left Unsaid* foi construído, procurando situar a escolha de Case no contexto da história da literatura da África do Sul e, procurando compreender os significados e as implicações que a memória do apartheid desempenha para se pensar a sociedade contemporânea da África do Sul. A seguir, analiso o modo como o enredo de AWHLU é construído a partir da relação que a filha estabelece com a mãe, destacando a importância desta relação para a construção da identidade da protagonista. Um terceiro aspecto da obra que aponto é a problematização sobre as identidades raciais trazida para a narrativa na caracterização dos sujeitos sul-africanos mestiços. Só, então, passo a analisar mais diretamente as representações das identidades e subjetividades de gênero, começando pela caracterização da masculinidade do pai de Danika, Trevor, que pode ser lida como uma crítica de Case ao modelo patriarcal de homem, reforçado durante o período do apartheid. Em seguida, apresento minha análise da representação da feminilidade de May, buscando destacar as contradições da personagem no que se refere a seu agenciamento de poder e os efeitos do lugar em que a mãe se coloca como mulher sobre a construção da identidade da filha, Danika. No que tange a discussão sobre a caracterização da mãe, organizei meus argumentos, procurando separar os olhares de Danika criança e Danika mulher, acredito, em consonância com as intenções da autora. E como último tópico de análise das representações de gênero em AWHLU, trago à discussão a representação da feminilidade da filha, tema que introduzo a partir de uma breve reflexão acerca de como a narrativa de AWHLU é construída como uma memória em primeira pessoa. Neste ponto, me inspiro nas ideias de Beatriz Sarlo em *Tempo passado: cultura da memória e guinada subjetiva* (2007) para pensar as relações entre narrativa, memória e subjetividade. É na representação da feminilidade das mulheres da geração mais jovem e em suas experiências que podemos reconhecer tanto as transformações quanto as continuidades que se fazem presentes na sociedade sul-africana no que diz respeito às identidades culturais e relações sociais de gênero.

4.1 A Autora de *All We Have Left Unsaid* - Maxine Case

Maxine Case nasceu, a 17 de janeiro de 1974²⁴⁶, e cresceu na Cidade do Cabo em um bairro classe média, Lansdowne, em Cape Flats nos anos 1980, em uma família de leitoras e escritoras. Sua mãe é a conhecida e premiada escritora de livros infanto-juvenis, Dianne Case²⁴⁷ e sua irmã mais velha, Bonita Case, também tem um romance publicado, *Wart* de 1995. Inúmeras vezes, Case contou à imprensa que nunca havia planejado se tornar escritora, mas não teve como evitar ficar longe da leitura e, por fim, longe da escrita. Seu texto de estreia foi o conto 'Homing Pigeons', incluído no *African Compass: New writing from Southern Africa 2005*, uma coletânea publicada pela New Africa Books. Maxine Case já escreveu para diversas publicações na África do Sul e no exterior e sua obra foi traduzida em várias línguas, incluindo holandês, japonês e mandarim. Entre novembro de 2009 e fevereiro de 2010, Case esteve nos Estados Unidos como escritora convidada do *International Writer Programme - IWP Fall Residency* na University of Iowa. Maxine foi nomeada membro honorário, da Universidade de Iowa e da Hong Kong Baptist University. Formada, inicialmente, em editoração pelo Advertising College of Southern Africa, graduou-se em Gerenciamento de Marketing pelo Institute of Marketing Management e obteve o Media Management Diploma pela Stellenbosch University em 2007. Somente em 2012, Case voltou sua formação para escrita criativa, quando se tornou *Master of Fine Arts* em *Creative Writing* pela New School de Nova York. Lá, lecionou ficção para os cursos de graduação e, ainda hoje, realiza oficinas de escrita criativa tanto na África do Sul com em vários países ao redor do mundo, inclusive em comunidades carentes para jovens.

All We Have Left Unsaid (2006), seu primeiro romance, ganhou o prêmio Commonwealth Writers' Prize for best first book (melhor primeiro livro) e foi co-vencedor do Prêmio Bosman Charles Herman, ambos em 2007.

Maxine Case tem ascendência indiana e malaia, e considera-se negra. Quanto a sua auto-identificação, Case afirma:

I do consider myself black. Although I was classified as 'Cape Coloured' under apartheid, my family rejects that label as an apartheid constraint, though many people who grew up with me etc, cling to the term and association. It's very weird that due to the vagaries of apartheid laws, my two sisters and I each have different racial

²⁴⁶ Há controvérsias em relação ao ano de nascimento de Maxine Case. Em algumas fontes, consta 1976.

²⁴⁷ Dianne Case nasceu em Woodstock, na Cidade do Cabo em 1955. Suas obras têm sido traduzidas para as onze línguas oficiais do país, mais o alemão. Têm sido também amplamente utilizadas nas escolas na África do Sul. Ganhou o prêmio Adventure Africa Award por seu romance *Albatross Winter* de 1980. Com *Love, David* ganhou o prêmio Maskew Miller Longman Young Africa Award de 1986. Voltou a ganhar este mesmo prêmio em 1991 com *92 Queens Road* (1991). Recentemente, publicou o romance *The Rules* (2016).

classifications.²⁴⁸ (CASE, em comunicação pessoal via Messenger em 22 de outubro de 2015).

Atualmente, Maxine Case vive na Cidade do Cabo onde divide seu tempo entre o trabalho na *Cape Town Partnership*, uma ONG que desenvolve projetos para a valorização das pessoas e melhorias na Cidade do Cabo, e a literatura.

No que diz respeito à África do Sul, Maxine Case acredita que contar histórias de várias culturas e experiências pode ajudar na compreensão entre os diferentes grupos sociais, porque, afirma, os sul-africanos ainda não se compreendem uns aos outros. Para ela, a Cidade do Cabo é ainda muito segregada.

Cape Town is still very segregated. We live in this wonderful city that's on a par with anywhere in the world, but we tend not to really explore it; we stay with the familiar. So, whether you go to places you've never been before or you read about them, those are both ways of beginning to understand the background.²⁴⁹ (CASE, in: MENGEL et alii, 2010, p.69)

Em sua segunda obra publicada, Maxine Case mais uma vez trabalha com um gênero literário híbrido, porque se trata da biografia ficcionalizada do jogador indiano sul-africano, Papwa Sewgolum, *Papwa: Golf's Lost Legend*. Publicada pela Kwela Books em setembro de 2015, o livro foi indicado ao prêmio Alan Paton Award do Sunday Times em junho de 2016.

Maxine Case conta em entrevista publicada no *Sunday Times*, por ocasião da indicação da obra ao prêmio, que quando iniciou a escrita de *Papwa* tinha a intenção de escrever um romance. No entanto, conta ela que quanto mais pesquisava, mais convencida ficava de que a verdade da vida de Papwa era mais intrigante do que qualquer ficção fabricada em torno dele, e assim decidiu escrever uma biografia. Case também afirma que quis corrigir certas distorções a respeito da vida do golfista e que ele costumava ser lembrado sempre pelos mesmos fatos: ter sido um carregador de tacos de golfe analfabeto, ter sido um campeão de golfe negro, ter ganho três vezes o *Dutch Open*, ou ainda, ter sido obrigado a receber seu prêmio, como campeão do *Natal Open* em 1965, na chuva.

²⁴⁸ Tradução: “Me considero negra. Apesar de eu ter sido classificada como ‘*Cape Coloured*’ sob o apartheid, minha família rejeita tal rótulo como uma coerção do apartheid, apesar de muitas pessoas com quem cresci se apegarem ao termo e à associação. É estranho que devido à vaguidade das leis do apartheid, minhas duas irmãs e eu, cada uma teve uma classificação racial diferente.” (CASE, em comunicação pessoal via Messenger em 22 de outubro de 2015).

²⁴⁹ Tradução: “Moramos nesta cidade maravilhosa que não deve nada a nenhum outro lugar do mundo, mas tendemos a não explorá-la; permanecemos no que é familiar. Então, ou você vai a lugares que você nunca foi antes, ou você lê sobre eles, ambos são modos de começar a entender os antecedentes.” (CASE, in: MENGEL et alii, 2010, p.69).

A obra foi o resultado de um extenso trabalho de pesquisa que envolveu desde entrevista com familiares e amigos do jogador quanto a consulta de diferentes arquivos de jornais e revistas com entrevistas de Papwa ou matérias sobre ele. Case ainda teve acesso a uma enorme biblioteca de fotografias, imagens que parece ter utilizado com sua habitual sensibilidade para a observação de detalhes sutis do que há de mais humano nos indivíduos, detalhes que traz para a narrativa.

Em *Papwa: Golf's Lost Legend*, Case procura mostrar o jogador como uma personagem mais matizada e contextualizá-lo em seu mundo. Perguntada sobre o que Maxine Case esperava que os leitores vissem na obra, Maxine Case diz que quis escrever um livro que não fosse somente sobre este homem chamado Papwa Sewgolum, mas, que sendo também descendente de indianos, quis contar

the story of Indian South Africans. I set out to explore the effect of apartheid on an individual's life, using Papwa as a vehicle for this, and in particular, the plight of sportspeople of colour during those years. I was interested to learn how boycotts and protests against the apartheid government's sporting policies served as a catalyst for the dismantling of the entire system.²⁵⁰ (CASE, apud Books live, Sunday Times, 23/06/2016)

Outra observação que a autora fez na ocasião da entrevista é que ela gosta de pensar que traz uma perspectiva de mulher para uma história que costuma ser vista como pertencendo ao domínio dos homens e golfistas.

No momento em que a entrevistei na Cidade do Cabo, em julho de 2016, Maxine Case aguardava o lançamento de *Softness of the Lime*, seu último romance, pela Penguin para maio de 2017²⁵¹.

4.2 *All We Have Left Unsaid* – A literatura e o dever de memória na África do Sul

*"Forgetting is easy. It is remembering that is hard."*²⁵²
(CASE, 2006, p.217)

²⁵⁰ Tradução: "a história dos sul-africanos indianos. Comecei a explorar o efeito do apartheid na vida de um indivíduo, usando Papwa como um veículo para isso, e em particular, a situação dos esportistas de cor durante esses anos. Fiquei interessada em saber como os boicotes e protestos contra as políticas desportivas do governo do apartheid serviam de catalisador para o desmantelamento de todo o sistema." (CASE, apud Books live, Sunday Times, 23/06/2016). Disponível em: < <http://bookslive.co.za/blog/2016/06/23/alan-paton-award-shortlist-maxine-case-talks-about-the-importance-of-the-story-of-papwa-golfs-lost-legend/> >. Acessado em: 20/11/2016.

²⁵¹ Comunicação pessoal. Cidade do Cabo, em julho 2016.

²⁵² Tradução: "Esquecer é fácil. É lembrar que é difícil." (CASE, 2006, p.217).

All We Have Left Unsaid (AWHLU), foi entendido, inicialmente, pela crítica como “a well-crafted memoir”²⁵³. Entretanto, Maxine Case explica que, apesar de ter buscado em suas memórias da infância inspiração para dar autenticidade à narrativa, a obra é uma ficção. Não se trata, portanto, de um romance autobiográfico, nem semi-autobiográfico, mas um romance que se constrói sob a forma de memória. A autora reconhece, porém, que a obra é quase histórica. Há nela o esforço de uma busca de memória, onde a história e memória estão indissociavelmente entrelaçadas.²⁵⁴ (CASE, in MENGEL et alii, 2010, p.61).

AWHLU é uma obra que evidencia o papel fundamental da memória na construção das identidades e subjetividades, apontado por inúmeros estudiosos, entre os quais HALBWACHS (1990); POLLAK (1992); CANDAU (2014); SARLO (2007). Embora estes autores tenham olhado para a relação entre memória e identidade de diferentes perspectivas, destaca-se entre suas reflexões a ideia comum de um imbricamento complexo entre a memória individual e a memória social ou coletiva. Entretanto, como bem afirma Souza (2014), estes teóricos coincidem também na ideia que

a memória é o instrumento que permite a atuação do passado no presente por meio das lembranças. Assim, independentemente da perspectiva coletiva ou individual, a memória pode ser observada como fonte de referentes identitários, como instrumento atuante na reconfiguração das identidades na medida em que **permite que o sujeito se apodere de imagens do passado para consolidar uma nova posição identitária**. (SOUZA, 2014, p.104. Negritos meus).

No romance de Case, a reconstrução da identidade de Danika, a narradora protagonista, se faz através de um processo de rememoração desencadeado pela iminente morte da mãe. As memórias individuais, familiares e sociais se imbricam na busca da personagem pela compreensão de si. A narrativa é estruturada a partir das lembranças situadas em dois tempos distintos da vida de Danika: um passado mais remoto situado em meados dos anos 80 quando ainda tinha sete anos de idade e seu passado mais recente, quase presente, na África do Sul pós-apartheid. Na seleção das rememorações da narradora, podemos verificar que, muitas das experiências vividas na infância que marcaram sua história são aquelas que dizem respeito a sua identificação enquanto mulher mestiça sul-africana, cuja infância fora marcada pelo apartheid.

²⁵³ Tradução: “uma memória bem trabalhada”. (MENGEL, BORGAZA & ORANTES, 2010, p.61).

²⁵⁴ Em entrevista dada para Karin Orantes para a obra *Trauma, Memory, and Narrative in South Africa* (2010).

AWHLU também foi escrito para falar de tudo sobre o que ainda não se fala abertamente na África do Sul²⁵⁵. Surge como resposta à crítica (na maior parte branca) que afirma seu desejo pelo fim da ‘*struggle literature*’, a literatura sul-africana sobre o apartheid, sobre a luta de resistência e/ou sobre as questões raciais. Mas é também uma resposta a uma parcela da população, da mesma geração da autora, que nega ter tido conhecimento do que se passava no país à época, conforme reconheceu Case em mais de uma ocasião. Ao ser perguntada, em comunicação pessoal²⁵⁶, sobre que mensagem política a obra transmitiria, Case afirma que sua intenção foi escavar as histórias pessoais que não foram contadas sobre o cotidiano da vida sob o apartheid porque não se fala disso na África do Sul hoje.

Segundo a autora, “In South African society you don’t discuss unpleasant things; you put your best face forward.”²⁵⁷ (CASE, 2010, p.64). Para a autora, a África do Sul é uma nação em que as pessoas são “so polite, but it’s not an empowering politeness; it’s obviously a very disempowering thing.”²⁵⁸ (CASE, 2010, p.64). A polidez, transmitida através de gerações de mulheres, principalmente como um valor a ser cultivado para feminilidade, é assumida por Danika, a protagonista de AWHLU: “Politeness is one of my hallmarks – what Ma, my mother’s mother, have referred to as ‘having manners’.”²⁵⁹ (CASE, 2006, p.14) ‘Ter modos’ implica não expor aquilo que sente, pensa ou que acontece na intimidade. Manter as aparências, dando a entender que tudo corre nas relações pessoais dentro da ‘normalidade’. Manter silêncio sobre aquilo que não deveria acontecer e acontece no interior de uma casa.

Assim, AWHLU vai muito além de tratar dos não ditos sobre a racialização insistente dessa sociedade, tocando profundamente em outros tabus sul-africanos como as relações de gênero, a cumplicidade das mulheres em sua própria opressão, a masculinidade agressiva, resultante dos processos históricos de emasculação negra por parte dos regimes colonial e do apartheid, entre outros. No silenciamento de May em relação às agressões do marido, Case fala da cumplicidade de muitas mulheres em sua própria opressão.

AWHLU indica que as mulheres negras sul-africanas têm ainda muito que escrever sobre o passado na África do Sul, principalmente, sobre aquilo que a urgência da luta contra o

²⁵⁵ Este desejo foi expresso pela autora em mais de uma entrevista, inclusive em conversa informal com a autora deste trabalho, em julho de 2016, na Cidade do Cabo.

²⁵⁶ Realizei uma entrevista informal com Maxine Case em 25 julho de 2016 na Cidade do Cabo, África do Sul, da qual selecionei alguns comentários que acredito relevantes para pensar sua obra.

²⁵⁷ Tradução: “Na sociedade da África do Sul não se discute coisas desagradáveis; você só mostra o melhor de você.”

²⁵⁸ Tradução: “tão polidas, mas não é uma polidez empoderante. É obviamente uma coisa muito desempoderante” (CASE, 2010, p.64).

²⁵⁹ Tradução: A polidez é uma de minhas marcas – a que Ma, a mãe de minha mãe, teria se referido como ‘ter modos’”. (CASE, 2006, p.14).

apartheid obrigou-as a deixar de lado. É preciso ainda contar as histórias que reconhecem a opressão também de gênero vivida no passado, e como ela, imbricada com as dimensões de raça e classe, moldou e molda ainda os modos de autoconstrução de suas identidades, individuais e sociais. A história de Danika mostra que interpelar o passado é condição *sine qua non* para que as mulheres possam aumentar suas condições de agência no presente para que possa haver transformações mais amplas e concretas no futuro em direção a uma sociedade mais equânime e justa em termos raciais, de classe e de gênero.

O título do romance, *All We Have Left Unsaid*²⁶⁰, de Maxine Case e a frase emblemática, retirada da obra para servir de epígrafe para este capítulo, “Forgetting is easy. It’s remembering that it is hard.”²⁶¹ (CASE, 2006, p.217), revelam um desejo da parte da autora em interpelar o passado, mesmo reconhecendo a condição dolorosa que isto pode implicar. Na vontade de Danika de esquecer, no mesmo momento em que as lembranças insistem em se impor, estão conjugados o privado, o íntimo, o singular de sua vida pessoal com o público, o coletivo e o plural da história da África do Sul e nesse entrelaçamento se destacam as experiências das mulheres sul-africanas, neste caso, especificamente, das mulheres dessa família mestiça.

Tanto para Danika quanto para a África do Sul, trata-se de não esquecer o passado, mas de assumi-lo para superá-lo. AWHLU sugere que não se pode resolver as questões do presente, e nem se projetar transformações futuras, sem que se conheça a história que deu origem as mesmas. O drama pessoal da família mestiça de classe média que vive um profundo processo de desestruturação, em meados dos anos 80, durante a eminente decretação do Estado de Emergência²⁶² na África do Sul, representa a crise política e social que a própria nação está vivendo. A problemática do regime racista e repressivo do apartheid e suas consequências sobre a esfera íntima na vida das pessoas mostra os impactos diretos e indiretos sobre a construção das identidades pessoais e sociais, raciais e de gênero, que têm um efeito imediato sobre os indivíduos, mas também aqueles que irão se refletir fortemente na construção das identidades culturais das gerações futuras.

Em *All We Have Left Unsaid*, a memória individual e a história política e cultural do país não se separam da forma pela qual Case constrói a obra, cujo enredo é feito de silêncios e revelações. É através de um jogo que alterna presente e passado, intercalando memórias

²⁶⁰ Tradução: “Tudo aquilo que deixamos de dizer.” (CASE, 2006, p.124).

²⁶¹ Tradução: “Esquecer é fácil. Recordar é que é difícil.” (CASE, 2006, p.217).

²⁶² Decretado em 20 de julho de 1985 pelo Presidente P.W. Botha contra os crescentes levantes dos jovens e trabalhadores sindicalizados negros nas *townships*. Exceto por um breve período de suspensão em 1986, o Estado de Emergência permaneceu vigente até 1990.

recentes e remotas no fluxo de consciência da protagonista que os leitores são levados a conhecer os acontecimentos que marcaram a história pessoal conjugada às experiências vividas pela nação sob o signo do apartheid. Em contraponto à perspectiva narrativa calcada em relações binárias padronizadas e sempre fixas, em cuja armadilha caíra a *literatura de resistência*, o romance de Maxine Case não apresenta personagens monodimensionais e inverossímeis, sejam elas femininas ou masculinas. Cada personagem é construída dentro de uma complexidade que reflete as várias *posicionalidades* que os sujeitos ocupam historicamente no mundo social e no contexto íntimo em que estão inseridos. Também, não são apenas as identidades sociais e culturais de gênero, raça, classe que as constituem, mas todas as personagens são forjadas na dimensão de suas subjetividades, contradições e idiossincrasias. Desse modo, nenhuma personagem se apresenta como só boa ou só ruim, só oprimida ou só emancipada, só vítima ou só carrasco, demonstrando a natureza complexa dos processos de identificação.

4.3 *All We Have Left Unsaid* – Amor Filial e a Construção da Identidade Feminina

All We Have Left Unsaid inicia com Danika aguardando, junto à irmã, Lili, a morte de sua mãe na sala de espera de um hospital. Enquanto aguarda, a jovem rememora sua infância, particularmente a partir de 1984, pouco antes da decretação do Estado de Emergência quando a África do Sul vive mais um período de grande tensão durante o apartheid. A rememoração é um esforço que Danika faz para tentar compreender aquilo que como criança não havia sido possível: as ausências, os não ditos acerca do desaparecimento do pai, dos conflitos políticos no país, da vulnerabilização emocional da mãe, sobre quem a menina sentirá a responsabilidade de vigiar e cuidar, como o faz no momento da rememoração. Durante este processo, Danika perceberá o quanto seu passado intranquilo influencia seu modo de ser e a vida sem profundidade, quase sem sentido, que leva no presente. É porque a ligação de Danika com sua mãe sempre fora tão intensa e imbricada que a separação que se aproxima traz para Danika sentimentos ambíguos de profunda tristeza, mas também de alívio e libertação.

É através de um enredo que se conforma ao que a crítica feminista literária chamou de *trama mãe-filha*²⁶³, que AWHLU mostra como a história da segregação racial na África do

²⁶³ *Mother-daughter plot*. Ver: FELSKI, Rita. *Literature After Feminism*, 2003, p.116-124)..

Sul moldou também a construção das identidades femininas e masculinas e influencia ainda os processos de identificação das gerações mais jovens no país.

De acordo com Adrienne Rich, a história da literatura ocidental calou-se sobre a questão das mães e suas filhas. Para a poeta,

The loss of the daughter to the mother, the mother to the daughter, is the essential female tragedy. We acknowledge Lear (father-daughter split), Hamlet (son and mother), and Oedipus (son and mother) as great embodiments of the human tragedy; but there is no presently enduring recognition of mother-daughter passion and rapture.²⁶⁴ (RICH, 1986, p. 237)

Também, para Rita Felski (2003), “The love between mothers and daughters is the great unwritten story: unwritten in part because it diminishes men’s importance by relegating them to the sidelines.”²⁶⁵ (FELSKI, 2003, p.117).

Em AWHLU, Maxine Case não se intimida ao contar uma história sobre a forte influência da figura materna para a construção da identidade da filha. Ao contrário, AWHLU foi escrito justamente para contar a história de uma família formada, praticamente, só por mulheres, (entre as muitas que existem na África do Sul, mestiças e negras) para lembrar não só as lutas e as dores, mas os modos de ser e de conviver dessas mulheres e o seu potencial para superação dos problemas. A capacidade de agência das mulheres é, no entanto, representada por Case sem idealismos, dentro de uma visão que leva em consideração as condições subjetivas e objetivas (condições materiais e posicionamentos sociais e culturais) que constroem cada uma das personagens femininas.

O desafio da protagonista, Danika, é também romper com a herança dos discursos patriarcais e racistas que moldaram as identidades de seus pais e que foram responsáveis pelas dificuldades de comunicação e de relacionamento entre eles, resultando na separação do casal, no desequilíbrio emocional da mãe e na decadência total do pai de Danika. Mas é, essencialmente, a necessidade de evitar reproduzir, em sua vida, os comportamentos e as situações que mantiveram sua mãe frustrada e infeliz que faz com que Danika precise se afastar do modelo de mulher que ela oferece. Todavia, Danika vive o dilema entre estar próxima à mãe, poder amá-la e cuidar dela, ao mesmo tempo, em que precisa se distanciar para poder construir para si uma identidade mais autônoma e emancipadora.

²⁶⁴ Tradução: “A perda da filha pela mãe, da mãe pela filha, é a tragédia feminina essencial. Nós reconhecemos Lear (a separação pai-filha), Hamlet (filho e mãe), e Édipo (filho e mãe) como grandes incorporações da tragédia humana; mas não há presentemente um reconhecimento duradouro da paixão e do êxtase mãe-filha.” (RICH, 1986, p. 237).

²⁶⁵ Tradução: “O amor entre mães e filhas é a grande história não escrita”. Segundo Felski, dar atenção a esta relação implica na diminuição da “importância dos homens por relegá-los à margem.” (FELSKI, 2003, p.117).

Apesar da narrativa se desenvolver a partir da rede de mulheres da família, é a relação da mãe e da filha que é enfatizada e de onde se parte para compreender a necessidade de superação do passado traumático para se criar novas identidades para o futuro.

A história é contada por duas Danikas, diferentes entre si. Uma é a menina ingênua que ignora, de modos mais explícitos, a brutalidade da realidade política e social nacional na qual a vida de todos está mergulhada e que gradativamente vai interferindo nas relações pessoais e familiares e marcando indelevelmente cada um dos membros da família. Mas Danika é também a representação de uma menina resolvida a lutar para que sua identidade, ainda em formação, não sucumba às decepções afetivas e às pressões sociais e culturais que controlam e determinam as oportunidades oferecidas às mulheres, restringindo suas potencialidades através de discursos e práticas sociais que as desvalorizam constantemente no ambiente patriarcal em que é criada. A outra é Danika-mulher que aparenta ter superado os pequenos e grandes traumas vividos na infância e ter alcançado um bom nível de realização profissional e social, mas que reconhece (somente para si mesma) que as inseguranças e medos da menina ainda permanecem parte dela. A Danika adulta é alguém que procura se isolar do mundo, uma jovem mulher que tem dificuldade de estabelecer vínculos afetivos, de intimidade, alguém que, apesar de conservar sua grande capacidade de observação e sensibilidade, escolhe viver na superficialidade e aparência, e obediente às regras do bom viver sul-africano, esquecer tudo aquilo que possa incomodar a si mesma e aos outros.

Será somente após ter revisitado seu passado, ter enfrentado os fantasmas, que dançam no vazio deixado após sua *dissolução*²⁶⁶, é que Danika, de fato, se libertará dos traumas individuais e sociais que a impediam de viver plenamente. Etimologicamente, *dissolução*, do latim *dissolutio*, significa decomposição, separação das partes, e essa é a trajetória que a rememoração possibilitará à Danika, refazer o caminho para trás para poder seguir em frente. Separar o que é escolha para si e o que foi herdado da sua história pessoal, cultural, social e política.

A morte iminente da mãe será o ‘catalizador’ que iniciará o processo da dissolução. Esta morte será a separação definitiva da mãe, a quem ela sempre se sentira irremediavelmente presa. Resgatar a mãe, no momento dramático dessa perda, através da rememoração, é o modo que Danika encontra para (re) escrever sua própria história. A

²⁶⁶ *Dissolution* é o nome do poema, de autoria da própria autora, que abre o romance. *After the dust has settled/ on the clean rings/ where tables and chairs/ once stood, / and family portraits/ of happier times/ are taken down,/ leaving chips/ and holes in the wall,/ here our ghosts/will twist and dance.* (CASE, 2006). Tradução: “Depois da poeira assentar sobre os anéis limpos/ onde uma vez estiveram mesas e cadeiras,/ e os porta-retratos da família/ de tempos mais felizes/ forem retirados/ deixando lascas e buracos na parede,/ ali nossos fantasmas se contorcerão e dançarão. (Tradução minha).

possibilidade de que com a morte da mãe as filhas percam a conexão com suas próprias histórias foi o que inspirou também Maxine Case a escrever AWHLU, conforme ela mesma revelou na entrevista publicada em *Trauma, Memory and Narrative* (MENGEL et alii, 2010, p.61).

Todavia, para Danika, refletir sobre seu passado não implica só fundamentalmente rever sua relação com a mãe, mas também com a irmã, com a(s) avó(s) e procurar entender suas experiências particulares e as relações que essas mulheres estabeleceram entre si. A rememoração de sua relação com o pai, e, principalmente, da relação que a mãe tivera com ele, e com outros amantes se constitui também em um importante elemento para a percepção de Danika de si e de sua relação atual com os homens.

É, principalmente, na compreensão de Danika das possibilidades e limites de sentir e agir das mulheres da família, que influenciaram essencialmente a constituição de suas próprias possibilidades e limites, que Danika reconhece a capacidade de resistência e determinação dessas mulheres na luta concomitante tanto contra as atrocidades do apartheid como contra a opressão masculina.

A presença destacada de três gerações de mulheres mestiças sul-africanas no romance permite a comparação entre as representações das diferentes experiências vividas por essas mulheres que, apesar de fazerem parte de uma mesma família, são retratadas na diversidade de suas posicionalidades históricas, sociais e culturais bem como na dimensão de suas subjetividades.

São vários os temas presentes em AWHLU mais diretamente relacionados à construção das identidades culturais das mulheres negras sul-africanas. Sem dúvida, Case coloca em evidência a relação filha-mãe²⁶⁷. É da mãe que a filha fala. Como em uma anamnese psicanalítica, a filha vai recordando a própria vida, mas centrada nos acontecimentos em torno da vida da mãe. A mãe serve de referente à autodefinição da narradora que vai dando destaque para temas como o casamento, a violência de gênero e masculinidade, o cuidado, a família, a amizade entre as mulheres, a independência financeira feminina, a autoestima feminina e as relações amorosas.

Em AWHLU, todas estas questões, analisadas aqui sob a ótica de gênero, são atravessadas pelas relações raciais que se impõem no contexto espaço-temporal sul-africano em que a narrativa ocorre, e pelas tensões vividas durante o apartheid. Entretanto, é

²⁶⁷ Bem sei que o comum da colocação na Língua Portuguesa é se utilizar relação ‘mãe-filha’, entretanto, utilizo deliberadamente a forma ‘filha-mãe’ para qualificar esta relação por entender que na obra é a partir do olhar da filha que a história é contada.

importante destacar que as questões raciais, tais como a hierarquização entre as raças imposta pelo apartheid e o racismo generalizado oficial e culturalmente, são, na obra, deliberadamente tratadas com sutileza pela autora, reforçando a ideia da dissimulação do racismo presente tanto no convívio entre os sul-africanos quanto nas instituições sociais. O fato de ser uma narrativa centrada, fundamentalmente, nas relações familiares mais do que nas relações entre esta família e o mundo exterior favorece tal estratégia narrativa.

4.4 A problematização das identidades raciais em AWHLU

Ao colocar em foco o drama de uma família **mestiça** (Cape coloured²⁶⁸) da região do Cabo Ocidental²⁶⁹, a autora faz da narrativa um *locus* favorável não só à problematização da classificação, imposta pelo apartheid, das identidades raciais, ostensivamente baseadas na aparência física e na ancestralidade, à crítica do *modus vivendi* da sociedade sul-africana ainda presa a tais identificações na contemporaneidade, mas sobretudo à própria ideia de raça, revelando a natureza discursiva de sua construção social.

Conforme a socióloga sul-africana, Zimitri Erasmus²⁷⁰, em *Coloured by History, Shaped by Place – New Perspectives on Coloured Identities in Cape Town* (2001), a identidade mestiça, na África do Sul, nunca foi reconhecida como uma identidade 'em si mesma'. Tem sido antes definida negativamente em termos de 'falta' ou mácula, ou ainda, em termos de uma 'sobra' ou excesso, não se encaixando em um esquema classificatório, segundo vários estudiosos (ERASMUS, 2001; BROWN, 2000; WICOMB, 1998). No senso comum, os 'coloureds' são vistos como ocupando uma posição intermediária em um *continuum* racial onde os brancos estão em um extremo e os negros africanos estão no outro. Com a hierarquização das raças pelo apartheid, os mestiços se viram identificados e, ao mesmo tempo, se auto-identificaram como “não só não brancos, mas **menos do que os brancos**, não

²⁶⁸ Os 'Cape coloureds' são um grupo étnico sul-africano bastante heterogêneo, de ancestralidades variadas, nascidos das relações inter-raciais entre os colonos brancos, nativos africanos e escravos asiáticos que foram trazidos para a África do Sul a partir da colonização holandesa nos séculos XVIII e XIX. Durante o apartheid, a classificação 'de cor' (coloured) ou mestiça designava qualquer pessoa de 'sangue misto', descendentes de contatos entre brancos-negros, negros-asiáticos, brancos-asiáticos, e de mestiços com negros.

²⁶⁹ A região em torno da Cidade do Cabo é considerada a terra natal dos 'coloureds', também conhecidos como 'Cape Coloureds'. Na África do Sul, como no Brasil e nos Estados Unidos, a designação costuma ser indesejada. Por influência da ideologia do movimento da Consciência Negra, todas as categorias raciais não-brancas subsumiram-se sob o termo negro como forma de unificar a luta política.

²⁷⁰ Zimitri Erasmus é Professora Sênior em Sociologia na Universidade da Cidade do Cabo, cujos interesses de pesquisa incluem a compreensão e o questionamento de 'raça' e 'racismo(s)', a construção de práticas antirracistas, creolização e a ideia de 'raça mista'. Ver: <<http://hutchinscenter.fas.harvard.edu/zimitri-erasmus>>.

só não negros, mas **melhor do que os negros** (como se referem aos povos africanos)"(ERASMUS, 2001, p.13. Negritos meus).

Na representação da difícil relação entre as famílias da mãe e do pai de Danika, ambas mestiças, encontramos indícios importantes da complexidade que esta hierarquização racial bem como a indefinição e ambiguidade da construção da identidade mestiça criaram nas relações sociais entre este grupo social. Maxine Case não só rompe com qualquer tentativa de compreensão de que os ‘Cape coloureds’ compartilham uma identidade racial una e estável, mas nos obriga a reconhecer a diversidade das condições econômicas, sociais e culturais existentes dentro de um grupo social que costuma ser, equivocadamente, tratado como homogêneo no contexto sul-africano. É possível identificarmos tal heterogeneidade na caracterização que a autora faz da vizinhança da família, nas falas de desprezo da avó materna ao se referir à família do pai de Danika, na quase intolerância do pai em relação à religião islâmica praticada pelos vizinhos. Todos ‘coloureds’.

Later, we sit in the kitchen and tell her all about Ma Mathews. We know she will laugh, like she used to do with our mother when the two of them talked about our other Ma.

She listens to our stories, but this time she does not laugh. She just shakes her head and says, ‘Well, what can you expect of **those people**?’²⁷¹(CASE, 2006, p.41)

All over our neighbourhood lights go on. Curtains are drawn, hands are washed and prayers are said as families prepare for supper. Rice, potato and meat, briedies, curries, frikkadels. Sometimes the belal sounds while we are eating, calling the Moslems to prayer. This annoys my father. He will glare up from his plate, but usually he will not swear unless they are really loud or we are saying grace.²⁷² (CASE, 2006, p.19. Negrito meu).

Construída no imbricamento das categorias de classe, nacionalidade e gênero, entre outras, este ‘*estar entre*’ da identidade mestiça²⁷³ (mais especificamente no caso das literaturas das autoras estudadas aqui) possibilita reconhecermos a subalternidade antes como uma *condição*, e não um estado permanente. Assim, o status *intermediário* da identidade mestiça pode ser compreendido também como um espaço de agenciamento ativo para as

²⁷¹ Tradução: Mais tarde, sentamos na cozinha e contamos a ela [a mãe da mãe] sobre Ma Mathews [a mãe do pai]. Sabemos que ela vai rir, como ela faz com mamãe quando as duas conversam sobre nossa outra avó. Ela ouve nossas histórias, mas desta vez não ri. Só chacoalha a cabeça e diz, ‘Bem, o que você pode esperar de pessoas como aquelas?’ (CASE, 2006, p.41).

²⁷² Tradução: “Por toda nossa vizinhança as luzes se acendem. As cortinas são fechadas, as mãos lavadas e as rezas são proferidas na medida em que as famílias se preparam para jantar [...] Algumas vezes, o adhan*soa enquanto estamos comendo, chamando os muçulmanos à oração. Isso irrita o meu pai. Ele encara seu prato, mas geralmente ele não xinga a menos que eles rezem muito alto ou estejamos dando graças.” (CASE, 2006, p.19). *‘O adhan’ ou ‘azan’ é o chamado feito pelo sheik do alto do minarete para convocar os muçulmanos à reza.

²⁷³ Utilizo o termo no feminino porque aqui se trata de darmos mais atenção as representações das personagens que se destacam nas narrativas estudadas, ou seja, as personagens femininas.

personagens na medida em que pode mais facilmente, se comparada às identidades socioculturais de brancos e negros, libertar-se da ideia de ‘pureza’ racial.

Em AWHLU, as referências fragmentadas e/ou borradas das características físicas e da ancestralidade dos dois lados da família de Danika funcionam constantemente para demonstrar a natureza socialmente construída das categoriais raciais, sejam elas quais forem. Para isso, a intangibilidade da identidade mestiça funciona no romance de modo exemplar para ajudar a desconstruir a ilusão das identidades fixas, essencialistas e totalizantes.

Desde pequena, Danika se sente confusa na busca por saber quem ela é. Sua procura por traços da mãe ou do pai em seu corpo e rosto reúne no mesmo gesto a intenção de se localizar racialmente, mas também como menina/mulher.

Danika é a filha que se parece com mãe: “I am told that I take after my mother. By this, I think that people mean I look like her. I have my mother’s dark hair and skin. It is said that I have expressive eyes – laughing eyes – just like hers.”²⁷⁴ (CASE, 2006, p.14), afirma Danika. Mas se esta descrição poderia sugerir que ambas são negras de origem africana (negras negras²⁷⁵), mais adiante no texto, descobrimos que os cabelos de Danika são muito lisos. Tão lisos que quando forçosamente divididos com uma agulha de tricô pela avó paterna, Ma Mathews, e puxados dolorosamente em duas tranças apertadas, a menina reclama: “I look like a Chinese,”²⁷⁶ (CASE, 2006, p.80), ao que avó reage perguntando qual seria o problema em Danika se parecer com uma chinesa: “ ‘What’s wrong looking like a Chinese?’ she demands. “ ‘Don’t you know my father, your great-grandfather was Chinese? You girls know nothing about our side of the family, it seems!’ ”²⁷⁷ (CASE, 2006, p.80-81).

Também nós, as leitoras, desconhecemos muitas coisas, mas não só sobre a família mestiça do pai, mas sobre a família mestiça da mãe também. Sabemos que May e a irmã, Astrid, são ambas bonitas, deixando forte impressão na menina Danika. Mas enquanto May tem a pele escura, Astrid tem uma compleição clara e os olhos verdes. A indefinição da mestiçagem aparece também na caracterização das irmãs, Danika e Lili, também. São tão diferentes fisicamente que brincam que são filhas de pais diferentes. Mas a diferença entre elas não se restringirá apenas aos traços, mas como vivenciam de modos distintos as experiências traumáticas da infância e a relação com a mãe.

²⁷⁴ Tradução: “Dizem que puxei a minha mãe. Com isso, acredito que as pessoas queiram dizer que me pareço com ela. Tenho o cabelo preto e a pele escura de minha mãe” (CASE, 2006, p.14).

²⁷⁵ Expressão que é, às vezes, utilizada na sociedade sul-africana para identificar racialmente os grupos sociais negros de origem africana.

²⁷⁶ Tradução: “Eu pareço uma chinesa,” (CASE, 2006, p.80).

²⁷⁷ Tradução: “Você não sabe que meu pai, seu bisavô era chinês? Vocês, Meninas, não sabem nada sobre o nosso lado da família.” (CASE, 2006, p.80-81).

Entretanto, o maior medo de Danika não é parecer-se fisicamente com a mãe, mas ter a mesma propensão à tristeza, à depressão, o lado ‘escuro’ da mãe, que ela conhece tão bem.

I am my mother’s child. And in this simple fact lies my biggest fear. My mother is considered beautiful, accomplished; but I know the dark side. [...] I observe myself vigilantly. Take my emotional temperature at all times. I watch for strains of melancholy; analyse any sadness that ascends. For perhaps, if I can catch it at the onset, I can reduce its effects. Much like people who take vitamin C when they feel a cold coming on. And it is not the sadness itself that is frightening; it is that it is all too familiar.²⁷⁸ (CASE, 2006, p.16-17).

Entretanto, desde o início da história saberemos que Danika fará a opção de sobreviver à morte da mãe. Nas primeiras páginas, ela já afirma: “I choose to be content, if not euphoric. There is peace in my life.”²⁷⁹ (CASE, 2006, p.15).

4.5 Lar e Identidade - De Desalojamentos Atuais e Passados – A Masculinidade Paterna

Como em *The Madams*, em *All We Have Left Unsaid*, encontramos várias referências diretas e indiretas ao ‘lar’ (*home*) e à relação que as personagens femininas mantêm tanto com suas casas, enquanto espaços físicos materiais, mas também com a simbologia de ‘lar’ como um local de pertencimento e/ou não pertencimento. O lar sempre foi historicamente um espaço importante para a construção das identidades femininas e AWHLU mostra que continua sendo porque a ideia de ‘lar’ não se separa também da ideia de quais relações pessoais são vividas dentro destes espaços.

O primeiro sentimento de pertencimento que um indivíduo aprende a reconhecer está ligado à presença da figura materna. Para Danika, a presença da mãe sempre foi muito significativa para que ela soubesse de si mesma. Mesmo estando a mãe em um estado muito fragilizado, o fato de ela ainda estar ali é suficiente para Danika se sinta segura. Como vemos na passagem que descreve o ritual de despedida entre mãe e filha, após Danika ter passado o dia na casa da mãe, fazendo as coisas básicas, mas necessárias que a mãe já não pode mais fazer por causa de doença.

²⁷⁸ Tradução: Eu sou filha da minha mãe. E neste simples fato está o meu maior medo. Minha mãe é considerada linda, realizada; mas eu conheço o lado negro. [...] Eu me observo atentamente. Tomo minha temperatura emocional o tempo todo. Observo tensões de melancolia; analiso qualquer tristeza que surge. Talvez, se eu puder apanhá-la no começo, posso reduzir seus efeitos. Bem como as pessoas que tomam vitamina C quando sentem um resfriado chegando. E não é a própria tristeza que é assustadora; É que é tudo muito familiar.²⁷⁸ (CASE, 2006, p.16-17).

²⁷⁹ Tradução: “Eu escolho ser contente, não eufórica. Há paz na minha vida.” (CASE, 2006, p.15).

When I leave, I kiss my mother on her forehead. Sometimes she grips my hand; other times she is sleepy. She still says, 'Night, my girl'. Just those three words make me feel so safe. They make me feel that I belong somewhere. That this is just temporary. That before long, she will be back to being herself. ²⁸⁰ (CASE, 2006, p.84).

Mas se a presença da mãe no lar garantiu para Danika, em muitos momentos, a segurança e o aconchego, em outras o lar se transformou em um lugar onde ela viveu momentos de angústia, opressão e medo. Experiências variadas dependendo da coabitação com o pai, da coabitação somente com a mãe e em diferentes momentos da vida da mãe fizeram do lar de Danika um lugar de incertezas.

A necessidade de Danika e Lili de deixarem a casa da mãe tão logo crescem e se tornam independentes é uma consequência de uma percepção de que ali talvez não pudessem escrever uma história diferente para si mesmas. Mas se “as soon as she could, Lili moved away from home.” ²⁸¹ (CASE, 2006, p.255), Danika somente conseguiu mudar muito tempo depois da irmã e não para muito longe da mãe: “This must be the place I waited years to leave.” ²⁸² (CASE, 2006, p.217).

A narrativa de *All We Have Left Unsaid* inicia não em um lar, mas com Danika desalojada. Há tempos Danika vive do lado de fora. Fora da casa da mãe, de onde saíra, mas de onde nunca se afastara muito; fora do trabalho, de onde se demitira para cuidar da mãe; fora de seu próprio apartamento, para onde ia somente para dormir e tomar banho e; finalmente, fora também de si mesma porque distante de sua história pessoal e seus sentimentos mais legítimos.

A primeira cena se passa em um hospital público. É uma sala de espera, sem conforto algum, aonde ela e a irmã aguardam por notícias do estado de saúde da mãe: “It is no longer whether she will live, but when the end will come.” ²⁸³ (CASE, 2006, p.9). Trata-se de um ambiente sufocante, onde o silêncio é quase um dever. Danika divide o espaço com a irmã adormecida, mal acomodada em uma poltrona de plástico barata. A narradora passa o tempo a observar o lugar.

I feel as if the roof is coming down on me, the room closing on. It is not a decorated room. A collection of odd chairs are scattered about., cluttering the tiny room with their

²⁸⁰ Tradução: “Quando eu saio, eu beijo minha mãe na testa. Às vezes ela aperta minha mão; outras vezes ela está sonolenta. Ela ainda diz, ‘Boa noite, minha menina’. Apenas essas quatro palavras fazem eu me sentir tão segura. Elas me fazem sentir que eu pertencço a algum lugar. Que isso tudo é apenas temporário. Que em pouco tempo, ela vai voltar a ser ela mesma. (CASE, 2006, p.84).

²⁸¹ Tradução: “Assim que pôde, Lili se afastou de casa”. (CASE, 2006, p.255).

²⁸² Tradução: “Este deve ser o lugar que esperei anos para deixar.” (CASE, 2006, p.217).

²⁸³ Tradução: “Não é mais se ela viverá, mas quando o fim chegará.” (CASE, 2006, p.9).

bulk; a chipboard square masquerades as a table. No windows, nothing to look out at, no pretty curtains.

Worn magazines, filled with last year's gossip, hold no appeal. There is an abandoned takeout carton on a metal fold-up chair. Chinese food, I assume from the residue of oil clinging to the bottom of the container. Probably left over by the last occupants of this room.

Who can eat in place like this?²⁸⁴ (CASE, 2006, p.9-10)

A experiência presente lembrará Danika da primeira vez em que estivera em outro hospital para ver a mãe, sobrevivente de uma tentativa de suicídio, sobre a qual ela e a irmã nunca mais haviam falado. E é a partir desta primeira lembrança que a narrativa nos leva para o lar do passado na primavera de 1984. Neste tempo de inocência, o lar ainda significava, com Danika, bem-estar, recreação, conforto, repouso, aconchego. Moravam em uma casa confortável de classe média, em uma “vizinhança agradável”, onde tudo parece estar em seu devido lugar e em que todos cumprem os papéis convencionais designado pela sociedade racista e conservadora sul-africana: “daddies work, mommies stay at home and children go to school.”²⁸⁵ (CASE, 2006, p.21). Tudo está no lugar certo para Danika menina neste momento, inclusive o fato da mãe de Monique — sua vizinha — trabalhar fora de casa, porque é negra e não tem marido.

O ambiente da casa é, para a menina de sete anos, calmo e alegre, principalmente na ausência do pai, quando as regras de comportamento se afrouxam para dar lugar a uma relação entre mãe e filhas mais íntima e lúdica. Não é preciso comer à mesa, pode até ser em frente à TV, nem é preciso comer até o fim. As meninas podem dormir com a mãe, e acordarem todas juntas.

Sendo supervisor de uma linha de montagem em uma indústria automobilística em outra cidade, nesta época, o pai está ausente na maior parte do tempo. É um tempo em que Danika percebe a mãe satisfeita em tê-lo de volta a cada quinzena, quando sorri facilmente e as meninas não se importam de serem mandadas para cama mais cedo. Os pais parecem ter ainda um bom relacionamento. Qualquer comportamento mais machista e/ou individualista e egocêntrico do pai

²⁸⁴ Tradução: “Sinto como se o teto estivesse vindo para cima de mim, a sala se fechando. Não é um cômodo decorado. Uma coleção de cadeiras estranhas espalhadas, bagunçando o pequeno espaço com seus volumes; um quadrado de aglomerado se disfarça em uma mesa. Não há janelas, nada para se olhar para fora, não há cortinas bonitas.

Revistas gastas, cheias de fofocas do ano passado, não atraem a atenção. Há uma caixa de comida abandonada sobre uma cadeira de metal. Comida chinesa eu presumo pelo resíduo de óleo grudado no fundo dela. Provavelmente restos dos últimos ocupantes desta sala.

Quem consegue comer em um lugar desses?” (CASE, 2006, p.9-10).

²⁸⁵ Tradução: os pais trabalham, as mães ficam em casa e as crianças vão à escola.” (CASE, 2006, p.21).

é sempre justificado para as meninas pela mãe. Filho mais velho, havia sido criado dentro dos padrões hegemônicos da cultura tradicional africana²⁸⁶.

Whenever my father does something that we do not like, my mother says it is because of the way He was brought up.

She tells us the story about the first time she had supper at his house. Before they got married. Our father is the eldest of five children and the only boy. He was very spoiled, even though his family was poor, our mother says. Our grandmother, Ma Mathews, dished the stew. First a big plate with most of the meat and potatoes to our grandfather, and then the second-biggest serving to our father. The women, including our mother, shared the rest. 'There were only a few bits of meat on the plate', our mother tells us, 'and the potatoes were hard because she didn't cook the stew long enough.'²⁸⁷ (CASE, 2006, p.21).

A percepção da Danika é que tem com o pai uma relação afetivamente muito próxima. Trevor, apesar de ser bastante rigoroso e exigente com as filhas, costumava ser atencioso com a caçula, buscando-a no colégio, pegando-a no colo, dando-lhe dinheiro para comprar doces, o que faz com ela se sinta bastante orgulhosa dele e valorizada por ele.

My father thinks I am the cleverest girl in the whole world. Okay, I don't think that's he's wrong. He calls me his 'little doctor' and tells everyone that I will be the first doctor in the family. It doesn't matter that I hate blood and guts; I bask in his attention. I don't tell him that I would rather be a famous detective and solve crimes, like Nancy Drew with her strawberry-blonde hair.²⁸⁸ (CASE, 2006, p.28).

Entretanto, esta aproximação durará somente até o pai saber que May está grávida novamente.

The person who is the most excited about the new baby is my father. He tells everyone about it. He is convinced that this baby is going to be a boy. He talks about all the things he is going to teach this son of his. How to swim. How to fish. I think to myself that

²⁸⁶ Sobre a cultura tradicional africana e as relações de poder e gênero dentro do casamento e da família, ver: NGCOBO, Lauretta. *African Motherhood - Myth and Reality*. Em: Criticism and Ideology: Second African Conference, Stockholm, 1986. Uppsala, Suécia: Scandinavian Institute of African Studies, 1988.pp.141-154. Disponível em: <http://www.diva-portal.org/smash/get/diva2:274064/FULLTEXT01.pdf>. Acessado em: 05/02/2016.

²⁸⁷ Tradução: "Quando quer que meu pai faça alguma coisa que nós não gostamos, minha mãe diz que é por causa do modo que ele foi criado. [...]"

Ela conta para nós a história sobre a primeira vez que ela foi jantar na casa dele. Antes deles casarem. Nosso pai é o mais velho de cinco crianças e o único menino. Ele era muito mimado, apesar de sua família ser pobre, nossa mãe diz. Nossa avó, Ma Mathews, serviu o ensopado. Primeiro um prato grande com quase toda a carne e as batatas para nosso avô, e então uma segunda grande porção para nosso pai. As mulheres, incluindo nossa mãe, dividiram o resto. 'Havia somente uns pedacinhos de carne sobre o prato', nossa mãe conta, 'e as batatas estavam duras porque ela não cozinhou o suficiente.' (CASE, 2006, p.21)

²⁸⁸ Tradução: "Meu pai acha que sou a garota mais esperta do mundo. Ok, eu não acho que ele está errado. Ele me chama de sua "pequena médica" e diz a todos que serei a primeira doutora da família. Não importa que eu odeie sangue e coragem; Eu tenho sua atenção. Não lhe digo que prefiro ser uma detetive famosa e resolver crimes, como Nancy Drew com seus cabelos loiros." (CASE, 2006, p.28).

these sound like fun things to do, but I say nothing. He's never offered to teach me or Lili how to swim or how to fish.

He is so excited about the baby that he phones every day when he's away to check up on my mother and to hear if we are helping her.²⁸⁹ (CASE, 2006, p.38).

Ter um filho 'homem' faz parte do imaginário de masculinidade hegemônica sob a qual Trevor foi formado. A supervalorização dos homens e a desvalorização as mulheres fazem parte da cultura familiar da personagem, como podemos constatar a partir do comportamento também de Ma Mathews. Não escapa à percepção de Danika a preferência da avó e do pai por meninos.

My father comes home all the time now that my mother is pregnant. He still brings us biltong and still lifts me in the air, but he doesn't play with me as much as he used to. He also does not fetch me from school any more.

When he is home, he talks about his son all the time. Just like Ma Matthews talks about her 'grandson'. Both of them are sure that my mother is going to have a baby boy. A son is important, they say, so that he can carry on the family name. I ask, 'What about me, why can't I carry on the family name?' But it's not the same, they insist.²⁹⁰ (CASE, 2006, p.42-43).

A identidade masculina de Trevor e seu destino na narrativa são orquestrados por Maxine Case de modo a demonstrar como na África do Sul a construção das masculinidades, sejam elas dominantes ou subordinadas, está diretamente relacionada aos fatores estruturais da sociedade, notadamente entrelaçada às dimensões de raça e classe econômica. AWHLU mostra as consequências nocivas da normativização e idealização de uma masculinidade que submetem os homens a uma série de exigências para que possam ser reconhecidos como homens 'de verdade'.

Trevor é a reprodução encarnada da masculinidade hegemônica não branca que caracterizou/a muitos homens sul-africanos. A identidade masculina de Trevor pode ser compreendida a partir das ideias de R.W. Connell, a quem devemos o conceito de masculinidade

²⁸⁹ Tradução: "A pessoa que está mais entusiasmada com o novo bebê é meu pai. Ele conta para todo mundo sobre isso. Ele está convencido de que esse bebê vai ser um menino. Ele fala sobre todas as coisas que ele vai ensinar para seu filho. Como nadar. Como pescar. Eu penso comigo mesmo que estas coisas soam como coisas divertidas para se fazer, mas eu não digo nada. Ele nunca se ofereceu para me ensinar ou a Lili como nadar ou como pescar.

Ele está tão animado com o bebê que telefona todos os dias quando está fora para saber da minha mãe e ouvir se estamos ajudando." (CASE, 2006, p.38).

²⁹⁰ Tradução: Meu pai vem para casa o tempo todo agora que minha mãe está grávida. Ele ainda nos traz biltong²⁹⁰ e ainda me levanta no ar, mas ele não brinca comigo tanto quanto costumava. Ele também não me busca mais na escola.

Quando ele está em casa, ele fala sobre 'seu filho' o tempo todo. Assim como Ma Matthews fala sobre seu 'neto'. Ambos têm certeza de que minha mãe vai ter um filho. Um filho é importante, eles dizem, para que ele possa continuar o nome da família. Eu pergunto: 'E quanto a mim, por que não posso carregar o nome da família?' Mas não é a mesma coisa, eles insistem.²⁹⁰ (CASE, 2006, p.42-43).

hegemônica²⁹¹ e das de Robert Morrell. A partir da compreensão de gênero como um conceito de poder, Connell demonstrou, inicialmente, como cada homem individualmente desfruta dos privilégios patriarcais, ou seja, das vantagens masculinas derivadas da subordinação geral das mulheres (CONNELL, 1987, apud MORRELL, 2001, p.7), mas chamou também atenção para o fato de que “not all men shared this power equally and not all were individually exploitative.”²⁹² (MORRELL, 2001, p.7).

Em *Masculinities* de 1995, conforme Morrell, Connell desenvolveu a perspectiva de diferentes masculinidades. Ele nos ensinou que enquanto os homens oprimiam/oprimem as mulheres, alguns homens também dominavam/dominam e subordinavam/subordinam outros homens. Desse modo, Connell mostrou que havia/há uma masculinidade hegemônica, que dominava/domina outras masculinidades e que criava/cria prescrições de masculinidade, criando imagens culturais acerca do que significava/significa ser um ‘homem de verdade’. Connell reconheceu a existência de três outras categorias de masculinidade não hegemônicas: a subordinada, a cúmplice e a marginalizada (MORRELL, 2001, p.7). Trata-se de masculinidades que são desenvolvidas fora do círculo do poder. São aquelas que costumam caracterizar as minorias raciais, étnicas e de classe.

Os vários estudos sobre masculinidades sul-africanas reconhecem que houve um processo de emasculação dos homens negros e/ou não brancos na África do Sul desde a época da colônia. Conforme conta Boehmer, “the feminization of colonized men under empire had produced, as a kind of defensive reflex, an aggressive masculinity in the men who led the opposition to colonialism.”²⁹³ (BOEHMER, 2005, p.216). O apartheid acirrou ainda mais essa condição e, em contraposição, os movimentos nacionalistas, formados majoritariamente por homens, passaram a encorajar seus membros a afirmarem-se como agentes da própria história e para estarem no controle, mas não fazendo o mesmo com as mulheres nacionalistas. (BOEHMER, 2005, p.216). Todas essas experiências históricas acabaram por influenciar o surgimento de conceitos de masculinidade bastante negativos na África do Sul, que, frequentemente, resultam em comportamentos perigosos para a sociedade como um todo

²⁹¹ Raewin Connell reformulou o conceito de ‘masculinidade hegemônica’ em um artigo de 2005. Ver: CONNELL, R.W. & MESSERSCHMIDT, James W. HEGEMONIC MASCULINITY -Rethinking the Concept. Em GENDER & SOCIETY / December 2005. Disponível em: http://xyonline.net/sites/default/files/Connell,%20Hegemonic%20masculinity_0.pdf.

²⁹² Tradução: “nem todos os homens compartilham este poder igualmente e nem todos são individualmente exploradores.” (MORRELL, 2001, p.7).

²⁹³ Tradução: “a feminilização dos homens colonizados sob o império produziu, como um tipo de reflexo defensivo, uma masculinidade agressiva nos homens que levou à oposição ao colonialismo.” (BOEHMER, 2005, p.216).

gerando masculinidades violentas, caracterizadas pelo consumo excessivo de álcool, exacerbação de práticas sexuais de risco, etc.

Em AWHLU, a intransigência desse homem ‘mestiço’, encurralado em sua masculinidade pelo apartheid, frustrado e, muitas vezes, embriagado vai tornando o lar um lugar opressivo e perigoso. Qualquer desafio ou ameaça a sua autoridade por parte da mãe é resolvida através da intimidação e da violência física. É a violência do Estado do apartheid se impondo sobre Trevor e por ele reproduzida em suas relações pessoais.

Enquanto o cerco repressivo do estado de emergência se fecha sobre as manifestações de estudantes do lado de fora da casa, do lado de dentro, a situação também começa a ficar mais tensa, o pai se deprime após a morte do bebê. A mãe reage diferentemente do pai em relação à morte do bebê. Depois de um período de tristeza profunda, ela se recompõe. Confidencia às filhas que irá ser pintora. O pai não deverá saber seu segredo. A mãe procura ser feliz e resgatar a relação próxima e de intimidade com as filhas. Trevor pede demissão da fábrica de Port Elizabeth. May desconfia que seja porque ele não quer ter um chefe negro. Isto vira motivo de forte preocupação para May já que o país está em recessão. A tensão entre o casal cresce, há um aumento nas discussões e brigas.

Depois de ficar mais uma vez desempregado, as estadias do pai em casa vão ficando cada vez mais longas e as meninas não sabem por que. As meninas descobrem que é melhor quando ele não está presente. Descuidado com a própria aparência, ele dorme muito, suas meias fedem pela casa. As meninas não podem fazer barulho, nem durante o dia. Ele implica com tudo. Agora, a mãe fica chateada sempre que o pai está em casa. Não consegue mais frequentar as aulas de pintura. Não só o espaço vai se tornando cada vez mais restrito para as mulheres da casa, mas começa a faltar o essencial para meninas.

Outro elemento que surge na representação da masculinidade de Trevor é seu comportamento infiel.

But every now and then, it's almost like old times. Like when our father takes me and Lili with him to visit Auntie Jill. He takes a bottle of whisky, and he and Auntie Jill drink it in her bedroom with the door closed.

We have to play outside with Auntie Jill's children, Pam and Louise, even though it's cold. They are much older than us and grumble at their mother. Auntie Jill is nice and gives us sweets. Later, when we're in the car to go home, our father tells us that we mustn't tell our mother where we were. She doesn't like Auntie Jill. I keep the secret, but I am not sure whether Lili does.²⁹⁴ (CASE, 2006, p.142).

²⁹⁴ Tradução: “Mas de vez em quando, é quase como nos velhos tempos. Como quando nosso pai leva Lili e eu com ele para visitar a tia Jill. Ele leva uma garrafa de uísque, e ele e a tia Jill bebem no quarto dela com a porta fechada.

À parte a masculinidade hegemônica ser definida em referência a conceitos como coragem, ausência de medo, há convencionalmente uma forte relação entre a masculinidade e o sexo. A insaciável sexualidade dos homens em geral, mas mais especificamente dos homens negros, com a necessidade de múltiplas parceiras sexuais, como forma de reforçar continuamente a heterossexualidade, é parte importante na compreensão da masculinidade que foi se instituindo também ao longo da história da África do Sul. A temática da infidelidade conjugal na representação das masculinidades é constante nos romances de autoria de mulheres negras sul-africanas e, particularmente, neste estudo, está presente tanto em AWHLU como em *The Madams*.

Mas, em AWHLU, é acima de tudo o comportamento agressivo e sua violência contra May que revelam a necessidade que homens, como Trevor, têm de dominação sobre as mulheres. Entre as práticas masculinas violentas para impor a ‘autoridade’ e exercer o controle sobre as mulheres, estão a violência simbólica, ameaças verbais, o estupro, e agressões físicas. Trevor tem um comportamento típico de um homem que acha natural agredir a mulher. Para ele, bater em May quando ela faz algo que lhe desagrada ou que acredita que lhe desrespeita é um direito que ele tem. Surrar a mulher que desobedece ou afronta é compreendido como uma forma de educá-la para que ela compreenda que não deve desafiar a autoridade masculina, principalmente, na frente de seus pares. Há séculos a defesa da honra masculina tem justificado a violência dos homens contra as mulheres.

Havia sido assim na primeira vez que as meninas foram testemunhas. Na ocasião May o desafiara, após Trevor ter mandado que ela cozinhasse para seus amigos, dizendo na frente de todos que não havia comida em casa, ousando ainda criticar o consumo de uísque caro deles. Percebendo a gravidade da situação, um dos amigos de Trevor deixa furtivamente um dinheiro para May e as crianças, antes que todos saiam para beber fora.

Our father is livid when He gets back home: defiant, looking for a fight. He enters the house like a tempest; Lili and I run out of our room when we hear the front door slam. We are prepared for this. Since he left, we have been anticipating his return.

[...]

She [May] is sitting up in bed, trying to read, when he finds her. Our mother appears to shrink against the headboard as he strides towards her. This is a side of him that we have never seen before, nor imagined. He pushes her up against the headboard, his fist shoved drunkenly under her chin.

Temos de brincar lá fora com as filhas da tia Jill, Pam e Louise, mesmo que esteja frio. Elas são muito mais velhas do que nós e resmungam com a mãe. Tia Jill é legal e nos dá doces. Mais tarde, quando estamos no carro para irmos para casa, nosso pai diz que não devemos contar para mamãe onde estávamos. Ela não gosta da tia Jill. Eu guardo o segredo, mas não tenho certeza se Lili guarda.” (CASE, 2006, p.142).

‘Woman’, he slurs, ‘don’t you *ever* embarrass me in front of my friends again!’

Lili and I stand ashen-faced in the passage. I am so scared to see my father act like this. Lili takes a few tremulous steps into the room, but I remain where I am.

Giving her a final poke in the chest, he picks up the car keys he dropped as he came into the room. Without saying a word, he storms past us and out of the house, the tyres screeching as he pulls away.²⁹⁵ (CASE, 2006, p.129-130).

Muitos estudos sobre masculinidades na África do Sul concluem que a violência contra as mulheres no país é uma norma internalizada, sancionada e substanciada pelas expectativas patriarcais sob as quais a maioria dos homens foi criada. Muitas mulheres também parecem naturalizar o comportamento dos homens e por isso acabam aceitando a situação sem reagir. Por muitos anos fora o caso de May.

Our mother’s screams break up our play outside, as we try to make the most of the scant sunshine. The noise is coming from her bedroom. Lili and I rush to see what is wrong. I get to the door first; turn the knob. It is latched from the inside. I can hear my father’s raging. My mother has gone silent, just heaving gasps of air. The sound of terror and tears.

I’m so small. I don’t need to crouch to see through the keyhole. Right in front of me, in my direct line of sight, our mother is kneeling on the floor. Our father stands in front of her with his belt raised. His belt! The same belt he is always threatening us with! I always thought it was just that, a threat. Our mother begs him to stop. My and Lili’s shouts and pleas join hers, but our father doesn’t stop. Or he doesn’t hear us. After a few minutes, Lili runs to our room and slams the door. But I keep watch.²⁹⁶ (CASE, 2006, p.145).

²⁹⁵ Tradução: “Nosso pai está lívido quando volta para casa: desafiante, procurando briga. Ele entra na casa como uma tempestade; Lili e eu corremos para o nosso quarto quando ouvimos a porta da frente bater. Estamos preparadas para isso. Desde que ele saiu, ficamos antecipando seu retorno.” [...]

“Ela [May] está sentada na cama, tentando ler, quando ele a encontra. Nossa mãe parece encolher-se contra a cabeceira enquanto ele avança em sua direção. Este é um lado dele que nunca tínhamos visto antes, nem imaginamos. Ele a empurra contra a cabeceira da cama, seu punho embriagadamente empurrado debaixo do queixo dela.

‘Mulher’, ele pragueja, ‘*nunca mais* me envergonhe na frente de meus amigos outra vez!’

Lili e eu estamos paradas na passagem. Estou com tanto medo de ver meu pai agir assim. Lili ensaia alguns passos trêmulos para dentro do quarto, mas eu permaneço onde estou.

Dando-lhe um último empurrão no peito, ele pega as chaves do carro que deixou cair quando ele entrou no quarto. Sem dizer uma palavra, ele passa como um relâmpago por nós e sai da casa, os pneus guinchando enquanto se afasta.” (CASE, 2006, p.129-130).

²⁹⁶ Tradução: “Os gritos de nossa mãe interrompem nossa brincadeira lá fora, enquanto tentamos aproveitar ao máximo o sol escasso. O barulho vem do quarto dela. Lili e eu nos apressamos para ver o que está errado. Chego à porta primeiro; Giro a maçaneta. Está trancada por dentro. Posso ouvir a fúria de meu pai. Minha mãe ficou em silêncio, apenas arquejando ar. O som do terror e das lágrimas.

Eu sou tão pequena. Não preciso agachar para ver através do buraco da fechadura. Bem à minha frente, na minha linha de visão direta, nossa mãe está ajoelhada no chão. Nosso pai está na frente dela com o cinto levantado. Seu cinto! O mesmo cinto com que ele está sempre nos ameaçando! Eu sempre pensei que era apenas isso, uma ameaça. Nossa mãe pede para que pare. Os gritos e os apelos meus e de Lili se juntam aos dela, mas nosso pai não para. Ou ele não nos ouve. Depois de alguns minutos, Lili vai para o nosso quarto e bate a porta. Mas eu continuo vigiando.” (CASE, 2006, p.145).

A naturalidade com que Trevor se comporta no dia seguinte à agressão deixa Danika chocada. Ao entrar na cozinha pela manhã, onde encontra as duas filhas, Trevor não demonstra qualquer sensibilidade ou arrependimento.

When my father comes in, I stare hard at the cracked yellow Formica of the table.

Even though I know it will get me into trouble, I tear away pieces of the Formica where it has come loose. He says nothing; hums a tune as he puts water in the kettle. After his coffee, he goes to work like normal. Lili and I go to school and pretend that nothing is wrong. Our mother spends the day in bed.²⁹⁷ (CASE, 2006, p.146).

Ainda à noite, Danika tem esperanças de que o pai se desculpe.

We are eating supper as a family. Our father confidently asks his Lord to bless our food and we all mumble our amens, but things are not the same. I don't think they will ever be.

No one says a word; the silence is broken only by the soft, steady rain forming diamond drops on the window. This is what I concentrate on: the patterns the rain makes as it hits the glass. For some reason, nobody has drawn the curtains.

My father coughs abruptly. We all flinch. He smiles ruefully at us. There is no hint of an apology. Just a look, as if we are the ones He finds lacking. We have not mentioned the other day. Not even separately. Maybe if you pretend that something never happened then it didn't really.²⁹⁸ (CASE, 2006, p.146-147).

A separação entre Trevor e May se torna inevitável, entretanto, não irá ocorrer por causa das agressões físicas dele contra May. Afinal, elas aconteciam desde o início da relação do casal, como Danika adulta ficará sabendo através de Astrid em uma de suas visitas à May no hospital. Este fora o motivo de rompimento entre as irmãs. Astrid denunciara Trevor, May o defendera e o encobrira, mesmo sendo a vítima.

A decisão de se separar de Trevor só irá acontecer quando May, depois de ficar cansada de esperar que ele arranjasse um emprego, começa a trabalhar fora para poder sustentar a família, e descobre que, em sua ausência, Trevor havia sido extremamente negligente em relação à

²⁹⁷ Tradução: “Quando meu pai entra, eu olho fixamente para a Formica amarela rachada da mesa.

Mesmo que eu saiba que vou me meter em encrenca, eu rasgo fora pedaços da Formica onde ela está solta. Ele não diz nada; Cantarola uma melodia enquanto coloca água na chaleira. Depois de seu café, ele vai para o trabalho normalmente. Lili e eu vamos para a escola e fingimos que não há nada errado. Nossa mãe passa o dia na cama.”(CASE, 2006, p.146).

²⁹⁸ Tradução: “Estamos jantando como uma família. Nosso pai pede confiantemente ao Senhor para abençoar nossa comida e nós todos murmuramos nossos améns, mas as coisas não são mais as mesmas. Eu acho que elas nunca mais serão.

Ninguém diz uma palavra; o silêncio é quebrado apenas pela chuva suave e constante formando gotas de diamante na janela. É nisto que eu me concentro: o barulho ritmado que a chuva faz quando bate no vidro. Por alguma razão, ninguém fechou as cortinas.

Meu pai tosse abruptamente. Todas nós estremeçemos. Ele sorri embaraçado para nós. Não há nenhum indício de pedido de desculpas. Apenas um olhar, como se nós fôssemos as culpadas. Ninguém menciona o outro dia. Nem mesmo separadamente. Talvez se você fingir que algo nunca aconteceu, então não aconteceu mesmo.” (CASE, 2006, p.146-147).

segurança das filhas em um momento em que as tensões políticas estavam no auge e os conflitos na rua entre estudantes e polícia aconteciam também na vizinhança da família.

Our mother tells us that we must stay inside the house when she's at work. When she leaves in the morning she calls out to my sleeping my father, 'Trevor, keep an eye on the girls!' [...]

Our mother is gone for at least an hour before our father gets up. Lili and I are cleaning the kitchen when he comes in and starts making his breakfast: a vienna-and-banana omelette. Disgusting. We can tell that he's in good mood. He whistles as he cooks.

'You girls will be fine on your own today', he informs us. Then softer, more to himself than to us: 'I got a hot tip for today.'

'Who's – ' I am about to ask him who will look after us , but Lili nudges me before I can finish my question.[...]

As the heavy tanks come trundling down our road, we are drawn to our front windows, hiding away behind the lace curtains to see what is going on. They make such a noise. I can understand why they are called hippos. [...]

They have never come so close to our house before. [...]

I grip Lili's hand tighter when the rumbling noise stops and we hear thuds like when the birds drop green loquats on Ma's roof. Except it is much louder. Then we hear the shouts and the screams. We look at each other. What is this now?

I am so frightened that I wet myself. I only notice when Lili shouts at me. I am still holding her hand, standing in a puddle of my own pee.²⁹⁹ (CASE, 2006, p. 184-187).

Esta sequência da narrativa ilustra bem como Maxine Case articula a relação entre o contexto sociopolítico do país e a história da família e dá pistas sobre como os eventos externos alteram não só a vida dos indivíduos, mas como tais acontecimentos vão desencadear transformações na construção das identidades e subjetividades dos sujeitos.

É neste ponto, depois de chegar a casa e encontrar as meninas sozinhas e muito assustadas, que decide May decide enfrentar Trevor e romper definitivamente com ele.

²⁹⁹ Tradução: "Nossa mãe nos diz que devemos ficar dentro da casa enquanto ela está no trabalho. Quando ela sai pela manhã, chama meu pai que está dormindo, 'Trevor, fique de olho nas meninas! '

[...]

Nossa mãe saiu há, pelo menos, uma hora antes de nosso pai se levantar. Lili e eu estamos limpando a cozinha quando ele entra e começa a fazer o café da manhã: uma omelete de salsicha e banana. Nojento. Dá para dizer que ele está de bom humor. Ele assobia enquanto cozinha.

'Vocês, meninas, ficarão bem sozinhas hoje', ele nos informa. Então, mais baixo, mais para si mesmo do que para nós: 'tenho uma dica quente para hoje. '

'Quem é' _ estou prestes a perguntar quem vai cuidar de nós, mas Lili me cutuca antes que eu possa finalizar a minha pergunta.

[...]

À medida que os tanques pesados vêm rodando pela nossa rua, somos atraídas para as janelas da frente, escondendo-nos atrás das cortinas de renda para ver o que está acontecendo. Eles fazem tal barulho. Sou capaz de entender por que são chamados hipos. [...] Eles nunca chegaram tão perto de nossa casa antes.

[...]

Agarro a mão de Lili com mais força quando o barulho estridente para e nós ouvimos golpes como quando os pássaros derrubam as ameixas verdes no telhado de Ma. Exceto que é muito mais alto. Então ouvimos os gritos e os berros. Nós olhamos uma para a outra. O que é isso agora?

Estou tão assustada que faço xixi na calça. Só percebo quando Lili grita comigo. Eu ainda estou segurando sua mão, de pé em uma poça do meu próprio xixi. " (CASE, 2006, p. 184-187).

‘You bloody no-good bastard’, our mother snarls at him, ‘where were you today?’

It is obvious that our father is stupefied. He is used to avoidance and us walking on eggshells around him. Not this confrontation. In his drunken state, he starts to blubber, but cannot form the right words. Our mother is a virago, a tiger.

‘Do you know what’s happening in this country, in this very area? And leave my children alone?’ Her voice is high-pitched, but she is calm. It is an icy rage. The worst kind. She pours out all the resentment she has been feeling for the past few months. She spits out everything she wanted to say, all those times she bit her tongue and kept the peace.

Lili and I look at each other in awe. We cannot believe this. Our father says nothing and for a long time there is silence. Absolute silence, like a suspended breath. Then the moment passes and we hear their bedroom door click shut.³⁰⁰ (CASE, 2006, p.190-191).

O pai, após a separação, desaparece completamente da vida das filhas. A caçula, nos primeiros tempos, sente sua falta. Enquanto Danika ainda era criança, May forjava uns cartões de parabéns quando chegava seu aniversário até a menina descobrir. Aos doze anos, Danika vê o pai com sua nova família no supermercado. Há um bebê no carrinho, provavelmente, um menino. Danika desvia-se e evita que May veja a cena. Uma parte da menina se sente aliviada com a partida do pai.

Quando está no primeiro ano da universidade, Danika recebe a notícia de falecimento do pai. Ela se sente solidária a ele, mas do mesmo modo que se sentiria se fosse qualquer outra pessoa que tivesse morrido nas condições que ele morreria. Trevor morreria esfaqueado, provavelmente, assassinado. Ficara morto por dias até darem por sua falta. Não estava mais com a outra família, voltara para a casa dos pais. Mas sumia de vez em quando. Ninguém sabia o que ele fazia ou ninguém queria falar. Danika também não faz questão de saber: “Some things are better left unsaid.”³⁰¹ (CASE, 2006, p.221). Trevor estava com quarenta e quatro anos. A bebida alcoólica teria sido responsável pelo tipo de vida que o levava à morte.

A construção da identidade de Trevor está em forte consonância com os discursos e práticas de autoafirmação da masculinidade hegemônica sul-africana que associam o consumo de álcool e a violência a demonstrações de masculinidade. Estudos mostram como o consumo abusivo de álcool é responsável pela exacerbação da violência de gênero ao mesmo tempo em

³⁰⁰ Tradução: “‘Seu bastardo maldito’, nossa mãe rosna para ele, ‘onde você esteve hoje?’

É óbvio que nosso pai ficou estupefato. Ele está acostumado a evitações e a nós caminhando em ovos ao seu redor. Não a esse confronto. Em seu estado de embriaguez, ele começa a balbuciar, mas não consegue formar as palavras certas. Nossa mãe é um virago, um tigre.

‘- Você sabe o que está acontecendo neste país, nesta área? E deixa minhas filhas sozinhas? ‘A voz dela é aguda, mas ela está calma. É uma raiva gélida. O pior tipo. Ela despeja todo o ressentimento que ela vem sentido nos últimos meses. Ela vomita tudo o que queria dizer, todas aquelas vezes que ela mordeu a língua e manteve a paz. Lili e eu nos olhamos surpresas. Não podemos acreditar nisso. Nosso pai não diz nada e por muito tempo há silêncio. Silêncio absoluto, como uma respiração suspensa. Então o momento passa e ouvimos a porta do quarto deles fechar. “ (CASE, 2006, p.190-191).

³⁰¹ Tradução: “‘Algumas coisas é melhor não serem ditas.” (CASE, 2006, p.221).

que seu consumo é fomentado também pelas relações de poder desiguais e pelas normas tradicionais que definem o gênero masculino³⁰².

Todavia, ao situar social e historicamente a personagem, construindo Trevor de maneira complexa e não estereotipada, Maxine Case revela grande sensibilidade para o fato de que as conexões entre violência e masculinidade precisam sempre ser problematizadas e contextualizadas para evitar a ideia de que a violência seja uma característica ‘natural’ dos homens.

Ao final do relato sobre o destino de Trevor, é possível compreendermos o quanto este homem opressor, agressor e intimidador que vitimiza as mulheres da família não deixa de ser também uma vítima dos poderosos discursos de gênero sobre a masculinidade, sobre o que era ser homem na África do Sul durante o apartheid.

Mas se, em AWHLU, Maxine Case alerta também para os modos como o conceito e as vivências da masculinidade paterna afetam, profunda e inevitavelmente, as filhas, Danika e Lili, em suas identificações como mulheres e em suas futuras relações com os homens, serão, entretanto, as experiências das meninas em sua relação com a mãe que mais influenciarão os processos da construção identitária de Danika e Lili.

4.6 Suscetibilidades, Inconstâncias e Resistência – A Feminilidade de May

AWHLU nos dá a oportunidade de acompanhar as experiências de May, uma mulher ‘coloured’ sul-africana, que vive o processo de transformação da sociedade sul-africana do apartheid até a democracia. Através da narrativa das recordações do passado, mas também das conversas que Danika ainda conseguiu ter com a mãe durante sua doença, os leitores vão gradualmente conseguindo formar uma ideia sobre quem é essa mulher. A mãe é um enigma que, até certo momento, a filha acredita ser importante decifrar.

Se a história é construída a partir do lugar de uma filha na iminência de perder sua mãe, é possível reconhecer que as primeiras questões de Danika dizem respeito a quem foi esta mãe. Antes de vê-la como mulher, a filha vê, na cama de hospital, sua mãe, a mulher cuja presença sempre lhe garantiu a sensação de pertencimento e deu os rumos de sua identidade. Se, como afirmou Maxine Case, AWHLU foi escrito a partir da preocupação de que a morte de uma mãe

³⁰² Segundo dados do relatório *Masculinities, Alcohol and Gender-Based Violence: Bridging the Gaps* (2014), na África do Sul, em 2006, 70% dos casos de violência doméstica estavam relacionados ao álcool e um quinto dos homens presos por estupro relataram que estavam sob a influência do álcool no momento do crime. Disponível em: <http://menengage.org/wp-content/uploads/2014/04/Alcohol-GBV-Concept-Note-April-2014.pdf>.

possa significar a perda para a filha de sua conexão com seu passado, então, podemos concluir que as lembranças de Danika buscam, primeiramente, responder questões que têm a ver com seu próprio destino. Diante do que Danika nos apresenta a respeito de seus medos no decorrer da narrativa podemos concluir que fazem parte de suas indagações questões que dizem respeito a se May teria sido uma boa mãe para Danika. Teria sido ela uma mãe suficientemente boa para que ela pudesse seguir sem a sua presença? Entretanto, em busca das recordações que pudessem responder a essas primeiras indagações, Danika encontra questões que a levam a pensar não a mãe, mas mulher. A jovem que a mãe fora, a relação dela com sua própria mãe, a relação de May com sua irmã, cotejando sempre tais descobertas com as lembranças das experiências que viveu junto à mãe. E neste processo de rememoração, Danika vai descobrindo que quem a mãe ou May, a mulher, fora foi também resultado de suas experiências e das circunstâncias sob as quais viveu.

May não é, de modo algum, apresentada como uma mulher ou uma mãe convencional oriunda dos ideais tradicionais de feminilidade do século XIX ou dos padrões conservadores da maternidade intensiva³⁰³. Também está longe de representar uma mãe africana tradicional. May é representada não só como efeito das contradições da modernidade, mas das duras condições que o apartheid impõe às mulheres não brancas. Em sua caracterização de May, Maxine Case parece reconhecer aquilo para o que Maria Rita Kehl chama atenção em *Deslocamentos do Feminino* (2008), ao discutir os discursos sobre a feminilidade que ainda hoje têm influência na construção das identidades e subjetividades femininas. Kehl nos lembra que a ideia de feminilidade que nos parece tradicional fez parte da história da constituição dos sujeitos modernos, originada em finais do séc. XVIII e por todo o séc. XIX e que

os discursos que constituíram a feminilidade tradicional fazem parte do imaginário social moderno, transmitido através da educação formal, das expectativas parentais, do senso comum, da religião, e da grande produção científica e filosófica da época, que determinava o que cada mulher deveria ser *para ser verdadeiramente uma mulher* (KEHL, 2008, p.44).

³⁰³ Segundo D. Lynn O'Brien Hallstein, em *Conceiving Intensive Mothering* (2006), o termo maternidade intensiva (*intensive mothering*) foi cunhado por Sharon Hays (1996), tendo três princípios fundamentais: primeiro, exige que as mulheres continuem a ser as principais cuidadoras dos filhos, com base na ideia de que um único cuidador principal é melhor para a criança e a mãe é a melhor pessoa para realizar este trabalho; em segundo lugar, a disponibilidade de tempo das mães dedicada a criação e aos cuidados dos filhos deve ser enorme e requer muita energia porque esta maternidade é centrada na criança e em seu bem estar; em terceiro lugar, a maternidade intensiva tem uma lógica que separa a maternidade do trabalho remunerado profissional, o que reforça a noção de que as crianças e o trabalho da maternidade estão completamente fora do escopo da avaliação de mercado. As crianças são consideradas especiais na esfera privada familiar e vulneráveis e, portanto, merecedoras de tratamento especial. (HALLSTEIN, 2006, p.97).

Ver: HALLSTEIN, D. Lynn O'Brien *Conceiving Intensive Mothering*. Journal of the Association for Research on Mothering, Volume 8, Numbers 1,2, 2006, pp.96-108. Disponível em: <file:///C:/Users/Joana%20Pupo/Documents/PGSOCIO/2017/about%20intensive%20mothering.pdf>.

Mas como o imaginário social é também múltiplo, conforme Kehl, principalmente a partir da modernidade, “outros discursos e outras expectativas entraram em choque com os ideais predominantes de feminilidade.” (KEHL, 2008, p.44). Desse modo, afirma a psicanalista,

aos ideais de submissão feminina contrapunham-se os ideais de autonomia de todo sujeito moderno; aos ideais de domesticidade contrapunham-se os de liberdade; à ideia de uma vida predestinada ao casamento e à maternidade contrapunha-se a ideia, também moderna, de que cada sujeito deve escrever seu próprio destino, de acordo com sua própria vontade.(KEHL, 2008, p.44)

É dentro desta perspectiva que May é retratada em sua fragilidade diante do contexto turbulento que vive o país, em sua vulnerabilidade em relação aos discursos hegemônicos sobre o que é ser mulher e mãe na sociedade sul-africana patriarcal do período do apartheid, mas também em sua capacidade de agir e reagir como um sujeito que negocia dentro das condições sociais e políticas que lhe são oferecidas. Como nos ensinou Michel Foucault (1995), o poder tem uma natureza relacional, sendo que os indivíduos subordinados, mesmo que atuem na manutenção da rede que organiza as estruturas e instituições sociais de poder, não são nunca totalmente desempoderados. É somente no campo de correlação de forças, poder *versus* resistência, que devemos analisar os mecanismos de poder para podermos aprender sobre a natureza do sujeito e reconhecê-lo como constituído histórica e socialmente, sendo, portanto, o sujeito um *locus* tanto de subjugação quanto de liberação.

A trajetória de May talvez seja a personagem em AWHLU que melhor ilustra tais processos. May é capaz de reproduzir muitos aspectos das ideologias, principalmente relacionadas às questões de gênero, que oprimem e vitimizam as mulheres, ao mesmo tempo em que encontra várias formas de resistir. Se Danika se reconhece, em mais de um momento da narrativa, como uma sobrevivente, podemos concluir que este aprendizado, de alguma forma, também foi aprendido através da luta incessante que sua mãe travou com a vida.

Esta mulher mestiça é apresentada em sua complexidade, com suas imperfeições, suas contradições, mas também com suas qualidades de filha, e, principalmente de mãe, em uma representação muito diferente das representações literárias das mães negras africanas da literatura tradicional, principalmente, aquelas de autoria masculina.

4.6.1 A Mãe May aos olhos da Criança Danika

A menina Danika desde pequena observava as regras postas para as relações sociais e discernia o que parecia caber a cada um de seus pais: “Nice families live around us. We live in a nice neighbourhood. Daddies work, mommies stay at home and children go to school.”³⁰⁴(CASE, 2006, p.21). Tudo parece inicialmente dentro das expectativas e há paz aos olhos da menina. A mãe cumpre suas tarefas domésticas, dá bastante atenção às filhas e a rotina das três inclui passeios à praia e, aos fins de semana em que o pai não está, visitas à avó materna, Ma.

Porém os papéis dos pais dentro de casa vão sendo transformados pelas circunstâncias sociais e pelas necessidades econômicas que culminam com a decisão de May de arranjar um emprego. AWHLU oferece um claro retrato da situação de vulnerabilidade econômica dos grupos não brancos da África do Sul, trazendo para seu foco a decadência econômica desta família mestiça durante o apartheid. A obra mostra a instabilidade não só simbólica dos assim chamados ‘coloured’, mas também da instabilidade de suas condições materiais durante o apartheid. Em pouquíssimo tempo a família que gozava de relativo conforto descobre que a segurança que imaginavam ter era somente aparente. O modelo patriarcal da família, tendo o pai como único provedor aos moldes da classe média, é obrigado a ser revisto.

Com a mãe trabalhando fora, Danika e Lili têm suas rotinas também bastante alteradas e perdem grande parte da atenção e do cuidado que a mãe dedicava a elas. Começam também a conhecer outros lados da mãe.

May sempre fora vaidosa e o trabalho no escritório de cobrança de uma fábrica de roupas também irá despertá-la para uma nova vida social.

Lili and I watch in amusement as our mother gets ready for work. She is so nervous, but more than that, there’s excitement. The glow and sparkle in her eyes. As we stare at her outfits, we don’t care if we are late for school. Her pleasure is infectious. The three of us are almost delirious. This is such an occasion: our mother’s first day at work. She has never worked before in her life.

[...] Eventually she decides on a beautiful purple dress. Purple is my mother’s favourite colour. This dress has matching purple shoes. My mother likes things to match. She wears her big purple and yellow plastic bangles and bright yellow earrings. We watch wide-eyed as she rims her eyes with black kohl and paints on a bright pink smile. We are subtly impressed: she looks so fashionable. Her hair is shiny, almost liquid. Then she sprays on her favourite perfume, Youth Dew, and she’s ready.³⁰⁵ (CASE, 2006, p.155—156).

³⁰⁴ Tradução: “Famílias legais vivem em volta de nós. Nós moramos em um bairro agradável. Os pais trabalham, as mães ficam em casa e as crianças vão para a escola.” (CASE, 2006, p. 21).

³⁰⁵ Tradução: “Lili e eu observamos divertidas enquanto nossa mãe se prepara para o trabalho. Ela está tão nervosa, mas mais do que isso, há uma excitação. A luz e o brilho em seus olhos. Enquanto observamos seus trajes, não nos importamos se estamos atrasadas para a escola. Seu prazer é contagiante. Nós três estamos quase delirantes. Esta é a ocasião: o primeiro dia de trabalho da nossa mãe. Ela nunca trabalhou antes na vida.

A importância da independência financeira feminina para o empoderamento das mulheres é destacada em AWHLU, como o é em *The Madams*. O emprego de May representará muito mais do que só o sustento da família. Trabalhar fora havia sido uma sugestão da filha mais velha: “Our mother’s rebellions are limited by her impotence: she is financially dependent on him. One day Lili says to her, ‘Why don’t you get a job, Mommy? Then you won’t have to put up with all that.’”³⁰⁶ (CASE, 2006, p.144). Com apenas doze anos de idade, Lili reconhece que o fato de o pai sustentar a família dá a ele o poder de controlar e submeter a mãe.

Este episódio da filha aconselhando a mãe é só um, entre vários na narrativa, onde podemos notar na relação entre mãe e filhas uma inversão de papéis. Muitas vezes, serão as meninas que terão que dizer para mãe o que fazer, como agir, e/ou que terão que assumir a tarefa do cuidado, seja o cuidado de si mesmas, seja o cuidado da própria mãe na medida em que ela vai se mostrando cada vez mais frágil e vulnerável às circunstâncias opressivas tanto no nível pessoal quanto sociopolítico.

We are her confidantes. She cries as she tells us how unhappy she is in her marriage. I fetch the tissues and get her a glass of water as her tears come out in great gulps. Lili strokes her hand, offering her the only comfort she knows. Lili is twelve and I am seven, yet we feel very grown-up.

We tell her that she must leave our father. That we won’t mind, we won’t miss him. But she looks at us _ deeply, sincerely, tearfully _ and says, ‘You children are the only reason I stay with him.’”³⁰⁷ (CASE, 2006, p.156-157).

Diante da responsabilidade de ajudar a mãe, contentes com a conquista dela de trabalhar fora, Danika e Lili se vêm obrigadas a colocar em prática aquilo que tomaram para si mesmas como missão: fazer a mãe feliz. Decidem que a mãe não pode chegar cansada do trabalho e encontrar a casa suja ou bagunçada. O pai, mesmo tendo desistido de procurar emprego, não as

[...] Eventualmente ela decide sobre um belo vestido roxo. O roxo é a cor favorita da minha mãe. Este vestido tem sapatos roxos que combinam. Minha mãe gosta de combinar as coisas. Ela usa suas grandes pulseiras de plástico roxo e amarelo e brincos amarelos brilhantes. Nós olhamos de olhos arregalados enquanto ela pinta seus olhos com kajal preto e pinta um sorriso rosa brilhante. Estamos sutilmente impressionadas: ela parece tão na moda. Seu cabelo é brilhante, quase líquido. Então ela pulveriza em seu perfume favorito, *Youth Dew*, e ela está pronta”³⁰⁵. (CASE, 2006, p.155—156).

³⁰⁶ Tradução: As rebeliões de nossa mãe são limitadas por sua impotência: ela é financeiramente dependente dele. Um dia, Lili diz a ela: ‘Por que você não arranja um emprego, mamãe? Então você não terá que aturar tudo isso’.”³⁰⁶ (CASE, 2006, p.144).

³⁰⁷ Tradução: “Somos suas confidentes. Ela chora enquanto nos diz como ela é infeliz em seu casamento. Pego os lenços de papel e um copo de água enquanto as lágrimas saem em grandes goles. Lili acaricia sua mão, oferecendo-lhe o único conforto que ela conhece. Lili tem doze anos e eu tenho sete anos, mas nos sentimos muito adultas.

Nós dizemos a ela que deve deixar o nosso pai. Que não vamos nos importar, não vamos sentir falta dele. Mas ela olha para nós _ profundamente, sinceramente, com lágrimas nos olhos _ e diz: ‘Vocês, filhas, são a única razão pela qual eu permaneço com ele.’” (CASE, 2006, p.156-157).

ajuda em nada: “cleaning is a woman’s job”³⁰⁸ (CASE, 2006, p.157). Além de não ajudar, o pai, no exercício social de sua masculinidade, torna tudo ainda muito mais difícil para as filhas.

Sometimes we come home from school and his friends are there. When he hears us come in, our father will start loudly complaining about how dirty the house is and how there’s never any cooked food. The men drink their whisky, play their cards, exchange tips for the horses and talk their big talk about their big wins. **From these afternoons, I learn that men never mention their losses.**³⁰⁹ (CASE, 2006, p.157. Negritos meus.)

Nesta passagem, fica mais explícito o quanto a autora do romance faz questão de demonstrar os modos como o comportamento do pai e as experiências que as filhas vivem com ele para a construção das ideias que Danika e Lili formarão a respeito dos homens e, por conseguinte, determinarão as futuras relações que terão com eles.

Será a partir do fato de a mãe estar trabalhando fora de casa que a narrativa revelará outros aspectos importantes da feminilidade de May. Os cuidados da mulher consigo mesma começam a ganhar espaço na divisão com a função da mãe. Danika percebe que a mãe começa a se preocupar mais com ela mesma, negligenciando suas necessidades e as da irmã.

The teachers know that something is wrong though there is no one I can talk to. They comment on the state of my hair and my uniform, exchanging knowing, pointed looks that say it all. I am a child. I dare not look back at them with defiance in my eyes, meeting their stares. Instead, I look down at my black school shoes and agree that they need polishing.

‘How could your mother let you leave the house looking like this?’ They question me with eager, glinting eyes.

I say nothing. I look down at the scuffed school shoes that my father used to polish for me, a long time ago. I pray for it to end. Pray that soon they will pick on someone else. I can’t very well say that my hair looks untidy because I brushed it myself this morning. Or that my uniform looks a mess because it’s my job to wash it with Sunlight soap every Friday after school, and that maybe the stains can’t come out _ I should know better than to eat in it or sometimes to cook in it after school. I cannot tell them that my mother is always too busy to iron the dress, although I leave it in the lounge anyway, hoping that she’ll see it when she irons her skirts and blouses for work. I do it myself _ often on a Monday morning, when I am already late for school. I don’t say that my mother often doesn’t know how I look in the morning when I go to school, because she has already left for work, catching a bus and train to make it on time since my father says that he needs the car. I cannot say these things because this is not the way things are done. The other mothers at my school are the kind who bake cakes and sew hems and help their children with their needlework projects. They are older than my mother and they do not wear shorts and miniskirts or smoke cigarettes. They do not cry in front of their children for no reason or worry about paying bills and the electricity getting cut. No, these things I must keep to myself³¹⁰. (CASE, 2006, p.160-161).

³⁰⁸ Tradução: “limpar é trabalho de mulher”. (CASE, 2006, p.157).

³⁰⁹ Tradução: “Às vezes chegamos em casa da escola e seus amigos estão lá. Quando ele nos ouve entrar, nosso pai começa a reclamar alto sobre como a casa está suja e como nunca há qualquer alimento cozido. Os homens bebem seu uísque, jogam suas cartas, trocam dicas sobre os cavalos e conversam sobre suas grandes vitórias. A partir dessas tardes, aprendi que os homens nunca mencionam suas perdas.” (CASE, 2006, p.157).

³¹⁰ Tradução: “Os professores percebem que algo está errado, embora não haja ninguém com quem eu possa falar. Eles comentam sobre o estado do meu cabelo e do meu uniforme, trocando conhecimentos, olhares acusadores que dizem tudo. Eu sou uma criança. Não me atrevo a olhar para eles desafiando-os com olhos,

A vida de Danika e Lili será, então, totalmente modificada pelas ausências da mãe por causa do trabalho, tendo as meninas que assumirem o cuidado de si mesmas. Não poderão contar com o pai, machista, que mesmo estando a maior parte do tempo em casa, não assume para si qualquer responsabilidade em relação às filhas ou, como já vimos, em relação às tarefas domésticas para o bom funcionamento da casa. É nítido também que, à medida que o casamento de May e Trevor se deteriora, a o espaço da casa vai materialmente refletindo a desorganização.

Though winter is supposed to be over, the rain is endless. Our clothes remain unwashed as we wait for the weather to improve, forming mouldy mountains in the bathroom. At first we stamp it down in the washing basket, but when it overflows, Lili and I decide that we need to make a plan. For once, the mess doesn't seem to bother our father. Nor our mother, for that matter, although she makes sure that she has clean clothes for work.

Lili works out how to use the washing machine. We fill it to the capacity. This full load hardly makes a dent in the dirty washing. Later, once the machine stopped, we hang up the washing in the rain. We are so proud we check and check that the washing was getting dry, though the rain only stops for a couple of hours at a time. I am trying to solve a puzzle when Lili calls me agitatedly, 'Look, Danny, the washing is foaming.'³¹¹ (CASE, 2016, p.184).

encarando seus olhares. Em vez disso, eu olho para baixo para meus sapatos pretos de escola e concordo que eles precisam de graxa.

‘Como sua mãe pode deixar você sair da casa com esse aspecto?’ Eles me questionam com olhos ansiosos e brilhantes.

Não digo nada. Olho para baixo, para os sapatos de escola arranhados que meu pai costumava engraxar para mim, há muito tempo. Rezo para que isso termine. Rezo para que logo eles escolham outro aluno. Não posso nem pensar em dizer que meu cabelo parece desganhado porque eu mesmo o escovei esta manhã. Ou que o meu uniforme parece todo desarrumado porque é minha tarefa lavá-lo com sabão Sunlight todas as sextas-feiras após a escola, e que talvez as manchas não saiam — eu deveria pensar melhor antes de comer com ele ou, às vezes, cozinhar com ele depois da escola. Não posso dizer-lhes que minha mãe está sempre muito ocupada para passar o vestido, embora eu o deixe, de qualquer modo, na sala, na esperança de que ela vai vê-lo quando ela for passar suas saias e blusas para o trabalho. Eu faço isso sozinha, muitas vezes numa manhã de segunda-feira, quando já estou atrasada para a escola. Não digo que minha mãe, muitas vezes, nem sabe como está minha aparência de manhã quando vou para a escola, porque ela já saiu para o trabalho, para pegar um ônibus e um trem para chegar a tempo porque meu pai diz que ele precisa do carro. Não posso dizer estas coisas porque esta não é a maneira como as coisas são feitas. As outras mães na minha escola são do tipo que assam bolos e costuram bainhas e ajudam seus filhos com seus projetos de costura. Elas são mais velhas do que a minha mãe e elas não usam shorts e minissaias ou fumam cigarros. Elas não choram na frente de suas filhas, sem motivo ou se preocupam com o pagamento de contas e se a eletricidade vai ser cortada. Não, essas coisas eu devo guardar para mim.” (CASE, 2006, p.160-161).

³¹¹ Tradução: “Embora o inverno tivesse supostamente terminado, a chuva não para. Nossas roupas permanecem sem serem lavadas já que esperamos o tempo melhorar, formando montanhas mofadas no banheiro. A princípio, nós as socamos no cesto de roupas sujas, mas quando ele transborda, Lili e eu decidimos que precisamos elaborar um plano. Pela primeira vez, a bagunça não parece incomodar nosso pai. Por falar nisso, nem a nossa mãe, embora ela garanta que tem roupas limpas para ela ir para o trabalho.

Lili explica como usar a máquina de lavar. Nós a enchemos no limite da capacidade. Esta carga cheia dificilmente faz alguma diferença no volume de roupa suja. Mais tarde, uma vez que a máquina parou, nós penduramos a roupa na chuva. Estamos tão orgulhosas que checamos e checamos que a roupa lavada estava ficando seca, embora a chuva só pare por poucas horas a cada vez. Estou tentando resolver um enigma quando Lili me chama agitada: ‘Olha, Danny, a roupa lavada está espumando.’ (CASE, 2016, p.184).

Mas se Maxine Case mostra, em AWHLU, May como uma mulher faltante no papel tradicional mãe após ter arranjado um emprego, a autora faz questão de mostrar simultaneamente a importância da independência financeira para que May seja capaz de conquistar a liberdade de ser e de agir conforme seus próprios desejos. Este argumento da autora é reforçado pelo fato de Case fazer com que May transmita explicitamente às filhas este saber.

The day our mother receives her first pay cheque, the three of us celebrate. She is so proud, she brings the cheque home to show me and Lili before banking it.

'You girls must make sure that you always have your own money,' she tells us solemnly. 'Then no man can think that he owns you. Don't forget: there is no better freedom than earning your own money.'³¹² (CASE, 2006, p. 159-160).

A independência financeira de May dera a ela confiança o suficiente para também desobedecer Trevor e participar dos protestos políticos contra o fechamento, por tempo indefinido, das escolas para a população mestiça decretado pelo governo do apartheid. Tal medida refletiria, particularmente, em prejuízo para a formação de Lili e a formação educacional das meninas era primordial para a mãe. Como uma 'boa' mãe, May não deixaria que a filha mais velha fosse prejudicada.

Then one day my mother opens the newspapers and read that our schools were to be closed. Indefinitely. Officially, I had never seen her this angry before. She was so angry that she forgot about keeping us in the dark and shouted and swore about the government.

Now she is worried because Lili is supposed to start high school next year. How can children afford to lose their education? Our mother says it would be different if all schools were closed, but it's only the coloured schools. She says that the government has no right to decide people's lives for them. What is going to happen to the children?

Our school was closed during the middle of exam time. Lili and I are happy for the long holiday. Or at least I think Lili is. She is worried about getting into high school and that she will have to repeat Standard Five. My mother tells Lili that it will never happen. Even if she has to work two jobs to send her to a private school next year.³¹³ (CASE, 2006, p. 179).

³¹² Tradução: O dia em que nossa mãe recebe seu primeiro cheque de pagamento, Nós três comemoramos. Ela está tão orgulhosa que ela traz o cheque para casa para mostrar a Lili e a mim antes de depositá-lo.

'Vocês, meninas, precisam ter a certeza de ter seu próprio dinheiro', ela nos diz solenemente. 'Assim, nenhum homem pode pensar que ele é dono de vocês. Não se esqueçam: não há melhor liberdade do que ganhar o seu próprio dinheiro.' (CASE, 2006, p.159-160).

³¹³ Tradução: Então, um dia, minha mãe abre os jornais e lê que nossas escolas vão ser fechadas. Indefinidamente. Oficialmente, nunca a tinha visto tão zangada antes. Ela estava tão furiosa que se esqueceu de nos poupar e gritou e xingou sobre o governo.

Agora ela está preocupada porque Lili supostamente vai começar o ensino médio no próximo ano. Como as crianças podem se dar ao luxo de perder sua educação? Nossa mãe diz que seria diferente se todas as escolas estivessem fechadas, mas só as escolas dos mestiços. Ela diz que o governo não tem o direito de decidir a vida das pessoas para eles. O que vai acontecer com as crianças?

Nossa escola foi fechada durante a época de exames. Lili e eu estamos felizes pelas longas férias. Ou pelo menos acho que Lili está. Ela está preocupada em entrar no ensino médio e que ela terá que repetir o quinto ano. Minha mãe diz a Lili que isso nunca vai acontecer. Mesmo que ela tenha que trabalhar em dois empregos para enviá-la para uma escola privada no ano que vem. (CASE, 2006, p. 179).

Enquanto May tem consciência sobre a crítica situação política do país, a visão de Trevor é totalmente destorcida pelo seu conservadorismo e preconceitos. Trevor não entende sequer que os estudantes lutam contra a imposição do africâner como a língua de transmissão do ensino e que lutam por cidadania e liberdade.

My father agrees that it is the right thing for the government to do _ look at how they're killing one another in the townships. Look at the schoolchildren; they have no business rioting and disrupting things. All the stay-aways! They are lazy, that's what. They don't want to go to school. They burn their books and their desks. My mother looks at him, her eyes narrowed and her nose ever so slightly flared, but all she says is that it is the government that closed the schools _ my father doesn't know what He is talking about. My father says she's one to talk, what does she know anyway? He stresses that no wife of his is going to get involved in politics.³¹⁴ (CASE, 2006, p.177-178).

May, ao contrário, sempre fora sensível tanto em relação à gravidade do estado de exceção em que vive a África do Sul quanto à situação de penúria da população negra, segregada, oprimida e explorada pelo governo africâner do apartheid, para a qual procura sensibilizar as filhas, despertando nelas consciência social.

Every winter, our mother buys us new winter clothes: spencers, pyjamas, slippers, a new winter gown if we've outgrown last year's and a new school tracksuit. This year, we will have to make do with all our things from last year, as there is no money. When we complain, our mother says, 'Remember there are people worse off than you'. We don't believe her and tell her so. She reminds us of the people left homeless by the flood – but they are just people on the TV screen.

To prove her theory, she takes me and Lili to the outskirts of the townships so that we can see how other people live. We are shocked that people can live packed so closely and not in real houses, just collections of wood and tin. There are rows and rows of toilets. They look as if they've been planted in the field by some crazy farmer. But mainly I notice the mud. And the dirt. And the straggly goats that Wander in the road among the children, who play the same kind of games I play with my friends at home. Except, of course, we play with dogs instead of goats.

'Slow down, Mommy!' Lili warns as a stray dog darts in front of us.

'Yes, why don't you stop the car?' I suggest, wistfully looking at the games.

'We can't stop here,' our mother tells us. 'It's not safe.'

'Why not?' I ask, watching the children play.

'People are unhappy,' our mother explains. 'And unhappiness can lead to strange things.'

Quietly, Lili says, 'I can't blame them if they are unhappy.'

That night I pray extra hard for the people living there. Maybe we are a bit lucky after all.³¹⁵ (CASE, 2006, p.127).

³¹⁴ Tradução: "Meu pai concorda que é a coisa certa para o governo fazer _ olha como eles estão se matando uns aos outros nos subúrbios. Olhe para os alunos; eles não têm nada que fazer desordem e tumultuar as coisas. Todas as greves! Eles são preguiçosos, é isso. Eles não querem ir à escola. Eles queimam seus livros e suas carteiras. Minha mãe olha para ele, seus olhos se estreitaram e seu nariz se franziu ligeiramente, mas tudo o que ela diz é que foi o governo que fechou as escolas - meu pai não sabe do que está falando. Meu pai diz quem é ela para falar, o que ela sabe, afinal? Ele ressalta que esposa nenhuma dele vai se envolver na política." (CASE, 2006, p.177-178).

³¹⁵ Tradução: "A cada inverno, nossa mãe nos compra roupas de inverno novas: sobretudos, pijamas, chinelos, um roupão novo do inverno se o do ano passado ficou pequeno e um conjunto de moletom novo da escola. Este ano, vamos ter que nos virar com todas as nossas coisas do ano passado, porque não tem dinheiro. Quando

Mesmo depois de já separada de Trevor, e apesar de seus esforços para levar uma vida relativamente normal, a sensibilidade de May em relação aos acontecimentos externos só aumentará. Os impactos brutais das injustiças sociais e da violência extrema produzida pelo regime do apartheid começarão a fragilizá-la ainda mais. Seu estado emocional se refletirá diretamente em suas pinturas e em sua intensa necessidade de escrever os diários que ao final do romance serão encontrados por Danika.

Our mother comes home from work, her eyes red and swollen. We can tell that she has been crying. When we ask her what's wrong, she doesn't want to talk about it. She stares blankly at us, smoking one cigarette after another.

Later, she pours herself a glass of wine. I think she is going to paint, and I follow her to the lounge. Instead, she walks back to the kitchen and starts to prepare supper. That night we have our favourite: steak, chips and salad. As Lili and I clean the kitchen, we hear her on the phone, talking softly. So softly that we cannot hear what she is saying.

We are both nearly asleep when she comes into our room. She stands in the doorway and look at us attentively, as if she is trying to burn our faces in her memory. She says nothing, just stands and watches us.

The next morning, we wake up and there is a new painting on the easel. It is a picture of children, but not of us. The children are not happy and smiling. Rather, they look as if they have been slaughtered. Lying on the ground in pools of blood, wearing school uniforms. There is a large truck in the background. I cannot understand why our mother would want to paint such an ugly picture. Why doesn't she paint us?

That morning is even more unusual. She makes us pancakes for breakfast and for once is not worried about the time.³¹⁶ (CASE, 2006, p.231-232).

reclamamos, nossa mãe diz: 'Lembrem-se que há pessoas em condições piores do que vocês'. Nós não acreditamos nela e dizemos isso a ela. Ela nos lembra das pessoas desalojadas pela inundação - mas elas são apenas pessoas na tela da TV.

Para provar sua teoria, ela leva Lili e eu para os arredores das favelas para que possamos ver como as outras pessoas vivem. Estamos chocadas com o fato de as pessoas poderem viver tão amontoadas e não em casas de verdade, apenas em coleções de madeira e metal. Há fileiras e fileiras de banheiros. Parecem que foram plantados no campo por algum fazendeiro maluco. Mas eu percebo, principalmente, a lama. E a sujeira. E as cabras que vagueiam desordenadamente na estrada entre as crianças, que brincam do mesmo tipo de brincadeiras que eu brinco com meus amigos em casa. Exceto, é claro, que nós brincamos com cachorros em vez de cabras.

'Devagar, mamãe!' Lili avisa no momento em que um cão vadio corre na nossa frente.

'Sim, por que você não para o carro?' , eu sugiro, pensativamente olhando as brincadeiras.

'Não podemos parar aqui', diz a mãe. 'Não é seguro.'

'Por que não?' , pergunto, observando as crianças brincarem.

'As pessoas estão infelizes', explica nossa mãe. - 'É a infelicidade pode levar a coisas estranhas.'

Silenciosamente, Lili diz: 'Não posso culpá-los se eles estão infelizes.'

Naquela noite eu rezo muito para as pessoas que vivem lá. Talvez tenhamos mesmo mais sorte, considerando tudo. " (CASE, 2006, p.127).

³¹⁶ Tradução: "Nossa mãe volta para casa do trabalho, com os olhos vermelhos e inchados. Podemos dizer que ela andou chorando. Quando lhe perguntamos o que há de errado, ela não quer falar sobre isso. Olha fixamente para nós, fumando um cigarro após o outro.

Mais tarde, ela se serve um copo de vinho. Acho que ela vai pintar, e eu a sigo até o salão. Em vez disso, ela volta para a cozinha e começa a preparar o jantar. Naquela noite, comemos o nosso prato favorito: bife, batatas fritas e salada. Enquanto Lili e eu limpamos a cozinha, a ouvimos ao telefone, falando baixinho. Tão baixinho que não podemos ouvir o que ela está dizendo.

Estamos quase dormindo quando ela entra em nosso quarto. Ela fica na porta e olha para nós atentamente, como se estivesse tentando imprimir nossos rostos em sua memória. Ela não diz nada, apenas fica lá e nos observa.

Na manhã seguinte, acordamos e há uma nova pintura no cavalete. É uma imagem de crianças, mas não de nós. As crianças não estão felizes nem sorrindo. Pelo contrário, elas parecem ter sido abatidas. Deitadas no chão em

Assim, ao mesmo tempo em que May é uma mãe que luta pelo bem-estar das filhas, que se importa com a formação delas, tanto educacional quanto moral, em consonância com o que se espera de uma mãe conforme a ideologia do que é ser uma ‘boa’ mãe, ela também será mostrada em seus desejos e comportamentos que revelam imaturidade e insegurança, principalmente no que diz respeito a sua identidade como mulher. É à medida que Danika cresce, sempre observando atentamente a mãe, que os leitores vão conhecendo mais sobre como May concebe a feminilidade e como suas ideias a respeito do que é ser mulher influenciam suas relações sociais com homens e mulheres.

4.6.2 A mulher por trás da mãe vista pelos olhos de Danika adulta

É difícil que os leitores saibam exatamente os motivos que fazem com que Danika se interesse tão profundamente pelos sentimentos e motivações de sua mãe. A pista que a autora nos dá é o medo que a menina viveu da perda da mãe por ocasião de sua tentativa de suicídio no verão de 1986. Fora a partir dali que ela decidira que precisaria permanecer sempre por perto para vigiar a mãe, diferentemente da irmã que “as soon as she could, Lili moved away from home.”³¹⁷ (CASE, 2006, p.255).

Although my mother survived and we survived, I knew that none of us would ever be the same again. I my core, I knew I would be ever responsible for my mother’s well-being. Who is it who said, if you save someone’s life you become responsible for that life? I took my responsibilities seriously.³¹⁸ (CASE, 2006, p.255).

O profundo conhecimento sobre a personalidade da mãe que Danika desenvolve ao longo da convivência entre elas faz com que a filha não só possa descrever o modo de agir da mãe em seus aspectos mais pessoais, mas também, alicerçada nos saberes e nas experiências que viveu como uma jovem mulher que teve acesso a outros ambientes, como à universidade onde teve contato com as ideias feministas, faz com que Danika também possa compreender May a

poças de sangue, usando uniformes escolares. Há um caminhão grande no fundo. Não consigo entender por que nossa mãe quer pintar um quadro tão feio. Por que ela não pinta a nós?

Esta manhã é ainda mais incomum. Ela nos faz panquecas para o café da manhã e por uma vez não está preocupada com o tempo.” (CASE, 2006, p.231-232).

³¹⁷ Tradução: “assim que pôde, Lili foi embora de casa.” (CASE, 2006, p.255).

³¹⁸ Tradução: “Embora minha mãe tenha sobrevivido e nós tenhamos sobrevivido, eu sabia que nenhuma de nós seria a mesma outra vez. Eu, no fundo de mim, sabia que seria sempre responsável pelo bem-estar de minha mãe. Quem é que disse, se você salvar a vida de alguém você se torna responsável por essa vida? Eu levei minhas responsabilidades a sério.” (CASE, 2006, p.255).

partir das condições sociais e culturais que moldaram seu olhar para si mesma enquanto mulher, uma mulher que para provar seu valor ainda tem que passar pela aprovação dos homens.

Através do episódio com referência a obras feministas da segunda onda do movimento, Maxine Case chama a atenção para a distância, que muitas vezes existe, entre teoria e prática no que diz respeito às mudanças nas relações sociais de gênero, apontando a dificuldade das mulheres em se livrarem de ‘aprendizados’ culturais e identificações com uma feminilidade que as mantém refém em posições que as inferiorizam.

Ao mesmo tempo em que Danika compreende sua mãe como fruto de sua história familiar, social e cultural, reconhecendo que a mãe casara muito jovem porque grávida de Lili, aceitando o casamento como condição imposta por sua própria mãe para que ela pudesse ficar com o bebê, Danika parece ter dificuldade em aceitar a insistência da mãe em se apegar a ideais negativos de feminilidade dos quais ela já poderia ter se livrado para poder construir relações mais equânimes e respeitadas com os homens. Em mais uma situação de inversão, é a filha que continua em sua luta para aconselhar a mãe e fazê-la ver o que está por trás dos padrões de relação que May estabelece.

When I was at the university, I would visit my mother, bring her books to read. The early feminists, books that I'd buy second-hand: Betty Friedan, Nancy Friday, Marilyn French and Gloria Steinem. I wanted her to discover the lessons I believed she should have learnt long before. After all, she had grown up when these very books and the women's movement were at the height of their popularity.

Although she admired the principles, my mother is not a liberated woman. I have often thought that she can only see herself reflected in a man's eyes. I don't know whether she read those books. I never asked.³¹⁹ (CASE, 2006, p.196).

Nem a experiência de um casamento infeliz com um homem abusador, seguida de uma sofrida separação, parece ter ensinado a May modos menos submissos e autodegradantes de se relacionar com os namorados que virão sucessivamente, mesmo que para as filhas ela recomende um comportamento diferente do seu.

Before we were old enough to think about dating, my mother told Lili and me the criteria for men. They had to look a certain way and, above all, they had to treat us right.

My mother had no such discernment when it came to herself. It was hard for us to watch her flouting her own rules, and it pained me to see how men treated her. I guess

³¹⁹ Tradução: “Quando eu estava na universidade, eu visitava minha mãe, trazia livros para ela ler. As primeiras feministas, livros que eu comprava de segunda mão: Betty Friedan, Nancy Friday, Marilyn French e Gloria Steinem. Eu queria que ela descobrisse as lições que eu acreditava que ela deveria ter aprendido muito tempo antes. Afinal, ela cresceu quando esses livros e o movimento feminino estavam no auge de sua popularidade. Embora admirasse os princípios, minha mãe não é uma mulher liberada. Penso, muitas vezes, que ela só pode se ver refletida nos olhos de um homem. Não sei se ela leu esses livros. Nunca perguntei. (CASE, 2006, p.196).

her bar was set quite low. Thankfully she never married again³²⁰. (CASE, 2006, p.196. Negritos meus).

Entretanto, apesar de May valorizar muito o estabelecimento das relações das mulheres com os homens, nem Danika, nem Lili serão convencidas de que isto seja o mais importante em suas vidas, conforme demonstro mais adiante ao discutir as identificações da terceira geração de mulheres no romance.

Sempre dependente das relações masculinas com as quais jogava com ambiguidade, e competitiva em sua relação com as mulheres, May não criara laços fortes de amizade e Danika não deixa de responsabilizá-la por isso. Parecendo mergulhar fundo no lado mais obscuro da alma de May, a narradora descreve, sem qualquer idealização ou pudor, os defeitos da mãe.

Again, I wonder where my mother's friends are. [...]

My mother's relationships with her female friends have echoed her relationship with men. She collected the sad, the lonely, the unfortunate, the infirm. Just like her men. People would blow into her life and, for however long they remained part of her world – a week, a few months, a year or two – she would be consumed by them and their problems. She thought that she could save everyone, that no one was beyond redemption.

These friendships followed predictable patterns. Sometimes, to amuse myself, I would identify the various stages. In the courtship phase, she would quickly gain the other person's trust by revealing inappropriate and intimate details of her own life, the gorier the better. Nothing was sacred. Then she would show her compassionate side: 'I am just like you.' Then, her vulnerability, so that the rescued wanted to become the rescuer.

She would listen to them and feign interest in their insights, but I knew that once she had spoken dismissively of them to me, they were on their way out. Some of them were nice and I'd want to say to them, 'Can't you see the signs? Your friendship will not last!' But it was not my place to say anything.

Usually, what signaled the cooling-off was when they dared to offer her advice. Especially when it came to her own relationships with men. She would listen, humouring them, but she would never follow the advice; she would soon replace the friend with the man. I think, though, that she reveled in their concern. She enjoyed being told that she deserved better.³²¹ (CASE, 2006, p.197-198).

³²⁰ Tradução: **Antes de termos idade suficiente para pensar em namorar**, minha mãe falava a Lili e a mim os critérios para os homens. Eles tinham que parecer de uma certa maneira e, acima de tudo, tinham que nos tratar bem.

Minha mãe não tinha discernimento quando se tratava de si mesma. Era difícil para nós vê-la desprezando suas próprias regras. E me doía ver como os homens a tratavam. Imagino que o limite de sua tolerância era bem grande. Felizmente ela nunca se casou de novo. (CASE, 2006, p.196. Negritos meus).

³²¹ Tradução: “Mais uma vez, eu me pergunto onde estão os amigos de minha mãe. [...]

Os relacionamentos de minha mãe com suas amigas ecoavam seus relacionamentos com os homens. Ela recolhia a triste, a solitária, a infeliz, a enferma. Assim como seus homens. As pessoas entravam como um sopro em sua vida e, pelo tempo que permanecessem parte de seu mundo - uma semana, alguns meses, um ano ou dois - ela seria consumida por eles e seus problemas. Ela pensou que poderia salvar a todos, que ninguém estava além da redenção.

Essas amizades seguiam padrões previsíveis. Às vezes, para me divertir, eu identificava os vários estágios. Na fase de namoro, ela ganharia rapidamente a confiança da outra pessoa, revelando detalhes inadequados e íntimos de sua própria vida, quanto mais sangrentos, melhor. Nada era sagrado. Então, ela mostraria seu lado compassivo: ‘Eu sou como você.’ Então, sua vulnerabilidade, de modo que a resgatada queria se tornar a salvadora.

A superficialidade das relações sociais de May e seu comportamento manipulador nos faz pensar na caracterização costumeiramente associada à feminilidade branca ocidental derivada das ideologias patriarcais de gênero do séc.XIX. Muitas das quais apontadas já pelas protofeministas, tais como Mary Wollstonecraft³²². Não podemos esquecer que May, apesar de ser uma mulher mestiça sul-africana, era uma mulher de classe média, não deixando, portanto, de ter sido influenciada pelos ideais burgueses da feminilidade oitocentista trazidos pela colonização europeia, entre os quais se destacam a vaidade e a excessiva preocupação com a aparência.

A feminilidade padrão criada sob a égide da família nuclear e do lar burguês, conforme nos lembra Maria Rita Kehl (2008), envolve, primeiramente, a promoção do casamento, “*não entre a mulher e o homem, mas entre a mulher e o lar*” (KEHL, 2008, p.44). Todavia, é a segunda função desse modelo de feminilidade que mais parece se ajustar à personagem construída por Maxine Case: a feminilidade deveria sustentar a virilidade do homem burguês. Assim, a mulher, antes de qualquer coisa, deveria se colocar não como sujeito desejante, mas como objeto desejado.

Há na narrativa várias referências em relação às preocupações de May com a aparência.

‘I never thought I’d see this day’, she confided to Lili and me.

What a laugh she had at the expense of her fellow artists. Preparing for the installation, she would regale us with her descriptions of them. ‘Why these women think they have to look unattractive in order to be taken seriously? They don’t shave their legs, or wear make-up. Can you believe it?’

Lili was home for the holidays from Grahamstown. She had a Feminism elective, and winced at my mother’s politically incorrect talk.

The two of us marveled at our mother’s place in such a crowd. She was always groomed. When we were growing up, she taught us that a lady never left the house without her best face on. Grooming was important, she said.³²³ (CASE, 2006, p.268).

Ela as ouvia e fingia interesse em seus insights, mas eu sabia que uma vez que ela tinha falado com desprezo delas para mim, elas já estavam em seu caminho de saída. Algumas delas eram agradáveis e eu queria dizer a elas, ‘Você não pode ver os sinais? Sua amizade não vai durar!’ Mas não era meu papel dizer nada.

Normalmente, o que sinalizava o arrefecimento era quando elas ousavam oferecer seu conselho. Especialmente quando se tratava dos próprios relacionamentos dela com homens. Ela ouvia, consentindo-os, mas ela nunca seguiria o conselho; ela logo substituiria a amiga não o homem. Penso, entretanto, que ela se deleitava com suas preocupações. Ela gostava de ouvir que ela merecia coisa melhor. (CASE, 2006, p.197-198).

³²² WOLLSTONECRAFT, Mary. *A Vindication of the Rights of Woman* (1792). Oxford: Oxford University Press, 2008.

³²³ Tradução: “Nunca pensei que veria este dia”, ela confidenciou a Lili e a mim.

Quantas risadas ela deu gozando de suas colegas artistas. Preparando-se para a instalação, ela nos regalou com suas descrições delas. “Por que essas mulheres acham que têm de parecer não atraentes para serem levadas a sério? Eles não raspam suas pernas, ou usam maquiagem. Vocês acreditam?”

Lili estava em casa para as férias de Grahamstown. Ela teve uma disciplina eletiva feminista, e estremeceu com a conversa politicamente incorreta de minha mãe.

A ideia de que uma mulher deve estar sempre bonita e bem arrumada anda *pari passu* com a concepção de que a mulher tem necessariamente que atrair os homens. Ser seu objeto de admiração e desejo. Mais do que desejar, a mulher tem que se oferecer ao desejo masculino. May se conforma a esta feminilidade tradicional e reproduz seu discurso constantemente tanto em suas ações como em suas orientações às filhas, mesmo que seu discurso também inclua ideias mais progressistas e libertadoras sobre feminilidade.

Ao analisarmos os comportamentos de May em relação aos homens, parece impossível não os associarmos aos comportamentos tipicamente histéricos das mulheres produzidas pelos discursos sobre o que é ser mulher do século XIX, lembrando que, conforme explica Kehl,

a feminilidade costuma organizar-se em torno da falta; na feminilidade, a mulher não tem o falo; ela se oferece para ser tomada como o falo a partir de um lugar de falta absoluta, do qual **só o desejo de um homem pode resgatá-la**. É um artifício, evidentemente, que só produz a histeria se a mulher acredita e se identifica com ele. A histérica, neste sentido, não é a que engana o homem; é antes a que se deixa enganar pelo engodo endereçado a ele. (KEHL, 2008, p.11. Negritos meus).

May se deixará enganar por este engodo. Como uma “**Spring Queen**”³²⁴ (CASE, 2006, p.195), May continuará por muito tempo precisando atrair os olhares masculinos, se comportando muitas vezes, como uma adolescente insegura, conforme Danika observa.

Lili and I have never really known our mother's men. Yet she was never without one. They seldom lasted longer than a month or two. I would tell her that she was scared to be alone, but as usual, she insisted that I was talking nonsense.

Of course, children don't want their divorced parents to date again. But it was more than that. When we were growing up, you would think that our mother was a teenager, not us. She'd slam the phone down on a boyfriend, only for him to call back later and slam the phone in *her* face. They were not prizes, those men.³²⁵ (CASE, 2006, p.196).

Flushed with the success of her first sale, she took Lili and me out to afternoon tea at the Mount Nelson. We looked very grown-up in our high heels and lipsticked mouths. Celebrating. Our mother forced us to try everything, determined to get her money's worth.

Nós duas ficamos maravilhadas com o lugar que nossa mãe ocupava em tal multidão. Ela estava sempre arrumada. Quando estávamos crescendo, ela nos ensinou que uma dama nunca sai de casa sem sua melhor aparência. Se arrumar era importante, disse ela. (CASE, 2006, p.268).

³²⁴ Tradução: “Rainha da primavera” (CASE, 2006, p. 195).. Este é o subtítulo usado pela autora na seção em que descreve o comportamento de May com os namorados.

³²⁵ Tradução: “Lili e eu nunca conhecemos de verdade os homens da nossa mãe. No entanto, ela nunca ficava sem um. Raramente duravam mais do que um mês ou dois. Eu diria a ela que ela tinha medo de ficar sozinha, mas como sempre, ela insistia que eu estaria falando bobagem.

É claro que as crianças não querem que seus pais divorciados voltem a namorar. Mas era mais do que isso. Quando estávamos crescendo, você ia pensar que nossa mãe era uma adolescente, não nós. Ela batia o telefone na cara de um namorado, só para ele ligar mais tarde e bater o telefone na cara dela. Não eram prêmios, aqueles homens.” (CASE, 2006, p.196).

A group of tourists was seated at the next table. **Our mother embarrassed us by smiling and trilling her voice in their direction until one of the men came over. How she giggled like a little girl when the man used the cliché of calling her our sister.** Lili and I rolled our eyes as we faded into the background of our mother's brilliance.³²⁶ (CASE, 2006, p.268-269. Negritos meus).

A irmã de May, Auntie Astrid, coloca-se como mulher em um lugar muito semelhante ao de May, com comportamentos muito similares no que se refere aos homens.

My grandmother was very excited to have her daughter back even if Auntie Astrid insisted on staying in a guest house and not her childhood home. She should have saved her money: **she spent most of her time there anyway, revisiting her old haunts, seeing whether she could still inflame the passion of the boys of her youth.** They called to invite her out _ I would find her giggling on the phone. I doubt whether any of their wives came along.

She reminded me of my mother, all flirty and girly around men, although she did take more care of her appearance. One morning she asked me to accompany her to the hairdresser down the road, as she wanted her hair blown out.

'It's important that we take care of ourselves,' she advised me. 'You must always look your best when you go out _ you never know who you'll meet.'³²⁷ (CASE, 2006, p.154-155. Negritos meus).

A narrativa sugere que, durante muito tempo, May continuara fazendo escolhas erradas e dependendo do olhar dos homens para que pudesse reconhecer a si mesma, como sempre percebera Danika. Entretanto, há também no romance uma sugestão de que talvez May tenha, próximo a sua morte, finalmente, amadurecido e transformado seu padrão de relacionamentos. É a visita inesperada de um namorado de May no hospital, quando ela já está em coma, que faz com que Danika desconfie que com Basil talvez a mãe tivesse podido viver uma relação mais madura e igualitária. Este namorado bem mais jovem que sua mãe não se assemelhava a nenhum dos outros homens que May tivera.

³²⁶ Tradução: "Entusiasmada com o sucesso de sua primeira venda, ela levou Lili e eu para um chá da tarde no Mount Nelson. Nós nos achávamos muito adultas em nossos saltos altos e nossas bocas pintadas. A comemorar. Nossa mãe nos forçava a experimentar de tudo, determinada a fazer valer seu dinheiro.

Um grupo de turistas estava sentado na mesa ao lado. Nossa mãe envergonhava-nos sorrindo e projetando sua voz em sua direção até que um dos homens se aproximou. Como ela riu feito uma menininha quando o homem usou o clichê de chamá-la de nossa irmã. Lili e eu reviramos os olhos enquanto nos desvanecíamos no pano de fundo do brilho de nossa mãe." (CASE, 2006, p.268-269).

³²⁷ Tradução: Minha avó estava muito animada para ter sua filha de volta, mesmo se Auntie Astrid insistia em ficar em uma hospedaria e não em sua casa de infância. Ela deveria ter economizado seu dinheiro: ela passava a maior parte do tempo lá de qualquer maneira, revisitando seus velhos fantasmas, vendo se ela ainda podia inflamar a paixão dos meninos de sua juventude. Eles ligavam para convidá-la para sair - eu a encontrava rindo ao telefone. Duvido que alguma de suas esposas viesse.

Ela lembrava minha mãe, flertando e fazendo charme ao redor dos homens, embora ela tomasse mais cuidado de sua aparência. Uma manhã ela me pediu para acompanhá-la ao cabeleireiro no final da rua, porque ela queria fazer uma escova no cabelo.

"É importante que cuidemos de nós mesmas", ela me aconselhou. 'Você deve sempre estar no seu melhor visual quando sai — você nunca sabe quem você vai encontrar.' (CASO, 2006, p.154-155).

'Can I help you?' I ask the man standing at the entrance to the room, a wilting bunch of yellow roses clutched limply in his hand. He is obviously in the wrong place. I scrutinize him: thin, balding, a few years older than Lili. Nondescript.

The man's eyes dart, then lock on my mother's inert form. He ignores me. He seems appalled, transfixed. Maybe he doesn't see me.

'I think you have the wrong room.' I tell him, outraged at his audacity.

The man looks at me, really looks, as if trying to place me. I do not know him. I am about to call the nurse when he says. 'This is May Mathews's room, isn't it?' Quieter, he adds, 'That is, May, I mean...' His voice trails off. He looks at me as if beseeching me to tell him that it is not her.

'How do you know my mother?' I ask imperiously. I hate surprises.

'My name's Basil,' he answers. 'I'm a friend of your mother's...'

His bashful tone makes me study him more closely. Basil is young, certainly much younger than my mother. Yet there is an older air about him. A sadness, almost. 'Mothballed' is the word that comes to mind. He looks like he comes from another era, in his green cardigan and grey pants. His hair is shiny as if gelled back. I can see him and my mother being friends.³²⁸ (CASE, 2006, p.193-194).

Com a sugestão da existência de Basil na vida de May, Maxine Case parece querer mostrar que também May se modifica ao longo de sua trajetória, transformando tanto suas escolhas amorosas quanto o modo de se relacionar com os homens. Consciente da gravidade de sua doença, May dá sinais de ainda mais maturidade e generosidade ao recusar veementemente o pedido de casamento de Basil, parando de atender seus telefonemas para afastá-lo definitivamente de si.

Como Trevor, May é uma personagem construída em toda a complexidade de sua subjetividade. Longe de ser a representação estereotipada de uma mulher supérflua, sedutora, histérica, como poderiam sugerir algumas das passagens que mencionei acima, ou de uma mulher passiva e totalmente submissa ao marido, encontramos uma mulher que lutou dentro das alternativas pessoais e sociais que teve.

Será somente através da percepção e compreensão da filha já adulta, ou seja, após a protagonista, ela própria, passar por um processo de amadurecimento que a complexidade de May como ser humano, como mulher, se revelará. É na penúltima página da narrativa, depois de

³²⁸ Tradução: 'Posso ajudá-lo?', Perguntei ao homem que estava à entrada do quarto, um buquê de rosas murchas amarelas seguradas frouxamente na mão. Ele está obviamente no lugar errado. Eu o examino: magro, calvo, alguns anos mais velho que Lili. Indeterminado.

Os olhos do homem se movimentam, e depois estancam sobre a forma inerte da minha mãe. Ele me ignora. Parece chocado, paralisado. Talvez ele não me veja.

'Acho que você está no quarto errado.' Eu digo a ele, indignado com sua audácia.

O homem olha para mim, olha de verdade, como se tentasse me identificar. Não o conheço. Estou prestes a ligar para a enfermeira quando ele diz. 'Este é o quarto de May Mathews, não é?' Mais baixo, ele acrescenta, 'Esta é, May, quero dizer ...' Sua voz desaparece. Ele olha para mim como se me rogasse que lhe dissesse que não era ela.

'Como você conhece minha mãe?' Pergunto imperiosamente. Odeio surpresas.

- Meu nome é Basil - ele responde. - Sou amigo de sua mãe ...

Seu tom tímido me faz estudá-lo com mais cuidado. Basil é jovem, certamente muito mais jovem do que minha mãe. Mas há um ar mais velho nele. Uma tristeza, quase. 'Mothballed' é a palavra que vem à mente. Parece que ele vem de outra era, em seu cardigã verde e calça cinza. Seu cabelo é brilhante como se estivesse puxado com gel para trás. Eu posso imaginar minha mãe e ele sendo amigos. (CASE, 2006, p.193-194).

a mãe já estar morta, que os leitores encontraram Danika mais serena e com um olhar mais compreensivo para mãe: “Now that I think about it, our mother was so young, I guess she could have passed for her daughter’s sister.”³²⁹ (CASE, 2006, p.269). É no momento em que se dá conta de quão jovem sua mãe era que Danika reconcilia-se com a mãe, perdendo-a pela sua imaturidade, seus equívocos e suas imperfeições. May estava com apenas quarenta e oito anos ao morrer de câncer.

É também desse modo que a filha será capaz de se reconciliar consigo mesma, optando, a partir de então, por viver a própria vida sem se fazer vítima do passado. Isto só foi possível a partir do instante em que pôde desfazer-se da ilusão de uma mãe toda poderosa, reconhecendo os limites impostos pelos valores patriarcais que regiam o contexto social e cultural sul-africano em que a mãe fora criada e formara sua identidade como mulher.

A relação entre Danika e May também ilustra claramente a continuidade do forte vínculo entre mães e filhas mesmo na idade adulta e a ambiguidade característica desta relação, descritos na obra seminal de Nancy Chodorow, *The Reproduction of Mothering*³³⁰ (1999).

Segundo Nancy Chodorow, os dois componentes fundamentais da relação entre mãe e filha são a *unidade* e a *dependência*. Teórica feminista da psicanálise e professora de sociologia, Chodorow sugere que as mães e as filhas experimentam um nível único de identificação mútua. Mas sob o patriarcado - especificamente, pelo fato de a criação e o cuidado terem sido concebidos como tarefas exclusivamente femininas, Chodorow compreende que as filhas são forçadas a recorrer ao pai para conseguirem qualquer independência psíquica de suas mães. A independência que as filhas conseguem desse modo continua, entretanto, a coexistir com a identificação psíquica contínua com suas mães, de modo que as mulheres oscilam indefinidamente entre a separação e a fusão com suas mães.

Para Chodorow, a ambiguidade presente na relação entre mãe-filha é originada no amor que a filha sente pela mãe. Este amor carrega tanto uma ameaça à construção de um eu em separado quanto uma promessa de identificação: “The internalized experience of self in the

³²⁹ “Agora que eu penso sobre isso, nossa mãe era tão jovem, eu acho que ela poderia ter passado como irmã de sua filha.” (CASE, 2006, p.269).

³³⁰ A reedição de *The Reproduction of Mothering* (1978), de 1999, informa que esta obra de Nancy Chodorow foi considerada pela *Contemporary Sociology* uma das dez obras mais influentes nos últimos 25 anos. A *Contemporary Sociology* é um periódico acadêmico bimestral de sociologia publicado pela SAGE Publications em associação com a Associação Sociológica Americana, desde 1972. Ver Wikipedia. Disponível em: https://en.wikipedia.org/wiki/Contemporary_Sociology.

original mother-relation remains seductive and frightening: Unity was bliss, yet meant the loss of self and absolute dependence.³³¹” (CHODOROW, 1999, p. 194).

Conforme explica Alison Stone em *Mother-Daughter Relations and the Maternal in Irigaray and Chodorow* (2013),

If the dominant template for father-son relations involves violent rivalry followed by guilt-ridden father-worship as the cement of fraternal society, as Freud described in *Totem and Taboo* (Freud 2001), **the template for mother-daughter relations involves hostile separation constantly undone by ongoing fusion**. This difference in templates maps the social-symbolic difference between the paternal position of power/authority/law and the maternal position of powerlessness/silence/body.³³² (STONE, 2013, p. 46. Negritos meus).

A importância do pai para sua vida é reconhecida por Danika quase ao fim do romance, quando retorna à casa da mãe enquanto esta está no hospital. Mas, o pai de Danika continuará faltando.

I touch the surfaces of my childhood home, skimming my hands over walls, windowsills, as the ghosts of my memory dance before me. Every scratch on the kitchen table, every creaking chair: I know it. As my fingers trail dust, I think of the silent spectre that has haunted me throughout my life. Even now. It is not how messed up my mother was or whether Lili liked me. It is my father.

For so long I have blotted him out. Whoever said we can forget? Forgetting is easy. It is remembering that is hard. I hate this age of therapy. Of working out our problems. TV talk shows and self-help books. Blaming our parents. Still, when I consider the barren landscape of my life, I wonder. If only my father... If only.³³³ (CASE, 2006, p. 217).

Assim, é para o mundo da mãe que Danika se volta mais uma vez para pensar como se sente. A passagem que inclui a citação acima traz como título “This must be the place I waited

³³¹ Tradução: “A experiência interiorizada do eu na relação original com a mãe permanece sedutora e assustadora: A unidade era bem-aventurança, mas significava a perda do eu e a dependência absoluta.” (CHODOROW, 1999, p. 194).

³³² Tradução: “Se o modelo dominante para as relações pai-filho envolve uma rivalidade violenta seguida de um culto ao pai carregado de culpa como cimento da sociedade fraterna, como Freud descreveu em *Totem e Tabu* (Freud, 2001), o modelo para as relações mãe-filha envolve a separação hostil constantemente desfeita pela fusão em curso. Esta diferença em modelos mapeia a diferença social-simbólica entre a posição paternal de poder / autoridade / lei e a posição materna de impotência / silêncio / corpo.” (STONE, 2013, p.46).

³³³ Tradução: “Toco as superfícies da minha casa de infância, passando levemente minhas mãos sobre as paredes, os peitoris das janelas, à medida que os fantasmas da minha memória dançam diante de mim. Cada arranhão na mesa da cozinha, cada cadeira que range: eu conheço. Conforme meus dedos fazem caminhos na poeira, penso no espectro silencioso que tem me assombrado durante toda a vida. Mesmo agora. Não é o modo de minha mãe ser confusa ou se Lili gostava de mim. É o meu pai. Por tanto tempo eu o ignorei. Quem disse que podemos esquecer? Esquecer é fácil. É lembrar que é difícil. Odeio essa era da terapia. De resolver os nossos problemas. Programas de entrevistas de TV e livros de autoajuda. Culpendo nossos pais. Ainda assim, quando eu penso na paisagem estéril da minha vida, eu me pergunto. Se ao menos meu pai ... Se ao menos.” (CASE, 2006, p.217).

years to leave³³⁴” (CASE, 2006, p. 217), sugerindo aos leitores que há um deslocamento na posição de Danika. É o momento em que a filha, ao mesmo tempo em que se permite lembrar do pai, também se dá conta de que não tem mais a necessidade de saber ‘a verdade’ tanto sobre ele quanto sobre sua mãe.

I feel like an intruder in my mother’s garden. This is her world. I don’t belong here any more. Her life is so exposed, I feel uncomfortable; I don’t want to discover anything more. Let our parents remain a mystery, I think – although once I needed to understand.³³⁵ (CASE, 2006, p.217).

O esforço empreendido por Danika durante toda sua vida tanto para permanecer junto à mãe quanto para se separar dela irá deixando marcas na construção de sua identidade como mulher como procurarei demonstrar a seguir como último tópico de análise das representações de gênero em AWHLU.

4.7 As representações de feminilidade da filha – Danika

Antes, porém, de tratar das representações da feminilidade de Danika e da construção de sua identidade e subjetividade como mulher, senti a necessidade de discutir brevemente o modo como Maxine Case constrói a narrativa de AWHLU como uma memória em primeira pessoa.

As narrativas em primeira pessoa já foram, muitas vezes, consideradas um gênero literário menor, principalmente aquelas escritas por mulheres. Entretanto, quando nos deparamos com um romance em primeira pessoa estruturado a partir de dois tempos distintos e organizado de forma totalmente não linear, nos obrigamos a rever tal concepção. É tal a complexidade resultante que a autora se obriga a utilizar títulos que norteiem os leitores em relação à temporalidade tratada. O tempo passado é marcado por títulos com referências temporais diretas às estações do ano, tais como: “Spring 1984”, “Summer 1984/85”, “Autumn 1985”, “Winter 1985” (CASE, 2006, p.18; 49; 87; 125); enquanto o tempo presente traz títulos que procuram traduzir os sentimentos e os aprendizados mais significativos que a personagem experimenta nas passagens narradas, tais como: “No alarms and no surprises”, “The bombshell”, “Just sitting here waiting”, “Goodnight girl”, ou “All We Have Left Unsaid” (CASE, 2006, p.15; 32; 45; 84; 124).

³³⁴ Tradução: “Este deve ser o lugar que eu levei anos para deixar.” (CASE, 2006, p. 217).

³³⁵ Tradução: “Eu me sinto como uma intrusa no jardim de minha mãe. Este é seu mundo. Eu não pertencço mais aqui. Sua vida está tão exposta, Eu me sinto desconfortável; Eu não quero descobrir mais nada. Deixemos nossos pais permanecerem um mistério, eu penso _ apesar de que uma vez eu precisei entender.” (CASE, 2006, p.217).

Entretanto, a forma narrativa não é gratuita ou um simples virtuosismo da parte de Maxine Case. Antes, ela reflete o ritmo dos acontecimentos do presente, congregando-o ao fluxo de pensamentos da narradora que emergem a partir da própria atualidade desses eventos. Do ponto de vista de seu lugar no conjunto das obras literárias sul-africanas sobre o apartheid, especificamente, as histórias de vida e/ou autobiográficas, a originalidade de AWHLU repousa no fato de que, enquanto a maioria dos romances sobre o apartheid tem a intenção de ‘desenterrar’ a verdade e o passado, a obra de Maxine Case constrói uma memória para, ao final, de certa forma, ‘enterrar o passado’.

A obra *Tempo passado: cultura da memória e guinada subjetiva* (2007), de Beatriz Sarlo, ajudou-me particularmente na compreensão da imbricação entre memória e identidade, da relação dialética entre o passado e o presente, bem como, de como a rememoração é capaz de ajudar na reconstrução da consciência de si. O dever de memória torna-se um direito e o caminho inevitável a ser tomado sob o risco de desaparecimento do sentimento identitário.

Maxine Case escreveu uma narrativa em primeira pessoa que por se tratar de uma rememoração permitiu a criação de uma protagonista com um poder interpretativo mais profundo sobre os acontecimentos vividos no passado e que foram definidores para uma autoavaliação necessária para a construção da identidade mais independente e empoderada que Danika adulta precisava desenvolver. Se a criança Danika não podia compreender plenamente os significados de suas experiências pela sua falta de maturidade e se a Danika adulta não conseguia viver plenamente devido à fixidez e automatismo com que absorvera o passado, a rememoração desencadeada pela doença e morte iminente de sua mãe possibilitou à Danika rever sua vida e se reposicionar em relação às inseguranças que haviam moldado seu modo de ser até então.

Embora tenha procurado esquecer, a Danika adulta que narra no presente sabe, inevitavelmente, mais do que a Danika criança. Por isso ela tem mais condições de agência para se reposicionar diante deste passado. É somente reivindicando uma diferença na subjetividade que rememora, um sujeito diferente daquele da experiência, o que explica tal possibilidade.

É Sarlo quem nos ajuda a entender que é o anacronismo incontornável entre o tempo presente e o passado o que torna possível para Danika dar uma forma inteiramente nova àquilo que fora vivido, aos fatos reconstituídos, e, assim, às identidades reconstituídas neste processo de rememoração.

Todo ato de discorrer sobre o passado tem uma dimensão anacrônica; quando Benjamin se inclina por uma história que **liberte o passado de sua reificação, redimindo-o num ato presente de memória**, no impulso messiânico pelo qual **o presente se responsabilizaria por uma dívida de sofrimento com o passado**, ou seja, no momento em que a história pensa em construir uma paisagem diferente da

que percorre, com espanto, o anjo de Klee, ele está indicando não só que **o presente opera sobre a construção do passado, mas que também é seu dever fazê-lo.** (SARLO, 2007, p.57. Negritos meus).

O processo descrito por Beatriz Sarlo acima parece explicar o ocorrido em AWHLU com Danika. É a familiaridade atual dos sentimentos experimentados no hospital que obriga Danika a relembrar o que sempre se esforçara para esquecer. Nas palavras de Sarlo, “o passado se faz presente” e a lembrança insiste porque é “soberana e incontável” (SARLO, 2007, p.9). De acordo ainda com Beatriz Sarlo, a hegemonia do presente sobre o passado no discurso é da ordem da experiência e se apóia na memória e na subjetividade, sendo “mais que uma libertação dos 'fatos' coisificados, como Benjamin desejava, é uma ligação, provavelmente inevitável, do passado com a subjetividade que rememora no presente.” (SARLO, 2007, p. 49).

Mas é preciso tomar o anacronismo inerente à rememoração, como sugere Sarlo, como algo que mostre os limites que a distância impõe para a compreensão do passado. É preciso descobrir nos fatos passados “uma *assemblage* de anacronismos sutis, fibras de tempo entremeadas, campo arqueológico a decifrar”, ou seja, que os fatos são tecidos de uma substância temporal heterogênea. (SARLO, 2007, p.59). Mas, segundo Sarlo, este reconhecimento

não implica que todo relato do passado se entregue a essa heterogeneidade como a um destino fatal, mas que trabalhe com ela para alcançar **uma reconstrução inteligível**, ou seja: **que saiba com que fibras está construída** e, como se se tratasse da trama de um tecido, que as disponha **para mostrar da melhor maneira o desenho pretendido.** (SARLO, 2007, p.60. Negritos meus.)

É a uma reconstrução inteligível que chega Danika, sem a ilusão de atribuir sentido a tudo aquilo que rememora. Ao final do romance, ela parece se conformar que sempre haverá “algo inabordável no passado” (SARLO, 2007, p.9). Danika não terá mais a ambição de compreender tudo. Não importa que subsista aí uma parte incompreendida do passado. Ao contrário do que sugere Susan Sontag, conforme Sarlo, compreender não será, para ela, mais importante do que simplesmente lembrar, como Danika afirma na passagem “Silent all these years³³⁶” (CASE, 2006, p.248).

‘Do you remember that time... in the hospital?’
The question floats and hangs suspended between us. Lili looks at me. She does not answer. We need no words. We remember.
You can remain silent only in the company of those you truly love. No need to analyse. To explain. To fill the void with unnecessary words. **To remember is**

³³⁶ Tradução: “Silenciosa, todos estes anos.” (CASE, 2006, p. 248).

enough. This we know. And we have been prepared for this day. As long as memory, we have been prepared.³³⁷ (CASE, 2006, p248-249. Negritos meus.)

Ao final da narrativa, ao enterrar os diários da mãe encontrados após sua morte em vez de lê-los, Danika prova que lhe bastou relembrar as fibras que teceram sua subjetividade e construíram sua identidade até ali.

I turn my attentions to the books. I flip through the first one, without reading. A diary of sorts. It seems that my mother recorded every year of her adult life. Her small, cramped writing covers the pages. It is not the flamboyant writing that you expect from an artist.

I can read these, I think. I can learn the truth and answer the questions that have plagued me all this while. But whose truth would it be? Who says that knowledge is power?

I know what I must do. What my mother would want me to do. Gathering up the diaries, I carry them outside.

From the bathroom, Lili calls, 'Where are you going?'

'I'm getting rid of the weeds,' I answer.

Closing my eyes against the sudden burst of sunlight that floods the garden as the clouds shift, it comes to me. I do not need a Rosetta stone to unravel the mysteries of my mother. After all, I am no archaeologist and her life is not a ruin.

Perhaps my truth is all I need. And my memories.

I find my mother's spade and, with a spurt of renewed energy, I start to dig.³³⁸ (CASE, 2006, p. 269-270. Negritos meus).

Danika, ao final, sabe quem é. Sempre soube. É filha de sua mãe, como declarou no início da narrativa. Mas isso não é tudo que ela é. Ela descobre que é também o que quiser ser. Em AWHLU, o recado parece ser que o passado importa porque nos conta como chegamos aonde chegamos, mas não define para onde iremos.

³³⁷ Tradução: “‘Você se lembra daquela vez ... no hospital?’ ”

A pergunta flutua e fica suspensa entre nós. Lili olha para mim. Não responde. Não precisamos de palavras. Nós nos lembramos.

Você pode permanecer em silêncio somente na companhia daqueles que você realmente ama. Não há necessidade de analisar. Explicar. Preencher o vazio com palavras desnecessárias. Lembrar é suficiente. Isso sabemos. E estávamos preparadas para este dia. No que diz respeito à memória, temos estado preparadas. (CASE, 2006, p248-249).

³³⁸ Tradução: “‘Volto minhas atenções para os livros. Passo pelo primeiro, sem ler. Um tipo de diário. Parece que minha mãe registrou todos os anos de sua vida adulta. Sua pequena e apertada escrita cobre as páginas. Não é a escrita extravagante que você espera de uma artista.

Eu posso lê-los, penso. Posso conhecer a verdade e responder às perguntas que me atormentaram durante todo este tempo. Mas de quem seria a verdade? Quem diz que o conhecimento é poder?

Sei o que devo fazer. O que minha mãe ia querer que eu fizesse. Recolhendo os diários, eu os levo para fora.

Do banheiro, Lili chama, ‘Aonde você vai?’

‘Estou me livrando das ervas daninhas’, respondo.

Fechando os olhos contra a súbita explosão da luz do sol que inunda o jardim na medida em que as nuvens se movem, isso vem a mim. Não preciso de uma pedra de Roseta para desvendar os mistérios de minha mãe. Afinal, não sou arqueóloga e sua vida não é uma ruína. Talvez minha verdade seja tudo o que eu preciso. E minhas memórias.

Eu encontro a pá de minha mãe e, com uma explosão renovada de energia, começo a cavar.” (CASE, 2006, p. 269-270).

4.7.1 Danika fala de si – Por que deveríamos confiar nela?

Ao quebrar seu silêncio com o início da narrativa³³⁹, Danika rompe com o costume de não se expor. Ela que sempre se esforçara para manter privada sua intimidade, corajosamente, toca no assunto que havia tanto tempo sido tabu na família. Imagina que se talvez ela e Lili pudessem falar sobre a tentativa de suicídio da mãe, sobre a qual jamais haviam falado desde o ocorrido, talvez fosse mais fácil suportar este tempo no hospital em que se encontravam a espera pela morte da mãe.

Inicialmente, Danika quer nos convencer que a relação que tem com sua mãe é polida e distante. Levemente, impaciente e rude com a mãe ao telefone, Danika acredita surpreender a colega de trabalho porque seu hábito era o de sempre brincar com a mãe e lhe reservar o direito de dar a última palavra, como uma boa filha. Mas o que mais chama a atenção na caracterização de Danika no início de AWHLU é sua necessidade em ser diferente da maioria das mulheres, incluindo, é claro, de sua mãe.

É possível notarmos isso em seu comentário sobre a relação entre as mulheres, censurando-as por reclamarem de seus maridos, de seus trabalhos em uma atitude competitiva, segundo ela, por saber quem sofre mais.

Strange, how women are bonded by our suffering. We good-naturedly compete over who has the greatest sorrows: whose man treats her worst; whose boss is the biggest pain; whose childhood was most miserable. [...] Our unhappiness becomes a twisted badge of honour.³⁴⁰ (CASE, 2006, p.15)

Danika se contrapõe a este comportamento, dizendo escolher ser feliz.

But unlike my friends, I struggle to recall my past hurts. I don't talk much about my childhood and remember even less. I am grown up now, able to make my choices. I choose to be content if not euphoric. There is peace in my life.³⁴¹ (CASE, 2006, p.15).

Entretanto, percebemos que aquilo em que Danika quer acreditar que seja felicidade não passa de ausência de infelicidades. Preocupada excessivamente em se reservar e

³³⁹ **“Break the silence”** (CASE, 2006, p. 9) é o título que abre o romance.

³⁴⁰ Tradução: “Estranho, como as mulheres são ligadas por nosso sofrimento. Nós competimos com bom humor sobre quem sofre as maiores tristezas: de quem é o homem que mais trata mal a mulher; quem tem o chefe que mais provoca dor; quem teve a infância mais miserável. [...] A nossa infelicidade torna-se uma insígnia de honra torcida.” (CASE, 2006, p.15).

³⁴¹ Tradução: “Mas, ao contrário dos meus amigos, eu tenho que me esforçar para recordar minhas dores passadas. Não falo muito sobre minha infância e lembro menos ainda. Sou adulta agora, capaz de fazer minhas escolhas. Escolho ser feliz se não eufórica. Há paz em minha vida.” (CASE, 2006, p.15).

preservar, sua vida parece vazia e monótona. Entretanto, nossa narradora parece ter plena consciência de si e um profundo conhecimento sobre suas razões de ser e agir. Talvez seja possível dar-lhe um voto de confiança.

I am a moderate person; I try to avoid extremes. I am never too happy or too sad. I tell myself that small things make me happy. No one is aware of the conscious effort I make to ensure this evenness of mood. I have become a woman of routine. There is comfort in familiarity.

Yet there are days that I struggle to get out of bed. Days when I wake only to pull the blankets over my head so that I almost cannot breathe. There are times that the shrieking of the telephone torments me so that I am not able to answer. Oh, there are a million small things that plague me and keep me awake at night. On really bad days, the sheer emptiness of life hits me in my stomach. **Is there such a thing as an unhappiness gene?**³⁴² (CASE, 2006, p.16. Negrito meu).

A passagem acima revela o medo maior de Danika: parecer-se excessivamente com a mãe naquilo que a mãe tinha de depressiva. Esta parece ser mais uma importante razão para Danika querer ficar perto e longe da mãe ao mesmo tempo. Perto para cuidá-la, mas longe para não se contaminar por seus sentimentos.

Danika desconfia que a instabilidade emocional da mãe tenha a ver com suas experiências como mulher, com os modos como sempre se relacionou com os homens e por isso procura se afastar o quanto pode do modelo de feminilidade que a mãe representa. Não que Danika negue ou consiga se distanciar dos signos e das performances que costumam caracterizar tradicionalmente a imagem de uma feminilidade moderna, classe média e urbana, ditada pela moda e pela indústria de cosméticos.

Danika é vaidosa, fora ensinada a ter uma preocupação extrema com a aparência, gosta de produtos de luxo e roupas ‘elegantes’, usa saltos altos e perfumes caros, ícones que irão contrastar com o ambiente simples e pobre do hospital público em que a mãe faz questão de se internar e que passam gradualmente a constituir menos seus interesses e preocupações ao viver o drama da doença da mãe.

A ideia de que “appearances are everything³⁴³” (CASE, 2006, p.170) para as mulheres aparece mais do que uma vez durante a narrativa. E do mesmo modo que a mãe

³⁴² Tradução: “Eu sou uma pessoa moderada; tento evitar extremos. Nunca estou muito feliz ou muito triste. Digo a mim mesma que pequenas coisas me fazem feliz. Ninguém tem ideia sobre os esforços conscientes que faço para garantir a regularidade deste humor. Eu me tornei uma mulher de rotina. Há conforto na familiaridade. No entanto, há dias em que eu luto para sair da cama. Dias quando só acordo para puxar os cobertores sobre a cabeça que quase não consigo respirar. Há momentos em que o toque estridente do telefone me atormenta de modo que não sou capaz de atender. Oh, há um milhão de pequenas coisas que me atormentam e me mantêm acordada durante a noite. Em dias muito ruins, o enorme vazio da vida me bate no estômago. Existe uma tal coisa como um gene da infelicidade?” (CASE, 2006, p.16).

³⁴³ Tradução: “A aparência é tudo” (CASE, 2006, p.170).

antes de ser hospitalizada pedira a Danika que a levasse ao salão de beleza, Danika também, mesmo durante a vigília no hospital, não conseguirá desligar-se totalmente da obrigação de apresentar-se sempre ‘bonita’.

Looking at my mother in the quiet of her hospital room, I allow my mind to wander. I look at her and think, what if she can see me? I imagine her assessing me critically. My hair, my nails, my clothes. My eyes, puffy and ringed. The conversations we had so many times come back to me: ‘You should always wear red’, she’d advise me, ‘it suits your colouring’. Or: ‘Why don’t you girls look after your nails?’ Astrid’s visit has not helped, making me realize how much I have let myself go.³⁴⁴ (CASE, 2006, p.170).

Filha obediente, Danika pinta os cabelos de vermelho na manhã seguinte, não sem deixar de se sentir culpada por se permitir tal vaidade em momento tão doloroso.

Danika também fora, desde pequena, obrigada a se confrontar com a valorização dos padrões de beleza europeus aos quais não correspondia. A menina Danika aprende que os netos ítalo-canadenses, filhos de Astrid, são mais valorizados por serem brancos. A tia fora bem-sucedida em seu projeto de casar com um homem rico e branco, em sua migração voluntária após a decepção amorosa que sofrera na África do Sul por causa da proibição dos casamentos inter-raciais.

Alana is very pretty, like a doll with her pink cheeks and button nose. Ma says she looks very European. I feel so ugly when I compare the two of us. Why can’t I be pretty like a princess in the stories? I look at my dark skin and the thick eyebrows that stretch across my face, and I know that I will never be a beauty like my mother or my aunt. Nor pretty like my sister or my cousin. I ask Ma why she doesn’t keep a photograph of me next to her bed. Is it because I’m not so pretty?³⁴⁵ (CASE, 2006, p.53)

Como o Feminismo Negro incansavelmente apontou, Maxine Case não deixa de denunciar os efeitos das ideologias hegemônicas da beleza branca sobre a construção das identidades das mulheres negras.

³⁴⁴ Tradução: “Olhando minha mãe no silêncio de seu quarto de hospital, eu permiti que minha mente vagasse. Olho para ela e penso, e se ela pudesse me ver? Imagino-a me avaliando criticamente. Meu cabelo, minhas unhas, minhas roupas. Meus olhos, inchados e com olheiras. Relembro as conversas que tantas vezes tivemos: ‘Você deve sempre usar vermelho’, ela me aconselha, “vermelho combina com sua cor”. Ou: ‘Por que, meninas, vocês não cuidam das unhas?’ A visita de Astrid não ajudou, me fazendo perceber o quanto eu havia me largado. (CASE 2006, p.170).

³⁴⁵ Tradução: “Alana é muito bonita, como uma boneca com suas bochechas cor de rosa e seu narizinho de botão. Ma diz que ela parece muito europeia. Me sinto tão feia quando comparo nós duas. Por que eu não posso ser bonita como uma princesa nas histórias? Olho para minha pele escura e para as sobrancelhas grossas que atravessam o meu rosto, e eu sei que nunca vou ser bonita como minha mãe ou minha tia. Nem bonita como minha irmã ou minha prima. Pergunto para Ma porque ela não tem uma foto minha próxima a sua cama. É porque eu não sou tão bonita?” (CASE, 2006, p.53).

Mas se a Danika criança demandava explicações, a Danika adulta parece obedecer excessivamente às regras do bom comportamento feminino que a avó e a mãe ajudaram que ela introjetasse. Ao lamentar o quanto as relações de amizade da mãe não se sustentavam por muito tempo, Danika se revela mais uma vez em oposição ao ideal de feminilidade de sua mãe, demonstrando explicitamente seu desagrado com os efeitos que isso gerou sobre seu modo de ser.

It saddens me when I realise just how lonely my mother's life is. Where are all her friends? I am amazed at how few lasting connections she has made. For although my mother collects friends and lovers, she seldom keeps them. People arrive in her life and immediately become privy to all aspects of it. Nothing is too intimate. And then, with an equal suddenness, they vanish. It strikes me that my mother is probably too embarrassed to ask her friends for help, although she has been good to them.

I am a good friend too, I guess, thanks to my mother. She raised me to be a nice girl; a good girl. Now I am a woman who never says how she feels. 'A lady smiles, no matter what'. I want to shout at my mother, Look where being a lady left you! But of course, I say nothing.³⁴⁶ (CASE, 2006, p.66).

Entretanto, apesar de esta passagem revelar que Danika têm consciência de que o modelo de feminilidade convencional que a mãe procurou reproduzir na sua criação e na de Lili é extremamente desempoderador, Danika não tem uma crítica mais profunda deste modelo de feminilidade para poder perceber, por exemplo, o quanto características como a passividade, a submissão e a superficialidade social, que aqui ela condena, estão também associadas às práticas do embelezamento e da moda, que ela incorpora com certa naturalidade, como vimos anteriormente.

Mesmo pertencendo a uma geração de mulheres jovens e, portanto, com muito mais condições para ser independente, mais autoconfiante e autodeterminada para não dar tanta importância para as aparências e para o que as outras pessoas pensam, Danika tem dificuldades em romper com as expectativas projetadas sobre ela como 'boa' moça e 'boa' filha.

³⁴⁶ Tradução: "Me entristece quando percebo quão solitária é a vida de minha mãe. Onde estão todos os seus amigos? Fico espantada com as poucas relações duradouras que ela fez. Pois embora minha mãe colecionasse amigos e amantes, ela raramente os mantém. As pessoas chegam a sua vida e imediatamente ficam a par de todos os aspectos da mesma. Nada é muito íntimo. E então, com a mesma rapidez, eles desaparecem. Me surpreende que minha mãe esteja provavelmente muito envergonhada para pedir ajuda a seus amigos, embora ela tenha sido boa para eles.

Eu sou uma boa amiga também, eu acho, graças à minha mãe. Ela me criou para ser uma garota agradável; uma boa menina. Agora eu sou uma mulher que nunca diz como se sente. "Uma dama sorri, não importa o que aconteça". Quero gritar para minha mãe, Olhe onde ser uma dama lhe trouxe! Mas é claro, não digo nada." (CASE, 2006, p.66).

All my other roles have become insignificant. At other times, I may be a lover, a colleague, a friend, but right now I am the daughter of a sick woman. That is all I can concentrate on. And it takes all my efforts to be this. Relationships and work can be resolved later. This is where I am needed.³⁴⁷ (CASE, 2006, p. 94).

Ao mesmo tempo, não é por obrigação que Danika fica junto à mãe e, sim por um sentimento de dever moral aprendido por ter presenciado a solidariedade entre as mulheres ‘fortes’ da família, a avó materna e também a mãe. Na citação acima, fica claro que os laços familiares ocupam o primeiro lugar na ordem de importância para ela neste momento.

A narrativa também nos faz acreditar que, ao contrário de May, Danika dá mais importância aos laços de amizade do que às relações amorosas, e questiona as expectativas românticas em relação, por exemplo, a se encontrar o ‘verdadeiro’ amor. É na passagem “So smooth³⁴⁸” (CASE, 2006, p.95) que podemos vislumbrar isso.

Talking about relationships: the man I have been seeing for the past few months calls me up and asks me to meet him for a coffee. **I know what this means.** We have never met for coffee before. Drinks, certainly, sometimes dinner, but never for coffee. He is waiting when I arrive at the coffee shop. Thoughtfully, he has chosen one near to the hospital, but I suppose it is near to his office as well.

‘I hate to do this to you’, he starts, his eyes focused somewhere between my nose and the wall behind me. ‘I know that the timing is wrong, but the thing is, I’ve met someone’. Sheepish, contrite.

I look at him in amazement. **Did he think I would fall apart at the news? I was under no illusion that he was ‘the one’. I’m not even sure I believe in the concept.** Ever since I met him, in a gentler time, I have liked him well enough; but neither of us has tried to convince the other that it was anything more than that.

Poor guy! I look at him with pity. I do not blame him. He seems relieved that **I am handling this so well. As if he expected a scene** – probably why he arranged this meeting in a busy coffee shop and not in the privacy of my flat, with **the possibility of one last time...** At least **he had the decency to tell me himself, instead of fading away.**

‘Good luck’, I tell him and mean it. ‘I hope you’ll be happy’.

‘You too’.

As I leave the coffee shop I allow myself **a wry smile.** My mother would be happy. Although she had never met him, she always thought that I was selling myself short. **I do not have the headspace anyway to entertain the thought of men at the moment. Even if I had the libido.**³⁴⁹ (CASE, 2006, p.95-96. Negritos meus).

³⁴⁷ Tradução: “Todos os meus outros papéis se tornaram insignificantes. Em outros momentos eu posso ser uma amante, uma colega, uma amiga, mas agora sou a filha de uma mulher doente. Isso é tudo em que eu posso me concentrar. E isso exige todos os meus esforços. Relacionamentos e trabalho podem ser resolvidos mais tarde. É aqui que eu sou necessária. (CASE, 2006, p. 94).

³⁴⁸ Tradução: “Tão suave.” (CASE, 2006, p.95).

³⁴⁹ Tradução: “Falando sobre relacionamentos: o homem com quem tenho saído nos últimos meses me telefonou e me pediu para encontrá-lo para um café. Eu sei o que isso significa. Nós nunca nos encontramos para um café antes. Para beber, certamente, às vezes para jantar, mas nunca para um café. Ele está esperando quando chego na cafeteria. Bem pensado, ele escolheu um perto do hospital, mas eu suponho que é perto de seu escritório também.

‘Odeio fazer isso com você’, ele começa, seus olhos focados em algum lugar entre o meu nariz e a parede atrás de mim. ‘Eu sei que o momento é errado, mas a coisa é, eu conheci alguém’. Constrangido, contrito.

Esta citação é bastante produtiva para pensarmos em que o comportamento de Danika difere do de May em seus relacionamentos com os homens. Tendo em mente o quanto May sempre dependeu da aprovação dos olhares masculinos e o quanto agia como uma adolescente imatura fazendo cenas com seus namorados, percebemos o quanto Danika procura ser independente em relação a aprovação deles e sincera com os próprios sentimentos. É franca o suficiente para admitir que sai e se relaciona sexualmente com um homem pelo qual não está apaixonada. A distância que Danika mantém deste homem é suficiente para que ele não seja sequer nomeado, é apenas *o homem com quem sai há alguns meses*.

A tranquilidade com que recebe a notícia do rompimento e sua atitude de desejar com sinceridade que este homem seja feliz com outra mulher mostra também que isso não abala sua autoestima. Se Danika sempre demonstrou querer não desagradar aos outros, não parece que ela transfira tal comportamento na sua relação com os homens. Muito diferentemente de sua mãe, em tal dimensão, parece que ela se sente segura o suficiente para não se abalar ao ‘ser trocada por outra’.

Ainda, o fato de a narradora afirmar que sabe o que significa ser convidada para um café ou perceber que ele esperava uma cena e por isso havia combinado o encontro em um café movimentado e não na privacidade do apartamento de Danika onde poderiam transar pela última vez e, ainda, por concluir que, pelo menos, este homem havia tido a decência de lhe falar ele próprio e não simplesmente desaparecer, demonstra também que Danika tinha vivido outras experiências com outros homens, que lhe deram conhecimento suficiente para conhecer muito das atitudes que costumam caracterizar esta masculinidade mais convencional.

Mais do que compreender e/ou estar preparada para um tipo comum de comportamento dos homens, Danika parece sentir-se superior a este homem ao dizer-se apiedada dele, em caso dele ter imaginado que ela ficaria arrasada com o rompimento do relacionamento. Tais expectativas do ‘namorado’ de Danika ajudam a criar a representação de

Olho para ele com espanto. Será que ele pensou que eu iria desmoronar com a notícia? Eu não tinha nenhuma ilusão de que ele seria ‘o tal’. Nem tenho certeza se acredito no conceito. Desde que o conheci, em um tempo mais gentil, gostei dele bastante; mas nenhum de nós tentou convencer o outro de que era algo mais do que isso. Pobre rapaz! Olho para ele com pena. Não o culpo. Ele parece aliviado que eu estou lidando com isso tão bem. Como se ele esperasse uma cena - provavelmente por isso ele marcou este encontro em uma cafeteria popular e não na privacidade do meu apartamento, com a possibilidade de uma última vez ... Pelo menos ele teve a decência de me dizer ele mesmo, em vez de desaparecer.

‘Boa sorte’, eu digo a ele e é sincero. ‘Espero que você seja feliz’.
‘Você também’.

Quando saio da cafeteria, me permito um sorriso irônico. Minha mãe ficaria feliz. Embora ela nunca o tivesse conhecido, sempre pensou que eu estava me vendendo por pouco. Não tenho cabeça de qualquer maneira para pensar em homens no momento. Mesmo se eu tivesse a libido. (CASE, 2006, p.95-96).

um homem padrão que acredita que uma mulher sai com ele por estar apaixonada e não porque quer, por exemplo, viver uma experiência sexual ou uma relação apenas passageira. Por isso seu cuidado ao romper o relacionamento, para que ela não sofra. Danika sabe disso.

Tudo isso demonstra que Danika não herdara as inseguranças de May e, nem de longe, a necessidade que a mãe sempre tivera de ter um homem a seu lado. Danika se sente tranquila para assumir que vive um momento em que não sente sequer com libido para pensar em homens. Ao contrário da mãe, homens e casamento não são prioridades na vida de Danika.

Our mother could not understand how both her daughters could be single. We were so young, so pretty. Pointedly, I tried to tell her that I'd rather be single than in a relationship that was bad for me; but she would not get it. Would refuse to understand. I sometimes thought that there was no reaching her. That I would never understand her, nor she me. So, instead, I learnt not to say anything.³⁵⁰ (CASE, 2006, p.198).

Maxine Case reforça ainda a diferença de postura das mulheres da geração mais jovem — Danika e Lili — em relação ao casamento e a maternidade ao contrastar seus posicionamentos com os das mulheres das gerações anteriores, como May e a avó materna. É possível reconhecermos isso se lembramos que Ma obrigou May a casar para poder ficar com Lili de quem estava grávida, que May não se conforma das filhas serem solteiras, como vimos na passagem acima. As atitudes de Lili e Danika em relação à gravidez de Lili serão bem diferentes.

The ride to the hospital takes longer than ever. And it's not because Lili insists on driving the hired car there. She asks about our mother, the real, gritty stuff, and apologises for not being there like she should have. 'I admit, I don't deal well with these things; but you were always so strong, Danny'.

I nod, and then she surprises me: 'You must hate me. I've been so selfish. The truth is, I've been having some issues of my own. I have something to tell you — maybe you'll understand'. She looks at me, as if to check that I'm listening. 'I'm pregnant', she announces.

I am startled — this is not what I expected from my organised sister. I didn't know she was seeing anyone special. She never mentioned anyone.

'How far are you?'

'Two months'.

'And the father?' I ask. 'How long have you known him?'

'Oh, Danny, he's so unsuitable. He's younger than me, in fact he's still studying but I like him. And of course I'm going to keep the baby!'

³⁵⁰ Tradução: “Nossa mãe não conseguia entender como as duas filhas podiam ser solteiras. Éramos tão jovens, tão bonitas. Tentei lhe dizer diretamente que eu preferia ficar solteira a estar em um relacionamento que fosse ruim para mim; mas ela não conseguia entender. Se recusava a entender. Às vezes, eu pensava que não havia como alcançá-la. Que eu nunca iria entendê-la, nem ela a mim. Então, em vez disso, eu aprendi a não dizer nada. (CASE, 2006, p.198).

I'm happy for her and I tell her so. Then I laugh, 'Wouldn't Mom have hated becoming a grandmother? And you're not married!'

Soberly, in mock horror, we say in chorus: 'What would the neighbours say?'

Driving to the hospital, for what may very well be the last time, the two of us are convulsed with laughter. We laugh so much that the tears stream down our faces, ruining my earlier eye-care and Lili's careful applied mascara. I am sure that it is the first time that either of us has laughed, really laughed, in months.³⁵¹ (CASE, 2006, p.241).

Apesar da surpresa, Danika, em momento algum, censura a irmã pela gravidez, pelo contrário, fica feliz por ela. E Lili dá a entender que não necessariamente se casará ou ficará com o pai da criança que é mais novo do que ela, mas afirma categoricamente que ficará com a criança. No caso da gravidez solteira de May, ela viu-se obrigada a casar para ficar com o bebê. Afinal, era, como costume, uma mulher dependente financeiramente, e de uma geração de mulheres que tem o casamento como objetivo primeiro de vida. Lili, ao contrário, é uma mulher financeiramente independente. Ela pode ou não ficar com o pai do bebê, mas não há aí nenhuma obrigatoriedade moral ou social para que o faça.

O tratamento dado por Maxine Case à temática do casamento e da maternidade será um dos modos através dos quais AWHLU nos ajuda a perceber as transformações sociais e culturais nas vidas das mulheres na África do Sul através das diferentes gerações de mulheres.

4.8 *All We Have Left Unsaid* – Escrita e Transformação

All We Have Left Unsaid não deixa de ser uma obra feminista. Através do drama pessoal de Danika, Maxine Case destaca a importância de se pensar o passado do apartheid na África do Sul e as consequências deste período sobre a construção das identidades de gênero,

³⁵¹ Tradução: "A ida para o hospital leva mais tempo do que nunca. E não é porque Lili insiste em dirigir o carro alugado para lá. Ela pergunta sobre a nossa mãe, a verdade, coisas corajosas, e pede desculpas por não ter estado lá como deveria. 'Admito que não lido bem com estas coisas; mas você sempre foi tão forte, Danny'".

Eu assinto com a cabeça, e então ela me surpreende: 'Você deve me odiar. Eu fui tão egoísta. A verdade é que eu tenho tido algumas questões minhas. Tenho algo para te contar - talvez você entenda'. Ela olha para mim, como que para verificar se estou ouvindo. 'Estou grávida', anuncia.

Fico surpresa _ não era isso que eu esperava da minha irmã organizada. Eu não sabia que ela estava saindo com alguém especial. Ela nunca mencionou ninguém.

'De quanto tempo você está?'

'Dois meses'.

'E o pai?' - pergunto. 'Há quanto tempo você o conhece?'

'Oh, Danny, ele é tão inadequado. Ele é mais novo que eu, na verdade ele ainda está estudando, mas eu gosto dele. E é claro que vou ficar com o bebê!'

Estou feliz por ela e digo-lhe isso. Então eu ri, 'Mamãe não odiaria se tornar avó? E você não é casada!'

Sobriamente, em fingido horror, dizemos em coro: 'O que os vizinhos vão dizer?'

Dirigindo para o hospital, para o que pode muito bem ser a última vez, nós duas estamos convulsionadas de tanto rir. Rimos tanto que as lágrimas fluem por nossos rostos, arruinando meus cuidados anteriores com os olhos e a máscara de cílios tão cuidadosamente aplicada de Lili. Acredito que seja a primeira vez que qualquer uma de nós riu, realmente riu, em meses. (CASE, 2006, p241).

sobretudo das femininas, e também como os efeitos desse passado racista e sexista ainda repercutem sobre as gerações mais jovens. *All We Have Left Unsaid* toca diretamente em assuntos que, muitas vezes, se tornaram tabus para os sul-africanos acerca das relações sociais de raça, classe e gênero que ainda caracterizam a sociedade contemporânea da África do Sul. A escritora faz isso através de uma história pessoal de amor e perda na relação entre mãe e filha, problematizando as identidades raciais e denunciando os sofrimentos que modelos tradicionais de gênero ainda trazem tanto para as mulheres como para os homens. Diferentemente de *The Madams*, não há no romance de Case qualquer referência à homossexualidade. Em *All We Have Left Unsaid*, a heterossexualidade não é jamais questionada ou problematizada. Não há qualquer preocupação em se tocar em mais esse tabu das sociedades africanas.

Ao narrar a experiência de afirmação e superação de Danika em relação às imposições históricas, sociais, culturais que ajudaram a criar nela amarras psicológicas e afetivas, AWHLU discute temas como o que é ser mulher, ser homem, a importância do amor, do casamento, da maternidade, da vida profissional e da independência financeira para as mulheres ao mesmo tempo em que aponta a forte ligação entre o passado e as experiências de vidas na atualidade sul-africana.

AWHLU nos ensina que a memória do apartheid não deve ser esquecida e que há muitas histórias ainda a serem contadas a partir do ponto de vista das mulheres, de um modo geral, mas principalmente, do olhar das mulheres negras.

O romance de Maxine Case trata justamente dos efeitos do apartheid sobre a família mestiça de classe média de Danika e sobre a construção das identidades e subjetividades, mostrando que os traumas causados por conflitos políticos nem sempre são resultado de situações-limites, como nos lembra Tina Sideris em *Problems of Identity, Solidarity and Reconciliation*³⁵²,

In situations of political repression and war, extreme trauma results not only from interdependent, discrete acts of repression – torture, assassination, rape and mutilation that are frequently coupled with social and cultural destruction, **but also from the disruption of social arrangements, activities and institutions that give people a sense of belonging and meaning.**³⁵³ (SIDERIS, 2001, p. 57. Negritos meus).

³⁵² Em: MEINTJES, Sheila, PILLAY, Anu & TURSHEEN, Meredith (Eds.). *The Aftermath – Women in Post-conflict Transformation*. Londres, Zed Books Ltd., 2001.

³⁵³ Tradução: “Em situações de repressão política e de guerra, o trauma extremo resulta não só de atos de repressão interdependentes e discretos - tortura, assassinato, estupro e mutilação que são frequentemente associados à destruição social e cultural, mas também da ruptura de arranjos sociais,

AWHLU mostra também que “**Individual and social healing**, which requires reconciliation in the sense of mending social divisions and coming to terms with the past, **can take several generations**.³⁵⁴” (SIDERIS, 2001, p.59). Mas, acima de tudo, AWHLU revela que as novas gerações podem superar as dores do passado e construir novas verdades e realidades em direção a um futuro mais promissor em termos de igualdade racial, de classe e de gênero. AWHLU nos ensina que conhecer as condições históricas, políticas, econômicas e socioculturais específicas que moldaram as experiências dos sujeitos no passado é crucial para que as novas gerações possam compreender a construção das identidades, das identidades de gênero e o modo pelo qual estas condições impactaram e impactam sobre a experiência do que é ser mulher ou homem, no passado e na atualidade, para que assim possam construir as ‘verdades’ sobre as quais desejam seguir em direção ao futuro.

Finalmente, podemos ainda interpretar a inclusão do tema da escrita por Maxine Case, através da existência dos diários de May, como uma referência à importância que a escrita teve historicamente para mulheres, incluindo aí a escrita literária. Escrever sempre teve uma enorme importância para o empoderamento das mulheres. Escrever fora a estratégia encontrada por May para sobreviver às dificuldades vividas nos anos mais duros do apartheid. O ato de Danika ao enterrar os diários sem lê-los não deve ser interpretado como uma desvalorização em relação àquela escrita, e sim, ao contrário, deve ser entendido como respeito pela palavra escrita em tais circunstâncias. Mas, mais do que isso, indica que o que importa para Danika é escrever sua própria história, o que ela concretiza na narrativa de *All We Have Left Unsaid*. Este pode ser seu recado para outras mulheres.

atividades e instituições que dão às pessoas um sentimento de pertencimento e significado. ” (SIDERIS, 2001, p. 57. Negritos meus).

³⁵⁴ Tradução: “A cura individual e social, que exige a reconciliação no sentido de consertar as divisões sociais e chegar a um acordo com o passado, pode levar várias gerações.” (SIDERIS, 2001, p.59).

CAPÍTULO 5 - THE MADAMS – IDENTIDADES RACIAIS E DE GÊNERO NA NOVA CLASSE MÉDIA NEGRA SUL-AFRICANA

Este capítulo tem como objetivo apresentar o romance *The Madams* de Zukiswa Wanner e a análise das representações das relações sociais de gênero, raça e classe que a obra oferece. Início o capítulo com uma breve apresentação biográfica de Zukiswa Wanner e de um panorama sobre sua obra. A seguir, discuto a conceitualização do gênero *chick lit*, sob o qual a obra pode ser classificada, na qual procuro incluir a contextualização em que surge *The Madams*. Passo, então, a descrever algumas características centrais do romance da perspectiva que interessa a este trabalho. A descrição do enredo do qual se constitui o romance vai surgindo gradualmente à medida que comento os vários aspectos da obra. O capítulo está organizado a partir das três grandes categorias que orientam a análise — classe, raça e gênero —, sendo que cada uma dessas seções está subdividida em temas que se desdobram a partir dos enfoques a eles dados pela narrativa de Wanner. A separação das categorias classe, raça e gênero foi um esforço para a organização das ideias na tentativa de fazer ressaltar as influências de tais dimensões nas representações da construção das identidades sociais e culturais das personagens com a consciência de que, em muitas situações presentes na narrativa aqui comentadas, estas dimensões não só se entrelaçam como se confundem e/ou se completam umas às outras expressando toda a complexidade da realidade dos sujeitos apresentados no romance. Tal processo se reflete na organização do meu texto que inclui também reflexões e informações que acreditei necessárias para compreensão da análise dos tópicos discutidos.

5.1 A Autora de *The Madams* - Zukiswa Wanner

Zukiswa Wanner é uma sul-africana nascida em Lusaka, na Zâmbia. Em seu blog, ela se auto descreve como escritora, feminista, africana, mãe e amante³⁵⁵, ressaltando que gostaria de ser reconhecida exatamente “*nesta ordem*”. Jornalista e romancista é filha de pai sul-africano e mãe do Zimbábue. Seus pais sempre foram ativistas contra apartheid. O pai militava no braço armado do ANC (African National Congress), *Umkhonto we Sizwe*, e a mãe era membro do

³⁵⁵ “*Writer. Feminist. African. Mother. Lover.*” Em: <https://zukiswawanner.wordpress.com/>.

ZAPU (*Zimbabwe African People's Union*). Como os dois partidos era alinhados, Wanner brinca que acredita que o casamento de seus pais foi, de alguma forma, um casamento político³⁵⁶.

Devido à ação política dos pais, Zukiswa Wanner viveu junto a vários exilados políticos tanto da África do Sul quanto do Zimbábue em Chilenje South onde permaneceu até a independência do Zimbábue. Deixaram o país em busca de estruturas melhores de vida.

Wanner começou sua vida escolar na aldeia em que viveu com os avós maternos. O avô foi quem lhe ensinou a escrever e quem acompanhava seu desenvolvimento escolar com rigor. Seus pais tiveram também uma boa formação educacional. O pai estudou jornalismo na Alemanha, na época, Oriental, e trabalhou na *ANC propaganda station Radio Freedom*³⁵⁷ quando voltou à África do Sul. A mãe fez um curso de secretária no Mukumbi College. Wanner explica que a mãe recebera apoio financeiro de um tio que era um homem de negócios na Zâmbia. Havia se mudado para lá depois da ruptura da Federação das duas Rodésias e Nyasaland porque ele queria ficar em um país livre para que a mãe de Wanner tivesse melhores condições de vida. Sua mãe frequentou posteriormente a faculdade na Jamaica. Depois da independência do Zimbábue, sua mãe ocupou o cargo de primeira secretária do vice-primeiro-ministro do Zimbábue, Simon Muzenda. Mudou-se para o Ministério da Informação assim que se formou em Relações Públicas. Wanner conta que devido a sua posição, a mãe teve a oportunidade de conhecer muitas pessoas que inclusive foram importantes no início da vida profissional de Wanner, quando ela ainda não era escritora.

Zukiswa Wanner só deixou a casa dos avós, voltando a viver com os pais, pouco antes de completar onze anos. Considerada ainda uma refugiada, porque na África do Sul ainda não havia liberdade, Wanner teve sua educação toda paga pelo ACNUR – Agência da ONU para Refugiados. Aos treze anos, foi para um colégio interno católico a 25km de Harare. Segundo a autora, estes foram os anos mais memoráveis de sua infância e onde fez os amigos com quem ainda hoje pode contar. Filha única, criada em diferentes lugares e com diferentes pessoas, é lá que Wanner diz se sentir em casa (*at home*).

Já mais velha, Wanner foi para a Inglaterra para estudar no Richmond College por um período, mas não pôde prosseguir os estudos por falta de recursos financeiros que não vieram.

Em 1996, segundo ela, pegou mais uma vez um avião e foi estudar na Hawaii Pacific University em Honolulu, onde se formou jornalista, trabalhou por algum tempo, e resolveu se mudar para a Inglaterra, depois de 11 de setembro, porque sentia que a Direita crescia nos

³⁵⁶ Muitas das informações sobre a biografia de Zukiswa Wanner foram obtidas em entrevista via o chat do Messenger em 11/10/2016.

³⁵⁷ *Radio Freedom* foi o braço de propaganda de rádio do Congresso Nacional Africano durante a luta anti-apartheid dos anos 1970 até a década de 1990. Era a mais antiga estação de rádio de libertação em África.

Estados Unidos. Wanner morou na Inglaterra até 2003 quando retornou para a África do Sul para o enterro de seu pai. Seu único filho nasceu na África do Sul em 2005 onde Wanner permaneceu até 2011 quando se mudou para o Quênia, onde mora atualmente.

Foi em 2006, três meses após o nascimento de seu filho, que Wanner assinou o contrato para publicar seu primeiro romance, *The Madams: a wildly provocative novel*, que foi lançado em 2006. *The Madams* foi selecionado para o prêmio K. Sello Duiker de 2007.

Depois do sucesso de *The Madams*, Wanner publicou várias outras obras: *Behind Every Successful Man* (2008); *Men of the South* (2010), recomendado para o *Commonwealth Writers' Prize* de 2011; *Maids in AS – 30 Ways to Leave Your Madam* (2013); *Refilwe*³⁵⁸ (2014). Seu quarto e último romance, *London Cape Town Joburg* (2014) ganhou o *South African Literary Award K. Sello Duiker* de 2015. Wanner é também membro fundadora da *ReadSA* uma campanha para encorajar os sul-africanos a lerem obras de autores sul-africanos.

Com a publicação de *The Madams*, seu romance de estreia, Wanner revelou-se a primeira escritora negra sul-africana a escrever uma obra do gênero 'chick-lit'³⁵⁹, além de ter colocado, pela primeira vez, no centro de uma trama uma inversão dos papéis raciais na sociedade sul-africana pós-apartheid. Wanner criou a primeira patroa negra com uma empregada branca na África do Sul. O tema do trabalho doméstico, historicamente realizado pelas mulheres negras e mestiças, está presente em inúmeras obras literárias sul-africanas de autoria de mulheres de diferentes modos seja como representação da exploração de mulheres negras pelas mulheres brancas, seja como no caso de *Living, Loving and Lying Awake at Night* (2009) de Sindiwe Magona, ou ainda, em outra obra de Zukiswa Wanner, *Maid in SA – 30 Ways to Leave Your Madam* (2013), para dar voz as empregadas negras e revelar suas subjetividades, seus problemas, sua humanidade e sua agência.

Em *Behind Every Successful Man* (2008), diferentemente das personagens de *The Madams*, Zukiswa Wanner coloca em foco homens negros e mulheres negras que foram beneficiados pelas políticas governamentais de empoderamento econômico (BEE ou B-BEE) para a população negra, celebrando a independência econômica dessas pessoas, mas enfatizando, simultaneamente a importância da família. A obra narra a busca de Nobantu por uma identidade independente de sua posição como mãe, esposa ou filha. Ao não receber apoio do marido para ter uma carreira profissional, que teme que ser julgado como incompetente por ter uma mulher

³⁵⁸ *Refilwe* é um obra para o público infantil que traz uma versão sul-africana do conto de fada Rapunzel e dispõe de versões em africânder, isiXhosa e isiZulu.

³⁵⁹ Segundo a definição da Wikipedia³⁵⁹, "*Chick lit é um gênero ficção [sic] dentro da ficção feminina, que aborda as questões das mulheres modernas. Chick-Lits são romances leves, divertidos e charmosos, que são o retrato da mulher moderna, independente, culta e audaciosa.*".

que trabalhe, Nobantu vai embora de casa deixando tudo para trás, inclusive os filhos e a vida burguesa confortável que tinha em Johannesburgo para viver em Soweto e começar seu próprio negócio: a *Soweto Uprising*, uma linha de roupas. Os temas presentes na obra retomam muito dos temas que estão presentes em *The Madams*: o empoderamento feminino, o preconceito de classe, a opressão masculina das mulheres, a violência doméstica, a homossexualidade, entre outros.

Men of the South (2010) traz à tona questões pertinentes na sociedade sul-africana como o tabu da homossexualidade, a xenofobia. A história é, como as anteriores, ambientada na África do Sul, durante e após a era do apartheid. Três grandes questões são discutidas, cada uma narrada por três homens diferentes, de modo que se pode quase considerar que são contos independentes, mas que juntos formam um romance. A primeira história é de Mfundo Dlamini que vive com a namorada, Slindile, médica com quem ele tem uma filha. Desempregado, ele se sente satisfeito em ser um ‘dono de casa’ e não se importa em ficar em casa, limpando, cozinhando e cuidando da filha. O que ele não consegue compreender é por que as mulheres quando trabalham em casa consideram que trabalham mais do que os homens, mas os homens que ficam somente fazendo o trabalho doméstico são considerados preguiçosos ou de não serem homens de verdade. A segunda história é a do amigo de infância de Mfundo, homossexual não assumido, nem mesmo para seus amigos mais próximos como Mfundo. Mzilikazi se casou e teve filhos, pois sabe que a homossexualidade ainda é muito pouco aceita em sociedades africanas. O terceiro e último homem do Sul é um imigrante zimbabuano chamado Tinaye que trabalha em uma ONG internacional na África do Sul. Seu salário é muito baixo, mas ele deve ficar satisfeito por, pelo menos, ter um trabalho. Tinaye representa as centenas de imigrantes africanos que vão para a África do Sul em busca de melhores oportunidades e encontram, muitas vezes, a xenofobia dos sul-africanos.

Em *Maids in AS – 30 Ways to Leave Your Madam* (2013), Wanner retoma a relação patroa empregada para criar uma narrativa hilária sobre os tipos de madames e suas famílias a partir do olhar das empregadas. Mas, muito mais do que descrever estas personagens, o livro é uma crítica a vários aspectos da sociedade sul-africana. Através da descrição das distintas ‘madames’, o público leitor aprende não só as diferenças entre as empregadas da cidade grande ou das localidades menores, mas também as singularidades das empregadas do Malauí ou do Zimbábue. Questões divertidas como distinguir aqueles que são *ricos há tempos* dos *novos ricos* ou se há apenas um tipo de madame negra, a madame africana de classe média. A obra sugere que a rica, super-rica *black madam* não é uma *madame negra*, mas mais uma *madame rica*, que não se diferencia muito das brancas ricas da África do Sul. Ainda estão presentes as

especificidades das madames indianas, como de classe média conservadora e liberal. O texto é repleto de ironias, sugerindo situações, como, por exemplo, que as madames brancas devem ter empregadas ainda que não possam pagar, mas sempre com uma crítica bem humorada sobre a ideologia da *rainbow nation*, as políticas de empoderamento econômico e até detalhes sutis das culturas e vidas cotidianas de distintos grupos sociais que formam a sociedade sul-africana da atualidade.

O último romance de Wanner, *London Cape Town Joburg* (2014), começa de modo tão dramático quanto *Mother to Mother*, em minha opinião; “Zuko Spencer-O'Malley is dead. Dead via suicide. At the tender age of thirteen. My son is dead.”³⁶⁰ (WANNER, versão Kindle, 2014, pos.24). É uma história que fala também de identidade, de se estar entre dois mundos. Zuko Spencer-O'Malley é filho de um casal birracial, de mãe branca e feminista, Germaine Spencer, e de pai negro, irlandês e sul-africano, Martin O'Malley. O pai nascera e se criara em Londres, mas decide ir para a África do Sul, o país de sua mãe, para onde leva sua esposa e filho. O desejo de Martin é que seu filho seja criado junto à cultura africana com o apoio de sua família extensiva. A história é contada pelos dois, o pai e a mãe, de forma intercambiável. Mas as coisas não acontecem como Martin imaginara. Encontram-se em um país com um persistente racismo, desigualdade, corrupção, violência e xenofobia. *London Cape Town Joburg* é um romance sobre um casamento inter-racial na África do Sul pós-apartheid, mas é acima de tudo sobre a sociedade sul-africana contemporânea.

Como pude constatar, a complexidade da sociedade contemporânea sul-africana está sempre presente nas obras de Zukiswa Wanner, sejam elas mais cômicas ou mais dramáticas, mostrando tanto os pontos positivos quanto negativos da África do Sul, o que espero ter também deixado claro em minha análise das representações no romance *The Madams*.

Neste capítulo, tive a intenção de percorrer, mesmo que rapidamente, a história da literatura em língua inglesa das mulheres negras sul-africanas, procurando mostrar a existência e importância de suas vozes desde a época colonial até a contemporaneidade em uma tentativa de compreender as condições que as autoras, cujos romances são objeto desta tese, encontraram para sua prática literária. O percurso histórico permite situar os projetos literários individuais de Maxine Case e Zukiswa Wanner dentro da prática coletiva da literatura das mulheres negras sul-africanas que as antecedeu. Na perspectiva de Raymond Willians seria a possibilidade de ter uma visão mais clara da *natureza irreduzível* dos

³⁶⁰ Tradução: “Zuko Spencer-O'Malley está morto. Morto via suicídio. Na tenra idade de treze anos. Meu filho está morto.”

romances estudados, situando-os no *sistema coletivo* maior. Desse modo, posso, então, observar até que ponto as escritoras pós-apartheid dão continuidade a tradições de produção literária, se reproduzem ou desconstróem representações, ideias e valores de suas antecessoras.

Procurei destacar aqui as singularidades da luta das escritoras negras sul-africanas, destacando o papel fundamental que sua literatura desempenhou/ desempenha tanto na luta contra o apartheid quanto na luta contra as desigualdades de classe, raça e gênero que ainda caracterizam a África do Sul. Acredito ter deixado claro que mesmo sob as condições mais adversas, estas mulheres aproveitaram-se de toda e qualquer oportunidade ao longo do tempo para produzir uma literatura de gêneros variados e de um valor literário e político inestimável para as lutas feministas contra os vários tipos de opressão e injustiças sociais, visando a liberdade e o direito pleno ao exercício da cidadania não só das mulheres, mas dos seres humanos, de modo geral.

Finalmente, outro motivo para a inserção deste capítulo neste trabalho está relacionado ao fato de que, no Brasil, a história das mulheres negras sul-africanas e sua produção literária é ainda praticamente desconhecida³⁶¹ e pode ser de grande valia, dada as radicalidades que a marcaram, para pensarmos os imbricamentos das dimensões que as categorias de classe, raça e gênero têm para a construção das identidades e subjetividades das mulheres e, ainda para pensarmos a existência e o lugar que ocupa literatura escrita pelas mulheres negras em nosso país.

5.2 *The Madams* - O primeiro romance *chick lit* negro sul-africano

The Madams – *A wildly provocative novel* (2006) de Zukiswa Wanner, descrito na quarta capa como uma comédia de costumes, foi considerado o primeiro romance *chick lit*³⁶² sul-africano escrito por uma mulher sul-africana negra. Considerado por grande parte da crítica literária um gênero menor, foi o trabalho de Lynda Gichanda Spencer quem me ajudou

³⁶¹ Até o 2º semestre de 2016, eu não tinha tido conhecimento de que qualquer romance escrito por uma autora negra sul-africana tivesse sido traduzido para o português no Brasil. Foi quando tive o prazer de ser convidada pela Profª Drª. Anna Beatriz de Paula para compor uma mesa com Futhi Ntshingila no lançamento de *Sem Gentileza* (2016), publicado em português pela editora Dublinense de Porto Alegre. *Sem Gentileza* é o segundo romance da autora, que estreou na literatura com *Shameless* em 2008, publicado pela University of KwaZulu-Natal Press, na África do Sul.

³⁶² Optei por utilizar a expressão original em inglês *chick lit* por não ter encontrado uma tradução que considere adequada para o conceito, conforme já mencionei na introdução. No Brasil, algumas vezes, encontramos a expressão ‘literatura de mulherzinha’, mas que não considero nem de longe adequada, uma vez que o diminutivo sugere uma conotação negativa ao gênero literário.

a reconhecer mais claramente a potencialidade subversiva que este gênero literário pôde oferecer às escritoras africanas emergentes. Em sua tese *Writing Women in Uganda and South Africa: Emerging Writers from Post-repressive Regimes* (2014), Spencer demonstra como as escritoras emergentes que estuda buscam problematizar construções populares de feminilidade que são questionadas através da ficção popular. Para Spencer, as autoras de romances populares utilizam formas literárias convencionais para desafiar as convenções patriarcais (SPENCER, 2014, p. 77). Em relação aos gêneros literários populares como o romance romântico, o romance *chick lit*, ou ainda os romances policiais, Spencer afirma que as autoras se apropriam de tais gêneros literários “para articularem as experiências das mulheres da classe média.” (SPENCER, 2014,p.15). Para ela, estas formas genéricas permitem as escritoras produzirem novas comunidades imaginadas de mulheres nos períodos pós-conflitos, como o apartheid na África do Sul.

Apesar do conceito de *chick lit* ter se ampliado e diversificado bastante, a compreensão sobre o que o gênero envolve está ainda bastante presa a suas origens. De acordo com GRUSLYTĖ, TAUJANSKAITĖ e ZEMAITYTĖ no artigo *The Tradition of Consciousness-raising fiction in Contemporary Popular Fiction Chick Lit* (2013), *chick lit* é uma ficção sobre e para a mulher moderna. Esta literatura popular majoritariamente escrita por mulheres tem como alvo o público contemporâneo da cultura pós-feminista. (GRUSLYTĖ et alii, 2013, p.125). São obras escritas da perspectiva de mulheres contemporâneas e suas reflexões sobre os obstáculos que insistem em dificultar suas vidas cotidianas. Gruslytė et alii contam que o termo *chick lit* foi utilizado, a partir de uma gíria, em 1988, por Cris Mazza e Jeffrey DeShell no nome de um curso sobre tradição literária feminina para se referirem ironicamente às atitudes pós-feministas e não, segundo as estudiosas, para sugerir uma imagem frívola e coquete de mulheres (GRUSLYTĖ et alii, 2013, p.125), mas também para chamarem a atenção para a cumplicidade das mulheres na reprodução dos estereótipos do que é ser mulher.

Desde seu surgimento em meados da década de 90, o gênero *chick lit* sofre discriminação por parte tanto da mídia quanto da academia, conforme lembra Suzanne Ferris (2011). As autoras de *chick lit* são geralmente acusadas de criarem enredos comerciais para o mercado editorial que visa atingir um público feminino ingênuo (FERRIS, 2011, p.1). O desprezo sofrido pelo gênero *chick lit* foi, muitas vezes, comparado àquele sofrido pelos romances escritos pelas autoras inglesas no séc. XVIII, que faziam enorme sucesso, apesar das críticas negativas que os cercaram durante muito tempo.

Em seu estudo seminal sobre a literatura *chick lit* norte-americana, *Chick Lit and Postfeminism* (2011), Stephanie Harzewski defende que esta literatura serve como uma porta de acesso às políticas de gênero e às questões de valores culturais (HARZEWSKI, apud FERRIS, 2011). Nos Estados Unidos, a *chick lit* ganhou maior popularidade em meados dos anos 90 com a publicação de obras como *O Diário de Brigitte Jones* (1996) de Helen Fielding, _ homenageado por de Zukiswa Wanner no romance *The Madams* na menção que é feita a ele pela protagonista (WANNER, 2006, p.164)_ , e *Sex and the City* (1996) de Candance Bushnell. Estas obras ficaram bem conhecidas no Brasil, através, principalmente, de suas versões fílmicas. Estas narrativas centram-se sobre a vida atribulada de mulheres predominantemente **brancas**, jovens, classe média, urbanas em suas experiências profissionais e pessoais e como elas adquirem autoconhecimento e autoaceitação e, assim, se empoderam, assumindo maior controle sobre suas relações pessoais e profissionais.

Spencer argumenta que seria errado desprezar a ficção popular, como a *chick lit*, simplesmente porque não se trata de uma obra esteticamente sofisticada. Uma análise séria revela, segundo ela, que os textos populares são tão multifacetados, intrincados, complexos e podem oferecer crítica social (SPENCER, 2014, p. 75), tanto quanto uma literatura de cunho mais canônico, eu acrescentaria.

Apesar de reconhecer, em seu estudo, a dificuldade de definir a arte popular e, em particular, a ficção popular africana, devido ao "seu caráter amorfo" como ela afirma, a estudiosa toma como definição para a literatura popular "that which communicates an African perspective to a wide audience in a way that is easily understandable; and which is accessible in terms of its distribution, cost and thematic concerns"³⁶³ (SPENCER, 2014, p.76).

Em seu trabalho, Spencer coloca em evidência uma série de estudos de outros autores sobre os gêneros literários populares que a ajudam a defender que, embora a literatura popular de autoria feminina seja também marginalizada, as escritoras utilizam as formas literárias populares conscientemente para subverter os discursos sociais e políticos dominantes e, ainda, para expor as contradições dentro das relações de gênero. (SPENCER, 2014, p.76). Isto é o que faz Zukiswa Wanner com sua obra de estreia, *The Madams*, ao abraçar o gênero *chick lit*, como procurarei demonstrar. De fato, o que Wanner realiza é uma obra que toma as características do gênero para construir um romance bastante original que

³⁶³ "aquela que comunica uma perspectiva africana a uma ampla audiência de um modo que é facilmente compreensível; e a qual é acessível em termos de sua distribuição, custo e preocupações temáticas." (SPENCER, 2014, p.76).

ela define simplesmente como sendo "sistah lit", remetendo-se ao conceito de "sisterhood" que sempre foi muito caro entre as feministas negras³⁶⁴.

Por focalizarem detalhes das experiências vividas do cotidiano ordinário das mulheres, no caso das mulheres de classe média, "Romance and chick lit capture aspects of women's lives that are not addressed in other forms of writing"³⁶⁵ (SPENCER, 2014, p.77), conforme destaca Spencer.

Outra característica do gênero que não escapa às observações da estudiosa (SPENCER, 2014, p.78) diz respeito ao fato de essas obras terem um forte caráter didático subjacente. Ao contarem histórias em que suas protagonistas se inserem em uma busca não só de autoconhecimento, mas de autotransformação, muitas narrativas populares se propõem a ajudar as leitoras a reconhecerem-se nas vidas ali representadas para que possam aprender com elas alternativas para as situações difíceis e que podem causar sofrimento às mulheres em seu dia a dia. Tal propósito não é diferente, por exemplo, dos muitos romances que foram escritos por escritoras europeias feministas, como por exemplo, Mary Wollstonecraft³⁶⁶.

Na África do Sul, os gêneros ficcionais populares sempre fizeram parte da cena literária (SPENCER, 2014; WARNES, 2014). Entretanto, um crescimento maior de sua popularidade se dá a partir do fim do apartheid³⁶⁷. Se, durante o apartheid, a literatura sul-africana assumiu o sério compromisso com a política como instrumento de luta pela liberdade, como vimos anteriormente nesta tese, a chegada da democracia proporcionou, como bem lembra Christopher Warnes (WARNES, 2014, p.156), o relaxamento necessário para que os gêneros literários populares ganhassem mais espaço.

there was a strong critical perception that popular fiction abrogated the social and political mission to document injustice, challenge preconceptions, and conscientize readers. The end of apartheid was interpreted as signalling the lifting of this literary-political injunction to be serious. The creative energies that have filled the void left by the departure of the 'struggle aesthetic' in the years since 1994 have been noticeable in the explosion of genres such as crime fiction, romance, chick lit,

³⁶⁴ Zukiswa Wanner inova também no gênero *chick lit* ao escrever seu segundo romance *Men of the South* (2010), no qual os personagens centrais são homens.

³⁶⁵ Tradução: "os romances românticos e *chick lit* capturam aspectos das vidas das mulheres que não estão contempladas em outras formas de escrita"

³⁶⁶ Mary Wollstonecraft (1759-1797) - Escritora feminista inglesa, autora de *Vindication to the Rights of Woman: with Strictures on Political and Moral Subjects* (1792), que utilizou seus romances *Mary, a Fiction* (1788), e *Maria, or the Wrongs of a Woman* (1798) para criticar abertamente o modelo de feminilidade da época e denunciar a arbitrariedade das situações vividas pelas mulheres de sua época.

³⁶⁷ Sobre o boom dos romances populares na África do Sul, ver: WARNES, Christopher. *Desired State: Black Economic Empowerment and the South African Popular Romance*. Em: NEWELL, Stephanie & OKOME, Onookome (eds.). *Popular Culture in Africa: The Episteme of the Everyday*. New York: Routledge, 2014, p.154-174.

science fiction, gangster noir, and comedy, etc³⁶⁸ (WARNES, 2014, p.156, citado por SPENCER, 2014, p.13).

Ainda que não se possa generalizar acerca do fato dos gêneros literários mencionados por Warnes serem menos políticos, certamente, a relação que têm com a política pode ser de uma natureza bem diversa daquela que majoritariamente sempre caracterizou a literatura sul-africana. Talvez coubesse aqui um trocadilho para afirmar que a literatura de cunho popular surgida no pós-apartheid tem uma relação não com a política, mas com as 'políticas'. Ou seja, com as políticas de identidade e em forma de leis, tais como os programas implementados pelos governos democráticos que visam oferecer às minorias, como a população negra, às mulheres e aos gays, oportunidades para condições de vida mais equânimes como aquelas sempre disponíveis à população branca e heterossexual que até, então, lhes haviam sido negadas.

Nesta perspectiva, Wanner constrói uma narrativa em que inclui uma série de temas sul-africanos contemporâneos importantes como a persistência do racismo e das diferenças de classe, as políticas de empoderamento econômico da população negra e suas consequências práticas para os sujeitos beneficiados, a violência contra as mulheres, a incidência da AIDS no país, a intolerância homofóbica com menção para o estupro de mulheres lésbicas, por exemplo, entre muitos outros. Todos estes tópicos estão diretamente relacionados às desigualdades de gênero que Wanner centralmente destaca.³⁶⁹

Mas, há, ainda, outro acontecimento extremamente significativo relacionado à popularidade alcançada pela literatura popular, resultante do fim do regime racista que é, como bem lembrou primeiramente Spencer, o crescimento significativo da classe média negra. Muito desta literatura popular terá como público-alvo esta classe social (SPENCER, 2014, p.13). O mercado editorial sul-africano viu na expansão deste novo grupo social um nicho de consumidoras e consumidores que precisava ter a seu dispor romances com os quais pudessem se identificar. É dentro deste contexto que o romance *The Madams* se insere.

É preciso, entretanto, ressaltar alguns aspectos da originalidade da obra de Zukiswa Wanner que começa, sem dúvida, por ter sido escrito por uma mulher **negra**, o que, dada a história da África do Sul, inevitavelmente, já implica que abordemos o romance a partir de um

³⁶⁸ Tradução: "Durante o apartheid, houve uma forte percepção crítica que a ficção popular revogava a missão política e social de documentar a injustiça, desafiar pré-concepções, e conscientizar as leitoras. O fim do apartheid foi interpretado como um sinalizador que poderia por fim a esta injunção da literatura com a política. As energias criativas que preencheram o vazio deixado pela partida da 'estética da luta' nos anos desde 1994 foram percebidas na explosão de gêneros tais como romances de crimes, romances, *chick lit*, a ficção científica, o romances de gangster *noir*, e a comédia, etc." (WARNES, 2014, p.156)

³⁶⁹ Neste ponto, quero deixar claro que nem todos estes assuntos ganharão neste trabalho a mesma atenção.

olhar mais político. Mas se, inicialmente, a questão da autoria **negra** de um romance *chick lit* possa ser respondida a partir das circunstâncias políticas e socioculturais acima descritas, espero poder demonstrar que, ao adaptar o gênero às demandas da sociedade sul-africana contemporânea, trazendo para o foco as experiências da nova mulher sul-africana negra e de classe média, Wanner constrói uma crítica mais explicitamente ‘política’ do que a literatura *chick lit* ocidental, branca se preocupa em fazer.

Ao mesmo tempo em que problematiza questões de raça, classe e gênero nas peripécias cotidianas vividas pelas personagens femininas negras, demonstrando o quanto a sociedade sul-africana é ainda racista, classista e sexista e os modos como isso impacta na vida das mulheres, Wanner põe a nu muito das ansiedades referentes à problemática da(s) identidade(s) sul-africana(s).

5.3 *Maids and Madams* - Uma Questão de Classe

Com um enredo principal ‘provocativo’, como o próprio subtítulo da obra faz questão de deixar explícito, a narrativa de Wanner tem, como é típico do gênero, certo teor didático, quase como se fosse um manual de sobrevivência para mulheres contemporâneas, negras, principalmente, mas não só. O romance parece oferecer dicas sobre como elas podem viver de maneira política, psicológica e emocionalmente correta, mas, sobretudo mais empoderadas. *The Madams* discute as imbricações do racismo, do sexismo e das diferenças de classe em situações marcadas por problemas que continuam a afetar a sociedade contemporânea sul-africana. A linguagem leve e irônica, característica deste gênero literário, não deixa, entretanto, de denunciar a gravidade desses problemas, problemas que são distribuídos em subenredos que trazem as experiências de uma variedade de personagens.

Apesar das situações vividas pelas personagens servirem quase como um catálogo de questões a serem pensadas sobre a sociedade sul-africana contemporânea, há na obra de Wanner um grande esforço em distanciar as personagens de tipos sociais estereotipados, em particular, as femininas. Para cada problema levantado, a narrativa procurará revelar compreensões e/ou ‘soluções’ mais alinhadas aos interesses das mulheres, mas sempre através de visões alternativas ao senso comum, e simultaneamente mostrando as múltiplas posições, complexidades e contradições que caracterizam essas mulheres.

Em *The Madams*, a situação que desencadeia a narrativa é a contratação deliberada de uma empregada *branca* por Thandile, uma mulher *negra* classe média alta. Thandi, que é

quem narra a história, descreve tal decisão como sendo “a social experiment”³⁷⁰ porque sabe das “sensibilities of South African society, new South African or not” (WANNER, 2006, p.27)³⁷¹, consciente de que estará subvertendo a ordem ali estabelecida já há tantos séculos, mas, sua motivação individual é a vontade de provocar Lauren, sua amiga branca, a qual deseja conscientizar a respeito de seu racismo dissimulado ou ‘inconsciente’.

Na África do Sul, o trabalho doméstico emprega 18% da população feminina, sendo 80% dessas trabalhadoras mulheres negras e com baixa escolaridade (BOSCH, & McLEOD, 2015, p.135). Com o fim do apartheid e o crescimento da classe média negra e ‘*coloured*’, houve um crescimento na diversidade das empregadoras domésticas e mulheres negras e mestiças de classe média passaram também a recorrer a este serviço. Entretanto, as trabalhadoras domésticas permaneceram tendo o mesmo perfil, ou seja, sendo, em sua maioria, mulheres negras e pobres. Só pela introdução de tal conflito na narrativa com a inversão das raças nas posições sociais de patroa e empregada, podemos considerar que *The Madams* é muito mais do que um romance *chick lit* de entretenimento. Wanner se apropria do gênero literário, impondo à narrativa um forte viés social e político também ao colocar em foco a vida dos ‘*black diamonds*’ e a relação entre mulheres negras e brancas de classes diferentes.

As mudanças socioeconômicas e políticas que resultaram do fim do apartheid e da decretação de leis que se voltaram para as desigualdades passadas como as ações afirmativas, tais como o BEE (Black Economic Empowerment) fizeram com que a África do Sul testemunhasse pela primeira vez um crescimento significativo na classe média negra. Entretanto, na sociedade sul-africana pós-apartheid, nem sempre as pessoas se sentem confortáveis em se identificar como *classe média negra*, conforme sugere a pesquisa da socióloga Grace Khunou (2013). Segundo Khunou, os participantes em sua pesquisa se mostraram bastante relutantes em se reconhecerem como tal. O problema, no entanto, não esteve em momento algum com a categoria ‘negra’, mas sim com a categoria ‘classe média’, o que de modo algum surpreendeu a estudiosa, para quem fica claro que a própria categoria ‘classe média **negra**’ só é concebível em relação à história do capitalismo racializado do país. (KHUNOU, 2013, s/p.). Para ela, é evidente que a *história* influencia diretamente em como as pessoas compreendem e negociam suas identificações de raça, gênero e posições de classe.

Esta compreensão fica mais fácil se lembrarmos que, durante o apartheid, os negros foram obrigados a viver nas *townships* e nas áreas restritas específicas mesmo que tivessem

³⁷⁰ Tradução: “um *experimento social*” (WANNER, 2006, p.xiii).

³⁷¹ Tradução: “sensibilidades da sociedade sul-africana, nova África do Sul ou não” (WANNER, 2006, p.27).

condições financeiras melhores para viver em outros lugares. A Lei de Áreas de Agrupamento obrigou a classe média negra a viver com aqueles de sua raça, mesmo que fossem diferentes em termos de classe social. Esta foi, de acordo com Khunou, uma das razões pela qual a categoria de classe foi minimizada nas comunidades negras durante os anos do apartheid enquanto o pertencimento racial foi enfatizado. (KHUNOU, 2015, p.11). A opressão racial era tão intensa que foi preciso deixar as diferenças de classe de lado para fortalecer a luta contra o apartheid.

No caso dos negros sul-africanos, ser classe média é, conforme Khunou, um lugar *confuso* de se estar (KHUNOU, 2015, s/p):

often you are not different enough to be seen as middle class at home (black township or rural village) nor are you white enough to be middle class in terms of full access to privilege that defines the white middle class experience. The experiences of those who grew up in black middle class households shows the tensions between race and class, where class positioning is not as simple as a measure of one's access to class privilege.³⁷² (KHUNOU, 2015,b s/p.)

Assim, de acordo com Khunou, ser negro e classe média, na África do Sul durante o apartheid, trouxe junto a necessidade constante de negociações complexas de limites em relação aos membros da comunidade que não eram classe média e nos espaços que eram classe média, mas brancos, que traziam dinâmicas raciais que não eram experimentadas nos ambientes familiares e da comunidade. Ainda, conforme a socióloga, “These complexities arouse from the socio-economic and political impermanence of this social class position, resulting from a constantly shifting membership to this class.”³⁷³ (KHUNOU, 2015, p.2). Vistos nos espaços comumente brancos como a ‘outra’ classe média, os negros de classe média eram frequentemente barrados ou tinham que explicar sua presença nestes espaços, segundo nos lembra Khunou. (KHUNOU, 2015, s/p). Estas situações são também muito bem representadas nas experiências da jovem Ofilwe no romance *Coconut* (2007) de Kopano Matlwa³⁷⁴.

³⁷² Tradução: “frequentemente você não é diferente o suficiente para ser visto como classe média em casa (nas townships negras ou nas vilas rurais), nem é branco o suficiente para ser classe média em termos de acesso total ao privilégio que define a experiência da classe média branca. As experiências daqueles que cresceram em famílias de classe média negra mostram as tensões entre raça e classe, onde o posicionamento de classe não é tão simples como uma medida do acesso de alguém ao privilégio de classe.” (KHUNOU, 2015, s/p.)

³⁷³ Tradução: “estas complexidades surgiram a partir da impermanência socioeconômica e política desta posição de classe social, resultante de uma constante mudança de filiação para esta classe (KHUNOU, 2015, p.2).

³⁷⁴ Romance que inicialmente fazia parte do campo desta pesquisa e importante de ser citado porque se trata de uma obra que, além de ser literatura de alta qualidade, ilustra muitíssimo bem várias das questões discutidas nesta tese no que diz respeito a construção das identidades femininas negras na África do Sul contemporânea.

Finalmente, um último ponto que gostaria de destacar das reflexões de Grace Khunou é a ênfase que a socióloga dá à ideia de que há uma grande diferença na construção das identidades e subjetividades das pessoas negras que nasceram classe média e aquelas que se tornaram classe média negra no período pós-apartheid. Conforme conclui Khunou:

The apartheid racial politics, ideas about who you should be among your community and the negative public discourse on the black middle class as conspicuous consumer all impacts how they experiences and identified with the label.³⁷⁵ (KHUNOU, 2015a, p.15).

A classe média negra sul-africana não é, portanto, uma massa homogênea, fixa e indiferenciada de pessoas. Ao contrário, trata-se de pessoas com histórias de vida e experiências bastante heterogêneas cujas diferenças dentro da classe média negra e a complexidade de suas identidades e subjetividades devem ser reconhecidas. Khunou sugere que, para se tenha uma melhor compreensão a respeito do que é ser classe média negra na África do Sul hoje, é necessário fazer distinções em relação à renda, riqueza, habitação, nível educacional e estilo de vida. Historicizar e contextualizar a vida dos sujeitos é o caminho que evita generalizações e que impede que os estereótipos raciais se perpetuem.

Em *The Madams*, Zukiswa Wanner oferece representações diferenciadas de mulheres negras de classe média através, principalmente, das personagens Thandile e Nosizwe, como veremos adiante.

5.4 Maids and Madams - Uma Questão de Classe e Raça

A narrativa em *The Madams* é em primeira pessoa. É Thandile (Thandi) quem conta a história. Diretora executiva do escritório do departamento de turismo em Soweto, bairro ícone da história da repressão truculenta do apartheid em Joanesburgo — hoje bastante turístico —, Thandi é membro da nova classe média negra sul-africana, vivendo com o marido médico, Mandla, também negro, e, Hintsa, o filho pequeno do casal em um condomínio de luxo no qual moram também suas melhores amigas, Lauren e Nosizwe.

Thandi, Lauren e Nosizwe são as ‘madames’ a quem o título da obra ironicamente se refere. Essas mulheres são madames não só pela sua condição financeira, mas principalmente, aos olhos da protagonista/narradora, porque as três têm empregadas. A relação entre patroas e

³⁷⁵ Tradução: “A política racial do apartheid, ideias sobre quem você deveria ser na sua comunidade e o discurso público negativo sobre a classe média negra como consumidora voraz tudo isso impacta em como eles experienciam e se identificam com o rótulo (KHUNOU, 2015a, p.15).

empregadas será o que colocará em evidência as questões não só de classe, mas também raciais na sociedade sul-africana atual no romance.

Todavia, na reflexão da protagonista, no início do prólogo, acerca dos motivos para a contratação de uma empregada já encontramos imbricadas outras questões da identidade *cultural* de Thandile.

I always maintained that having a maid is really about playing 'madam'. A woman should be able to take care of herself and her own without bringing a stranger into the family. But I have failed to do so without stressing me out.³⁷⁶ (WANNER, 2006, p.ix).

Thandile revela nesta fala, logo no início da obra, a divisão em que se encontra, vivendo entre duas culturas. A cultura ocidental que envolve a vida de Thandile enquanto uma mulher moderna, com uma carreira profissional, independente financeiramente e com um estilo de vida típico da classe média alta jamais a faria ver a contratação de uma empregada como algo vergonhoso, se não que poderia até servir como um signo de seu *status* social. Assim, é somente porque ela continua ligada à cultura tradicional africana, na qual a identidade social e cultural da mulher sempre passou por sua competência nas tarefas típicas da esfera doméstica como cuidar, limpar, cozinhar, entre outras, para si e para sua família que Thandi se sente desconfortável com a situação.

Expressão altamente *racializada* na África do Sul contemporânea, o uso da palavra ‘*madam*’ é importante para se compreender o contexto social da relação entre ‘patroas’ e ‘empregadas’ na África do Sul. ‘*Madam*’, compreendida comumente como um tratamento de respeito, é também um forte indicativo da hierarquia social e política, servindo para lembrar a distância que separa uma mulher de outra, baseada não só em diferenças de classe, mas, particularmente, marcada historicamente pelas políticas raciais do país.

No imaginário sul-africano, como em muitos outros, permanece ainda a ideia de que a madame é **branca**, e se define dialeticamente e em contraposição ao outro extremo desta relação binária, a empregada, ou seja, a ‘outra’ que é **negra**. Uma das versões mais comuns do inglês para empregada é a palavra ‘*maid*’. ‘*Maids and Madams*’ é uma daquelas colocações nominais que põe em jogo uma série de diferenças mobilizadas quase que instantaneamente na mente das pessoas, e não só na África do Sul, eu diria. Coloca em jogo

³⁷⁶Tradução: “Eu sempre sustentei que ter empregada é com certeza se fazer de madame. Uma mulher deveria ser capaz de tomar conta de si mesma e dos seus sem trazer uma estranha para dentro da família. Mas eu fracassei no fazer isso sem me estressar toda.” (WANNER, 2006, p.ix).

desde imagens fenotípicas, espaços físicos de circulação, utilização de linguagem e, principalmente, comportamentos sociais.

A relação entre *maids* e *madams* na África do Sul há décadas já mereceu estudos importantes, como, por exemplo, *Maids and Madams: Domestic Work Under Apartheid*, de Jacklin Cock de 1980. À medida que estas relações vêm se transformando desde o fim do apartheid, são sempre bem-vindos tanto estudos sociológicos quanto de produtos culturais que venham problematizar as dimensões subjetivas desta importante relação social comum entre mulheres. E este é um dos méritos de *The Madams*.

Maid é um termo que carrega as conotações negativas adquiridas do *status* inerente ao próprio trabalho doméstico. O trabalho doméstico sempre foi visto como um trabalho, quando não sujo, menor e de responsabilidade das mulheres por excelência. Por acontecer no espaço privado, foi, durante séculos, tratado como trabalho não pago. Contemporaneamente, tal atividade herda a conotação de inferioridade adquirida ao longo da história, o que colabora muito para dificultar transformações nas dimensões mais subjetivas da relação entre empregadas e patroas, obstaculizando um tratamento mais profissional e profissionalizante, mesmo quando existem leis para regulamentar a profissão ou ofício.

O menosprezo pelas empregadas domésticas, tanto durante o período colonial quanto nos anos do apartheid, fica explícito também no costume das patroas chamarem suas empregadas de ‘girl’, de modo exageradamente complacente, infantilizando mulheres que eram adultas, maduras e, frequentemente, até mais velhas que elas próprias.³⁷⁷ A polarização radical na relação entre patroas brancas e empregadas negras na África do Sul está presente em muito da literatura sul-africana. Enquanto, em sua maior parte, a literatura de autoria branca, fosse de homem ou de mulher, representou os empregados domésticos através do olhar dos patrões e patroas, foi, principalmente, a escrita das mulheres negras que deu voz às mulheres negras trabalhadoras, seja como escravas ou como empregadas domésticas. Os contos da coletânea *Living, Loving and Lying Awake at Night* de Sindiwe Magona são um excelente exemplo de narrativas sensíveis e tocantes sobre as vivências da relação patroa-empregada na África do Sul durante a vigência do apartheid do ponto de vista das empregadas domésticas³⁷⁸.

³⁷⁷ Também, os empregados domésticos homens eram chamados de ‘boys’, independentemente de suas idades.

³⁷⁸ MAGONA, Sindiwe. *Living, Loving and Lying Awake at Night*. Northampton, Massachusetts. Interlink Books, 2009.

A frequência com que o tropo do trabalho doméstico se fez e se faz existir na literatura sul-africana certamente tem a ver com a ideia de Irma du Plessis³⁷⁹ de que o trabalho doméstico na África do Sul é uma “ ‘institution which has been an essential part of white South African's way of life for generations’³⁸⁰ (COCK, 1989, apud DU PLESSIS, 2011, p.1)”. Para esta socióloga, o trabalho doméstico oferece uma continuidade entre as ordens sociais do apartheid e do pós-apartheid (DU PLESSIS, 2011, p.1). Du Plessis explica que tanto o trabalho doméstico como instituição quanto as empregadas (*Maids*) e as empregadoras (*Madams*) sempre foram na África do Sul posições racializadas e generificadas. O trabalho doméstico e seus agentes sociais carregam, segundo ela, uma carga metafórica e simbólica, poderosa e afetiva, na sociedade sul-africana contemporânea. Conforme ela explica,

In one sense, then, the institution is over determined. This, I argue, is a result of the fact that domestic work may be understood not only as a contemporary social practice, that is, a lawful and regulated – albeit imperfectly and incomplete – form of employment, but also as a central feature of what may be termed **the apartheid social imaginary**.³⁸¹ (DU PLESSIS, 2011, p.2. Negritos meus.)

Este imaginário social é entendido pela socióloga como sendo “an implicit social understanding of the way in which things stand between fellow citizens³⁸²”. Entretanto, o que é mais interessante no pensamento de Du Plessis é sua compreensão de que

The suitability of domestic work for this kind of symbolic abstraction is linked to its close affinity to the family, a foundational unit in everyday and scholarly understandings of both ‘nation’ and ‘society’, and its associated relation to intimacy.³⁸³ (DU PLESSIS, 2011, p.2).

Para Du Plessis, é indiscutível que

the institution of domestic work in South Africa forms part of an implicit and undeveloped but largely shared ‘social theory’ that is instantiated in the practice itself, but not reducible to it. Its suitability as a kind of shorthand for social relations

³⁷⁹ Professora de sociologia da Universidade de Pretoria.

³⁸⁰ Tradução: “‘é uma instituição e uma prática, ambas intrinsecamente entrelaçadas no tecido da vida cotidiana.’ (COCK, 1989, apud DU PLESSIS, 2011, p.1).

³⁸¹ Tradução: “Em certo sentido, então, a instituição [do trabalho doméstico] é sobredeterminada. Isto, eu argumento, é resultado do fato de que o trabalho doméstico pode ser entendido não apenas como uma prática social contemporânea, ou seja, uma que é legal e regulamentada - ainda que de forma imperfeita e incompleta - forma de emprego, mas também como uma característica central do que pode ser chamado **o imaginário social do apartheid** (DU PLESSIS, 2011, p.2. Negritos meus).

³⁸² Tradução: “uma compreensão social implícita da maneira em que as coisas estão entre concidadãos” (DU PLESSIS, 2011, p.2).

³⁸³ Tradução: “A adequação do trabalho doméstico para este tipo de abstração simbólica está ligada a sua estreita afinidade com a família, uma unidade fundamental nas compreensões acadêmicas e do dia a dia tanto de “nação” e “sociedade”, como de sua relação associada à intimidade.” (DU PLESSIS, 2011, p.2).

based on race is linked to its association with the family form and its metaphorical qualities.³⁸⁴ (DU PLESSIS, 2011, p.6).

O que me interessa no trabalho de Du Plessis, particularmente, é a sua capacidade de demonstrar o quanto a complexidade das relações envolvidas no trabalho doméstico está ligada a estruturas sociais e políticas mais amplas na sociedade sul-africana. A socióloga defende que o poder simbólico do trabalho doméstico na África do Sul se dá, como vimos, por este estar diretamente, e de muitos modos, ligado à noção de família. Du Plessis explica que, para todos os nacionalismos, a centralidade da *família* e da *figura materna* — termos discursiva e constantemente invocados em relação ao trabalho doméstico — acrescentada à “the understanding of the family as the domain where the nation is reproduced and as a realm of intimacy and intimate relations³⁸⁵”, liga, de modo muito forte, o trabalho doméstico enquanto instituição às “anxieties about the foundations of South African nationhood and the remainder of the past in the present.³⁸⁶” (DU PLESSIS, 2011, p.7-8).

Desta perspectiva, é possível compreendermos o quanto está em jogo na construção das identidades culturais através das relações sociais que se constituem na esfera dos vínculos estabelecidos via o trabalho doméstico na sociedade sul-africana pós-apartheid.

Em *The Madams*, a principal relação entre patroas e empregadas não é representada como uma relação de poder dicotomicamente marcada por questões típicas de opressão racial e de classe, mas é tratada de modo nuançado, revelando a complexidade das relações humanas e relativizando os lugares sociais e as identidades das mulheres aí envolvidas, levando em consideração também seus aspectos mais subjetivos, inclusive os laços interdependentes de afeto e amizade. Todavia, também encontramos na obra representações que demonstram continuidades dos padrões de relação entre empregadoras e empregadas do passado segregacionista da África do Sul.

³⁸⁴ Tradução: “a instituição do trabalho doméstico na África do Sul faz parte de uma ‘teoria social’ implícita e não desenvolvida, mas amplamente partilhada que é instanciada na própria prática, mas não é reduzível a ela. Sua adequabilidade como uma espécie de escrita abreviada para as relações sociais baseadas na raça está ligada à sua associação com a forma familiar e suas qualidades metafóricas.” (DU PLESSIS, 2011, p.6).

³⁸⁵ Tradução: “compreensão da família como o domínio no qual a nação é reproduzida e como um reino de intimidade e relações íntimas”.

³⁸⁶ Tradução: “ansiedades sobre os fundamentos da nacionalidade sul-africana e aquilo que permanece do passado no presente.” (DU PLESSIS, 2011, p.7-8).

5.5 Diferentes Relações entre *Maid*s and *Madams*

O tropos *maids and madams* na obra nos ajuda a perceber os processos de racialização que costumaram caracterizar as relações sociais entre patroas e empregadas na sociedade pós-apartheid da África do Sul. Na verdade, o que temos na obra é, mais especificamente, a representação da coexistência de três tipos diferentes de relações entre patroas e empregadas, ganhando destaque a relação entre Thandi e Marita como uma espécie de modelo a ser seguido por se tratar de uma relação entre patroa e empregada mais do que ‘politicamente correta’, uma relação mais humanizada no laço complexo de trabalho dentro da esfera privada.

O primeiro desses tipos, a relação entre Lauren (mulher branca) e MaRosie (a empregada negra), representaria a velha relação de exploração exercida pelas famílias brancas sobre a população negra, herdada desde os tempos coloniais. Lauren, que, no início do romance, insiste em se apegar a sua ancestralidade inglesa, idolatrando a família real britânica, seus valores e estilo de vida, trata MaRosie praticamente como eram tratadas as escravas nos tempos coloniais, uma vez que impõe a ela uma excessiva e extenuante rotina de trabalho, sem sequer importar com a idade já mais avançada dela, conforme podemos identificar na passagem abaixo.

Because Lauren is my neighbor, I, more than Siz or anyone else, see the treatment she metes out to MaRosie. It's a source of constant annoyance to see someone older than my mother treated with so much contempt by someone who, by the grace of heavens, is neither of her race nor her child. **Poor Rosie**, who Lauren considers 'part of the family' (a poor relation maybe?) **has to wake up at four-thirty to iron everybody's clothes before they go to work or school because Lauren always insists that clothes should be 'freshly pressed'**. Rosie then has to make breakfast. Even in these days of fortified cereals, **Lauren insists on Rosie making a full English every day of the week**. 'You know breakfast is the most important meal of the day', Lauren justifies when I question her about this interesting habit. No wonder Lauren and her babies are all a little horizontally-gifted.³⁸⁷ (WANNER, 2006, p.13.Negritos meus).

³⁸⁷ Tradução: “Porque a Lauren é minha vizinha, eu, mais do que a Siz ou qualquer outra pessoa, vejo o tratamento que ela dispensa a MaRosie. É uma fonte de constante aborrecimento para mim ver alguém mais velha do que a minha mãe tratada com tanto desprezo por alguém que, pelas graças do céu, não é nem de sua raça nem sua filha. **Pobre Rosie**, a quem Lauren considera ‘parte da família’ (uma parenta pobre talvez?) **tem que acordar às quatro e meia da manhã para passar a roupa de todo mundo antes que eles vão para o trabalho ou a escola porque Lauren insiste que as roupas devem ser ‘recém-passadas’**. A Rosie, então, tem que preparar o café. Mesmo nestes dias de cereais fortificados, **Lauren insiste que MaRosie faça um café da manhã inglês completo todos os dias da semana**. ‘Você sabe o café da manhã é a refeição mais importante do dia’, Lauren justifica quando eu questiono este hábito interessante. Não se admira que Lauren e seus bebês sejam todos bem dotados horizontalmente.” (WANNER, 2006, p.13. Negritos meus).

A representação do racismo velado de Lauren em relação à MaRosie serve para que Zukiswa Wanner denuncie sua persistência cotidiana mesmo nas mais sutis atitudes na sociedade sul-africana da atualidade.

Lauren has a major flaw, though... and that is her inherent racism. She does not notice it, or chooses to say she doesn't, but Siz and I can tell from the way she treats her maid. You would think a progressive someone in a progressive institute of higher learning would not have the hang-ups of other white suburbanites, but nope. She tells Siz and me 'I Love everyone'. She always gives money to begging white alcoholics holding placards at the traffic lights reading: 'Four children, all unemployed because of BEE; wife dead; farm taken by Mugabe's government,' but she treats simple, hard-working, poor, black folk with suspicion. I recall one time a pair of her shoes went missing and she was on the brink of firing Rosie when she found them on the back seat of her car. You would think, of course, that since MaRosie is so good with her children she would respect her as an equal, but sadly no ... and this bothers me..³⁸⁸ (WANNER, 2006, p.12).

Entretanto, quando Thandi pensa sobre a relação tão próxima que Lauren tem com a mãe de Siz, que também é negra, mas rica e bem sucedida, ela passa a se questionar se o comportamento de Lauren com MaRosie se trataria exclusivamente de racismo ou se haveria em Lauren preconceitos em relação à empregada que são de classe. No esforço para tentar entender o comportamento de Lauren com MaRosie, Thandi acredita também que ele possa ser fruto da própria insegurança Lauren, uma forma de autoafirmação sobre a outra.

I have often thought that maybe Lauren treats MaRosie the way she does so that she can feel good about herself. 'I am white. I have a good job. I PAY you. Get it together,' seems to be her attitude. But when I see the relationship that Lauren has with Ma, I wonder whether she really is a racist, or whether I am just racially sensitive. Maybe she is just 'classist'?³⁸⁹ (WANNER, 2006, p.13).

É sabido que durante muitas décadas o trabalho doméstico na casa das famílias brancas foi a única alternativa oferecida às mulheres negras que precisavam ganhar seu sustento e dos filhos nas cidades. MaRosie faz parte desta geração que não teve outra opção.

³⁸⁸ Tradução: "Mas ... Lauren tem um grande defeito, e é seu racismo inerente. Ela não percebe, ou escolhe não perceber, mas Siz e eu podemos falar isso pelo modo como ela trata sua empregada. Você poderia achar que alguém progressista em uma instituição progressista de ensino superior não teria as limitações de outras suburbanidades brancas, mas não. Ela diz para mim e para Siz 'Eu amo todo mundo'. Ela sempre dá dinheiro aos alcoólatras pedintes brancos que seguram cartazes nos semáforos, dizendo: 'Quatro filhos, totalmente desempregado por causa do BEE; esposa morta; fazenda tomada pelo governo de Mugabe', mas ela trata pessoas simples, trabalhadoras, pobres e negras com suspeita. Eu lembro uma vez que sumiu um de seus pares de sapato e ela estava ponto de demitir MaRosie quando os encontrou no banco de trás do carro. Você poderia achar, é claro, que uma vez que MaRosie é muito boa para seus filhos que ela a respeitaria como uma igual, mas tristemente não ... e isto me incomoda." (WANNER, 2006, p.12).

³⁸⁹ Tradução: "Eu frequentemente penso que talvez Lauren trate MaRosie como ela o faz para que se sinta bem consigo mesma. 'Eu sou branca. Eu tenho um bom trabalho. Eu PAGO você. Ponha isso tudo junto', parece ser sua atitude. Mas quando eu vejo a relação entre Lauren e Ma [A mãe Siz], eu me pergunto se ela é mesmo racista, ou se sou eu que sou racialmente sensível. Talvez ela seja somente 'classista'?" (WANNER, 2006, p.13).

Por isso, só podemos interpretar sua atitude submissa dentro de esferas mais amplas, atentando para as macroestruturas sociais que sempre regularam a distribuição de poder e recursos na sociedade sul-africana.

No decorrer da narrativa, é Lauren quem irá mudar no modo de se relacionar com MaRosie. Não há, na história, qualquer indício de que esta mulher negra, religiosa, de idade avançada fará algum movimento em direção a sua própria emancipação e/ou em busca de uma relação de trabalho mais justa e menos exploradora. MaRosie parece somente retribuir o tratamento mais gentil, justo e humano que Lauren começa a dispensar a ela, o que aconteceu somente após Thandi ter-lhe escrito, com franqueza, sobre como se sentia em relação ao tratamento que Lauren dispensava à MaRosie. MaRosie, então, parece se tornar ainda mais fiel e afetiva com a patroa e seus filhos.

Já a relação entre Nosizwe e Pertunia representa o segundo tipo de relação patroa/empregada na obra, comum não só na África do Sul, mas que já foi também bastante popular no Brasil, quero crer, no passado. Esta relação está sutilmente sugerida no próprio trecho citado acima, explicitada na reação da narradora Thandile à afirmação de Lauren de que MaRosie faria ‘parte da família’. No questionamento de Thandi colocado entre parênteses, há a sugestão de que a possibilidade de uma empregada ‘fazer parte da família’ para quem trabalha seria passível de existência se houvesse um parentesco distante entre patroa e empregada, sendo que, neste caso, as condições sociais e econômicas da parenta-empregada seriam muito inferiores às daquelas da parenta-patroa, e, por sua vez, haveria como que certa atitude de benevolência da patroa-parenta em relação à empregada-parenta.

A ideia de que *se faz um favor* ao contratar o trabalho de alguém mascara, na maioria das vezes, uma relação de exploração. Todavia, o mais importante é procurar compreender os modos pelos quais a patroa e empregada definem sua situação, suas tipificações de si mesmas e da outra e as regras que definem como a realidade da interação via trabalho doméstico se constitui e, portanto, será experienciada. No caso de Siz e Pertunia, parece ter havido um desencontro entre a expectativa de Siz e as atitudes de Pertunia.

Thandi introduz a relação entre Nosizwe e Pertunia, a partir da interpretação da contratação de Pertunia como um ato de generosidade da amiga.

With her warm and giving nature, Siz recently made a gesture that is typically her by going home _ ‘home’ to me an her being anywhere in the Eastern Cape — and taking some distant cousin from Zwelitsha, with no livelihood and three children, to come and live with her and help take care of her stepsons. Siz has actually taken time to enrol this distant cousin, Pertunia, in weekly sewing classes which she pays for. She drops Pertunia off and picks her up again on Saturdays, while she spends

the day with the step-children whose existence she detests – a true sacrifice. Considering that Sisi Pertunia is a very distant relative – a relation by clan name only – this is really big of Siz.³⁹⁰ (WANNER, 2006, p.6).

A atitude benevolente de Siz, que traz Pertunia para fazer o trabalho doméstico e servir de babá para os enteados os quais odeia, carrega consigo a ambiguidade de qualquer relação trabalhista atravessada por desigualdades de poder que aí estão implicadas e pode facilmente gerar não ‘reconhecimento’ e/ou ‘gratidão’ da parte da parenta-empregada, mas sentimentos negativos, tais como inveja, ressentimento e rivalidade. Servindo quase que como um presságio do que virá acontecer no decorrer da narrativa, uma possível traição de Pertunia será explicitamente sugerida pela mãe de Nosizwe ao tomar conhecimento de que a filha empregara uma parenta *negra*:

... even her mother, ‘Mother Negativity’, told her she was going to regret it, because ‘darkies always bite the hand that feeds them’. Nosizwe responded that so long as those darkies’ stomachs were full, she was happy. (But she said it to me – saying it to her mother would result in one of those meaningless curses that affect one’s psyche so much that any time anything goes wrong you assume it is because of the curse.³⁹¹ (WANNER, 2006, p.6).

A relação entre Siz e Pertunia parece ter se colocado a partir de um sentimento de *sororidade* da parte de Siz, uma vez que sua motivação, ao contratar uma parenta necessitada, tinha um duplo objetivo, ser ajudada e **ajudar**, dado que ela poderia ter contratado qualquer outra pessoa para o serviço. Mas Siz escolhe uma mulher negra e pobre para trabalhar em sua casa. Sua solidariedade pode ser compreendida como tendo origem em uma identificação de natureza dupla com Pertunia, uma identificação a partir das dimensões de gênero e de raça, como mencionei acima.

Mas, se, de um lado, temos a solidariedade de uma mulher negra para com outra, por outro lado, a reação de sua mãe, MaNdlovu, à contratação da parenta negra demonstra as instabilidades dos processos de identificação de grupo social que talvez pudessem servir como

³⁹⁰ Tradução: “Com sua natureza acolhedora e generosa, Siz fez recentemente um gesto que é tipicamente dela ao ir para casa – ‘casa’ para ela e para mim sendo qualquer lugar no Cabo Ocidental – e trazer de Zwelitsha uma prima distante, sem meios de subsistência e três filhos, para vir e morar com ela e ajudar a tomar conta de seus enteados. Siz até dedicou seu tempo a matricular esta prima distante, Pertunia, em aulas semanais de costura as quais ela própria paga. Ela leva Pertunia lá e a pega de volta aos sábados, enquanto ela passa o dia com seus filhastros cuja existência ela detesta – um verdadeiro sacrifício. Considerando que Sissi Pertunia é uma parenta muito distante – uma relação unicamente pelo nome do clã – isto é muito grandioso da parte de Siz.” (WANNER, 2006, p.6).

³⁹¹ Tradução: “... até sua mãe, ‘Mãe Negatividade’, disse para ela que ela iria se arrepender daquilo, porque ‘os negrinhos sempre mordem a mão que os alimenta’. Nosizwe respondeu que desde que os estômagos negrinhos estivessem cheios, ela ficaria feliz. (Mas ela disse isso para mim – dizer para sua mãe resultaria em uma daquelas maldições sem sentido que afetam a psique de qualquer um de modo que qualquer coisa que dê errado você supõe que é por causa da maldição.)” (WANNER, 2006, p.6).

base para o desenvolvimento de práticas sociais e culturais, em nível pessoal e cotidiano, que ajudassem na construção, por exemplo, da sociedade sul-africana que foi idealmente concebida no projeto constitucional da chamada *rainbow nation*.

Parodiando Simone de Beauvoir, vemos que não basta ser mulher e ser negra para que haja um sentimento de identificação e empatia entre mulheres negras. Ma revela, através de seu comentário, um racismo internalizado resultado da exposição secular a representações e discursos difamatórios e inferiorizantes em relação aos negros criados e disseminados pela supremacia branca. Podemos imaginar que o racismo instituído na sociedade sul-africana de modo brutal e a ascensão social e financeira de MaNdlovu tenham criado nela uma dupla consciência³⁹². Ma é negra, mas é rica e assim se divide em interpretar a si mesma, aos outros e ao mundo social, através dos discursos raciais hegemônicos aprendidos.

Ma é, assim, uma personagem contraditória. Ao mesmo tempo em que é racista em relação à Pertunia, faz questão de preservar as tradições e histórias de sua cultura africana e de transmiti-las ao filho de Thandi e Mandla. E mais estranho ainda, é o fato de ela, juntamente com Lauren, idolatrar obsessivamente a família real britânica e tudo que lhe diz respeito a ponto de Siz e Thandi as definirem zombeteiramente como OBE's, *Odious Babies of Empire*³⁹³ (WANNER, 2006, p.14).

Esta caracterização é só um dos exemplos que demonstra que Zukiswa Wanner não tem nenhuma pretensão de construir personagens negras homogeneamente idealizadas. Ao contrário, opta por retratá-las na complexidade de suas subjetividades.

É também ao imbricar constantemente a manifestação e os efeitos das dimensões de gênero e raça na construção das identidades e subjetividades dos sujeitos representados que Zukiswa Wanner consegue construir personagens mais humanizadas, demonstrando que o fato de pertencerem a esta ou àquela raça, a este ou àquele gênero, a uma ou outra classe social e, finalmente, terem esta ou aquela inclinação sexual, isto não precisa torná-las estereótipos ou representá-las como sujeitos idealizados livres de contradição ou imunes às influências dos discursos ideológicos hegemônicos relacionados à raça, gênero, classe, sexualidade, entre outros, que circulam na sociedade sul-africana.

O último e mais importante tipo de relação entre patroa e empregada presente em *The Madams* é a relação entre Thandi, a narradora, e Marita. E é através da desconstrução do padrão racial sul-africano da configuração da relação *Maid/Madam* que Zukiswa Wanner vai

³⁹² Dupla consciência é o conceito introduzido, em 1903, por William Edward Burghardt Du Bois, em *The Souls of the Black Folks*, para falar das pessoas afro-americanas e que consiste na ideia do sujeito subalterno se olhar sempre através dos olhos dos outros.

³⁹³ Tradução: "Filhas Odiosas do Império". (WANNER, 2006, p. 14).

interpelar a sociedade contemporânea sul-africana e os discursos que visam construir a imagem da África do Sul como um país democrático e não mais racial e/ou racista.

É por Thandile sentir-se cansada e estressada por acumular as funções de mãe, esposa, amante e profissional que decide contratar uma empregada, após ter resistido à ideia durante muito tempo. Entretanto, sendo uma mulher negra sul-africana e consciente da exploração a que há muito as mulheres negras sul-africanas vêm sendo submetidas, se recusa a contratar uma ‘sister’ e decide que irá contratar uma empregada *branca*, com a certeza de que isso causará não só surpresa, mas poderá servir para desmascarar o racismo disfarçado de Lauren. Thandi como Siz revela preocupações com relação a ser solidária com outras mulheres negras, como demonstra a passagem a seguir:

In spite of my wish to assist in the reduction of unemployment, I am not going to hire a black woman. This is not so much because I do not believe in ‘sister power’, but because I have a short fuse. Should I bring my office personality home, I would feel less guilty lashing out at a white person than a black person. **Racist, you want to call me. I probably am, but there is one in all of us. If you are going to be honest, how many times have you, in the comfort of your own race, made a generalized statement about someone of another race when they have failed to meet your exacting standards?**

So I’m going to be honest and tell you that I simply do not have it in me to insult a ‘sister’ in my home and I do not have the patience to give criticism in a sensitive way, as our culture requires.³⁹⁴ (WANNER, 2006, p.xiii. Negritos meus).

Nesta passagem, chamou minha atenção a introdução de Wanner ao tema do ‘racismo às avessas’ ou racismo ‘invertido’ ou ‘reverso’, como costuma ser chamado. Em primeiro lugar, porque pela própria explicação da personagem podemos concluir que não se trata de um *racismo* de Thandi, mas simplesmente de um *preconceito* em relação às mulheres brancas que para ela não são tão boas com o trabalho doméstico. Preconceito e racismo são fenômenos diferentes. O julgamento de uma pessoa baseado em seu pertencimento a determinado grupo social se constitui em um preconceito. O racismo se refere a ações, práticas, crenças e sistemas institucionais e políticos que consideram diferentes raças como superiores ou inferiores umas em relação às outras. O que me parece, no entanto, mais

³⁹⁴ Tradução: “Apesar do meu desejo de ajudar na redução do desemprego, não vou contratar uma mulher negra. Isso não é tanto porque eu não acredito em “poder de irmã”, mas porque eu tenho um pavio curto. Se eu trouxesse minha personalidade de escritório para casa, eu me sentiria menos culpada atacando uma pessoa branca do que uma pessoa negra. **Você quer me chamar de racista. Eu provavelmente sou, mas há uma em todos nós. Se você for honesta, quantas vezes você, no conforto de sua própria raça, fez uma declaração generalizada sobre alguém de outra raça, quando eles não conseguiram cumprir teus padrões de exigência?**

Então, vou ser honesta e dizer-lhe que simplesmente não tenho cara de insultar uma ‘irmã’ em minha casa e eu não tenho paciência para fazer críticas de uma forma sensível, como a nossa cultura exige.” (WANNER, 2006, p.xiii. Negritos meus).

importante nesta caracterização de Thandi é sua autoconfiança em admitir suas preferências, mesmo que isso tenha a ver com as questões raciais, assunto que costuma exigir prudência na sociedade sul-africana ‘democrática’. A protagonista reconhece isso como um direito seu.

Para ocupar o cargo, Thandi contrata, então, Marita, uma moça africâner que conhecera em um centro de passagem para mulheres ex-presidiárias. Ela tem o requisito básico que Thandi deseja: é branca. Mas essa não será a única caracterização de Marita com a intenção de surpreender o público leitor. Marita tem também uma história incomum.

Marita's story is a sad one. She's from one of those few Afrikaner families who failed to take advantage of apartheid's provisions; a girl who grew up in a caravan park with her ma, pa, oupa and ouma, four brothers and three sisters. She felt privileged when some biker boy from Johannesburg came by, swept her off her feet and whisked her away at full throttle to what she thought would be a great adventure in Joburg.

Alas, they had different expectations. He had hoped to get a *mevrouw* to install in his rundown Hillbrow studio flat who would love, obey, honour and constantly get him money for alcohol through the oldest trade known to womankind while doing his washing and cooking his food in her non-business hours. But that wasn't all. This oke started beating on her every time she didn't make as much cash as he expected. One day, when his Boere ancestors were evidently not with him, Marita got fed up with been beaten, took the revolver he used to threaten her with, and blew his brains out.³⁹⁵ (WANNER, 20006, p. 25-26).

A história da moça africâner difere muito do esperado por se tratar de uma moça branca sul-africana **pobre**, se levamos em consideração a ideia do privilégio dos brancos sobre os negros na história da África do Sul. Wanner constrói não uma, mas duas personagens femininas africâneres brancas, pobres: Lauren, em sua infância, e Marita. Entretanto, as semelhanças param por aqui. Diante da experiência de violência doméstica que ambas experimentam, por exemplo, elas reagirão de modos muito diferentes: Marita, resolvendo de modo independente sua situação, Lauren tendo precisado da intervenção de Thandi e Siz para se livrar da sua.

³⁹⁵ Tradução: “A história de Marita é uma história triste. Ela é de uma daquelas poucas famílias africâneres que fracassaram em tirar proveito das vantagens do apartheid; uma menina que cresceu em uma caravana com sua mãe, pai, avô e avó, quatro irmãos e três irmãs. Ela se sentiu privilegiada quando um motociclista de Johannesburg apareceu, arrancou-a do chão e levou-a para longe a todo vapor para o que ela achava que seria uma grande aventura em Joburg.

Ai, eles tinham diferentes expectativas. Ele tinha a esperança de ter adquirido uma *mevrouw*³⁹⁵ para instalar no seu estúdio em Hillbrow que amaria, obedeceria, honraria e constantemente obter-lhe-ia dinheiro para a bebida através da mais antiga profissão conhecida para as mulheres enquanto lavaria sua roupa e cozinharia sua comida em suas horas de folga. Mas isso não era tudo. Este *oke* começou a bater nela toda vez que ela não trazia tanto dinheiro quanto ele esperava. Um dia, quando seus antepassados bôeres, evidentemente, não estavam com ele, Marita se encheu de ser espancada, pegou o revólver que ele usava para ameaçá-la, e estourou seus miolos.” (WANNER, 2006, p. 25-26).

Marita nos surpreende porque é uma ‘assassina’. Matar não é a reação que as mulheres costumam ter quando sofrem abuso por parte de seus companheiros. ‘Matar’ é mais frequentemente associado aos homens. É muito mais comum um homem matar uma mulher do que uma mulher matar um homem. Marita, entretanto, agira em legítima defesa, mas, mergulhada no modelo patriarcal da África do Sul do apartheid, pegara prisão perpétua, antes que a nova ordem nacional (pós-apartheid) revisasse sua pena. Marita reagiu à situação de violência de um modo drástico, radical e fica evidente no texto que Thandi a admira por isto: “She is funny, seems quite intelligent, and from my few conversations with her **she is ‘right on’ in her approach to life.**”³⁹⁶ (WANNER, 2006, p.23. Negritos meus).

Há uma identificação de Thandi com Marita que passa por sua **in**submissão. Essas duas mulheres, diferentes entre si, tanto racialmente como em relação à classe social a que pertencem, têm em comum não aceitarem ser subjugadas pelos discursos e práticas sociais que as inferiorizam e as querem privar de viver em pé de igualdade com os homens. Já quase ao final da narrativa, Thandi também reagirá drasticamente à traição de Mandla, recusando-se a aceitar o duplo padrão moral. As atitudes de Thandi e Marita visam não se conformarem às determinações machistas da sociedade sul-africana e provam que estão dispostas a assumir as consequências resultantes de seus atos para que a sociedade possa se transformar. São, neste sentido, as heroínas subalternas sul-africanas pós-apartheid.

Inicialmente, Thandi supõe que Marita talvez se incomode por trabalhar para uma mulher negra. Mas ao perguntar à moça se não teria problemas com as pessoas se referindo a ela como “*a maid for kaffirs*”³⁹⁷, Marita a surpreende mais uma vez:

‘Sorry madam, please don’t use words like that around me, *ne?*’ It was obvious she was being genuine. ‘The only people who have been really good to me are black people. I even voted for the ANC in the last election and would have done the same in the last two elections if I hadn’t been in prison.’³⁹⁸ (WANNER, 2006, p.28).

A autenticidade da identificação da garota africâner com os negros poderá ainda ser constatada por Thandi em mais de uma ocasião como, por exemplo, na passagem em que a

³⁹⁶ Tradução: “Ela é engraçada, parece bem inteligente, e das poucas conversas que tive com ela, **ela está ‘certa’ em seu jeito de encarar a vida**” (WANNER, 2006, p.23).

³⁹⁷ Tradução: “uma empregada para pretos”, onde o termo ‘pretos’ deveria ter uma conotação pejorativa em português também. Entretanto, para os movimentos negros, o termo ‘preto’ já foi resignificado, tendo ganhado uma conotação mais politicamente empoderadora, o que não é o caso com o termo ‘*kaffir*’ na África do Sul, significando uma injúria étnica ofensiva. Por isso optei por deixar no texto a frase em inglês.

³⁹⁸ Tradução: “Desculpe madame, por favor não use palavras como estas perto de mim, né?” Era óbvio que ela estava sendo genuína. ‘As únicas pessoas que têm sido realmente boas para mim são as pessoas negras. Eu até votei no ANC na última eleição e teria feito o mesmo nas últimas duas eleições se eu não estivesse na prisão.’” (WANNER, 2006, p.28).

‘patroa’ volta inesperadamente para casa, já considerando talvez em despedi-la porque havia se decepcionado com sua falta de prática para as tarefas domésticas:

It turns out Marita’s relocation from my house wasn’t to be. She must not have heard my car in the driveway because as I walked in, one of my James Brown albums was blasting from the stereo and Marita was holding the mop like a mike, dancing as only a white girl who’s been around black people in prison can, and singing loudly: ‘Say it LOUD: I am BLACK and I am PROUD!’³⁹⁹ (WANNER, 2006, p.46).

Será a partir deste momento que a relação entre patroa e empregada ganhará contornos menos convencionais, com uma aproximação maior entre elas:

‘Not to worry, I’m just here to pick up my laptop,’ I answered, there and then deciding there was no way I could fire a white Afrikaans girl who sang ‘I’m black and I’m proud’. Marita would stay. If only for comic relief.
As I was leaving I had a thought. ‘Marita?’
‘Yes madam?’ she answered, head held low.
‘No need to keep calling me madam, you are part of the family now, you can call me MaHintsas, like MaRosie and everyone else does.’⁴⁰⁰ (WANNER, 2006, p.46).

Thandi irá gradualmente, no decorrer da história, tendo que rever também muito de suas pré-concepções como, por exemplo, que Marita não parece fazer qualquer distinção entre as pessoas baseada no grupo racial ao qual elas pertencem. Marita não se considera superior à Thandile por ser branca, atitude histórica na sociedade sul-africana. Muito pelo contrário. Ao ter se endereçado à Thandi como ‘*madam*’, Marita tomara a classe social como referente daquilo que a fazia *diferente* da mulher que a estava contratando e não o fato dela ser negra. Thandile, por sua vez, ao ter se surpreendido com o tratamento, estava ainda tomando a diferença racial como o referente determinante das posições sociais que ambas ocupavam.

Ao ter tomado conhecimento da proposta de trabalho, ficando extremamente agradecida, Marita exclamara: “Really? I can come and stay with you? Oh thank you so

³⁹⁹ Tradução: “Acontece que a saída de Marita da minha casa não era para ser. Ela não deve ter ouvido meu carro na garagem porque, quando entrei, um de meus álbuns de James Brown estava estourando no aparelho de som e Marita estava segurando o esfregão como um microfone, dançando como somente uma garota branca que esteve com pessoas negras na prisão poderia, e cantando em voz alta: “Diga alto: sou NEGRO e tenho ORGULHO” (WANNER, 2006, p.46).

⁴⁰⁰ Tradução: ““Não se preocupe, estou aqui apenas para pegar meu laptop”, eu respondi, decidindo aqui e agora que de jeito algum eu poderia demitir uma garota branca africâner que canta “Sou negro e tenho orgulho”. Marita ficaria. Nem que fosse só para ser um alívio cômico.

Quando eu estava saindo, me ocorreu um pensamento. ‘Marita?’

‘Sim, madame?’ ela respondeu, com a cabeça baixa.

‘Não precisa continuar me chamando de madame, você é parte da família agora, pode me chamar de MaHintsas, como MaRosie e todo mundo.’ (WANNER, 2006, p.46).

much, madam. Thank you, thank you.’⁴⁰¹ (WANNER, 2006, p.27). E a reação que Thandi teve em seguida demonstra claramente o quanto aquela situação tinha de improvável, beirando quase uma ‘ilogicidade’ no contexto da sociedade sul-africana:

*She had called me madam! The only people who call me ‘madam’ are Mandla’s friends and they say it in a denigrating way. I thought, ‘I like this girl. Yeah. I could definitely work with her!’*⁴⁰² (Wanner, 2006, p.27).

Mas Marita oferece ainda mais uma prova irrefutável de que está muito longe de ser uma pessoa racista quando apresenta à Thandi e à MaRosie e ao resto do círculo de amigas sua namorada *negra*: “slender, dark, beautiful and very feminine”⁴⁰³ (WANNER, 2006, p.156): “Marita had told me she was educated, and had had a good job before incarceration, but for some reason I expected some ‘Just-arrived-from-Nongoma’⁴⁰⁴ type chick. Not this classy dame.”⁴⁰⁵ (WANNER, 2016, p.156). Há na observação de Thandi um claro preconceito não só em relação à origem social de Maria, mas também em relação à sua identidade de gênero. Thandi não se surpreende com a escolha sexual de Marita, mas sim com a ‘feminilidade’ de Maria como se todas as mulheres lésbicas tivessem que se comportar de forma masculinizada, conforme o estereótipo.

É, portanto, a partir da relação entre Thandile e Marita que a questão racial será mais fortemente marcada no romance de Wanner. É através da criação da relação entre uma patroa negra e uma empregada branca que a autora procurará desconstruir uma série de ideias acerca do que é ser negro(a) ou branco(a) na nova África do Sul. Entretanto, a problemática da questão racial em *The Madams* está o tempo todo colocada também na relação de amizade entre as três personagens principais, Thandile, Noziswe e Lauren.

Se no caso da relação entre Thandile e Marita tínhamos duas mulheres diferentes em termos raciais e de classe social, só unidas pelo gênero, no caso das três amigas, elas são racialmente *diferentes*, mas se igualam pela posição social que ocupam de mulheres de classe média alta.

⁴⁰¹ Tradução: “Mesmo? Posso ir e ficar com você? Oh, muito obrigada, madame. Obrigada, obrigada. (WANNER, 2006, p.27).

⁴⁰² Tradução: “*Ela me chamou de madame!* As únicas pessoas que me chamam de madame são os amigos de Mandla e eles usam isso de um modo ofensivo. Eu pensei, ‘Eu gosto dessa garota. Sim. Eu poderia definitivamente trabalhar com ela!’ (WANNER, 2006, p.27).

⁴⁰³ Tradução: “esbelta, **negra**, bonita e muito feminina.” (WANNER, 2006, p.156).

⁴⁰⁴ Nongoma é uma cidade em Zululand, KwaZulu-Natal, África do Sul. Situa-se a 300 km ao norte de Durban e é cercada pela floresta de Ngome. Ver: <https://en.wikipedia.org/wiki/Nongoma>.

⁴⁰⁵ Tradução: “Marita tinha me dito que ela [Maria, a namorada] era educada, e tinha tido um bom trabalho antes de ser presa, mas por alguma razão eu esperava um tipo de garota ‘Acabei de chegar de Nongoma’. Não esta dama elegante.” (WANNER, 2006, p.156).

Thandile, a protagonista, é uma profissional bem sucedida na área de turismo. Noziswe possui um cargo executivo em uma multinacional francesa em Johannesburgo. E Lauren é uma professora de inglês na Universidade de Witwatersrand, debruçada sobre seu doutorado. Suas histórias individuais subvertem o que é visto como praxe no contexto da coletividade sul-africana. A amiga negra, Nosizwe, tivera uma infância rica: “Siz, as I call her, is one of those few black South African pre-independence children who were born with beaded silver spoons in their mouths”⁴⁰⁶ (WANNER, 2006, p.1) e Lauren, a amiga branca tivera uma infância pobre: “If Nosizwe was born with a beaded silver spoon, Lauren was born with a wooden one.”⁴⁰⁷ (WANNER, 2006, p.9). Thandi, entretanto, nascera a meio termo, “I am neither silver-spoon nor wooden-spoon born, but an average South African.”⁴⁰⁸. As três se encontram no espaço classe média alta do condomínio em que habitam.

Lauren é africâner, portanto, branca. Siz pertence à etnia Xhosa, como nos conta Thandi: “Although she was not blessed with the prettiest Xhosa face, she is one of the few who does not possess the Xhosa passport _ otherwise known to all as the humongous butt.”⁴⁰⁹ (WANNER, 2006, p.1). Thandile, por sua vez, conta que é filha de pai e mãe classificados como ‘*coloureds*’, “(whatever colour that is) during the apartheid era, and even today in South Africa’s post-apartheid days.”⁴¹⁰ (WANNER, 2006, p.15). Ambos eram ativistas políticos do Congresso Nacional Africano (ANC), filiação que surpreende Thandi porque, para ela, pelo menos seu pai, com toda sua gana em relação aos brancos e por agir “blacker than the blackest”⁴¹¹ (WANNER, 2006, p.16), poderia ter se identificado mais com o Congresso Pan-Africanista⁴¹² (PAC). Do lado do pai, Thandi tem um avô escocês, mas ela se recusa a valorizar esta ancestralidade branca. Conforme informa, o pai, que sempre preferiu ressaltar as heranças culturais de sua mãe africana, instilara nela uma identificação radical com os valores negros. Da parte da mãe, Thandile tivera também um avô branco, inglês, que depois de namorar sua avó, partiu prometendo-lhe voltar, mas o que nunca aconteceu, como era de se esperar segundo a narradora.

⁴⁰⁶ Tradução: “Siz, como eu a chama, é uma das poucas crianças negras sul-africanas pré-independência que nasceram com a colher de prata entalhada na boca.” (WANNER, 2006, p.1).

⁴⁰⁷ Tradução: “Se Nosizwe nasceu com a colher de prata entalhada, Lauren nasceu com a de pau.” (WANNER, 2006, p.9).

⁴⁰⁸ Tradução: “nem com a colher de prata, nem com a colher de pau, mas uma sul-africana média.” (WANNER, 2006, p.15).

⁴⁰⁹ Tradução: “Embora não tenha sido abençoada com o mais bonito dos rostos Xhosa, ela é uma das poucas que não possui o passaporte Xhosa – conhecido, de outra forma, por todos como a enorme bunda (WANNER, 2006, p.1).

⁴¹⁰ Tradução: “(o que quer que seja esta cor) durante o apartheid, e mesmo hoje nos dias pós-apartheid da África do Sul.” (WANNER, 2006, p.15).

⁴¹¹ Tradução: “como mais negro que o mais negro”. (WANNER, 2006, p.16).

⁴¹² Pan-Africanist Congress (PAC).

É assim que sabemos que Thandi teve ao seu dispor como opção identificar-se como ‘*coloured*’, termo que ela, como muitos sul-africanos abominam. A auto-identificação como negra foi antes determinada por uma escolha político-afetiva, como ela explica:

Those who know me refer to me as black, because that is what I am. But many who do not know me refer to me, maybe due to my caramel complexion and none-to-fro Afro, as coloured. I honestly hate the term and I recall getting into a bit of conflict with another so-called coloured who told me I did not have pride in my heritage. Now with all due respect, I cannot very well celebrate my European ancestors who never loved enough to acknowledge their offspring. My Africa ancestors, on the other hand, have always loved unstintingly and supported unconditionally, so why celebrate those who did not love? Besides, anyone who has travelled knows if ‘you got a drop of black blood, you’re just a nigger and you suffers from the same prejudices and mistreatment all the other niggers be getting’.⁴¹³ (WANNER, 2006, p.20).

Mas é somente no trecho que se segue a este que ficamos sabendo que Thandi considera que seu apego à ancestralidade negra possa ser também uma maneira de compensar o que em inglês poderíamos chamar de sua “*inbetweeness*”, ou seja, a sensação que as pessoas mestiças sempre tiveram de ‘estar entre’, de não ser uma coisa, nem outra em termos raciais, nem negra, nem branca, como já comentei anteriormente. Considerar-se negra seria, segundo ela, seus esforços em ‘se encaixar’: “But maybe Siz is right. Maybe sometimes I tend to overcompensate in order to fit in, just as other ‘bi-racial’ (as the Brits like to call us) children tend to do in order to be welcome by our darker kinsfolk.”⁴¹⁴ (WANNER, 2006, p.20).

Desse modo, Thandi tem a consciência de que *ser negra* para ela é uma escolha que ela faz questão de reforçar cotidianamente através de suas falas e de suas ações. Como na música de James Brown, *she is BLACK and PROUD*.

O romance de Zukiswa Wanner reitera, assim, a ideia de que raça é muito mais um construto social, uma construção discursiva político-social, do que qualquer determinação que a genética poderia justificar. Se as pessoas até podem, como costumeiramente acontece, ser agrupadas em raças com base em seus traços físicos e/ou pelas ancestralidades que carregam,

⁴¹³ Tradução: “Aqueles que me conhecem se referem a mim como negra, porque é isto que eu sou. Mas muitos que não me conhecem se referem a mim, talvez pela minha compleição caramelo e nem tão afro, como ‘coloured’. Eu honestamente odeio o termo e me recorro de entrar em um tipo de conflito com outra pessoa considerada ‘coloured’ que me disse que eu não me orgulhava de minha herança. Agora, com todo respeito, eu posso muito bem não celebrar meus ancestrais europeus que nunca amaram o suficiente para reconhecerem seus descendentes. Meus ancestrais africanos, ao contrário, sempre amaram generosamente e apoiaram incondicionalmente, então por que celebrar aqueles que não amaram? Além disso, qualquer um que viajou sabe que se ‘você tem um gota de sangue negro, você é só um negro e você sofre dos mesmos preconceitos e maus tratos que todos os outros negros estão sofrendo’” (WANNER, 2006, p.20).

⁴¹⁴ Tradução: “Mas talvez Siz esteja certa. Talvez algumas vezes eu tenha uma tendência a super compensar para me encaixar, do mesmo modo como outras crianças birraciais (como os britânicos nos chamam) tendem a fazer para serem bem vindos por seus parentes mais escuros.” (WANNER, 2006, p.20).

isto jamais justifica o fato de terem tais características compreendidas como sendo a *causa* de suas diferenças culturais ou de serem consideradas superiores ou inferiores dependendo do grupo a que são alocadas.

O conceito de raça serviu aos discursos dos colonizadores para justificar a imposição de uma hierarquização racial com a supremacia branca e dominação dos povos não brancos, conseguida a partir da disseminação de racismos. Na África do Sul, como no Brasil e nos Estados Unidos, a ‘raça’ a que alguém pertence tem consequências enormes em termos sociais, políticos e econômicos para a vida das pessoas. Durante o apartheid, o racismo tornou-se política pública e deixou amargas desigualdades sociais entre os diferentes grupos raciais e étnicos que constituem sua população.

The Madams, apesar do tom leve e jocoso, não deixa de denunciar as consequências de tantos anos de segregação racial para a sociedade sul-africana atual. A autodeclaração como negra de Thandi tem a clara intenção de revelar a índole performática de raça, e abre espaço na obra para que se constate a natureza fluída, tanto de raça como de identidade racial, continuamente cambiante. A narrativa mostra ainda como a experiência e o tempo podem trazer mudanças no modo como os indivíduos se veem como pertencentes a este ou àquele grupo racial e aos outros.

Marita, depois de ter convivido na prisão com pessoas negras e de ter sido bem acolhida por elas, escolhe se aproximar mais e mais da cultura negra. Ela se dispõe a conhecer a história da população negra e de sua luta histórica pela liberdade:

A testament to our nation's mentality, I was rather surprised to see a white woman, maid or not, who wanted to spend a whole month's holiday in Soweto so I asked her, 'Soweto's a bit of a surprise though?'

'My,um Mary used to say when we were in prison that black people know so much about us but we don't seem to want to really know about them, and we can never truly reconcile if we do not meet them halfway. I thought I would try to get to know what *loxion*⁴¹⁵ life is like.'⁴¹⁶ (WANNER, 2006, p. 140).

Lauren também é outra mulher branca que revê os modos de olhar para as pessoas de outros grupos étnicos e raciais. É a amizade com Siz e Thandi que vai proporcionar a ela

⁴¹⁵ Loxion = (*pron.* \lock-shion\): uma gíria das townships que significa ‘a township’, do inglês, ‘local’. Ver: <https://banananewslines.wordpress.com/about/a-handly-guide-to-speaking-south-african/>.

⁴¹⁶ Tradução: “Um testemunho da mentalidade de nossa nação, fiquei bastante surpresa ao ver uma mulher branca, empregada ou não, que queria passar um mês inteiro de férias em Soweto, então eu perguntei: ‘Soweto é um pouco surpreendente?’

“Minha, um ... Mary costumava dizer quando estávamos na prisão que os negros sabem muito sobre nós, mas nós não parecemos querer realmente saber sobre eles, e nós nunca podemos verdadeiramente nos reconciliarmos se não nos encontrarmos com eles a meio caminho. Pensei em tentar saber como é a vida no *loxion*.” (WANNER, 2006, p. 140).

experiências que vão resultar na transformação de seu modo de enxergar o mundo. Se, no início da narrativa, ela considera que Siz e Thandi são “exceções” entre as pessoas negras (WANNER, 2006, p.xiii), ao final da mesma, ela já namora um indiano e, ao comparecer ao ritual tradicional do funeral do pai de Siz, já está bem mais à vontade para inclusive arriscar falar a língua da família de Siz.

When Lauren arrived she drew much amusement every time she tried to speak isiXhosa, and admiration from the elders for donning a doek and kneeling to serve the elderly, _ often in the correct cultural order. Having black friends was certainly paying off.

‘What are you compliment her for?’ Ma chided. ‘Don’t you know I taught all my children, including the white one, well? No one attends MaNdlovu’s School and comes out short changed..⁴¹⁷ (WANNER, 2006, p.146).

Se as questões raciais na sociedade sul-africana contemporânea são ainda cruciais para definirem e constituírem os sujeitos não só em suas dimensões sociais e culturais, mas também nas suas dimensões mais subjetivas, outros aspectos igualmente importantes se somam para constituir a complexidade da construção das identidades locais. Com a certeza de que as leituras possíveis em relação às questões raciais e de classe que a obra de Wanner mobiliza não se esgotam aqui, passo a seguir focalizar as questões de gênero que a autora destaca no romance, não sem antes comentar brevemente a questão da construção das identidades das mulheres negras sul-africanas no entrecruzamento das culturas africana e ocidental.

Dos dois romances analisados, *The Madams* é aquele que traz as questões raciais, de gênero e de classe mais explicitamente colocadas, conforme o gênero popular não só permite como, de certa forma, exige, conforme Spencer nos ensinou. Zukiswa Wanner explora vários temas relacionados à dimensão de gênero nas vidas de Thandile, Lauren e Nosizwe e que são importantes para compreendermos o valor que desempenham para as mulheres na sociedade sul-africana contemporânea. Tais temas incluem amor, família, casamento, maternidade, carreiras profissionais, amizade entre mulheres, entre outros, que podem ser lidos e compreendidos tanto a partir de esferas mais individuais, íntimas e subjetivas, quanto a partir de esferas sociais e políticas mais amplas no contexto da nova África do Sul.

⁴¹⁷ Tradução: “Quando Lauren chegou, causou muita diversão cada vez que tentava falar em isiXhosa, e a admiração dos anciãos por estar vestindo um lenço africano e se ajoelhar para servir os mais velhos, muitas vezes na ordem cultural correta. Ter amigas negras certamente tinha valido à pena. ‘Por que você a está elogiando?’, Perguntou Ma. - Não sabe que eu ensinei todas as minhas filhas, incluindo a branca, também? Ninguém frequenta a escola de MaNdlovu e sai pouco transformada. (WANNER, 2006, p.146).

À parte *The Madams* funcionar como um contradiscurso para o racismo e os preconceitos de classe que caracterizam a sociedade capitalista neoliberal sul-africana de hoje, a obra é marcada, acima de tudo, por uma forte reflexão acerca das relações de gênero na África do Sul contemporânea, atravessadas intensamente pelos conflitos entre as culturas africanas locais e as culturas brancas ocidentais.

5.6 *The Madams* – Ser ou Não Ser Africana, eis a questão

Todas as questões acima mencionadas afloram na narrativa contra o pano de fundo implícito de um lugar de duplicidade em que se encontram as mulheres negras, principalmente, essas mulheres negras de classe média na África do Sul que se vêm tendo que construir suas identidades sociais e culturais nos interstícios da **cultura tradicional africana** e da **cultura ocidental branca**.

Esta separação dicotômica não implica que estas culturas sejam entendidas como homogêneas dentro de seus escopos e tenham ignorada a diversidade cultural e étnica dentro dos territórios onde se situam. As culturas são híbridas. Nenhuma cultura é pura. E todas são também dinâmicas, estando em constantes processos de mudança. Por isso devem ser vistas de uma perspectiva histórica, levando-se sempre em conta que as influências podem ser mútuas ou desiguais.

Isto posto, não significa que haja aqui também uma compreensão de que tanto as culturas quanto os sujeitos sejam monolíticos, estáticos e realidades dadas de antemão, muito pelo contrário. Afirmo isso sem deixar de considerar a força produtiva da linguagem na constituição dos sujeitos, que são múltiplos e conflitantes, e das culturas, que são também heterogêneas e dinâmicas. Ou seja, é preciso reconhecer que sujeitos e culturas são produzidos nos discursos e, portanto, suas fronteiras são moventes, estando constantemente em desenvolvimento e sendo negociadas pelos sujeitos. Também, é preciso sempre reconhecer que, desde os primeiros processos de globalização, nenhuma cultura se mantém isolada e/ou pura. Ao contrário, nas sociedades complexas da modernidade contemporânea, os sujeitos vivem em frequentes diálogos e conflitos interculturais, guardando marcas de sua história local ao mesmo tempo em que se apropriam e rearticulam valores, ideologias de culturas que se interligam em suas experiências.

Além disso, não há aqui qualquer intenção de reprodução dos discursos colonialistas eurocêntricos que insistiam em associar ‘tradição’ na África com ‘tradicionalismo’,

‘conservadorismo’, ‘ignorância’ enquanto associavam a Europa à racionalidade, sabedoria, modernidade. Não se trata de opor a cultura africana à europeia dentro do binarismo radical que durante séculos caracterizou o debate sobre a relação entre os dois continentes. Há tempos esta polarização já foi desconstruída por várias estudiosas e estudiosos, entre eles, Achille Mbembe. Em *On the Postcolony*, o filósofo e cientista político camaronês demonstra como se deu a produção discursiva da África como um imaginário necessário para que a Europa se auto-definisse como tal. Desta perspectiva, a África tem, ainda hoje, funcionado muitas vezes como o Outro absoluto da Europa, na relação opositiva entre ambas, tendo o ocidente disseminado preconceitos sobre as sociedades africanas como, por exemplo, a ideia de que são movidas “pela força cega do costume”, “vivendo sob o peso dos encantos, feitiços, e prodígios” e “resistentes a mudança” (MBEMBE, 2001, pos.121), para mencionar somente um mínimo das visões negativas imputadas à África.

Por outro lado, há um importante debate colocado pelo pensamento feminista africano que busca refletir sobre o papel da ‘tradição’ na vida das mulheres africanas na atualidade. É correto afirmar que há novos modos de ser mulher na África na atualidade que se distanciam bastante da ideia de vitimização da mulher sob o tradicionalismo patriarcal e se aproximam muito mais a um modo de vida mais liberado e empoderado, como veremos em *The Madams*. Mas, é verdade também que a tradição continua a ser um tema bastante sensível em muitos contextos africanos que entendem a crítica às tradições africanas como uma traição. É ofensivo, muitas vezes, lembrar que a história africana foi marcada pelo domínio masculino sobre as mulheres africanas que sempre lutaram contra a opressão masculina e resistiram a sua dominação.

Entretanto, em pleno século XXI, não se pode negar que em inúmeros casos, como vimos no debate da crítica feminista, as mulheres africanas continuam sendo oprimidas em nome da tradição quer se trate do ambiente doméstico, dos costumes matrimoniais, métodos reprodutivos ou liberdades sexuais, conforme nos lembra o artigo *7 Key Issues in African Feminist Thought*, publicado no site feminista MsAfropolitan em 2012.

African patriarchal traditions for the most part make distinctions between male and female in ways that disadvantage the female. African women have been silenced for too long about the crimes of traditional patriarchy such as the abusive and dehumanising institution of patriarchal polygamy, widow abuse, genital cutting, witch-hunting and women’s lack of access to property and power in traditional society.⁴¹⁸ (MsAfropolitan, 2012, s/p).

⁴¹⁸ Tradução: “As tradições patriarcais na sua maioria fazem distinções entre homens e mulheres de modo que colocam as mulheres em desvantagem. As mulheres africanas foram silenciadas por muito tempo sobre os crimes do patriarcado tradicional, como a instituição abusiva e desumanizadora da poligamia patriarcal, o abuso

Este mesmo artigo se preocupa em esclarecer que a luta do feminismo por igualdade de direitos não implica uma rejeição da memória cultural tradicional africana, reconhecendo o legado africano tradicional rico em conhecimento e espiritualidade. Assim, a questão não é a tradição em si, mas o que ela implica. Se os costumes tradicionais implicam em sofrimento e injustiça contra as mulheres, por exemplo, devem, então, ser revistos a partir dos novos entendimentos e os novos tempos, conforme explica *Tradition is the key challenge for African feminists in the 21st century* (2016), outro recente artigo publicado no mesmo site.

To be clear, tradition in itself is not a problem. Tradition is simply a form of human activity through which groups of people – families, institutions, ethnic groups, countries etc. – find meaning and structure in togetherness. For a continent that has been colonised by Arabs and Europeans, tradition is an important tool for cultural pride, to insist on our uniqueness, spiritual knowledge, cultural memory, and to preserve dignity.

Furthermore, the African continent is home to some of the most enchanting traditions on earth such as veneration to ancestors, griots, festivals, masquerades, ritual, dance, you name it. It is also African tradition to show respect for female power, to honour mutuality between the genders, to listen when women say that they have had enough. In fact, in no other continent have women enjoyed as much power historically as in Africa.

But while it is understandable that Africans celebrate our traditions at large, in those indefensibly many instances where tradition infringes on women's rights, the key 21st century challenge for African feminists is to prevent the sacrifice of women's rights in the name of tradition.⁴¹⁹ (MsAfropolitan, 2016, s/p).

Desse modo, destacar as representações das identidades femininas negras em *The Madams* na imbricação das tradições africanas com os valores culturais europeus ocidentais não implica atribuir nenhuma hierarquia de valor entre os dois sistemas culturais. É mais no sentido de que se tomamos essas culturas como diferentes sistemas de valores e interesses é

das viúvas, a mutilação genital, a caça às bruxas e a falta de acesso das mulheres à propriedade e ao poder na sociedade tradicional.” (MsAfropolitan, 2012, s/p). Disponível em: <http://www.msafropolitan.com/2012/08/7-key-issues-in-african-feminist-thought.html>.

⁴¹⁹ Tradução: “Para ser claro, a tradição em si não é um problema. A tradição é simplesmente uma forma de atividade humana através da qual grupos de pessoas - famílias, instituições, grupos étnicos, países, etc. - encontram significado e estrutura na união. Para um continente que foi colonizado por árabes e europeus, a tradição é uma ferramenta importante para o orgulho cultural, para insistir em nossa singularidade, conhecimento espiritual, memória cultural e para preservar a dignidade.

Além disso, o continente africano é o lar de algumas das mais encantadoras tradições da terra, como a veneração aos ancestrais, os *griots*, os festivais, as mascaradas, o ritual, a dança, entre outras. É também tradição africana mostrar respeito pelo poder feminino, honrar a reciprocidade entre os sexos, ouvir quando as mulheres dizem que já tiveram o suficiente. De fato, em nenhum outro continente as mulheres gozam historicamente tanto poder como na África.

Mas, embora seja compreensível que os africanos celebrem nossas tradições em geral, nesses indefensáveis casos em que a tradição viola os direitos das mulheres, o principal desafio do século XXI para as feministas africanas é impedir o sacrifício dos direitos das mulheres em nome da tradição. (MsAfropolitan, 2016, s/p). Disponível em: <http://www.msafropolitan.com/2016/02/tradition-21st-century-key-challenge-african-feminists.html>.

preciso admitir que, muitas vezes, estes sistemas podem entrar em conflito um com o outro, particularmente se esses valores estão implicados em relações de poder que competem por autoridade e controle, que é o caso das relações de gênero, de classe e raciais.

Entretanto, o que mais me interessa nesta discussão é mostrar como as mulheres negras e de classe média sul-africanas, representadas na obra, negociam suas identidades em uma sociedade urbana marcada pelas dramáticas mudanças culturais causadas pela aceleração dos processos de globalização das últimas décadas e a herança cultural africana que também as forma.

Em *The Madams*, Thandi e Nosizwe podem ser consideradas representações de mulheres negras sul-africanas que formam suas identidades fortemente influenciadas pelo contexto político-econômico descrito por Suresh Kumar⁴²⁰ no artigo *Diversity, Diffusion and Challenges in African Culture under Globalization* (2010):

... the rapid and aggressive spread of market economics and communication technologies under the influence of western multinationals brings new impediments to local cultures and values, particularly in Africa and non-western societies at large. Africans are imitating the materialistic and individualistic habits and values previously associated with western culture. This has come as a result of the structural change in the world economy: globalization and the alarming increase of goods dumped on African countries that are marketed by mass seductive advertisement which is blatantly superficial but nonetheless successful in creating desires in peoples of traditional societies..⁴²¹ (KUMAR, 2010, p.3).

A intensificação da disseminação mundial do capitalismo pressiona incessantemente os povos africanos, como outros também, a abandonarem cada vez mais quaisquer vestígios de suas culturas locais para melhor se encaixarem no mundo moderno. E as mulheres experimentam esta pressão de modos que lhe são muito particulares.

Entretanto, juntamente com o fato de a globalização trazer como influência negativa o materialismo e individualismo dos ideais econômicos liberais, o discurso da modernidade que coloca as mulheres como sujeitos consumidores por excelência, como mostra Rita Felski em *The Gender of Modernity* (1995), mostra os modos pelos quais a experiência da mulher moderna foi moldada pela cultura do consumo e como através dela as mulheres ganharam

⁴²⁰ Professor do Departamento de Estudos Africanos da Universidade de Delhi, Índia. Mais informações, ver: http://www.africaindia.org/index.php?option=com_content&view=article&id=79&Itemid=28.

⁴²¹ Tradução: “[...] a rápida e agressiva disseminação da economia de mercado e das tecnologias da comunicação sob a influência das multinacionais ocidentais traz novos impedimentos às culturas e valores locais, particularmente na África e nas sociedades não ocidentais em geral. Os africanos estão imitando os hábitos e valores materialistas e individualistas previamente associados à cultura ocidental. Isso ocorreu como resultado da mudança estrutural na economia mundial: a globalização e o aumento alarmante de mercadorias despejadas nos países africanos que são comercializadas pela sedutora e massiva propaganda, que é descaradamente superficial, mas bem sucedida na criação de desejos nos povos das sociedades tradicionais (KUMAR, 2010, p.3).

acesso a novas formas de subjetividade, utilizando-a para desafiar expectativas sociais, para afirmar sua independência, dar visibilidade a seus novos papéis sociais. Assim, dentro desta perspectiva, as necessidades, desejos e as próprias percepções do *eu* das mulheres acabam sendo formados em relação às representações públicas das mercadorias e das recompensas que elas prometem. (FELSKI, 1995). Apesar da representação da mulher como consumidora poder ser considerada um estereótipo problemático, porque burguês e, portanto, não universal, ele pode ser útil para exemplificar um desses efeitos sobre a construção das identidades culturais no caso das mulheres negras sul-africanas de classe média representadas em *The Madams*, particularmente Thandi e Nosizwe.

Os valores culturais ocidentalizados, característicos de uma classe média branca consumista e ‘moderna’, estão presentes em várias passagens da narrativa de Wanner, porém, podemos afirmar que eles se sintetizam no hábito desenfreado de Nosizwe de comprar compulsivamente roupas caras e de marca.

Siz is a shopaholic⁴²² and her wardrobe hangs like the who's who of Milan Fashion Week. This girl will travel to Paris just to buy clothes. She never takes heed when I tell her that clothes don't maketh the woman, my philosophy being, 'I don't walk around with the price tag out so why buy one outfit for four grand when I can buy twenty for the same amount at Mr Price?' I once asked her why she insists on going to London, Paris and New York to shop for designer wear when our homegrown Sun God'dess' are just as good? 'Girl please,' (insert eye-roll) 'until I hear Halle on Oscar's red carpet saying, "It's a Sun God'dess", I am not buying. I ply my trade back home and not overseas, that's all the Proudly South African I need. So you and your folks at Nedlac⁴²³ can continue with your local designers.'⁴²⁴ (WANNER, 2006, p.5).

Outro claro exemplo de que a vida dessas mulheres acontece na encruzilhada entre as tradições africanas e os valores europeus ocidentais é o fato de Thandile ser uma mulher negra que lamenta que a definição dada para sua ‘feminilidade’ pela sociedade sul-africana pós-apartheid continue atrelando a mulher a papéis sociais conservadores, ao mesmo tempo em

⁴²² Tradução: *shopaholic* = consumidora compulsiva.

⁴²³ Nedlac é a abreviação para *National Economic Development and Labour Council*.

⁴²⁴ Tradução: “ Siz é uma *shopaholic*⁴²⁴ e seu guarda roupa é entupido como o quem é quem da Milão Fashion Week. Esta garota viaja para Paris só para comprar roupas. Ela nunca dá a menor atenção quando eu digo a ela que a roupa não faz a mulher, minha filosofia sendo, 'Eu não ando com a etiqueta com o preço para fora assim por que comprar uma roupa por quatro vezes mais quando eu posso comprar vinte pelo mesmo preço no Mr. Price? "Uma vez eu perguntei por que ela insiste em ir a Londres, Paris e Nova York para comprar roupas de grife quando a nossa Sun God'dess'" é tão boa? "Menina, por favor, até que eu ouça Halle no tapete vermelho do Oscar dizendo: "É um Sun God'dess", eu não compro. Eu faço meus negócios em casa e não no exterior, isso é tudo o que eu preciso para me considerar Orgulhosamente Sul-Africana. Então você e suas amigas na Nedlac⁴²⁴ podem continuar com seus designers locais.” (WANNER, 2006, p.5).

que se casa com um homem que, além de ter feito questão de pagar o *lobola*⁴²⁵ conforme manda o casamento tradicional africano, ainda não assume socialmente as vivências mais igualitárias que compartilha com sua esposa.

It is a sad reality that in South Africa my ‘womanity’ is still defined by how well I cook and clean and there is still a high-held belief that, should I choose to leave my job, I could do ‘other things’ (never mind that I am paying half the mortgage!). I am fortunate in that Mandla is a ‘renaissance man’ who shares the housework and helps care for Hintsá. Unfortunately, this is only true when none of his relatives or his macho, mooching friends from *ekasi* are visiting. When they are around, I have to play my ‘womanly role’ of cooking, cleaning and going to buy beer for ‘the boyz’. I have to clean up any beer they’ve spilt and disappear to read Hintsá a bedtime story. I hate that Mandla and I have to do this role playing for an audience we do not even like, but as he says, ‘You don’t want them to say you gave me *korobela* do you?’ Frankly, when my hands feel as if they are not part of my body from chopping vegetables, cooking and washing dishes, I really couldn’t care less, but I understand his point... because I know our people.”⁴²⁶ (WANNER, 2006, p.x).

Esta passagem revela o quanto não só as tarefas domésticas fazem ainda parte da construção da identidade das mulheres negras sul-africanas, independentemente de sua classe social, como também a ideia da submissão da mulher continua a ser valor tradicional africano para a construção da masculinidade. Também, as considerações iniciais que faz a protagonista a partir da situação de contratação da empregada revelam o quanto ela se encontra entre cumprir o que a tradição lhe exige como mulher ou adotar hábitos mais modernos e ocidentais para resolver seus problemas domésticos, como já mencionei anteriormente.

No início da narrativa, Thandi se conscientiza de que não consegue mais conciliar sua vida profissional, a vida familiar, como mãe esposa, e ainda seus desejos pessoais e decide render-se à ideia de contratar uma empregada, mas esta constatação não acontece sem estar perpassada por sentimentos contraditórios que envolvem sentimento de fracasso pessoal, culpa social e questionamentos da ordem das políticas raciais sul-africanas. São

⁴²⁵ *Lobola* nas línguas Zulu e Xhosa, entre outras, é o termo usado para se referir ao ‘dote’ ou pagamento à família da noiva nos casamentos tradicionais africanos. Nos tempos passados, o pagamento costumava ser feito em gado, mas mais recentemente, o mais comum é que seja pago em dinheiro vivo. Ver: <https://en.wikipedia.org/wiki/Lobolo>.

⁴²⁶ Tradução: “É uma triste realidade que na África do Sul minha ‘feminilidade’ seja ainda definida por quão bem eu cozinho e limpo e há ainda uma forte crença que, se eu escolhesse largar meu trabalho, eu poderia fazer ‘outras coisas’ (não importando se eu estou pagando metade da hipoteca!) Tenho sorte que Mandla é ‘um homem da renascença’ que divide o trabalho doméstico e ajuda a cuidar de Hintsá. Infelizmente, isto só é verdade quando nenhum de seus parentes ou seus amigos machos e aproveitadores do *ekasi* estão nos visitando. Quando eles estão por perto, eu tenho que representar meu ‘papel de mulher’ de cozinhar, limpar e ir comprar cerveja para ‘os garotos’. Tenho que limpar qualquer cerveja que eles derramem e desaparecer para ler uma história para Hintsá dormir. Odeio que Mandla e eu tenhamos que fazer este papel para um público de quem nem mesmo gostamos, mas ele diz, ‘Você não quer que eles digam que você me dá *korobela*, quer?’ Francamente, quando estou sentindo como se minhas mãos não fizessem parte do meu corpo de picar legume, cozinhar e lavar pratos, eu realmente não poderia me importar menos, mas eu entendo seu ponto de vista... porque eu conheço nosso povo.” (WANNER, 2006, p.x).

questionamentos acerca de sua identidade como mulher, como mulher negra, como mulher negra classe média alta que vão se colocando e através dos quais ela vai aprendendo mais sobre si mesma e sobre a mulher que ela quer ser à medida que a narrativa avança.

Entretanto, como em *All We Have Left Unsaid*, a protagonista é, desde o princípio, intensamente reflexiva e auto-consciente. Depois de afirmar que ama o filho de cinco anos, o pai de seu filho espirituoso e beerrão de cerveja, suas amigas, Nosizwe e Lauren, e finalmente, seu trabalho, Thandi desabafa:

I am tired of having to be a Superslave at the office, a Supermom to my son and a Superslut to my man. I am tired of the fact that if I so much as indicated that I need 'Me' time, I have somehow fallen short of the high standards set for me as a modern woman.

I am admitting defeat to my hectic schedule. I am giving in to something I thought I would never do. I'm going to hire a maid.

There mother, I've said it. My late mother must be laughing in her grave. I told her that she was pretentious for having a maid when I was growing up. I always maintained that having a maid is really about playing 'madam'. A woman should be able to take care of herself and her own without bringing a stranger into the family. But I have failed to do that without stressing myself out.⁴²⁷ (WANNER, 2006, p.ix)

Sentir-se fracassada por não dar conta das tarefas domésticas, dos cuidados com a família, leia-se do filho e do marido, do trabalho profissional simultaneamente e ainda conseguir um tempo só para si é uma situação bastante comum para as mulheres na contemporaneidade, independentemente de suas identificações raciais e/ou étnicas. Entretanto, na cultura africana tradicional, o valor dado às mulheres como 'mantenedoras do lar', como responsáveis pelo bem estar de todos na família, conforme podemos constatar na narrativa de Wanner, tem um peso ainda maior.

Mas, Thandi opta por não se submeter aos 'sacrifícios' tradicionalmente esperados de uma mãe, à abnegação esperada de uma esposa ou a ser 'a mula do mundo',⁴²⁸ no seu trabalho. Desde pequena, e em diversas ocasiões, ela teve a chance de vivenciar outras culturas, como quando foi estudar em um internato na Inglaterra aos doze anos, quando teve a

⁴²⁷ Tradução: Estou farta de ser uma Super escrava no escritório, uma Supermãe para meu filho e uma Super puta para meu homem. Estou farta do fato de que se eu, como tudo indica, preciso de um tempo 'meu', eu de alguma forma fiquei aquém dos altos padrões estabelecidos para mim como uma mulher moderna. Estou admitindo a derrota para minha agenda frenética. Estou cedendo a algo que eu pensei que jamais faria. Vou contratar uma empregada.

Aí está, Mãe, eu disse isso. Minha falecida mãe deve estar rindo na cova. Eu disse a ela que ela era pretensiosa por ter uma empregada quando eu era jovem. Eu sempre afirmei que ter uma empregada era brincar de 'madame'. Uma mulher deve ser capaz de cuidar de si mesma e dos seus sem colocar uma estranha dentro da família. Mas eu não consegui fazê-lo sem me estressar toda. "(WANNER, 2006, p.ix-x).

⁴²⁸ Expressão que ficou conhecida para se referir ao estereótipo da mulher negra 'forte' através da obra *Their Eyes are Watching God* de Zora Neale Hurston: "De nigger woman is **de mule uh de world** so fur as Ah can see." (HURSTON, 2006, p.14. Negritos meus).

oportunidade “... many holidays with numerous aunts and uncles while my parents pursued the liberation cause.”⁴²⁹ (WANNER, 2006, p.18) e, finalmente, quando cursou a faculdade no Havaí. Thandi é, portanto, o resultado de uma vida em movimento. Híbrida e diaspórica, sua subjetividade, de certo modo, também ‘estrangeira’ é confirmada pelas amigas, Lauren e Nosizwe:

I am neither silver-spoon nor wooden spoon born, but an average south African – although both Siz and Lauren claim **they are more South African than I will ever be** and **that, with my immense global experience**, I am far from being average..⁴³⁰ (WANNER, 2006, p.15. Negritos meus).

Logo no início do romance, Thandi declara seu apego à cultura africana, mais particularmente, à cultura Xhosa que ela chama de sua:

Fortunately for me, my parents had educated me enough to cherish my culture and I spoke Xhosa relatively well. Granted, it was with a bit of an English lilt, but in those days of a xenophobic pre-independence black populace, excusing my accent as the result of a life in exile guaranteed that I got the cutest boys, and that my friends’ parents made allowances for misdeeds that in an ‘in-zile’^[431] would have been considered a no-no.⁴³² (WANNER, 2006, p.18-19).

Ao assumir-se como uma exilada, Thandi está consciente das vantagens que este ‘estar dentro e fora’ ao mesmo tempo lhe garante. Tendo se constituído nas passagens da margem para o centro e vice e versa, a protagonista é capaz de ver e compreender aspectos de uma e de outra cultura que podem passar totalmente despercebidos para quem só viveu sob um único sistema cultural.

Esta mulher sul-africana negra de classe média, orgulhosa de sua etnia Xhosa, mas que desde cedo viveu diferentes experiências culturais, parece ter sido construída por Zukiswa Wanner como a consciência contemporânea dos negros sul-africanos a respeito de sua história, das consequências do passado colonial e do apartheid, bem como, da relação

⁴²⁹ Tradução: “de passar muitas férias com numerosos tios e tias exilados enquanto os pais lutavam pela causa da libertação.” (WANNER, 2006, p.18).

⁴³⁰ Tradução: “Eu não nasci nem com a colher de prata, nem com a de pau, mas uma sul-africana média – apesar de tanto Siz como Lauren afirmarem que são mais sul-africanas do que eu jamais serei, com minha imensa experiência global, estou longe de ‘uma sul-africana média’ (WANNER, 2006, p.15).

⁴³¹ Aqui Zukiswa Wanner faz um trocadilho com a palavra ‘exile’ em inglês, que quer dizer ‘exílio’. ‘In-zile’ parece carregar a ideia de um ‘exílio’ dentro do próprio país, uma crítica talvez àqueles que vivem somente em determinado local, sem nunca sair, que acabam tendo visões mais limitadas sobre o mundo.

⁴³² Tradução: Felizmente para mim, meus pais tinham me educado o suficiente para que eu pudesse apreciar a minha cultura e eu falava Xhosa relativamente bem. Reconheço, com um pouco da melodia do inglês, mas naqueles dias de uma população xenófoba pré-independência negra, desculpando meu sotaque como resultado de uma vida no exílio garantiu que eu conseguisse os meninos mais bonitos, e que os pais dos meus amigos permitissem concessões por transgressões que em um ‘in-zile’ teria sido considerado um não-não.” (WANNER, 2006, p.18-19).

dialética de interdependência entre África e ocidente para a construção de suas identidades culturais. Mas, além disso, Thandi representa a figura do ‘colonizado’ que se apropria dos aspectos que lhe interessam da cultura do colonizador e os incorpora subversivamente de modo que serviam às suas próprias demandas.

A consciência de Thandi sobre a forte interferência do pensamento e da cultura ocidentais na construção dos discursos sobre a África e, portanto, sobre as identidades africanas fica ainda mais explícita, já quase ao final de *The Madams*, em sua conversa com o “Black Apollo” (WANNER, 2006, p. 193) norte-americano, Martin, que ela encontrará em *Victoria Falls* e com quem se vingará da traição de Mandla. Ao tomar conhecimento de que Martin está na África para um evento cujo tema é “*African Loss of identity in post-colonial Africa*”⁴³³, Thandi prontamente pergunta se haveria intelectuais africanos na conferência. E ao saber que não, ela faz questão de chamar a atenção para a arrogância dos acadêmicos ocidentais em relação aos estudos sobre a África: “Excuse me my boldness, but don’t you think it’s a bit presumptuous, and even patronizing, for you folks to be discussing Africa without the presence of Africans?” I said, a bit perturbed.⁴³⁴” (WANNER, 2006, p.193).

Tal passagem deixa claro mais uma vez a intenção de Wanner de questionar os modos como a relação entre Norte e Sul, Ocidente e Oriente tem acontecido.

Se a protagonista da obra se recusa ser isto *ou* aquilo dentro de um binarismo cultural, e negocia suas posições dentro da lógica que Stuart Hall chama de *lógica do acoplamento* (HALL, 2006, p.326), substituindo o ‘ou’ pelo ‘e’, é porque, durante toda a narrativa, Thandi escolhe quem quer ser a partir das experiências que viveu, demonstrando sua capacidade de agência na apropriação, rearticulação e adaptação das ideologias e valores culturais que lhe convêm para negociar suas posições. Suas migrações culturais lhe permitiram deslizar pelas múltiplas identidades de uma *subjetividade migratória*, nos termos de Davies (1994):

Migrations of the subject refers to the many locations of Black women's writing, but also to the Black female subject refusing to be subjugated. Black female subjectivity then can be conceived not primarily in terms of domination, subordination or 'subalternization', but in terms of slipperiness, elsewhere. Migratory subjects

⁴³³ Tradução: “A Perda Africana de Identidade na África Pós-colonial” (WANNER, 2006, p.193). Apesar de introduzir a crítica no texto acima apontada, a autora, no entanto, não aprofunda a discussão sobre este novo tipo de ‘colonização’ e, tão pouco, menciona a ingenuidade do título da palestra que aponta para uma concepção extremamente essencialista de identidade.

⁴³⁴ Tradução: “Desculpe-me a minha ousadia, mas você não acha que é um pouco presunçoso, e mesmo condescendente, para vocês, pessoal, estarem discutindo a África sem a presença dos africanos?” Eu disse, um pouco perturbada.” (WANNER, 2006, p.193).

suggests that Black women/'s writing cannot be located and framed in terms of the discussion.⁴³⁵ (DAVIES, 1994, p.26).

5.7 *The Madams* – Uma Questão de Classe, Raça e Gênero

Minha última perspectiva de análise de *The Madams* dá destaque à categoria de gênero, buscando responder mais especificamente quais representações das relações de gênero, de feminilidades e masculinidades encontramos na obra, juntamente com as problemáticas envolvidas na definição de tais identidades. No que concerne às representações de feminilidade e masculinidade, *The Madams* trata a construção dessas identidades a partir de um viés fortemente relacional, enfatizando deste a primeira até a última página a importância das relações entre homens e mulheres para a sociedade sul-africana contemporânea.

Dentro desta arena, destaco, em primeiro lugar, o fato de que as relações amorosas e/ou conjugais retratadas no romance são principalmente relações heterossexuais. Entretanto, Wanner faz questão de introduzir uma relação homoafetiva feminina, mais um assunto tabu na sociedade sul-africana através da relação entre Marita, a empregada branca de Thandi, e Maria, ex-prisoneira negra que ela conheceu na prisão.

Em segundo lugar, apesar de chamar a atenção a ausência de casais inter-raciais em *The Madams*, dentro do cenário social sul-africano esta escolha da autora é bastante compreensível. A história das relações inter-raciais entre homens e mulheres na África do Sul é longa e variada. Mas se tais relações foram muito bem toleradas nos séculos iniciais da colonização do território pelos europeus, as uniões inter-raciais foram indelevelmente marcadas pela legislação segregacionista que começou a se impor anos antes da instalação oficial do regime do apartheid, quando culminou com a proibição dos relacionamentos interraciais através da *Lei de Proibição de Casamentos Mistos*⁴³⁶ de 1948. Na sociedade sul-africana contemporânea, a questão das relações amorosas e/ou conjugais inter-raciais é ainda bastante complexa e as práticas sociais são ainda fortemente marcadas pelos preconceitos disseminados pelas políticas raciais do apartheid.

⁴³⁵ Tradução: "As migrações do sujeito se referem a muitas localidades da escrita das mulheres negras, mas também do sujeito feminino negro em sua recusa de ser subjugado. A subjetividade feminina negra não pode então ser concebida primeiramente em termos de dominação, subordinação ou 'subalternização', mas em termos de 'ser lisa/escorregadia', 'de estar em outro lugar'. Os sujeitos migratórios sugerem que a escrita e as mulheres negras não podem ser localizadas e emolduradas em termos de um lugar específico, mas existem em uma miríade de lugares e tempos, constantemente iludindo os termos da discussão." (DAVIES, 1994, p.26).

⁴³⁶ Chamada *The Prohibition of Mixed Marriages Act* (Act No 55), esta lei foi promulgada em 1949.

Assim, os três casais heterossexuais centrais são constituídos por cônjuges de mesmo pertencimento racial. Tem-se, então, na narrativa, Lauren que é branca inicialmente casada com Michael, também branco. Nosizwe e Vuyo e Thandi e Mandla, ambos os casais negros monorraciais. Todavia a experiência da inter-racialidade amorosa/conjugal, tal como a relação homoafetiva, não deixa de ser introduzida na narrativa por Zukiswa Wanner através da relação pós-divórcio de Lauren com o indiano, Zunaid Patel.

5.7.1 De mulheres e casamentos classe média no pós-apartheid

A partir do tema do casamento é possível reconhecermos em *The Madams* vários aspectos dos problemas sociais que caracterizam a sociedade sul-africana hoje em termos das representações da construção das identidades de gênero, tanto as feminilidades como as masculinidades. Entre estes aspectos, destaco a seguir a violência doméstica, a infidelidade conjugal como parte da construção das masculinidades negras, a incidência da AIDS e, por último a maternidade.

A narrativa começa com as queixas de uma mulher casada. Ser casada não será algo sem importância nesta história. É por ser uma mulher casada que Thandile se sente sobrecarregada. Isso significa que não vive só para si mesma como fica claro na declaração que abre o prólogo do romance.

Tradicionalmente, o casamento representa para a maioria das mulheres a assunção de outras funções sociais, as principais sendo a de mãe e a de esposa. Acumulada dessas funções, a mulher passa, além de ser vista como o esteio emocional do casamento, a ter a responsabilidade pela manutenção e um bom funcionamento da casa para toda a família, garantindo o bem estar emocional e físico de todos. Assim, apesar dos avanços em relação às conquistas por mais igualdade de gênero, as mulheres continuam a carregar um fardo muito mais pesado do que o dos homens no que diz respeito aos cuidados dos filhos e da casa e da própria instituição do casamento.

Em *The Madams*, é possível afirmarmos que Thandile, Nosizwe e Lauren têm casamentos *relativamente* convencionais em relação a seus perfis sociais, sendo elas financeiramente independentes, com um alto nível de educação formal, nenhuma delas fervorosamente religiosas, de onde se poderia concluir que são mulheres que não teriam alguns dos motivos que, no passado, acabou obrigando muitas mulheres a fazerem do casamento um objetivo de vida ou uma necessidade. Entretanto, são três mulheres casadas cuja construção de suas identidades sociais e culturais também está diretamente ligada a este

fato em suas vidas. Mas, *The Madams* se propõe a questionar alguns padrões das relações de gênero sobre os quais os casamentos têm sido fundamentados.

Wanner retrata Thandile, Nosizwe e Lauren se debatendo entre desejos pessoais e imposições sociais nas suas relações com seus parceiros, sempre apontando para a capacidade que estas mulheres têm de agir sobre seus ‘destinos’, superando situações difíceis em suas vidas conjugais, e, principalmente transformando-se cada vez mais em sujeitos de sua história à medida que se ampliam os processos de autoconhecimento decorrentes das experiências que vivenciam. Assim será na reconciliação sob termos mais empoderadores para si que Siz fará com Vuyo após a separação, na oportunidade que Lauren se dará de namorar Zunaid após seu divórcio de Michael e na opção de Thandi em se separar de Mandla para poder saber melhor de si e de seu desejo em continuar ou não com ele, após ter tomado conhecimento de sua traição.

A representação de Thandile como uma mulher moderna e nada conservadora é reforçada por suas opiniões acerca, por exemplo, do casamento. Desde o início, nos é dado saber que Thandile não via o casamento como uma necessidade para sua vida, nem mesmo depois de estar casada com Mandla.

I was looking forward to the working week ahead as I have one of those gratifying civil service jobs where you get to be your own boss. As Executive Director of a Soweto office for the provincial Department of Tourism, I find my job highly satisfying — I daresay had I not met Mandla before I started the job I would still be single, fully satisfied, working late each day and creating new goals for myself..⁴³⁷
(WANNER, 2006, página 41).

O que se pode destacar da citação acima é a introdução de uma reflexão acerca dos valores para as mulheres tradicionalmente atribuídos pela sociedade ao casamento em contraposição à suas carreiras profissionais. Através desta fala de Thandi, a autora questiona o discurso de que o casamento é mais importante para fazer as mulheres ‘felizes’ do que suas profissões. Ideia que se alinha também com o discurso hegemônico de que uma mulher só se realiza plenamente tornando-se mãe.

⁴³⁷ Tradução: “Eu estava ansiosa pela semana de trabalho à minha frente porque eu tenho um daqueles empregos gratificantes no funcionalismo público onde você começa a ser sua própria patroa. Como diretora executiva de um escritório de Soweto para o departamento de turismo da província, eu acho meu trabalho altamente satisfatório — Ouso dizer que se eu não tivesse encontrado Mandla antes de ter começado neste trabalho que eu ainda estaria solteira, inteiramente satisfeita, trabalhando até tarde todo dia e criando novos objetivos para mim.” (WANNER, 2006, p. 41).

5.7.2 A Independência Financeira Feminina

Não há como se analisar os significados do casamento para as personagens de Zukiswa Wanner sem nos atermos rapidamente em como ela introduz a questão do trabalho para as personagens femininas de *The Madams*. O trabalho seja de Thandi, seja de Siz ou de Lauren não ocupa quase nada do espaço narrativo, apenas o suficiente para oferecer a ideia de que se trata de um aspecto bastante relevante na vida dessas mulheres e o principal responsável por garantir a elas a independência necessária para terem *um teto todo seu* e uma boa renda anual para serem ‘donas do próprio nariz’. Nesta história, fica longe o tempo em que, dentro do padrão burguês de família, as mulheres eram incentivadas e/ou forçadas a dependerem dos recursos financeiros de seus maridos, devendo a eles consequente obediência. Também os homens desta história estão livres da obrigação de serem os provedores exclusivos do lar, sustentando suas esposas e filhos sozinhos, como podemos constatar quando Thandi ironiza o senso comum que sugere que se ela deixasse o trabalho poderia fazer “I could do ‘other things’ (never mind that I am paying half the mortgage!)”⁴³⁸ (WANNER, 2006, p.x).

Há ainda outro ponto importante desempenhado pela representação dessas mulheres como mulheres que trabalham porque Thandile, Nosizwe e Lauren não só trabalham simplesmente, mas gostam do que fazem, ocupam posições de poder e têm carreiras profissionais bem sucedidas. Tais personagens oferecem, acima de tudo, representações bastante empoderadas de mulheres no campo profissional. Se levarmos em consideração que duas dessas mulheres são negras e vivem na África do Sul, onde ainda hoje a vasta maioria das mulheres negras são pobres, e se ainda consideramos que a maior parte das personagens negras femininas da literatura sul-africana foi também amplamente constituída de representações de mulheres negras sul-africanas em situações de subalternidade, de privação e opressão, podemos considerar que *The Madams* faz parte de um novo tipo de literatura que coloca em evidência uma mulher negra diferente, diferente porque classe média, diferente por não se submeter aos papéis convencionais de gênero e às ordens raciais convencionais sul-africanas.

Se Thandi é franca ao admitir a importância do trabalho para sua vida e a natureza contingente de seu casamento, ela também parece fazer questão de não romantizar sua relação com Mandla desde o início.

⁴³⁸ Tradução: “ ‘outras coisas’ (não importando se eu estou pagando metade do financiamento da casa!)” (WANNER, 2006, p.x).

Just before my senior year, while on summer vacation in New York, I met Mandla at a party at Lizwe's Manhattan flat. He had driven all the way from DC to attend the party with a few other South African gatecrashers, but all of us were homesick and any South African passport was welcome.

The world did not stop turning, there were no sparks in the air, images did not start moving in slow motion; rather we chatted for a bit, exchanged numbers and became friends. We talked regularly and when we returned home, I suppose for lack of choice — I jest! — Mandla and I gravitated towards each other and here we are, seven years later with a five-year-old son and a six-year-old marriage.

When Mandla proposed, there was no picnic basket in the park, no jet flying over head scripting, 'Thandile, will you marry me?' It was more a realization as we loaded the trunk of his car after a joint grocery-shopping excursion that moving from one apartment to another each week was getting ridiculous. As he got into the car he said to me, 'Babes, buying the same groceries for two places is absurd, why don't we just get married?' Sure, it was hardly romantic, but I said yes. After all, Mandla was intelligent, he had a great career ahead of him, he loved me and he was a great shag. So he needed a little help in the romance department, but I had a whole lifetime to work on that. And I flatter myself that I was not a bad catch for him either, otherwise he would not have wanted to, as they say, 'buy the restaurant when he was having free meals'.⁴³⁹ (WANNER, 2006, p.19-20).

Mas, apesar de esta citação mostrar aqui uma mulher que faz questão em se revelar moderna, racional e pragmática em sua escolha matrimonial, esta passagem carrega também certa ambiguidade em relação ao discurso do amor romântico. Ao mesmo tempo em que a narradora ironiza as referências estereotipadas com que muitas vezes as cenas do primeiro encontro costumam ser caracterizadas e a própria sugestão da possibilidade de existência do amor à primeira vista, Thandi sugere simultaneamente a falta de romantismo de Mandla como uma pequena imperfeição que poderá ser corrigida com sua ajuda ao longo da vida em comum, que ali já estava projetada por ela, corroborando a ideia, também romântica, de um *'até que a morte nos separe'*. Se suas lembranças das circunstâncias do primeiro encontro e

⁴³⁹ Tradução: "Pouco antes do meu último ano, enquanto estava em férias de verão em Nova York, conheci Mandla em uma festa no apartamento de Lizwe em Manhattan. Ele tinha dirigido todo o caminho desde DC para participar da festa com alguns outros sul-africanos, mas todos nós estávamos com saudades de casa e qualquer passaporte sul-africano era bem-vindo.

O mundo não parou de girar, não houve faíscas no ar, as imagens não começaram a se mover em câmera lenta; Em vez disso, conversamos um pouco, trocamos os números de telefone e nos tornamos amigos. Nós conversamos com alguma regularidade e quando voltamos para casa, eu suponho que por falta de escolha — tô brincando! — Mandla e eu gravitamos um em direção ao outro e aqui estamos nós, sete anos depois, com um filho de cinco anos e um casamento de seis.

Quando Mandla me fez a proposta, não teve nenhuma cesta de piquenique no parque, nenhum jato voando com uma faixa escrita, "Thandile, você quer casar comigo?" Foi mais uma constatação, enquanto nós carregávamos o porta-malas de seu carro depois de uma excursão juntos ao supermercado, que ficar indo de um apartamento para outro a cada semana estava ficando ridículo. Quando ele entrou no carro, ele me disse: "Querida, comprar os mesmos mantimentos para dois lugares é absurdo, por que a gente não casa?" Claro, não era romântico, mas eu disse que sim. Afinal, Mandla era inteligente, ele tinha uma grande carreira pela frente, ele me amava e ele era uma ótima foda. Certo, ele precisava de uma pequena ajuda no departamento de romance, mas eu tinha uma vida inteira para trabalhar nisso. E eu me lisonjeava de que eu não era um mau partido para ele também, caso contrário ele não teria querido, como eles dizem, "comprar o restaurante quando ele estava tendo refeições gratuitas." (WANNER, 2006, p. 19-20).

da proposta de casamento se mostram sucintas, entre irônicas e realistas, o próprio fato de Thandi prestar atenção à falta de romantismo de Mandla pode sugerir sua vulnerabilidade em relação a tais discursos hegemônicos, descortinando as contradições de sua subjetividade.

Se, no início da narrativa, o casamento de Thandi e Mandla aparece como uma relação, entre o convencional e inovador, mas no qual há, pelo menos, uma busca por uma maior igualdade de gênero e onde ambos se sentem satisfeitos, aos poucos o arranjo vai se revelando mais e mais insatisfatório e menos ‘perfeito’ até culminar na separação, motivada pela traição de Mandla com uma ex-namorada. Traição que irá surpreender radicalmente Thandi, envolvida que estava em suas outras atividades e relações, com o filho, com a empregada, e ironicamente com os problemas conjugais das amigas, Nosizwe e Lauren, principalmente, mas à qual ela reagirá de modo nada convencional, traindo Mandla premeditadamente.

5.7.3 A Violência Doméstica

Já o casamento de Lauren e Michael tem muito mais de conservador do que o de Thandi e Mandla. Casados ainda bem jovens, logo após a formatura de Lauren em seus vinte e um anos, eles tiveram quatro filhos. É através do casamento de Lauren e Michael que Wanner introduzirá o tema da violência doméstica, problema ainda fortemente presente na sociedade sul-africana contemporânea e que a autora faz questão de localizar em um casal branco, de classe média e com nível cultural e intelectual acima da média, lembrando o público leitor que tal crime é frequente nos mais diversos contextos sociais e econômicos.

O indício de que Michael talvez não seja tão bom marido quanto aparenta socialmente, está na observação irônica que Thandi faz a respeito da escolha de Lauren ter sido determinada por seu “Complexo de Electra”, casando-se com um homem que bebe demais, tal qual seu odiado pai fazia. O consumo de bebidas alcoólicas está frequentemente associado à masculinidade e às práticas da sociabilidade masculina, nas quais os homens são encorajados a beber excessivamente para satisfazer e/ou reforçar as expectativas do grupo social e mostrarem que são homens⁴⁴⁰. Sabe-se também que o uso excessivo do álcool e a

⁴⁴⁰ A relação entre o consumo de álcool e a violência doméstica é confirmada por estudos na África do Sul que mostram que as mulheres que vivem com homens que bebem estão cinco vezes mais propensas a sofrerem violência do que aquelas que vivem com parceiros que não bebem, conforme o estudo *Gender-Based Violence (GBV) in South Africa: A Brief Review*. (2016). Disponível em: <<http://www.csvr.org.za/pdf/Gender%20Based%20Violence%20in%20South%20Africa%20-%20A%20Brief%20Review.pdf>>. Realidade que, certamente, um estudo no Brasil também poderia revelar.

violência doméstica são, frequentemente, manifestações de uma necessidade inconsciente de autoafirmação, uma necessidade de mostrar poder e controle sobre o outro que tem suas origens nas próprias distorções e inseguranças em relação a questões de identidade de gênero. Este é mais um dos problemas sociais presentes na sociedade sul-africana contemporânea para o qual Zukiswa Wanner, do mesmo modo que Maxine Case, chama a atenção em *The Madams*.

Ao longo da narrativa, a autora vai dando pistas da existência de que uma situação de abuso está ocorrendo, mas como costuma acontecer na vida real, estas pistas vão passando despercebidas, inclusive pelas pessoas mais próximas à mulher que está sendo abusada por causa de sua cumplicidade com a situação. Os vestígios se revelam no tipo de roupa usada por Lauren, larga e que cobre todo o corpo para esconder as marcas da violência no corpo, estão no fato de Michael se sobressair demais na relação, no costume de Lauren de sempre consultá-lo em relação a qualquer convite que lhe seja feito, entre outras sugestões. Wanner faz questão de ressaltar a incredulidade de Siz e Thandi ao saberem que Michael agride Lauren, mostrando o quanto as pessoas são capazes de se enganar com as aparências e com base em preconceitos de classe, por exemplo.

Siz and I had always perceived Mike to be the one put upon in the relationship. Had I not seen him hitting her, and had we not seen the bruises ourselves, we would have called any person who accused Mike of abuse a liar and maybe even accused them of defaming his character. In fact, we both would have been ready to testify, prior to this, that Mike was the most liberal of men, more of a feminist than most women.

It ha been ingrained in Siz and I as we grew up that a man who beat up a woman was only half a man. We had also taught that education contributed to 'civilisation' (whatever that is). We did not expect an educated, middle-class teacher, an imparter of knowledge to the impressionable youth to be beating up his wife _ he was not some rural mine-worker à la Yesterday. Shows how little one knows about what goes on behind the closed doors of our neighbours' house..⁴⁴¹ (WANNER, 2006, página 124. Negritos meus.).

Chama atenção também nesta passagem a ideia implícita de que a violência doméstica não é característica das culturas africanas, uma vez que o que difere Siz e Thandi

⁴⁴¹ Tradução: “Siz e eu sempre tínhamos percebido que Mike era o que se impunha no relacionamento. Se eu não o tivesse visto batendo nela, e se não tivéssemos visto as contusões nós mesmas, teríamos chamado qualquer pessoa que acusasse Mike de abuso de mentirosa e talvez até a acusássemos de difamar seu caráter. Na verdade, nós duas teríamos estado prontas para testemunhar, antes disso, que Mike era o mais liberal dos homens, mais feminista do que a maioria das mulheres.

Está arraigado em Siz e eu, desde nossa formação, que um homem que bate em mulher é apenas um homem pela metade. Também fomos ensinadas que a educação contribui para a ‘civilização’ (seja lá o que isso for). Não esperávamos que um professor de ensino médio, educado, um transmissor de conhecimentos para a juventude impressionável estivesse espancando sua esposa - ele não era um minerador rural - à la século passado. Isto mostra como sabemos pouco sobre o que se passa atrás das portas fechadas da casa do vizinho (WANNER, 2006, p. 124).

de Lauren em termos de formação é a influência da cultura africana na educação delas. O homem africano ‘original’ é um homem que respeita a mulher por tudo aquilo que ela representa nas comunidades tradicionais africanas, principalmente em relação à sua capacidade de gerar vida.

Será somente através de uma rede de apoio, com a ajuda de Siz e Thandi, apoiadas, por sua vez, em todos os momentos por suas empregadas, MaRosie e Marita, que Lauren conseguirá se conscientizar da gravidade da situação de violência que vive e se libertar da relação da qual fora cúmplice durante todo o tempo da relação entre eles. Wanner faz questão de ilustrar como muitas vezes as mulheres participam na própria opressão, mostrando como que a cumplicidade de Lauren se fundamentava em sua aceitação de que ela era, em parte, responsável por tirar o marido do controle. Esta crença fazia com que Lauren sempre aceitasse as desculpas de Michael e as promessas de que não tornaria a agredi-la, perpetuando assim a relação doentia.

Somente após ter sido obrigada, por Vuyo, a ver seu rosto desfigurado pelos machucados no espelho e a ouvir entre vários argumentos, que correria risco de vida se mais uma vez voltasse para o marido e, assim, estaria colocando também seus filhos em perigo é que Lauren começa a se conscientizar. Por medo do que sua morte significaria para seus filhos Lauren concordará em denunciar o marido, mas, desta vez, para não mais retirar a denúncia, como fizera tantas outras vezes antes, impedindo que Michael fosse responsabilizado e punido por suas agressões. Com o apoio não só de Thandi e Siz, mas de Mandla e Vuyo, Lauren se divorciará, reencontrando, nas palavras da narradora, “the one thing that she had lost, unknowingly, in all the time she had been with Michael — her self-respect and dignity.”⁴⁴² (WANNER, 2006, páginas 130-131).

Se o problema do casamento de Lauren foi caracterizado, por Wanner, pela violência doméstica, violência física e moral, tanto o casamento de Thandi quanto o de Siz será caracterizado pela infidelidade de seus maridos, Mandla e Vuyo.

5.8 Masculinidades – De virilidades e infidelidades

Em *The Madams*, a masculinidade é reconhecida como um aspecto fundamental para se discutir as relações de gênero com vistas à transformação social por práticas e relações de

⁴⁴² Tradução: “a única coisa que ela perdera, sem saber, em todo o tempo em que estivera com Michael - seu respeito e dignidade.” (WANNER, 2006, p. 130-131).

poder mais equânimes. Apesar de a África do Sul carregar a fama de ser um país machista, o romance de Wanner mostra como as relações de gênero no país vêm sendo modificadas. E as masculinidades não ficam de fora deste processo.

A ideia de que os homens sul-africanos são todos machistas é só mais um estereótipo de gênero. Como em qualquer outro país, não podemos falar de um homem sul-africano típico, um ideal masculino único na África do Sul, conforme demonstrado Robert Morrell et alii em uma das mais importantes obras sobre as masculinidades no sul da África, *Changing Men in Southern Africa* (2001). Há uma enorme diversidade de masculinidades na África do Sul, como bem nos lembra Maria Hengeveld,

Rural Xhosa masculinities will be different from coloured urban boys, Zulu masculinity models itself around different heroes than white capitalist masculinities and the identities of those who grow up in gang ridden areas take shape differently from that of an Afrikaner farm boy in Stellenbosch. ⁴⁴³, (HENGEVELD, 2013, s/p).

O fato de haver inúmeras diferenças entre as identificações masculinas sul-africanas não quer dizer, entretanto, que não haja também muitas semelhanças entre elas que acabam por transcender tais divisões, principalmente no que diz respeito à ideia da superioridade masculina em relação às mulheres, o que leva, frequentemente, a comportamentos possessivos e agressivos por parte dos homens, como este retratado pela personagem de Michael.

A obra de Zukiswa Wanner é também bastante ilustrativa em relação ao fato de que as masculinidades não são únicas, nem essenciais, e nem fixas e, portanto, possíveis de transformação. São dinâmicas, porque adquiridas e transformadas em contextos históricos, sociais e culturais específicos, mas também, como afirma Morrell, são apropriadas por indivíduos (MORRELL, 2005, p.7). Indivíduos cujas dimensões raciais e/ou étnicas e seu pertencimento de classe, entre outros fatores, determinarão também como compreendem suas próprias masculinidades. Se Michael precisa beber e bater em Lauren para sentir-se homem, Mandla e Vuyo parecem reforçar suas masculinidades negras através de aventuras sexuais extraconjugais, muito de acordo com o mito da hipersexualidade masculina negra.

443

Tradução: “As masculinidades rurais Xhosa serão diferentes da dos meninos urbanos mestiços, a masculinidade zulu se modela em torno de heróis diferentes do que as masculinidades brancas capitalistas e as identidades daqueles que crescem em áreas de gangues tomam forma diferente das de um menino africâner de uma fazenda em Stellenbosch.” (HENGEVELD, 2013, s/p.). Ver: *Race, Class, Masculinities and Violence against Women in South Africa*. 17 de Março de 2013. Disponível em: <http://www.thefeministwire.com/2013/03/race-class-masculinities-and-violence-against-women-in-south-africa/>.

5.8.1 A Traição de Vuyo

Vuyo é descrito por Thandi, a narradora, como “the only person we know who can stand up to Siz’s mother. With his athletic physique, his zero-curse-word vocabulary and a teddy-bear personality, [...] a Gentleman-Thug.”⁴⁴⁴ e por Nosizwe, a esposa, como “the sweetest, funniest, most loving, most charming _ and not to mention ‘prettiest’ _ boys a woman could hope to catch.”⁴⁴⁵ (WANNER, 2006, p. 4). No entanto, a narradora nos alerta que Vuyo traz com ele dois grandes problemas: “duas fabulosas *babymamas* do gueto, que não se importam se ele está casado” e “dois filhos bastardos”, um com cada uma. Receber os filhos do marido em sua casa é, para a ciumenta Nosizwe, uma forma de não correr o risco de que Vuyo frequente suas casas e volte a se relacionar sexualmente com as mães de seus filhos. Entretanto, será dentro de casa que Vuyo exercitará sexualmente sua masculinidade com Pertunia, a empregada.

A história da traição de Vuyo nos chega através de um lapso de Marita — que fizera amizade tanto com MaRosie quanto com Pertunia — durante uma conversa com Thandi. Ao saber que Vuyo está traindo a amiga com Pertunia, Thandi se sente na obrigação de avisá-la, mas não faz isso diretamente. Consegue armar uma situação para que Nosizwe, sem saber, possa pegar os dois em flagrante. Ao encontrar os dois juntos em sua cama, Nosizwe reagirá de modo extremamente irracional:

They had seriously misjudged our Nosizwe. While the two adulterers seemed frozen in time, Siz walked to her closet, opened the safe, and pulled out her Magnum .44. (She had become a trained marksman after her mother insisted that she and Lizwe both learn how to protect themselves from Joburg hijackers.)⁴⁴⁶ (WANNER, 2006, p.97-98).

[...]

‘You’, she said, pointing the gun at Pertunia, ‘put on your clothes right now.’ Pertunia scurried to put on her clothes. Vuyo attempted to do the same, but Siz pointed the gun at him saying, ‘NO, You stay that way.’⁴⁴⁷ (WANNER, 2006, p.98).

⁴⁴⁴ Tradução: “a única pessoa capaz de enfrentar a mãe de Siz. Com seu físico atlético, seu vocabulário impecável e isento de qualquer palavrão, e uma personalidade de ursinho de pelúcia [...] um cavalheiro-bandido (WANNER, 2006, p.4).

⁴⁴⁵ Tradução: “o mais doce, engraçado, mais adorável, e mais charmoso _ para não dizer ‘mais bonito’ – dos homens que uma mulher poderia esperar agarrar.” (WANNER, 2006, p.4).

⁴⁴⁶ Tradução: “Eles haviam julgado mal nossa Nosizwe. Enquanto os dois adúlteros pareciam congelados no tempo, Siz caminhou até seu armário, abriu o cofre e puxou sua Magnum.44. (Ela tornara-se atiradora depois que sua mãe insistira para que ela e Lizwe ambas aprendessem a se proteger dos sequestradores de Joburg. (WANNER, 2006, p.87-98)

⁴⁴⁷ Tradução: “‘Você, ela disse, apontando a arma para Pertunia, ‘vista-se imediatamente.’ Pertunia correu se vestir. Vuyo tentou fazer o mesmo, mas Siz apontou a arma para ele dizendo, ‘NÃO, Você fica do jeito que está’ (WANNER, 2006, p.98).

Depois de tentar convencer Siz a não atirar, Vuyo escapa por pouco de um tiro que vai se alojar na cabeceira da cama. Fora de si, com a insistência dele em convencê-la em não atirar e desobedecendo a ordem de sair que ela havia lhe dado, Siz não vacila em atirar “in his thigh, not too distant from his crotch⁴⁴⁸” (WANNER, 2006, p.98). Enquanto Vuyo é expulso de casa completamente nu e ferido, Pertunia é obrigada a arrumar suas coisas e é, em seguida, colocada no ônibus de volta para sua terra.

A reação de Nosizwe é a reação de uma mulher que não se deixa humilhar, que reage à altura da intensidade com que sente a ofensa que lhe foi feita. Acima de tudo, é a reação de uma mulher que toma uma atitude, mesmo que radical e violenta, mas que não se submete ao papel simplesmente de vítima. Mas esta mulher impulsiva e magoada ainda será capaz de mostrar que sabe conciliar emoção e razão e de reverter toda a situação da traição, da separação, e da reconciliação, a seu favor.

Com a reaproximação de Vuyo em virtude da morte de seu pai, Nosizwe reconsidera a separação e decide aceitá-lo de volta, por duas razões, segundo Thandi. Primeiro, por ter sido lembrada pelas amigas de que ela cometera com Vuyo o erro de ter se casado em comunhão de bens, o que a obrigaria a dividir tudo que tinha com ele, que nunca participara da construção do patrimônio e, em segundo lugar, porque ela realmente o amava. Entretanto, ao aceitá-lo de volta, Nosizwe o faz, a partir de então, de uma posição muito mais empoderada. Não mais a mulher insegura e ciumenta, mas aquela que define os termos em que a relação se dará a partir de então, conforme explica a narradora:

Whatever, but at least Siz was no longer wearing rose-coloured glasses. Having been bitten once, she had come to an important conclusion: this time, their relationship would be run by her rules. Vuyo had destroyed the trust that was the fabric of their relationship and for this he had to pay. He would have to prove that it was only her he wanted if they were to be together again. The reunion turned the split in Siz’s favour because this time around, there was much negotiation and many visits to lawyers for Siz to draw up a post-marital agreement, which Vuyo dutifully signed.⁴⁴⁹ (WANNER, 2006, p.117).

Wanner constrói ainda uma situação engraçada e sugestiva do empoderamento das mulheres na ‘comunidade’ formada pelas amigas ao fazer com que Vuyo não só pedisse desculpas à Siz, mas à Thandi e Lauren e a explicar suas intenções com ela dali em diante.

⁴⁴⁸ Tradução: “em sua coxa, não tão distante de sua virilha.” (WANNER, 2006, p.98).

⁴⁴⁹ Tradução: “Seja como for, pelo menos Siz já não via tudo em cor de rosa. Tendo sido mordida uma vez, ela tinha chegado a uma conclusão importante: desta vez, seu relacionamento seria determinado por suas regras. Vuyo tinha destruído a confiança que tinha sido o tecido de seu relacionamento e por isso ele tinha que pagar. Ele teria que provar que era só ela que ele queria se eles fossem ficar juntos novamente. A reconciliação transformou a partilha em favor de Siz, porque desta vez, houve muita negociação e muitas visitas a advogados para Siz elaborar um acordo pós-matrimonial, que Vuyo assinou obedientemente.” (WANNER, 2006, p.117).

Here was Vuyo telling us he messed up, and all the textbook stuff that errant husbands have said to their faithful wives over the years. We weren't married to Vuyo, so we should have just looked at each other and him and said, 'Yeah, whatever,' but both Lauren and I were suckers for romance. And come on, how many times does your friend's man apologise to you for messing up your friend?⁴⁵⁰ (WANNER, 2006, p.118).

Outra atitude original, e que pode ser considerada empoderadora, apesar de moralmente polêmica, tomada por Siz para resolver mais um grave 'problema' causado pela traição do marido é que, ao tomar conhecimento de que Pertunia engravidara de Vuyo, ela decide adotar a criança e criá-la como seu filho. Desse modo, ao mesmo tempo em que se vinga de Pertunia pela traição, ela torna sua maternidade possível porque até então não conseguira ter seus próprios filhos. Entretanto, as motivações de Nosizwe são questionadas por sua irmã, Lizwe e as amigas Thandi e Lauren, lembrando-a do fato de que ela nunca gostara realmente dos filhos de Vuyo, ela explica:

'Thing is... I sometimes think that maybe Vuyo got with Pertunia because she was more maternal towards his children while I just ignored them. I need to show him that I am not just a selfish, spoilt rich girl. That I am capable of loving his child selflessly... then grinning slyly, 'And of course the added bonus is that Pertunia bitch will be losing the child she made under deception to me, but I didn't say that in there. What I said was that the child would be better off with us since Pertunia has no income.'⁴⁵¹ (WANNER, 2006, p.149-150).

Nesta passagem, podemos considerar que Siz continua a tomar decisões em função mais do outro do que de si mesma, o que faz com que possamos pensar, mais uma vez, que a autora não está preocupada em criar personagens femininas 'politicamente corretas', e/ou isentas de contradições e oscilações em seus processos de emancipação e empoderamento.

Zukiswa Wanner evidencia também, neste episódio, o papel determinante das condições sociais e econômicas para as experiências dos sujeitos na contemporaneidade sul-africana. Ao decidir por um acordo que beneficiava muito mais Siz do que Pertunia, a

⁴⁵⁰ Tradução: "Ali estava Vuyo nos dizendo que ele estragara tudo, e repetindo toda a lição de casa que os maridos que erram falam às suas fiéis esposas ao longo dos anos. Nós não éramos casadas com Vuyo, então deveríamos ter olhado uma para a outra e para ele e ter dito 'Sim, que seja', mas Lauren e eu éramos loucas por romance. E diga lá, quantas vezes o homem de sua amiga se desculpa por aprontar com sua amiga? (WANNER, 2006, p.118).

⁴⁵¹ Tradução: "A coisa é que ... Às vezes acho que talvez Vuyo tenha ficado com Pertunia porque ela era mais maternal com seus filhos, enquanto eu simplesmente os ignorava. Eu preciso mostrar a ele que eu não sou apenas uma garota egoísta e mimada. Que sou capaz de amar seu filho desinteressadamente... então, sorrindo maliciosamente: "E, claro, o bônus adicional é que a cadela Pertunia estará perdendo a criança que ela fez para minha decepção, mas eu não disse isso ali. O que eu disse foi que a criança ficaria melhor com a gente, já que Pertunia não tem renda." (WANNER, 2006, p.149-150).

narradora conclui que “It looks like the rich will always triumph over the poor.”⁴⁵² (WANNER, 2006, p.150). Os interesses e desejos da mulher rica que não podia ter filhos são satisfeitos ignorando-se qualquer desejo, necessidade ou interesse da mulher pobre, cujos sentimentos as leitoras sequer ficam conhecendo. O que este episódio de *The Madams* evidencia é a importância da maternidade para a construção das identidades femininas sul-africanas contemporâneas, tema que será discutido mais adiante neste capítulo.

5.8.2 Mandla – Entre o *African Macho* e o *Renaissance Man*

A história da traição de Thandile por Mandla representa mais uma vez um homem negro como infiel na narrativa. A ideia que temos de Mandla no início da narrativa é de “‘renaissance man’”⁴⁵³ que divide o trabalho doméstico e ajuda a cuidar de Hintsá. Com base nesta afirmação da narradora feita no prólogo, poderíamos concluir que Mandla é a representação do chamado “novo homem africano”. O novo homem seria o resultado das mudanças positivas da masculinidade alcançadas nas últimas décadas, segundo Robert Morrell. Para Morrell, o novo homem é aquele que é a favor do movimento de liberação das mulheres, que cuida dos filhos, apoia as mulheres em seus desejos para desenvolverem carreiras, e eram pessoas sensíveis e introspectivas. (MORRELL, 2001, p.4).

Entretanto, se o marido de Thandi é moderno e prestativo dentro de casa, as leitoras ficarão sabendo, logo a seguir, que Mandla pede para que, na presença dos parentes e dos “his macho, mooching friends from *ekasi*.”⁴⁵⁴, Thandi haja como uma esposa tradicional, cozinhando, limpando, cuidando do filho, e servindo cerveja aos homens e limpando suas sujeiras sem dar qualquer sinal de desagrado, como já sugeri anteriormente. Tal atitude revela um homem que, apesar de ser ‘moderno’ em suas práticas na esfera privada e em seu relacionamento com sua mulher, é inseguro para assumir publicamente valores e atitudes que não aqueles da cultura africana tradicional. Situação em que Thandi não deixa de ser cúmplice por “understand his point... because I know our people”⁴⁵⁵. (WANNER, 2006, p.XI).

Mandla, como Thandi e Nosizwe, se encontra também dividido entre duas culturas. Ele também vivera outras experiências fora da África do Sul e de sua comunidade de origem, Soweto. Havia estudado nos Estados Unidos, onde conhecera Thandi. A relação de namoro

⁴⁵² Tradução: “Os ricos sempre triunfarão sobre os pobres.” (WANNER, 2006, p.150).

⁴⁵³ Tradução: “um homem da Renascença.” (WANNER, 2006, p.x).

⁴⁵⁴ Tradução: “amigos machos e pidões, do subúrbio.” (WANNER, 2006, p.X).

⁴⁵⁵ Tradução: “Eu compreendo seu ponto de vista... porque conheço nosso povo.” (WANNER, 2006, p.xi).

entre os dois seguira um modelo ocidental, liberal. Mas quando resolvem morar na mesma casa, mesmo casando-se somente no cartório, sem qualquer cerimônia religiosa, é Mandla quem faz questão de pagar o '*lobola*'.

No início do romance, Mandla é ainda descrito por Thandi como um homem inteligente, com uma bela carreira profissional como médico, alguém que a ama e que a satisfaz sexualmente. (WANNER, 2006, p.20). Parece importante que mulheres inteligentes destaquem a inteligência de um homem como um dos requisitos mais importantes para que se sintam atraídas, que é o que Thandi faz. A beleza física masculina é também mencionada pela personagem, mas em segundo plano como ela deixa claro ao descrever a experiência que teve com Martin, durante sua vingança.

What happened next should not, in ordinary circumstances, have happened, but these weren't ordinary circumstances and I felt good knowing that I was giving the middle finger to my husband. The alcohol, and the presence of an attractive and, even more importantly, intelligent male was a gift from the goddess of revenge. I found it very liberating..⁴⁵⁶ (WANNER, 2006, p.194).

As descrições de Martin e Mandla feitas por Thandi não fogem das representações estereotipadas dos romances populares. Sugerem-se como versões modernizadas da figura do 'Príncipe Encantado' para estimularem a personagem na construção de sua narrativa. Mas, a imagem da mulher moderna, não romântica, realista, que a personagem quer manter para si mesma e para o público leitor faz com que ela também aponte alguns 'defeitos' de Mandla, por exemplo, dando condições à autora para humanizar a personagem masculina.

Fora não assumir socialmente o tipo de relação mais igualitária que tem com Thandi, ela nos deixa saber que Mandla gosta de se embriagar com os amigos na sala, que tem ideias de senso comum que relacionam a masculinidade ao consumo de álcool, e ainda transmite ao filho pequeno ideias sexistas e preconceituosas contra as mulheres, comportamento que acima de tudo, como boa feminista, Thandi detesta:

'Boy, I told you not to pay attention to the senseless words of women. Of course I am not drunk. Real men can handle their alcohol.' He was rewarded with a withering look from me which seemed to penetrate his drunken mind because he apologized. Mandla knew I hated it when he made sexist statements, particularly in

⁴⁵⁶ Tradução: "O que aconteceu em seguida não deveria, em circunstâncias normais, ter acontecido, mas essas não eram circunstâncias normais e eu me sentia bem sabendo que eu estava mostrando o dedo médio ao meu marido. O álcool e a presença de um homem atraente e, ainda mais importante, inteligente era um presente da deusa da vingança. Achei muito libertador." (WANNER, 2006, p.194).

the presence of our son _ I wanted to raise a man who respected and cherished women..⁴⁵⁷ (WANNER, 2006, p.32).

Mas, apesar de beber com os amigos com certa frequência, Mandla está longe de ter com o álcool a relação que Michael tem. Ao contrário de Michael que fica violento, Mandla pode brigar com os amigos, mas perdoá-los em seguida, mesmo que secretamente, enquanto fica amoroso e meloso com a mulher, como nesta cena engraçada.

Fortunately, the guys decided not to sleep on the floor of my living room. It appears Mandla and his pals had yet another of their drunken fights, which normally result in mental kisses and all being forgotten next time they see each other. The good news for me was that there was only one semi-drunk fool I would have to make breakfast for the next morning. The bad news, alas, was that I was regaled with, 'I don't want to deal with these miscreants anymore. Let them eff off. They just want to mooch from me...' This, in typical drunken Mandla fashion, would go on until he fell asleep _ because, should I nod off first, he would keep on waking me up to ask me what I thought and giving me sloppy, beer-soaked kisses.⁴⁵⁸ (WANNER, 2006, p.33)

5.8.2.1 A Traição de Mandla

Apesar da protagonista e de tudo que lhe diz respeito na história parecer conspirar para que ela seja vista como uma mulher moderna cuja personalidade, cujo bom senso, cujas escolhas e atitudes fazem dela uma pessoa razoavelmente bem resolvida e feliz, alguém que sabe lidar com os mais diferentes problemas, inclusive com suas próprias contradições, equilibrando suas demandas pessoais com as mais variadas dimensões e expectativas que a sociedade sul-africana exige de uma mulher negra de classe média, profissional, mãe, esposa, amiga e patroa, etc., ela terá também que enfrentar problemas que irão desestabilizar, principalmente, seu modo de ver sua relação conjugal e com isso a construção de sua própria identidade e subjetividade.

⁴⁵⁷ Tradução: “‘Rapaz, eu lhe disse para não prestar atenção às palavras sem sentido das mulheres. Claro que eu não estou bêbado. Homens de verdade dão conta de sua bebida’ Ele foi recompensado com meu olhar fulminante que pareceu penetrar em sua mente embriagada porque ele se desculpou. Mandla sabia que eu odiava quando ele fazia comentários sexistas, particularmente na presença de nosso filho _ eu queria criar um homem que respeitasse e apreciasse as mulheres.” (WANNER, 2006, p.32).

⁴⁵⁸ Tradução: “‘Felizmente os caras decidiram não dormir no chão da minha sala de estar. Parece que Mandla e seus amigos tiveram outra briga de bêbados, que normalmente resulta em beijos imaginários e tudo esquecido na próxima vez que eles virem uns aos outros. A boa notícia para mim é que havia apenas um bobo meio bêbado para quem eu teria que fazer café na manhã seguinte. A má notícia, infelizmente, foi que eu tive que aguentar o, 'Eu não quero mais saber desses vagabundos. Que vão se ferrar. Eles só querem me explorar ... 'Esta ladainha, tipicamente bêbada de Mandla, continuaria até ele adormecer _ porque, se eu cochilasse antes, ele ficaria me acordando o tempo todo para me perguntar o que eu pensava e me dando beijos melados e encharcados de cerveja.’” (WANNER, 2006, p.33)

No decorrer da narrativa, à medida que os subenredos vão se desenvolvendo desde a contratação de Marita, a briga entre amigas e com a própria Thandile decorrente das divergências entre Lauren e Nosizwe acerca da contratação da empregada branca, a descoberta da traição de Vuyo e da violência doméstica sofrida por Lauren, não só nós leitoras vamos nos distraíndo e quase deixando de prestar atenção à vida íntima de Thandi, junto conosco, Thandi também deixa de observar e pensar sua vida pessoal mais atentamente até, é claro, o momento em que os problemas se escancaram.

Thandi se deixa enganar, por exemplo, em inúmeras ocasiões em relação ao significado das ausências de Mandla, cuja desculpa de estar trabalhando até tarde da noite e nos finais de semana ela aceita praticamente sem desconfiar. As pequenas e as não tão pequenas desatenções também são relevadas por ela, não sem sentir-se magoada, como no dia dos namorados em que passa sozinha. Mas será no final de semana de seu aniversário quando Mandla não retorna da casa de sua ‘mãe’ com Hintsa para ficar com ela que a situação fica insustentável. Mas a reação de Thandi de mergulhar na solidão de seus problemas é resultado também de seu orgulho e de sua insistência em manter a imagem que construíra de si mesma como uma mulher não emotiva, uma mulher *forte e racional*.

After the annual Valentine’s Day massacre of my heart, life returned to normal in my household. I decide against analyzing my feelings with my girlfriends. I did not want them all up in my business and they would no doubt make a few none-too-subtle hints to Mandla. I was, after all, the strong one — or at least I wanted it to appear that way. I was the one everyone went to with their problems and doubts, the one who could handle her own issues. A tough, independent, self-reliant child of the struggle.⁴⁵⁹ (Wanner, 2006, p.171).

Nesta passagem, Zukiswa Wanner mostra mais uma vez que a construção das identidades, sejam elas de raça, classe ou gênero, são influenciadas não só por aquelas experiências que são sociais e culturais, mas também está sujeita a aspectos que são da ordem do pessoal, e que tornam os sujeitos únicos em suas subjetividades. O contexto em que Thandile cresceu, sua história familiar, o ativismo político de seus pais, a infância vivida nem sempre contando com a presença deles parece explicar parte da formação de sua personalidade e de seu desejo de sustentar a imagem de uma mulher forte, emancipada e racional. Se há em *The Madams* uma preocupação em problematizar a construção das

⁴⁵⁹ Tradução: “Após o massacre anual do meu coração no Dia dos Namorados, a vida voltou ao normal na minha casa. Eu decidi não analisar meus sentimentos com as minhas amigas. Eu não as queria a par dos meus assuntos e elas sem dúvida acabariam dando algumas indiretas, não muito sutis, para Mandla. Eu era, afinal, a forte — ou, pelo menos, eu queria que assim parecesse. Eu era aquela a quem todas levavam seus problemas e dúvidas, aquela que podia lidar com suas próprias questões. Uma filha durona, independente, e autossuficiente da luta.” (WANNER, 2006, p.171).

identidades de raça, classe e gênero na sociedade sul-africana contemporânea, como entendo neste trabalho, Wanner, apesar de fazer questão de criar personagens bem fundamentadas socio-historicamente, o faz sem perder de vista a dimensão que é do indivíduo, dentro da perspectiva que Morrell coloca. (2001).

Thandile terá que se confrontar com a realidade da situação que vive, e a qual não queria enxergar, quando Mandla e Hintsá retornam, após terem passado o aniversário de Thandi longe de casa, supostamente, na casa da mãe de Mandla, no momento em que o filho inocentemente conta a verdade sobre o final de semana.

‘We had a good time but daddy wasn’t there most of the time. He was at Auntie Norma’s house down the street.’ The little informer quickly put his hand to his mouth. ‘Sorry mommy. That was a secret. Daddy said I shouldn’t tell you. Why doesn’t daddy want me to tell you? Auntie Norma was very nice.’⁴⁶⁰ (WANNER, 2006, p.179).

A reação de Thandi ao saber da traição de Mandla com a ex-namorada será muito diferente da Nosizwe. Enquanto Siz foi impulsiva e se permitiu deixar levar pela raiva, Thandi, apesar de todo sofrimento — e depois de desabafar com Njeri, uma amiga um pouco mais distante, e com Marita —, decide não agir impulsivamente. Conversa com Mandla o suficiente para que ele saiba que ela tem conhecimento da traição, exigindo que ele se dirija a ela minimamente, somente para manterem a aparência diante do filho até que ela decida o que quer fazer, recusando-se determinantemente a ouvir quaisquer desculpas ou histórias que ele queira contar sobre o ocorrido por um bom tempo.

Wanner também coloca em discussão em *The Madams* a questão do padrão moral duplo ao criar a situação da vingança premeditada por Thandi no momento em que, ao finalmente conversarem sobre o que motivara a traição de Mandla, ele ter tentado se justificar dizendo que se sentia sufocado com o casamento.

‘Suffocated? Was I the one who proposed? Was I the one who claimed undying devotion? Was I the one who claimed I could not live without me and duly paid lobola?’ I had to let it go. There was absolutely no way he could explain this one.

There and then I decided ‘**two could play this game**’. Sure, two wrongs do not make a right, but I felt **I would only feel vindicated if I hit back**. I smiled indulgently and told him it was all right, we could work it out. The trust was seriously eroded, but I had to spring my revenge on him as a surprise. Inside,

⁴⁶⁰ Tradução: “‘Nós nos divertimos, mas papai não estava lá a maior parte do tempo. Ele estava na casa da tia Norma mais para baixo na rua.’ O pequeno informante colocou rapidamente a mão na boca. ‘Desculpe mamãe. Isso era um segredo. Papai disse que eu não deveria te dizer. Por que o papai não quer que eu te diga? A tia Norma foi muito legal.’” (WANNER, 2006, p.179).

though, I was seething. Space? Humph. **I would show him space..**⁴⁶¹ (WANNER, 2006, p.187. Negritos meus).

A separação do casal acontecerá somente depois da traição de Thandi não só ter sido concretizada, em Victoria Falls, mas comunicada a Mandla na conversa após o ‘desaparecimento’ de Thandi que durará um final de semana inteiro sem qualquer explicação e/ou aviso anterior. Wanner constrói a reação para Mandla de modo coerente com sua representação de um homem dividido entre o tradicional e o moderno, tendo primeiro uma reação de incredulidade em relação ao fato de Thandi ter tido relações sexuais com outro homem que não ele, seu marido, para em seguida, conseguir considerar suas motivações.

I told him how I had gone to Victoria Falls in search of revenge and had found it. That got his attention and his look of humility suddenly turned to anger. ‘Y-y-y-you what?’

‘I thought I would feel better about your cheating if I did the same thing. I don’t. I can’t trust you Mandla and I think we should separate for a while to figure out whether we want the same things from this relationship...’

Mandla didn’t let me finish, ‘You went and did the same thing that you accused me of doing and now...’

‘Look. I know now that two wrongs don’t make a right. But it’s done. I can’t be with you any more, Mandla. Now, either I can go and stay in a hotel with Hintsu, or you can go, but I am not staying under the same roof as the man who betrayed me and our marriage a day longer,’ I said with a steely determination in my voice.

‘Fine,’ he yelled, and then more softly, ‘Fine. I will go and you take as long as you need to think. I will come and pick up Hintsu for the weekends if that’s okay with you.’⁴⁶² (WANNER, 2006, p.204).

Através da construção da personagem de Mandla, Zukiswa Wanner demonstra também, mais uma vez, como as identidades de gênero e a construção das subjetividades

⁴⁶¹ Tradução: “‘Sufocado? Fui eu quem quis casar? Fui eu quem jurou devoção eterna? Fui eu quem disse que não poderia viver sem mim e devidamente paguei lobola?’ Eu tive que abstrair. Não havia absolutamente nenhuma maneira dele poder se explicar desta vez.

Ali e então eu decidi '**os dois poderiam jogar este jogo**'. Certo, dois erros não fazem um acerto, mas eu sabia que **só me sentiria vingada se eu desse o troco**. Eu sorri indulgentemente e lhe disse que estava tudo bem, nós poderíamos superar. A confiança foi seriamente abalada, mas eu tinha que executar minha vingança sobre ele de surpresa. Por dentro, porém, eu estava fervendo. Espaço? Humph. **Eu lhe mostraria espaço.**” (WANNER, 2006, p.187. Negritos meus).

⁴⁶² Tradução: “Contei a ele como eu tinha ido para Victoria Falls em busca de vingança e tinha encontrado.

Isso chamou sua atenção e seu olhar de humildade de repente se transformou em raiva. – V-v-v-você ... o quê? ‘Eu pensei que eu me sentiria melhor sobre sua traição se eu fizesse a mesma coisa. Mas não. Não posso confiar em você, Mandla, e acho que devemos nos separar por um tempo para descobrir se queremos as mesmas coisas deste relacionamento...’

Mandla não me deixou completar, ‘Você foi e fez a mesma coisa de que me acusou fazer e agora ...’

‘Veja. Agora eu sei que dois erros não fazem um acerto. Mas está feito. Não posso mais ficar com você, Mandla. Agora, ou posso ir e ficar em um hotel com Hintsu, ou você pode ir, mas eu não vou ficar sob o mesmo teto nem mais um dia com o homem que me traiu e a nosso casamento,’ eu disse com uma determinação inabalável na voz.

‘Tudo bem’, ele disse gritando, e depois mais calmamente: ‘Tudo bem. Eu vou e você leva o tempo que precisar para pensar. Eu virei pegar Hintsu para os fins de semana, se você achar que está bem assim.’” (WANNER, 2006, p.204).

dependem de processos que são, acima de tudo, relacionais. Como as trajetórias de Michael e Vuyo, a de Mandla será definida como consequência também das atitudes e decisões de Thandi a partir da situação da traição. Desse modo, *The Madams* revela o quanto os posicionamentos das mulheres podem influenciar e influenciam as transformações dos homens, transformando suas compreensões e experiências de masculinidade.

Em *The Madams*, temos a autora representando a construção de novas identidades para as mulheres negras a partir, principalmente, de como estas mulheres se relacionam com seus companheiros, não sem enfatizar igualmente a importância da forte rede de relações que as mulheres mantêm umas com as outras. A obra ainda nos permite perceber o papel que a maternidade ocupa na constituição das identidades femininas sul-africanas modernas, tópico final de análise da obra que passo a abordar a seguir.

5.9 A importância da maternidade na África do Sul pós-apartheid em *The Madams*

É histórica e evidente a centralidade do conceito e da experiência da maternidade nas culturas africanas em geral. A maternidade africana, tanto quanto outras ideias de maternidade, é recoberta por inúmeras suposições e discursos, entre eles uma forte idealização que não corresponde à realidade cotidiana vivida pelas mulheres africanas na experiência da maternidade, como bem nos lembrou a escritora Lauretta Ngcobo em *African Motherhood - Myth and Reality* (1986). Para Ngcobo, a literatura é um dos discursos responsáveis pela proliferação das ideias romantizadas a cerca da maternidade e que veicula ideias muito diferentes da realidade encontrada nas ruas e colinas africanas em suas hordas de mães. (NGCOBO, 1986). Na África do Sul, já há algum tempo, as críticas feministas revelaram como as causas nacionalista e patriarcal se apropriaram da imagem da mãe africana como símbolo da nação e da tradição. Entre outros usos, a figura materna tem sido utilizada para exaltar ostensivamente as qualidades únicas da nutrição, proteção, e altruísmo das mulheres africanas, qualidades que frequentemente são vistas como as colocando em um patamar superior às mulheres do ocidente.

Para Ngcobo, antes de qualquer outra coisa, “African motherhood is about children.”⁴⁶³ (NGCOBO, 1988, p.141) e “marriage amongst Africans is mainly an institution

⁴⁶³ Tradução: “a maternidade africana é sobre filhos.” (NGCOBO, 1988, p.141).

for the control of procreation.⁴⁶⁴”, motivo pelo qual “Every woman is encouraged to marry and get children in order to express her womanhood to the full.”⁴⁶⁵ (NGCOBO, 1988, p. 141). Foi a importância dada à existência dos filhos, por questões que estão mais relacionadas à acumulação de capital humano e segurança social, segundo Ngcobo, o que levou “the institutionalizing of motherhood through fertility rites, taboos and beliefs and has acquired some religious significance.”⁴⁶⁶”, fazendo com que a procriação se tornasse “uma tarefa sagrada com relação a sua família” para os homens (NGCOBO, 1988, p.143). Mas são todos, os homens e mulheres, que têm a obrigação de imortalizar seus ancestrais através da reprodução. A infertilidade é, assim, um tabu nas sociedades africanas tradicionais e um motivo de vergonha, mas que é geralmente imputada à mulher. Conforme nos lembra Akujobi,

Motherhood is so critical in most traditional societies in Africa that there is no worse misfortune for a woman than being childless. A barren woman is seen as incomplete, she is what Mbiti calls the ‘dead end of human life, not only for genealogical level but also for herself’.⁴⁶⁷ (AKUJOBI, 2011, p.3).

A experiência da maternidade para as mulheres em sociedades colonizadas foi, como não podia deixar de ser, moldada pelas políticas coloniais e, portanto, por questões de classe e raça, que ainda influenciam a experiência moderna da maternidade em muitas sociedades pós-coloniais. Foram as vozes feministas que buscaram liberar a maternidade da instituição e o do mito que a limita ao campo restrito da família, não dando espaço para as mulheres escolherem identidades e modos alternativos de ser mãe.

Das obras aqui analisadas, talvez seja, mais uma vez, *The Madams* que nos ofereça mais explicitamente pistas para entendermos o que representa a maternidade na África do Sul hoje. É preciso, todavia, lembrarmos sempre que as experiências da maternidade, na sociedade sul-africana contemporânea, são diversas e atravessadas pelas questões que são não só de classe, raciais e de gênero, mas também, como em qualquer outra sociedade, no nível das subjetividades, constituídas também pela ordem psíquica e emocional.

⁴⁶⁴ Tradução: “o casamento entre os africanos é principalmente uma instituição para o controle da procriação.” (NGCOBO, 1988, p.141).

⁴⁶⁵ Tradução: “Toda mulher é encorajada a casar e a ter filhos para expressar totalmente sua feminilidade.” (NGCOBO, 1988, p.141).

⁴⁶⁶ Tradução: “à institucionalização da maternidade através de ritos de fertilidade, tabus e crenças e adquiriu uma significância religiosa”. (NGCOBO, 1988, p.143).

⁴⁶⁷ Tradução: “A maternidade é tão crítica na maioria das sociedades tradicionais africanas que não há na África infortúnio maior para uma mulher do que não ter filhos. Uma mulher estéril é vista como incompleta, ela é o que Mbiti chama de ‘o fim da vida humana, não só no nível genealógico, mas também para ela mesma’”. (AKUJOBI, 2011, p.3).

The Madams, apesar de trazer diferentes representações do fenômeno social, não é uma obra que problematiza ou questiona em profundidade a natureza e/ou a razão de ser da maternidade como fizeram os estudos feministas. A protagonista Thandile é mãe. Lauren é mãe e Nosizwe quer ser. O romance começa com a afirmação de Thandi de que ama seu filho fofo e esperto de cinco anos, mas isso só vem depois dela ter afirmado que ama sua vida. Na hierarquia da ordem amorosa, o marido, Mandla, virá em terceiro lugar, somente à frente do trabalho de Thandi. De onde podemos concluir que Thandi ama a si própria, sua vida, em primeiro lugar. Mas a maternidade ocupa um lugar imediatamente mais importante para ela do que ter um companheiro ou um trabalho. Vista por este viés, Thandi corrobora as descobertas encontradas na pesquisa sobre os significados da maternidade na África do Sul contemporânea, realizada pela psicóloga Sharon van Doorene através da Universidade de Witwatersrand, *Narratives of Motherhood – Voices of Selected South African Women* (2009). Nesta investigação sobre a prevalência da ideologia e dos discursos da maternidade intensiva na vida de mulheres sul-africanas de diferentes grupos raciais e classes sociais que trabalhavam fora de casa, Doorene chegou à conclusão de que a maternidade, na sociedade sul-africana contemporânea, ao mesmo tempo em que é marcada pela ideologia da maternidade intensiva, é também atravessada “muito mais por narrativas nuançadas de igualdade, empoderamento e agência.” (DOORENE, 2009, p. 91).

Thandi tem uma relação com maternidade marcada, em certo grau, pela ambiguidade encontrada nas experiências e falas das mulheres que são mães. Ao mesmo tempo em que a protagonista de *The Madams* não se enquadra no papel da mãe plenamente disposta ao autossacrifício do *ser mãe é padecer no paraíso*, ela assume o papel de mãe de modo socialmente bem aceitável. Entre as funções das quais Thandi está cansada, está a de ser uma “**Supermom**”⁴⁶⁸ (WANNER, 2006, p.ix. Negrito meu) para Hintsa. Atrás deste termo, se encontra toda uma carga semântica que engloba séculos de “aprendizado” cultural acerca do que é ser mãe. Se, para Thandi, uma mãe tem que ser Super, é dessa sobrecarga que ela quer se livrar.

Conforme Adrienne Rich demonstrou de forma brilhante em *Of Woman Born - Motherhood as Experience and Institution* (1986), a maternidade tem uma história e a maternidade que conhecemos é fruto de uma ideologia, resultado de um sistema sociocultural e político que nasce do patriarcado⁴⁶⁹ como uma forma majoritária de dominação intimamente

⁴⁶⁸ Tradução: “Supermãe.” (WANNER, 2006, p.ix).

⁴⁶⁹ Conceito reconhecido por Rich não como uma abstração, senão como um conceito concreto e útil ainda hoje para se pensar a hierarquia sexual identificável nas estruturas sociais e políticas. (RICH, 1986, p.xxiii).

interconectada com os conceitos de raça e classe que geram opressões que são simultaneamente raciais, econômicas e generificadas. (RICH, 1986, xxiv). Thandi dá sinais de que sabe disso, pelo menos, em um grau maior do que suas amigas, Lauren e Nosizwe, que parecem simplesmente viver as experiências de serem ou não mães sem explicitamente questionarem e/ou cogitarem a possibilidade de uma mulher não ser mãe por opção, por exemplo.

I had been feeling trifle guilty. The whole work week had been so busy that I had been an inattentive mother and wife, too tired to listen to Hints's school-day stories and too tired to make love to my husband. Fortunately for me, Mandla was an alright cook. Not as good as my dad, but good enough to make dinner for himself and the boy during the week. I know Mandla enjoys cooking, but I still feel guilty for not performing my 'womanly role'. It must be inborn or drummed into me by society that I am supposed to do the cooking and cleaning, in spite of claiming to a feminist.⁴⁷⁰ (WANNER, 2006, p.46-47).

Na passagem acima, Thandi demonstra o quanto ainda está presa às visões idealizadas da maternidade e às exigências sociais e culturais tradicionais que são feitas às mães quando confessa sentir culpa por não corresponder adequadamente a elas. Entretanto, o que predomina na narrativa, em toda e qualquer passagem que se refira a aspectos e experiências da maternidade/maternagem de qualquer uma das personagens, é a resolução de problemas mais de ordem prática em como exercer esta maternidade, como resolver os conflitos e as contradições que ela pode gerar, mais do que questionar o fenômeno da maternidade enquanto instituição social na vida das mulheres.

Em várias ocasiões, as falas de diferentes personagens reproduzem, em *The Madams*, discursos que idealizam, de uma forma ou de outra, a figura da mãe e a experiência materna. São enunciados que traduzem desde ideias como a do mito do amor materno, inerente, incalculável, da existência de um saber que seria próprio e exclusivo das mães, um saber especial desenvolvido pela experiência da maternidade que não pode ser sentido ou conhecido por quem não viveu a experiência, passando pelo ideal da *maternidade intensiva*, centrada exclusivamente no cuidado e bem estar dos filhos acima de qualquer outra coisa, até a ideia de que ser uma *boa* mãe implica estar disponível para os filhos conforme as demandas desses.

⁴⁷⁰ Tradução: “Eu estava me sentindo culpada. A semana toda de trabalho tinha sido tão ocupada que eu tinha sido uma mãe e uma esposa desatenta, cansada demais para ouvir as histórias de Hints na escola e cansada demais para fazer amor com meu marido. Felizmente para mim, Mandla era um bom cozinheiro. Não tão bom quanto meu pai, mas bom o suficiente para fazer a janta para ele e para o menino durante a semana. Eu sei que Mandla gosta de cozinhar, mas eu ainda me sinto culpada por não desempenhar o meu “papel feminino”. Deve ser inato ou foi incutido em mim pela sociedade que eu supostamente devo cozinhar e fazer a limpeza, apesar de afirmar que sou uma feminista.” (WANNER, 2006, p.46-47).

Em relação ao amor materno, Thandi reforça a ideia de que este é a força motriz dos sentimentos e das decisões que são tomadas pelas mulheres a partir do momento que são mães: “Being a mother myself, I know that **nothing beats a mother's love** and Vuyo had stoked the fires. Lauren's anger at Mike came to the fore and she immediately became animated.⁴⁷¹” (WANNER, 2006, p.126. Negritos meus). Foi ao pensar que sua morte poderia colocar em risco o bem estar dos filhos que Lauren foi convencida a denunciar e se divorciar de Michael, sugere Thandi.

Há, em *The Madams*, referência à singularidade culturalmente atribuída à maternidade que acredita que o fato de uma mulher ‘ser mãe’ lhe proporcionaria uma sabedoria única e intransferível, como explicita Lizwe ao tentar explicar para Nosizwe que a mãe é movida sempre pelo bem querer dos filhos:

Lizwe decided to answer her and put it all the rest, 'Nosizwe, mommy loves you and this is breaking her heart. You well know part of the reason that she was so against Vuyo was because, in her own funny way, she thought she was protecting you. I can't quite explain, it's a mother thing. I know I sometimes become overly protective with my son and I know these two are the same with their children.'

Lauren and I nodded _ but only for a moment before Siz flew into a rage. 'Oh so now it's not enough that you are all discussing me behind my back about my 'unworthy' husband, but now you also have to remind me how I am unable to be a mother?' she blazed..⁴⁷² (WANNER, 2006, p.110. Negritos meus.)

Cabe aqui uma observação para chamar a atenção, neste mesmo trecho, para a demonstração que Nosizwe dá de uma grande preocupação com o que as amigas e a irmã estão pensando acerca de sua “capacidade” de ser mãe. Será mais quase ao fim da narrativa apenas que teremos a confirmação do quão grande é a inquietação de Nosizwe em relação à maternidade quando ela resolverá a questão do fato de não ter filhos biológicos com a adoção do bebê que Vuyo terá com Pertunia, já comentada anteriormente.

Se Nosizwe adota a criança porque tem um desejo *verdadeiro* de ser mãe ou se apenas encontra nesta estratégia mais uma forma de manter Vuyo a seu lado é algo que não está totalmente explícito na obra de Wanner. Também, não tenho aqui qualquer intenção de dar a entender que as motivações dos sujeitos sejam sempre claras e/ou conscientes até para

⁴⁷¹ Tradução: “Sendo uma mãe eu mesmo, eu sei que **nada vence o amor de uma mãe** e Vuyo tinha alimentado o fogo. A raiva de Lauren por Mike veio à tona e ela imediatamente se animou.” (WANNER, 2006, p.126).

⁴⁷² Tradução: “Lizwe decidiu responder a ela e colocar tudo às claras, 'Nosizwe, mamãe te ama e isso está partindo seu coração. Você sabe bem que parte do motivo pelo qual ela era tão contra Vuyo era porque, do jeito estranho dela, ela pensou que estava te protegendo. **Não consigo explicar, é uma coisa de mãe.** Sei que às vezes me torno excessivamente protetora com meu filho e sei que essas duas fazem igual com seus filhos. Lauren e eu assentimos - mas só por um momento antes de Siz voar para cima com raiva. - Ah, agora não basta que todas vocês estejam discutindo sobre mim, sobre meu marido ‘indigno’ nas minhas costas, mas agora você também tem que me lembrar como **sou incapaz de ser mãe?** Ela disparou.” (WANNER, 2006, p.110).

eles próprios. Ao contrário, defendo que é justamente a intenção da autora construir personagens, principalmente as femininas, desconstruindo, fundamentalmente, identidades de senso comum, ao mesmo tempo em que probematiza as questões que costumam ser consideradas como dadas, ‘essenciais’ e/ou ‘naturais’, na vida das mulheres.

Na carta que Lauren escreve para Thandi aparece mais uma exemplificação da ideia de que somente uma mulher que é mãe é capaz de sentir e compreender o que outra mãe sente, como se houvesse alguma coisa de inerente em ser mãe que proporcionasse uma empatia certa.

Had I, for one, known that you would go into a sulk, I would definitely have talked to you the very next day. It has been quite torturous having to listen to Siz's stories of how Lizwe thinks she is better than her, not to mention how she fails to get excited when I tell her that Elizabeth received an A in her Sotho class, something that I know only you as mother can relate to and be excited about.⁴⁷³ (WANNER, 2006, p. 79. Negritos meus).

Mas Lauren é também um ótimo exemplo em como o romance de Zukiswa Wanner desidealiza a maternidade. A narradora nos conta como a professora universitária e doutoranda em literatura inglesa, envolvida com a criação de quatro filhos biológicos e mais uma centena de alunos, ama o conhecimento e crianças, mas “em nenhuma ordem particular” (WANNER, 2006, p. 11).

Although she loves children, I do not quite understand why Lauren had four of her own. When she is reading a good book (which is more often than you know), she shuns motherly responsibility entirely and gives the children to her maid, MaRosie. This may explain why the last two enunciated 'Rosie' before they could say Mama. 'When they are good, they are mine,' she likes to joke. 'When they are noisy, they are MaRosie's.'⁴⁷⁴ (WANNER, 2006, p.11).

A ideia de que as mulheres sul-africanas modernas têm muitos outros desejos para além da maternidade, apesar desta ainda ser de grande importância, pode também ser identificada nas queixas que Thandile faz a Mandla.

⁴⁷³ Tradução: “Se eu, por exemplo, soubesse que você ficaria emburrada, eu certamente teria falado com você no dia seguinte. Foi muito torturante ter que ouvir as histórias de Siz de como Lizwe acha que ela é melhor do que ela, para não mencionar como ela não consegue ficar animada quando eu digo a ela que Elizabeth recebeu um A em sua aula de Sotho, algo que eu sei que **só você como mãe pode compreender** e com o que pode ficar animada.” (WANNER, 2006, p.79).

⁴⁷⁴ Tradução: “Embora adore crianças, eu não compreendo por que Lauren teve quatro filhos. Quando ela está lendo um bom livro (o que é mais frequente do que você imagina), ela se esquia totalmente da responsabilidade maternal e entrega as crianças para a empregada, MaRosie. Isso pode explicar por que os dois mais novos falaram ‘Rosie’ antes que eles pudessem dizer Mama. ‘Quando eles são bons, eles são meus’, ela gosta de brincar. ‘Quando eles são barulhentos, eles são de MaRosie.’”(WANNER, 2006, p.11).

I knew I had probably lost the Valentine's day battle, but I didn't want to let it go. 'Babes, I miss spending time with you. We never do that anymore. You are always out with Chukwu in Soweto when you aren't working and I am like, just a MOTHER and not even the woman you love any more. Besides, it's valentine's Day on Tuesday,' I whined.⁴⁷⁵ (WANNER, 2006, p.163)

Assim, podemos dizer que Zukiswa Wanner, através de Thandile, Lauren e Nosizwe, retrata não a maternidade idealizada, mas, sem maniqueísmos, a ambiguidade de significados da maternidade e dos sentimentos complexos que a experiência traz para a vida das mulheres sul-africanas na contemporaneidade.

A representação da chamada maternidade africana também está presente na obra de Wanner. Não através de Nosizwe e Thandile que, apesar de serem mulheres negras de origem africana, não trazem características que poderíamos associar diretamente à ideia tradicional de mães africanas, pelo menos, não nas atitudes mais diretamente relacionadas ao exercício de suas maternagens. Podemos afirmar, no entanto, que elas não deixam de demonstrar que são filhas africanas de mães africanas e, por isso, tendem a respeitar os modos e as tradições africanas, associando-as, muitas vezes, aos modos de ser e pensar da cultura ocidental, como poderíamos esperar das gerações urbanas mais jovens.

Todavia, a representação mais evidente de uma mãe africana se faz através de Ma, a mãe de Nosizwe e Lizwe. É ela quem vai encarnar a matriarca poderosa e respeitada, aquela cuja sabedoria deve ser levada em consideração, cujo conselho deverá ser levado em consideração, cuja autoridade é exercida não só sobre as filhas e filhos, mesmo que adultos, mas até sobre as amigas e amigos desses. Esta mãe africana moderna é também uma mulher com dinheiro.

Só falada pelas demais personagens no início da narrativa, Ma entra em cena a partir da metade da narrativa para introduzir o tema da AIDS. Ela chega sem aviso na casa de Thandi quando vem para fazer uma avaliação de sua doença com Mandla e Chukwu, seu colega nigeriano, ambos especialistas em pacientes soropositivos. A passagem abaixo retrata bem a personalidade forte da mãe africana e o tipo de relação que ela espera ter com a família de um modo geral.

Ever a strategist, Ma planned her trip to coincide with the end of Lauren's court case. Poor woman. She was always slim, but when she arrived Ma looked skeletal.

⁴⁷⁵ Tradução: "Eu sabia que eu provavelmente tinha perdido a batalha do dia dos Namorados, mas eu não queria deixar pra lá. 'Querido, eu sinto falta de passar um tempo com você. Nós nunca mais fizemos isso. Você está sempre fora com Chukwu em Soweto quando você não está trabalhando e eu viro, apenas uma MÃE e nem mesmo a mulher que você ama mais. Além disso, é o Dia dos Namorados na terça-feira – gritei.'" (WANNER, 2006, p. 163).

In typical Ma style, she breezed in in the early hours of the evening without warning as we were preparing to sit down for dinner. ‘Ma? Why didn’t you call so that either Thandi or I could pick you up at the airport?’ Mandla chided amidst hello hugs and kisses.

‘I’m not an imbecile. I know the address of a house I’ve slept in millions of times, and I think I have enough money in my account to find R 100 to pay for a taxi from Johannesburg airport to Lombardy East. I am a little under weather, some would say sick, but I am not poor,’ she said emphatically. ‘Besides, you probably wanted me to call you in advance so you children could prepare for me and pretend that all is good with the world – not likely. **I am an African mother and I do not need to call to make an appointment with my own children before visiting them.**’ And that was that. The woman was incorrigible!⁴⁷⁶ (WANNER, 2006, p.131. Negritos meus.).

A trajetória de Ma está muito longe de ter sido uma trajetória comum para uma mulher negra na África do Sul do período do apartheid. Ma é descrita pela narradora como uma mulher bonita que quando jovem “viu uma oportunidade e a agarrou” ao casar com um homem de negócios vinte anos mais velho do que ela, cujo charme fez com que o marido ao morrer deixasse toda sua fortuna para ela e suas filhas, Siz e Lizwe, negligenciando completamente os filhos de seu casamento anterior e sua ex-mulher. Depois de viúva, Ma demonstrou grande tino para os negócios se tornando ainda uma grande empresária no ramo comercial sul-africano, “While still maintaining great contacts with the then-banned South African political parties, without seeming like a sellout for having money.”⁴⁷⁷ (WANNER, 2006, p.2). Mais tarde, favorecida pelo capital político do seu segundo marido, um dos líderes do UDF⁴⁷⁸, ainda soube aproveitar a chegada do *Black Economic Empowerment*, transformando-se em uma multimilionária por seus próprios esforços.

Ma é, em *The Madams*, mais uma representação de mulher negra empoderada, mas não somente por sua riqueza material, mas também pela própria personalidade que construiu para si. Ela é a representação de uma mulher que conseguiu tirar proveito daquilo que o

⁴⁷⁶ Tradução: “Sempre uma estrategista, Ma planejou sua viagem para coincidir com o fim do processo judicial de Lauren. Pobre mulher. Ela sempre foi magra, mas quando chegou Ma parecia esquelética. No típico estilo Ma, ela apareceu no início da noite sem aviso enquanto estávamos nos preparando para nos sentarmos para jantar. ‘Ma, por que você não ligou para que Thandi ou eu pudéssemos buscá-la no aeroporto?’ Mandla repreendeu em meio a abraços e beijos.

‘Não sou uma imbecil. Eu sei o endereço de uma casa em que eu dormi milhões de vezes, e acho que tenho dinheiro suficiente em minha conta para encontrar R 100 para pagar um táxi do aeroporto de Johannesburg para Lombardy East. Não estou me sentindo muito bem, alguns diriam doente, mas eu não sou pobre’, ela disse enfaticamente. ‘Além do mais, vocês provavelmente queriam que eu ligasse com antecedência para que vocês, crianças, pudessem se preparar e fingir que tudo está bem com o mundo – o que não é provável. **Sou uma mãe africana e não preciso telefonar para marcar um encontro com meus próprios filhos antes de visitá-los.**’ E foi isso. A mulher era incorrigível!”(WANNER, 2006, p.131).

⁴⁷⁷ Tradução: “enquanto ainda mantinha excelentes contatos com os partidos políticos, então, banidos, sem aparentemente parecer uma vendida por ter dinheiro.” (WANNER, 2006, p.2).

⁴⁷⁸ UDF = United Democratic Front: A Frente Democrática Unida foi lançada em 1983, reunindo várias organizações de luta contra o apartheid. Ver: <http://www.sahistory.org.za/organisations/united-democratic-front-udf>.

mundo ocidental do liberalismo econômico trouxe para a sociedade sul-africana sem abrir mão de sua cultura africana que exalta e faz questão de transmitir, mesmo que simultânea e contraditoriamente idolatre o *modus vivendi* da realeza inglesa.

Entretanto, todo seu empoderamento não impede que esta mulher esteja também vulnerável ao grande mal que preocupa a sociedade sul-africana contemporânea: a AIDS. Ao criar uma personagem feminina rica, casada e com companheiro fixo, de uma geração mais velha, na condição de infectada pelo vírus HIV, Zukiswa Wanner faz um alerta de que não há um só grupo social no país que possa ser considerado imune à doença.

Os dados sobre a AIDS na África do Sul justificam a preocupação da autora e a inclusão do tema em *The Madams*. A epidemia de HIV no país é considerada a maior do mundo, com aproximadamente sete milhões de pessoas vivendo com HIV, segundo dados de 2015. Neste mesmo ano, segundo a organização não-governamental AVERTing HIV and AIDS⁴⁷⁹, houve 380.000 novas infecções, enquanto 180.000 sul-africanos morreram de doenças relacionadas à AIDS.

Wanner escolhe Ma para ter AIDS porque precisava de uma personagem que tivesse uma visão de mundo mais pragmática e fosse franca o suficiente para tratar do assunto de maneira realista e objetiva, servindo assim para combater a disseminação de mitos e crenças extremamente prejudiciais à prevenção e ao combate da doença, comuns entre a população menos instruída do país. Em uma fala curtíssima da personagem, Zukiswa Wanner esclarece através da personagem, sem qualquer tom melodramático, a forma mais comum de transmissão da doença.

‘I know you were all briefed by Lizwe about my HIV status. I am dying,’ and here she lightened it up, ‘as we all must, me maybe a little sooner than all of you because of this illness and my age, but what will be will be.’

‘Now I know you would like to hear more about my illness. Nosizwe, your sister tells me you have been going on with the ‘how did it happen’ question?’ Pause and deep breath. Truthfully we all wanted to know and we waited for it. ‘I am going to tell all of you how I got it and I will tell you the same thing I told Lizwe when she asked me. **In one word: sex.** Now, I do not want to hear any more about this and we shall all go on with our lives without blaming anyone. Is that clear?’⁴⁸⁰ (WANNER, 2006, p.134. Negritos meus).

⁴⁷⁹ Ver: <http://www.avert.org/what-we-do/about-avert>.

⁴⁸⁰ Tradução: “ ‘Eu sei que vocês foram informados por Lizwe sobre minha condição de portadora de HIV. Estou morrendo’, e aqui ela deu uma aliviada, ‘como todos nós, eu talvez um pouco mais cedo do que todos vocês por causa desta doença e da minha idade, mas o que terá que ser será.’ ‘Agora eu sei que vocês gostariam de saber mais sobre minha doença. Nosizwe, sua irmã me disse que você estava se perguntando ‘como aconteceu?’ Pausa e respiração profunda. De fato, todos nós queríamos saber e esperamos ela dizer. ‘Vou contar a todos vocês como eu contrai a doença dizendo a vocês a mesma coisa que eu disse a Lizwe quando ela me perguntou. **Em uma palavra: sexo.** Agora, eu não quero ouvir mais nada sobre

É interessante notarmos como autora/narradora desenvolve a narrativa em clara consonância com a própria determinação de Ma na medida em que Wanner/Thandi não se preocupa em retomar o assunto sobre a doença da matriarca, não fornecendo qualquer indicação de como o tratamento e/ou a doença da personagem evoluiu, deixando simplesmente as histórias das demais personagens seguirem seu curso tal qual sugerido pela personagem.

5.10 *The Madams* – Feminilidades e Masculinidades sul-africanas modernas

Após a realização desta análise, pude concluir que *The Madams* pode ser considerada uma obra fundamentalmente feminista, porém mais explicitamente do que *All We Have Left Unsaid*, na qual Zukiswa Wanner se preocupa em ir muito além de entreter e divertir. Apesar do tom bem humorado que permeia toda a narrativa, Wanner explora amiúde e explicitamente as relações de classe, raça e gênero na sociedade da África do Sul pós-apartheid para expor muitas das questões que ainda incomodam os sul-africanos.

A autora oferece o espaço narrativo, primordialmente, para reflexões acerca das identidades sul-africanas modernas, em geral e, particularmente sobre o que é ser mulher, ser negra, e classe média, ou ser mulher branca, pobre e homossexual, introduzindo também questões acerca da construção das masculinidades, mostrando acima de tudo como as categorias de raça, classe e gênero são imprescindíveis para se compreender a natureza das relações sociais que caracterizam a África do Sul pós-1994.

Em sua relação com a construção das identidades e subjetividades das personagens, os temas do racismo, do sexismo, das diferenças de classe, da violência doméstica, da AIDS, da homofobia, com destaque para as desigualdades de gênero se apresentam em *The Madams* como obstáculos à realização do projeto de nação idealizado sob o signo da *nação arco-íris* a partir da constituição de 1996.

Na análise de *The Madams*, procurei ver se as representações das feminilidades e masculinidades se conformavam a padrões mais tradicionais de gênero, raça e classe ou se o romance trazia representações que desestabilizavam e questionavam estereótipos e discursos hegemônicos sobre as identidades e relações de gênero, raça e classe na África do Sul. Isto

isso e todos nós continuaremos com nossas vidas sem culpar ninguém. Está claro?”(WANNER, 2006, p.134. Negritos meus).

tudo com a intenção de, inicialmente, saber se a literatura de Zukiswa Wanner se apresentaria, entre outras possibilidades, como uma estratégia cultural de empoderamento na medida em que ofereceria novas formas de identificação feminina negra. Para tanto, realizei uma leitura detalhada através da qual procurei delinear a singularidade de agência das personagens levando em consideração as circunstâncias sociais e culturais que as caracterizavam e que me permitiu uma compreensão nuançada sobre a construção das identidades e subjetividades sul-africanas em suas especificidades raciais, de classe e de gênero representadas na obra.

É a partir dos conflitos gerados na esfera familiar e doméstica que a autora introduz questões centrais para os sul-africanos, mas principalmente, como a própria Wanner coloca questões que afetam diretamente as mulheres sul-africanas⁴⁸¹, tais como o casamento, a problemática feminina de conciliação entre família e profissão, a divisão sexual do trabalho, a visão do amor romântico, a sexualidade feminina, e as infidelidades masculinas, a amizade e solidariedade entre as mulheres e ainda o constituir-se sujeito no imbricamento entre a cultura tradicional africana e as culturas ocidentais, tópicos que procurei abranger nesta análise.

Mas, se, como disse Meg Samuelson (2008), a esfera doméstica e familiar (a casa) é tradicionalmente um *locus* onde a opressão e a dominação femininas, frequentemente, acontecem, em *The Madams*, podemos reconhecer a cena doméstica, pelo menos esta das mulheres negras sul-africanas de classe média, como um espaço onde, na África do Sul contemporânea, as relações de gênero estão em processos promissores de mudança com as mulheres negociando seus papéis de esposa e mãe não a partir de um lugar de inferioridade e submissão, mas de um lugar mais empoderado através do qual decidem como querem viver novos modelos de relacionamentos, modelos que implicam necessariamente em relações mais respeitadas e igualitárias.

⁴⁸¹ Ver entrevista de Zukiswa Wanner para Margaret von Klemperer, em 02/10/2008. Disponível em: <http://www.news24.com/Archives/Witness/Home-grown-chick-lit-20150430>).

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Sobre as obras

Esta tese ofereceu uma leitura dos romances *All We Have Left Unsaid* de Maxine Case e *The Madams* de Zukiswa Wanner, procurando demonstrar que esta escrita se configura em um veículo de exploração e construção de imagens de subjetividades femininas na sociedade sul-africana. Estas obras abrem espaço para que as mulheres negras sul-africanas narrem e representem novas histórias possíveis e novos paradigmas de identificação para outras mulheres negras sul-africanas. Ao escrever sobre as experiências de mulheres negras sul-africanas modernas, Maxine Case e Zukiswa Wanner reivindicam que suas histórias sejam conhecidas, suas vozes sejam ouvidas. Ao buscar as representações de identidades sociais e culturais de gênero através de situações que envolvem diretamente as personagens femininas das narrativas, esta tese procurou oferecer também uma oportunidade para que se conheça um pouco sobre as lutas e questões atuais dessas mulheres.

Após a realização das análises, pude concluir que *All We Have Left Unsaid* e *The Madams* são obras fundamentalmente feministas. Ambas as narrativas trazem como protagonistas mulheres negras que precisam superar dificuldades pessoais e/ou cotidianas, de maior ou menor grau, para que emirjam ao final das histórias mais empoderadas em todos os aspectos de suas vidas. São histórias que exploram as condições sociais e culturais que a sociedade sul-africana oferece às mulheres negras, apresentando muitas das questões que ainda incomodam as mulheres, ao mesmo tempo, em que procuram oferecer representações de novos modos de pensar sobre velhas questões.

Através de sua literatura, estas autoras interrogam as hierarquias de gênero, raça e classe e as normas culturais que atravessam as relações e práticas sociais na África do Sul de hoje. Suas obras desestabilizam os discursos patriarcais e masculinistas ainda profundamente arraigados na sociedade sul-africana que limitam, constroem, marginalizam as mulheres de modos desde os mais explícitos aos mais sutis, que atuam tanto a partir do exterior como a partir de comportamentos femininos internalizados.

Tentei mostrar que suas narrativas ampliam a gama de personagens femininas, representando a existência simultânea de uma diversidade de disposições e posições de mulheres construídas em suas complexidades, sempre situadas socio-historicamente. Esta escolha de Case e Wanner se apresenta como uma estratégia de elucidação da relação entre a

construção de identidades e subjetividades femininas e as condições sociais, econômicas e políticas que produzem as mulheres como sujeitos.

All We Have Left Unsaid e *The Madams* oferecem o espaço narrativo, primordialmente, para reflexões acerca das identidades sul-africanas modernas, em geral e, particularmente sobre o que é ser mulher, ser negra, ser de uma classe social ou outra, introduzindo também questões acerca da construção das masculinidades, sempre enfatizando a natureza *relacional* da categoria de gênero. Acima de tudo, estas autoras mostram que as interseccionalidades das categorias de raça, classe e gênero são imprescindíveis para se compreender a natureza das identidades culturais e das subjetividades bem como das relações sociais que caracterizam a África do Sul pós-1994.

Em sua relação com a construção das identidades e subjetividades das personagens, os temas do racismo, do sexismo, das diferenças de classe, da violência doméstica, e outros tipos de opressão, com destaque para as desigualdades de gênero, se apresentam, tanto no romance de Maxine Case quanto no de Zukiswa Wanner, como obstáculos à realização do projeto de nação idealizado sob o signo da *Rainbow Nation* que o país assumiu após o fim do apartheid. Podemos afirmar que se trata de uma literatura que questiona a concretização das práticas democráticas e dos discursos sobre igualdade, oficializados na Constituição de 1996, na África do Sul.

Apesar de o país ter assinado as convenções mais importantes sobre igualdade de gênero, a violência de gênero continua figurando como um dos problemas mais sérios a ser enfrentados no país. *All We Have Left Unsaid* e *The Madams* destacam o problema da violência doméstica contra as mulheres e constroem reflexões acerca de suas causas e de possíveis alternativas para as mulheres na luta contra este tipo de violência. De modos diferentes, entretanto, ambos os romances apontam também para a participação e responsabilidade das mulheres, interrogando suas cumplicidades nas situações de desempoderamento e dominação que vivenciam, revelando a natureza complexa, contraditória, ambígua e instável de suas identidades tanto em suas experiências na esfera pública quanto na esfera privada.

Ainda é importante destacar o quanto as narrativas de Case e de Wanner insistem na ideia de que o legado do passado violento da África do Sul é uma variável essencial na compreensão das questões sociais, culturais e políticas contemporâneas da sociedade e que não pode ser colocado de lado sob o risco de impedir o reconhecimento dos efeitos produzidos pela herança tanto da colonização quanto do apartheid, impossibilitando políticas e ações que os possam corrigir. O patriarcado, reforçado pelo regime do apartheid, continua a

ser um dos responsáveis pela perpetuação da desigualdade entre homens e mulheres e da desigualdade entre mulheres brancas e mulheres negras na África do Sul.

Em relação à questão da crise representacional a que estaria condenada uma identidade sul-africana nacional, formulada por de Kock, acredito que, como já afirmei ao final da seção 2.4, para as mulheres negras sul-africanas esta seria somente mais uma experiência de *migração*⁴⁸² (DAVIES, 1994) como tantas outras que as mulheres negras sempre foram obrigadas a viver. Como, genialmente, colocou Elleke Boehmer, “The lap of the Mother Nation may not be as soft and capacious for women as it is for men.”⁴⁸³ (BOEHMER, 2005, p.2158). Assim sendo, não será na *nação* que as mulheres negras sul-africanas encontrarão um local de *pertencimento*. Não é aí que ‘se sentirão *em casa*’ ou terão um ‘*lar*’. As *world girls* sul-africanas encontram-se em múltiplos deslocamentos e posicionalidades e é somente a partir desses movimentos ininterruptos que poderão negociar e renegociar suas identidades inconstantes, fluídas, resultado de suas experiências de migração, passadas e presentes, conforme nos ensina Davies (DAVIES, 1994, p.94).

Não podemos falar dessas escritoras, nem de suas personagens, enquanto mulheres negras sul-africanas modernas, baseando-nos, portanto, em rígidas compartimentalizações baseadas em localizações meramente geográficas ou em uma identidade *nacional*. São mulheres que se deslocam ou migram, na maioria das vezes, por escolha, se movimentando em direção a novas oportunidades de liberdade e novos modelos de relacionamentos sociais e que sabem que deverão encontrar o acolhimento do lar e do pertencimento em si mesmas e umas nas outras e em suas realizações, entre elas, as culturais, como a literatura, por exemplo.

Desse modo, quero acreditar que a literatura de Maxine Case e de Zukiswa Wanner dão continuidade à longa tradição literária das mulheres negras, não só da África do Sul, mas das mulheres de muitos outros lugares, que reconheceram a literatura como uma arma na luta contra as mais variadas injustiças sociais e opressões diversas, com destaque para a dominação de gênero.

Na análise dessas obras, procurei verificar se as representações das feminilidades e masculinidades se conformavam a padrões mais tradicionais de gênero, raça e classe ou se estas narrativas traziam representações que desestabilizavam e questionavam estereótipos e discursos hegemônicos sobre as identidades e relações de gênero, raça e classe na África do Sul atual. Isto tudo com a intenção de, inicialmente, saber se a literatura das escritoras negras

⁴⁸² Para o conceito de sujeito migratório, ver página 152 desta tese.

⁴⁸³ Tradução: “O colo da Mãe-Pátria pode não ser tão macio e espaçoso para as mulheres como é para os homens.” (BOEHMER, 2005, Pos. 2158).

pós-apartheid se apresentaria, entre outras possibilidades, como uma estratégia cultural de empoderamento na medida em que ofereceria novas formas de identificação feminina negra. Para tanto, realizei uma leitura detalhada através da qual procurei delinear também a singularidade de *agência* das personagens levando em consideração as circunstâncias sociais e culturais que as caracterizavam e que me permitiu uma compreensão nuançada sobre a construção das identidades e subjetividades sul-africanas em suas especificidades raciais, de classe e de gênero representadas na obra.

A partir dos conflitos gerados na esfera familiar e doméstica, as autoras introduzem questões centrais para os sul-africanos em geral, mas particularmente, questões que afetam diretamente as mulheres sul-africanas. Apresentam casamentos e/ou relações amorosas em que ainda existe o padrão duplo de moralidade, naturalizando as infidelidades masculinas; a forte presença da violência contra as mulheres; o dilema da conciliação entre família e profissão vivido pelas mulheres; a insistente divisão sexual do trabalho; a visão de como o amor romântico ainda distorce as percepções das relações afetivas entre homens e mulheres; a sexualização das mulheres em favor dos homens; as consequências da idealização da maternidade. Entretanto, juntamente com os problemas enfrentados pelas mulheres negras sul-africanas modernas, Case e Wanner dão destaque às diversas estratégias de resistência de que as mulheres lançam mão cotidianamente na luta contra sua inferiorização e dominação. Entre estas estratégias, estão a educação e o investimento em uma profissão ou carreira e a independência financeira. Entretanto, uma das estratégias que mais se destaca, é a amizade e a solidariedade entre as mulheres através da formação de redes de relações, sejam elas ligadas por laços de família ou não.

No que diz respeito aos lares sul-africanos, pelo menos estes de classe média, onde essas mulheres negras são apresentadas, eles aparecem não mais somente um *locus* de opressão e dominação das mulheres, como tradicionalmente eram representados (SAMUELSON, 2008), mas também como um espaço onde, na África do Sul contemporânea, as relações de gênero estão em processos promissores de mudança com as mulheres negociando seus papéis de esposas, mães, filhas não a partir de um lugar de submissão, mas de um lugar mais empoderado através do qual decidem como querem viver novos modelos de relacionamentos, modelos que implicam necessariamente em relações mais respeitadas e igualitárias.

A reflexividade constante das protagonistas sobre suas experiências pessoais e sobre o contexto cultural, social e político mais amplo, revelados pelas narrativas em primeira pessoa, é o que as ajuda a desromantizar as relações amorosas, desidealizar a experiência da

maternidade, e a perceberem mais claramente as posições que ocupam em uma sociedade ainda sexista, racista e classista e, assim, se preparem para assumir as perdas e ganhos que a emancipação e as novas liberdades ensejam.

Sobre a literatura de mulheres negras sul-africanas e seu potencial transformador

Primeiramente, gostaria de finalizar este trabalho reconhecendo as limitações de minhas análises para pensarmos a construção das identidades sociais e culturais de gênero na sociedade sul-africana contemporânea, ao mesmo tempo, em que reconheço também a inevitabilidade das limitações interpretativas que impus às obras de Case e Wanner. Entretanto, consolo-me ao saber que as obras literárias são quase que inesgotáveis em termos do potencial que oferecem à imaginação interpretativa, o que sempre acaba elevando o grau de dificuldade para a pessoa que se dispõe a pensar qualquer questão a partir da literatura e, portanto, torna a pesquisa muito mais vulnerável a críticas.

Também não foi minha intenção, nesta tese, dar uma ideia de que a literatura das mulheres negras sul-africanas pode mudar a sociedade sul-africana impactando diretamente sobre suas estruturas sociais e culturais e os discursos que a formam. Conforme afirmei desde o início, não há como forçar uma equivalência das estruturas textuais da literatura aqui estudada com estruturas sociais do mundo sul-africano, nem como afirmar uma causalidade entre essas formas literárias e seus efeitos políticos mais amplos. Tenho consciência de que a literatura não é um objeto com poder suficiente para modificar estruturais sociais pré-existentes. Afinal, os textos não têm o poder de controlar seus próprios efeitos, nem temos como saber como uma obra literária é lida e compreendida. Muito menos temos como medir seu impacto em um campo social maior⁴⁸⁴, se é que há algum, como nos ajuda a pensar Felski (2008, p.9). Desse modo, nenhuma função política pode ser deduzida ou derivada diretamente da estrutura literária e/ou do contato com a mesma. Os estudos culturais e os estudos da recepção, conforme ainda nos lembra Felski (2008), mostraram amplamente que “aesthetic

⁴⁸⁴ Isso sem mencionar ainda o fato de que a África do Sul, como o Brasil, não é um país de leitores e as mulheres negras sul-africanas, público que mais poderia se beneficiar com as reflexões propostas por esta literatura, constituem o grupo social com menor acesso ao letramento e aos bens culturais como a literatura.

objects may acquire very different meanings in altered contexts; the transactions between texts and readers are varied, contingent, and often unpredictable.⁴⁸⁵ (FELSKI, 2008, p. 9).

Entretanto, ao mesmo tempo, não abro mão de acreditar que uma literatura feminista pode sim funcionar como uma "*counter-public sphere*"⁴⁸⁶, ou seja, uma arena discursiva alternativa dentro da sociedade que serve como uma chave de análise de práticas culturais e políticas diversificadas. Rita Felski propõe este conceito como "an appropriately dialectical means of thinking about feminism as a force for social change which is able to move beyond simplistic oppositions between 'idealism' and 'materialism'"⁴⁸⁷ (FELSKI, 1989, p.9). Esta perspectiva reconhece a autonomia relativa das esferas culturais e ideológicas e a importância de influenciar mudanças na concepção e representação das relações homem-mulher, e ao mesmo tempo, chama atenção para as redes comunicativas, as instituições sociais e as estruturas políticas e econômicas através das quais as ideologias são produzidas e disseminadas. (FELSKI, 1989, p.9), nas palavras de Felski.

A meu ver, as narrativas de Maxine Case e de Zukiswa Wanner funcionam como esferas contrapúblicas ao formularem novos discursos não só acerca das identidades e subjetividades das mulheres negras, seus interesses e suas necessidades, mas trazendo também contradiscursos no que diz respeito a outras identidades de gênero, e de raça e classe na sociedade sul-africana contemporânea.

A escrita das mulheres negras sul-africanas não deixa de ser um ato de '*re-vision*', como nos concedeu pensar a poeta e teórica feminista Adrienne Rich, um ato de olhar para trás, de ver com novos olhos. Mas esta re-visão é "mais do que um capítulo da história cultural: é um ato de sobrevivência" (RICH, 1972, p.18) porque se trata de uma literatura através da qual essas mulheres buscam se conhecer. Todavia, como nos alerta Rich, é mais do que uma busca de identidade, é uma recusa a uma autodestrutividade a que uma sociedade dominada por homens lhes pode conduzir.

Apesar de esta pesquisa ter sido extensa, ela não se pretende, sob hipótese alguma, exaustiva. O que ela se propôs foi abrir uma nova área de interesse para futuras pesquisas e um novo campo de estudo de literaturas de mulheres de países do hemisfério sul, ou seja,

⁴⁸⁵ Tradução: "objetos estéticos podem adquirir significados muito diferentes em contextos alterados; as transações entre textos e leitores são variadas, contingentes e muitas vezes imprevisíveis." (FELSKI, 2008, p.9. Negritos meus).

⁴⁸⁶ Tradução: "esfera contrapública" (FELSKI, 1989, p.9).

⁴⁸⁷ Tradução: "um meio apropriadamente dialético de pensar o feminismo como uma força de mudança social capaz de ir além das oposições simplistas entre 'idealismo' e 'materialismo'. O modelo reconhece a autonomia relativa das esferas culturais e ideológicas e a importância de influenciar mudanças na concepção e representação das relações homem-mulher..." (FELSKI, 1989, p.9).

ampliar os diálogos Sul-Sul, forçando, de certa forma, a porta do cânone literário em língua inglesa no Brasil. Os estudos da literatura sul-africana escrita em língua inglesa já se desenvolvem há tempos em outros países, mas, em nosso país, são ainda incipientes, se não forem ainda somente uma possibilidade. De minha parte, são uma promessa de continuidade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ADELMAN, Miriam. *Metáforas de Vida e de Escrita*. In: Dossiê Literatura e Experiência. Revista Cult, número 203, ano 18. 2015, pp.33-36.

_____. *A Voz e a Escuta – Encontros e Desencontros entre a Teoria Feminista e a Sociologia Contemporânea*. São Paulo: Blucher Acadêmico, 2009.

_____. *Visões da Pós-modernidade: discursos e perspectivas teóricas*. Porto Alegre: Sociologias, ano 11, no 21, Jan /Jun, 2009, p.184-217.

_____. *Feminismo e Pós-colonialidade: algumas reflexões a partir da teoria social e a literatura*. In: WOLFF, Cristina Scheibe, FÁVERI, Marlene de, RAMOS, Tânia Regina Oliveira. *Leituras em Rede: Gênero e Preconceito*. Ilha de Santa Catarina: Editoras Mulheres, 2007, pp.391-413.

AKUJOBI, Remi. *Motherhood in African Literature and Culture*. CLCWeb: Comparative Literature and Culture 13.1 (2011). Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.7771/1481-4374.1706>>. Acessado em: 16/07/2015.

ARNFRED, Signe et alii. *African Gender Scholarship: Concepts, Methodologies and Paradigms*. CODESRIA Gender Series Volume 1, Dakar, CODESRIA, 2004.

ANZALDÚA, Gloria. *Borderlands/La Frontera – The New Mestiza*. San Francisco: Aunt Lute Books, 1987.

ATTRIDGE, Derek & JOLLY, Rosemary (Eds). *Writing South Africa – Literature, Apartheid, and democracy, 1970-1995*. Cambridge, Inglaterra: Cambridge University Press, 1998.

ATWELL, David, HARLOW, Barbara & ATTWELL, Joan. Interview with Sindiwe Magona. *Middfest in Middletown*. Ohio, 2 October 1999. Disponível em: https://muse.jhu.edu/login?auth=0&type=summary&url=/journals/modern_fiction_studies/v046/46.1magona.html.

BARTHES, Roland. *A Morte do Autor*. In: O Rumor da Língua. São Paulo: Martins Fontes, 2004. Disponível em: http://ufba2011.com/A_morte_do_autor_barthes.pdf. Acessado em

BERMAN, Ruth. *Do Dualismo de Aristóteles à Dialética Materialista: A Transformação Feminista da Ciência e da Sociedade*. In: JAGGAR, Alison M. & BORDO, Susan R. (Eds.) *Gênero, Corpo, Conhecimento*. Tradução: Britta Lemos de Freitas. Rio de Janeiro: Record: Rosa dos Tempos, 1997.

BOEHMER, Elleke. *Colonial and Postcolonial Literature – Migrant Metaphors*. Segunda Edição. New York: Oxford University Press, 2009.

_____. *Stories of Women - Gender and Narrative in the Postcolonial Nation*. Manchester, UK: Manchester University Press, 2005. Versão Kindle.

BOSCH, T. & MCLEOD, C. *Dress, Address and Redress: The Relationship between Female Domestic Workers and Their Employers in Cape Town, South Africa*. Global Media Journal' African Edition, 9(2), 2015, pp. 134-155. Disponível em: <http://globalmedia.journals.ac.za/pub/article/view/210/160>. Acessado em: 19/02/2017.

BOURDIEU, Pierre. A Distinção: crítica social do julgamento. Tradução Daniela Kern; Guilherme J. F. Teixeira. 1ª reimpressão. São Paulo: Edusp; Porto Alegre, RS: Zouk, 2008.

_____. As Regras da Arte: gênese e estrutura do campo literário. Tradução de Maria Lucia Machado. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

BRAH, Avtar. *Diferença, Diversidade, Diferenciação*. Cadernos Pagu (26), janeiro-junho de 2006: pp.329-376. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/cpa/n26/30396.pdf>.

BREYTENBACH, Breyten. Dog Heart: a memoir. New York: Hartcourt Brace & Company, 1999.

BRINK, ANDRÉ. *Interrogating Silence: new possibilities faced by South African Literature*. In: ATTRIDGE, Derek & JOLLY, Rosemary. Writing South Africa: literature, apartheid, and democracy, 1970-1995. Cambridge: Cambridge University Press, 1998.

BROWN, Kendrick. *Coloured and Black Relations in South Africa: The Burden of Racial Hierarchy*. Macalester International. Vol.9, Outono, 2000, pp. 198-207. Disponível em: <<http://digitalcommons.mcalester.edu/cgi/viewcontent.cgi?article=1194&context=macintl>>. Acessado em: 22/06/2014.

BUSHNELL, Candance. Sex and the City. New York: Hachette Book Group USA, 1996.

BUTLER, Judith. Problemas de Gênero – Feminismo e subversão da identidade. Tradução: Renato Aguiar. 5ª edição. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2013.

BUTLER, Judith & SCOTT, Joan W. (Eds.). Feminists theorize the political. London: Routledge, 1992.

CALLINICOS, Alex. *Mass Struggle, Negotiations, and the 1994 Elections*. In: CRAIS, Clifton & McCLENDON, Thomas V. (Eds.). The South Africa Reader – History, Culture and Politics. Durhan e Londres. Duke University Press, 2014.

CANDAU, Joël. Memória e identidade. Tradução Maria Leticia Ferreira. 1ª edição. 2ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2014.

CÂNDIDO, Antonio. Literatura e Sociedade. 8ª ed. São Paulo: T.A. Queiroz, 2000.

CASE, Maxine. *Alan Paton Award shortlist: Maxine Case talks about the importance of the story of Papwa: Golf's Lost Legend*. Entrevista a Jennifer para Books Live, Sunday Times. Em 23 de junho de 2016. Disponível em: <<http://bookslive.co.za/blog/2016/06/23/alan-paton-award-shortlist-maxine-case-talks-about-the-importance-of-the-story-of-papwa-golfs-lost-legend/>>. Acessado em: 20/11/2016.

_____. Papwa: In the Grip of a Champion. Cape Town: Kwela Books, 2015.

_____. *The Things We Still Don't Say: An Interview with Maxine Case*. In: MENGEL, Ewald, BORZAGA, Michela, ORANTES, Karin (Eds). *Matatu - Journal for African Culture and Society - Trauma, Memory, and Narrative in South Africa*. Amsterdam: Edições Rodopi B.V., 2010.

_____. *All We Have Left Unsaid*. Cape Town: Kwela Books, 2006.

CEVASCO, Maria Elisa. *Dez Lições sobre os Estudos Culturais*. São Paulo: Boitempo Editorial, 2003.

_____. *Para Ler Raymond Williams*. São Paulo: Paz e Terra, 2001.

CHODOROW, Nancy. *The Reproduction of Motherhood – Psychoanalysis and the Sociology of Gender – with a new preface*. Berkeley, Los Angeles e London: University of California Press, 1999.

CHRISTIANSË, Yvette. *Imprendehora. África do Sul*: Kwela Books/Snail Press, 2009.

_____. *Unconfessed*. New York: Other Press, 2006.

_____. *Castaway*. Durham, NC: Duke University Press, 1999.

CIXOUS, Hélène. *The Laugh of the Medusa*. Tradução Keith Cohen e Paula Cohen. *Signs*, Volume 1, N° 4, Verão, 1976, pp.875-893. Disponível em:<
https://artandobjecthood.files.wordpress.com/2012/06/cixous_the_laugh_of_the_medusa.pdf.
Acessado em: 25/01/2017.

CLIFFORD, James & Marcus, George (eds.). *Writing Culture - The Poetics and Politics of Ethnography*. Berkely, Los Angeles & California: University of California Press, 1986.

COCK, Jacklin. *Maids and Madams: Domestic Work Under Apartheid*. London: The Women's Press, 1989.

COLEBROOK, Claire. *New Literary Histories – New historicism and Contemporary Criticism*. Manchester University Press, 1997.

COETZEE, J. M. *Against the South African Grain*. Resenha de 'Dog Heart: a memoir' de Breyten Breytenbach. 23 de setembro de 1999. Disponível em:
<<http://www.nybooks.com/articles/1999/09/23/against-the-south-african-grain/>>. Acessado em: 05/11/2016.

COLLINS, Patricia Hill. *Black Feminist Thought: Knowledge, Consciousness, and the Politics of Empowerment*. Segunda edição. New York: Routledge, 2000.

COMPAGNON, Antoine. *O Demônio da Teoria – literature e senso comum*. Tradução de Cleonice Paes Barreto Mourão e Consuelo Fortes Santiago. 3a reimpressão. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2006.

CONNELL, R.W. & MESSERSCHMIDT, James W. *HEGEMONIC MASCULINITY. Rethinking the Concept*. Em *GENDER & SOCIETY* / December 2005.

CONNELL, Robert. *Masculinities*. Cambridge, UK: Polity Press, 1995.

_____. *Gender and Power: Society, the Person and Sexual Politics*. Palo Alto, California: University of California Press, 1987.

CRAIS, Clifton & McCLENDON, Thomas V. (Eds.). *The South Africa Reader – History, Culture and Politics*. Durham e Londres. Duke University Press, 2014.

CREWE, Jonathan. *Recalling Adamastor: Literature as Cultural memory in 'White' South Africa*. In: BAL, Mieke, CREWE, Jonathan & SPITZER, Leo. *Acts of Memory: Cultural Recall in the Present*. Hannover e Londres: Dartmouht College – University Press of New England, 1999, pp.75-86.

DAVIES, Carole Boyce. *Black Women, Writing and Identity: Migrations of the Subject*. New York: Routledge, 1994.

_____. *Finding Some Space: South African Women Writers*. Ufahamu: A Journal of African Studies, 15 (1-2), 1986. Disponível em: <http://escholarship.org/uc/item/4f65n21r>. Acessado em: 21/01/2017.

DAYMOND, M. J., et alii. *Women Writing Africa: Volume 1: The Southern Region*. New York: Feminist Press at the University City of New York, 2003.

_____. *Afterword*. In: NGCOBO, Lauretta. *And They Didn't Die*. New York: The Feminist Press at the City University of New York, 1999, pp.247-273.

_____. (Ed.). *South African Feminisms- Writing, Theory and Criticism 1990-1994 - Gender and Genre in Literature*. Reino Unido: Taylor & Francis ebooks. 1996. Publicado online em 2013. Versão Kindle.

De KOK, Ingrid. *Standing in the Doorway: A Preface*. *World Literature Today* 70(1), 1996: 5–8.

DE KOCK, Leon. *South Africa in the Global Imaginary*. *Revista Poetics Today*, Volume 22, Número 2, 2001, pp. 263-298. Disponível do site do autor. <http://www.leondekock.co.za/wp-content/uploads/South-Africa-in-the-Global-Imaginary.pdf>.

DE VILLIERS, Phillipa. *Original Skin*. Joanesburgo: Home Truths Productions, 2010. Versão Kindle.

DE WAAL, Shaun. *Yvette and the sea of stories*. Mail & Guardian. 11 de agosto de 2009. Disponível em: <http://mg.co.za/article/2009-08-11-yvette-and-the-sea-of-stories>.

DICKINSON, Sandra Carole. *From Orality to Literacy: The Intellectual Traditions of Black South African Women*. Dissertação, Oklahoma, 2003.

DOORENE, Sharon van. *Narratives of Motherhood – Voices of Selected South African Women*. TESE. Witwatersrand, África do Sul: Universidade de Witwatersrand, 2009.

DRIVER, Dorothy. *Afterword*. Em: WICOMB, Zoë. *David's Story*. New York: The Feminist Press, 2000.

_____. *Transformation through art: writing, representation, and subjectivity in recent South African fiction. Em: World Literature Today*. Vol. 70, No. 1, South African Literature in Transition, Winter, 1996, pp. 45-52.

DU PLESSIS, Irma. *Nation, Family, Intimacy: The Domain of the Domestic in the Social Imaginary*. Pretoria: University of Pretoria, UPSpace Institutional Repository, 2011, pp.1-27. Disponível em: <<http://repository.up.ac.za/handle/2263/21313?show=full>>. Acessado em: 20/12/2016.

DURÃO, Fabio Akcelrud. *Reflexões sobre a metodologia de pesquisa nos estudos literários*. D.E.L.T.A, 31- especial, 2015, pp.377-390. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/delta/v31nspe/1678-460X-delta-31-spe-00377.pdf>>. Acessado em: 13/02/2017.

EAGLETON, Mary (Ed.). *Feminist Literary Theory- A Reader*. 2^a ed. Oxford, UK & Malden, Massachussettes, USA: Blackwell Publishers, 2001.

ENGLISH, James F. *Everywhere and Nowhere: The Sociology of Literature After the Sociology of Literature*. New Literary History, Vol. 41, Number 2, Spring 2012, pp. v-xxiii, The Johns Hopkins University Press.

ERASMUS, Zimitri. (ed.). *Introdução. Coloured by History, Shaped by Place: New Perspectives on Coloured Identities*. Cape Town: Kwela Books, 2001. Disponível em: <http://www2.warwick.ac.uk/fac/soc/sociology/rsw/current/cscs/creole_bibliography/intro_z_erasmus.pdf>. Acessado em: 23/09/2013.

FELSKI, Rita. *Uses of Literature*. Blackwell Manifestos. London: Blackwell Publishing, 2008.

_____. *Literature after Feminism*. Chicago e Londres: The University of Chicago Press, 2003.

_____. *Doing Time: Feminist Theory and Postmodern Culture*. New York e Londres: New York University Press, 2000.

_____. *The Gender of Modernity*. Cambridge, Massachusetts: Harvard University Press, 1995.

_____. *Beyond Feminist Aesthetics: feminist literature and social change*. Cambridge, Massachusetts: Harvard University Press, 1989.

FERRIS, Suzanne. *Resenha de Chick Lit and Postfeminism*. Journal of Popular Romance Studies - from the International Association for the Study of Popular Romance. , 2011. Disponível em: <http://jprstudies.org/wp-content/uploads/2011/11/JPRS2.1_Ferriss_ReviewHarzewski.pdf>. Acessado em: 16/02/2017.

FIELDING, Helen. *Brigitte Jones' Diary: a novel*. New York: Penguin Books, 1996.

FIKENI, Lwandile. *Deep, disturbing looking at Identity*. Cape Times, 02 de outubro 2015. Disponível em: <<http://www.pressreader.com/>>. Acessado em: 23/01/2017.

FILMER, Paul. *A Estrutura do sentimento e das formações sócio-culturais: o sentido de literatura e de experiência para a sociologia da cultura de Raymond Williams*. Estudos de Sociologia, Araraquara, v.14, n.27, pp.371-396, 2009. Disponível em: <<http://seer.fclar.unesp.br/estudos/article/view/1944/1582>>. Acessado em: 10/01/2017.

FRIEDMAN, Susan S. *Women's Autobiographical Selves*. In: SMITH, Sidonie & WATSON, Julia (Eds.) *Women, autobiography, theory: a reader*. The University of Wisconsin Press, 1998.

FOUCAULT, Michel. *O sujeito e o poder*. In: Hubert L. Dreyfus e Paul Rabinow. Michel Foucault—Uma Trajetória Filosófica — Para além do estruturalismo e da hermenêutica. 2ª. Edição Revista. Tradução de Vera Portocarrero e Gilda Gomes Carneiro. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2009, pp.208-226.

_____. *What's an Author?* In: RABINOW, Paul (Ed.). *The Foucault Reader*. New York: Pantheon Books, 1984.

Gender Statistics in South Africa. 2011. Disponível em: <<http://www.statssa.gov.za/publications/Report-03-10-05/Report-03-10-052011.pdf>>. Acessado em: março de 2015.

GCOLA, Pumla Dineo. *Contradictory Locations: Black Women and the Discourse of the Black Consciousness Movement in South Africa*. In: Frank Talk. Edição 5, Janeiro, 2013. pp.11-19. Publicado anteriormente pela Indiana University Press, 2001. Disponível em: <<http://sbf.org.za/resources/5th%20Edition%20FrankTalk%20Journal.pdf>>. Acessado em: 09/11/2015.

_____. *Crafting epicentres of agency - Sarah Baartman and African feminist literary imaginings*. In: QUEST: An African Journal of Philosophy. XX: pp.45-76, 2008. Disponível em: <http://www.quest-journal.net/volXX/Quest_XX_Gqola.pdf>. Acessado em: 22/11/2014.

GEERTSEMA, Johan. *Passages into the World: South African Literature after Apartheid*, Disponível em: <<http://www.yale.edu/macmillan/apartheid/geertsemap2.pdf>>. Acessado em: 07/10/2015.

GINGRICH, Paul. *Feminism and Classical Sociology*. Outubro de 1999. Texto online. Disponível em: <<http://uregina.ca/~gingrich/o28f99.htm>>. Acessado em: 30/08/2016.

GORDIMER, Nadine. *Tempos de Reflexão –1954-1989*. Tradução: Rosaura Eichenberg. São Paulo: Globo, 2012.

_____. *Tempos de Reflexão - 1990-2008*. Tradução: Rosaura Eichenberg. São Paulo: Globo, 2012.

GREGOLIN, Maria do Rosário. *Foucault e Pêcheux na Análise do Discurso. Diálogos & Duelos*. São Carlos: ClaraLuz, 2004.

GRUSLYTĖ, Monika; TAUJANSKAITĖ, Aurelija & ZEMAITYTĖ, Erika. *The Tradition of Consciousness-raising in Contemporary Popular Fiction Chick Lit*. 2013. *Straipsnis leidinyje: Jaunujų mokslininkų darbai* 39.1, 2013, pp.125-129. Disponível em: <

http://www.su.lt/bylos/mokslo_leidiniai/jmd/2013_1_39/gruslyte_taujanskaite_zemaityte.pdf
>. Acessado em 17/12/2016.

HALBWACHS, Maurice. A memória coletiva. São Paulo : Vertice, 1990 [1950].

HALL, Stuart. Da Diáspora – Identidades e Mediações Culturais. Organização Liv Sovik; Tradução Adelaine La Guardia Resende... [et al]. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2006.

_____. *Que 'Negro' é esse na Cultura Negra?* In: Da Diáspora – Identidades e Mediações Culturais. Organização Liv Sovik; Tradução Adelaine La Guardia Resende... [et al]. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2006.

_____. A Identidade cultural na pós-modernidade. Tradução: Tomaz Tadeu da Silva & Guacira Lopes Louro. 10a edição. Rio de Janeiro: DP&A editora, 2005.

HALLSTEIN, D. Lynn O'Brien *Conceiving Intensive Mothering*. Journal of the Association for Research on Mothering, Volume 8, Numbers 1,2, 2006, pp.96-108. Disponível em: <<file:///C:/Users/Joana%20Pupo/Documents/PGSOCIO/2017/about%20intensive%20mothering.pdf>>. Acessado em: 23/10/2016.

HARAWAY, Donna. *Saberes localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial*. Cadernos Pagu (5), 1995, pp. 07-41. Disponível em: <http://www.clam.org.br/bibliotecadigital/uploads/publicacoes/1065_926_hARAWAY.pdf>. Acessado em: 28/03/2015.

HARZEWSKI, Stephanie. Chick Lit and Postfeminism. Charlottesville: University of Virginia Press, 2011.

HEAD, Bessie. When the Rain Clouds Gather. African Writers Series. Harlow, Essex: Heinemann, 2008.

_____. A Question of Power. African Writers Series. Harlow, Essex: Heinemann, 1974.

HENGEVELD, Maria. *Race, Class, Masculinities and Violence against Women in South Africa*. 17 de Março de 2013. Disponível em: <<http://www.thefeministwire.com/2013/03/race-class-masculinities-and-violence-against-women-in-south-africa/>>. Acessado em: 27/12/2016.

HOOKS, bell. *Homeplace (a site of resistance)*. In: Yearning: Race, Gender, and Cultural Politics. South End Press: Cambridge, Massachusetts, EUA. 1999, pp. 41-49. Disponível em: <http://abahlali.org/wp-content/uploads/2014/03/hooks-reading-1.pdf>. 383-390. Acessado em: 08/10/2015.

_____. Black looks: race and representation. Boston, Massachusetts: South End Press, 1992.

_____. *Postmodern Blackness*. Postmodern Culture, Volume 1, N°1., Setembro, 1990. Disponível em: <www.Africa.upenn.edu/Articles_Gen/Postmodern_Blackness_18270.html>. Acessado em: 27/05/2013.

_____. *Talking Back: Thinking Feminist, Thinking Black*. Cambridge, Massachussets: South End Press, 1989.

_____. *Understanding Patriarchy*. Disponível em: <<http://imagineborders.org/pdf/zines/UnderstandingPatriarchy.pdf>>. Acessado em: 03/05/2013.

HURSTON, Zora Neale. *How It Feels to Be Colored Me*. Texto de 1928. Disponível em: <http://www.ycps.org/wp-content/uploads/2016/06/How-it-Feels-to-be-Colored-Me-by-Zora-Neale-Hurston.pdf>. Acessado em: 08/10/2016.

JACOBS, Becky L. *Unbound by Theory and Naming: Survival Feminism and the Women of the South African Victoria Mxenge Housing and Development Association*. Berkeley Journal of Gender, Law & Justice, Volume 26, Edição 1, Setembro, 2013. Disponível em: <<http://scholarship.law.berkeley.edu/cgi/viewcontent.cgi?article=1286&context=bglj>>. Acessado em: 04/07/2016.

JEREMIAH, Emily. *Motherhood to Mothering and Beyond, Maternity in Recent Feminist Thought*. Journal of the Association for Research on Mothering. Volume 8, Numbers 1,2. Disponível em: http://sas-space.sas.ac.uk/5639/1/Jeremiah_-_MotherhoodtoMothering.pdf>. Acessado em: 18/09/2015.

KEHL, Maria Rita. *Deslocamentos do Feminino*. 2a ed. Rio de Janeiro: Imago, 2008.

KHUNOU, Grace. *Shaky Ground: The challenge of Being Black and Middle Class*. The World Post, 2016. Disponível em: <http://www.huffingtonpost.com/the-conversation-africa/shaky-ground-the-challeng_b_9108174.html>. Acessado em 12/09/2016.

KUHLMAN, Andrea & PEARSON, Amber. *Seeking the Ordinary: The Literature and Theory of Njabulo Ndebele*. 2001. Disponível em: <http://faculty.cord.edu/steinwan/380_studentessay_ndebele.htm>. Acessado em: 10 de junho de 2016.

KUMAR, Suresh. *Diversity, Diffusion and Challenges in African Culture under Globalization*. Indian Journal for African Studies. 2010. Disponível em: <http://www.africaindia.org/index.php?option=com_content&view=article&id=58:diversity-diffusion-and-challenges-in-african-culture-under-globalization&catid=37:current-issues&Itemid=63>.

KUZWAYO, Ellen. *Ellen Kuzwayo - Tireless campaigner for women's rights in apartheid South Africa*. Obituário de Eileen Kate Kuzwyo – em The Guardian. Publicado em 24/04/2006. Disponível em: <<https://www.theguardian.com/news/2006/apr/24/guardianobituaries.gender>>. Acessado em: 20/01/2017.

LATERZA, Vito. *The Ethnographic Novel - Another Literary Skeleton in the Anthropological Closet?* Suomen Antropologi: Journal of the Finnish Anthropological Society. 32 (2) Verão de 2007. Finlândia: University of Helsinki.

LEWIS, Desireé. *Discursive Challenges for African Feminisms*. QUEST - An African Journal of Philosophy/ Revue Africaine de Philosophie. 2008, pp.77-96. Disponível em: <<http://citeseerx.ist.psu.edu/viewdoc/download?doi=10.1.1.554.9411&rep=rep1&type=pdf>>. Acessado em 09/03/2016.

_____. *African Gender Research and Postcoloniality: Legacies and Challenges*. In: African Gender Scholarship: Concepts, Methodologies, and Paradigms, edited by Signe Arnfred et alii. Dakar, Senegal: Council for the Development of Social Science Research in Africa, 2004, pp.27-41. Disponível em: <<https://www.codesria.org/IMG/pdf/LEWIS.pdf?801/>>. Acessado em: 18/09/2016.

_____. *Editorial*. Feminist Africa Issue 2. 2003: Changing Cultures. Cidade do Cabo: African Gender Institute. Disponível em: <agi.ac.za/sites/agi.ac.za/files/fa_2_editorial.pdf>. Acessado em: 05/05/2016.

_____. *The Politics of Feminism in South Africa*. In: South African Feminisms- Writing, Theory and Criticism 1990-1994 - Gender and Genre in Literature. Reino Unido: Taylor & Francis ebooks. 1996. Publicado online em 2013. Versão Kindle.

LONGO, Mariano. Fiction and Social Reality – Literature and Narrative as Sociological Resources. Farnham, Inglaterra: Ashgate Publishing Limited, 2015.

LORDE, Audre. *Eye to Eye: Black Women, Hatred, and Anger*. In: Sister Outsider. 1984/2007. Versão Kindle.

MACMILLAN, Hugh & GRAHAM, Lucy. *A lesson in the ANC's history of multiracialism and non-racialism*. The Daily Vox, 03/03/2016. Disponível em: <<http://www.thedailyvox.co.za/anc-multiracialism-nonracialism-history/>>. Acessado em: 06/10/2016.

MADSEN, Deborah L. *Feminist Theories and Literary Practice*. Sterling, VA, Estados Unidos: Pluto Press, 2000.

MAGONA, Sindiwe, ATTWELL, D., HARLOW, B. & ATTWELL, J; Interview with Sindiwe Magona. MFS Modern Fiction Studies, Volume 46, No 1. The Johns Hopkins University Press, 2000, pp.282-295.

MAGONA, Sindiwe. *Chasing the Tails of My Father's Cattle*. Cape Town, África do Sul: Seriti sa Sechaba Publishers NPC, 2015.

_____. *Beauty's Gift*. África do Sul: NB Publishers, 2008/2011. Kindle Edition.

_____. *Mother to Mother*. Boston, Massachusetts: Beacon Press, 1998.

_____. *Push, Push! And other stories*. Boston, Massachusetts: Beacon Press, 1996. Kindle Edition.

_____. *Living, Loving, and Lying Awake at Night*. Northampton, Massachusetts: Interlink Books, 1991/2009.

_____. *Forced to Grow*. New York: Interlink Books, 1992/1998.

_____. *To my Children's Children*. Northampton, Massachusetts: 1990/2006.

MANDELA, Nelson. Statement from the Dock. Em: CRAIS, Clifton & McCLENDON, Thomas V. (Eds.). *The South Africa Reader – History, Culture and Politics*. Durhan e Londres. Duke University Press, 2014, pp.345-355.

MANGCU, Xolela (Ed.). *The Colour f Our Future – Does race matter in post-apartheid South Africa?* Johannesburg: Wits University Press, 2015.

_____. *What moving beyond race can actually mean: towards a joint culture*. In: MANGCU, Xolela (Ed.) *The Colour f Our Future – Does race matter in post-apartheid South Africa?* Johannesburg: Wits University Press, 2015.

MARINI, Marcelle. *O lugar das mulheres na produção cultural*. In: THÉBAUD, Françoise. *A História das Mulheres – Vol. 5 O Século XX*. Tradução portuguesa com revisão de Coelho, Maria Helena da Cruz et alii. Porto, Portugal: Edições Afrontamento, 1991.

Masculinities, Alcohol and Gender-Based Violence: Bridging the Gaps. Documento publicado por Sonke Gender Justice – HIV/AIDS Gender e Men Engage Alliance working with men and boys for Gender Equality. Disponível em: <http://menengage.org/wp-content/uploads/2014/04/Alcohol-GBV-Concept-Note-April-2014.pdf>. Acessado em: 03/01/2017.

MATTELART, Armand & NEVEU, Érik. *Introdução aos Estudos Culturais*. Tradução: Marcos Marciolino. São Paulo: Parábola Editorial, 2004.

MATLWA, Kopano. *Period Pain*. Sunnyside, África do Sul. Jacana, 2016.

_____. *Split Milk*. 2a edição. Sunnyside, África do Sul. Jacana, 2010/2011.

_____. *Coconut*. 10a edição. Sunnyside, África do Sul. Jacana, 2007/2013.

MAX, Anthony W. *Making Race and Nation – A Comparison of South Africa, the United States, and Brazil*. Cambridge University Press, 2006. 9a edição.

MBEMBE, Achille. *On the Postcolony*. Berkeley e Los Angeles, Califórnia: University of California Press, 2011.

McCLINTOCK, Anne. *Couro Imperial: raça, gênero e sexualidade no embate colonial*. Tradução: Plínio Dentzien. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2010.

MEINTJES, Sheila, PILLAY, Anu & TURSHEEN, Meredith (Eds.). *The Aftermath – Women in Post-Conflict Transformation*. Londres, Zed Books LTd., 2001.

MENGEL, Ewald, BORZAGA, Michela, ORANTES, Karin (Eds.). *Matatu - Journal for African Culture and Society - Trauma, Memory, and Narrative in South Africa*. Amsterdam: Edições Rodopi B.V., 2010.

MEYER, Stephan & OLVER, Thomas. *Zoë Wicomb Interviewed on Writing and Nation*. In: Journal of Literary Studies Special Issue: Alternative Modernities in African Literatures and Cultures I. Volume 18, Issue 1-2, 2002. Disponível em:

<<http://www.thefreelibrary.com/Zoe+Wicomb+interviewed+on+writing+and+nation.-a0110229013>>. Acessado em: 29/09/2014

MISKOLCI, Richard. *Uma Outra Compreensão da Realidade*. Dossiê *Literatura e Experiência*. Revista Cult, número 203, ano 18. 2015, pp. 28-32.

MOFFETT, Helen. *Gender is a Matter of Life and Death*. In: MENGEL, Ewald, BORZAGA, Michela, ORANTES, Karin (Eds). *Matatu - Journal for African Culture and Society - Trauma, Memory, and Narrative in South Africa*. Amsterdam: Edições Rodopi B.V., 2010.

_____. *Chasing the Tails of My Father's Cattle*. Comentários na Resenha no site Seriti sa Sechaba Publishers, 2015. Disponível em: <https://seritisasechaba.co.za/product/chasing-the-tails-of-my-fathers-cattle/>. Acessado em: 05/02/2017.

MOHANTY, Chandra T.. *Feminism without borders – Decolonizing theory, practicing solidarity*. USA: Duke University Press, 2003. Versão Kindle..

MORRELL, Robert. *Changing Men in Southern Africa*. Pietermaritzburg, África do Sul: University of Natal Press, 2001.

MsAfropolitan. *7 Key Issues in African Feminist Thought*, 2012, s/p. Disponível em: <http://www.msafropolitan.com/2012/08/7-key-issues-in-african-feminist-thought.html>. Acessado em: 20/01/2017.

_____. *Tradition is the key challenge for African feminists in the 21st century*. 07/02/2016. Disponível e: < <http://www.msafropolitan.com/2016/02/tradition-21st-century-key-challenge-african-feminists.html> >. Acessado em: 20/01/2017.

MUKHUBA, Theophilus T.. *An Introduction to Miriam Tlali's Muriel at Metropolitan*. The Republic of South Africa in the Postcolonial Literature and Cultural Web. Disponível em: <<http://www.postcolonialweb.org/sa/tlali/mukhuba3.html>>. Acessado em 20/01/2017.

MURRAY, Jessica. *"Pain is Beauty:" The Politics of Appearance in Kopano Matlwa's Coconut*. English in Africa 39 No1, Maio de 2012, pp.91-107. Disponível em: DOI:<<http://dx.doi.org/10.4314/eia.v39i1.5>>. Acessado em: 30/11/2014.

NGCOBO, Lauretta. *And They Didn't Die*. New York: The Feminist Press at the City University of New York, 1999.

_____. *African Motherhood - Myth and Reality*. Em: Criticism and Ideology: Second African Conference, Stockholm, 1986. Uppsala, Suécia: Scandinavian Institute of African Studies, 1988. pp.141-154. Disponível em: <http://www.diva-portal.org/smash/get/diva2:274064/FULLTEXT01.pdf>. Acessado em: 05/02/2016.

NDEBELE, Njabulo. *Home for Intimacy*. Mail & Guardian, 26 de abril de 1996. Disponível em: <<http://mg.co.za/article/1996-04-26-a-home-for-intimacy>>. Acessado em: 17/10/2016.

_____. *Should Literature Be Political?* First presented at the Open Book Festival, Cape Town. 20/09/2012. Disponível em: <<http://www.edinburghworldwritersconference.org/all-keynotes/ndebele-in-south-africa-keynote-on-should-literature-be-political/>>. Acessado em: 04/03/2014.

_____. *South African Literature and Culture – Rediscovery of the Ordinary*. Manchester: Manchester University Press, 1994.

_____. *Arriving home? South Africa beyond Transition and Reconciliation*. Ensaio publicado originalmente em: Fannie du Toit & Erik Doxtader. In the Balance: South Africans debate reconciliation. Johannesburg: Jacana Media, 2010. Disponível em: <http://www.njabulondebele.co.za/images/uploads/Beyond_transition_and_reconciliation_blue.pdf>. Acessado em: 12/05/2014.

_____. *Defining South African Literature for a New Nation*. Publicado em: BECKER, Carol. *The Subversive Imagination Artists, society and social responsibility*. Londres: Routledge, 1994. Disponível em: <http://www.njabulondebele.co.za/images/uploads/Defining_South_African_Literature_for_a_New_Nation_1.pdf>. Acessado em: 15/05/2014.

NEWELL, Stephanie & OKOME, Onookome (eds.). *Popular Culture in Africa: The Episteme of the Everyday*. New York: Routledge, 2014.

NEWMAN, Katherine S. & DE LANNOY, Ariane. *After Freedom - The Rise of the Post-Apartheid generation in Democratic South Africa*. Boston, Massachusetts: Beacon Press, 2014. Versão Kindle.

NTAMUSHOBORA, Faustin. *The Philosophical Presuppositions of Ubuntu and its Theological Implications for Reconciliation*. CRPC Working Paper Number DU/2012/007 Daystar University, 2012. Disponível em: <<http://www.daystar.ac.ke/downloads/working-papers/Working%20Paper%20007.pdf>>.

NTSHINGILA, Futhi. *Sem Gentileza*. Porto Alegre: Dublinense, 2016.

_____. *Shameless*. Scottsville, Pietermaritzburg, África do Sul: University of KwaZulu-Natal Press, 2008.

OUZGANE, Lahoucine & MORRELL, Robert. *African Masculinities – Men in Africa from the late 19th century to the Present*. Scottsville, África do Sul: University of KwaZulu-Natal Press, 2005.

PHIRI, ARETHA. *Kopano Mathwa's Coconut and the Dialectics of Race in South Africa: Interrogating Images of Whiteness and Blackness in Black Literature and Culture*. *Safundi*, 14 (2) 2013. 161-74. Disponível em: <<https://www.inter-disciplinary.net/wp-content/uploads/2011/06/phiriwpaper.pdf>>. Acessado em: 12/09/2016.

POLLOCK, Griselda. *Differencing the Canon - Feminist Desire and the Writing of Art's Histories*. Londres & Nova York: Routledge, 1999.

_____. *'Feminist Interventions in the Histories of Art': an Introduction*. In: Vision and Difference: Femininity, Feminism and the Histories of Art. Londres: Routledge, 1988/2003, pp.1-17.

POLLAK, Michael. *Gestão do Indizível*. WebMosaica - Revista do Instituto Cultural Judaico Marc Chagall v.2 n.1 (jan-jun) 2010.

_____. *Memória e Identidade Social*. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol. 5, n. 10, 1992, p. 200-212. Disponível em:
<http://www.pgdef.ufpr.br/downloads/Artigos%20PS%20Mest%202014/Andre%20Capraro/memoria_e_identidade_social.pdf>. Acessado em: 17/08/2015.

_____. *Memória, esquecimento, silêncio*. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, v.2, n.3, p.3-15, 1989.

PUPO, Joana d'Arc Martins. *A construção da subjetividade feminina brasileira em Gabriela, cravo e canela na passagem do séc. XIX para o séc. XX*, na Revista UniLetras, vol.31, no2, 2009. Disponível em: <http://www.revistas2.uepg.br/index.php/uniletras/article/view/1895/1426>.

RAFAPA, L.J.; NENGOME, A.Z. & TSHAMANO, H.S. *Instances of Bessie Head's distinctive feminism, womanism and Africanness in her novels*. TYDSKRIF VIR LETTERKUNDE, Volume 48 (2), 2011 Disponível em:
<http://www.letterkunde.up.ac.za/argief/48_2/07%20Rafapa%20et%20al%2003.pdf>. Acessado em: 20/01/2017.

RICH, Adrienne. *Of Woman Born – Motherhood as Experience and Institution*. Tenth Anniversary Edition with a new Foreword. New York & London: W.W. Norton & Company, 1976/1986.

_____. *When We Dead Awaken: Writing as Re-Vision*. Em: College English, Vol.34, No 1, Women, Writing and Teaching, Out/1972, pp.18-30. Disponível em:
<<http://www.jstor.org/stable/375215>>. Acessado em: 13/02/2017.

RICOUER, Paul. *O bom uso das feridas da memória*. Editions du Roure, 2005. Em:
http://www.uc.pt/fluc/lif/publicacoes/textos_disponiveis_online/pdf/o_bom_uso_das_feridas_da_memoria. Acessado em: 24/03/2015.

_____. *Memória, história, esquecimento*. 2003. Em:
<http://www.uc.pt/fluc/lif/publicacoes/textos_disponiveis_online/pdf/memoria_historia>. Acessado em: 24/03/2015.

_____. *Identidade frágil: respeito pelo outro e identidade cultural*. Texto apresentado, em Praga em outubro de 2000, ao Congresso da Federação Internacional da Acção dos Cristãos para a Abolição da Tortura. Publicado em “Les droits de la personne en question – Europe – Europa 2000”, publicação FIACAT. Disponível em:
<http://www.uc.pt/fluc/lif/publicacoes/textos_disponiveis_online/pdf/identidade_fragil>. Acessado em: 26/01/2016.

SA Reconciliation Barometer Survey Report: 2013. Disponível em:
<<http://www.ijr.org.za/publications/recbar2013.php>>. Acessado em: 27/05/2015.

SAMUELSON, MEG. *Yvette Christiansë's Oceanic Genealogies and the Colonial Archive: Castaways and Generations from Eastern Africa to the South Atlantic*. Eastern African Literary and Cultural Studies, 2014 Vol. 1, No. 1&2, 27–38. Disponível em: <<http://www.tandfonline.com/doi/pdf/10.1080/23277408.2014.941751>>. Acessado em: 02/01/2017.

_____. *Walking through the door and inhabiting the house: South African literary culture and criticism after the transition*. Journal English Studies in Africa. Volume 51, 2009, pp.130-137. Disponível em: <<http://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/00138390809485267?journalCode=reia20>>. Acessado em: 13/09/2016.

_____. *Remembering the Nation, Dismembering Women? Stories of the South African Transition*. Pietermaritzburg: University of KwaZulu-Natal Press, 2007.
SARLO, Beatriz. Tempo passado: cultura da memória e guinada subjetiva. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

SCOTT, Joan. *Gênero: uma categoria útil de análise histórica*. In: Educação & Realidade. Porto Alegre, vol. 20, nº 2, jul. /dez. 1995.

_____. *Experience*. In: BUTLER, Judith & SCOTT, Joan W. (Eds). *Feminists theorize the political*. Londres: Routledge, 1992.

SCOTT, David. Foreword. In: MANGCU, Xolela (Ed.). *The Colour of Our Future – Does race matter in post-apartheid South Africa?* Johannesburg: Wits University Press, 2015.

SHILLINGTON, Kevin. Sol-Plaatje, South-African nationalist, 1876-1932. In: History Today. Disponível em: <<http://www.historytoday.com/kevin-shillington/sol-plaatje-south-african-nationalist-1876-1932#sthash.kbcOhNGd.dpuf>>. Acessado em: 29/11/2016.

SIDERIS, Tina. *Problems of Identity, Solidarity and Reconciliation*. In: MEINTJES, Sheila, PILLAY, Anu & TURSHEEN, Meredith (Eds.). *The Aftermath – Women in Post-Conflict Transformation*. Londres, Zed Books LTd., 2001.

SILVA, M. I. Feministas africanas rumo a uma política de apoderamento. Revista de Letras, São Paulo, v.44, n.2, p. 124 – 133, 2004. African Feminists Towards the Politics of Empowerment.

SMIT, Johannes A. *Black Women, Writing and Identity*. Alternation 3,2. 1996, pp.195-207. Disponível em: <<http://alternation.ukzn.ac.za/Files/docs/03.2/14%20Smi.pdf>>. Acessado em: 05/02/2017.

SMITH, Barbara (Ed.). *Home Girls - A Black Feminist Anthology*. New Brunswick, New Jersey, London: Rutgers University Press, 1983/2000.

SPELLER, John R. W. *Bourdieu and Literature*. Open Book Publishers, 2011. Disponível em: <<http://books.openedition.org/obp/483?lang=es>>. Acessado em: 14/04/2014.

SPENCER, Lynda Gichanda. *Writing Women in Uganda and South Africa: Emerging Writers from Post-Repressive Regimes*. Tese de Doutorado. Stellenbosch University, 2014. Disponível em: < <http://scholar.sun.ac.za/handle/10019.1/86251> >. Acessado em: 05/07/2016.

SOUZA, Mariana Jantsch. *A memória como matéria prima para uma identidade: apontamentos teóricos acerca das noções de memória e identidade*. Revista Graphos, vol.16, no 1, 2014, UFPB/PPGL, ISSN 1516-1536 1.

STONE, Alison. *Mother-Daughter Relations and the Maternal in Irigaray and Chodorow*. philoSOPHIA, Volume 1, Issue 1, 2011, pp.45-64. Disponível em: https://www.academia.edu/1629189/Mother-daughter_relations_and_the_maternal_in_Irigaray_and_Chodorow?auto=download >. Acessado em: 04/02/2017.

WANNER, Zukiswa. _____. Refilwe. Sunnyside, África do Sul: Jacana Media, 2015.

_____. London Cape Town Joburg. Cidade do Cabo: Kwela, 2014. Kindle edition.

_____. Men of the South. Cidade do Cabo: Kwela, 2010. Kindle edition.

_____. Maid in AS: 30 Ways to Leave your Madam. África do Sul: Jacana, 2013. Kindle edition.

_____. Behind Every Successful Men. Cidade do Cabo: Kwela Books, 2008.

_____. The Madams. Cidade do Cabo, África do Sul: Kwela Books, 2012. Kindle edition.

WARNES, Christopher. *Desired State: Black Economic Empowerment and the South African Popular Romance*. In: NEWELL, Stephanie & OKOME, Onookome (eds.). *Popular Culture in Africa: The Episteme of the Everyday*. New York: Routledge, 2014, p.154-174.

WICOMB, Zoë. October. New York e London: The New Press, 2013.

_____. The One that Got Away. Nottingham: Five Leaves Publications, 2011.

_____. Playing in the Light. New York e London: The New Press, 2006.

_____. David's Story. New York: The Feminist Press, 2000.

_____. You Can't Get Lost in Cape Town. New York: The Feminist Press at The City University of New York, 2000.

_____. *Shame and Identity – The Case of the Coloured in South Africa*. In: *Writing South Africa – Literature, Apartheid, and democracy, 1970-1995*. Editado por ATTRIDGE, Derek & JOLLY, Rosemary. Cambridge, Inglaterra: Cambridge University Press, 1998.

_____. *Zoë Wicomb interviewed on writing and nation*. 1998. Disponível em: <http://www.thefreelibrary.com/Zoe+Wicomb+interviewed+on+writing+and+nation.-a0110229013> >. Acessado em: 23/10/2014.

WILLIAMS, Raymond. Base e Superestrutura na teoria cultural marxista. Tradução de Bianca Ribeiro Manfredini com revisão de Maria Elisa Cevasco. REVISTA USP, São Paulo, n.65, p. 210-224, março/maio 2005.

_____. Cultura e Materialismo. Tradução: André Glaser. São Paulo: Editora Unesp, 2011.

_____. Marxism and Literature. Oxford: Oxford University Press, 1977. Disponível em: < <https://mykelandrada.files.wordpress.com/2011/06/raymond-williams-marxism-and-literature.pdf> >. Acessado em: 20/01/2017.

WOOD, Katharine & JWEKES, Rachel. '*Dangerous*' Love – *Reflections on Violence among Xhosa Township Youth* (2001). In: MORRELL, Robert. *Changing Men in South Africa*.

WOLFF, Cristina Scheibe, FÁVERI, Marlene de, RAMOS, Tânia Regina Oliveira. *Leituras em Rede: Gênero e Preconceito*. Ilha de Santa Catarina: Editoras Mulheres, 2007.

WOLLSTONECRAFT, Mary. *Vindication to the Rights of Woman: with Strictures on Political and Moral Subjects*". 1792. Disponível em: <http://oll.libertyfund.org>. Acessado em julho de 2011.

_____. *Mary, a Fiction*. IN: TODD, Jane (Ed). *Mary Wollstonecraft – Mary a Fiction and Maria, or the Wrongs of a Woman*. Londres: Penguin Classics, 1992.

_____. *Maria, or the Wrongs of a Woman*. IN: TODD, Jane (Ed). *Mary Wollstonecraft – Mary a Fiction and Maria, or the Wrongs of a Woman*. Londres: Penguin Classics, 1992.

ANEXO ÚNICO – A LITERATURA EM LÍNGUA INGLESA DE AUTORIA FEMININA NEGRA DA ÁFRICA DO SUL

Os primeiros textos de mulheres da região sul da África⁴⁸⁸, inclusive de negras e indígenas, remontam a meados do século XIX. Eram textos escritos por mulheres brancas, inglesas, holandesas, negras e indianas, de diversos gêneros textuais: letras de canções, cartas pessoais, disposições legais, declamações públicas, petições, contos, etc. Eram expressões orais e escritas, rituais e cotidianas, sagradas e profanas que demonstram que através da palavra as mulheres se engajaram a forças sociais e políticas de modos muito variados aceitando, recusando, endossando ou se revoltando com as situações diversas em que estiveram envolvidas.

Apesar de essas mulheres diversas terem enfrentado dificuldades que podem ser reconhecidas como ‘comuns do gênero’, não há como negar que as mulheres negras da região sul da África escreveram sob condições muitíssimo menos favoráveis do que aquelas oferecidas para as mulheres brancas. Mas se o letramento significou para as mulheres africanas o empoderamento comum oferecido por todo e qualquer saber relacionado à aquisição da escrita, entretanto, o fato de o acesso à cultura letrada ocidental ter se iniciado majoritariamente através da educação oferecida pelos missionários coloniais, cujos objetivos primeiros foram a catequização e o controle dos povos nativos, o letramento também não deixou de significar certa sujeição à cultura europeia cristã e a todo um conjunto de práticas alienígenas às culturas locais.

As precursoras - Da oralidade à escrita

Tradicionalmente, as mulheres africanas sempre estiveram envolvidas com o poder da palavra, primeiramente nas manifestações orais que foram vitais para a cultura africana e que até hoje influenciam muito da literatura do continente. Entre as performances públicas de mulheres estavam lendas, canções, fábulas, dizeres jocosos, trocadilhos, provérbios, mas também anunciações e relatos históricos. As canções e as histórias, que passam de geração a geração, serviam também para contar o passado e educar as mulheres jovens que aprendiam com as mais velhas como se comportarem nos papéis sociais que lhes eram reservados como filhas, esposas e mães. A *oratura*⁴⁸⁹ característica das práticas das mulheres servia para dar sentido às mais

⁴⁸⁸ Países da região, Namíbia, Botsuana, Zimbábue, Lesoto, Suazilândia e África do Sul.

⁴⁸⁹ *Oratura* é o termo, cunhado pelo linguística ugandês Pio Zirimu na década de 60, para substituir a expressão ‘literatura oral’, mais apropriado para “designar um conjunto de formas verbais orais, artísticas ou não.” Fonte: Wikipedia. Disponível em: https://en.wikipedia.org/wiki/Pio_Zirimu.

diferentes situações e acontecimentos da vida da comunidade, como para marcar declarações de guerra, anunciar resistência política, ou para lamentar perdas militares. As canções das mulheres também celebravam “momentos particulares na vida, incluindo passagens geracionais, como casamentos, entre outros eventos (DAYMOND et alii, 2003, p.6).

Porém, as mulheres não utilizaram sua *orature* somente para encorajarem comportamentos e cumplicidades, conformando-se e servindo às demandas sociais. Elas também utilizaram tais manifestações sociais e culturais para colocar em questão os pensamentos convencionais. Recitaram, cantaram e dançaram suas ideias, opiniões e críticas a cerca do mundo social em que viviam. Conforme explica Dickinson:

Como locais de resistência, as tradições orais oferecem insights valiosos de como as mulheres compreendiam sua posição dentro da hierarquia do kraal⁴⁹⁰; como elas utilizavam a linguagem para se empoderarem e para ridicularizarem os esquemas que revelavam os excessos dos homens; e como elas construíam espaços de influência para si próprias. (DICKINSON, 2003, p.19)

As práticas orais eram profundamente generificadas⁴⁹¹. A história genealógica do clã era, por exemplo, frequentemente, recitada por homens em meio a um poema, o que não significava, entretanto, que a narração histórica fosse proibida às mulheres. Nongenile Masithatu Zenani, uma das mais prolíficas *performers*, famosa por suas apresentações que chegavam a durar dias, costumava fazer relatos épicos e genealógicos, considerados tipicamente masculinos.

Através de sua oratura e nos espaços em separado que tiveram que criar para suas manifestações, as mulheres africanas puderam também combater as discriminações e resistir às opressões que sofriam por parte da comunidade patriarcal. O fato de se apresentarem, fundamentalmente, para outras mulheres e crianças “no ambiente acolhedor e na obscuridade relativa das áreas domésticas” e longe das formalidades e convenções mais rígidas que caracterizavam as apresentações dos homens, garantiu-lhes um ambiente mais informal e, portanto, mais aberto a inovações e subversões. Sem a presença dos chefes tribais e de “seus olhares fulminantes e suas repreensões”, elas puderam estabelecer

⁴⁹⁰ Kraal: palavra africânder derivada da palavra portuguesa ‘curral’ que denomina uma pequena vila rural delimitada por uma cerca de espinheiros ou paliçadas de forma circular.

⁴⁹¹ Daymond et alii (2003) alertam para o fato de que muito da interpretação da divisão de gênero possa ser devido “mais às suposições dos etnógrafos coloniais do que às práticas efetivas.” (DAYMOND et alii, 2003, p.8).

suas próprias comunidades discursivas e puderam “comentar, criticar, e parodiar a autoridade masculina. Tornaram-se capazes de satirizar e ridicularizar aqueles aspectos de auto-engrandecimento da cultura patriarcal que particularmente as aborrecia e que obstaculizavam de suas tentativas para alcançar uma medida de controle sobre suas vidas.” (DICKINSON, 2003, p.26)

As mulheres africanas dos tempos coloniais reverteram assim a marginalização, a que eram submetidas, em criatividade, produzindo um gênero oral “menos rígido, menos formal, e menos politicamente correto”. (DICKINSON, 2003, p.25).

Entretanto, apesar das mulheres terem podido se expressar através de uma fala dissidente, Daymond et alii (2003, p.3) nos lembram que ainda assim esta possibilidade existia “dentro de um duplo patriarcalismo de ‘racismo’ e ‘sexismo’”, racismo e sexismo destacados pelas autoras por serem considerados “termos insuficientes” (“meager terms”), “em razão do complexo de forças em ação dentro de suas práticas.” (DAYMOND et alii, 2003, p.3). Estas autoras enfatizam a importância que teve a ascensão das mulheres às práticas da palavra escrita citando a argumentação da romancista e contista do Zimbábue, Yvonne Vera, segundo a qual “a fala das mulheres é frequentemente bloqueada por ‘interrupção’ e ‘reação de choque’, e falar é ‘ainda difícil de negociar’”. Para Vera, “o livro, em contraste, ‘retém sua autonomia’”(VERA, 1999, p.3, apud DAYMOND et alii, 2003, p. 6). Daymond et alii não deixam de reconhecer que a fala ofereceu “momentos de intervenção política e pessoal para as mulheres”, mas ressaltam que “a noção da autonomia do livro é útil, porque a agência destes textos é palpável” (DAYMOND et alii, 2003, p.4), uma vez que a escrita projeta leitoras. Desse modo, a palavra oral das mulheres encontra no texto escrito um espaço que é “pelo menos, potencialmente democrático de interpretação.” (DAYMOND et alii, 2003, p. 6).

Escritoras negras sul-africanas em língua inglesa durante o apartheid

A África do Sul tem onze línguas oficiais hoje e todas consideradas de igual importância. Entretanto, o campo literário foi dominado (e ainda tem sido) pelo inglês e pelo africâner, que eram as duas línguas oficiais quando a literatura floresceu no país. Apesar das mulheres negras terem começado a escrever desde que tiveram a oportunidade de se alfabetizar, a escrita literária ficcional negra sul-africana, de um modo geral, foi esparsa e descontinuada, ainda mais aquela produzida por mulheres. Tanto em prosa quanto em poesia, foram os homens as figuras centrais. Somente a partir do século XX é que se costuma considerar a existência de uma literatura negra sul-africana especificamente. Entretanto, muito poucas foram as mulheres

negras que tiveram condições de escrever quanto mais de publicar dada suas condições sociais e econômicas e o escasso acesso à educação.

É possível afirmar que a escrita *ficcional* das mulheres sul-africanas se inicia somente quando o regime oficial de segregação racial já está instalado no país. Se a década de 50 foi uma década que se iniciou com a promulgação das leis⁴⁹² que colocaram em prática as políticas de opressão e segregação raciais, seu final testemunhou também uma forte campanha de resistência ao apartheid com a criação por Nelson Mandela, Walter Sisulu e Oliver Tambo da Liga Jovem do Congresso Nacional Africano. Neste período, conforme informam Daymond et alii, a escrita das mulheres e seus discursos revelam um repúdio corajoso à leis do apartheid. (DAYMOND et alii, 2003, p.35). Como não podia deixar de ser, as narrativas das escritoras negras sul-africanas tiveram como foco, primeiramente, a opressão e a desumanização que o apartheid conferia a toda população africana⁴⁹³. Nisso, elas não fugiram à tradição dos escritores negros homens.

A década de 50 é conhecida e celebrada como a *Drum decade*, época em que surge uma geração de escritores negros cujas obras falam sobre suas condições de vida. Trata-se de uma voz literária dissidente e com estilo próprio. O principal veículo de publicação de seus trabalhos foi a revista *Drum*⁴⁹⁴, que focalizava, pela primeira vez, a cultura negra urbana consistida pelo mundo do jazz, dos chamados *shebeens* (casas de comércio ilegal de bebidas) e a vida extravagante dos *tsotsis* (gangsteres). Se para muitos críticos a *Drum decade* continua a ser considerada uma época ‘fabulosa’ e culturalmente muito rica, a crítica feminista tem sérias ressalvas a fazer em relação à compreensão parcial do período. Conforme Daymond et alii,

⁴⁹² Entre as leis mais contundentes e fundamentais para a efetivação do regime estão o Ato de Registro Populacional, responsável por classificar a população em quatro categorias raciais (Branco, Mestiço, Indiano e Africano); o Ato da Imoralidade, que tornava ilegal o casamento ou as relações sexuais entre pessoas de diferentes grupos raciais; o Ato de Áreas de Grupo, que obrigava as pessoas a residirem em áreas racialmente determinadas, e ainda, o Ato da Educação Bantu (1953) que estabelecia o firme controle sobre a formação educacional da população africana, oferecendo o que Ellen Kuzwayo chamou de “a detestável educação Bantu”, que segundo a escritora, “não oferece educação alguma; busca somente suprimir talentos, massacrar a moral, e produzir servos obedientes para cumprirem instruções sem questionar, mesmo quando urgentemente necessário.” (KUZWAYO, apud DAYMOND et alii, 2003, p. 35).

⁴⁹³ Bessie Head, conforme lembra Boyce Davis em *Finding Some Space: South African Women Writers* (1986), afirmou que “a literatura na África do Sul era muito funcional e intrinsecamente ligada ao sofrimento humano”, o que a autora considerava uma enorme desvantagem para seu desenvolvimento: “A morte da literatura da África do Sul é que ela está cega de dor; as pessoas quase que nem existem fora da dor.” (HEAD, apud DAVIES, 1986, p. 123).

⁴⁹⁴ Fundada por Robert Crisp como “*The African Drum*”, a revista teve como intenção inicial retratar “os sul-africanos negros como “nobres selvagens” com um conteúdo basicamente da cultura e histórias tribais. Entretanto, em 1951, já sob o comando de Jim Bailey, a revista muda-se para Johannesburg e é renomeada para *Drum*, ganha popularidade e seu conteúdo passa a enfatizar a cultura urbana negra, transformando-se em uma importante plataforma para os movimentos nacionalistas africanos emergentes. Entre os escritores mais conhecidos estão Es’kia Mphahlele, exilado em 1957; Can Themba, Peter Abrahams e Alex La Guma, entre outros. A revista continua a ser publicada ainda hoje, é a sexta publicação mais vendida na África, e segue privilegiando um conteúdo para os sul-africanos negros. Para maiores informações, ver: <http://www.sahistory.org.za/article/brief-history-drum>.

estes termos obscurecem a tempestuosidade e o desespero destes anos, que foram tão fortemente marcados pelos protestos políticos contínuos das mulheres em uma luta contra o sistema de passes que, ao final, foi mal sucedida, e pela chegada ao fim da ação política pública inter-racial das mulheres. (DAYMOND et alii, 2003, p. 36)

A repressão foi tão forte contra a oposição política das mulheres a ponto de ter havido grandes perdas intelectuais femininas, negras e brancas⁴⁹⁵, mulheres que foram presas, exiladas e até mortas. Todavia, Daymond et alii afirmam que mesmo que a década tenha sido bastante turbulenta, “a escrita destes anos se distingue pelas assertivas feministas que começaram a emergir no trabalho de mulheres frouxamente ligadas a revista *Drum*.” (DAYMOND et alii, 2003, p. 37). Em suas obras, elas produziam uma consciência feminina que desejava distância do ocidente e “publicamente vocalizavam, muito brevemente, um protesto autoconfiante, até mesmo, alegre contra o tratamento e representação degradantes.” (DAYMOND et alii, 2003, p.37).

Outro aspecto importante levantado pela crítica feminista em relação a certa mitificação cultural da *Drum decade* está diretamente relacionado à questão da identidade e sexualidade feminina. Como Daymond et alii nos informam, a década foi discutida na história da literatura sul-africana predominantemente a partir do viés das ambiguidades de classe e raça. Entretanto, o *ethos* característico da *Drum decade* e a revista, em particular, “submeteu as mulheres africanas a modelos europeus de beleza e a um código de ética dependente da ideologia da domesticidade, da família nuclear, e do amor romântico” (DAYMOND et alii, 2003, p.37). Mas, havia também da parte dos jornalistas negros uma ênfase em um “modelo africano de sexualidade feminina autodeterminada”, mesmo que se tratasse de uma atitude bastante ambígua posto que “they depicted ‘beauty queens’ and models as their property, ‘on offer’ to readers, and ran sensationalist essays in which rape was euphemistically known as ‘abduction’ or ‘love by martial law.’”⁴⁹⁶ (DAYMOND et alii, 2003, p.37).

As poucas constatações acima nos dão uma ideia de que se tratava de um contexto bastante frágil, ambíguo e hostil para as escritoras negras. Com referência aos anos 50, Daymond et alii (DAYMOND et alii, 2003, p.38) afirmam:

During this period, despite this vital writing, various inhibiting forces were at work to limit literary production by Black Southern women: the combined patriarchy and colonial structures, unequal access to material resources, lack of leisure time, and

⁴⁹⁵ A antologia *Women Writing Africa* (2003) destaca o trabalho de, pelo menos, duas mulheres brancas que sofreram as consequências dessa repressão: Hilda Bernstein e Ruth First. Ver: *Women Writing Africa*, 2003, p.36.

⁴⁹⁶ Tradução: “eles representavam as ‘rainhas da beleza’ e modelos como suas propriedades, ‘em oferta’ para os leitores, e publicavam ensaios sensacionalistas nos quais o estupro era eufemisticamente conhecido como ‘abdução’ ou ‘amor pela lei marcial’.” (DAYMOND et alii, 2003, p.37).

psychological disempowerment. With regard to genre, too, there were barriers. With its focus on the individual, the narrow understanding given to the domestication of women, and the racializing of gender, the European, or Western, novel was an inhospitable form, whatever language women wrote in⁴⁹⁷. (DAYMOND et alii, 2003, p.38).

Mas é neste mesmo contexto que irão surgir alguns nomes importantes, como o da envergadura de Bessie Head (1937-1986), a mais importante e conhecida escritora negra sul-africana neste período e durante as décadas de 60 e 70. Limito-me, a seguir, a apresentar somente algumas das escritoras negras sul-africanas mais representativas.

Bessie Head

Filha da união ‘proibida’ entre uma mulher escocesa e um homem negro, a escritora nasceu Bessie Amelia Emery, em Pietermaritzburg, na África do Sul, em um asilo para doentes mentais ao qual sua mãe fora confiada pelos pais assim que souberam de sua gravidez. Classificada como de origem mestiça, Bessie Head foi tirada de sua mãe ao nascer e criada em uma casa adotiva até a idade de treze anos. Ela, como muitas outras meninas negras, frequentou uma escola missionária e, acabou se tornando professora. Abandonando o ensino depois de apenas alguns anos, Head começou a escrever como jornalista para o *Golden City Post*, de Joanesburgo, um suplemento semanal que tinha relações distantes com a revista *Drum*, onde sua reputação como escritora começou. Head mudou-se para a Cidade do Cabo, em 1960, onde participou de um grupo de ativistas anti-apartheid, casando-se com um deles, Harold Head, dois anos depois. Moravam no District Six enquanto Head dividia seu tempo entre o trabalho para a revista mensal, *The New African*, e a escrita de seu primeiro romance, o único situado na África do Sul, *The Cardinals*, publicado postumamente.

Em 1964, farta do apartheid e após se separar, Bessie Head se exila voluntariamente com seu único filho em Botswana. Porém, por causa de suas afiliações políticas e relações com ativistas de esquerda, Head foi obrigada a abrir mão da cidadania sul-africana e tornou-se uma pessoa apátrida por quinze anos, até 1979 quando finalmente obteve cidadania no país. Em Botswana, Head escreveu *When the Rain Clouds Gather* (1969), *Maru* (1971) e *A Question of Power* (1973). Suas obras exploram intensamente “the traumatic effects of the law that made

⁴⁹⁷ Tradução: “Durante este período, apesar desta escrita vital, várias forças inibitórias estavam trabalhando para limitar a produção literária das mulheres negras do sul [da África]: o patriarcado combinado com as estruturas coloniais, o acesso desigual aos recursos materiais, a falta de tempo livre e o desempoderamento psicológico. Com relação ao gênero [literário], também, havia barreiras. Com o seu foco no indivíduo, o estreito entendimento dado à domesticação das mulheres, e a racialização do gênero [identidade], o romance europeu ou ocidental, era uma forma inóspita, qualquer que fosse a língua em que as mulheres escrevessem.” (DAYMOND et alii, 2003, p.38).

interracial sexual unions illegal in South Africa, and that led to Head's painful experiences of homelessness⁴⁹⁸ (DAYMOND et alii, 2003, p.290). Discriminada pelos brancos da África do Sul e de Botswana por ser negra e pelos negros por ser parda, Head nunca se sentiu 'at home' em lugar algum.

Além de serem reconhecidas como altamente autobiográficas em inspiração, suas obras têm hoje sido lidas também como constituídas por um feminismo, um *womanism* e uma africanidade muito particulares (RAFAPA, NENGOME & TSHAMANO, 2011). Destacando o sofrimento dos socialmente marginalizados de forma única e seminal, a caracterização de Head de suas personagens femininas dentro do contexto cultural africano retrata de forma direta o impacto das sociedades patriarcais africanas sobre a subjetividade das mulheres, conforme afirma Huma Ibrahim (1996), citada por Rafapa, Nengome & Tshamano (2011, p.112).

Ibrahim (1996: 20) observes that Head's "exploration of the limitation of women's power" marks a fundamental deviation from the simplistic feminist premise that "even the smallest power in women's hands somehow advances the cause of feminism." For Ibrahim (1996: 20), such a feat in Head's problematization of the seemingly smooth concept of feminism should be attributed to her awareness that "societal taboos surrounding women's sexuality are controlled by aspects of patriarchal discourse." What follows from such an observation by Ibrahim is that Head's characterization of women within the African cultural context straightforwardly portrays the impingement of patriarchal African societies on their subjectivity.⁴⁹⁹ (RAFAPA, NENGOME & TSHAMANO, 2011, p.112-113).

As experiências autobiográficas de Bessie Head se encontram em seus três principais romance, conforme explica Conforme Desireé Lewis (2003, p.290),

When the Rain Clouds Gather is based on her stay on a Botswanan farm; *Maru*, focusing on a woman schoolteacher deemed racially inferior by the Batswana, reconfigures Head's sense of her own subordination and exclusion; and in *A Question of Power*, a novel that has prompted lively critical interest, Head explores unconscious processes from the perspective of a character's experience of acute psychological distress.⁵⁰⁰ (LEWIS, apud DAYMOND et alii, 2003, p.290).

⁴⁹⁸ Tradução: "os efeitos traumáticos da lei que tornou ilegais as uniões sexuais inter-raciais na África do Sul e que levou à dolorosa experiência de não pertencimento de Head". (DAYMOND et alii, 2003, p.290).

⁴⁹⁹ Tradução: "Ibrahim (1996: 20) observa que a 'exploração da limitação do poder feminino' por parte de Head marca um desvio fundamental da premissa feminista simplista de que 'mesmo o menor poder nas mãos das mulheres de alguma forma avança a causa do feminismo'. Para Ibrahim (1996: 20), tal proeza na problematização de Head do conceito aparentemente leve do feminismo deve ser atribuída à sua consciência de que 'os tabus sociais que envolvem a sexualidade das mulheres são controlados por aspectos do discurso patriarcal'. O que decorre de tal observação de Ibrahim é que a caracterização das mulheres por Head no contexto cultural africano retrata de forma direta o impacto das sociedades patriarcais africanas sobre sua subjetividade." (RAFAPA, NENGOME & TSHAMANO, 2011, p.112-113).

⁵⁰⁰ Tradução: "*When the Rain Clouds Gather* é baseado em sua estadia em uma fazenda Botsuana; *Maru*, enfocando uma professora considerada racialmente inferior pelos Batswana, reconfigura o sentimento de Head de sua própria subordinação e exclusão; e em *A Question of Power*, um romance que suscitou vivo interesse

O primeiro romance publicado, *When the Rain Clouds Gather* (1969), por Head é a história de Makhaya Maseko, um refugiado político da África do Sul que escapa para o Botswana depois de cumprir uma pena de prisão por sabotagem. Seu segundo romance, *Maru*, publicado em 1971, foi escrito entre 1969 e 1970 quando Bessie Head sofreu alguns colapsos mentais. *Maru* destaca o racismo, não dos brancos contra negros, mas o preconceito do povo Tswana, a maioria de Botswana, contra os Masarwas, os bosquímanos ou povos indígenas do deserto do Kalahari. *A Question of Power* (1973), seu terceiro romance, considerado o mais complexo, é aquele que tem recebido a maior atenção dos críticos. Abertamente autobiográfico, o romance descreve o terrível processo do colapso mental de Elizabeth, professora exilada em Botswana com seu filho pequeno, entrecruzando a realidade e o imaginário, a loucura e a espiritualidade e afirmando valores como a humildade, a decência, a generosidade e a compaixão pelas pessoas comuns. A preocupação com princípios morais foram mais importantes para a autora do que as ideologias política ou econômica.

As Décadas de 60 e 70

Nas décadas de 60 e 70, o apartheid continuou a dificultar terrivelmente a produção literária das mulheres sul-africanas, não só das mulheres negras, como bem explicam DAYMOND et alii (2003)

Apartheid produced increasingly deep social division, ethnic, linguistic, political and geographic. Many women writers were silenced through bannings, house arrest, imprisonment and exile. Loss and fracture as well as endurance defined the times. Even in the literature that could be produced at home, much was censored or embargoed, and some was from the start produced underground.⁵⁰¹ (DAYMOND et alii, 2003, p.42-43).

Entre os exemplos dados por Daymond et alii das obras e autoras banidas, estão *African Stories* (1964) de Doris Lessing, escritora que já vivia fora do país desde 1950; *Burger's Daughter* de Nadine Gordimer, publicado pela primeira vez na Inglaterra em 1979; *Amandla* de Miriam Tlali e *Cry Rage!* (1972), o primeiro volume de poemas banido pelo apartheid, escrito

crítico, Head explora processos inconscientes a partir da perspectiva da experiência de uma personagem com uma angústia psicológica aguda.” (LEWIS, 2003, p.290).

⁵⁰¹ Tradução: “O apartheid produziu uma divisão social cada vez mais profunda, étnica, linguística, política e geográfica. Muitas mulheres escritoras foram silenciadas através de banimentos, prisão domiciliar, prisão e exílio. Perda e fratura bem como resistência definiram os tempos. Mesmo na literatura que poderia ser produzida em casa, muita foi censurada ou embargada, e algumas foram desde o início produzidas na clandestinidade. (DAYMOND et alii, 2003, p. 42-43).

em inglês por uma mulher negra, Gladys Thomas, e compartilhado pelo legendário poeta negro, James Davis Matthews⁵⁰².

Em meados dos anos 70, com a África do Sul sob mais uma forte onda de repressão, o país continuou perdendo gerações de mulheres intelectuais, quando sob um clima de “detenções, desaparecimentos e mortes — muitas mulheres jovens partiram do país.” (DAYMOND et alii, 2003, p.43). Mas como destacam Daymond et alii (2003), “although it was to a large extent published abroad, anti-apartheid writing continued to be produced locally by women writers within the country.”⁵⁰³ (DAYMOND et alii, 2003, p.43).

Ainda de acordo com Daymond et alii, a literatura escrita dos anos 60 e começo dos anos 70 foi mais diversificada do que aquelas das décadas anteriores, mesmo antes da expansão massiva da educação para as mulheres.

Noni Jabavu

Helen Nontando (Noni) Jabavu (1920 - 2008), conhecida como Noni Jabavu, nasceu em Middledrift Eastern Cape de onde saiu aos treze anos para estudar música em Londres. Foi jornalista e uma das primeiras mulheres africanas a seguir uma carreira literária de sucesso no exterior e a primeira negra sul-africana a publicar uma autobiografia. Também foi a primeira mulher africana a ser a editora de uma revista literária britânica quando em 1961 assumiu a editoria de *The New Strand*. Habilidade memorialista, escreveu *Drawn in Color* (1960) e *The Ochre People* (1963). Segundo V.M.Sisi Maqagi (2003), em *The Ochre People*, Jabavu se revela uma escritora “highly conscious of the ambiguities of her position as an outsider/insider”⁵⁰⁴ (MAQAGI, em DAYMOND et alii, 2003, p. 271) e da diferença de classe entre ela e muito do seu povo. Entretanto, conforme Daymond et alii, Jabavu “marks herself as an outsider in her use

⁵⁰² James Davis Matthews, a quem tive a honra de ser apresentada pela escritora Dianne Case durante minha estadia na Cidade do Cabo, nasceu em 1929. Foi detido pelo apartheid em 1976, tendo ficado impedido de possuir um passaporte por 13 anos. Matthews recebeu várias honrarias, entre elas a Ordem de Ikhamanga (Prata), em dezembro de 2004, por “suas excelentes realizações na literatura, contribuindo para o jornalismo e seu compromisso inspirador para a luta por uma África do Sul não-racial” Ver: [https://en.wikipedia.org/wiki/James_Matthews_\(writer\)](https://en.wikipedia.org/wiki/James_Matthews_(writer)).

⁵⁰³ Tradução: “Embora tenha sido em grande parte publicada no exterior, a escrita anti-apartheid continuou a ser produzida localmente por mulheres escritoras dentro do país.” (DAYMOND et alii, 2003, p.43).

⁵⁰⁴ Tradução: “altamente consciente das ambiguidades de sua posição como *outsider / insider*” (MAQAGI, em DAYMOND et alii, 2003, p. 271).

of cultural comparisons, yet, [...] she also forges a more complex position for herself than the conventional binary outside/inside suggests.⁵⁰⁵” (DAYMOND et alii, 2003, p. 44).

Carole Boyce Davies nos ajuda a compreender a singularidade do lugar de Jabavu.

The writer journeys across much of the South African landscape and in doing so moves to a deeper awareness of the contours of apartheid and at the same time the resilience, dignity and variegated patterns of the people's lives. Although she approaches the history almost as an outsider looking in, as a dispossessed daughter with an element of nostalgia, she has a strong feeling for the people, the language and the cultural variations. A sense of loss permeates the works which combine family/cultural history, autobiography and travelogue formats.⁵⁰⁶ (DAVIES, 1986, p. 123).

Desse modo, suas obras, ambas tratam de questões de identidade, nas quais Noni Jabavu procura rastrear suas origens tanto na Inglaterra quanto na África do Sul. Sobre a escrita autobiográfica de Noni Jabavu, na introdução de *Women Writing Africa*, Daymond et alii explicam que ela “gestures towards the conventions of rural patriarchy for its preferred social model and rejects the ‘new woman’ cast loose from the patriarchal family, who so deftly negotiates the bleak choices delivered her in the name of modernity.”⁵⁰⁷ (DAYMOND et alii, 2003, p. 44).

Ellen Kuzwayo⁵⁰⁸

Outra escritora que não posso deixar de mencionar é Ellen K. Kuzwayo (1914-2006). Fervorosa defensora da luta contra o apartheid na África do Sul e lutadora incansável pela emancipação das mulheres, Kuzwayo foi professora, assistente social e líder comunitária. Em 1994, aos 79 anos, foi eleita membro do ANC no primeiro parlamento multirracial da África do Sul. Kuzwayo veio de uma família com fortes laços com o ANC. Na década de 1940, ela se

⁵⁰⁵ Tradução: “marca-se como uma *outsider* em seu uso de comparações culturais, no entanto, [...] ela também forja uma posição mais complexa para si mesma do que o binário convencional fora/dentro sugere”. (DAYMOND et alii, 2003, p. 44).

⁵⁰⁶ Tradução: “A escritora viaja por grande parte da paisagem sul-africana e, ao fazê-lo, move-se para uma consciência mais profunda dos contornos do apartheid e, ao mesmo tempo, a resiliência, dignidade e padrões variados da vida das pessoas. Embora ela se aproxime da história quase como uma estrangeira olhando para dentro, como uma filha despossuída com um elemento de nostalgia, ela tem um forte sentimento para com o povo, a língua e as variações culturais. Um sentimento de perda permeia as obras que combinam história familiar/cultural, autobiografia e formatos de viagem.” (DAVIES, 1986, página 123).

⁵⁰⁷ Tradução: “gesticula para as convenções do patriarcado rural para seu modelo social preferido e rejeita a ‘mulher nova’ solta da família patriarcal, que tão habilmente negocia as escolhas leves entregues a ela em nome da modernidade.” (DAYMOND et alii, 2003, p. 44).

⁵⁰⁸ Algumas das informações sobre Ellen Kuzwayo aqui apresentadas estão no seu obituário publicado pelo *The Guardian* em 24 de abril de 2006, por ocasião de sua morte. O texto encontra-se disponível em: <https://www.theguardian.com/news/2006/apr/24/guardianobituaries.gender>.

juntou a Nelson Mandela, Walter Sisulu e Oliver Tambo na formação da *ANC Youth League*, mais tarde transformada em *Umkhonto we Sizwe*.

Kuzwayo nasceu em uma fazenda no distrito de Thaba Nchu do que era então o Estado Livre de Orange em uma família negra privilegiada. Seu pai era um proeminente empresário de Soweto e ativista de ANC. O avô materno fora membro principal do Congresso Nacional Nativo Sul-Africano, um precursor do ANC. Kuzwayo dizia que quando criança, não havia experimentado ainda a opressão branca, o que aconteceu depois da morte de sua mãe e quando, em 1974, a família perdeu a fazenda para fazendeiros brancos, por força do *Group Area Act*, que considerou a área exclusiva para brancos. A escritora foi educada no St Francis' College, e formou-se professora na Lovedale College, Fort Hare, graduando-se, em 1936, com a qualificação mais alta de formação de professores, então disponível à época para uma pessoa negra. Em 1952, Kuzwayo desistiu do ensino por conta da introdução pelo governo nacionalista da chamada *Bantu Education*, política que reduzia as oportunidades de educação negra e precarizava ainda mais sua qualidade, impondo uma formação para manter os negros somente em posições subalternas. Kuzwayo não quis ser cúmplice desta política educacional.

Por causa de seu ativismo, Kuzwayo ficou detida por cinco meses. *Call me a woman*, de 1985, sua primeira obra publicada foi também uma autobiografia, onde Kuzwayo relata os anos de abuso sofrido junto ao primeiro marido, a quem ela acaba abandonando juntamente com seus dois filhos. Posteriormente, eles irão se juntar à mãe, quando ela já está, então, casada com seu segundo marido. Segundo Carole Boyce Davies, *Call me a Woman* segue a mesma tradição das autobiografias das mulheres negras sul-africanas, documentando a história e detalhando a experiência individual e do grupo. Para ela, em consonância com as ideias de Butterfield, as autobiografias das mulheres negras sul-africanas trazem um 'eu' que não é individual, mas "a soldier on a long historic march, one whose conscious political identity draws sustenance from the past and who passes his [sic] endurance to the next generations."⁵⁰⁹ (BUTTERFIELD, apud DAVIES, 1986, p. 124).

Seu segundo livro, *Sit Down and Listen* (1990) é uma coletânea de contos na forma de uma narrativa oral com o objetivo de manter vivo tal tradição cultural africana. São histórias que destacam o valor das tradições e atitudes, e a situação das mulheres entre a antiga e a nova África do Sul. As preocupações de Kuzwayo contra o esquecimento da cultura e da filosofia de vida africanas aparecem também no texto de Kuzwayo escolhido para compor a antologia *Women Writing Africa* que é parte da obra *African Wisdom – A Personal Collection of Setswana*

⁵⁰⁹ Tradução: “Um soldado em uma longa marcha histórica, cuja identidade política consciente tira o sustento do passado e que passa sua resistência às próximas gerações”. (BUTTERFIELD, apud DAVIES, 1986, p. 124).

Proverbs (1998). Nesta obra, Kuzwayo reconta histórias de sua juventude rural e explica sua filosofia sobre o poder de cura dos provérbios.

Conforme explica Abner Nyamende,

Kuzwayo's Setswana proverbs function as a window on African life, providing cultural values in a condensed form. Noting that violence and abuse continue to increase daily, including senseless rapes and killings of young and old women, she suggests that proverbs may serve to reconnect Africans with *ubuntu* (respect for human dignity). In this spirit, she offers proverbs she learned in childhood as one possible instrument of change.⁵¹⁰ (NYAMENDE, apud DAYMOND et alii, 2003, p.492).

Nos anos 1980, ela se tornou a primeira mulher negra a receber um título de graduação honorário da Universidade do Witwatersrand. Kuzwayo se aposentou como membro do Parlamento em 1999, após cinco anos. Por ocasião de sua aposentadoria, Nelson Mandela concedeu-lhe a *Order of Meritorious Service*. Kuzwayo faleceu em 19 de abril de 2006.

A Consciência Negra e a Literatura das Mulheres Negras – Décadas 70 e 80

O empoderamento e sucesso tanto de Noni Jabavu como de Bessie Head no exterior aparentemente encorajou a escrita em inglês das mulheres sul-africanas, de acordo com Daymond et alii (DAYMOND et alii, 2003, p. 44).

O Movimento da *Consciência Negra*, enquanto força política e cultural, afetará profundamente as mulheres negras e sua produção escrita de meados dos anos 70 por todos os anos 80 devido ao fato de que “Black history, agency, and language were stressed, through a new conception of the importance of the Black community in the formation of personal and social identity.”⁵¹¹ (DAYMOND et alii, 2003, p.44-45).

Desse modo, as vozes literárias femininas que já vinham problematizando a hierarquização dos gêneros e denunciando a opressão das mulheres negras pelos homens negros viram-se obrigadas a mudar de enfoque, de modo que durante as décadas de 1970 e 1980, as mulheres muitas vezes exibiram uma relação ambivalente com seu próprio poder, ora se

⁵¹⁰ Tradução: “Os provérbios de Setswana de Kuzwayo funcionam como uma janela para a vida africana, fornecendo valores culturais de uma forma condensada. Observando que a violência e o abuso continuam a aumentar diariamente, incluindo estupros sem sentido e assassinatos de mulheres jovens e idosas, ela sugere que os provérbios podem servir para reconectar os africanos com o *ubuntu* (respeito pela dignidade humana). Nesse espírito, ela oferece provérbios que aprendeu na infância como um possível instrumento de mudança.” (NYAMENDE, em Daymond, 2003, p.492).

⁵¹¹ Tradução: “A história negra, a agência e a linguagem foram enfatizadas, através de uma nova concepção da importância da comunidade negra na formação da identidade pessoal e social.” (DAYMOND et alii, 2003, p.44-45).

afirmando, ora restabelecendo e enfatizando a autoridade masculina. Todavia, o legado literário feminino desse período pode ser caracterizado pela solidariedade das mulheres negras e a afirmação de um poder político dentro dos limites impostos cultural e socialmente, que foram também por elas ampliados. (DAYMOND et alii, 2003, p.45), inclusive pela problematização das relações de poder entre homens e mulheres.

Miriam Tlali e Laretta Ngcobo são outros dois exemplos de escritoras negras que contribuíram muitíssimo tanto para a luta contra o racismo quanto contra a opressão de gênero.

Miriam Tlali

Miriam Tlali nasceu em Doornfontein, Joanesburgo em 1933 e cresceu em Sophiatown, tendo falecido recentemente em 24 de fevereiro de 2017, aos 83 anos. Talali matriculou-se na Universidade de Witwatersrand, onde não foi admitida por causa da reserva de vagas para estudantes brancos. Mais tarde, foi para a Universidade de Lesoto, na qual não pôde completar seus estudos devido a dificuldades financeiras. Foi seu emprego como contadora em uma loja de móveis de Joanesburgo que a inspirou para escrever seu primeiro romance, *Muriel at Metropolitan*, o primeiro romance escrito por uma mulher negra publicado dentro do país. Tlali foi co-fundadora e colaboradora da revista *Staffrider*, que visava fornecer uma saída para escrita criativa antiapartheid por negros na qual escrevia uma coluna regular, '*Soweto Speaking*'. *Amandla*, seu romance baseado no levante de Soweto em 1976, foi publicado em 1980. Foi bem recebido e vendeu 5000 cópias em poucas semanas, mas foi banido imediatamente depois disso. Ambos os romances foram traduzidos para várias outras línguas, mas só voltaram a ser autorizados na África do Sul em 1986.

Tlali escreveu *Mihloti*, uma coleção de contos, entrevistas e não ficção, publicada em 1984, que também traz muitos elementos autobiográficos. Davies comenta sobre o significado e conteúdo desta obra de Tlali.

Mihloti means 'tearsdrops' and each piece she writes presents various shades of the pain, grief, strength and struggle that is Black South African life. There are many painful pieces. Her '*Detour into Detention*', for example, reveals all the pathos connected to Steve Biko's death and the mass arrest and brutal treatment of people who were attempting to journey to the funeral. '*Point of No Return*' which anchors the collection provides a dialogue on the need for self-sacrifice and commitment to a larger struggle than individual satisfaction.⁵¹² (DAVIES, 1986, p.124)

⁵¹² Tradução: "Mihloti significa 'lágrimas' e cada conto que ela escreve apresenta várias tonalidades de dor, sofrimento, força e luta que é a vida dos negros sul-africanos. Há muitos contos dolorosos. Seu '*Detour into Detention*', por exemplo, revela todo o *pathos* ligado à morte de Steve Biko e a prisão em massa e o tratamento

Footprints in the Quag foi a última obra publicada de Miriam Tlali, inicialmente nos Estados Unidos como *Soweto Stories*, pela Pandora Press em 1989.

De acordo com Pumla Dineo Gcola, enquanto as obras da Consciência Negra se concentravam em personagens masculinos, a obra de Tlali descentralizava os homens e suas personagens não eram somente definidas pelo apartheid. Segundo Gcola, “her writing motions towards a vivid world that unsettles expectations and defies pigeon-holing⁵¹³” enquanto “Tlali refuses to provide the hard and fast answers often produced by Black Consciousness writing.⁵¹⁴” (GCOLA, em DAYMOND et alii, 2003, p.364).

Conforme nos ensina Theophilus T. Mukhuba em *An Introduction to Miriam Tlali's Muriel at Metropolitan*, seu primeiro romance pode ser considerado uma autobiografia ficcional, onde Miriam Tlali explora a relação entre negros e brancos sul-africanos e as experiências racistas, particularmente no local de trabalho. Tlali também representa a opressão e exploração do povo negro e como o regime de apartheid mantinha e aplicava suas leis. Os romances de Tlali podem ser considerados, conforme Mukhuba, uma literatura de protesto (*struggle literature*). São obras produzidas com objetivos específicos de denunciar os males do sistema do apartheid e elevar a consciência política e a confiança da população negra sul-africana, por esta razão também Tlali não se preocupou com as convenções literárias tradicionais.

As mulheres negras se destacam, em grande parte da obra de Tlali, como trabalhadores e mães. Mas, o mais importante é que suas obras demonstram claramente que muitas mulheres negras sul-africanas, embora subsumidas sob a categoria política de “blacks”, tiveram experiências de opressão e exclusão muito singulares. Embora a ficção de Tlali anteceda o foco político nas mulheres na luta antiapartheid, ela antecipa a análise da opressão das mulheres negras dentro do movimento de libertação nacional. Isso a partir de meados dos anos oitenta.

brutal de pessoas que estavam tentando ir para o funeral. ‘*Point of No Return*’, que ancora a coleção fornece um diálogo sobre a necessidade do auto-sacrifício e compromisso de uma luta maior do que a satisfação individual. (DAVIES, 1986, p.124).

⁵¹³ Tradução: “sua escrita se movia em direção a um mundo vívido que desacomodava as expectativas e desafiava os rótulos” (GCOLA, em DAYMOND et alii, 2003, p.364).

⁵¹⁴ Tradução: “Tlali se recusa a fornecer as respostas duras e rápidas, muitas vezes produzidas pela escrita Black Consciousness”. (GCOLA, em DAYMOND et alii, 2003, p.364).

Lauretta Ngcobo

Lauretta Ngcobo é a última escritora negra sul-africana do período que comento nesta tese, com a certeza de que deixei de lado inúmeros outros nomes também importantes e representativos da escrita das mulheres negras sul-africanas. Lauretta Ngcobo nasceu, em 1931, e foi criada em uma área rural de KwaZulu-Natal chamada Cabazi, na África do Sul, filha de pai Xhosa e mãe Zulu. O pai faleceu quando ela tinha oito anos e sua mãe teve que lutar tanto contra a tradição Zulu de que na falta do pai um parente homem deveria ficar com os filhos como contra a lei dos brancos que categorizava as mulheres negras casadas ou viúvas como menores legalmente. (DAYMOND, 1999, 248).

Ngcobo ficou conhecida durante os anos 50 por ser uma das principais feministas participante da marcha anti-passe das mulheres de 1956. Em 1963, foi obrigada a deixar a África do Sul sob o risco de ser presa, exilando-se com o marido e seus filhos, primeiramente em Suazilândia, em seguida no Zimbábue e, finalmente, na Inglaterra onde chegou em 1969 e onde trabalhou como professora por 25 anos. Voltou à África do Sul somente 1993 já às vésperas das primeiras eleições democráticas do país. Ela é autora de dois romances: *Cross of Gold* de 1981 e *And They Didn't Die* de 1990. Publicou ainda a antologia *Let It Be Told: Black Women Writers in Britain* de 1987.

Seu primeiro romance *Cross of Gold* foi publicado durante o período em que a produção literária estava sob forte influência do movimento da Consciência Negra, pertencendo à literatura de protesto. *Cross of Gold* está também entre as primeiras obras publicadas por uma mulher negra sul-africana. A.C. Fick explica que

While the novel refers to the mining revolt of 1946 and the impact of the Sharpeville massacre of 1960, it may also be read as a response to the Soweto uprisings of 1976. As such the novel attempts to address and inscribe black responses to the oppressive South African system of institutionalized racism.⁵¹⁵ (FICK, apud DAYMOND et alii, 2003, p.357).

Carole Boyce Davies ao resumir para nós o conteúdo da obra, reconhecendo-a como uma enorme contribuição para a *struggle literature*, nos deixa claro o modo como a literatura de protesto procurava demonstrar como o caminho para a solução da opressão no país era a luta contra o regime do apartheid.

⁵¹⁵ Tradução: “Embora o romance se refira à revolta dos mineiros de 1946 e ao impacto do massacre de Sharpeville de 1960, também pode ser lido como uma resposta às revoltas de Soweto de 1976. Como tal o romance tenta chamar a atenção e dar as respostas dos negros ao opressivo sistema sul-africano de racismo institucionalizado.” (FICK, apud DAYMOND et alii, 2003, p.357).

Obviously the most substantial contribution, Lauretta Ngcobo's novel *Cross of Gold* (1981) examines the growth from innocence to experience of a young South African man and the consequent dehumanization which the system forces on him. The steps he takes to regain his humanity include his resolve to work for the dismantling of apartheid. *Cross of Gold* devotes most of its attention to the continuous assault on African men in South Africa. Mandla, her protagonist, grows and matures rapidly to an understanding of the life/death that is set out for him. His mother, Sindiswe, a freedom fighter is, introduced first but the bulk of the novel tells Mandla's story. Sindiswe dies in an attempt to leave South Africa and with her death goes his childhood. His [sic] becomes a limbo-like status where he is denied both manhood and childhood and instead suffers physical and emotional anguish. The total absence of any Christian God on this environment of hopelessness is something the author makes define. Instead there is a vicious cycle of imprisonment, escape, re-imprisonment at the core of the book. Death and life are also central images. The only hope resides in a donation of self to the future.⁵¹⁶ (DAVIES, 1986, p.125)

É o excerto de *Cross of Gold* que enfatiza a ida de Sindiswe para o exílio atravessando a fronteira entre a África do Sul e Botswana que foi escolhido para constar na antologia *Women Writing Africa*. Trata-se da passagem em que a mãe de Mandla é assassinada pelos agentes da patrulha da fronteira sob o olhar de seus filhos. Mas, apesar de Sindisiwe não protagonizar a história, Ngcobo não deixa de mostrar uma mulher negra transformando-se de uma empregada passiva em uma combatente contra o apartheid, como nos chama a atenção Carole Boyce Davies.(DAVIES, 1986).

Também, de acordo com Fick, Lauretta Ngcobo comentou, em uma entrevista de 1989, que ela tentou escrever uma história de mulher, mas que foi incapaz de imaginar uma mulher sobrevivendo para além das primeiras páginas. Fick comenta que

In diagnosing the position of women in post-apartheid South Africa, Ngcobo has argued that 'Black women should soon grow confident and find room enough to speak for themselves, so that others will no longer find it possible or necessary to speak on their behalf.'⁵¹⁷ (FICK, apud DAYMOND et alii, 2003, p. 357).

⁵¹⁶ Tradução: "Obviamente a maior contribuição, o romance de Lauretta Ngcobo, *Cross of Gold* (1981) analisa a transformação da inocência para a experiência de um jovem sul africano e a consequente desumanização a que o sistema do apartheid o obriga. Os passos que tem que dar para recobrar sua humanidade incluem sua resolução de trabalhar pelo desmantelamento do apartheid. *Cross of Gold* devota a maior parte de sua atenção ao assalto contínuo sobre os homens da África do sul. Mandla, seu protagonista, cresce e amadurece rapidamente para compreender a vida e a morte que se colocam diante dele. Sua mãe, Sindiswe, lutadora pela liberdade, é apresentada primeiro, mas o grosso do romance conta a estória de Mandla. Sindiswe morre em uma tentativa de deixar o país e com sua morte vai embora a infância do filho. Ele fica em um estado de limbo onde lhes são negadas sua masculinidade e infância e, em vez disso, ele sofre angústias físicas e emocionais. A total ausência de um deus cristão neste ambiente de desesperança é algo que a autora torna definitivo. Em vez disso há um círculo vicioso de aprisionamento, fugas, e novas prisões no âmago da obra. Morte e vida são também imagens essenciais. A única esperança reside na doação de seu *eu* para o futuro." (DAVIES, 1986, p.125)

⁵¹⁷ Tradução: "Ao diagnosticar a posição das mulheres na pós-apartheid da África do Sul, Ngcobo argumentou que 'as mulheres negras em breve deverão tornar-se confiantes e encontrar espaço suficiente para falarem por si mesmas, para que os outros que já não achem possível ou necessário falar em seus nomes.'"(FICK, apud DAYMOND et alii, 2003, p. 357).

E segundo Fick, a própria escritora respondeu a sua exigência em seu segundo romance *And They Didn't Die*, “where she brings the full focus of her art as a writer to bear on the experiences of rural South African women.”⁵¹⁸ (FICK, apud DAYMOND et alii, 2003, p.357). O romance é um relato sobre os efeitos das leis sobre a terra de 1913 (Native Land Act) que limitava a posse de terra para a população africana nativa e uma homenagem da escritora às mulheres da zona rural de KwaZulu-Natal que lutaram para retomar o controle de suas terras e para sustentar suas famílias, mantendo-as vivas, enquanto seus maridos trabalham nas cidades. A obra revela a luta das mulheres africanas que, apesar do Estado vê-las somente a partir de suas funções reprodutoras, principalmente de mão-de-obra para o trabalho migrante, “in the absence of their husbands, it is upon them that responsibility for tending their lands and cattle, as well as caring for their children, has to rest.”⁵¹⁹ (Ntantala, apud DAYMOND, 1999, p.247).

Conforme nos ensina M. J. Daymond no posfácio da obra, apesar de Ngcobo se autodefinir como uma tradicionalista que valoriza e procura criar uma compreensão dos costumes de seu povo, ela tem também uma visão muito clara sobre “the dangers of a narrow traditionalism”⁵²⁰ e reconhece “the need for women to engage with modernity, and the particular difficulties that they have in doing so.”⁵²¹ (DAYMOND, 1999, p.251).

Ainda, de acordo com Daymond, a consciência política de que as mulheres negras sul-africanas suportavam a opressão de seus homens oprimidos está presente em toda a obra de Ngcobo. Para esta estudiosa,

the seriousness and centrality that she gives this theme plunges her into the heart of gender and race politics in South Africa. Ngcobo is among the relatively small group of what herself calls ‘blackwomen’ writers (Let It Be Told, 1) who have created ways of representing the interplay of race and gender in their lives and society, as well as in history.⁵²² (DAYMOND, 1999, p.250-251).

Como pudemos perceber, sob a influência do movimento da Consciência Negra, as mulheres negras se aliaram mais profundamente à luta nacionalista em vez de à luta feminista,

⁵¹⁸ Tradução: “onde ela traz o foco completo de sua arte como escritora para apoiar as experiências de mulheres sul-africanas rurais.” (FICK, apud DAYMOND et alii, 2003, p.357).

⁵¹⁹ Tradução: “na ausência de seus maridos, é sobre elas que a responsabilidade de cuidar de suas terras e gado, bem como cuidar de seus filhos, repousa.” (Ntantala, apud DAYMOND, 1999, p.247).

⁵²⁰ Tradução: “os perigos do tradicionalismo estreito” (DAYMOND, 1999, p.251).

⁵²¹ Tradução: “a necessidade das mulheres se engajarem com a modernidade, e as dificuldades particulares que elas têm ao fazê-lo.” (DAYMOND, 1999, p.251).

⁵²² Tradução: “a seriedade e centralidade que ela dá a este tema mergulha-a no coração da política de gênero e raça na África do Sul. Ngcobo está entre o grupo relativamente pequeno do que ela mesma chama ‘mulheres negras’ escritoras (Let It Be Told, 1) que criaram maneiras de representar a interação de raça e gênero em suas vidas e na sociedade, bem como na história. (DAYMOND, 1999, p.250-251).

mas, mesmo neste contexto masculinista, muitas delas encontraram espaço para se fazerem ouvir, tendo sido muito mais fácil para as jovens do que para aquelas das gerações mais velhas que, mais influenciadas pelas tradições culturais, tinham maiores dificuldades em reafirmarem sua autoridade sobre a família, por exemplo.

Para finalizar esta seção é importante destacar mais uma vez a importância da escrita autobiográfica das mulheres negras sul-africanas, proeminente nos anos 80. Tomando a *Call me a Woman* (1985) de Elle Kuzwayo como a obra precursora que abriu caminho para outras como *Strikes Have Followed Me All My Life* (1989) de Emma Mashinini⁵²³ ou *A Bed Called Home* (1993) de Mamphela Ramphele⁵²⁴, Elleke Boehmer (2009) resume bem o significado que as autobiografias tiveram para as mulheres negras sul-africanas.

The autobiographical form allowed them to mould and voice an identity grounded in these diverse of experiences of endurance and overcoming, of both typicality and singularity. The life-story was also seen as a way of forging political solidarity, reaching out to black women caught in similar situations. In general, as Third world women sought words and forms to fit their experience, this meant in part identifying with, but in part also distinguishing themselves from the narrative strategies _ the autobiography, the quest novel _ used by other groups seeking representation.⁵²⁵ (BOEHMER, 2009, p. 217).

O gênero autobiográfico não deixará de marcar presença na cena literária das mulheres negras na década seguinte, vindo acompanhado de inúmeros outros gêneros literários que darão novas formas a novas perspectivas de escrita para a autoria feminina negra sul-africana, mas dos quais continuo a destacar somente a produção romanesca.

⁵²³ Emma Mashinini (1929 -). Nascida em uma família com condições um pouco melhores que as demais famílias negras, Mashinini foi sindicalista e líder política. Começou a trabalhar aos 14 anos e logo organizou um sindicato na indústria de roupas em que trabalhava. Tornou-se membro ativa do Congresso Nacional Africano (ANC) em 1956. Mashinini serviu durante 12 anos na diretoria executiva da União Nacional de Trabalhadores de Vestuário (NUCW) e fundou o Sindicato Sul-Africano de Trabalhadores Comerciais, de Buffet e Aliados (SACCAWU) em 1975. Foi presa e detida sem acusações durante seis meses entre 1981-82. Também desempenhou vários papéis importantes na transição para a democracia nos anos 1990. Serviu na Comissão de Verdade e Reconciliação da África do Sul e passou a ser Comissária para a Restituição dos Direitos à Terra. Recebeu inúmeros prêmios e condecorações, incluindo a *Ordem dos Baobab* e a *Ordem de Luthuli*. Ver: <http://www.sahistory.org.za/people/emma-thandi-mashinini>.

⁵²⁴ Mamphela Aletta Ramphele - (1947 -). Nasceu em Bochum District, Limpopo, South Africa. Ex-ativista contra o apartheid, médica, acadêmica e empresária. Ramphele foi companheira de Steve Biko, com quem teve dois filhos. Fundou o partido político Agang em 2013, mas retirou-se da política em julho de 2014. Ver: <http://www.sahistory.org.za/people/dr-mamphela-aletta-ramphele>.

⁵²⁵ Tradução: “A forma autobiográfica permitiu-lhes moldar e dar voz uma identidade fundamentada nestas diversas experiências de resistência e superação, tanto de tipicidade como de singularidade. A história de vida também foi vista como uma forma de forjar a solidariedade política, alcançando as mulheres negras presas em situações semelhantes. Em geral, à medida que as mulheres do Terceiro Mundo buscavam palavras e formas para se adequar à sua experiência, isso significava, em parte, identificar-se com as estratégias narrativas - a autobiografia, o romance de busca usado por outros grupos que buscavam representação.” (BOEHMER, 2009, p. 217).

Os Anos 90 – Múltiplos Pertencimentos na Diáspora

Observando a breve descrição realizada até aqui do desenvolvimento da literatura em língua inglesa das mulheres negras sul-africanas podemos constatar que, desde pelo menos a década de 60, várias intelectuais e escritoras negras, ativistas contra o apartheid, se viram obrigadas a deixar a África do Sul em nome de sua segurança pessoal e/ou de suas famílias. Fossem exílios compulsórios ou voluntários, esta condição, como era de se esperar, marcará inexoravelmente a construção de suas identidades bem como sua literatura.

A condição de sujeitos diaspóricos tanto por sua condição de mulher negra _ o Outro no pensamento e na sociedade ocidentais _ quanto pelo seu efetivo deslocamento geográfico, teve forte influência sobre a temática de suas obras que tenderam a focalizar importantes questões sobre identidade, contando histórias em que as personagens femininas negras vivem processos complexos de busca de si nos quais as questões de raça, classe e gênero se entrelaçam continuamente.

São narrativas que buscam representar os modos como a história, a cultura e as tradições de suas comunidades de origem continuam a ser importantes para a construção de suas identidades culturais e subjetividades ao mesmo tempo em que problematizam os discursos hegemônicos sobre identidade e as compreensões simplistas e/ou idealizadas de ‘home’ ou da terra natal que poderiam impedir o entendimento e a aceitação de suas existências diaspóricas de múltiplas posicionalidades e localidades. Acredito que a experiência da multilocalidade originada da posição que ocupam no entrecruzamento de lugares e culturas aumenta a necessidade dos sujeitos de um sentimento distinto de pertencimento que possa informar e subsidiar as renegociações de suas identidades muitas vezes sentidas como fraturadas.

A temática sobre pertencimento, saudades da terra natal ou seus anseios pelo ‘lar’ não foi exclusiva das escritoras que seguiram para o exílio e esteve sempre imbricada tanto com as questões sociais e políticas do país quanto com as questões sobre as desigualdades e opressão de gênero, como afirmam Daymond et alii:

complex longings for home, even when the writers are positioned within the country _ longings for continuity, security, and hospitality that have as much to do with the encroachments and brutalities of colonization and/or apartheid as with local male domination.⁵²⁶ (DAYMOND et alii, 2003, p.44).

⁵²⁶ Tradução: “anseios complexos pelo lar, mesmo quando as escritoras estão posicionadas dentro do país - desejos de continuidade, segurança e hospitalidade que têm tanto a ver com as invasões e brutalidades da colonização e/ou do apartheid quanto com a dominação masculina local.” (DAYMOND et alii, 2003, p.44).

Entretanto, parece ser bastante visível que as escritoras que saíram do país em direção a países do centro, tendo tido a oportunidade de estudar e continuar sua formação intelectual tiveram suas obras marcadas por uma distância dos posicionamentos ideológicos locais das mulheres e também das interpretações internas sobre aspectos ligados à situação social e política do país. A seguir apresento brevemente três dessas escritoras que considero merecem destaque pela qualidade e importância de suas obras. São elas Sindiwe Magona, Zoë Wicomb e Yvette Christiansën⁵²⁷.

Sindiwe Magona e Zoë Wicomb são reconhecidas como escritoras importantes e premiadas em muitos países, além de suas obras já terem originado inúmeros estudos na forma de artigos acadêmicos, dissertações e teses. Juntamente, com Yvette Christiansë, fazem parte de um grupo, ainda minoritário, de mulheres negras sul-africanas que ocuparam/ocupam⁵²⁸ cargos de docência em universidades reconhecidas tanto na África do Sul, como na Europa e nos Estados Unidos. Estas autoras nasceram e se criaram sob as políticas oficiais de segregação racial até parte de sua vida adulta. De maneiras diversas, o apartheid moldou suas vidas, seus destinos e sua escrita. As três, em algum momento, partiram da África do Sul para fugir dos riscos e das condições humilhantes e opressoras impostas pelo apartheid e em busca de melhores oportunidades e condições de vida. Das três, somente Sindiwe Magona retornou definitivamente para a África do Sul.

As experiências da segregação racial e da opressão de gênero em diversos períodos históricos da sociedade sul-africana são representadas nos romances de Magona, Wicomb e Christiansë por vieses e olhares diferenciados e marcadas por distintos desejos de significações, oferecendo perspectivas que se interconectam e se completam para formar um panorama complexo sobre a construção das identidades culturais e no mundo social sul-africano.

Sindiwe Magona

Sindiwe Magona nasceu em 1943 em Gungululu na região rural do Cabo Oriental (antigo Transkei). Estudou por correspondência tanto a escola secundária como a graduação, mas com uma bolsa de estudos realizou o Mestrado em Serviço Social na Universidade de Columbia nos Estados Unidos. Ainda, na África do Sul, foi professora, empregada doméstica, funcionária

⁵²⁷ Estas autoras haviam sido selecionadas em uma primeira versão do que deveria ser esta pesquisa, mas a qual não foi levada adiante por que se tratava de um projeto muito ambicioso e de difícil realização devido à limitação de tempo que um doutorado exige.

⁵²⁸ Sindiwe Magona e Zoë Wicomb já estão aposentadas enquanto Yvette Christiansë continua atuando no Barnard College, Columbia University, em Nova Iorque.

pública. É romancista, poeta, dramaturga, feminista e ativista do movimento de mulheres. Depois de ter se aposentado em 2003, após vinte anos trabalhando para as Nações Unidas, continua produzindo literatura, dando conferências, e trabalhando em projetos de incentivo à escrita. Magona é uma das poucas autoras negras da África do Sul conhecidas internacionalmente. Sua experiência de empobrecimento, de feminilidade, de resistência à opressão é o que informa sua obra desde o início.

Publicados no início da década de 1990, são dois volumes que constituem sua autobiografia: *To My Children's Children* (2006) e *Forced to Grow* (1998). A motivação de sua escrita autobiográfica é explicitada logo no prefácio “From a Xhosa Grandmother” de *To My Children's Children*:

When I'm old, wrinkled, and gray, what shall I tell you, my great-granddaughter? What memories will stay with me of the days of yesteryear? Of my childhood, what shall I remember? What of my young womanhood, my wifehood, and motherhood? Work has been a big part of my life. Of that, what memories will linger, what nightmares haunt me forever? How will you know who you are if I do not or cannot tell you the story of your past?⁵²⁹ (MAGONA, 2006, p.vii)

Este brevíssimo prefácio, cujo tom nos remete à tradição oral, nos oferece algumas informações sobre as preocupações da autora e sobre a função inicial desta narrativa. Trata-se de um testemunho endereçado a uma menina, à bisneta a qual não tem certeza de poder contar pessoalmente no futuro sobre quem foi e o que viveu porque teme que a memória possa se esvanecer. É interessante notar como a personagem Magona refere-se a fases distintas da vida marcando sua condição de mulher. Depois da infância, a juventude *de mulher*, as experiências como *esposa* e como *mãe*.

Mas é como uma mulher negra, em seu papel cultural de uma bisavó Xhosa, como faz questão de marcar no título do prefácio, que quer rememorar o passado porque sabe que o legado indígena africano só ela lhe pode oferecer. O que a move nesta escrita é o reconhecimento da importância do saber sobre as tradições e os costumes de seu povo, e os valores de sua gente para a noção de identidade que a bisneta queira ou possa vir a ter. Desse modo, como aponta Meg Samuelson (SAMUELSON, 2000, p.227-245) Magona transforma “o ato ‘privado’ da autobiografia (escrita de si) em um ato comunal, localizando-o em uma esfera culturalmente

⁵²⁹ Tradução: “Quando eu for velha, enrugada, e grisalha, o que eu te contarei, minha bisneta? Que memórias permanecerão comigo dos anos passados? De minha infância, o que eu lembrarei? O que de minha juventude de mulher e de minha condição de esposa, e mãe? O trabalho tem ocupado grande parte da minha vida. Dele, que memórias permanecerão, que pesadelos me assombrarão para sempre? Como você saberá quem é se eu não contar ou não puder contar a história do seu passado?” (MAGONA, 2006, p.vii).

ordenada, ‘autêntica’: valores culturais transmitidos oralmente.” (SAMUELSON, 2000, p. 227-245).

Entretanto, ao longo da obra, a tradição não aparecerá somente como algo a ser valorizado e continuado, mas como algo também a ser questionado e transformado. Porque nem todas as tradições e costumes são benéficas e benevolentes para com as mulheres amaXhosa. Ao contar a história de sua vida, a personagem Magona conta também a vida da mulher negra Xhosa sob o regime do apartheid, revelando as dificuldades, as injustiças, as opressões sofridas por ser negra, por ser mulher e por ser pobre, e relatando os enormes obstáculos a serem transpostos na conquista de um lugar de fala, de um posto de trabalho e um salário digno que lhe desse condições, de pelo menos, alimentar os filhos.

Sindiwe Magona afirma que não escreveu *To My Children's Children* somente para seus descendentes biológicos, conforme explica em entrevista a David Attwell, Barbara Harlow, e Joan Attwell, em 1999:

And so I thought, let me write it down so that my "children's children," not meaning my biological offspring, but everybody who lives in South Africa and elsewhere, people who would be interested in South Africa in the remote future, would then be able to piece together some aspect of our lives.⁵³⁰ (MAGONA, em entrevista a David Attwell, Barbara Harlow, e Joan Attwell, 1999).

Em várias de suas falas, a escritora assume sua literatura como um meio de luta pela paz, por mudança social e liberdade. Por isso, sua obra revolve-se sobre aspectos da resistência das mulheres negras africanas e sua luta por empoderamento tanto na esfera doméstica quanto na esfera pública. O que não implica a negação dos papéis tradicionais de esposa, mãe, por exemplo, mas uma reconfiguração desses papéis, tão importantes na maior parte das sociedades africanas.

Magona publicou duas coletâneas de contos *Living, Loving and Lying Awake at Night* (1991) e *Push-Push & Other Stories* (1996), re-publicado em 2001. *Living, Loving and Lying Awake at Night* foi reconhecido, segundo Joyce Nickel⁵³¹, como um dos cem melhores livros africanos do século XX. A obra é dividida em duas partes, sendo que a primeira, *Women at Work*, traz as vozes de oito mulheres negras que trabalham como empregadas domésticas em

⁵³⁰ Tradução: “E então eu pensei, deixe-me escrevê-la de modo que os filhos de meus filhos, não significando meus descendentes biológicos, mas *para todos que vivem na África do Sul e em outros lugares, pessoas que poderiam estar interessadas na África do Sul em um futuro remoto, então, seriam capazes de reconstituir alguns aspectos de nossas vidas.*” ⁵³⁰ (MAGONA, em entrevista a David Attwell, Barbara Harlow, e Joan Attwell, 1999). Disponível em: <https://olough.files.wordpress.com/2012/01/magona-interview.pdf>. cessado em 23/01/2017.

⁵³¹ Ver: http://www.belletrista.com/2011/Issue12/anth_10.php.

casas de famílias brancas. São histórias interligadas que podem ser lidas como uma novela, nas quais Magona deixa bastante claro as condições árduas a que eram submetidas as mulheres negras e os modos como eram exploradas pelas mulheres brancas. A história principal é a de Atini, uma jovem mãe que é obrigada pela extrema pobreza a deixar seus filhos em sua aldeia em busca de um trabalho que lhe dê condições de sustentá-los. No emprego, em contato com outras empregadas, Atini irá ouvir as histórias de outras mulheres em situação semelhante a sua. Suas narrativas destacam a injustiça, as dificuldades com a obrigatoriedade do porte do passe, de se conseguir trabalho, de se viver com o salário insuficiente, sobre a tristeza de viver longe dos filhos, entre outros problemas. A segunda parte *...And Other Stories* é composta por mais oito contos independentes uns dos outros e da primeira parte, alguns trágicos, outros bem humorados, todos compartilhando um fio narrativo comum que traz meninas e mulheres lutando para manter sua dignidade e humanidade em um mundo miserável.

Outra grande obra de Magona é o romance *Mother to Mother*, publicado em 1998, baseado no assassinato, em 1993, de Amy Biehl, jovem branca americana, bolsista Fullbright que estava na África do Sul trabalhando em um projeto pela democracia quando teve seu carro arrastado em Guguletu, distrito negro, tendo sido esfaqueada até a morte por uma multidão de jovens negros. Trata-se de um romance epistolar. A carta é escrita à mãe da jovem por Mandisa, a mãe de Mxolisi, de 20 anos, um dos acusados cuja primeira linha “My son killed your daughter.”⁵³² (MAGONA, 1998, p.1) prepara os leitores para a originalidade e dramaticidade que irão encontrar.

No prefácio da própria autora, Magona explica

In *Mother to Mother*, the killer’s mother, bewildered and grief-stricken, dredges her memory and examines the life her son has lived... his world. In looking for answers for herself whilst talking to the other mother, imagining her pain, she draws a portrait of her son and of his world, and hopes that an understanding of that and of her own grief might ease the other mother’s pain... if a little.⁵³³ (MAGONA, 1998, p.vi)

Através de uma narrativa corajosa, a intenção de Magona é mostrar que todos são vítimas do apartheid, como ela mesma afirma: “In my novel, there is only one killer.”⁵³⁴ (MAGONA, 1998, p.v). É uma história de dor, solidariedade e perdão, mas também para a

⁵³² Tradução: “Meu filho matou sua filha.” (MAGONA, 1998, p. 1).

⁵³³ Tradução: “Em *Mother to Mother*, a mãe do assassino, perplexa e aflita, draga sua memória e examina a vida que seu filho viveu ... seu mundo. Ao procurar respostas para si enquanto conversa com a outra mãe, imaginando sua dor, ela desenha um retrato de seu filho e de seu mundo, e espera que a compreensão de tudo e de sua própria dor possa aliviar a dor da outra mãe ... pelo menos um pouco (MAGONA, 1998, p.vi).

⁵³⁴ Tradução: “No meu romance, há somente um assassino.” (MAGONA, 1998, p.v).

reflexão sobre como violência gera violência. A violência do Estado do apartheid contra a população negra foi o que criou as condições sociais e políticas para o crime.

Outras de suas obras incluem *Beauty's Gift* (2008), selecionado para o Commonwealth Writer's Prize de 2009, e o último romance *Chasing the Tails of My Father's Cattle*, publicado em 2015. *Beauty's Gift* conta a história de quatro mulheres que perdem sua melhor amiga e a partir daí decidem mudar o destino de suas próprias vidas, e as vidas dos mais próximos. O livro foi considerado um dos mais importantes para a conscientização sobre o grave problema da AIDS na África do Sul. Já *Chasing the Tails of My Father's Cattle* é baseado nas histórias e costumes do povo da amaXhosa. Trata-se da história do amor profundo de um pai por sua filha cuja mãe morreu no parto. Situada na região rural de Transkei, onde gado significa riqueza e a hierarquia de gênero está tradicionalmente presente. A narrativa chama a atenção para a vulnerabilidade das mulheres negras das áreas rurais, sujeitos tradicionalmente invisibilizados socialmente. É uma história que coloca em evidência as forças dos velhos costumes contra a vida moderna: o conflito entre a religião dos antepassados contra a religião dos brancos, os direitos da herança, a libertação da mulher, e a ideologia patriarcal. Nas palavras de Hele Moffett

Chasing the Tails of My Father's Cattle is not like anything else I have seen. Such a little story, about such little, invisible people. Such a huge story, about such timeless, recognisable people. It has the feel of a Greek tragedy, complete with clucking chorus, but with more optimism. And what an extraordinary tale of the vast majority of women's lives in this country. What a powerful, non-preachy meditation on the vulnerability of rural women in traditional cultures.⁵³⁵ (MOFFETT, 2015, s/p).

Sindiwe Magona é considerada uma das maiores escritoras negras sul-africanas da atualidade. Em 27 de abril de 2011, Magona recebeu a *Ordem de Ikhamanga de Bronze* pelo reconhecimento de sua contribuição literária e humanitária para África do Sul.

Zoë Wicomb

Romancista e contista, Zoë Wicomb nasceu, em 1948, em Namaqualand, uma região árida e quente ao sul do Deserto da Namíbia. Filha de pais falantes de africânder, foi constantemente encorajada a falar inglês e, como a personagem Frieda de seu primeiro romance, frequentou uma

⁵³⁵ Tradução: “*Chasing the Tails of My Father's Cattle* não é como nada que eu tenha visto antes. Uma história tão pequena, sobre pessoas tão pequenas e invisíveis. Uma história tão grande, sobre essas pessoas atemporais e reconhecíveis. Dá a sensação de uma tragédia grega, completa com coro cacarejante, mas com mais otimismo. É que história extraordinária da grande maioria das mulheres que vive neste país. É que meditação poderosa, não pregadora sobre a vulnerabilidade das mulheres rurais em culturas tradicionais.” (MOFFETT, 2015, s/p). Ver: <https://seritisasechaba.co.za/product/chasing-the-tails-of-my-fathers-cattle/>.

escola em língua inglesa na Cidade do Cabo. Graduou-se na Universidade do Cabo Ocidental, reservada a pessoas mestiças. Foi para a Inglaterra em 1970 para estudar na Universidade de Reading. Voltou à África do Sul em 1990, onde permaneceu por três anos. Lecionou na University of Stellenboch, na Província de Cabo Ocidental - África do Sul, como professora visitante e na University of Strathclyde de 1994 a 2009, em Glasgow. É autora de *You Can't Get Lost in Cape Town*, publicado pela primeira vez no Reino Unido em 1987, e na África do Sul, somente em 2008; *David's Story*, 2000; *Playing in the Light*, 2006; *The One That Got Away*, 2008, *October: a novel*, 2014. Autora de artigos acadêmicos que tratam de questões feministas e literatura pós-colonial, várias de suas obras enfocam a questão da identidade 'mestiça' na África do Sul sob o regime do apartheid e também no contexto dos discursos do multiculturalismo pós-apartheid. Zoë Wicomb recebeu o *Windham-Campbell Literature Prize* em 2013 pelo sucesso de suas realizações literárias.

A obra literária de Zoë Wicomb tem sido avaliada pela crítica como uma obra pós-moderna no que tange não só a seu estilo ou estética, mas também por romper com representações de identidades unas, estáveis e fixas. Pós-moderna ainda no sentido de que 'ambiguidade' e 'ambivalência' são suas marcas essenciais. Já em sua obra de estreia, *You Can't Get Lost in Cape Town* (1987), Wicomb desafiou leitores e crítica ao lançar mão de um gênero que, como a identidade mestiça, se situa em um 'entrelugar'. Entre conto e romance, sua primeira obra compõe-se de dez histórias que são facilmente lidas como contos independentes, mas que lidas em conjunto perfazem a trajetória de vida de Frieda Shenton, narradora-protagonista mestiça, desde sua infância em um pequeno povoado Griqua⁵³⁶ a oeste do Cabo, em Little Namaqualand, passando por Cape Town durante o período de sua formação escolar, até a maturidade, quando, então, já escritora, Frieda retorna de um autoimposto exílio na Inglaterra para se reconciliar com suas raízes africanas através de um reencontro inusitado com a mãe. Também, a fragmentação, as contradições, e a multiplicidade de vozes, que recusam definições estáveis em relação às personagens, aos cenários e aos temas, contribuem para a realização da desconstrução das expectativas do leitor em relação aos significados das subjetividades de raça, gênero e classe que a autora problematiza na sociedade sul-africana, preferencialmente, aquelas da identidade mestiça feminina. Para a autora, a literatura não deve estar a serviço de representar

⁵³⁶ Griqua é subgrupo da população mestiça sul-africana, descendente dos antigos colonos europeus e do povo Khoikhoi que viviam em Namaqualand e que foram expulsos de suas terras pelos colonos. Em geral, falantes do africânder. Sob às leis do apartheid, foram considerados mestiços ou de 'cor' (coloured).

uma realidade, ao contrário, deve desestabilizar as certezas do leitor e fazê-lo trabalhar na criação de novos sentidos para o mundo⁵³⁷.

Conforme Dorothy Driver, sobre *You Can't Get Lost in Cape Town*, Tony Morrison afirmou: "Wicomb has mined pure gold from that place – seductive, brilliant, and precious, her talent glitters."⁵³⁸ (MORRISON, citada por DRIVER, apud WICOMB, 2000, p.215).

Sua segunda obra é ambientada na África do Sul em 1991, época em que Nelson Mandela acaba de deixar prisão. *David's Story* conta a vida de David Dirkse, um ativista anti-apartheid; Sally, sua ex-companheira de protestos que torna-se dona de casa após casar-se com ele; e Dulcie, a camarada de David e, talvez, amante. O romance é também a história dos Griquas, os ancestrais mestiços de David, e sua busca por uma pátria no final do século XIX e início do século XX. A visão de David Dirkse do mundo subterrâneo de ativistas, espões e sabotadores do movimento de libertação é contada de modo fragmentado, sendo que seu foco muda continuamente. Após ser banido do movimento, David começa a pesquisar suas raízes entre os povos indígenas e os primeiros colonizadores. Ao descobrir que está preso em uma teia de traição e vigilância, ele é forçado a repensar seu papel na luta pela 'democracia não racial', a lealdade de seus "camaradas" e sua própria concepções de liberdade. Através de vozes e histórias de David e das mulheres que o rodeiam, histórias que ora se iluminam, ora se contradizem, a autora oferece uma reflexão original sobre a natureza da visão política, da memória e da verdade sobre a história da África do Sul.

O Nobel de Literatura, J. M. Coetzee, considerou esta obra de Zoë Wicomb como um marco pra a literatura da África do Sul pós-apartheid:

For years we have been waiting to see what the literature of post-apartheid South Africa will look like. Now Zoë Wicomb delivers the goods. Witty tone, sophisticated in technique, eclectic in language, beholden to no one in its politics, *David's Story* is a tremendous achievement and a huge step in the remaking of the South African novel.⁵³⁹ (COETZEE, quarta capa do livro *David's Story*, 2001).

⁵³⁷ Na entrevista *Writing and Living in Empire* para Stephan Meyer & Thomas Olver. The Free Library of Flarflex, 2002. COPYRIGHT 2002 Literator Society of South Africa. Disponível em: <http://www.thefreelibrary.com/Zoe+Wicomb+interviewed+on+writing+and+nation.-a0110229013>.

⁵³⁸ Tradução: "Wicomb extraiu ouro puro desse lugar - sedutor, brilhante e precioso, seu talento brilha." (MORRISON, apud WICOMB, 2000, p.215).

⁵³⁹ Tradução: "Durante anos temos esperado para ver como será a literatura da África do Sul pós-apartheid, agora Zoë Wicomb entrega os bens, espirituoso em tom, sofisticado na técnica, eclético na linguagem, não devendo a ninguém na sua política, *David's Story* é uma grande conquista e um grande passo na reconstrução do romance sul-africano". (COETZEE, J. M., quarta capa do livro).

Seu terceiro romance, *Playing in the Light* (2006), é situado na África do Sul pós-apartheid, e narra a história de Marion Campbell, uma jovem de origem africâner, que tenta descobrir sua história familiar para tentar compreender porque sua infância fora envolta em silêncios e mistérios. Marion desenvolve uma complexa relação com Brenda, sua primeira empregada negra. Marion evita pensar e falar sobre as políticas nacionalistas até que as revelações das *Comissões da Verdade e Reconciliação* não podem mais ser ignoradas, revelando a ela também fatos sobre sua família. O romance mostra que a democracia nascente ainda não está reconciliada com o passado, e segue insegura em direção ao futuro.

A segunda coletânea de contos de Wicomb, se consideramos *You Can't Get Lost in Cape Town* uma coletânea de contos e não um romance, se intitula *The One That Got Away* (2008). É uma obra que traz dois mundos interconectados, a Cidade do Cabo e Glasgow. As personagens que habitam estes mundos vivem experiências de casamento, amizade, laços familiares e com seus empregados (as). Esta é mais uma obra de Wicomb que problematiza as questões ligadas à história e identidade de forma intencional. Um dos modos pelos quais Wicomb revela a instabilidade do mundo é problematizando o *status* da memória. A memória, da qual tanto a história como a identidade depende, exerce um papel fundamental para o questionamento e a reescrita das histórias oficiais. Também as questões de identidade são sempre tratadas a partir do entrelaçamento das categorias de classe, raça e gênero.

October (2013), o último romance da autora, narra a vida de Mercia Murray, que abandonada pelo companheiro com quem viveu por vinte e quatro anos, na Escócia, volta à África do Sul, em seus cinquenta e dois anos, chamada pelo irmão alcoólatra. O regresso de Mercia à África do Sul irá possibilitar uma revisão de sua ideia de ‘home’, conforme explica Lwandile Fikeni,

In this novel Wicomb complicates home in interesting ways by twice exiling her protagonist Mercia, first from home as a geographic location and home as a fairly secure emotional and psychological space. She further intensifies this instability of internal and external displacement by placing her protagonist's emotional states against the gunmetal grey October of Scotland and the memory of Craig [her lover], who has left her and the idyllic, gay landscapes of Namaqualand and the hounding memories of the brutality of her father, which are inscribed on her brother, Jake, who is rotting away from rage and alcoholism in his bedroom upon her arrival. Furthermore, there's Jake's five-year-old son, Nicholas Willem Murray (named after Nicholas Murray), the child who must be taken care of or thrown out with the proverbial water in Jake's self-sabotaging wrath.⁵⁴⁰ (FIKENI, 2015, s/p).

⁵⁴⁰ Tradução: “Neste romance Wicomb complica [a ideia de] ‘home’ de maneira interessante por exilar, duas vezes, sua protagonista Mercia, primeiro da casa como uma localização geográfica e casa como um espaço bastante seguro emocional e psicologicamente. Ela intensifica ainda mais essa instabilidade de deslocamento interno e externo colocando os estados emocionais de sua protagonista contra o cinzento outubro da Escócia e a memória de Craig, que a abandonou, e as idílicas paisagens alegres de Namaqualand e as agudas lembranças da

Podemos perceber que a obra de Zoë Wicomb oferece também valiosas reflexões críticas acerca de questões pós-coloniais de identidade de classe, raça e gênero, pertencimento, trauma, reconciliação, entre outras, para se pensar as relações sociais na África do Sul contemporânea.

Yvette Christiansë

Yvette Christiansë é professora, poeta e romancista. Sua antologia poética *Castaway* de 1999 foi indicada ao prêmio PEN International de 2001. *Castaway* é uma narrativa épica da Ilha de Santa Helena, um porto para o comércio de escravos nos séculos XVIII e XIX. Santa Helena foi o lugar de nascimento de sua avó, descendentes de escravos livres. *Unconfessed* (2006), seu romance de estreia, amplia o tema da narrativa de escravos que caracterizou *Castaway* e foi finalista para o prêmio Hemingway/PEN em 2001 e selecionado tanto para o prêmio literário da Universidade de Johannesburgo como para o Prêmio Literário Internacional de Dublin IMPAC em 2008. Sua última antologia de poemas, *Imprendehora*, publicada em 2009, na Cidade do Cabo, foi finalista no prêmio Herman Charles Bosman Via Afrika, em 2010. As obras de Christiansë trazem histórias de escravidão, de apartheid, exílio e deslocamento. Nascida em um lugarejo chamado Hondsebeck, uma localidade em Doornfontain, região metropolitana de Johannesburgo, aos cinco anos de idade a escritora fora jogada para fora de um ônibus reservado somente para brancos. Para fugir ao apartheid, sua mãe migrou, primeiramente para Mbabane, na Swazilândia, para depois, em 1973, estabelecer-se na Austrália. Ela conta que aos 18 anos, enquanto os jovens devem estar aprendendo a ser adultos, ela estava ainda aprendendo a andar na rua em um país desconhecido. Como professora no Centro de Estudos sobre Diferença Social da Universidade de Columbia, Christiansë leciona poesia e prosa de antigas colônias inglesas, com destaque para a África do Sul, Caribe e Austrália, narrativas da Diáspora Africana, e literaturas afro-americanas do século XX. Suas pesquisas incluem as inter-relações entre teorias de raça, classe e gênero e pós-colonialidade.

O romance *Unconfessed* apresenta uma história situada, não na Modernidade do apartheid ou na pós-modernidade da África do Sul democrática, como muitas obras contemporâneas que tratam da história de segregação racial no país, mas nos tempos do precursor do apartheid, o sistema colonial holandês e britânico que se fundou sobre a força de

brutalidade de seu pai, que está inscrita em seu irmão, Jake, que está apodrecendo de raiva e alcoolismo em seu quarto quando de sua chegada. Além disso, há o filho de cinco anos de Jake, Nicholas Willem Murray (nomeado após Nicholas Murray), a criança que deve ser cuidada ou jogada fora com a água proverbial na ira auto-sabotadora de Jake. (FIKENI, 2015, s/p).

trabalho de um enorme contingente de africanos negros, homens e mulheres, tanto da região sul da África como de outras regiões. O romance traz a história da escrava Sila van den Kaap, com destaque para o crime ‘abominável’ que cometera, rememorados pela protagonista na prisão de Robben Island, onde aguarda o cumprimento de sua sentença de morte. Parecendo oscilar entre a lucidez e a loucura, Sila relata os fatos que a levaram ao crime, à prisão, ao mesmo tempo em que descreve as experiências de servidão e opressão que vivera desde menina como escrava, no período colonial na região sul da África. Mas mais do que uma história de opressão, a narrativa é também uma história da resistência feminina e da luta contra a desesperança. *Unconfessed* destaca também a força da inventividade e a imaginação de Sila como exercício de liberdade, de subjetividade e como forma de fugir das condições cruéis presentes cotidianamente na prisão. Mesmo diante do sofrimento permanente e das monumentais atribulações que assolam sua vida e a de outras mulheres negras africanas, desumanizadas pelo colonialismo masculino e branco, Sila representa a força e a resistência dessas mulheres.

Imprendehora (2009), sua última obra publicada, é também uma coletânea de poemas que continua a trazer, conforme explica Meg Samuelson⁵⁴¹ (2014), os tropos de *dispersão* e *continuidade* da obra de Christiansë que já estavam presentes tanto em *Castaway* como em *Unconfessed*. Segundo a estudiosa, a diferença das obras anteriores é que os personagens deslocados de *Imprendehora* são agora ‘africanos libertos’.

Imprendehora foi o nome dado a um navio português de escravos capturado após a abolição oficial da escravidão em 1807, segundo Shaun De Waal⁵⁴² (2009). Sua carga ilegal foi levada para a ilha de Santa Helena no Atlântico Sul, onde os ‘africanos libertos’ foram mantidos até que pudessem ser absorvidos pelas plantações famintas das Índias Ocidentais, da Reunião, das Seychelles e das vinícolas do Cabo. Contratados como trabalhadores por sete anos, muitas vezes desapareceram dos registros. Não eram escravos, nem inteiramente livres. Depois de terem sido ‘libertados’, eles deixaram de ser uma preocupação para o movimento antiescravagista, ficando a própria sorte.

Samuelson resume as temáticas das obras de Christiansë:

Castaway (1999) revolves around the South Atlantic island of St. Helena while reconstructing **an interrupted and incomplete narrative of descent**. The collection harbours the poet’s memory of her grandmother, “a girl from an island/.../cast off from all sides,” as well as ancestral memory of Mozambique flanked by a “green sea” (7).

⁵⁴¹ Ver: SAMUELSON, MEG. *Yvette Christiansë’s Oceanic Genealogies and the Colonial Archive: Castaways and Generations from Eastern Africa to the South Atlantic*. Eastern African Literary and Cultural Studies, 2014 Vol. 1, No. 1&2, 27–38. Disponível em: <http://www.tandfonline.com/doi/pdf/10.1080/23277408.2014.941751>.

⁵⁴² Ver: Shaun De Waal em *Yvette and the sea of stories*. Mail & Guardian. 11 de agosto de 2009. Disponível em: <http://mg.co.za/article/2009-08-11-yvette-and-the-sea-of-stories>.

The latter is the unspeakable origin also in Christiansë's first novel, *Unconfessed* (2006a), which undertakes another act of retrieval: that of the slave woman Sila van Mozbieker who becomes Sila van den Kaap. Incarcerated at the Cape for kindermoord (the murder of a child, in this case, her son Baro), Sila is entered into the colonial archive during her court confession (see Christiansë, 2009a). The novel in contrast presents her as an unconfessing character, her refusal to account for her deed rejecting her inscription in this archive. Christiansë's most recent collection, *Imprendehora* (2009b), to which I turn briefly in the coda to this article, takes readers back to the eastern African region without staging a recuperation of origins. Deeply invested in **narratives of home and descent**, the oeuvre casts an unflinching gaze on the ideological effects of constructs such as **family, home and belonging**, subjecting the very categories that sustain it to critical scrutiny.⁵⁴³ (SAMUELSON, 2014, p.27-28. Negritos meus).

Imprendehora foi finalista do Prêmio Herman Charles em 2010 na categoria Via Afrika.

Escritoras negras sul-africanas pós-apartheid - Maxine Case e Zukiswa Wanner⁵⁴⁴

Inúmeras são hoje as escritoras negras sul-africanas⁵⁴⁵, entre as quais se encontram as autoras cujas obras são o objeto de estudo desta tese, Maxine Case e Zukiswa Wanner. Apesar de Case e Wanner terem nascido durante o apartheid, são escritoras que tiveram suas primeiras obras publicadas mais de uma década depois da instauração do regime democrático no país, o que não faz delas parte da chamada *born-free generation*, mas suas obras, sim. Maxine Case tinha já vinte anos quando aconteceram as primeiras eleições democráticas no país e Zukiswa Wanner, com dezoito anos.

Apesar de terem vivido já há tempos sob um governo democrático cujo poder do Estado tem se mantido nas mãos dos negros quando publicaram seus primeiros romances⁵⁴⁶, estas autoras, como muitas de sua geração, contam histórias em que as políticas de identidade racial,

⁵⁴³ Tradução: “*Castaway* (1999) gira em torno da ilha do Atlântico Sul de Santa Helena, reconstruindo **uma narrativa interrompida e incompleta de descendência**. A coleção abriga a lembrança da poeta de sua avó, “uma menina de uma ilha / ... / rejeitada de todos os lados”, bem como a memória ancestral de Moçambique flanqueada por um ‘mar verde’ (7). Este último é a origem indizível também no primeiro romance de Christiansë, *Unconfessed* (2006a), que empreende outro ato de recuperação: o da escrava Sila van Mozbieker que se torna Sila van den Kaap. Encarcerada no Cabo por kindermoord (o assassinato de uma criança, neste caso, seu filho Baro), Sila é colocada dentro do arquivo colonial durante sua confissão no tribunal (ver Christiansë, 2009a). O romance, em contraste, apresenta-a como uma personagem inconfessável, sua recusa em dar conta de seu ato rejeitando sua inscrição neste arquivo. A coletânea mais recente de Christiansë, *Imprendehora* (2009b), à qual me dirijo brevemente na coda deste artigo, leva os leitores de volta para a região da África Oriental sem organizar uma recuperação das origens. Profundamente investida em **narrativas de lar e de descendência**, a obra lança um olhar incansável sobre **os efeitos ideológicos de construções como a família, o lar e pertencimento**, sujeitando as categorias que a sustentam ao escrutínio crítico.” (SAMUELSON, 2014, p.27-28. Negritos meus).

⁵⁴⁴ Durante a pesquisa, fiz contato com as duas autoras, via as redes sociais. Meu contato com Zukiswa Wanner se deu (e se dá) somente pelo Facebook enquanto tive a oportunidade de encontrar a escritora Maxine Case por duas ou três vezes durante uma viagem em julho de 2016 à África do Sul.

⁵⁴⁵ Aqui merecem menção, ainda, Kopano Matlwa, Futhi Ntshingila, Jolyn Phillips, Yewande Omotoso.

⁵⁴⁶ *All We Have Left Unsaid* é de 2006 e *The Madams*, de 2006, também.

social e de gênero ocupam lugar central e servem para revelar as consequências na construção das subjetividades de uma geração que cresceu vendo os adultos da família, mais diretamente, mães e pais, avós e avôs, lutando contra forças descomunais de opressão estatal, ora resistindo, ora sucumbindo às determinações materiais, físicas e psicológicas resultantes do lugar social e político que fora imposto à população não branca e marcando para sempre a construção não só de suas identidades como a de seus descendentes.

Longe de ter pretendido esgotar aqui a apresentação das autoras negras sul-africanas, tarefa que para minha alegria seria, de qualquer forma, irrealizável uma vez que o campo literário sul-africano tem sido agraciado a cada dia com novas publicações literárias de jovens e/ou inéditas escritoras negras sul-africanas, concluo este anexo de tese com a certeza de que muitos nomes importantes ficaram de fora, mas com a esperança de poder trabalhar muito ainda para fazer chegar aos leitores e estudantes brasileiros muito mais da literatura dessas autoras, das quais temos apenas aquelas que mais se destacaram.